

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

O RESGATE NO MAR

LIVRO TRÊS - PARTE I



DIANA GABALDON



— Eu a tenho visto tantas vezes — disse ele, a voz sussurrante e morna em meu ouvido. — Você veio a mim tantas vezes. Em sonhos, às vezes. Quando estava delirante de febre. Quando estava com tanto medo e tão sozinho que achava que ia morrer. Quando eu precisava de você, eu sempre a via, sorrindo, com seus cabelos cacheados em volta do rosto. Mas você nunca falou comigo. Nem nunca me tocou.

outlander

o resgate no mar / parte 1

Diana Gabaldon

Tradução de Geni Hirata





SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

TÍTULO: *Outlander, O Resgate no Mar – parte I*

AUTORIA: *Diana Gabaldon*

EDITOR: *Luís Corte Real*

© 2015 por *Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.*

Voyager © 1994 *Diana Gabaldon. Publicado originalmente na Inglaterra por Arrow Books, 1994*

TRADUÇÃO: *Geni Hirata*

PREPARAÇÃO DE TEXTO: *Ana Cristina Rodrigues e Flávia de Lavor*

REVISÃO DE TEXTO: *Ana Grillo e Tomaz de Adour*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

ADAPTAÇÃO PARA EBOOK: *Marcelo Moraes*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G111o

v. 1

Gabaldon, Diana

Outlander [recurso eletrônico]: o resgate no mar, parte 1 / Diana

Gabaldon [tradução de Geni Hirata]; Rio de Janeiro: Saída de

Emergência, 2015.

recurso digital

Tradução de: Voyager

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-67296-39-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Hirata, Geni. II.
Título.

15-21500

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

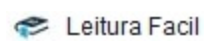
Todos os direitos reservados, no Brasil,
por Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.

Rua Luiz Câmara, 443

Suplementar: Rua Felizardo Fortes, 420 — Ramos

21031-160 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (21) 2538-4100
www.sdebrasil.com.br



A meus filhos
Laura Juliet,
Samuel Gordon
e Jennifer Rose,
que me deram o coração, o sangue e os ossos deste livro.

AGRADECIMENTOS

Os mais profundos agradecimentos da autora a: Jackie Cantor, como sempre, por ser o tipo de editor raro e maravilhoso que concorda que um livro possa ser longo, desde que seja bom; meu marido, Doug Watkins, por seu olhar literário clínico, suas sugestões (“mamilos *outra vez?*”) e pelas piadas que ele insiste em dizer que roubo dele para dar a Jamie Fraser; minha filha mais velha, Laura, que diz: “Se for palestrar sobre o ofício do escritor para a minha turma outra vez, fale apenas de livros e não diga nada sobre pênis de baleias, está bem?”; meu filho, Samuel, que aborda estranhos no parque e pergunta: “Você já leu o livro da minha mãe?”; minha filha mais nova, Jenny, que diz: “Por que você não usa maquiagem o tempo todo como nas capas de seus livros, mamãe?”; Margaret J. Campbell, pesquisadora acadêmica; Barry Fodgen, poeta inglês; e Pindens Cinola Oleroso Loventon Greenpeace Ludovic, cão; por generosamente permitir que eu use sua personalidade como base para os excessos de imaginação (o sr. Fodgen quer que fique registrado que seu cachorro Ludo na verdade jamais tentou copular com a perna de ninguém, de madeira ou não, mas compreende o conceito de licença artística); Perry Knowlton, que além de ser um excelente agente literário também é uma fonte de conhecimentos sobre bolinas, velas mestras e questões náuticas, bem como as sutilezas da gramática francesa e a maneira adequada de estripar um veado; Robert Riffle, consagrada autoridade sobre quais plantas crescem onde e qual sua aparência enquanto o fazem; Kathryn (cujo sobrenome era Boyle ou Frye; tudo que me lembro é que tinha a ver com culinária), pelas informações úteis sobre doenças tropicais, particularmente os hábitos pitorescos dos vermes *loa loa*; Michael Lee West, pelas descrições detalhadas da Jamaica, inclusive sobre o dialeto regional e anedotas folclóricas; dr. Mahlon West, pela orientação sobre febre tifoide; William Cross, Paul Block (e o pai de Paul) e Chrystine Wu (e os pais de Chrystine), pela inestimável assistência com o vocabulário, a história e as atitudes culturais chinesas; meu sogro, Max Watkins, que, como sempre,

forneceu comentários úteis sobre a aparência e os hábitos dos cavalos, inclusive sobre a direção que eles tomam de acordo com a direção do vento; Peggy Lynch, por querer saber o que Jamie diria se visse uma foto de sua filha de biquíni; Lizzy Buchan, por me contar a história do ancestral de seu marido, que escapou de Culloden; dr. Gary Hoff, por detalhes médicos; Fay Zachary, pelos almoços e comentários; Sue Smiley, pela leitura crítica e por sugerir o voto de sangue; David Pijawka, pelo material sobre a Jamaica e por sua poética descrição do ar após uma tempestade caribenha; Iain MacKinnon Taylor, e seu irmão Hamish Taylor, por suas sugestões e correções extremamente úteis sobre a ortografia e o uso do gaélico; e, como sempre, aos vários membros do CompuServe Literary Forum, inclusive Janet McConnaughey, Marte Brengle, Akua Lezli Hope, John L. Myers, John E. Simpson, Jr., Sheryl Smith, Alit, Norman Shimmel, Walter Hawn, Karen Pershing, Margaret Ball, Paul Solyn, Diane Engel, David Chaifetz e muitos outros, pelo seu interesse e por propiciarem discussões úteis e sorrisos nos momentos certos.

PRÓLOGO

Quando eu era criança, nunca gostei de pisar em poças. Não temia minhocas ou meias molhadas; eu era, de um modo geral, uma criança levada, com uma abençoada indiferença a imundícies de qualquer espécie.

Era porque eu não conseguia acreditar que aquela superfície perfeitamente lisa fosse apenas uma fina lâmina de água sobre solo firme. Eu acreditava tratar-se de um portal para algum espaço insondável. Às vezes, vendo as minúsculas ondulações na água causadas pela minha aproximação, eu imaginava a poça incrivelmente profunda, um mar abismal onde se ocultavam tentáculos preguiçosamente enroscados e escamas reluzentes, com a ameaça silenciosa de corpos imensos e dentes afiados à deriva nas profundezas sem fim.

Em seguida, olhando para o reflexo na água, eu podia ver meu próprio rosto redondo e os cabelos crespos contra uma expansão azul e uniforme. Pensava, então, que a poça fosse um portal para outro céu. Se eu pisasse ali, cairia de imediato, e continuaria caindo, indefinidamente, pelo espaço azul.

A única hora em que ousava atravessar uma poça era ao crepúsculo, quando as estrelas começavam a surgir. Se eu olhasse dentro da água e visse ali o reflexo de um pontinho cintilante, poderia passar sem medo, chapinhando água para todos os lados — porque se eu caísse na poça e dentro do espaço, eu poderia agarrar-me à estrela na queda e me salvar.

Mesmo agora, quando vejo uma poça em meu caminho, minha mente hesita — ainda que meus pés não o façam —, depois dispara, deixando para trás apenas o eco do pensamento.

E se desta vez você cair?

P A R T E I

Guerra, e os amores dos homens



1

O BANQUETE DOS CORVOS

Muitos chefes de clã das Terras Altas lutaram,
Muitos cavaleiros tombaram.
A própria morte era comprada a um preço alto,
Tudo pela lei e pelo rei da Escócia.
— “Você não vai mais voltar?”

Ele estava morto. No entanto seu nariz latejava dolorosamente, fato que considerou estranho perante as circunstâncias. Embora depositasse grande confiança na sabedoria e clemência de seu Criador, alimentava aquele resíduo de culpa primordial que fazia todos os homens temerem a possibilidade do Inferno. Ainda assim, tudo que já ouvira sobre o Inferno fazia-o julgar improvável que os tormentos reservados a seus infelizes habitantes pudessem se restringir a um nariz machucado.

Por outro lado, aquilo não podia ser o Céu, por diversos motivos. Primeiro, ele não merecia. Segundo, não parecia ser o Céu. E terceiro, duvidava que as recompensas dos abençoados incluíssem um nariz quebrado, da mesma forma que os castigos dos amaldiçoados não deviam incluí-lo.

Embora sempre tivesse imaginado o Purgatório como um tipo de lugar cinzento, a fraca luz avermelhada, que nada iluminava ao seu redor, parecia adequada. Sua mente clareava-se aos poucos e a capacidade de raciocinar retornava, ainda que devagar. Alguém, pensou um pouco irritado, devia atendê-lo e dizer-lhe exatamente qual era sua sentença, até ele ter sofrido o suficiente para ser purificado e, por fim, entrar no Reino dos Céus. Não sabia ao certo se esperava um anjo ou um demônio. Não fazia a menor ideia dos requisitos de recrutamento do Purgatório; o assunto não fora tratado pelo mestre-escola em sua época.

Enquanto aguardava, começou a fazer um inventário de todos os outros tormentos que foi obrigado a suportar. Havia inúmeros cortes, arranhões e contusões aqui e ali; além disso, tinha quase certeza de que quebrara o dedo anular da mão direita outra vez — era difícil protegê-lo, da forma como se projetava, rígido, com a junta endurecida. Mas nada disso era muito grave. O que mais?

Claire. O nome cortou seu coração como uma faca, provocando uma dor mais torturante do que qualquer sofrimento que seu corpo já havia suportado.

Se ainda tivesse um corpo real, tinha certeza de que se contorceria de

tanta agonia. Sabia que seria assim, quando a enviou de volta pelo círculo de pedras. A angústia espiritual podia ser a condição no Purgatório e ele sabia o tempo inteiro que a dor da separação seria seu maior castigo — suficiente, pensou, para compensar qualquer pecado que já tivesse cometido: inclusive assassinato e traição.

Não sabia se as pessoas no Purgatório tinham permissão para rezar ou não. Assim mesmo, tentou. *Senhor, rezou, que ela esteja a salvo. Ela e a criança.* Tinha certeza de que ela conseguira chegar ao círculo; grávida de apenas dois meses, ainda era leve e ágil — e a mulher mais obstinada e determinada que ele já conheceria. Mas se ela conseguira realizar a perigosa transição de volta ao lugar de onde viera — deslizando precariamente por quaisquer que fossem as misteriosas camadas do tempo, totalmente à mercê das garras da rocha — isso ele jamais saberia. Esse pensamento era suficiente para fazê-lo esquecer até do latejamento em seu nariz.

Retomou seu inventário dos danos físicos e ficou desconcertado com a ausência de sua perna esquerda. As sensações terminavam no quadril, com uma espécie de formigamento na extremidade. Provavelmente iria recuperá-la no devido tempo, quando finalmente chegasse ao Céu ou, no mínimo, no dia do Juízo Final. Além disso, seu cunhado Ian arranjava-se muito bem com a perna de pau que usava em substituição à sua perna perdida.

Ainda assim, sua vaidade estava ferida. Ah, devia ser isso; uma punição destinada a curá-lo do pecado da vaidade. Enrijeceu o maxilar mentalmente, determinado a aceitar qualquer punição que lhe fosse destinada com bravura e com toda a humildade possível. No entanto, não pôde deixar de levar a mão (ou o que quer que fosse sua mão) abaixo, tateante e exploratória, para ver onde o membro agora terminava.

A mão encontrou algo rígido e os dedos misturaram-se a pelos enroscados e úmidos. Sentou-se abruptamente e, com algum esforço, rompeu a camada de sangue seco que colara suas pestanas. A memória voltou de repente e ele soltou um urro. Estava enganado. Aquilo era o inferno. Mas James Fraser, afinal de contas, não estava morto.

O corpo de um homem jazia sobre o seu. O peso morto esmagava sua perna esquerda, explicando a ausência de sensibilidade. A cabeça, pesada como

uma bala de canhão, pressionava seu abdômen, o rosto para baixo, os cabelos úmidos e escuros derramando-se sobre o linho molhado de sua camisa. Empertigou-se bruscamente, num pânico repentino; a cabeça rolou para o lado em seu colo e um olho semiaberto encarou-o, cego, por trás das mechas de cabelo que lhe cobriam o rosto.

Era Jack Randall, seu belo casaco vermelho de capitão tão escuro da chuva que quase parecia preto. Jamie fez um movimento desajeitado para afastar o corpo, mas constatou que estava surpreendentemente fraco; sua mão, frouxa, segurava o ombro de Randall e o cotovelo de seu outro braço cedeu de repente, quando tentou apoiar-se. Viu-se de novo estatelado de costas, o céu esbranquiçado de chuva e neve girando vertiginosamente acima. A cabeça de Jack Randall movia-se de modo repulsivo para cima e para baixo sobre sua barriga a cada respiração.

Apoiou-se no solo encharcado — a água molhava seus dedos e empapava as costas de sua camisa — e, contorcendo-se, virou-se de lado. Um pouco de calor ficara entre eles. Quando o flácido peso morto escorregou para o chão, a chuva enregelada atingiu sua pele, agora exposta como o choque de um soco, e ele tremeu violentamente com o frio inesperado.

Enquanto se revirava no solo, lutando contra as pregas amarrotadas e sujas de lama de seu kilt, pôde ouvir sons acima do lamento fúnebre do vento de abril; gritos distantes, gemidos e lamentações, como apelos de fantasmas. E, acima de tudo, os grasnidos roucos dos corvos. Dezenas de corvos, a julgar pelo barulho.

Que estranho, pensou vagamente. Os pássaros não deveriam estar voando numa tempestade como essa. Um puxão final libertou o xale debaixo dele, e ele o estendeu sobre o corpo. Quando se esticava para cobrir as pernas, viu que seu kilt e sua perna esquerda estavam encharcados de sangue. A visão não o perturbou; pareceu-lhe apenas curiosa, as manchas vermelho-escuras em contraste com o verde-acinzentado das plantas da charneca ao seu redor. Os ecos da batalha esvaíram-se de seus ouvidos e ele deixou Culloden entregue aos grasnidos dos corvos.

Foi acordado muito tempo depois com os gritos de alguém que chamava seu nome.

— Fraser! Jamie Fraser! Está aqui?

Não, pensou atordoadamente. Não estou. Onde quer que tivesse estado enquanto encontrava-se inconsciente, era um lugar melhor do que este. Jazia num pequeno declive, parcialmente cheio de água. A mistura de chuva e neve parara, mas não o vento; ele sibilava pela charneca, penetrante e gélido. O céu escurecera até tornar-se quase negro; devia ser noite então.

— Eu o vi descer por aqui. Perto de uma moita grande de urze. — A voz soava ao longe, desaparecendo gradativamente enquanto discutia com alguém.

Ouviu um ruído baixo junto ao seu ouvido e virou a cabeça para ver o corvo. Estava parado no capim, a uns trinta centímetros de distância, uma mancha de penas pretas agitadas pelo vento, fitando-o com um olho brilhante como uma conta de vidro. Concluindo que ele não representava nenhuma ameaça, o animal virou-se com absoluta tranquilidade e arremeteu o bico grosso e afiado no olho de Jack Randall.

Jamie sobressaltou-se com um grito de repugnância e um alvoroço de movimentos que fez o corvo bater em retirada com um grasnido lancinante de susto.

— Ouviram? Lá embaixo!

Ouviu-se um chapinhar de pés pelo terreno encharcado, um rosto surgiu à sua frente e ele sentiu o toque reconfortante da mão de um homem em seu ombro.

— Ele está vivo! Venha, MacDonald! Dê-me uma ajuda aqui, pois ele não vai conseguir andar por conta própria.

Eram quatro homens e, com uma boa dose de esforço, ergueram-no, seus braços lânguidos em volta dos ombros de Ewan Cameron e Iain Mac-Kinnon.

Queria dizer-lhes que o deixassem ali; o propósito que tinha em mente retornara ao recuperar os sentidos e lembrava-se de que queria morrer. Mas o conforto da companhia dos homens era irresistível. O repouso restaurara a sensibilidade de sua perna e ele percebeu a gravidade do ferimento. Iria morrer logo, de qualquer maneira; graças a Deus que não precisaria ser sozinho, na escuridão.

— Água? — A borda da caneca pressionou seu lábio e ele se ergueu o suficiente para beber, com cuidado para não derramar o líquido. Alguém

colocou a mão brevemente em sua testa e retirou-a sem comentários.

Ele ardia em febre; podia sentir as chamas por trás dos olhos ao fechá-los. Seus lábios estavam rachados e doloridos da alta temperatura, mas o calor era melhor do que os calafrios que o assolavam de vez em quando. Ao menos, quando estava com febre, podia ficar deitado quieto; os tremores dos calafrios acordavam os demônios adormecidos em sua perna.

Murtagh. Tinha uma sensação terrível em relação ao seu padrinho, mas nenhuma lembrança que concretizasse esse sentimento. Murtagh estava morto; ele tinha certeza, mas não sabia como ou por quê. A maior parte do exército das Terras Altas estava morta, fora dizimada na charneca — foi o que apreendera da conversa dos homens na casa, mas não se lembrava da batalha.

Já lutara em outros exércitos e sabia que essa amnésia não era incomum entre soldados; já a presenciara antes, embora nunca a tivesse sofrido. Sabia que as lembranças retornariam e esperava estar morto quando isso acontecesse. Remexeu-se em pensamento e o movimento provocou uma dor tão lancinante na perna que o fez gemer.

— Tudo bem, Jamie? — A seu lado, Ewan surgiu apoiando-se sobre um dos cotovelos, o rosto preocupado e pálido à luz do alvorecer. Uma bandagem manchada de sangue circundava sua cabeça e viam-se manchas cor de ferrugem na gola da camisa, deixadas pelo ferimento no couro cabeludo produzido pelo raspão de uma bala.

— Sim, estou bem. — Estendeu a mão e tocou o ombro de Ewan num sinal de gratidão. Ewan bateu de leve em sua mão e voltou a deitar-se.

Os corvos haviam retornado. Negros como a própria noite, foram pernoitar em seus poleiros na escuridão, mas voltaram com a aurora — pássaros de guerra, as aves de rapina vieram se refestelar na carne dos abatidos. Podiam ser seus próprios olhos que os bicos cruéis devoravam, pensou. Podia sentir seus globos oculares sob as pálpebras, redondos e quentes, guloseimas gelatinosas revirando-se incessantemente de um lado para outro, buscando em vão o esquecimento, enquanto o sol nascente transformava suas pálpebras num vermelho sanguíneo e escuro.

Quatro dos homens reuniam-se junto à única janela da casa, conversando

à meia-voz.

— Fugir correndo? — perguntou um deles, com um sinal da cabeça indicando o lado de fora. — Santo Deus, homem, os que não morreram mal conseguem se arrastar e pelo menos seis não podem andar de jeito nenhum.

— Vá quem conseguir — respondeu um homem deitado no chão. Fez uma careta em direção à sua própria perna, enrolada no que sobrara de uma coberta esfarrapada. — Não se prendam por nossa causa.

Duncan MacDonald virou-se da janela com um sorriso lúgubre, sacudindo a cabeça. A luz que penetrava pela janela iluminava as superfícies lisas de seu rosto, aprofundando as rugas de fadiga.

— Não, nós vamos aguardar — disse ele. — Para começar, os ingleses estão por toda parte, espalhando-se como a peste; pode-se vê-los pululando da janela. Ninguém conseguiria sair vivo de Drumossie agora.

— Mesmo aqueles que fugiram do campo ontem não irão longe — acrescentou MacKinnon serenamente. — Não ouviu as tropas inglesas passando a noite em marcha rápida? Acha que vão ter dificuldade em caçar nosso bando de estropiados?

Não houve reação; todos conheciam muito bem a resposta. Muitos dos escoceses mal conseguiam manter-se de pé no campo antes mesmo da batalha, enfraquecidos como estavam pelo frio, pela fadiga e pela fome.

Jamie virou-se para a parede, rezando para que seus homens tivessem partido com suficiente dianteira. Lallybroch era um lugar remoto; se conseguissem se afastar o suficiente de Culloden, era pouco provável que fossem capturados. E, no entanto, Claire dissera-lhe que as tropas de Cumberland iriam saquear as Terras Altas, alcançando os mais longínquos recônditos em sua sede de vingança.

A lembrança de Claire desta vez causou-lhe apenas uma onda de terrível saudade. Meu Deus, tê-la aqui, para tocá-lo, cuidar de seus ferimentos e embalar sua cabeça no colo. Mas ela partira — fora embora para duzentos anos de distância — e graças a Deus que o conseguira! As lágrimas escorreram lentamente por baixo de suas pálpebras cerradas e ele virou-se dolorosamente de lado, para escondê-las dos outros.

Deus, que ela esteja a salvo, rezou. Ela e a criança.

Perto do meio-dia, o cheiro de queimado surgiu repentinamente no ar, vindo da janela sem vidros. Era mais forte do que o cheiro de fumaça de pólvora, pungente, com um odor subjacente e aterrorizante, lembrando carne tostada.

— Estão queimando os mortos — disse MacDonald. Ele mal se movera de seu lugar junto à janela durante todo o tempo em que permaneceram na cabana. Ele próprio assemelhava-se à face da morte, os cabelos negros e emplastados de sujeira afastados de um rosto cadavérico.

Aqui e ali, um estalido seco ecoava na charneca. Tiros. Os tiros de misericórdia, administrados por oficiais ingleses que ainda possuíam algum resíduo de compaixão, antes que um miserável envolto em seu tartã fosse amontoado na pira com os companheiros que tiveram melhor sorte. Quando Jamie ergueu os olhos, Duncan MacDonald continuava sentado junto à janela, mas seus olhos estavam fechados.

A seu lado, Ewan Cameron benzeu-se.

— Que possamos encontrar a mesma compaixão — murmurou ele.

Encontraram. Passava um pouco do meio-dia do segundo dia quando passos de botas finalmente aproximaram-se da cabana e a porta abriu-se sobre as silenciosas dobradiças de couro.

— Santo Deus! — Foi a exclamação abafada diante da visão do interior da cabana. A corrente de vento que entrou pela porta agitou o ar fétido sobre os corpos imundos, ensanguentados e molhados que jaziam deitados ou sentados, amontoados no chão de terra batida.

Não houvera nenhuma discussão sobre a possibilidade de resistência armada; não tinham forças e não fazia sentido. Os jacobitas apenas ficaram ali, à mercê de seu visitante.

Era um major, saudável e bem-disposto em seu uniforme impecável e botas lustradas. Após um instante de hesitação para inspecionar os ocupantes da cabana, deu um passo para dentro, o tenente logo atrás.

— Sou lorde Melton — disse ele, olhando em torno como se buscasse o líder daqueles homens, a quem suas observações deveriam ser adequadamente dirigidas.

Duncan MacDonald, depois de também lançar um olhar à sua volta, levantou-se lentamente e inclinou a cabeça.

— Duncan MacDonald, de Glen Richie — respondeu. — E os outros — indicou com um gesto amplo —, integrantes das forças de Sua Majestade, o rei James.

— Foi o que imaginei — disse o inglês secamente. Era jovem, tinha trinta e poucos anos, mas sua postura revelava a confiança de um soldado experiente. Olhou deliberadamente para cada um deles, depois enfiou a mão no bolso do casaco e apresentou uma folha de papel dobrada.

— Tenho aqui uma ordem de Sua Excelência, o duque de Cumberland, autorizando a execução imediata de qualquer homem encontrado e que tenha participado da traiçoeira rebelião que acaba de ser debelada. — Olhou ao redor de toda a cabana outra vez. — Há algum homem aqui que alegue inocência da traição?

Ouviu-se um débil arfar de risos dos escoceses. Inocência, com a fumaça negra da batalha ainda em seus rostos, aqui à beira do campo de massacre?

— Não, senhor — disse MacDonald, um leve sorriso nos lábios. — Todos traidores. Seremos enforcados, então?

O rosto de Melton contorceu-se numa ligeira careta de nojo, depois retomou a expressão impassível. Era um homem delgado, de ossos pequenos e delicados, mas, ainda assim, transmitia autoridade.

— Serão fuzilados. Têm uma hora para se prepararem. — disse ele, hesitante, lançando um olhar ao seu tenente, como se receasse parecer generoso demais diante de seu subordinado: — Se algum de vocês quiser deixar material escrito, talvez uma carta, o secretário de minha companhia os atenderá. — Balançou a cabeça rapidamente para MacDonald, girou nos calcanhares e saiu.

Foi uma hora sombria. Alguns aceitaram a oferta de pena e tinta e rabiscaram tenazmente, apoiando o papel contra a chaminé de madeira inclinada por falta de outra superfície firme para escrever. Outros rezaram em silêncio ou simplesmente continuaram sentados, aguardando.

MacDonald suplicara o perdão para Giles McMartin e Frederick Murray, argumentando que eles mal tinham dezessete anos e não deviam ser responsabilizados como os mais velhos. O pedido foi negado e os dois rapazes sentaram-se juntos, pálidos, contra a parede, segurando as mãos um do outro.

Por eles, Jamie sentiu uma profunda pena — e pelos outros ali, amigos leais e bravos soldados. Por si mesmo, sentiu apenas alívio. Nada mais com que se preocupar, nada mais a fazer. Fizera tudo que podia por seus homens, por sua mulher, por seu filho que ainda não nascera. Agora, depois que o sofrimento físico terminasse, ele seria grato pela paz que viria.

Mais por costume do que por necessidade, fechou os olhos e começou o ato de contrição, em francês, como sempre fazia. *Mon Dieu, je regrette...* e, no entanto, não se arrependia; era tarde demais para qualquer tipo de arrependimento.

Encontraria Claire assim que morresse?, perguntou-se. Ou talvez, como esperava, seria condenado à separação por algum tempo? De qualquer forma, ele a veria outra vez; agarrava-se à convicção com muito mais firmeza do que abraçava os dogmas da Igreja. Deus a dera a ele; Ele a traria de volta.

Esquecendo-se de rezar, começou, em vez disso, a evocar o rosto de Claire por trás das pálpebras, a curva da face e da têmpora, a testa larga e alva que sempre o fazia querer beijá-la, bem ali, naquele ponto liso e macio entre as sobrancelhas, no começo do nariz, entre os claros olhos cor de âmbar. Concentrou sua atenção no formato de sua boca, imaginando cuidadosamente a curva meiga e cheia, e o gosto, a sensação e a pura alegria de seus lábios. Os sons de oração, o ruído arranhado de penas de escrever e os soluços curtos e abafados de Giles McMartin desapareceram de seus ouvidos.

Já era o meio da tarde quando Melton retornou, desta vez acompanhado de seis soldados, bem como do tenente e do secretário. Novamente, parou na soleira da porta, mas MacDonald levantou-se antes que ele pudesse falar.

— Irei primeiro — disse ele, atravessando a cabana destemidamente. Quando abaixou a cabeça para atravessar a porta, no entanto, lorde Melton segurou-o pela manga da camisa.

— Poderia me dar seu nome completo, senhor? Meu secretário fará a anotação.

MacDonald olhou para o secretário, o esboço de um sorriso amargo no canto da boca.

— Uma lista de troféus, hein? Sim, está bem. — Deu de ombros e empertigou-se. — Duncan William MacLeod MacDonald, de Glen Richie. — Inclinou-se educadamente para lorde Melton. — A seu serviço... senhor. —

Atravessou a porta e logo se ouviu o barulho de um único tiro de pistola disparado à queima-roupa.

Os dois rapazes tiveram permissão de ir juntos, as mãos ainda agarradas quando atravessaram a porta. O resto foi levado um a um, cada qual solicitado a dizer o nome, para que o secretário pudesse fazer o registro. Este sentava-se em um banco junto à porta, a cabeça abaixada para os papéis em seu colo, sem erguer os olhos quando os homens passavam.

Quando chegou a vez de Ewan, Jamie esforçou-se para apoiar-se nos cotovelos e agarrou a mão do amigo com toda a força que conseguiu reunir.

— Logo o verei outra vez — murmurou ele.

A mão de Ewan tremia na sua, mas Cameron apenas sorriu. Em seguida, inclinou-se com simplicidade, beijou a boca de Jamie e levantou-se para sair.

Deixaram para o fim os seis que não podiam caminhar.

— James Alexander Malcolm MacKenzie Fraser — disse ele, falando devagar para que o secretário tivesse tempo de anotar direito. — Senhor de Broch Tuarach. — Pacientemente, soletrou as palavras, depois ergueu os olhos para Melton. — Tenho que lhe pedir a gentileza, senhor, de me ajudar a levantar.

Melton não respondeu, mas continuou olhando fixamente para ele, a expressão distante de asco alterando-se para uma mistura de assombro e algo semelhante a um horror crescente.

— Fraser? — indagou ele. — De Broch Tuarach?

— Sim — respondeu Jamie pacientemente. Será que o sujeito não podia se apressar um pouco? Estar resignado a ser fuzilado era uma coisa, mas ouvir seus amigos serem mortos era outra, e não propriamente algo que acalmasse os nervos. Seus braços tremiam com o esforço de soerguê-lo e seus intestinos, não compartilhando a resignação de suas faculdades superiores, contorciam-se com um gorgolejante pavor.

— Puta merda — resmungou o inglês. Inclinou-se e olhou atentamente para Jamie, deitado na sombra da parede, depois se virou e acenou para seu tenente.

— Ajude-me a colocá-lo na luz — ordenou. Não agiram com delicadeza e Jamie grunhiu quando o movimento provocou um lampejo de dor da perna direita até o topo de sua cabeça. Sentiu-se tonto por um instante e não ouviu o

que Melton lhe dizia.

— Você é o jacobita que chamam de “Jamie, o Ruivo”? — perguntou outra vez, com impaciência.

Um calafrio de medo percorreu o corpo de Jamie diante da pergunta; se soubessem que ele era o famoso Jamie, o Ruivo, não iriam fuzilá-lo. Eles o prenderiam em correntes e o levariam para Londres, para ser julgado — um troféu de guerra. Depois disso, viria a corda da forca e ficar deitado, parcialmente estrangulado, no cadafalso, enquanto cortavam sua barriga e arrancavam suas entranhas. Seus intestinos emitiram um novo ronco, longo e gorgolejante; também não gostaram da ideia.

— Não — disse ele, com toda a firmeza que conseguiu reunir. — Ande logo com isso, hein?

Ignorando seus protestos, Melton ajoelhou-se e, com um puxão, abriu a gola da camisa de Jamie. Agarrou Jamie pelos cabelos e puxou sua cabeça para trás.

— Droga! — disse Melton. O dedo de Melton tateou sua garganta, logo acima da clavícula. Havia uma pequena cicatriz triangular ali e isso parecia ser o que estava causando a preocupação de seu interrogador. — James Fraser, de Broch Tuarach; cabelos ruivos e uma cicatriz de três pontas na garganta.

Melton soltou seus cabelos e sentou-se sobre os calcanhares, esfregando o queixo distraidamente. Em seguida, recuperou o autocontrole e voltou-se para o tenente, gesticulando na direção dos cinco homens que permaneciam na cabana.

— Leve o resto — ordenou ele. Suas sobrancelhas louras estavam unidas em profunda concentração. Ficou em pé acima de Jamie, a testa franzida, enquanto os outros prisioneiros escoceses eram removidos.

— Preciso pensar — murmurou ele. — Merda, tenho que pensar!

— Faça isso — disse Jamie —, se puder. Eu mesmo tenho que me deitar. — Haviam-no colocado sentado, escorado na parede oposta, a perna esticada à sua frente, mas sentar-se ereto depois de dois dias deitado era demais para ele; o aposento inclinava-se como se ele estivesse bêbado e pequenos lampejos de luz surgiam incessantemente diante de seus olhos. Inclinou-se para o lado e foi-se deixando escorregar para baixo, abraçando o chão de

terra, os olhos fechados enquanto esperava a tontura passar.

Melton resmungava baixinho, mas Jamie não conseguia entender as palavras; não se importava muito, de qualquer forma. Sentado à luz do sol, ele vira sua perna claramente pela primeira vez e tinha absoluta certeza de que não viveria até ser enforcado.

O vermelho-vivo do tecido inflamado espalhava-se do meio da coxa para cima, muito mais vivo do que as manchas de sangue seco remanescentes. O ferimento estava purulento; com o mau cheiro dos demais homens arrefecido, ele podia sentir o leve odor agriado da descarga do tiro. Ainda assim, uma bala rápida na cabeça parecia preferível à dor e ao delírio da morte por infecção. Ouviu o barulho do tiro?, perguntou-se, e foi perdendo a consciência, a terra fria lisa e reconfortante como o peito de uma mãe sob sua face quente.

Não estava realmente dormindo, apenas sendo levado numa sonolência febril, mas a voz de Melton em seu ouvido o fez recobrar a consciência.

— Grey — dizia a voz —, John William Grey! Conhece esse nome?

— Não — disse ele, entorpecido de sono e febre. — Olhe, meu caro, ou me fuzila ou me deixa ir embora, sim? Estou doente.

— Perto de Carryarrick. — A voz de Melton insistia, impaciente. — Um garoto, um garoto louro, de dezesseis anos. Você o encontrou na floresta.

Jamie estreitou os olhos para seu algoz. A febre distorcia sua visão, mas havia alguma coisa vagamente familiar no rosto de traços finos acima dele, com aqueles olhos grandes como os de uma moça.

— Ah — disse ele, fixando-se em um único rosto do fluxo de imagens que rodopiava erraticamente pelo seu cérebro. — O menino que tentou me matar. Sim, lembro-me dele. — Fechou os olhos outra vez. À maneira estranha da febre, uma sensação parecia se fundir com outra. Ele quebrara o braço de John William Grey; a lembrança do osso delgado do braço do rapaz sob sua mão tornou-se o braço de Claire quando ele a arrancou das garras das pedras. A neblina fria tocou seu rosto com os dedos de Claire.

— Acorde, desgraçado! — Sua cabeça caía de um lado para o outro sobre o pescoço conforme Melton o sacudia com impaciência. — Ouça-me!

Jamie abriu os olhos fatigados.

— Hein?

— John William Grey é meu irmão — disse Melton. — Ele me contou sobre o encontro que tiveram. Você poupou a vida dele e ele lhe fez uma promessa. É verdade?

Com enorme esforço, revirou suas lembranças. Encontrara o garoto dois dias antes da primeira batalha da revolta; a vitória escocesa em Prestonpans. Os seis meses decorridos até agora pareciam um enorme abismo; tanta coisa acontecera desde então.

— Sim, lembro-me. Ele prometeu me matar. Mas não me importo se você fizer isso por ele. — Suas pálpebras fechavam-se novamente. Tinha que estar acordado para ser fuzilado?

— Ele disse que tinha uma dívida de honra para com você, e tem. — Melton levantou-se, limpando os joelhos das calças, e virou-se para seu tenente, que observava o interrogatório com grande perplexidade.

— É uma situação infernal, Wallace. Este... este maldito jacobita é famoso. Já ouviu falar de Jamie, o Ruivo? Aquele dos cartazes? — O tenente balançou a cabeça, olhando com curiosidade para a forma imunda na terra a seus pés. Melton sorriu amargamente.

— Não, ele não parece tão perigoso agora, não é? Mas continua sendo Jamie Fraser, o Ruivo, e Sua Excelência ficaria mais do que satisfeita ao saber da existência de tão ilustre prisioneiro. Ainda não encontraram Charles Stuart, mas alguns jacobitas famosos contentariam igualmente a turba na Torre de Londres.

— Devo enviar uma mensagem a Sua Excelência? — O tenente estendeu a mão para sua caixa de mensagens.

— Não! — Melton girou nos calcanhares para fitar intensamente o prisioneiro. — Esta é a dificuldade! Além de ser uma excelente isca para a força, este miserável imundo também é o homem que capturou meu irmão mais novo perto de Preston. Em vez de matar o moleque com um tiro, que era o que ele merecia, este sujeito poupou sua vida e devolveu-o a seus companheiros — disse entre dentes. — Assim, fez minha família contrair uma maldita dívida de honra!

— Santo Deus! — disse o tenente. — Então não pode entregá-lo à Sua Excelência.

— Não, maldito! Não posso nem mesmo atirar no desgraçado sem

desonrar a palavra de meu irmão!

O prisioneiro abriu um dos olhos.

— Não contarei a ninguém se não o fizer — sugeriu e prontamente fechou-o outra vez.

— Cale-se! — Perdendo completamente a paciência, Melton chutou o prisioneiro, que gemeu com o impacto, mas não disse mais nada.

— Talvez possamos matá-lo sob um nome falso — sugeriu o tenente prestativamente.

Lorde Melton lançou um olhar de profundo desprezo a seu assistente, depois olhou pela janela para calcular a hora.

— Anoitecerá dentro de três horas. Vou supervisionar o sepultamento dos outros prisioneiros executados. Encontre uma carroça pequena e mande enchê-la de feno. Encontre um condutor... escolha alguém discreto, e isso significa subornável, Wallace... e mande-os para longe daqui assim que escurecer.

— Sim, senhor. E o prisioneiro, senhor? — O tenente indicou timidamente o corpo no chão.

— O que tem ele? — perguntou Melton bruscamente. — Ele está fraco demais para rastejar, quanto mais andar. Ele não irá a lugar algum, ao menos não até a carroça chegar aqui.

— Carroça? — O prisioneiro dava sinais de vida. De fato, sob o estímulo da agitação, ele conseguira erguer-se sobre um dos braços. Os olhos azuis injetados brilharam, arregalados de susto, sob as mechas de cabelos ruivos emaranhados. — Para onde está me mandando? — Virando-se da porta, Melton lançou-lhe um olhar de intensa antipatia.

— Você é o senhor de Broch Tuarach, não é? Bem, é para lá que o estou enviando.

— Não quero ir pra casa! Quero ser fuzilado!

Os ingleses trocaram um olhar.

— Está delirando — disse o tenente de modo significativo, e Melton balançou a cabeça, concordando.

— Duvido que ele sobreviva à viagem, mas pelo menos sua morte não ficará na minha consciência.

A porta fechou-se com firmeza atrás dos ingleses, deixando Jamie Fraser

inteiramente sozinho — e ainda vivo.

2

A BUSCA COMEÇA

—É claro que ele está morto! — A voz de Claire estava aguda devido ao nervosismo; ressoou estridente no gabinete parcialmente vazio, ecoando entre as estantes de livros remexidas. Ficou parada contra a parede forrada de cortiça, como uma prisioneira aguardando o pelotão de fuzilamento, olhando de sua filha para Roger Wakefield e de novo para sua filha.

— Creio que não.

Roger sentia-se terrivelmente cansado. Esfregou a mão no rosto, depois pegou a pasta de arquivo da escrivaninha; a que continha toda a pesquisa que fizera desde que Claire e a filha o procuraram e pediram sua ajuda, havia três semanas.

Abriu a pasta e folheou o conteúdo devagar. Os jacobitas de Culloden. A Revolta de 1745. Os bravos escoceses que se reuniram sob o estandarte do príncipe Charles Stuart e atravessaram a Escócia como uma espada em chamas — apenas para se deparar com a derrota e a ruína ao enfrentar o duque de Cumberland na charneca cinzenta de Culloden.

— Tome — disse ele, arrancando várias folhas grampeadas. A escrita arcaica parecia estranha, reproduzida no preto intenso de uma fotocópia.

— Esta é a lista de chamada do regimento do senhor de Lovat.

Estendeu bruscamente o fino maço de folhas a Claire, mas foi sua filha, Brianna, que tomou o documento das mãos dele e começou a virar as páginas, as sobranceiras ruivas levemente franzidas.

— Leia a página inicial — disse Roger. — Onde se lê “Oficiais”.

— Está bem. Oficiais — leu em voz alta. — Simon, senhor de Lovat...

— A Jovem Raposa — interrompeu Roger. — O filho de Lovat. E mais cinco nomes, certo?

Brianna ergueu uma das sobranceiras para ele, mas continuou a leitura.

— William Chisholm Fraser, tenente; George D’Amerd Fraser Shaw, capitão; Duncan Joseph Fraser, tenente; Bayard Murray Fraser, major... —

Ela parou, engoliu em seco, antes de ler o último nome: — ... James Alexander Malcolm MacKenzie Fraser, capitão. — Abaixou os papéis, um pouco pálida. — Meu pai.

Claire aproximou-se rapidamente da filha, apertando o braço da jovem. Ela também estava pálida.

— Sim — disse ela a Roger. — Sei que ele foi a Culloden. Quando me deixou... lá no círculo de pedras... ele pretendia voltar, para resgatar seus homens que estavam com Charles Stuart. E sabemos que o fez — Com um movimento da cabeça, indicou a pasta sobre a escrivaninha, a superfície de papel manilha vazia e inocente à luz do abajur —, você encontrou seus nomes. Mas... mas... Jamie... — Pronunciar seu nome em voz alta parecia devastá-la e ela cerrou os lábios com força.

Foi a vez de Brianna apoiar sua mãe.

— Ele pretendia voltar, você disse. — Seus olhos, azul-escuros e encorajadores, fitavam intensamente o rosto de sua mãe. — Ele pretendia tirar seus homens do campo e depois voltar para a batalha.

Claire balançou a cabeça, recobrando-se ligeiramente.

— Ele sabia que não tinha muita chance de escapar; se os ingleses o pegassem... ele disse que preferia morrer em combate. É o que pretendia fazer. — Voltou-se para Roger, o olhar de uma desconcertante cor de âmbar. Seus olhos sempre o faziam lembrar dos olhos de um falcão, como se ela pudesse ver muito mais longe do que a maioria das pessoas. — Não posso acreditar que ele não tenha morrido lá... tantos homens morreram e ele pretendia fazer isso!

Quase metade do exército das Terras Altas morrera em Culloden, derrubado numa rajada de tiros de canhão e de fuzilaria. Mas não James Fraser.

— Não — disse Roger com teimosia. — Aquele trecho que eu li para você do livro de Linklater. — Pegou o livro, um volume branco, intitulado *O príncipe no urzal*. — *Após a batalha* — leu ele —, *dezoito oficiais jacobitas feridos refugiaram-se em uma cabana próxima à charneca. Ali ficaram sofrendo, os ferimentos sem tratamento, por dois dias. Ao cabo desse tempo, foram levados para fora e fuzilados. Um dos homens, um Fraser do regimento do senhor de Lovat, escapou do massacre. Os demais estão*

enterrados no terreno da casa, junto ao bosque. Viu? — disse ele, abaixando o livro e olhando ansiosamente para as duas mulheres por cima das páginas. — Um oficial do regimento do senhor de Lovat. — Agarrou as folhas da lista de chamada. — E aqui estão eles! Apenas seis deles. Bem, o homem na cabana não pode ter sido o Jovem Simon; ele é uma figura histórica conhecida e sabemos muito bem o que aconteceu a ele. Ele retirou-se do campo, sem estar ferido, veja bem, com um grupo de seus homens e foi abrindo caminho para o norte, até chegar ao castelo Beaufort, perto daqui. — Acenou vagamente na direção da enorme janela, através da qual as luzes noturnas de Inverness cintilavam debilmente. — Nem o homem que escapou da casa da fazenda Leanach foi nenhum dos outros quatro oficiais, William, George, Duncan ou Bayard — disse Roger. — Por quê? — Agarrou com violência outro documento da pasta e brandiu-o, quase triunfalmente. — Porque eles morreram em Culloden! Todos os quatro foram mortos em combate, eu encontrei seus nomes listados numa placa na igreja em Beaully.

Claire soltou um longo suspiro, depois se deixou arriar na velha cadeira giratória de couro atrás da escrivaninha.

— Jesus H. Cristo! — exclamou, proferindo sua expressão favorita. Fechou os olhos e inclinou-se para a frente, os cotovelos sobre a escrivaninha e a cabeça apoiada nas mãos, com os cabelos castanhos, cheios e encaracolados, derramando-se pelas laterais de seu rosto. Brianna colocou a mão no ombro de Claire, o rosto transtornado ao inclinar-se sobre a mãe. Era uma jovem alta, de compleição forte e elegante, e seus longos cabelos ruivos brilhavam à luz cálida do abajur da escrivaninha.

— Se ele não morreu... — começou ela.

Claire ergueu a cabeça bruscamente.

— Mas ele está morto! — disse ela. Seu rosto estava atormentado e viam-se pequenas rugas ao redor dos olhos. — Pelo amor de Deus, são duzentos anos; quer ele tenha morrido em Culloden ou não, ele está morto agora!

Brianna recuou diante da veemência da mãe e baixou a cabeça, fazendo os cabelos ruivos — os cabelos ruivos do pai — cobrirem seu rosto.

— Creio que sim — murmurou ela.

Roger pôde ver que ela lutava para conter as lágrimas. Não era de admirar, pensou. Descobrir num curto espaço de tempo que o homem a quem

amara e chamara de pai durante toda a vida não era seu pai; segundo, que seu verdadeiro pai era um escocês das Terras Altas que vivera há duzentos anos; e terceiro, descobrir que ele provavelmente morrera de alguma maneira terrível, longe da mulher e da filha por quem ele se sacrificara para salvar... era o suficiente para deixar qualquer um abalado.

Aproximou-se de Brianna e tocou em seu braço. Ela lançou-lhe um olhar breve e distraído, e tentou sorrir. Ele a abraçou, sentindo, mesmo na compaixão por seu infortúnio, o quanto era bom aquele toque, ao mesmo tempo macio, quente e vivo.

Claire permanecia sentada à escrivaninha, imóvel. Os olhos amarelos de falcão haviam adquirido uma cor mais suave agora, perdidos em lembranças. Pousaram, sem enxergar, na parede leste do gabinete, ainda recoberta do chão ao teto com os bilhetes, anotações e lembranças deixados pelo reverendo Wakefield, o falecido pai adotivo de Roger.

Olhando, ele mesmo, para a parede, Roger viu o aviso da reunião anual enviado pela Sociedade da Rosa Branca — aquelas almas entusiásticas, excêntricas, que ainda defendiam a causa da independência da Escócia, reunindo-se num tributo nostálgico a Charles Stuart e aos heróis das Terras Altas que o seguiram.

Roger pigarreou levemente.

— Hã... se Jamie Fraser não morreu em Culloden... — disse ele.

— Então, provavelmente, morreu logo depois. — Os olhos de Claire encontraram-se com os de Roger, diretamente, o olhar frio de volta às profundezas castanho-amareladas. — Você não faz a menor ideia de como era — disse ela. — Houve um período de fome nas Terras Altas... nenhum dos homens comia há dias antes da batalha. Ele estava ferido, isso nós sabemos. Ainda que tivesse escapado, não haveria ninguém... para cuidar dele.

Sua voz fraquejou levemente; ela era uma médica agora, fora uma curandeira já naquela época, há vinte anos, quando atravessara um círculo sagrado de pedras e encontrara o destino com James Alexander Malcolm MacKenzie Fraser.

Roger tinha consciência de quem eram as duas mulheres; a jovem alta, trêmula, que tinha nos braços, e a mulher sentada à escrivaninha, tão quieta,

tão serena. Ela viajara através das pedras, através do tempo; suspeita de ser uma espiã, presa como bruxa, arrancada por um inimaginável capricho das circunstâncias dos braços de seu primeiro marido, Frank Randall. Três anos mais tarde, seu segundo marido, James Fraser, a enviara de volta através das pedras, grávida, num esforço desesperado para salvar a vida dela e a da sua filha ainda por nascer do desastre iminente que logo o engolfaria.

Sem dúvida, pensou consigo mesmo, ela já sofreu o suficiente. Mas Roger era um historiador. Possuía uma curiosidade amoral, insaciável, poderosa demais para ser contida pela simples compaixão. Mais do que isso, estranhamente, também tinha consciência de quem era Jamie Fraser, a terceira figura na tragédia familiar em que se vira envolvido.

— Se ele não morreu em Culloden — repetiu ele, com mais firmeza —, então talvez eu possa descobrir o que realmente aconteceu. Quer que eu tente? — Esperou, a respiração presa, sentindo o hálito quente de Brianna atravessar sua camisa.

Jamie Fraser tivera uma vida e uma morte. Roger sentia obscuramente que era seu dever descobrir toda a verdade; que as mulheres de Jamie Fraser mereciam saber tudo que pudesse conseguir sobre ele. Para Brianna, esse conhecimento poderia ser a única informação que teria do pai que nunca conhecera. E para Claire... — Por trás da pergunta que ele fizera estava a ideia que ainda não a havia atingido completamente, abalada como estava: ela já atravessara a barreira do tempo duas vezes antes. Podia, provavelmente, fazê-lo outra vez. E se Jamie Fraser não tivesse morrido em Culloden...

Ele viu a consciência dessa possibilidade tremeluzir nos olhos de âmbar anuviados quando o pensamento lhe ocorreu. Ela era normalmente pálida; agora, seu rosto ficou lívido, branco como o cabo de marfim do abridor de cartas diante dela na escrivaninha. Seus dedos fecharam-se em torno do objeto com tanta força que os nós dos dedos projetaram-se de forma visível.

Ela permaneceu calada por um longo tempo. Seu olhar fixou-se em Brianna e deteve-se ali por um instante, retornando em seguida ao rosto de Roger.

— Sim — disse ela, num sussurro tão baixo que ele mal podia ouvi-la. — Sim. Descubra para mim. Por favor, descubra.

3

FRANK E A REVELAÇÃO COMPLETA

A circulação de pedestres era grande na ponte sobre o rio Ness, com o fluxo de pessoas indo para casa para o chá. Roger caminhava à minha frente, os ombros largos protegendo-me dos esbarrões da multidão ao nosso redor.

Eu podia sentir as batidas de meu coração na capa dura do livro que segurava de encontro ao peito. Isso acontecia sempre que pensava no que estávamos realmente fazendo. Eu não sabia ao certo qual das duas alternativas era a pior; descobrir que Jamie morrera em Culloden ou que não morrera.

As tábuas da ponte ecoavam embaixo de nossos pés enquanto caminhávamos de volta à casa paroquial. Meus braços doíam pelo peso dos livros que carregava e eu mudava o fardo de um lado para o outro.

— Olhe para a frente, homem! — gritou Roger, empurrando-me habilmente para o lado quando um operário numa bicicleta passou, com a cabeça abaixada, bem pelo meio do tráfego na ponte, quase me jogando contra a balaustrada.

— Desculpe! — ouviu-se o grito de desculpas e o ciclista acenou por cima do ombro, enquanto a bicicleta abria caminho, ziguezagueando pelo meio de dois grupos de estudantes que retornavam para casa. Olhei para trás, ao longo da ponte, para talvez encontrar Brianna atrás de nós, mas não havia sinal dela.

Roger e eu passamos a tarde na Sociedade para a Preservação de Antiguidades. Brianna fora ao escritório de representação dos clãs das Terras Altas para obter fotocópias de uma lista de documentos que Roger compilara.

— É muita bondade sua se dar a todo este trabalho, Roger — disse, erguendo a voz acima do barulho da ponte e da correnteza do rio.

— Tudo bem — disse ele, um pouco sem jeito, parando para que eu o alcançasse. — Estou curioso — acrescentou, com um leve sorriso. — Sabe como são os historiadores, não conseguem deixar um quebra-cabeça em paz.

— Sacudiu a cabeça, tentando afastar dos olhos os cabelos escuros soprados pelo vento.

Eu realmente conhecia os historiadores. Vivera com um deles durante vinte anos. Frank também não quisera deixar em paz esse enigma em particular. Mas também não quis resolvê-lo. Mas Frank estava morto há dois anos e agora era a minha vez — minha e de Brianna.

— Já teve notícias do dr. Linklater? — perguntei, quando descíamos o arco da ponte. Era final de tarde, mas o sol ainda estava alto, por estarmos tão ao norte. Preso entre as folhas das tílias nas margens do rio, brilhava em tons cor-de-rosa sobre o cenotáfio de granito que erguia-se embaixo da ponte.

Roger sacudiu a cabeça, estreitando os olhos contra o vento.

— Não, mas faz apenas uma semana desde que lhe escrevi. Se não tiver resposta até segunda-feira, tentarei telefonar. Não se preocupe — exibiu um sorriso enviesado —, fui muito circunspecto. Disse-lhe apenas que, para fins de um estudo que eu estava fazendo, precisava de uma lista, se é que existia essa lista, dos oficiais jacobitas que estavam na casa da fazenda Leanach após a Batalha de Culloden e, caso existisse alguma informação sobre algum sobrevivente dessa execução, se ele poderia me dar as referências das fontes.

— Você conhece Linklater? — perguntei, apoiando os livros inclinados sobre o quadril e, assim, conseguindo relaxar o braço esquerdo.

— Não, mas escrevi meu pedido num papel timbrado da Balhol College e fiz uma referência educada ao sr. Cheesewright, meu ex-orientador. Ele, sim, conhece Linklater. — Roger piscou o olho para mim e não pude deixar de rir.

Seus olhos eram de um verde brilhante e translúcido, luminosos contrastados com a pele cor de oliva. A curiosidade podia ser sua razão declarada para nos ajudar a descobrir a história de Jamie, mas eu tinha certeza de que seu interesse ia bem mais longe — na direção de Brianna. Eu também sabia que o interesse era recíproco. O que não sabia era se Roger também percebera o fato.

De volta ao gabinete do falecido reverendo Wakefield, larguei os livros sobre a mesa com alívio e deixei-me afundar na *bergère* junto à lareira, enquanto Roger ia buscar um copo de limonada na cozinha.

Minha respiração foi se acalmando enquanto eu bebia goles do líquido ácido e doce, mas minha pulsação continuou errática, conforme eu analisava

a imponente pilha de livros que trouxéramos de volta. Jamie estaria ali em algum lugar? E se estivesse? Minhas mãos ficaram úmidas sobre o copo frio e eu afastei o pensamento. Não deseje demais, avisei a mim mesma. Era melhor esperar e ver o que poderíamos encontrar.

Roger examinava as prateleiras de livros do gabinete, em busca de outras possibilidades. O reverendo Wakefield, o falecido pai adotivo de Roger, fora um bom historiador amador, mas também um terrível colecionador; cartas, diários, folhetos, cartazes, livros antigos e contemporâneos — tudo estava amontoado nas estantes apinhadas.

Roger hesitou, depois sua mão recaiu em uma pilha de livros em uma mesa próxima. Eram os livros de Frank — uma notável realização, pelo que eu pude apreender pela leitura dos elogios impressos na sobrecapa.

— Já leu este aqui? — perguntou ele, apanhando o volume intitulado *Os jacobitas*.

— Não — respondi. Tomei um gole reanimador de limonada e tossi. — Não — repeti. — Não pude. — Depois que voltei, recusei-me terminantemente a olhar para qualquer material que tivesse a ver com o passado da Escócia, embora o século XVIII fosse uma das áreas de especialização de Frank. Sabendo que Jamie estava morto e diante da necessidade de ter que viver sem ele, evitei qualquer coisa que pudesse lembrá-lo. Uma fuga inútil. Não havia nenhum modo de esquecê-lo com a existência de Brianna diariamente trazendo-o à minha lembrança. Mesmo assim, não conseguia ler livros sobre Charles Stuart, aquele rapaz fútil e terrível, ou seus partidários.

— Compreendo. Pensei que talvez pudesse saber se haveria alguma coisa útil aqui. — Roger fez uma pausa, o rubor intensificando-se nas maçãs do rosto. — Seu, hã... seu marido... Frank, quero dizer — acrescentou ele apressadamente. — Você lhe contou, hã... sobre... — Sua voz foi desaparecendo, asfixiada pelo constrangimento.

— Ora, claro que sim — disse, um pouco bruscamente. — O que você pensou? Que eu simplesmente entrei no escritório dele depois de ter desaparecido por três anos e disse: “Olá, querido, o que gostaria para o jantar hoje?”

— Não, claro que não — murmurou Roger. Virou-se, tentando se

concentrar nas estantes de livros. Sua nuca estava vermelha de constrangimento.

— Desculpe-me — disse, respirando fundo — É uma pergunta justa. É só que tudo ainda é... um pouco doloroso. — Muito mais do que um pouco. Eu estava tanto surpresa quanto horrorizada de ver o quanto a ferida ainda estava aberta. Coloquei o copo sobre a mesa, junto ao meu cotovelo. Se pretendíamos ir adiante com aquilo, eu iria precisar de algo bem mais forte do que limonada. — Sim — disse. — Contei a ele. Contei-lhe tudo sobre as pedras... sobre Jamie. Tudo.

Roger não disse nada por algum tempo. Então virou-se, parcialmente, de modo que apenas as linhas fortes e cinzeladas de seu perfil fossem visíveis. Não olhou para mim, mas para a pilha de livros de Frank, para a foto de Frank no verso da capa, magro, moreno e bonito, sorrindo para a posteridade.

— Ele acreditou em você? — perguntou ele em voz baixa.

Meus lábios estavam pegajosos da limonada e eu os umedeci antes de responder.

— Não — disse. — Não no começo. Achou que eu estava louca. Até me fez ser examinada por um psiquiatra. — Ri, um riso curto, mas a lembrança me fez cerrar os punhos de raiva.

— Então, mais tarde? — Roger virou-me para me encarar. O rubor desaparecera de sua pele, deixando apenas um eco de curiosidade em seus olhos. — O que ele pensou?

Respirei fundo e fechei os olhos.

— Não sei.

O minúsculo hospital de Inverness possuía um cheiro estranho, uma mistura de desinfetante e amido.

Eu não conseguia pensar e tentava não sentir. Retornar fora muito mais aterrorizante do que minha viagem ao passado, porque lá eu estava envolvida por uma camada protetora de dúvida e incredulidade a respeito de onde eu estava e o que estava acontecendo, e vivera na esperança permanente de fugir. Agora, eu sabia muito bem onde estava e sabia que não havia fuga possível. Jamie estava morto.

Os médicos e enfermeiras tentavam conversar gentilmente comigo, alimentar-me e trazer coisas para eu beber, mas não havia lugar em mim para nada além de tristeza e terror. Eu lhes dizia meu nome quando perguntavam, mas recusava-me a dizer qualquer coisa além disso.

Eu permanecia deitada na cama branca e limpa, os dedos entrelaçados com força sobre minha vulnerável barriga, e mantinha os olhos cerrados. Visualizava repetidamente as últimas cenas que vira antes de atravessar as pedras — a charneca chuvosa e o rosto de Jamie — sabendo que, se olhasse por muito tempo para o meu novo ambiente, essas visões feneceriam, substituídas por cenas mundanas, como as enfermeiras e o vaso de flores ao lado da cama. Secretamente, pressionava um polegar contra a base do outro, extraíndo um consolo obscuro da presença do minúsculo ferimento, um pequeno corte na forma da letra J. Jamie a fizera, a meu pedido — seu último toque em minha carne.

Devo ter permanecido assim por bastante tempo; às vezes dormia, sonhando com os últimos dias da Revolução Jacobita — vi novamente o homem morto na floresta dormindo sob uma camada de fungos azuis brilhantes; e Dougal MacKenzie morrendo no chão de um sótão na Casa Culloden; os homens maltrapilhos do exército das Terras Altas dormindo nas trincheiras lamacentas; seu último sono antes do massacre.

Eu acordava gritando e gemendo, sentindo o cheiro de desinfetante e ouvindo palavras apaziguadoras, incompreensíveis diante dos ecos da gritaria em gaélico dos meus sonhos. Depois, adormecia de novo, a mão fechada com força sobre o pequeno ferimento na base do polegar.

Então, abri os olhos e Frank estava lá. Parado na porta, alisando os cabelos negros para trás com uma das mãos, parecendo hesitar — e não era de admirar, pobre homem.

Recostei-me nos travesseiros, apenas observando-o, sem falar. Ele se parecia com seus ancestrais, Jack e Alex Randall;

feições aristocráticas, finas e puras, e uma cabeça bem-torneada, sob uma cabeleira lisa e escura. Mas seu rosto possuía uma certa diferença indefinível, além das pequenas diferenças de feições. Não havia nenhuma marca de medo ou de brutalidade nele; nem a espiritualidade de Alex nem a arrogância glacial de Jack. Seu rosto delgado parecia inteligente, bondoso e ligeiramente cansado, com olheiras e a barba por fazer. Percebi, sem que fosse necessário me dizer, que ele dirigira a noite toda para chegar ali.

— Claire? — Aproximou-se da cama e falou de forma hesitante, como se não tivesse certeza de que eu fosse realmente Claire.

Eu também não tinha certeza, mas assenti e disse:

— Olá, Frank. — Minha voz soou rouca e áspera, desacostumada a falar. Ele tomou uma de minhas mãos e deixou que a segurasse.

— Você está... bem? — perguntou ele, após um minuto. Olhava para mim com a testa ligeiramente franzida.

— Estou grávida. — Esse parecia o ponto crucial, em minha mente perturbada. Eu não pensara no que iria dizer a Frank, se viesse a revê-lo, mas no instante em que o vi parado na porta, tudo pareceu simples. Eu lhe diria que estava grávida, ele iria embora e eu ficaria sozinha com minha última visão do rosto de Jamie e seu toque ardente em minha mão.

Seu rosto crispou-se um pouco, mas ele não soltou minha mão.

— Eu sei. Eles me disseram. — Inspirou fundo e soltou a respiração. — Claire, pode me contar o que aconteceu com você?

Fiquei completamente aturdida por um instante, mas depois encolhi os ombros.

— Suponho que sim — disse.

Reuni os pensamentos, fatigada; não queria conversar sobre isso, mas eu tinha uma dívida para com aquele homem. Não era

culpa, ainda não; mas, ainda assim, uma dívida. Eu fora casada com ele.

— Bem — disse —, apaixonei-me por outra pessoa e casei-me. Sinto muito — acrescentei, em reação ao olhar de espanto que atravessou seu rosto —, não pude evitar.

Não era o que ele esperava. Sua boca abriu-se e fechou-se, e ele agarrou minha mão com força suficiente para me fazer recuar e puxá-la.

— O que quer dizer? — perguntou ele, a voz estridente. — Por onde esteve, Claire? — Levantou-se de repente, assomando acima da cama.

— Lembra-se de que quando o vi pela última vez eu estava subindo ao círculo de pedras em Craigh na Dun?

— Sim? — Ele me fitava com uma expressão entre a raiva e a desconfiança.

— Bem — umedeci os lábios, que haviam ficado completamente secos —, o fato é que atravessei uma fenda na rocha naquele círculo e acabei em 1743.

— Deixe de brincadeira, Claire!

— Acha que estou fazendo graça? — A ideia era tão absurda que eu na verdade comecei a rir, embora me sentisse muito distante do verdadeiro humor.

— Pare com isso!

Parei de rir. Duas enfermeiras apareceram na soleira da porta como por mágica, deviam estar espreitando por perto no corredor. Frank inclinou-se e agarrou meu braço.

— Ouça-me — disse ele entre dentes. — Você vai me dizer onde esteve e o que andou fazendo!

— Eu estou lhe dizendo. Solte-me! — Sentei-me na cama e puxei meu braço com toda a força, soltando-me de sua mão. — Já lhe disse. Atravessei uma das pedras do círculo e acabei no passado, há duzentos anos. E encontrei seu maldito ancestral, Jack Randall, lá!

Frank piscou, completamente desconcertado.

— Quem?

— *Black Jack Randall, e era um maldito pervertido, asqueroso, nojento!* — Frank ficou boquiaberto, assim como as enfermeiras. Pude ouvir pés descendo o corredor atrás delas e vozes apressadas. — Tive que me casar com Jamie Fraser para me livrar de Jack Randall, mas depois... Jamie... não pude evitar, Frank, eu o amei e teria ficado com ele se pudesse, mas ele me enviou de volta por causa de Culloden, e da criança, e... — parei, quando um homem com uniforme de médico passou pelas enfermeiras na porta. — Frank — disse, cansada —, sinto muito. Não tive a intenção de que isso acontecesse e tentei de todas as formas voltar, realmente, tentei, mas não consegui. E agora é tarde demais.

Involuntariamente, as lágrimas começaram a assomar aos meus olhos e escorrer pelas minhas faces. Em grande parte, por causa de Jamie e de mim mesma, e da criança que carregava, mas algumas por Frank também. Inspirei com força e engoli as lágrimas, tentando parar de chorar, e sentei-me aprumada na cama.

— Olhe — disse —, sei que você não vai querer mais olhar na minha cara e eu não o culpo, absolutamente. Apenas... apenas vá embora, sim?

Seu rosto mudara. Não parecia mais zangado, mas perturbado e levemente intrigado. Sentou-se ao lado da cama, ignorando o médico que entrara e procurava medir meu pulso.

— Eu não vou a lugar algum — disse ele, com muita delicadeza. Segurou minha mão outra vez, embora eu tentasse retirá-la. — Este... Jamie. Quem era ele?

Inspirei fundo, a respiração entrecortada. O médico segurava minha outra mão, ainda tentando tomar meu pulso, e me senti absurdamente em pânico, como se os dois estivessem me mantendo prisioneira. No entanto, tentei debelar a sensação e falar de modo equilibrado.

— James Alexander Malcolm MacKenzie Fraser — disse,

espacejando as palavras, formalmente, da maneira como Jamie as pronunciara para mim quando me disse seu nome completo pela primeira vez... no dia de nosso casamento. O pensamento provocou um novo transbordamento de lágrimas e eu as enxuguei no ombro, minhas mãos estando presas. — Era um guerreiro das Terras Altas. Ele morreu em Culloden. — Não adiantava, eu estava chorando outra vez, as lágrimas não representavam nenhum paliativo para a dor que me dilacerava, mas a única reação que eu podia ter à dor insuportável. Inclinei-me ligeiramente para a frente, tentando encapsular o bebê, envolver-me em torno da vida minúscula, imperceptível, em meu ventre, o único remanescente de Jamie Fraser para mim.

Frank e o médico trocaram um olhar do qual eu mal tive consciência. Obviamente, para eles Culloden fazia parte do passado distante. Para mim, acontecera havia apenas dois dias.

— Talvez seja melhor deixar a sra. Randall descansar um pouco — sugeriu o médico. — Ela parece um pouco transtornada no momento.

Frank olhou do médico para mim, indeciso.

— Bem, ela sem dúvida parece transtornada. Mas eu realmente queria saber... o que é isso, Claire?

Tocando minha mão, ele encontrara a aliança de prata no meu dedo anular e agora se inclinava para examiná-la. Era a aliança que Jamie me dera pelo nosso casamento; um largo aro de prata no padrão entrelaçado das Terras Altas, as ligações gravadas com minúsculas e estilizadas flores de cardo.

— Não! — exclamei, em pânico, quando Frank tentou tirá-la do meu dedo. Puxei minha mão bruscamente e a protegi, fechada, contra o peito, coberta pela mão esquerda, que ainda usava a aliança de ouro do casamento com Frank. — Não, não pode tirá-la, eu não vou permitir! É minha aliança de casamento!

— Vamos, veja bem, Claire... — As palavras de Frank foram interrompidas pelo médico, que dera a volta na cama,

aproximara-se de Frank e agora se inclinava e sussurrava alguma coisa em seu ouvido. Captei algumas palavras — “não perturbe sua mulher agora. O choque” —, e logo Frank levantou-se outra vez, sendo firmemente conduzido para fora do quarto pelo médico, que fez um sinal com a cabeça para uma das enfermeiras ao passar por elas.

Eu mal senti a picada da agulha hipodérmica, absorvida demais por uma nova onda de tristeza e pesar para prestar atenção a qualquer coisa. Ouvi vagamente as palavras de Frank ao sair:

— Está bem. Mas, Claire, eu vou descobrir!

Em seguida, mergulhei numa abençoada escuridão e dormi um sono sem sonhos, por muito, muito tempo.

Roger inclinou a garrafa de uísque, serviu até a metade do copo. Entregou-o a Claire com um leve sorriso.

— A avó de Fiona sempre disse que uísque é bom para qualquer mal que nos aflija.

— Já vi remédios piores. — Claire pegou o copo e retribuiu o leve sorriso. Roger serviu uma dose para si próprio, em seguida sentou-se ao lado dela, sorvendo-o silenciosamente em pequenos goles.

— Eu tentei mandá-lo embora, sabe — disse ela de repente, abaixando o copo. — Frank. Eu disse que sabia que ele não poderia continuar a sentir o mesmo por mim, independentemente do que acreditasse que tivesse acontecido. Disse que lhe daria o divórcio, ele devia ir embora e se esquecer de mim, retomar a vida que começara a construir sem mim.

— Mas ele se recusou — disse Roger. Começava a fazer frio no gabinete conforme o sol desaparecia e ele inclinou-se e ligou o velho aquecedor elétrico. — Porque você estava grávida? — sugeriu.

Ela lançou-lhe um olhar repentino e penetrante, depois esboçou um sorriso enviesado.

— Sim, foi por isso. Disse que ninguém, exceto um canalha, pensaria em abandonar uma mulher grávida sem nenhum recurso. Particularmente alguém cujo elo com a realidade parecia um pouco tênue — acrescentou ela com

ironia. — Eu não estava totalmente desprovida de recursos, possuía um pouco de dinheiro do meu tio Lamb, mas Frank também não era um canalha. — Seu olhar desviou-se para as estantes de livros. As obras históricas de seu marido estavam ali, lado a lado, as lombadas brilhando à luz do abajur sobre a escrivaninha. — Ele era um homem muito honrado. — disse ela num sussurro. Tomou outro gole de sua bebida, fechando os olhos conforme os vapores alcoólicos elevavam-se. — Além do mais, ele sabia, ou suspeitava, que ele próprio não podia ter filhos. Um grande choque para um homem tão envolvido em história e genealogias. Todas aquelas considerações de dinastia, sabe?

— Sim, posso compreender — disse Roger devagar. — Mas ele não se sentiu... quero dizer, era o filho de outro homem.

— Deve ter sentido. — Os olhos cor de âmbar fitavam-no outra vez, sua limpidez levemente amenizada pelo uísque e pelas recordações. — Mas diante da situação, já que ele não conseguia acreditar em nada que eu dissesse a respeito de Jamie, o pai da criança era essencialmente desconhecido. Se ele não sabia quem era o homem, e se convencera de que eu mesma também não sabia, apenas inventara aquelas histórias fantasiosas por causa do choque traumático... bem, então, não haveria ninguém para dizer que o filho não era dele. Certamente não eu — acrescentou ela, com um toque de amargura.

Tomou um grande gole de uísque que fez seus olhos lacrimejarem um pouco e fez uma pausa para enxugá-los.

— Mas, por garantia, levou-me para bem longe. Para Boston — continuou ela. — Haviam lhe oferecido um bom emprego em Harvard e ninguém nos conhecia lá. Foi onde Brianna nasceu.

O choro estridente acordou-me com um sobressalto outra vez. Eu voltara para a cama às 6h30, depois de levantar cinco vezes durante a noite com o bebê. Um olhar turvo para o relógio mostrou que agora eram 7h. Um cantarolar alegre vinha do banheiro, a voz de Frank elevada no hino imperialista inglês “Rule, Britannia”, acima do barulho da água corrente.

Permaneci deitada, os membros pesados de exaustão, imaginando se eu teria forças para aguentar o choro da criança

até Frank sair do chuveiro e trazer Brianna para mim. Como se o bebê soubesse o que eu estava pensando, o choro elevou-se dois ou três tons e foi aumentando para uma espécie de berro cíclico, pontuado por apavorantes tragadas de ar. Atirei as cobertas para o lado e pus-me de pé num salto, impulsionada pelo mesmo tipo de pânico com que recebia os bombardeios aéreos da guerra.

Arrastei-me pelo corredor frio até o quarto do bebê e encontrei Brianna, com três meses de idade, deitada de costas, gritando a plenos pulmões. Eu estava tão zozna de sono que levei algum tempo para perceber que eu a havia deixado de barriga para baixo.

— Querida! Você se virou! Sozinha!

Aterrorizada por seu ato audacioso, Brianna brandiu seus pequeninos punhos e berrou ainda mais alto, os olhos cerrados com força.

Peguei-a nos braços, dando uns tapinhas tranquilizadores em suas costas e sussurrando palavras de conforto no topo de sua cabecinha coberta de penugem ruiva.

— Ah, queridinha! Que menina inteligente você é!

— O que foi? O que aconteceu? — Frank emergiu do banheiro, enxugando a cabeça, uma segunda toalha enrolada em torno dos quadris. — Aconteceu alguma coisa com Brianna?

Aproximou-se de nós, preocupado. À medida que o nascimento se aproximava, nós dois ficamos tensos; Frank irritadiço e eu mesma aterrorizada, sem a menor ideia do que poderia acontecer conosco com a chegada do filho de Jamie Fraser. Mas quando a enfermeira pegou Brianna em seu berço e entregou-a a Frank, com as palavras “Aqui está a garotinha do papai”, seu rosto ficou lívido e, em seguida, olhando para o rostinho minúsculo, perfeito como um botão de rosa, enterneceu-se. Em uma semana, apaixonara-se por ela, de corpo e alma.

Virei-me para ele, sorrindo.

— Ela se virou no berço! Sozinha!

— É mesmo? — Seu rosto recém-barbeado iluminou-se de prazer. — Ainda não é cedo demais para ela fazer isso?

— É, sim. O dr. Spock diz que ela só conseguiria daqui a um mês, no mínimo!

— Bem, o que o dr. Spock sabe? Venha cá, princesa. Dê um beijo no papai por ser tão precoce. — Ele ergueu o corpinho macio, enrolado em seu aconchegante macacão rosa de dormir, e beijou a ponta do narizinho. Brianna espirrou e nós dois rimos.

Parei naquele momento, repentinamente ciente de que era a primeira vez que eu ria em quase um ano. Mais ainda, era a primeira vez que eu ria com Frank.

Ele também percebeu isso; seus olhos encontraram os meus por cima da cabeça de Brianna. Eram de um suave tom castanho-claro e, no momento, estavam cheios de ternura. Sorri para ele, um pouco trêmula, e agora plenamente consciente de que ele estava nu, gotas de água deslizando pelos seus ombros rijos e brilhando na pele morena e lisa de seu peito.

O cheiro de queimado atingiu-nos simultaneamente, arrancando-nos daquela cena de felicidade doméstica.

— O café!

Atirando Bree sem a menor cerimônia em meus braços, Frank partiu como um raio em direção à cozinha, deixando as duas toalhas num monte a meus pés. Sorrindo diante da visão de suas nádegas nuas, brilhando de uma maneira inadequadamente branca enquanto ele corria para a cozinha, segui-o mais devagar, segurando Bree junto ao ombro.

Ele estava parado junto à pia, nu, em meio a uma nuvem de vapor malcheiroso que se erguia da cafeteira queimada.

— Que tal um chá? — perguntei, apoiando Brianna habilmente no quadril com um dos braços, enquanto remexia no armário. — Receio que não tenha sobrado nenhum Orange Pekoe, só saquinhos de chá Lipton.

Frank fez uma careta; inglês até a alma, ele preferia beber água do vaso sanitário a tomar chá de saquinho. O Lipton fora

deixado pela sra. Grossman, a faxineira que vinha uma vez por semana, que achava que o chá feito de folhas soltas fazia sujeira e era repugnante.

— Não, tomarei uma xícara de café a caminho da universidade. Ah, por falar nisso, lembra-se de que vamos receber o decano e sua mulher para jantar esta noite? A sra. Hinchcliffe vai trazer um presente para Brianna.

— Ah, certo — disse, sem entusiasmo. Já me encontrara com os Hinchcliffes antes e não estava ansiosa para repetir a experiência. Ainda assim, era preciso fazer o esforço. Com um suspiro mental, mudei o bebê para o outro lado e tateei dentro da gaveta à cata de um lápis para fazer uma lista de compras.

Brianna começou a escarafunchar a frente do meu robe de chenile vermelho, fazendo vorazes barulhos guturais.

— Você não pode estar com fome outra vez — disse para o topo de sua cabeça. — Não faz nem duas horas que você mamou. — Mas meus seios começaram a vazar em reação aos seus movimentos e eu já estava me sentando e abrindo a frente do meu robe.

— A sra. Hinchcliffe disse que um bebê não deve ser alimentado toda vez que chora — observou Frank. — Ficam mal-acostumados se não respeitarem os horários.

Não era a primeira vez que eu ouvia a opinião da sra. Hinchcliffe sobre criação de bebês.

— Então ela vai ficar mimada, não é? — disse friamente, sem olhar para ele. A boquinha rósea agarrou-se ferozmente ao seio e Brianna começou a sugar com um apetite voraz. Eu também sabia que a sra. Hinchcliffe considerava a amamentação vulgar e pouco higiênica. Eu, que vira inúmeros bebês do século XVIII sendo alegremente amamentados no peito de suas mães, não concordava.

Frank suspirou, mas não disse mais nada. Após um instante, ele colocou o descanso do bule sobre a mesa e dirigiu-se para a porta.

— Bem — disse ele, um pouco sem jeito. — Vejo-a por volta das seis, certo? Devo trazer alguma coisa para que você não tenha que sair?

Dirigi-lhe um breve sorriso e disse:

— Não, darei um jeito.

— Ah, muito bem.

Ele hesitou por um instante enquanto eu ajeitava Bree mais confortavelmente no colo, a cabeça descansando na dobra do meu braço, a curva de sua cabeça reproduzindo a curva do meu seio. Ergui os olhos além do bebê e o vi observando-me atentamente, os olhos fixos na intumescência do meu seio exposto.

Meus próprios olhos desceram pelo seu corpo. Vi o começo de sua excitação e abaixei a cabeça sobre a criança para esconder o rubor no meu rosto.

— Até logo — murmurei, para o topo da cabeça do bebê.

Ele ficou parado por um instante, depois se inclinou para a frente e beijou-me rápido no rosto, o calor de seu corpo nu perturbadoramente perto.

— Até logo, Claire — disse ele ternamente. — Nos vemos à noite.

Ele não retornou à cozinha antes de sair, de modo que tive a oportunidade de terminar de amamentar Brianna e dar uma aparência de normalidade aos meus sentimentos.

Eu não vira Frank nu desde a minha volta; ele sempre se vestia no banheiro ou no closet. Tampouco ele tentara me beijar antes do cauteloso beijo desta manhã. A gravidez fora considerada “de alto risco” pelo obstetra e não houve sequer a hipótese de Frank compartilhar minha cama, ainda que eu estivesse disposta — o que não estava.

Eu devia ter previsto que isso iria acontecer, mas não previra. Absorvida primeiro no próprio infortúnio, depois no torpor físico da maternidade iminente, eu afastara quaisquer considerações que não dissessem respeito à minha barriga cada

vez mais volumosa. Após o nascimento de Brianna, eu vivia de uma mamada à outra, buscando breves momentos de paz e despreocupação, quando podia segurar seu corpo adormecido bem junto ao meu e encontrar alívio dos pensamentos e das lembranças no prazer puramente sensual de tocá-la e abraçá-la.

Frank também embalava a criança e brincava com ela, adormecendo em sua enorme poltrona com ela estendida sobre seu corpo longo e esbelto, o rostinho rosado pressionado contra seu peito, enquanto roncavam em uníssono, numa tranquila camaradagem. No entanto, nós dois não nos tocávamos, nem realmente conversávamos sobre nada além de nossos arranjos domésticos básicos — e Brianna.

A criança era nosso foco mútuo; um elo através do qual podíamos imediatamente alcançar um ao outro e nos mantermos fisicamente próximos. Tudo indicava que essa proximidade já não era suficiente para Frank.

Eu podia fazê-lo — fisicamente, ao menos. Eu fizera um exame completo na semana anterior e o médico — com uma piscadela e um tapinha no meu traseiro — assegurou-me que eu podia retomar as “relações” com meu marido quando quisesse.

Eu sabia que Frank não se tornara um celibatário depois do meu desaparecimento. Tinha quarenta e poucos anos, ainda era esbelto e musculoso, moreno e insinuante, um homem muito bonito. As mulheres aglomeravam-se ao seu redor nos coquetéis como abelhas em volta de um pote de mel, emitindo pequenos zumbidos de excitação.

Houve uma jovem de cabelos castanhos em particular que eu notei na festa do departamento; ela ficou parada no canto, fitando Frank melancolicamente por cima de seu drinque. Mais tarde, ficou bêbada e tornou-se chorosa e incoerente. Foi escoltada para casa por duas amigas, que se revezavam lançando olhares malignos para mim e Frank, parado a meu lado, silenciosamente volumosa em meu vestido de gravidez estampado.

Mas ele fora discreto. Sempre passava as noites em casa e tinha o cuidado de não apresentar manchas de batom no colarinho. Então, ele agora pretendia voltar para casa por completo. Suponho que tivesse algum direito a esperar por isso; não era um dever conjugal e eu não era de novo sua mulher?

Havia apenas um pequeno problema. Não era Frank quem eu desejava, na calada da noite, acordada. Não era seu corpo liso e delgado que povoava meus sonhos e me excitava, fazendo-me acordar molhada e arquejante, o coração disparado com a sensação relembrada. Mas eu jamais voltaria a tocar aquele homem outra vez.

— Jamie — murmurei. — Ah, Jamie. — Minhas lágrimas cintilaram na luz da manhã, adornando a penugem macia e ruiva de Brianna como pérolas e diamantes derramados.

Não foi um bom dia. Brianna teve uma séria assadura, o que a deixou irritada e mal-humorada, tendo que ser apanhada no colo a intervalos de poucos minutos. Ela mamava e criava confusão alternadamente, parando de vez em quando para soltar golfadas, produzindo manchas molhadas e gosmentas em tudo que eu estivesse usando. Mudei de blusa três vezes antes das onze horas.

O pesado sutiã de amamentação que eu usava atritava e irritava minha pele embaixo dos braços e meus mamilos estavam frios e rachados. Enquanto me esforçava para arrumar a casa, ouvi um resfolegar alto sob as tábuas do assoalho e depois um som agudo; em seguida, o registro de ar quente morreu com um débil suspiro.

— Não, semana que vem não dá — disse pelo telefone à loja de consertos de aquecedores. Olhei para a janela, onde a fria neblina de fevereiro ameaçava se infiltrar por baixo do parapeito e nos engolfar. — Está fazendo cinco graus e eu tenho um bebê de três meses!

O bebê em questão estava sentado em sua cadeirinha, enrolado em todos os seus cobertores, berrando como um gato

escaldado. Ignorando a tagarelice da pessoa no outro lado da linha, segurei o receptor junto à boca escancarada de Brianna por vários segundos.

— Ouviu? — perguntei, levando o telefone ao meu ouvido outra vez.

— Está bem, madame — disse uma voz resignada do outro lado. — Irei aí hoje à tarde, entre o meio-dia e as seis horas.

— Meio-dia e seis horas? Não pode ser um pouco mais preciso? Tenho que sair para ir ao mercado — protestei.

— O seu aquecedor não é o único enguiçado na cidade, madame — disse a voz com determinação, e desligou.

Olhei o relógio; onze e meia. Eu jamais conseguiria fazer as compras no mercado e estar de volta em meia hora. Ir ao mercado com uma criança pequena era mais uma expedição de noventa minutos às selvas de Bornéu, exigindo muita parafernália e excessivos gastos de energia.

Rangendo os dentes, telefonei para um mercado mais caro, mas que entregava em domicílio, pedi o que precisava para o jantar e peguei o bebê, que a essa altura já estava da cor de uma berinjala e perceptivelmente fedorento.

— Credo, querida! Você vai se sentir muito melhor se tirarmos isso, não é? — disse, tentando tranquilizá-la enquanto limpava a sujeira marrom do traseiro vermelho-rubi de Brianna. Ela arqueava as costas, tentando escapar do pano úmido e grudento, e berrava ainda mais. Uma camada de vaselina e a décima fralda limpa do dia; o caminhão do serviço de fraldas só viria amanhã e a casa cheirava a amônia.

— Está bem, benzinho, vamos, vamos. — Ergui a bebê, coloquei-a no ombro, batendo de leve para acalmá-la, mas a gritaria continuou sem cessar. Não que eu pudesse culpá-la, seu pobre traseiro estava quase em carne viva. O ideal seria deixá-la ficar numa toalha, sem fralda, mas sem aquecimento na casa, isso não era possível. Tanto ela quanto eu usávamos suéteres e pesados casacos de inverno, o que tornava as frequentes

mamadas um transtorno maior do que o habitual, descobrir um seio podia levar vários minutos enquanto o bebê gritava.

Brianna não conseguia dormir por mais de dez minutos de cada vez. Consequentemente, eu também não. Quando nós duas finalmente cochilamos às quatro horas, fomos acordadas em quinze minutos pela barulhenta chegada do técnico de aquecedor, que batia na porta com toda a força, sem se incomodar em largar a enorme chave inglesa que segurava.

Sacudindo o bebê contra o ombro com uma das mãos, comecei a preparar o jantar com a outra, ao acompanhamento de berros no meu ouvido e os sons de violência no porão.

— Não vou lhe prometer nada, madame, mas por enquanto já tem o aquecimento de volta. — O sujeito do aquecedor surgiu repentinamente, limpando uma mancha de graxa da testa enrugada. Inclinou-se para a frente para inspecionar Brianna, que estava deitada mais ou menos tranquila em meu ombro, chupando sonoramente o polegar.

— Que tal o gosto desse dedo, doçura? — perguntou ele. — Dizem que não se deve permitir que a criança chupe o dedo, sabe? — informou-me ele, endireitando-se. — Ficam dentuças e depois têm que usar aparelho.

— É mesmo? — disse entre dentes. — Quanto eu lhe devo?

Meia hora depois, o frango estava na panela, recheado e costurado, cercado de alho amassado, raminhos de alecrim e rodela de casca de limão. Uma rápida espremida de limão por cima da pele untada de manteiga e eu poderia enfiá-lo no forno, e eu e Brianna poderíamos nos aprontar. A cozinha parecia ter sido arrombada, tinha os armários abertos e a louça espalhada em todas as superfícies planas. Bati algumas portas de armários e depois a própria porta da cozinha, confiando que isso manteria a sra. Hinchcliffe longe dela, ainda que as boas maneiras não a fizessem.

Frank trouxera um vestido novo, cor-de-rosa, para Brianna usar. Era um lindo vestido, mas olhei com suspeita as camadas

de renda em volta do pescoço. Pareciam não só causar coceira, como também eram muito delicadas.

— Bem, vamos experimentar — disse para ela. — Papai vai ficar contente de vê-la arrumada. Vamos tentar não cuspir nele, está bem?

Brianna respondeu fechando os olhos, retesando o corpo e grunhindo, enquanto expelia mais fezes.

— Ah, belo trabalho! — disse, sinceramente. Significava trocar os lençóis do berço, mas ao menos não iria piorar a assadura. Uma vez limpa a sujeira e uma nova fralda posta no lugar, sacudi o vestido cor-de-rosa e parei para cuidadosamente limpar o muco do nariz e a baba do rosto antes de enfiar o vestido pela sua cabeça. Ela pestanejou para mim e gorgolejou sedutoramente, girando os punhos no ar.

Obedientemente, abaixei a cabeça e fiz “Pffft!” dentro de seu umbigo, o que a fez contorcer-se de alegria. Repetimos a brincadeira mais algumas vezes, depois começamos a difícil tarefa de entrar no vestido cor-de-rosa.

Brianna não gostou; começou a queixar-se quando enfiei o vestido por sua cabeça e, quando passei seus bracinhos gorduchos pelas mangas fofas, lançou a cabeça para trás e soltou um grito lancinante.

— O que foi? — perguntei, espantada. Eu já conhecia todos os seus choros a esta altura e em grande parte o que queria dizer com cada um deles, mas este era novo, cheio de medo e dor. — O que foi, querida?

Ela berrava furiosamente agora, as lágrimas rolando pelo rosto. Virei-a freneticamente de bruços e dei uns tapinhas em suas costas, achando que ela podia ter tido um ataque súbito de cólica, mas ela não estava dobrando-se ao meio. Debatia-se violentamente, e quando a desvirei para pegá-la no colo, vi o longo risco vermelho que corria pela delicada parte interna de seu braço agitado. Um alfinete fora deixado no vestido e arranhara seu braço quando enfiei a manga.

— Ah, neném! Ah, me desculpe! Mamãe sente muito! — As lágrimas corriam pelo meu próprio rosto quando removi com cuidado o alfinete. Aconcheguei-a no meu ombro, batendo de leve em suas costas e balbuciando palavras de consolo, tentando acalmar meus próprios sentimentos de pânico e culpa. É claro que eu não a ferira intencionalmente, mas ela não sabia disso. — Ah, querida — murmurei. — Está tudo bem agora. Sim, mamãe a ama, está tudo bem. — Por que eu não pensara em verificar se havia algum alfinete na roupa? Na verdade, que tipo de maníaco embalaria roupas de bebê com alfinetes? Dilacerada entre a fúria e a agonia, vesti Brianna na roupa, limpei seu queixo e levei-a para o quarto, onde a coloquei em minha cama de solteira enquanto apressadamente mudava de roupa, vestindo uma saia apresentável e uma blusa lavada e passada.

A campainha da porta tocou quando eu calçava as meias de seda. Havia um buraco em um dos calcanhares, mas não havia nada que eu pudesse fazer agora. Enfiei os pés nas incômodas sapatilhas de pele de crocodilo, peguei Brianna no colo e fui atender a porta.

Era Frank, carregado demais de pacotes para usar a chave. Com uma das mãos, peguei a maior parte dos seus pacotes e coloquei-os na mesa do vestíbulo.

— Está tudo pronto para o jantar, querida? Trouxe uma toalha nova com guardanapos, achei que a nossa estava um pouco surrada. E o vinho, é claro. — Ergueu a garrafa na mão, sorrindo, depois inclinou-se para me examinar e parou de sorrir. Olhou com ar de desaprovação dos meus cabelos desgrehados para a minha blusa, que acabara de ser manchada com uma nova golfada de leite.

— Nossa, Claire — disse ele. — Não podia ter se arrumado um pouco? Quero dizer, você não tem mais nada a fazer, em casa o dia todo... não podia gastar uns minutos para...

— Não — disse, com a voz alterada. Empurrei Brianna, que berrava outra vez com irritada exaustão, em seus braços. — Não

— repeti, arrancando a garrafa de vinho de sua mão, que não ofereceu resistência. — NÃO! — gritei, batendo o pé.

Girei a garrafa com um movimento amplo e ele se esquivou, mas o que eu atingi foi a maçaneta da porta. Respingos de cor púrpura de Beaujolais voaram pela pequena varanda, deixando cacos de vidro brilhando à luz da entrada.

Atirei a garrafa estilhaçada no meio das azaleias e saí correndo pela calçada, sem casaco, na neblina gélida. No fim da calçada, passei pelos assustados Hinchcliffes, que estavam chegando meia hora mais cedo, provavelmente na esperança de me flagrar em alguma falha doméstica. Esperava que aproveitassem o jantar.

Dirigi sem rumo pelo nevoeiro, o sistema de aquecimento do carro soprando ruidosamente em meus pés, até começar a ficar sem gasolina. Não voltaria para casa; ainda não. Um café aberto a noite toda? Então lembrei-me de que era noite de sexta-feira, perto da meia-noite. Havia um lugar para onde eu podia ir, afinal. Voltei para o subúrbio onde morávamos, para a igreja de St. Finbar.

A essa hora, a capela estava trancada para evitar roubos e vandalismo. Para os fiéis noturnos, havia uma tranca que funcionava com um teclado numérico, logo abaixo da maçaneta da porta. Cinco botões, numerados de um a cinco. Apertando três deles, na combinação adequada, a trava soltava-se para permitir a entrada legítima.

Caminhei silenciosamente pelos fundos da capela, até o livro de registros que ficava aos pés da imagem de são Finbar, para registrar minha presença.

— São Finbar? — dissera Frank, incrédulo. — Não existe esse santo. Não pode existir.

— Existe — disse, com uma ponta de orgulho. — Um bispo irlandês, do século XII.

— Ah, irlandês — disse Frank com desprezo. — Isso explica. Mas o que não consigo entender — disse ele, com cuidado para

ser diplomático — é, hã, bem... por quê?

— Por que o quê?

— Por que entrar nesse negócio de Adoração Perpétua? Você nunca foi nem um pouco devota, não mais do que eu. E você não vai à missa nem nada; o padre Beggs me pergunta toda semana onde você está.

Sacudi a cabeça.

— Não sei realmente por quê, Frank. É algo... que eu preciso fazer. — Olhei para ele, incapaz de explicar adequadamente. — É que lá... é tranquilo — disse finalmente.

Ele abriu a boca como se fosse dizer mais alguma coisa, depois se virou, sacudindo a cabeça.

Era realmente tranquilo. O estacionamento da igreja estava deserto, a não ser por um único carro, do adorador de plantão, brilhando anonimamente em preto sob os postes de luz. No interior, assinei meu nome no livro de registros e caminhei para a frente, tossindo educadamente para avisar o adorador da minha presença, sem a indelicadeza do discurso direto. Ajoelhei-me atrás dele, um homem corpulento com um casaco impermeável amarelo. Após alguns instantes, ele se levantou, fez uma genuflexão diante do altar, virou-se e dirigiu-se para a porta, cumprimentando-me com um breve sinal da cabeça ao passar por mim.

A porta fechou-se com um som sibilante e eu fiquei sozinha, exceto pelo Sacramento exibido no altar, no majestoso ostensório de ouro na figura do sol e seus raios. Havia duas velas no altar, grandes. Lisas e brancas, queimavam firmemente no ar parado, sem tremeluzir. Fechei os olhos por um instante, apenas ouvindo o silêncio.

Tudo que acontecera durante o dia girou em minha mente num redemoinho de pensamentos e sentimentos desarticulados. Sem casaco, eu tremia de frio da curta caminhada para atravessar o estacionamento, mas aos poucos aqueci-me outra vez e minhas mãos, até então tensas, relaxaram-se no meu colo.

Finalmente, como sempre acontecia quando eu estava ali, parei de pensar. Se era a parada do tempo na presença da eternidade ou apenas o triunfo de uma extenuante fadiga, eu não sabia. Mas a culpa em relação a Frank abrandou-se, o dilacerante sentimento de pesar por Jamie arrefeceu e até mesmo as constantes exigências da maternidade sobre minhas emoções recuaram ao nível de um sussurro, mais baixo do que as batidas do meu próprio coração, regular e reconfortante na paz escura da capela.

— Ah, Senhor — murmurei —, confio à Sua misericórdia a alma de Seu servo James. — E a minha, acrescentei silenciosamente. E a minha.

Permaneci sentada ali sem me mover, observando o brilho trêmulo das chamas das velas na superfície dourada do ostensório, até ouvir o suave som dos passos do adorador seguinte atrás de mim, terminando no pesado rangido da genuflexão. Eles vinham a cada hora, dia e noite. O Sagrado Sacramento nunca era deixado sozinho.

Fiquei mais alguns minutos, depois saí discretamente do banco, com meu próprio sinal da cabeça em direção ao altar. Quando caminhava rumo aos fundos da capela, vi uma figura na fileira de trás, sob a sombra da imagem de Santo Antônio. Ela se moveu quando me aproximei. Em seguida, o homem levantou-se e veio ao meu encontro na nave.

— O que está fazendo aqui? — perguntei num sussurro.

Frank balançou a cabeça na direção da figura do novo adorador, já se ajoelhando em contemplação, e segurou meu cotovelo para me conduzir para fora.

Esperei até a porta da capela fechar-se atrás de nós e então libertei-me de sua mão e girei nos calcanhares para confrontá-lo.

— O que é isso? — perguntei com raiva. — Por que veio atrás de mim?

— Estava preocupado com você. — Fez um gesto na direção

do estacionamento vazio, onde seu grande Buick aninhava-se protetoramente ao lado do meu pequeno Ford. — É perigoso, uma mulher sozinha andando por aí tarde da noite nesta parte da cidade. Vim para levá-la para casa. Só isso.

Não mencionou os Hinchcliffes nem o jantar. Meu aborrecimento diminuiu um pouco.

— Ah — exclamei. — O que fez com Brianna?

— Pedi à vizinha, a sra. Munsing, para ficar atenta para o caso de ela chorar. Mas ela parecia dormir profundamente; não tive outra opção. Vamos embora, está frio aqui fora.

Estava; o ar gélido que vinha da baía enroscava-se em anéis brancos em torno dos postes de luz e eu estremeci em minha blusa fina.

— Encontro-o em casa, então — disse.

O calor do quarto de bebê envolveu-me quando entrei para ver Brianna. Ela ainda dormia, mas debatia-se num sono agitado, virando a cabecinha ruiva de um lado para o outro, a boca pequenina abrindo-se e fechando-se como a respiração de um peixe.

— Ela está ficando com fome — sussurrei para Frank, que entrara atrás de mim e pairava acima do meu ombro, espreitando amorosamente a bebê. — É melhor alimentá-la antes de ir me deitar; assim, ela dormirá até mais tarde de manhã.

— Vou trazer uma bebida quente para você — disse ele, desaparecendo pela porta em direção à cozinha enquanto eu pegava no colo a trouxinha quente e sonolenta.

Ela esvaziara apenas um dos seios, mas já estava satisfeita. A boca frouxa foi largando o mamilo devagar, cingida de leite, e a cabecinha ruiva deixou-se afundar pesadamente em meu braço. Nenhuma sacudida delicada ou palavra sussurrada foi capaz de acordá-la para mamar no outro lado. Por fim, desisti e ajeitei-a de novo no berço, batendo de leve em suas costas até que um arroto fraco e satisfeito ergueu-se do travesseiro, seguido da respiração pesada da saciedade absoluta.

— Pronta para passar a noite, não? — Frank puxou o cobertor do bebê, decorado com coelhos amarelos, cobrindo-a.

— Sim. — Recostei-me em minha cadeira de balanço, demasiado cansada física e mentalmente para me levantar outra vez. Frank aproximou-se por trás de mim; pousou a mão de leve sobre meu ombro.

— Ele está morto, então? — perguntou ele delicadamente.

Eu já lhe disse, comecei a dizer. Depois, parei, fechei a boca e apenas assenti com um movimento da cabeça, balançando a cadeira de leve, fitando o berço escuro e seu minúsculo ocupante.

Meu seio direito ainda estava doloridamente inchado de leite. Por mais cansada que eu estivesse, não poderia dormir enquanto não cuidasse disso. Com um suspiro de resignação, peguei a bombinha de sucção, um dispositivo de borracha desajeitado e ridículo. Usá-lo era inconveniente e desconfortável, mas era melhor do que acordar dentro de uma hora com uma dor explosiva, encharcada de leite.

Sacudi a mão para Frank, mandando-o embora.

— Pode ir. Só vou levar uns minutos, mas tenho que...

Em vez de sair ou responder, ele tomou a bombinha da minha mão e colocou-a sobre a mesa. Como se tivesse vontade própria, sem obedecer a ele, sua mão ergueu-se lentamente pelo ar escuro e quente do quarto e envolveu delicadamente a curva inchada do meu seio.

Sua cabeça inclinou-se e seus lábios fecharam-se suavemente sobre meu mamilo. Gemi, sentindo a dolorida ferroada do leite correndo pelos minúsculos canais. Coloquei a mão em sua nuca e pressionei-o ligeiramente contra mim.

— Com mais força — murmurei. Sua boca era macia, suave em sua pressão, em nada semelhante à voracidade implacável das gengivas duras e desdentadas do bebê, que se agarram com sofreguidão, ansiosas e exigentes, liberando a fonte generosa imediatamente, em resposta à sua avidez.

Frank ajoelhou-se diante de mim, a boca suplicante. Seria assim que Deus se sentia, imaginei, vendo os adoradores diante Dele — Ele, também, se encheria de ternura e compaixão? A névoa de fadiga me fazia sentir como se tudo acontecesse em câmara lenta, como se estivéssemos submersos em água. As mãos de Frank moviam-se devagar como plantas marinhas, oscilando nas correntes, movendo-se pelo meu corpo com um toque tão suave como o roçar de algas, erguendo-me com a força de uma onda e deitando-me na praia do tapete do quarto. Fechei os olhos e deixei que a maré me levasse.

A porta da frente da residência paroquial abriu-se com um rangido de dobradiças enferrujadas, anunciando o retorno de Brianna Randall. Roger levantou-se imediatamente e dirigiu-se ao vestíbulo, atraído por vozes femininas.

— Meio quilo da melhor manteiga, foi o que você mandou pedir, e foi o que fiz, mas fiquei imaginando se existiria manteiga de segunda, ou manteiga péssima... — Brianna entregava pacotes a Fiona, rindo e falando ao mesmo tempo.

— Bem, se você comprar na loja daquele velho patife Wicklow, é bem provável que seja péssima, independentemente do que ele diga — interrompeu Fiona. — Ah, e você comprou canela, ótimo! Vou fazer pãezinhos de canela, então; quer ver como eu os preparo?

— Sim, mas primeiro quero jantar. Estou faminta! — Brianna ficou na ponta dos pés, cheirando o ar esperançosamente na direção da cozinha. — O que vamos comer... aquele prato escocês de miúdos de carneiro, haggis?

— Haggis! Santa Mãe de Deus, Sassenach tola! Não se come haggis na primavera! Só no outono, quando os carneiros são abatidos.

— Eu sou uma Sassenach? — Brianna pareceu encantada com o termo.

— Claro que é, boba. Mas gosto de você assim mesmo.

Fiona ergueu o rosto risonho para Brianna, que ultrapassava a pequena jovem escocesa em quase trinta centímetros. Fiona tinha dezenove anos, era graciosa e ligeiramente rechonchuda; a seu lado, Brianna parecia uma escultura medieval, severa e de ossos largos. Com seu nariz longo e reto, e os

cabelos compridos brilhando em vermelho e dourado sob a claraboia no teto do vestibulo, parecia saída de uma obra de iluminura, suficientemente vívida para durar mil anos sem se alterar.

Roger percebeu repentinamente a presença de Claire Randall junto a seu cotovelo. Ela fitava sua filha, com uma expressão onde se misturavam amor, orgulho e mais alguma coisa — lembrança, talvez? Compreendeu, com um leve choque, que Jamie Fraser, também, devia ter tido não só uma altura impressionante e os cabelos ruivos de um viking herdados por sua filha, mas provavelmente a mesma marcante presença física.

Era de fato notável, pensou ele. Ela não dizia nem fazia nada fora do comum, mas ainda assim Brianna inegavelmente chamava a atenção das pessoas. Ela possuía um fascínio, quase magnético, que atraía todo mundo para o brilho ao seu redor.

Atraiu-o; Brianna virou-se e sorriu para ele, e sem perceber que havia se deslocado, viu-se perto dela o suficiente para notar as sardas bem claras no alto das maçãs do rosto e sentir o leve sopro de tabaco de cachimbo que permaneceu em seus cabelos de suas andanças pelas lojas.

— Olá — disse ele, sorrindo. — Teve alguma sorte com o escritório dos clãs ou esteve ocupada demais bancando a faz-tudo de Fiona?

— Faz-tudo? — Brianna achou graça, os olhos puxados e azuis arregalando-se. — Faz-tudo? Primeiro, sou uma Sassenach, e agora uma faz-tudo. De que vocês escoceses chamam as pessoas quando estão querendo ser gentis?

— Querrrrrida — disse ele, rolando o erre exageradamente e fazendo as duas jovens rirem.

— Você soa como um terrier escocês de mau humor — Claire observou. — Encontrou alguma coisa na biblioteca dos clãs das Terras Altas, Bree?

— Um monte de coisas — respondeu Brianna, remexendo na pilha de fotocópias que colocara na mesa do vestibulo. — Consegui ler quase tudo enquanto tiravam as cópias... este aqui foi o mais interessante. — Puxou uma folha de papel da pilha e entregou-a a Roger.

Era um trecho de um livro sobre lendas das Terras Altas. Um dos títulos era “Salto do Barril”.

— Lendas? — disse Claire, espreitando por cima do ombro de Roger. É

isso mesmo que queremos?

— Talvez. — Roger examinava a folha e falou absortamente, a atenção dividida. — No que diz respeito às Terras Altas escocesas, a maior parte da história é oral até meados do século XIX, mais ou menos. Isso significa que não havia muita distinção entre histórias sobre pessoas reais, figuras históricas e personagens míticas, como fantasmas, monstros aquáticos e as façanhas do Povo Antigo. Os estudiosos que registravam as histórias em geral não sabiam ao certo com o que estavam lidando. Às vezes, era uma mistura de mito e realidade, outras vezes era possível saber que se tratava de um fato histórico real. Este aqui, por exemplo — ele passou a folha para Claire —, parece real. Descreve a história que originou o nome de uma determinada formação rochosa em particular, nas Terras Altas.

Claire ajeitou os cabelos atrás da orelha e baixou a cabeça para ler, estreitando os olhos na luz turva que entrava pela claraboia. Fiona, acostumada demais a papéis velhos e maçantes fragmentos históricos para se interessar, desapareceu de volta à sua cozinha para servir o jantar.

— *Salto do Barril* — leu Claire. — *Esta formação inusitada, localizada a alguma distância acima de um riacho, recebeu esse nome a partir da história de um senhor feudal jacobita e seu criado. O chefe de um clã, um dos poucos afortunados a escapar ao massacre de Culloden, conseguiu com muita dificuldade chegar à sua casa, mas foi obrigado a ficar escondido em uma caverna em suas terras por quase sete anos, enquanto os ingleses vasculhavam as Terras Altas à caça dos fugitivos partidários de Charles Stuart. Os arrendatários desse senhor de terras lealmente mantiveram sua presença em segredo e levavam comida e suprimentos ao chefe em seu esconderijo. Tinham o cuidado de sempre se referirem a ele como “Dunbonnet”, a fim de evitar qualquer possibilidade de revelar sua presença às patrulhas inglesas que com frequência cruzavam a região.*

“Certo dia, um garoto que levava um pequeno barril de cerveja pela trilha acima até a caverna do chefe do clã deparou-se com um grupo de soldados ingleses da Companhia dos Dragões. Corajosamente recusando-se a responder às perguntas dos soldados ou entregar seu fardo, o garoto foi atacado por um dos dragões e deixou cair o barril, que rolou pela íngreme colina abaixo, até o córrego lá embaixo.”

Ela levantou os olhos do papel, erguendo as sobrancelhas para sua filha.

— Por que esta? Nós sabemos... ou achamos que sabemos — corrigiu ela, com um irônico sinal da cabeça em direção a Roger — que Jamie escapou de Culloden, mas muitas outras pessoas também escaparam. Por que você acha que este senhor de terras poderia ter sido Jamie?

— Por causa da história do Dunbonnet, é claro — respondeu Brianna, como se estivesse surpresa por ela estar perguntando.

— O quê? — Roger olhou para ela, intrigado. — O que tem o Dunbonnet?

Em resposta, Brianna pegou uma mecha de seus espessos cabelos ruivos e sacudiu-a debaixo do nariz de Roger.

— Dunbonnet! — disse ela com impaciência. — Significa um gorro marrom comum, certo? Ele usava um gorro o tempo todo, porque possuía cabelos que chamavam a atenção e podiam ser reconhecidos! Vocês não disseram que os ingleses o chamavam de “Jamie, o Ruivo”? Eles sabiam que seus cabelos eram ruivos. Ele tinha que escondê-los!

Roger fitou-a, temporariamente mudo. Os cabelos de Brianna caíam, soltos sobre os ombros, brilhando como a luz das chamas.

— Você pode ter razão — disse Claire. A empolgação tornou seus olhos brilhantes ao olhar para a filha. — Eram como os seus, os cabelos de Jamie eram iguais aos seus, Bree. — Estendeu a mão e acariciou delicadamente os cabelos de Brianna. O rosto da jovem enterneceu-se ao olhar para a mãe.

— Eu sei — disse ela. — Eu estava pensando nisso enquanto lia... tentando imaginá-lo, sabe? — Parou e limpou a garganta, como se algo a estivesse engasgando. — Pude vê-lo, na charneca, escondendo-se, e o sol refletindo em seus cabelos. Você disse que ele havia sido um fora da lei; só... só pensei que ele devia saber muito bem... como se esconder. Se estavam querendo matá-lo — concluiu suavemente.

— Certo — disse Roger vivamente, para dissipar a sombra nos olhos de Brianna. — Foi um belo trabalho de dedução, mas talvez possamos ter certeza com um pouco mais de investigação. Se pudermos encontrar o “Salto do Barril” no mapa...

— Que espécie de idiota você acha que eu sou? — disse Brianna desdenhosamente. — Já pensei nisso. — A tristeza desapareceu, substituída

por uma expressão presunçosa. — Foi por isso que demorei tanto; fiz o funcionário trazer todos os mapas das Terras Altas que possuíam. — Apanhou outra fotocópia da pilha e bateu o dedo triunfalmente perto da margem superior. — Estão vendo? É tão pequeno que não aparece na maioria dos mapas, mas neste aparece. Aqui está a vila de Broch Mordha, que mamãe diz que fica próxima de Lallybroch, e ali... — Seu dedo moveu-se alguns milímetros, apontando para uma linha de impressão microscópica. — Estão vendo? — repetiu ela. — Ele voltou para sua propriedade, Lallybroch, e escondeu-se lá.

— Não tendo uma lupa à mão, vou aceitar sua palavra de que ali está escrito “Salto do Barril” — disse Roger, aprumando-se. Exibiu um largo sorriso para Brianna. — Parabéns, então. Acho que você o encontrou... até aqui, pelo menos.

Brianna sorriu, os olhos desconfiados e brilhantes.

— Sim — disse ela suavemente. Tocou as duas folhas de papel delicadamente com o dedo. — Meu pai.

Claire apertou a mão da filha.

— Se você tem os cabelos de seu pai, é bom ver que tem a inteligência de sua mãe — disse ela, sorrindo. — Vamos comemorar sua descoberta com o jantar de Fiona.

— Excelente trabalho — disse Roger a Brianna, enquanto seguiam Claire em direção à sala de jantar. Sua mão descansou de leve em sua cintura. — Devia ficar orgulhosa de si mesma.

— Obrigada — disse ela, com um breve sorriso, mas a expressão pensativa retornou quase imediatamente à curva de sua boca.

— O que foi? — perguntou Roger delicadamente, parando no corredor. — Aconteceu alguma coisa?

— Não, na verdade, não. — Ela virou-se para encará-lo, uma pequena ruga visível entre as sobrancelhas ruivas. — É só que... eu estava pensando, tentando imaginar... como você acha que foi para ele? Viver numa caverna por sete anos? E o que aconteceu a ele depois?

Movido por um impulso, Roger inclinou-se para a frente e beijou-a de leve entre as sobrancelhas.

— Não sei, querida — disse ele. — Mas talvez a gente possa descobrir.

PARTE II

Lallybroch



4

DUNBONNET

Ele descia até a casa uma vez por mês para se barbear, quando um dos garotos vinha lhe dizer que era seguro. Sempre à noite, movendo-se silenciosamente como uma raposa pela escuridão. Parecia necessário, de certa forma, um pequeno gesto em favor do conceito de civilização.

Ele deslizava como uma sombra pela porta da cozinha, era recebido pelo sorriso de Ian ou o beijo de sua irmã e sentia a transformação começar. A bacia de água quente estaria preparada e a navalha recém-afiada à sua espera em cima da mesa, com o que houvesse de sabão para se barbear. De vez em quando, era sabonete de verdade, se o primo Jared tivesse mandado algum da França; mas em geral era apenas sebo transformado em sabão rústico, que fazia os olhos arderem com a solução alcalina desinfetante.

Ele podia sentir o começo da transformação com o primeiro cheiro da cozinha — tão forte e aromático, após os cheiros, diluídos pelo vento, de lago, charneca e floresta —, mas era somente depois de terminar o ritual da barba que ele se sentia completamente humano outra vez.

Haviam aprendido a não esperar que ele falasse enquanto não terminasse de se barbear; as palavras brotavam com dificuldade, após um mês de solidão. Não que ele não tivesse nada a dizer; era apenas que as palavras dentro dele formavam uma obstrução em sua garganta, digladiando-se para sair no curto tempo de que ele dispunha. Ele precisava daqueles poucos minutos de meticulosos cuidados pessoais para separar e escolher o que iria dizer primeiro e para quem.

Havia notícias para ouvir e sobre as quais indagar — de patrulhas inglesas na região, de política, de prisões e julgamentos em Londres e Edimburgo. Essas podiam esperar. Era melhor conversar com Ian sobre as terras, com Jenny sobre as crianças. Se lhes parecesse seguro, as crianças eram trazidas de seus quartos para cumprimentar o tio, para lhe dar abraços sonolentos e beijos molhados antes de saírem cambaleando de volta para suas

camas.

— Logo ele se tornará um homem — fora sua primeira escolha de conversa quando veio em setembro, com um sinal de cabeça na direção do filho mais velho de Jenny, seu xará. O menino de dez anos sentava-se à mesa com certo constrangimento, extremamente consciente da dignidade de sua posição temporária como homem da casa.

— Sim, tudo que eu preciso é de outra criatura com quem me preocupar — retrucou sua irmã com sarcasmo, mas tocou o ombro do filho ao passar, com um orgulho que contradizia suas palavras.

— Teve notícias de Ian? — Seu cunhado fora detido, pela quarta vez, havia três semanas, e levado para Inverness sob suspeita de ser um simpatizante jacobita.

Jenny sacudiu a cabeça, trazendo uma travessa tampada e colocando-a diante dele. O cheiro quente e penetrante da torta de perdiz desprendeuse da crosta perfurada e fez sua boca aguar de tal forma que teve que engolir a saliva antes de falar.

— Não há com que se preocupar — disse Jenny, servindo a torta em seu prato. Sua voz era calma, mas a pequena ruga entre as sobrancelhas aprofundou-se. — Enviei Fergus para mostrar-lhes o documento de transferência de propriedade e a dispensa de Ian de seu regimento. Eles vão mandá-lo de volta para casa outra vez, assim que virem que ele não é o senhor de Lallybroch e que nada ganharão infernizando-o. — Com um olhar para o filho, estendeu o braço e pegou a jarra de cerveja. — Não têm a menor chance de provar que um menino pequeno seja um traidor.

Sua voz era sarcástica e amarga, mas revelava um tom de satisfação à ideia da perplexidade do tribunal inglês. O documento respingado de chuva que provava a transferência da propriedade de Lallybroch de James para seu sobrinho, o pequeno James, já fora apresentado à corte antes, a cada vez frustrando a tentativa da Coroa de confiscar as terras como a propriedade de um jacobita traidor.

Ele começava a senti-la se eclipsar quando ia embora — aquela fina camada de verniz de humanidade —, desaparecendo cada vez mais a cada passo com que se afastava da casa. Às vezes, ele mantinha a ilusão de calor humano e familiar durante todo o caminho até a caverna onde se escondia;

outras, ela desaparecia quase instantaneamente, arrancada por um vento frio, fétido e penetrante com o cheiro de queimado.

Os ingleses haviam queimado três sítios, do outro lado da encosta. Arrancaram Hugh Kirby e Geoff Murray de seus lares e os executaram junto à própria soleira de suas portas, sem nenhuma pergunta ou palavra de acusação formal. O jovem Joe Fraser conseguira escapar, avisado por sua mulher, que vira os ingleses se aproximando, e viveu três semanas com Jamie na caverna, até que os soldados estivessem bem longe da região — e Ian com eles.

Em outubro, foi com os garotos mais velhos que ele falou; Fergus, o menino francês que resgatara de um bordel em Paris, e Rabbie MacNab, o filho da cozinheira e melhor amigo de Fergus.

Ele deslizou a navalha devagar por uma das faces e em torno do ângulo do maxilar, depois limpou a lâmina afiada na borda da bacia. Pelo canto de um dos olhos, percebeu um leve vislumbre de fascinada inveja no rosto de Rabbie MacNab. Virando-se ligeiramente, viu que os três garotos — Rabbie, Fergus e o Jovem Jamie — observavam-no intensamente, a boca ligeiramente aberta.

— Nunca viram um homem se barbear antes? — perguntou ele, arqueando uma das sobrancelhas.

Rabbie e Fergus entreolharam-se, mas deixaram a cargo do Jovem Jamie, como dono honorário da propriedade, responder.

— Ah, bem... sim, tio — disse ele, ruborizando-se. — Mas... que-quero dizer... — gaguejou um pouco e ficou ainda mais vermelho —, já que meu pai não está aqui, e mesmo quando ele está em casa, não o vemos se barbear sempre. E depois, você tem tanto pelo no rosto, tio, depois de um mês inteiro, e também estamos tão contentes de vê-lo outra vez, e...

Jamie percebeu de repente que, para os garotos, ele devia parecer uma figura muito romântica. Morando sozinho em uma caverna, saindo no escuro para caçar, surgindo de dentro da neblina à noite, imundo e desgrehado, a barba crescida, ruiva e selvagem — sim, na idade deles, era provável que ser um fora da lei e viver escondido na charneca, numa caverna acanhada e úmida, parecesse uma glamourosa aventura. Aos quinze, aos dezesseis e aos

dez anos, não tinham nenhuma noção de culpa ou de amarga solidão, do peso de uma responsabilidade que não podia ser aliviado pela ação.

Deviam compreender o medo, de certa forma. Medo de ser capturado, medo da morte. Não o medo da solidão, de sua própria natureza, medo da loucura. Não o medo constante, crônico, do que sua presença poderia lhes causar — se chegavam a pensar nesse risco, o descartavam, com a descontraída presunção de imortalidade que era própria de rapazes.

— Bem, sim — disse ele, voltando-se novamente para o espelho, enquanto o Jovem Jamie parava seu discurso gaguejado. — O homem nasceu para a tristeza e os pelos do rosto. Uma das pragas de Adão.

— De Adão? — Fergus mostrou-se francamente estarecido, enquanto os outros tentavam fingir que sabiam do que Jamie estava falando. Quanto a Fergus, entretanto, sendo francês, não se esperava que soubesse tudo.

— Ah, sim. — Jamie esticou o lábio superior sobre os dentes e raspou cuidadosamente o bigode sob o nariz. — No começo, quando Deus fez o homem, o queixo de Adão era tão liso quanto o de Eva. E os corpos de ambos eram macios como o de um recém-nascido — acrescentou ele, vendo os olhos do Jovem Jamie moverem-se rápido para a virilha de Rabbie. Rabbie ainda era imberbe, mas a leve penugem escura sobre o lábio superior indicava novos pelos surgindo em outros lugares. — Mas quando o anjo com a espada de fogo os expulsou do Éden, tão logo eles atravessaram o portão do jardim, os pelos começaram a crescer e coçar no queixo de Adão e, desde então, os homens foram amaldiçoados com a barba. — Terminou de barbear o próprio queixo com um floreio e inclinou-se de forma teatral para a sua plateia.

— Mas e os outros pelos? — Rabbie quis saber. — Você não raspa lá? — O Jovem Jamie deu uma risadinha diante da ideia, ficando vermelho outra vez.

— Ainda bem que não — observou seu xará mais velho. — Iria precisar de mãos muito firmes. Mas não seria necessário um espelho — acrescentou, para um coro de risadinhas estridentes.

— E as mulheres? — perguntou Fergus. Sua voz alquebrou-se na palavra “mulheres”, num coaxar de sapo-boi que fez os outros dois rirem mais alto. — Certamente *les filles* têm pelos lá também, mas não raspam... geralmente não, eu acho — acrescentou, obviamente pensando em algumas das visões de

sua infância no bordel.

Jamie ouviu os passos de sua irmã no corredor.

— Ah, bem, isso não é uma maldição — disse ele à sua plateia extasiada, pegando a bacia e arremessando o conteúdo com cuidado pela janela aberta. — Isso foi um presente de Deus para consolo dos homens. Se algum dia tiverem o privilégio de ver uma mulher nua, cavalheiros — continuou, olhando por cima do ombro em direção à porta e abaixando a voz em tom confidencial —, observarão que os pelos lá crescem na forma de uma seta, apontando o caminho, sabe, para que um pobre homem ignorante possa encontrar o rumo de casa em segurança.

Afastou-se pomposamente dos risinhos e gargalhadas atrás dele, para se sentir de repente envergonhado ao ver a irmã, descendo o corredor com o passo lento e gingado da gravidez adiantada. Segurava a bandeja com seu jantar em cima do ventre proeminente. Como podia ter zombado dela daquela forma por causa de um gracejo grosseiro e de um momento de camaradagem com os meninos?

— Quietos! — disse ele rispidamente aos garotos, que logo pararam com as risadas e fitaram-no espantados. Ele adiantou-se rápido para pegar a bandeja de Jenny e colocá-la sobre a mesa.

Era uma iguaria feita de carne de cabrito e bacon e ele viu o proeminente pomo de adão de Fergus subir e descer na garganta com o aroma do prato. Ele sabia que guardavam o melhor da comida para ele; bastava ver os rostinhos macilentos do outro lado da mesa. Quando ele vinha, trazia toda caça que pudesse encontrar: coelhos e galinhas-do-mato capturados em armadilhas, às vezes um ninho de ovos de tarambolas — mas nunca era suficiente em uma casa onde a hospitalidade devia estender-se às necessidades não só da família e dos criados, mas às famílias de Kirby e Murray, executados na porta de suas casas pelos ingleses. Ao menos, até a primavera, as viúvas e filhos de seus rendeiros deviam ser amparados e ele tinha que fazer o melhor possível para alimentá-los.

— Sente-se aqui a meu lado — disse ele a Jenny, segurando seu braço e delicadamente conduzindo-a para seu lado no banco. Ela pareceu surpresa, tinha o hábito de servi-lo quando ele vinha, mas sentou-se com prazer. Era tarde da noite e ela estava cansada; ele podia ver as olheiras sob seus olhos.

Com grande firmeza, cortou uma grossa fatia da torta e colocou o prato diante dela.

— Mas é tudo para você! — protestou Jenny. — Eu já comi.

— Não comeu o suficiente — disse ele. — Precisa de mais, para o bebê — acrescentou, inspirado. Se não comesse por si própria, o faria pela criança. Ela hesitou mais algum tempo, mas depois sorriu, pegou a colher e começou a comer.

Agora era novembro e o frio penetrava pela camisa fina e pelas calças que ele vestia. Ele mal notava, absorto em sua caça. Estava nublado, mas com uma fina camada de céu azul-esverdeado através da qual a lua cheia lançava uma forte claridade.

Ainda bem que não chovia; era impossível ouvir através do tamborilar das gotas de chuva e o cheiro pungente de plantas molhadas mascarava o cheiro dos animais. Seu faro tornara-se quase dolorosamente apurado através dos longos meses de vida ao ar livre; os cheiros domésticos às vezes quase o derrubavam quando ele entrava em casa.

Ele não estava suficientemente perto para sentir o cheiro almiscarado do veado, mas ouviu o sussurro revelador de seu breve sobressalto quando este sentiu seu cheiro. Agora, ele devia estar paralisado, uma das sombras que ondulavam pela encosta da colina ao seu redor, sob as nuvens fugidias.

Virou-se o mais devagar possível na direção do lugar onde seus ouvidos apontavam. Segurava o arco na mão, uma flecha pronta para o cordame do arco. Ele teria apenas uma única chance — talvez — quando o veado saltasse, disparando em fuga.

Sim, lá estava ele! Seu coração saltou até a boca quando ele viu a galhada, projetando-se pontiaguda e negra acima das tojeiras ao redor. Aprumou-se, respirou fundo e deu um único passo para a frente.

O barulho do salto de fuga de um veado era sempre assustadoramente alto, para amedrontar e desestimular o caçador. Mas este caçador estava preparado. Ele nem se assustou, nem perseguiu o animal, mas permaneceu firmemente onde estava, mirando, seguindo com o olho o trajeto do salto do veado, avaliando o melhor momento, retendo o disparo e, em seguida, a corda do arco bateu em seu pulso com uma aguilhoada.

Foi um disparo limpo, logo atrás do ombro, e isso era uma vantagem;

duvidava que tivesse forças para perseguir um veado adulto. Ele caiu num lugar plano, atrás de uma touceira de tojo, as pernas para cima, rígidas como varas, na maneira estranhamente indefesa com que os animais de casco morriam. A lua de caçador iluminava seu olho que aos poucos se vitrificava, de modo que o olhar escuro e suave ocultava-se, o mistério da morte encoberto por um prateado vazio.

Ele retirou a adaga da cintura e ajoelhou-se ao lado do animal, apressadamente recitando a prece da estripação da caça. O velho John Murray, pai de Ian, a ensinara a ele. A boca de seu próprio pai torcera-se ligeiramente, ao ouvi-la, do que ele deduziu que esta prece talvez não fosse endereçada ao mesmo deus ao qual se dirigiam na igreja aos domingos. Mas seu pai não dissera nada e ele próprio murmurara as palavras, mal percebendo o que dizia, na empolgação e nervosismo de sentir a mão do velho John, firme sobre a sua, pela primeira vez pressionando para baixo a lâmina da faca no couro peludo e na carne quente.

Agora, com a confiança da prática, ele apoiou o focinho pegajoso com uma das mãos e com a outra cortou a garganta do veado.

O sangue jorrou, quente, pela faca e pela mão, em dois ou três jatos, que se enfraqueceram e passaram a um fluxo contínuo, enquanto a carcaça se exauria, os grandes vasos sanguíneos da garganta talhados. Se ele tivesse parado para pensar, talvez não tivesse feito o que fez, mas a fome e a tontura, assim como a intoxicação do ar frio e fresco da noite haviam-no transportado para muito além do pensamento. Colocou as mãos em concha sob o fluxo e levou o líquido quente à boca.

A lua lançou um brilho turvo sobre suas mãos transbordantes e foi como se ele absorvesse a essência do veado, em vez de bebê-la. O gosto do sangue era salgado e metálico, e o calor era o seu próprio. Não houve nenhum choque de temperatura enquanto sorvia, apenas o gosto, luxuriante em sua boca, o inebriante cheiro de metal incandescente e a repentina contração, seguida de um ronco em sua barriga, diante da expectativa de comida.

Fechou os olhos e respirou fundo. O ar úmido e frio voltou, entre o odor quente da carcaça e seus sentidos. Engoliu uma vez, passou as costas da mão pelo rosto, limpou as mãos no capim e iniciou o trabalho que tinha pela frente.

Primeiro, o esforço brusco de mover a carcaça flácida e pesada. Depois, a retirada das vísceras, o longo golpe de força e delicadeza que cortava o couro, mas não perfurava as entranhas. Enfiou as mãos dentro da carcaça, uma intimidade úmida e quente, e novamente ouviu-se o barulho surdo do puxão ao retirar as vísceras para fora, escorregadias e brilhantes em suas mãos, sob o luar. Um talho em cima e outro embaixo, e a massa deslizou, livre, a metamorfose mágica que transformava um veado em alimento.

Era um veado pequeno, embora tivesse a galhada pontiaguda. Com sorte, poderia carregá-lo sozinho, em vez de deixá-lo à mercê de raposas e texugos até poder trazer ajuda para removê-lo dali. Enfiou o ombro sob uma das pernas do animal e levantou-se devagar, grunhindo com o esforço enquanto mudava o peso para uma posição firme e sólida em suas costas.

A luz lançava sua sombra em uma rocha, corcunda e fantasmagórica, enquanto ele prosseguia lenta e desajeitadamente pelo declive. A galhada do veado balançava acima de seu ombro, dando à sua silhueta a aparência de um homem com chifres. Estremeceu ligeiramente diante da ideia, lembrando-se das histórias das festas das bruxas, quando o Chifrudo aparecia para beber o sangue do sacrifício de bodes ou galos.

Sentia-se um pouco enjoado e mais do que um pouco zozinho. Cada vez mais, sentia a desorientação, sua fragmentação entre o dia e a noite. Durante o dia, era uma criatura apenas do pensamento, fugindo de sua úmida imobilidade por um recolhimento disciplinado e obstinado para as avenidas do pensamento e da meditação, buscando refúgio nas páginas de livros. Mas com o nascer da lua, toda a razão desaparecia, sucumbindo imediatamente à sensação, quando ele emergia no ar puro e fresco como uma besta saída de sua toca, para correr pelas colinas escuras sob as estrelas e caçar, movido pela fome, bêbado de sangue e luar.

Fitava o solo enquanto caminhava, a visão noturna aguçada o suficiente para evitar que tropeçasse, apesar do fardo pesado. O veado estava lasso e cada vez mais frio, as cerdas macias roçavam em sua nuca e seu próprio suor esfriava na brisa, como se ele compartilhasse a sorte da caça.

Somente quando as luzes da mansão Lallybroch surgiram no campo de visão é que ele finalmente sentiu o manto da condição humana cair sobre ele. O corpo e a mente uniram-se outra vez, enquanto ele se preparava para

reencontrar sua família.

5

UMA CRIANÇA DE PRESENTE

Três semanas mais tarde, ainda não tinha notícias da volta de Ian. Na verdade, nenhuma notícia de qualquer espécie. Fergus não vinha à caverna havia vários dias, deixando Jamie aflito de preocupação sobre o que estaria acontecendo na casa. Além do mais, o veado que ele abatera já devia ter acabado havia muito tempo, com todas as bocas extras para alimentar, e devia haver bem pouca couve no canteiro nesta época do ano.

Estava suficientemente preocupado para arriscar uma visita cedo, verificando suas armadilhas e descendo das colinas pouco antes do pôr do sol. Por precaução, teve o cuidado de colocar o gorro de lã, tricotado com um fio castanho rústico, que escondia seus cabelos de qualquer reflexo revelador dos últimos raios solares. Só o seu tamanho já poderia despertar suspeita, mas não certeza, e ele tinha plena confiança na força de suas pernas para levá-lo para longe do perigo, caso tivesse a má sorte de encontrar uma patrulha inglesa. Lebres nas urzes não eram páreo para Jamie Fraser, uma vez avisado.

A casa estava estranhamente silenciosa quando ele se aproximou. Não se via a algazarra de costume das crianças: os cinco de Jenny e os seis dos rendeiros, sem contar Fergus e Rabbie MacNab, que não se sentiam grandes demais para perseguirem um ao outro pelos estábulos, berrando como demônios.

A casa parecia estranhamente vazia ao seu redor, quando entrou e parou junto à porta da cozinha. Ficou ali na entrada, a despensa de um lado, a copa do outro e a cozinha principal em frente. Permaneceu imóvel, todos os sentidos aguçados, ouvindo enquanto sentia os cheiros dominantes da casa. Não, havia alguém ali; o leve som arrastado, seguido de um tinido baixo e regular vinha de trás da porta acolchoada de pano, que impedia que o calor da cozinha vazasse para a fria despensa.

Era um som doméstico reconfortante, então empurrou a porta cautelosamente, mas sem um temor exagerado. Sua irmã, Jenny, sozinha e com o corpo enorme do final de gravidez, estava de pé junto à mesa,

mexendo alguma coisa numa tigela amarela.

— O que está fazendo aqui? Onde está a sra. Coker?

Sua irmã largou a colher com um grito de espanto.

— Jamie! — Pálida, apertou a mão contra o peito e fechou os olhos. — Santo Deus! Você quase me matou de susto. — Abriu os olhos, azul-escuros como os dele, e fitou-o com um olhar penetrante. — E o que em nome de Nossa Senhora você está fazendo aqui? Não o esperava antes de uma semana, no mínimo.

— Fergus não tem subido a colina ultimamente, fiquei preocupado — disse ele simplesmente.

— Você é um amor, Jamie.

A cor voltava ao seu rosto. Sorriu para o irmão e aproximou-se para abraçá-lo. Era um esforço desengonçado, com o bebê no caminho, mas agradável, ainda assim. Ele recostou a face sobre seus cabelos escuros e sedosos por um instante, inalando seu aroma complexo de cera de vela e canela, sebo de sabão e lã. Havia um elemento fora do comum em seu cheiro esta noite; ele achou que ela estava começando a cheirar a leite.

— Onde estão todos? — perguntou ele, soltando-a com relutância.

— Bem, a sra. Coker morreu — respondeu ela, a ruga entre suas sobrancelhas aprofundando-se.

— É mesmo? — disse ele à meia-voz, benzendo-se. — Sinto muito. — A sra. Coker fora primeiro empregada e depois governanta da família, desde o casamento de seus próprios pais, havia mais de quarenta anos. — Quando?

— Ontem de manhã. Já era esperado, pobre alma, e foi tranquila. Morreu em sua própria cama, como queria, e com o padre McMurtry rezando à sua cabeceira.

Jamie olhou pensativamente para a porta que levava aos aposentos dos empregados, depois da cozinha.

— Ela ainda está aqui?

Sua irmã sacudiu a cabeça.

— Não. Eu disse ao filho dela que podiam fazer o velório aqui em casa, mas os Coker acharam que, as coisas estando do jeito que estão... — seu beicinho abrangendo a ausência de Ian, guardas ingleses à espreita, colonos refugiados, escassez de comida e a sua própria presença inconveniente na

caverna —, seria melhor fazer em Broch Mordha, na casa da irmã dela. Então é para lá que todos foram. Eu disse a eles que não me sentia bem para ir — acrescentou ela, depois sorriu, erguendo uma sobrancelha travessa. — Mas, na verdade, o que eu queria era algumas horas de paz e silêncio, com todo mundo fora.

— E então eu chego, interrompendo a sua paz — disse Jamie com tristeza. — Quer que eu vá embora?

— Não, idiota — disse sua irmã afavelmente. — Sente-se e eu continuarei a preparar o jantar.

— O que temos para comer, então? — perguntou ele, sentindo o cheiro da comida, o ar cheio de esperança.

— Depende do que você trouxe — respondeu sua irmã. Caminhava pesadamente pela cozinha, tirando louça do armário e da arca, parando para mexer a enorme caçarola suspensa acima do fogo, de onde se erguia um fino vapor. — Se trouxe carne, é o que comeremos. Se não, será caldo de aveia e mocotó.

Ele fez uma careta; a ideia dos últimos remanescentes da carcaça salgada de boi que haviam comprado dois meses antes não o atraía.

— Então, ainda bem que tive sorte — disse ele. Virou sua bolsa de caça e deixou os três coelhos caírem sobre a mesa numa pilha flácida de pelos cinza e orelhas amassadas. — E frutos de abrunheiro — acrescentou, despejando o conteúdo do gorro, agora manchado por dentro com o espesso suco vermelho.

Os olhos de Jenny brilharam.

— Torta de coelho — declarou ela. — Não temos groselhas, mas as frutas silvestres servirão melhor ainda. Graças a Deus temos bastante manteiga. — Vendo um ligeiro movimento entre o pelo cinza, ela deu um tapa na mesa, destruindo com precisão o minúsculo intruso. — Leve-os para fora e limpe-os, Jamie, ou a cozinha vai ficar infestada de pulgas.

Retornando com as carcaças limpas e sem pele, ele encontrou a massa da torta bem adiantada e Jenny com manchas de farinha no vestido.

— Corte-os em tiras e quebre os ossos para mim, sim, Jamie? — disse ela, franzindo a testa para um livro de receitas, aberto sobre a mesa, ao lado da forma de torta.

— Você sabe fazer uma torta de coelho sem ter que olhar no livro de

receitas, não é? — disse ele, obedientemente pegando o grande martelo de madeira para quebrar ossos de cima da arca, onde ficava guardado. Riu ao segurá-lo, sentindo o peso do martelo. Era muito semelhante ao que quebrara sua mão direita havia vários anos, numa prisão inglesa, e ele teve uma lembrança repentina e vívida dos ossos estilhaçados em uma torta de coelho, fragmentados e rachados, vazando sangue salgado e tutano doce dentro da carne.

— Sim, eu sei — respondeu a irmã distraidamente, folheando as páginas. — É que, quando não se tem metade dos ingredientes necessários para fazer um prato, às vezes há alguma outra coisa que eu descubro e que pode substituir. — Franziu a testa para a página à sua frente. — Normalmente, eu usaria clarete no molho, mas não temos nenhum em casa, a não ser os barris de Jared no porão, e eu não quero abrir nenhum ainda... podemos precisar deles.

Não era preciso que ela lhe dissesse como poderiam precisar usá-los. Um barril de clarete podia “acelerar” a libertação de Ian — ou pelo menos pagar por notícias sobre seu estado. Ele lançou um olhar furtivo para a barriga grande e protuberante de Jenny. Não era um homem quem deveria dizer, mas para seus olhos experientes, a hora do parto parecia estar bem próxima. Distraidamente, estendeu a mão para a caçarola e passou a lâmina de sua adaga de um lado para o outro no líquido escaldante; em seguida, tirou-a e enxugou-a.

— Por que você fez isso, Jamie? — virou-se e viu Jenny fitando-o. Os cachos pretos soltavam-se da fita e ele sentiu uma pontada ao ver o reflexo de um único cabelo branco em meio ao ébano.

— Ah — disse ele, obviamente sem pensar, enquanto pegava uma das carcaças —, Claire... ela me disse que era preciso lavar uma faca em água fervente antes de usá-la em alimentos.

Ele pressentiu, mais do que viu, as sobrancelhas de Jenny arquearem-se. Ela lhe perguntara sobre Claire uma única vez, quando ele voltara de Culloden, semiconsciente e quase morto de febre.

“Ela se foi”, dissera ele na época, virando o rosto. “Não pronuncie o nome dela para mim outra vez.” Leal como era, Jenny não o fizera, nem ele. Não sabia dizer o que o fizera pronunciar seu nome hoje; a menos, talvez,

que fossem os sonhos.

Tinha-os com frequência, de diversas formas, e isso sempre o deixava perturbado no dia seguinte, como se por um instante Claire estivesse realmente ao alcance de sua mão e depois tivesse sido tragada para longe outra vez. Podia jurar que, às vezes, acordava com o cheiro dela em sua pele, almiscarado e luxuriante, entremeado com os aromas pungentes, refrescantes, de folhas e ervas. Liberara seu sêmen durante o sono mais de uma vez enquanto sonhava, uma ocorrência que o deixava ligeiramente envergonhado e confuso. Para distrair Jenny e a si mesmo, fez um sinal com a cabeça indicando a barriga de Jenny.

— Para quando vai ser? — perguntou ele, franzindo a testa para seu ventre volumoso. — Está parecendo um daqueles cogumelos inflados... um toque e puuuf! — Abriu os dedos, para ilustrar.

— Ah, é? Bem, eu até que gostaria que fosse assim tão fácil. — Arqueou as costas, esfregando as cadeiras e fazendo a barriga projetar-se para a frente de um modo alarmante. Ele espremeu-se contra a parede para dar-lhe espaço. — Quando? A qualquer momento, espero. Não sei ao certo. — Pegou a xícara e mediu a farinha; no saco, restava apenas um pouco da preciosa farinha, ele notou com amargura.

— Mande me avisar na caverna quando começar — disse ele de repente. — Eu descerei, com ou sem casacos vermelhos.

Jenny parou de mexer e fitou-o.

— Você? Por quê?

— Bem, Ian não está aqui — ressaltou ele, pegando uma das carcaças sem pele. Com a experiência de longa prática, separou uma coxa com precisão e cortou-a da espinha dorsal. Três batidas rápidas com o martelo de madeira e a carne clara ficou achatada e pronta para a torta.

— E ele seria de muita ajuda se estivesse aqui — disse Jenny. — Ele cuidou de sua parte nove meses atrás. — Franziu o nariz para seu irmão e pegou a travessa de manteiga.

— Mmmhummm. — Ele sentou-se para continuar seu trabalho, o que levou a barriga de Jenny quase ao nível de seus olhos. O conteúdo, acordado e ativo, remexia-se de um lado para o outro sem parar, fazendo seu avental torcer-se e empinar-se conforme ela se mexia. Ele não pôde resistir a colocar

a mão de leve contra a curva monstruosa, para sentir os empurrões e chutes surpreendentemente fortes do habitante, impaciente em seu acanhado confinamento. — Mande Fergus me avisar quando chegar a hora — disse ele outra vez. Ela olhou-o exasperada e afastou sua mão com a colher.

— Eu já não disse que não preciso de você? Pelo amor de Deus, como se eu já não tivesse o suficiente com que me preocupar, com a casa cheia de gente e quase nenhuma comida para alimentá-los, Ian numa cela em Inverness e os casacos vermelhos espreitando pelas janelas sempre que olho ao redor? Ainda vou ter que me preocupar que você seja preso também?

— Não precisa se preocupar comigo. Tomarei cuidado. — Não olhou para ela, mas focalizou sua atenção na junta que cortava.

— Bem, então, tenha cuidado e fique quieto lá na colina. — Ela olhou para baixo, espreitando-o por cima da borda da tigela. — Já tive seis filhos, certo? Acha que não sei lidar com isso a essa altura?

— Não tem conversa com você, não é? — disse ele.

— Não — respondeu ela prontamente. — Portanto, você fica lá.

— Eu virei.

Jenny estreitou os olhos e lançou-lhe um olhar longo e penetrante.

— Acho que você é o sujeito mais estúpido e teimoso daqui a Aberdeen, não?

Um sorriso espraçou-se pelo rosto de seu irmão quando ergueu os olhos para ela.

— Talvez sim — disse ele. Estendeu o braço e deu umas pancadinhas de leve em sua barriga arfante. — E talvez não. Mas eu virei. Mande Fergus me avisar quando chegar a hora.

Foi quase ao alvorecer, três dias mais tarde, que Fergus subiu a colina, arquejando, errando a trilha no escuro e fazendo tanto barulho pelas moitas de tojo que Jamie ouviu-o aproximar-se muito antes de ele chegar à entrada da caverna.

— Milorde... — começou ele, sem fôlego, quando emergiu no topo da trilha, mas Jamie já passava pelo garoto, colocando o manto em torno dos ombros enquanto corria em direção à casa. — Mas, milorde... — Ouviu a voz de Fergus atrás dele, arfante e assustada. — Milorde, os soldados...

— Soldados? — Ele parou bruscamente e virou-se, esperando impacientemente que o garoto francês descesse a encosta. — Que soldados? — perguntou, enquanto Fergus deslizava os últimos metros até ele.

— Dragões ingleses, milorde. Milady me mandou para avisá-lo. Não deve sair da caverna de modo algum. Um dos homens viu os soldados ontem, acampados perto de Dunmaglas.

— Droga.

— Sim, milorde. — Fergus sentou-se numa pedra e abanou-se, o peito franzino subindo e descendo, conforme ele tentava recuperar o fôlego.

Jamie hesitou, indeciso. Todos os seus instintos diziam-lhe para não voltar para a caverna. Seu sangue estava esquentado pela onda de adrenalina causada pelo surgimento de Fergus e rebelava-se contra a ideia de docemente se enfiar de volta no esconderijo, como um inseto buscando refúgio embaixo de sua pedra.

— Mmmhummm — disse ele.

Olhou para Fergus. A luz da aurora começava a delinear a figura mirrada do menino contra a escuridão das tojeiras, mas seu rosto ainda era uma mancha pálida, marcada por um par de manchas mais escuras onde estavam os olhos. Uma certa suspeita avolumava-se em Jamie. Por que sua irmã enviara Fergus numa hora tão estranha?

Se tivesse sido necessário avisá-lo com urgência sobre os dragões, teria sido mais seguro mandar o menino durante a noite. Se a questão não era urgente, por que não esperar até a noite seguinte? A resposta era óbvia — porque Jenny achou que talvez não pudesse lhe mandar o recado na noite seguinte.

— Como está minha irmã? — perguntou ele a Fergus.

— Ah, bem, milorde, muito bem! — O tom vigoroso de sua afirmação confirmou todas as suspeitas de Jamie.

— Ela está dando à luz, não está? — insistiu ele.

— Não, milorde! Absolutamente, não!

Jamie estendeu o braço para baixo e agarrou o ombro de Fergus. Os ossos do menino pareceram pequenos e frágeis sob seus dedos, fazendo-o lembrar-se desconfortavelmente dos coelhos que ele quebrara para Jenny. Mesmo assim, apertou com mais força. Fergus contorceu-se, tentando livrar-se.

— Conte-me a verdade, garoto — disse Jamie.

— Não, milorde! É verdade!

A mão apertou inexoravelmente.

— Ela lhe disse para não me contar?

A proibição de Jenny devia ter sido enfática, porque Fergus respondeu à pergunta com evidente alívio.

— Sim, milorde!

— Ah. — Relaxou o aperto da mão no ombro de Fergus e o menino pôs-se de pé num salto, agora falando sem parar enquanto esfregava o ombro esquelético.

— Ela disse que eu não devia contar-lhe nada, exceto a respeito dos soldados, milorde, porque se eu contasse, ela iria cortar minhas partes e cozinhá-las como nabos e salsicha!

Jamie não conteve um sorriso diante dessa ameaça.

— Podemos estar com falta de comida — assegurou a seu protegido —, mas não tanto assim. — Perscrutou o horizonte, onde uma linha cor-de-rosa fina surgia, nítida e vívida, por trás da silhueta dos pinheiros negros. — Vamos, então; já será pleno dia dentro de meia hora.

Não havia nenhum vestígio de silêncio pela casa neste alvorecer. Qualquer pessoa notaria que as coisas não estavam como de costume em Lallybroch; o caldeirão de ferver roupas estava preparado sobre sua base no terreiro, com o fogo apagado embaixo, cheio de água fria e roupas fervidas. Roucos lamentos vindos do celeiro — como se alguém estivesse sendo estrangulado — indicavam que a única vaca que restava precisava ser ordenhada com urgência. Uns balidos irritados do barracão das cabras informaram-no que as habitantes também gostariam de um pouco de atenção semelhante.

Quando entrou no quintal, três galinhas passaram por ele num cacarejar de penas alvoroçadas, com Jehu, o terrier rateiro, logo atrás. Com um movimento rápido, ele saltou para a frente e chutou o cachorro, pegando-o bem embaixo das costelas. Ele voou no ar com uma expressão de intensa surpresa e, em seguida, com um ganido, recompôs-se e partiu em disparada.

Ele encontrou as crianças, os garotos mais velhos, Mary MacNab e a outra criada, Sukie, todos amontoados na sala de visitas, sob o olhar atento da

sra. Kirby, uma viúva austera e rígida, que lia a Bíblia em voz alta.

— *E Adão não se deixou enganar, mas a mulher, sendo enganada, caiu em tentação* — leu a sra. Kirby.

Ouviram-se um berro alto e longo, do andar de cima, parecendo interminável. A sra. Kirby parou por um instante, para permitir que todos o avaliassem, antes de retomar sua leitura. Seus olhos, cinza-claros e úmidos como ostras cruas, piscaram na direção do teto, depois repousaram com satisfação na fileira de rostos tensos à sua frente.

— *Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com humildade na fé, na caridade e na santificação* — continuou a sra. Kirby. Kitty eclodiu em soluços histéricos e enterrou a cabeça no ombro da irmã. Maggie Ellen estava ficando esbaforida e vermelha sob as sardas, enquanto seu irmão mais velho ficara mortalmente pálido com o grito.

— Sra. Kirby — disse Jamie. — Fique em silêncio, por favor.

As palavras foram bastante educadas, mas a expressão em seus olhos deve ter sido a mesma que Jehu vira imediatamente antes de seu voo impulsionado pela bota de Jamie, porque a sra. Kirby soltou a respiração com uma arfada e deixou cair a Bíblia, que aterrissou no chão com um baque de folhas de papel.

Jamie inclinou-se e pegou-a, depois exibiu os dentes para a sra. Kirby. A expressão evidentemente não foi bem-sucedida como um sorriso, mas ainda assim teve algum efeito. A sra. Kirby ficou muito pálida e colocou a mão em seu vasto peito.

— Talvez a senhora deva ir para a cozinha e fazer alguma coisa — disse ele, com um movimento brusco da cabeça, o que fez Sukie, a criada, escapular rapidamente como uma folha soprada pelo vento. Com muito mais dignidade, mas nenhuma hesitação, a sra. Kirby levantou-se e seguiu-a.

Animado com essa pequena vitória, Jamie livrou-se dos demais ocupantes da sala sem demora, enviando a viúva Murray e suas filhas para fora, para lidar com o caldeirão de lavar roupas, e as crianças menores para pegar as galinhas sob a supervisão de Mary MacNab. Os garotos mais velhos partiram, obviamente aliviados, para cuidar dos animais.

Com a sala finalmente vazia, ele parou por um instante, sem saber o que fazer em seguida. Sentia obscuramente que devia permanecer na casa, de

guarda, embora tivesse plena noção que não poderia — como Jenny dissera — fazer nada para ajudar, não importa o que acontecesse. Havia uma mula desconhecida amarrada no pátio de entrada; provavelmente, a parteira estava no andar de cima com Jenny.

Sem conseguir ficar sentado, andava nervosamente de um lado para o outro da sala, a Bíblia na mão, tocando em tudo. A estante de livros de Jenny, surrada e marcada pela última invasão dos casacos vermelhos, há três meses. O grande prato ornamental de prata, com divisões para frutas e doces, utilizado como centro de mesa. Estava levemente denteado, mas fora pesado demais para caber na mochila dos soldados e, assim, escapara do roubo de objetos menores. Não que os ingleses tivessem levado muita coisa; os poucos itens realmente de valor, bem como o pequeno estoque de ouro que lhes restava, estavam escondidos em segurança no porão, junto com o vinho de Jared.

Ouvindo um gemido prolongado vindo lá de cima, abaixou o olhar involuntariamente para a Bíblia em sua mão. Mesmo sem o desejar, ainda assim deixou o livro abrir-se, exibindo a página da frente, onde os casamentos, nascimentos e mortes da família eram registrados.

As entradas começavam com o casamento de seus pais. Brian Fraser e Ellen MacKenzie. Os nomes e a data estavam escritos na caligrafia redonda e elegante de sua mãe, com uma breve anotação embaixo, nos garranchos mais escuros e mais firmes de seu pai. *Casados por amor*, dizia a inscrição — uma observação intencional, tendo em vista que a entrada seguinte indicava o nascimento de Willie, que ocorrera apenas dois meses depois da data do casamento.

Jamie sorriu, como sempre o fazia, à vista das palavras, e ergueu os olhos para o quadro onde ele próprio estava retratado, com dois anos de idade, ao lado de Willie e Bran, o enorme cão de caça. Tudo que restara de Willie, que morrera de varíola aos onze anos. A pintura tinha um corte na tela — obra de uma baioneta, imaginava, descarregando a frustração do dono.

— E se você não tivesse morrido — disse ele para o quadro num sussurro —, o que teria acontecido?

Realmente, o que teria acontecido? Ao fechar o livro, seus olhos recaíram sobre a última entrada — *Caitlin Maisri Murray, nascida em 3 de dezembro*

de 1749, morta em 3 de dezembro de 1749. Sim. Se os casacos vermelhos não tivessem vindo em 2 de dezembro, Jenny teria dado à luz prematuramente? Se tivessem tido comida suficiente, de modo que ela, como todos os demais, não passasse de pele e osso e o volume da barriga, teria sido diferente?

— Não há como saber, não é? — disse para o quadro. A mão de Willie na pintura descansava em seu ombro; sempre se sentira seguro com Willie de pé às suas costas.

Outro grito veio de cima e um espasmo de medo fez suas mãos agarrarem o livro.

— Reze por nós, irmão — sussurrou ele, e fazendo o sinal da cruz, colocou a Bíblia sobre a mesa e saiu para o celeiro para ajudar com os animais.

Havia pouco a fazer ali; Rabbie e Fergus eram mais do que capazes de cuidar dos poucos animais que restavam, e o Jovem Jamie, com dez anos, já era grande o suficiente para dar uma ajuda substancial. Olhando à sua volta, à procura de algo para fazer, Jamie juntou uma braçada de feno espalhado e desceu o barranco, levando-a para a mula da parteira. Quando o feno acabasse, a vaca teria que ser abatida; ao contrário das cabras, ela não conseguia forragem suficiente nas colinas durante o inverno para se sustentar, mesmo com o capim e as ervas daninhas que as crianças catavam e traziam. Com sorte, a carcaça salgada duraria até a primavera.

Quando voltou ao celeiro, Fergus ergueu os olhos de seu ancinho de esterco.

— Ela é uma parteira adequada, de boa reputação? — perguntou Fergus. Lançou o queixo para a frente agressivamente. — Certamente madame não devia ser entregue aos cuidados de uma camponesa!

— Como posso saber? — disse Jamie, com impaciência. — Acha que fui eu quem a contratou?

A sra. Martin, a velha parteira que havia feito o parto de todos os filhos dos Murray anteriores, morrera durante a fome, como tantas outras pessoas, no ano seguinte a Culloden. A sra. Innes, a nova parteira, era muito mais jovem, esperava que ela tivesse experiência suficiente para saber o que estava fazendo.

Rabbie também parecia inclinado a participar da discussão. Franziu a testa com um ar soturno para Fergus.

— Sim, e o que quer dizer com “camponesa”? Você também é um camponês, ou ainda não percebeu?

Fergus olhou para Rabbie com alguma dignidade, apesar do fato de que, para isso, tivesse que inclinar a cabeça um pouco para trás, sendo muitos centímetros mais baixo do que seu amigo.

— Se eu sou ou não um camponês, não vem ao caso — disse ele com arrogância. — Não sou uma parteira, sou?

— Não, você é um filho da mãe! — Rabbie deu um forte empurrão em seu amigo e, com uma súbita exclamação de surpresa, Fergus caiu de costas, aterrissando pesadamente no chão do estábulo. Com a rapidez de um raio, pôs-se de pé. Lançou-se sobre Rabbie, sentado na borda da manjedoura, rindo, mas a mão de Jamie segurou-o pela gola e puxou-o para trás.

— Vamos parar com isso — disse seu patrão. — Não vou deixar que estraguem o pouco de feno que resta. — Colocou Fergus de pé outra vez e, para distraí-lo, perguntou: — E, aliás, o que você sabe de parteiras?

— Muita coisa, milorde. — Fergus bateu a poeira das roupas com gestos elegantes. — Muitas das mulheres na casa de madame Elise vieram à luz enquanto eu estava lá...

— Acredito que sim — interrompeu Jamie secamente. — Você quis dizer “deram à luz”?

— Deram à luz, sem dúvida. Ora, eu mesmo nasci lá! — O menino francês estufou o peito franzino, pomposamente.

— De fato. — A boca de Jamie torceu-se ligeiramente. — Bem, e imagino que você fez observações cuidadosas na ocasião, a ponto de poder dizer como essas questões devem ser resolvidas?

Fergus ignorou o tom de sarcasmo.

— Ora, claro — disse ele, de modo prático —, a parteira certamente deve ter posto uma faca embaixo da cama, para cortar a dor.

— Não tenho tanta certeza se ela fez isso — murmurou Rabbie. — Ao menos, não parece. — A maior parte dos gritos era inaudível no celeiro, mas nem todos.

— E um ovo deve ser abençoado com água benta e colocado no pé da

cama, para que a mulher expulse a criança facilmente — continuou Fergus, sem dar ouvidos. Franziu o cenho. — Eu mesmo dei um ovo à mulher, mas ela não parecia saber o que fazer com ele. E eu o guardei este mês todo especialmente para a ocasião — disse, queixosamente —, já que as galinhas quase já não botam ovo. Eu queria ter certeza de ter um quando fosse necessário.

E abandonando as dúvidas no entusiasmo de sua aula, continuou:

— A parteira deve fazer um chá com a placenta e dá-lo para a mulher beber, para que ela tenha bastante leite.

Rabbie fez uma careta de nojo.

— Do que foi expelido no parto, você quer dizer? — perguntou ele, incrédulo. — Santo Deus!

Jamie também se sentiu um pouco enjoado diante dessa exibição de modernos conhecimentos médicos.

— Sim, bem — disse ele a Rabbie, procurando mostrar desenvoltura —, eles também comem rãs, sabe. E caracóis. Suponho que a placenta não seja tão esquisita, afinal de contas.

Particularmente, perguntava-se se eles logo não estariam todos comendo rãs e caracóis, mas achou que devia guardar essa especulação para si próprio.

Rabbie fingiu que vomitava.

— Nossa, quem gostaria de ser francês?

Fergus, ao lado de Rabbie, girou nos calcanhares e desfechou o punho cerrado em Rabbie com a rapidez de um raio. Fergus era pequeno e franzino para sua idade, mas ainda assim era forte e tinha uma mira mortal para os pontos fracos de um homem, conhecimento adquirido dos seus tempos de batedor de carteiras nas ruas de Paris. O soco atingiu Rabbie de modo certo na boca do estômago, e ele dobrou-se ao meio com o som de uma bexiga de porco estourada.

— Fale com respeito de seus superiores, por favor — disse Fergus com arrogância.

O rosto de Rabbie adquiriu vários tons de vermelho e sua boca abriu-se e fechou-se como a de um peixe, enquanto tentava recuperar o fôlego. Seus olhos arregalaram-se numa expressão de grande surpresa e ele pareceu tão ridículo que Jamie teve que esforçar-se para não rir, apesar de sua

preocupação com Jenny e sua irritação com a briga dos garotos.

— Fiquem longe um do outro, moleques — começou a dizer, quando foi interrompido por um grito do Jovem Jamie, que até então se mantivera calado, fascinado com a conversa.

— O que foi? — Jamie girou nos calcanhares, a mão dirigindo-se automaticamente para a pistola que carregava sempre que deixava a caverna, mas não havia, como ele temera, uma patrulha inglesa no terreiro do estábulo. — O que aconteceu?

Em seguida, olhando na direção apontada pelo Jovem Jamie, ele os viu. Três pontinhos negros sobrevoando o amontoado marrom dos pés de batata mortos no campo.

— Corvos — disse ele devagar, sentindo os cabelos da nuca se eriçarem. Esses pássaros de guerras e matadouros virem a uma casa durante um nascimento eram a pior espécie de mau agouro. Uma das malditas aves estava na realidade pousando no telhado quando ele olhou.

Sem pensar duas vezes, tirou a pistola da cintura e apoiou o cano sobre o braço, mirando com todo o cuidado. Era um longo tiro, da porta do estábulo à viga da cumeeira, e ainda mirando para cima. Mesmo assim...

A pistola deu um tranco em sua mão e o abutre explodiu numa nuvem de penas pretas. Seus dois companheiros saltaram no ar como se tivessem sido impulsionados pela explosão e bateram em retirada freneticamente, seus gritos roucos desaparecendo rápido no ar de inverno.

— *Mon Dieu!* — exclamou Fergus. — *C'est bien, ça!*

— Sim, belo tiro, senhor. — Rabbie, ainda vermelho e com falta de ar, recuperara-se a tempo de ver o tiro. A seguir, fez um sinal com a cabeça, apontando o queixo para a casa. — Veja, senhor, aquela não é a parteira?

Era. A sra. Innes enfiou a cabeça pela janela do segundo andar, os cabelos louros voando, soltos, enquanto ela se inclinava para fora para espiar o terreiro embaixo. Talvez tivesse sido atraída pelo barulho do tiro, temendo algum problema. Jamie saiu para o pátio e acenou para a janela, a fim de tranquilizá-la.

— Está tudo bem — gritou ele. — Só um acidente. — Não quis mencionar os corvos, com receio de que a parteira fosse contar a Jenny.

— Suba! — gritou ela, ignorando suas explicações. — A criança nasceu e

sua irmã quer vê-lo!

Jenny abriu um dos olhos, azul e ligeiramente puxado como os seus próprios.

— Então, você veio, hein?

— Achei que alguém devia estar aqui... ainda que apenas para rezar por você — disse ele, asperamente.

Jenny fechou o olho e um leve sorriso desenhou-se em seus lábios. Ela se parecia muito, pensou ele, com uma pintura que ele vira na França — antiga, de um pintor italiano, mas uma boa pintura, ainda assim.

— Você é um tolo, e eu fico feliz por isso — disse ela suavemente. Abriu os olhos e seu olho se concentrou no pequeno embrulho que segurava na curva do braço.

— Quer vê-lo?

— Ah, é um menino, hein? — Com mãos experientes de anos de sobrinhos, ele ergueu a pequenina trouxa e aconchegou-a junto a si, afastando a ponta do cobertor que encobria o rosto do bebê.

Os olhos estavam fechados com força, as pestanas escondidas nas curvas profundas das pálpebras. As próprias pálpebras destacavam-se num ângulo agudo acima das maçãs do rosto lisas e rosadas, indicando que ele deveria — ao menos, nessa característica reconhecível — parecer-se com sua mãe.

A cabeça era estranhamente torta, com uma aparência enviesada que fez Jamie pensar desconfortavelmente em um melão afundado com um soco, mas a boquinha polpuda estava relaxada e tranquila, o lábio inferior rosado e úmido, tremendo ligeiramente com o ronco que acompanha a exaustão de nascer.

— Foi difícil, não? — disse ele, falando com a criança, mas foi a mãe quem respondeu:

— Sim, foi — disse Jenny. — Tem uísque no armário. Podia me servir um pouco? — Sua voz estava rouca e ela teve que limpar a garganta antes de terminar o pedido.

— Uísque? Você não deveria estar tomando cerveja misturada com ovos? — perguntou ele, reprimindo com alguma dificuldade a visão mental da sugestão de Fergus do alimento adequado para mães que acabaram de dar à luz.

— Uísque — disse sua irmã categoricamente. — Quando você estava deitado lá embaixo, imobilizado, com a perna quase o matando, eu lhe dava cerveja com ovos?

— Você me dava coisas bem piores do que isso — disse seu irmão, com um sorriso —, mas tem razão, você também me deu uísque. — Colocou a criança adormecida cuidadosamente sobre a colcha e virou-se para pegar o uísque. — Ele já tem nome? — perguntou, indicando o bebê com um movimento da cabeça, enquanto servia uma dose generosa do líquido âmbar.

— Vou chamá-lo de Ian, como o pai. — A mão de Jenny pousou delicadamente por um instante sobre a cabecinha redonda, coberta com uma leve penugem castanho-dourada. Uma pulsação era visível na moleira no alto da cabeça; parecia terrivelmente frágil a Jamie, mas a parteira havia lhe garantido que o bebê era um garoto robusto e saudável, e ele achava que podia acreditar nela. Movido por um impulso obscuro de proteger aquele ponto macio perigosamente exposto, pegou a criança no colo outra vez, puxando o cobertor novamente sobre sua cabeça.

— Mary MacNab falou-me de você e da sra. Kirby — observou Jenny, bebericando seu uísque. — Uma pena que eu não tenha presenciado... ela disse que a pobre vassoura velha quase engoliu a língua quando você falou com ela.

Jamie devolveu o sorriso, batendo de leve nas costas do bebê apoiado em seu ombro. Profundamente adormecido, o corpinho jazia inerte como um presunto sem osso, um peso macio e reconfortante.

— Pena que não tenha engolido. Como pode suportar essa mulher vivendo na mesma casa com você? Eu a estrangularia se estivesse aqui todos os dias.

Sua irmã fez um muxoxo e fechou os olhos, inclinando a cabeça para trás para deixar o uísque deslizar pela garganta.

— Ah, as pessoas só incomodam se você deixar; não deixo que ela me incomode, não muito. Mesmo assim — acrescentou ela, abrindo os olhos —, não posso dizer que vou ficar triste em me livrar dela. Pretendo despachá-la para o velho Kettrick, em Broch Mordha. A mulher e a filha dele morreram no ano passado e ele vai precisar de alguém para cuidar dele.

— Sim, mas se eu fosse Samuel Kettrick, ficaria com a viúva Murray —

observou Jamie —, não com a viúva Kirby.

— Peggy Murray já está encaminhada — assegurou-lhe a irmã. — Vai se casar com Duncan Gibbons na primavera.

— Duncan trabalhou rápido — disse ele, um pouco surpreso. Então uma ideia lhe ocorreu, e ele riu para Jenny. — Alguma das duas já sabe disso?

— Não — disse ela, devolvendo o sorriso. Em seguida, o sorriso desapareceu num olhar especulativo. — A menos que você esteja pensando em Peggy para si próprio, está?

— Eu?

Jamie ficou surpreso, como se ela tivesse sugerido de repente que ele estivesse pensando em se jogar da janela do segundo andar.

— Ela tem apenas 25 anos — continuou Jenny. — Bastante jovem para mais filhos, e é uma boa mãe.

— Quanto você tomou deste uísque? — Seu irmão inclinou-se para a frente e fingiu examinar o nível do conteúdo da garrafa, envolvendo a cabecinha da criança com uma das mãos para que não balançasse. Endireitou-se e lançou um olhar levemente exasperado para a irmã. — Estou vivendo como um animal numa caverna e você quer que eu me case?

Sentiu repentinamente um enorme vazio interior. Para impedir que ela visse como a sugestão o transtornara, levantou-se e começou a andar para cima e para baixo no quarto, cantarolando baixinho para a trouxinha em seus braços.

— Quanto tempo faz que você se deitou com uma mulher, Jamie? — perguntou a irmã em tom casual atrás dele. Chocado, ele girou nos calcanhares para encará-la.

— Isso é pergunta que se faça a um homem?

— Você não dormiu com nenhuma das jovens solteiras entre Lallybroch e Broch Mordha — continuou ela, sem prestar nenhuma atenção. — Eu saberia. Nenhuma das viúvas, tampouco, não é? — Parou delicadamente.

— Sabe muito bem que não — disse ele sucintamente. Podia sentir seu rosto queimando de constrangimento.

— Por que não? — perguntou a irmã diretamente.

— Por que não? — Olhou-a fixamente, a boca um pouco aberta. — Perdeu a cabeça? O que acha, que eu sou o tipo de homem que iria

sorratoriamente de casa em casa, dormindo com qualquer mulher que não me expulsasse com um cinturão na mão?

— Como se elas fossem recusá-lo. Não, você é um bom homem, Jamie. — Jenny sorriu, melancolicamente. — Não se aproveitaria de nenhuma mulher. Você se casaria primeiro, não é?

— Não! — disse ele violentamente. O bebê contorceu-se e fez um ruído sonolento, e ele automaticamente o transferiu para o outro ombro, batendo de leve em suas costas enquanto fitava a irmã com raiva. — Não pretendo me casar de novo, portanto desista de qualquer ideia de arranjar casamento, Jenny Murray! Não quero nem ouvir falar nisso, entendeu?

— Ah, entendi — disse ela, sem se deixar perturbar. Aconchegou-se melhor nos travesseiros, de modo a poder fitá-lo nos olhos. — Pretende viver como um monge o resto de seus dias? — perguntou. — Ir para seu túmulo sem nenhum filho para enterrá-lo ou abençoar seu nome?

— Cuide de sua própria vida, droga! — Com o coração martelando, virou-se de costas para ela e caminhou a passos largos até a janela, onde permaneceu olhando fixamente para fora sem nada ver.

— Sei que sente falta de Claire. — A voz suave da irmã chegou até ele pelas costas. — Acha que eu poderia esquecer Ian, se ele não voltasse? Mas já é hora de você seguir em frente, Jamie. Não acha que Claire iria querer que você vivesse sozinho a vida toda, sem ninguém para confortá-lo ou gerar seus filhos, não é?

Ele não falou por um longo tempo, apenas ficou lá parado, sentindo o suave calor da cabecinha coberta de penugem pressionada contra o lado do seu pescoço. Podia ver sua imagem turva na vidraça enevoada, um homem alto, sujo e desajeitado, a trouxinha branca e arredondada contrastando com seu rosto sombrio.

— Ela estava grávida — disse ele, num sussurro, para o reflexo. — Quando ela... quando a perdi.

De que outra forma poderia explicar o que houve? Não havia como dizer a sua irmã onde Claire estava... onde esperava que ela estivesse. Que ele não podia pensar em outra mulher, esperando que Claire ainda estivesse viva, mesmo sabendo que a havia perdido para sempre.

Fez-se um longo silêncio na cama. Em seguida, Jenny disse serenamente:

— Foi por isso que você veio hoje?

Ele suspirou e virou-se para ela, encostando a cabeça contra a vidraça fria. Sua irmã estava deitada, os cabelos escuros soltos sobre o travesseiro, olhando-o com ternura.

— Sim, talvez — disse ele. — Não pude ajudar minha mulher; acho que pensei que talvez pudesse ajudá-la. Não que eu possa — acrescentou com certa amargura. — Sou tão inútil para você quanto fui para ela.

Jenny estendeu a mão para ele, o rosto aflito.

— Jamie, *mo chridhe* — disse ela, mas parou, os olhos arregalando-se numa surpresa repentina quando um barulho de estilhaços e o som de gritos veio do andar térreo. — Nossa Senhora! — disse, ficando ainda mais pálida. — São os ingleses!

— Santo Deus. — Foi mais uma prece do que uma exclamação de surpresa. Ele olhou rápido da cama para a janela, avaliando as possibilidades de se esconder ou fugir. O barulho de botas já estava nas escadas.

— O armário, Jamie! — murmurou Jenny ansiosamente, apontando. Sem hesitação, ele entrou no armário e fechou a porta.

A porta do quarto abriu-se de par em par com um estrondo um segundo depois, sendo preenchida pela figura de um casaco vermelho com um chapéu bicorne, segurando uma espada na mão à sua frente. O capitão dos dragões parou e seus olhos percorreram todo o quarto, parando finalmente na pequena figura na cama.

— Sra. Murray? — perguntou ele.

Jenny esforçou-se para aprumar-se na cama.

— Sou eu. E o que diabos está fazendo na minha casa? — perguntou ela. Seu rosto estava pálido e brilhante de suor, e seus braços tremiam, mas ela ergueu o queixo e fitou o homem furiosamente. — Saia!

Sem se preocupar com ela, o homem entrou no quarto e caminhou até a janela; Jamie pôde ver sua forma indistinta desaparecer além da quina do armário, depois reaparecer, de costas enquanto falava com Jenny.

— Um dos meus batedores relatou ter ouvido um tiro das vizinhanças desta casa, há pouco tempo. Onde estão os seus homens?

— Não tenho nenhum. — Seus braços trêmulos não a suportariam por muito mais tempo e Jamie viu sua irmã deixar-se deslizar, recaindo sobre os

travesseiros. — Já levaram o meu marido, meu filho mais velho só tem dez anos. — Não mencionou Rabbie nem Fergus; garotos da idade deles eram considerados suficientemente adultos para serem tratados, ou maltratados, como homens, se o capitão viesse a saber. Com sorte, eles teriam se escondido ao primeiro sinal da presença dos ingleses.

O capitão era um homem de meia-idade, inflexível, que não se deixava enganar.

— A posse de armas nas Terras Altas é um delito grave — disse ele, virando-se para o soldado que entrara no quarto atrás dele. — Dê uma busca na casa, Jenkins.

Ele teve que erguer a voz ao dar a ordem porque havia uma comoção crescente no vão da escada. Quando Jenkins virou-se para sair do quarto, a sra. Innes, a parteira, empurrou e passou pelo soldado que tentou barrar sua passagem.

— Deixe a pobre senhora em paz! — gritou ela, encarando o capitão com os punhos cerrados ao lado do corpo. A voz da parteira tremia e seus cabelos soltavam-se da fita que os prendia, mas ela não esmoreceu. — Saiam, miseráveis! Deixem-na em paz!

— Não estou destratando sua patroa — disse o capitão, com alguma irritação, evidentemente confundindo a sra. Innes com uma das criadas. Estou só...

— E não faz nem uma hora que ela deu à luz! Não é decente nem para você colocar os olhos nela, quanto mais...

— Deu à luz? — A voz do capitão aguçou-se e ele olhou da parteira para a cama com repentino interesse. — Acaba de ter um filho, sra. Murray? Onde está a criança?

A criança em questão contorcia-se dentro de sua trouxa, perturbada com o aperto de seu tio paralisado de horror.

Do fundo do armário, ele podia ver o rosto de sua irmã, pálida até os lábios e paralisada como uma estátua de pedra.

— A criança está morta — disse ela.

A parteira ficou boquiaberta, em estado de choque, mas felizmente a atenção do capitão concentrava-se em Jenny.

— Oh? — disse ele devagar. — Foi...

— Mamãe! — O grito de angústia veio da porta quando o Jovem Jamie libertou-se das mãos de um soldado e lançou-se na direção de sua mãe. — Mamãe, o bebê morreu? Não, não! — Soluçando, caiu de joelhos e enterrou a cabeça nas cobertas da cama.

Como se quisesse refutar a declaração do irmão, o bebê Ian deu provas de estar vivo chutando as pernas com considerável vigor contra as costelas do tio e emitindo uma série de pequenos grunhidos fanhosos, que felizmente passaram despercebidos na comoção do lado de fora.

Jenny tentava consolar o Jovem Jamie, a sra. Innes tentava inutilmente levantar o garoto, que se agarrava ferozmente à manga da camisola de sua mãe, o capitão em vão tentava se fazer ouvir acima dos gemidos e lamentos do Jovem Jamie e, acima de tudo, o som abafado de botas e gritos vibravam pela casa.

Jamie achou que o capitão estava indagando sobre o local onde estaria o corpo da criança. Apertou com mais força o corpo em questão, balançando-o na tentativa de prevenir qualquer disposição de sua parte para chorar. A outra mão pousou no cabo de sua adaga, mas era um gesto inútil; duvidava que até mesmo cortar a própria garganta adiantaria alguma coisa se o armário fosse aberto.

O bebê Ian fez um ruído irascível, dando a entender que ele não gostava de ser sacudido. Com visões da casa em chamas e seus moradores massacrados, o barulho pareceu tão alto a Jamie quanto os berros angustiados de seu sobrinho mais velho.

— Foi você! — O Jovem Jamie ficou de pé, o rosto molhado e inchado de lágrimas e ódio, e avançou para o capitão, a cabeça de cachos negros abaixada como a de um carneiro selvagem. — Você matou meu irmão, inglês desgraçado!

O capitão pareceu desconcertado por esse ataque inesperado e chegou mesmo a recuar um passo, pestanejando para o garoto.

— Não, menino, você está enganado. Ora, eu apenas...

— Miserável! Desgraçado! *A mhic an diabhoil!* — Completamente fora de si, o Jovem Jamie atacava o capitão, gritando todos os palavrões que já ouvira, em gaélico ou inglês.

— Enh — disse o bebê Ian no ouvido do Jamie mais velho. — Enh, enh!

Aquilo soava muito como o ruído preliminar de um grande berreiro e, em pânico, Jamie largou a adaga e enfiou o polegar na abertura macia e úmida de onde saíam os sons. As gengivas desdentadas do bebê agarraram-se ao seu polegar com uma ferocidade que quase o fez soltar um grito.

— Saia daqui! Saia daqui! Saia ou eu vou matá-lo! — O Jovem Jamie gritava para o capitão, o rosto contorcido de raiva. O inglês olhou desamparadamente para a cama, como se pedisse a Jenny para calar aquele inimigo pequeno e implacável, mas ela permaneceu deitada como morta, os olhos fechados.

— Vou esperar pelos meus homens lá embaixo — disse o capitão, com a pouca dignidade que conseguiu reunir, e saiu, fechando a porta apressadamente atrás de si. Privado de seu inimigo, o Jovem Jamie desabou no chão e entregou-se a um choro convulsivo.

Pela fresta na porta, Jamie viu a sra. Innes olhar para Jenny, a boca abrindo-se para fazer uma pergunta. Jenny deu um salto para fora das cobertas como Lázaro, com uma expressão ferozmente ameaçadora, o dedo pressionado sobre os lábios para impor silêncio. O bebê Ian agarrava-se cruelmente ao polegar de Jamie, rosnando diante da sua incapacidade de fornecer qualquer alimento.

Jenny girou para a borda da cama e ficou sentada ali, aguardando. O barulho dos soldados no térreo pulsava e circulava pela casa. Jenny tremia de fraqueza, mas estendeu a mão na direção do armário onde seus homens estavam escondidos.

Jamie inspirou fundo e preparou-se. Teria que correr o risco; sua mão e pulso estavam molhados de saliva e os grunhidos de frustração do bebê estavam ficando cada vez mais altos.

Saiu cambaleando do armário, encharcado de suor, e atirou o bebê para Jenny. Desnudando o seio com uma única torção violenta do corpo, pressionou a cabecinha contra seu mamilo e inclinou-se sobre a minúscula trouxa, como se quisesse protegê-la. O começo de um berreiro desapareceu nos sons abafados de uma sucção vigorosa. Jamie sentou-se no assoalho repentinamente, sentindo-se como se alguém tivesse passado uma espada por trás de seus joelhos.

O Jovem Jamie sentara-se completamente empertigado diante da

repentina abertura do armário e agora se apoiava, as pernas abertas, contra a porta, o rosto lívido de choque e espanto, enquanto olhava da mãe para o tio e de novo para a mãe. A sra. Innes ajoelhou-se ao lado dele, sussurrando ansiosamente em seu ouvido, mas o rostinho banhado em lágrimas não mostrava nenhum sinal de compreensão.

Quando os gritos e o rangido de arreios do lado de fora sinalizaram a partida dos soldados, o pequeno Ian dormia satisfeito e roncando nos braços de sua mãe. Jamie ficou parado junto à janela, fora de vista, observando-os partir.

O quarto ficou em silêncio, a não ser pelo barulho de líquido produzido pela sra. Innes bebendo uísque. O Jovem Jamie fora sentar-se junto à mãe, o rosto pressionado contra seu ombro. Ela não erguera os olhos nem uma vez desde que pegara a criança e continuava sentada, a cabeça abaixada sobre a criança em seu colo, os cabelos negros ocultando seu rosto.

Jamie aproximou-se e tocou em seu ombro. O calor do corpo da irmã espantou-o, como se o pavor frio fosse seu estado natural e o contato com outra pessoa de certa forma lhe parecesse singular e anormal.

— Vou para o porão — disse ele à meia-voz — e para a caverna quando escurecer.

Jenny assentiu, mas sem erguer os olhos para ele. Havia vários fios brancos entre os negros, ele observou, brilhando como prata no alto de sua cabeça.

— Acho... que não devo sair de lá outra vez — disse ele finalmente. — Por um bom tempo.

Jenny não disse nada, mas balançou a cabeça mais uma vez.

JUSTIFICADO PELO SANGUE

Na verdade, ele foi até a casa mais uma vez. Durante dois meses, permaneceu escondido na caverna, mal ousando sair à noite para caçar, porque os ingleses ainda estavam na região, alojados em Comar. As tropas saíam durante o dia em pequenas patrulhas de oito ou dez, vasculhando os campos, saqueando o pouco que restava para roubar, destruindo o que não podiam usar. E tudo sob as bênçãos da Coroa Britânica.

Um caminho passava junto ao sopé da colina onde sua caverna estava escondida. Não passava de uma vereda rústica, que começara como uma trilha de veados e que ainda servia em grande parte a esse propósito, embora somente um veado ingênuo ousasse se aproximar da caverna. Ainda assim, às vezes, quando o vento soprava na direção certa, ele via um pequeno grupo de veados vermelhos no caminho ou encontrava rastros frescos dos animais na trilha enlameada.

Também era útil para as pessoas que tinham trabalho a fazer na encosta da montanha — embora fossem bem poucas. O vento soprava da caverna para baixo e ele não tinha nenhuma esperança de avistar veados. Ficava deitado no chão bem perto da entrada, onde a luz que se filtrava através da cortina de tojo e sorva na boca da caverna era suficiente para ele ler nos dias mais claros. Não havia muitos livros, mas Jared ainda conseguia contrabandear alguns junto com seus presentes da França.

O violento aguaceiro forçou-me a um novo trabalho, a saber, escavar um buraco em minha nova fortificação, como um dreno, para que a água escoasse, caso contrário a caverna teria sido inundada. Depois de estar em meu esconderijo há algum tempo, e não ter enfrentado mais nenhuma intempérie, comecei a recuperar o autocontrole; e agora, para manter meu estado de espírito elevado, o que de fato eu muito precisava, dirigi-me ao meu pequeno depósito e tomei um pequeno gole de rum, o que,

entretanto, eu só fazia esporadicamente e com grande moderação, sabendo que não teria mais quando aquele acabasse.

Continuou a chover durante aquela noite inteira e grande parte do dia seguinte, de modo que eu não pude sair; mas, estando minha mente mais serena, comecei a pensar...

As sombras moviam-se pela página conforme as moitas acima dele se agitavam. Com os instintos aguçados, percebeu imediatamente a mudança da direção do vento — e com ele, o som de vozes.

Ergueu-se num salto, a mão na adaga que nunca saía de sua cintura. Depois de esconder o livro cuidadosamente, agarrou-se a uma protuberância de granito que usava como apoio e entrou na fenda íngreme e estreita que formava a entrada da caverna.

O brilhante lampejo de vermelho e metal no caminho embaixo atingiu-o como um golpe de choque e contrariedade. Droga. Não tinha muito receio de que algum dos soldados saísse da trilha — estavam mal equipados para abrir caminho até mesmo por trechos normais de charneca e turfa esponjosa e aberta, quanto mais uma encosta espinhosa, coberta de mato como esta. Mas tê-los tão perto significava que ele não podia se arriscar a deixar a caverna antes da noite cair, nem mesmo para pegar água ou aliviar-se. Lançou um olhar rápido para sua jarra de água, sabendo que estava quase vazia.

Um grito atraiu sua atenção de volta ao caminho embaixo e ele quase perdeu o equilíbrio na rocha. Os soldados haviam se reunido em volta de uma figura pequena, curvada sob o peso de um pequeno barril que carregava no ombro. Fergus, subindo com um barril de cerveja recém-produzida. Droga, mil vezes droga. Bem que gostaria de um pouco de cerveja; fazia meses que não bebia nenhuma.

O vento mudara de direção outra vez, de modo que ele só ouvia fragmentos de palavras, mas a figura pequena parecia estar discutindo com o soldado à sua frente, gesticulando violentamente com a mão livre.

— Idiota! — disse Jamie, num sussurro. — Entregue-lhes o barril e fuja, seu tolo!

Um dos soldados tentou agarrar o barril com as duas mãos, mas errou o alvo quando a pequena figura de cabelos escuros pulou agilmente para trás.

Jamie deu um tapa na testa de exasperação. Fergus nunca conseguia resistir à insolência quando confrontado com uma autoridade — especialmente autoridades inglesas.

A pequena figura agora saltitava para trás, gritando alguma coisa a seus perseguidores.

— Idiota! — disse Jamie violentamente. — Largue isso e corra!

Em vez de largar a carga ou correr, Fergus, aparentemente confiante na própria velocidade, virou-se de costas para os soldados e sacudiu o traseiro num insulto. Suficientemente provocados para se arriscarem a pisar na vegetação encharcada, vários dos casacos-vermelhos saíram do caminho para segui-lo. Jamie viu o líder dos soldados erguer um dos braços e gritar um aviso. Ele evidentemente achava que Fergus podia ser uma isca, tentando atraí-los para uma emboscada. Mas Fergus também gritava e os soldados conheciam o suficiente de francês de baixo calão para interpretar o que ele estava dizendo, porque, enquanto vários dos homens pararam imediatamente com o grito do líder, quatro outros soldados arremessaram-se sobre o garoto saltitante.

Houve uma refrega e mais gritaria enquanto Fergus se esquivava, contorcendo-se como uma enguia entre os soldados. Com toda a comoção e acima do zumbido do vento, Jamie não podia ter ouvido o ruído do sabre sendo retirado da bainha, mas sempre achou que ouvira, como se o tênue zunido e o tilintar do metal tivessem sido o primeiro sinal de desgraça. Pareciam ressoar em seus ouvidos sempre que se lembrava da cena — e ele se lembraria dela por muito tempo.

Talvez tivesse sido alguma coisa na atitude dos soldados, uma irritabilidade que chegou até ele na caverna. Talvez fosse apenas uma sensação de desgraça que se agarrara a ele desde Culloden, como se tudo perto dele fosse contaminado e corresse perigo pelo simples fato de estar próximo a ele. Quer tenha ouvido o som do sabre ou não, seu corpo retesara-se antes de ver o arco prateado da lâmina cortar o ar.

A lâmina moveu-se quase em câmara lenta, suficientemente devagar para que seu cérebro acompanhasse a trajetória do arco, deduzisse o alvo e gritasse, sem palavras, *não!* Certamente se movera suficientemente devagar para que ele pudesse ter se lançado para baixo no meio do grupo de homens,

agarrado o pulso que brandia a espada e soltado a arma mortal, que cairia inofensiva no chão.

A parte consciente de seu cérebro disse-lhe que isso era tolice, mesmo quando congelou suas mãos em torno da pedra de granito, agarrando-se a ela como uma âncora para evitar o impulso avassalador de sair de dentro da terra e correr à frente.

Você não pode, dizia-lhe, um tênue sussurro sob a fúria e o horror que o dominavam. *Ele fez isso por você; não pode tornar sem sentido o que ele fez. Não pode*, dizia-lhe, fria como a morte sob a dilacerante onda de fracasso que o inundava. *Você não pode fazer nada*.

E ele não fez nada, nada além de observar, quando a lâmina completou seu movimento vagaroso e atingiu o alvo com um pequeno barulho, surdo e quase insignificante. O barril disputado caiu e foi rolando pelo declive do riacho, o derradeiro barulho da batida na água perdendo-se no gorgolejar alegre da água marrom bem mais abaixo.

A gritaria cessou repentinamente num silêncio chocado. Ele mal ouviu quando recomeçou; era igual ao ruído em seus ouvidos. Seus joelhos cederam e ele percebeu vagamente que estava prestes a desmaiar. Sua visão escureceu e ficou de um negro-avermelhado, salpicado de estrelas e raios de luz — mas nem mesmo a opressora escuridão foi capaz de esconder a visão derradeira da mão de Fergus, aquela mão pequena, ágil e inteligente de um batedor de carteiras, imóvel na lama da trilha, a palma voltada para cima numa súplica.

Ele esperou quarenta e oito longas e arrastadas horas antes de Rabbie MacNab assoviar no caminho abaixo da caverna.

— Como ele está? — perguntou ele sem preliminares.

— A sra. Jenny diz que ele vai ficar bem — Rabbie respondeu. Seu rosto jovem estava pálido e abatido; obviamente, ele ainda não se recuperara do choque do acidente com seu amigo. — Ela diz que ele não tem febre e não há sinal de inflamação no... — engoliu em seco audivelmente — ... no toco.

— Os soldados o levaram para casa, não foi? — Sem esperar resposta, ele já descia a colina.

— Sim, eles ficaram transtornados... eu acho. — Rabbie parou para desprender sua camisa de um galho e teve que correr para alcançar seu

patrão. — Eu acho que eles lamentaram o que aconteceu. Pelo menos, foi o que o capitão disse. E ele deu uma moeda de ouro para a sra. Jenny, por Fergus.

— É mesmo? — disse Jamie. — Muito generosos. — E não voltou a falar até chegarem em casa.

Fergus estava deitado com todo o aparato no quarto das crianças, instalado em uma cama junto à janela. Seus olhos estavam fechados quando Jamie entrou no quarto, as pestanas longas suavemente encostadas nas faces magras. Visto assim, sem a costumeira animação, sua exibição normal de caretas e poses, seu rosto parecia diferente. O nariz ligeiramente pontiagudo acima da boca longa e flexível dava-lhe um ar levemente aristocrático, e os ossos endurecendo-se sob a pele davam alguma promessa de que seu rosto pudesse um dia passar do encanto infantil para uma beleza absoluta.

Jamie aproximou-se da cama e as pestanas escuras ergueram-se imediatamente.

— Milorde — disse Fergus, e um sorriso fraco restaurou no mesmo instante os contornos familiares de seu rosto. — Está seguro aqui?

— Meu Deus, garoto, sinto muito. — Jamie caiu de joelhos junto à cama. Quase não suportava olhar para o braço delgado pousado sobre a colcha, o pulso frágil envolto em ataduras terminando em nada, mas forçou-se a segurar o ombro de Fergus em saudação e esfregar a mão delicadamente sobre a massa de cabelos escuros desgrehados. — Dói muito? — perguntou ele.

— Não, milorde — disse Fergus. Então, uma repentina pontada de dor atravessou suas feições, desmentindo-o, e ele riu acanhadamente. — Bem, não muito. E madame tem sido muito generosa com o uísque.

Havia um copo grande cheio da bebida sobre a mesinha de cabeceira, porém não mais do que um pouco fora bebido. Fergus, criado com vinho francês, não gostava muito de uísque.

— Sinto muito — disse Jamie outra vez. Não havia mais nada a dizer. Nada que ele pudesse dizer, por causa do aperto em sua garganta. Olhou apressadamente para baixo, sabendo que Fergus ficaria transtornado se o visse chorar.

— Ah, milorde, não se preocupe. — Havia um tom da velha travessura na

voz de Fergus. — Eu tive sorte.

Jamie engoliu com força antes de responder.

— Ah, sim, você está vivo, graças a Deus!

— Ah, mais do que isso, milorde! — Ergueu os olhos e viu Fergus sorrindo, embora ainda muito pálido. — Não se lembra do nosso acordo, milorde?

— Acordo?

— Sim, quando me colocou a seu serviço em Paris. O senhor me disse na época que se eu fosse preso e executado, mandaria rezar missas pela minha alma durante um ano. — A mão que lhe restava adejou na direção da surrada medalha esverdeada pendurada ao redor de seu pescoço, a medalha de São Dimas, padroeiro dos ladrões. — Mas se eu perdesse uma orelha ou mão enquanto estivesse a seu serviço...

— Eu iria sustentá-lo para o resto da vida. — Jamie não sabia se ria ou chorava, contentando-se em bater de leve na mão que agora repousava imóvel sobre a coberta. — Sim, lembro-me. Pode confiar em mim, pode ter certeza de que eu vou cumprir o acordo.

— Ah, sempre confiei no senhor, milorde — assegurou-lhe Fergus. Ele estava ficando visivelmente cansado; as faces pálidas estavam ainda mais brancas e a cabeleira escura recaía sobre o travesseiro. — Então tenho sorte — murmurou ele, ainda sorrindo. — Porque, de um só golpe, eu me tornei um cavalheiro do ócio, *non*?

Jenny aguardava-o quando ele saiu do quarto de Fergus.

— Venha ao porão comigo — disse ele, conduzindo-a pelo cotovelo. — Preciso falar-lhe por um instante e não devo ficar mais tempo dando as caras por aqui.

Ela seguiu-o sem comentários até a saleta de entrada dos fundos, de assoalho de pedra, que separava a cozinha da despensa. No meio das lajes do assoalho havia um grande painel de madeira, perfurado com buracos, aparentemente cimentado nas pedras do piso. Teoricamente, aquele era o respiradouro do depósito subterrâneo e, de fato, se alguém suspeitasse e resolvesse investigar, este depósito, onde se entrava por uma porta do lado de fora da casa e abaixo do nível do terreno, possuía um painel assim instalado

no teto.

O que não se via era que o painel também permitia a entrada de luz e ar a um cubículo construído logo atrás do depósito, o qual podia ser acessado puxando-se o painel, com a moldura cimentada e tudo, e revelando-se uma pequena escada que conduzia ao cubículo.

Media pouco mais de um metro quadrado, destituído de qualquer móvel, exceto um banco rústico, um cobertor e um urinol. Uma grande jarra de água e uma pequena caixa de biscoitos secos completavam os acessórios do aposento. Na realidade, fora acrescentado à casa havia poucos anos e, portanto, não era verdadeiramente um porão. Sem dúvida, tratava-se mais de um esconderijo.

Duas pessoas só poderiam ocupar o lugar sentando-se lado a lado no banco e Jamie sentou-se ao lado da irmã assim que recolocou o painel no lugar acima de sua cabeça e desceu a escada. Ele permaneceu imóvel por um instante, depois respirou fundo e começou.

— Não posso mais suportar isso — disse ele. Falou tão baixo que Jenny foi forçada a inclinar a cabeça para mais perto a fim de ouvi-lo, como um sacerdote ouvindo a confissão de um penitente. — Não posso. Tenho que ir embora.

Estavam sentados tão juntos que ele podia sentir a subida e descida de seu peito quando ela respirava. Em seguida, ela estendeu o braço e tomou a mão dele, os dedos pequenos e firmes apertando-a.

— Vai tentar a França outra vez, então? — Ele já havia tentado fugir para a França duas vezes, frustrado nas duas tentativas pela vigilância rigorosa que os ingleses mantinham em todos os portos. Nenhum disfarce era suficiente para um homem de sua extraordinária altura e cor de cabelos.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não. Vou me deixar capturar.

— Jamie! — Em sua agitação, Jenny deixou sua voz erguer-se por um instante, depois a abaixou outra vez em reação ao aperto da mão de Jamie em advertência. — Jamie, não pode fazer isso! — disse ela, mais baixo. — Santo Deus, você será enforcado!

Ele manteve a cabeça baixa como se pensasse, mas sacudiu-a, sem hesitação.

— Acho que não. — Olhou para a irmã, depois desviou o olhar rapidamente. — Claire... ela era vidente. — Uma explicação tão boa quanto outra qualquer, ele pensou, se não a verdadeira. — Ela previu o que aconteceria em Culloden... ela sabia. E me contou o que viria depois.

— Ah — disse Jenny num sussurro. — Eu imaginava. Então foi por isso que ela me pediu para plantar batatas... e construir este esconderijo.

— Sim. — Deu um ligeiro aperto na mão de sua irmã, depois a soltou e virou-se ligeiramente no banco para encará-la. — Ela me disse que a Coroa continuaria a caçar jacobitas durante algum tempo... e foi o que aconteceu — acrescentou ele ironicamente. — Mas, que depois de alguns anos eles não iriam mais executar os homens que capturassem... apenas prendê-los.

— Apenas! — repetiu sua irmã em eco. — Se tem que ir, Jamie, vá para a charneca, mas entregar-se a uma prisão inglesa, quer o enforcem ou não...

— Espere. — A mão no braço de Jenny interrompeu-a. — Ainda não lhe disse tudo que tenho a dizer. Não pretendo simplesmente ir até os ingleses e render-me. Há um bom preço pela minha cabeça, não é? Seria uma vergonha desperdiçar isso, não acha? — Tentou forçar um sorriso em sua voz; ela o ouviu e ergueu os olhos incisivamente para ele.

— Santa Mãe de Deus — murmurou ela. — Então pretende que alguém o traia?

— Aparentemente, sim. — Ele já arquitetara o plano, sozinho na caverna, mas não parecera tão real até agora. — Achei que talvez Joe Fraser seria a pessoa mais indicada para isso.

Jenny esfregou o punho cerrado nos lábios. Ela era rápida; ele sabia que compreendera o plano imediatamente — e todas as suas implicações.

— Mas, Jamie — murmurou ela. — Mesmo que eles não o enforcem imediatamente, e esse é um risco muito grande, você poderia ser morto quando eles o levassem!

Seus ombros arriaram-se subitamente, sob o peso do sofrimento e da exaustão.

— Meu Deus, Jenny — disse ele —, você acha que eu me importo?

Fez-se um longo silêncio antes de Jenny responder.

— Não, acho que não — disse ela. — E também não posso dizer que o recrimino por isso. — Parou por um instante, para firmar a voz. — Mas,

ainda assim, eu me importo. — Os dedos dela tocaram sua nuca ternamente, afagando seus cabelos. — Então você vai tomar cuidado, não é, seu tolo?

O painel de ventilação acima deles escureceu-se momentaneamente e ouviu-se o som de passos leves. Uma das cozinheiras, a caminho da despensa, talvez. Em seguida, a luz turva voltou e ele pôde ver o rosto de Jenny outra vez.

— Sim — murmurou ele finalmente. — Tomarei.

Foram necessários mais de dois meses para completar os preparativos. Quando chegou finalmente o dia, já era primavera.

Ele sentou-se em sua pedra favorita, perto da entrada da caverna, observando as primeiras estrelas surgirem. Mesmo nos piores momentos passados desde Culloden, ele sempre fora capaz de encontrar um momento de paz nesta hora do dia. Conforme entardecia, era como se tudo ficasse iluminado por dentro, a silhueta recortada das coisas contra o céu ou o solo, perfeitas e nítidas em cada detalhe. Ele podia ver a forma de uma mariposa, invisível em plena luz, agora desenhada na claridade do crepúsculo com um triângulo de sombra mais escura que a fazia se destacar do tronco onde se escondia. Em um instante, ela levantaria voo.

Olhou a extensão do vale, tentando estender a paisagem até os pinheiros negros que margeavam a longínqua escarpa do penhasco. Depois para cima, entre as estrelas. Orion lá, abarcando, majestosa, o horizonte. E as Plêiades, pouco visíveis no céu que escurecia. Poderia ser sua última visão do céu por algum tempo e pretendia desfrutá-la. Pensou na prisão, barras de ferro e trancas e paredes sólidas, e lembrou-se de Fort William. Prisão de Wentworth. A Bastilha. Paredes de pedra, de mais de um metro de espessura, bloqueando todo o ar e toda a luz. Imundície, fedor, fome, sepultura.

Estremeceu, afastando esses pensamentos. Ele escolhera seu caminho e estava satisfeito com isso. Ainda assim, vasculhou o céu, à procura de Touro. Não era a mais bela das constelações, mas era a sua. Nascido sob o signo do touro, teimoso e forte. Forte o suficiente, esperava, para fazer o que pretendia.

Entre os crescentes sons noturnos, ouviu-se um assovio alto e agudo. Podia ser o canto de volta para casa de um maçarico no lago, mas ele

reconheceu o sinal. Alguém subia o caminho — uma pessoa amiga.

Era Mary MacNab, que se tornara cozinheira em Lallybroch depois da morte do marido. Geralmente era seu filho Rabbie, ou Fergus, que lhe trazia comida e notícias, mas ela já viera algumas vezes antes.

Trazia um cesto extraordinariamente bem suprido, com uma perdiz assada, pão fresco, várias cebolinhas verdes, um cacho das primeiras cerejas da temporada e um frasco de cerveja. Jamie examinou a fartura, depois ergueu os olhos com um sorriso enviesado.

— Meu banquete de despedida, hein?

Ela assentiu com a cabeça, em silêncio. Era uma mulher pequena, de cabelos escuros bastante mesclados de fios brancos, o rosto marcado pelas dificuldades da vida. Ainda assim, seus olhos eram meigos e castanhos, e seus lábios ainda cheios e suavemente delineados.

Ele percebeu que estava olhando fixamente para sua boca e apressadamente voltou-se para o cesto outra vez.

— Nossa, vou ficar tão cheio que não vou conseguir andar. Até mesmo um bolo! Como vocês conseguiram isso?

Ela deu de ombros — Mary MacNab não era de muita conversa — e, pegando o cesto de sua mão, começou a arrumar a refeição sobre o tampo de mesa de madeira apoiado sobre pedras. Ela colocou pratos para ambos. Isso não era nada incomum; ela já havia comido com ele antes para lhe contar os mexericos da região. Ainda assim, se essa era sua última refeição antes de deixar Lallybroch, ficou surpreso de nem sua irmã nem os garotos terem vindo compartilhá-la com ele. Talvez houvesse visitas na casa que os impediam de se ausentar sem serem notados.

Ele fez um sinal educado para que ela se sentasse primeiro, antes de tomar seu próprio lugar, com as pernas cruzadas no chão de terra batida.

— Falou com Joe Fraser? Onde será, então? — perguntou ele, comendo um pedaço da perdiz assada.

Ela lhe passou os detalhes do plano; um cavalo seria trazido antes do amanhecer e ele cavalgaria para fora do vale estreito, seguindo o desfiladeiro. Em seguida, deveria virar, atravessar os sopés rochosos das montanhas e descer, de volta ao vale em Feesyhant's Burn, como se estivesse voltando para casa. Os ingleses o encontrariam em algum ponto entre Struy e

Eskadale, mais provavelmente em Midmains; era um bom lugar para uma emboscada, porque o vale estreito erguia-se quase verticalmente dos dois lados, mas com um pequeno bosque junto ao riacho, onde vários homens poderiam se esconder.

Após a refeição, ela arrumou o cesto cuidadosamente, deixando comida suficiente para um pequeno jejum antes de sua partida ao alvorecer. Esperava que ela fosse embora então, mas não foi. Inspeccionou a fenda onde ele mantinha seu colchão de palha e cobertas, estendeu-os diligentemente no chão, virou os cobertores para trás e ajoelhou-se ao lado do colchão, as mãos entrelaçadas no colo.

Ele recostou-se contra a parede da caverna, os braços cruzados. Olhou para o topo de sua cabeça abaixada, exasperado.

— Ah, então é assim, hein? — perguntou ele. — E de quem foi a ideia? Sua ou de minha irmã?

— E importa? — Ela estava serena, as mãos perfeitamente imóveis no colo, os cabelos escuros perfeitamente presos em sua fita.

Ele sacudiu a cabeça e inclinou-se para puxá-la e colocá-la de pé.

— Não, não importa, porque não vai acontecer. Agradeço sua intenção, mas...

Seu discurso foi interrompido com um beijo. Seus lábios eram tão macios quanto pareciam. Agarrou-a com firmeza pelos pulsos e afastou-a.

— Não! — disse ele. — Não é necessário e eu não quero fazer isso. — Ele estava desconfortavelmente consciente de que seu corpo não concordava absolutamente com sua avaliação de necessidade e ainda mais desconfortável com o conhecimento de que suas calças, pequenas e gastas com o uso, tornava a magnitude da discordância óbvia para qualquer um que quisesse olhar. O ligeiro sorriso que curvava aqueles lábios cheios e doces sugeria que ela estava olhando.

Virou-a em direção à entrada da caverna e deu-lhe um pequeno empurrão, ao qual ela respondeu dando um passo para o lado e levando as mãos às costas para desamarrar sua saia.

— Não faça isso! — exclamou ele.

— Como pretende me impedir? — perguntou ela, pisando fora da roupa, dobrando-a cuidadosamente e colocando-a em cima do único banquinho. Os

dedos delgados dirigiram-se aos cadarços do espartilho.

— Se você não sair, eu é que serei obrigado a fazê-lo — respondeu ele com decisão. Girou nos calcanhares e dirigia-se para a entrada da caverna quando ouviu a voz atrás dele.

— Milorde! — disse ela.

Ele parou, mas não se virou.

— Não é adequado me chamar assim — disse ele.

— Lallybroch é sua — disse ela. — E será enquanto você viver. Se você é o proprietário e senhor das terras, eu o chamarei assim.

— Não é minha. A propriedade pertence ao Jovem Jamie.

— Não é o Jovem Jamie que está fazendo o que você está — respondeu ela sem titubear. — E não foi sua irmã quem me pediu para fazer o que estou fazendo. Vire-se.

Ele virou-se, relutantemente. Ela estava de pé, descalça e de combinação, os cabelos soltos sobre os ombros. Ela era magra, como todos eram ultimamente, mas seus seios eram maiores do que ele imaginara e os mamilos mostravam-se proeminentes, através do tecido fino. A combinação estava tão gasta quanto suas outras roupas, puídas na bainha e nos ombros, quase transparente em alguns pontos. Ele fechou os olhos.

Sentiu um leve toque em seu braço e obrigou-se a permanecer imóvel.

— Sei muito bem o que está pensando — disse ela. — Porque eu conheci sua senhora e sei como era entre vocês dois. Eu nunca tive isso — acrescentou, com a voz mais branda — com nenhum dos dois homens com quem me casei. Mas eu sei quando vejo o verdadeiro amor e não penso em fazê-lo sentir que o traiu.

O toque de sua mão, leve como uma pluma, moveu-se para seu rosto e o polegar, áspero do trabalho bruto, percorreu o sulco que corria do nariz à boca.

— O que eu quero — disse ela serenamente — é lhe dar algo diferente. Algo menor, talvez, mas algo que você pode usar; algo para você se sentir inteiro, completo. Sua irmã e as crianças não podem lhe dar isso, eu posso. — Ele ouviu-a inspirar e a mão em seu rosto afastou-se. — Você me deu minha casa, minha vida e meu filho. Não vai deixar que eu lhe dê um pequeno presente em troca?

Ele sentiu os olhos marejarem de lágrimas. O toque suave moveu-se pelo seu rosto, limpando as lágrimas de seus olhos, alisando seus cabelos para trás. Ele ergueu os braços, devagar, e estendeu-os para ela. Ela entrou em seu abraço, tão cuidadosa e naturalmente como havia posto a mesa e feito a cama.

— Eu... não faço isso há muito tempo — disse ele, de repente envergonhado.

— Eu também não — disse ela, com um leve sorriso. — Mas a gente vai se lembrar como é.

PARTE III

Quando me tornei seu prisioneiro



FÉ NOS DOCUMENTOS

INVERNESS

25 DE MAIO DE 1968

O envelope de Linklater chegou no correio da manhã.

— Olha como é volumoso! — exclamou Brianna. — Ele enviou alguma coisa! — A ponta de seu nariz estava rosada de empolgação.

— Parece que sim — disse Roger. Aparentemente, ele estava calmo, mas pude ver sua pulsação latejando na base da garganta. Ele pegou o grosso envelope de papel pardo e segurou-o por um instante, avaliando o peso. Em seguida, rasgou a aba descuidadamente com o polegar e arrancou de dentro um maço de páginas fotocopiadas.

A carta que encimava o maço de folhas, num espesso papel timbrado da universidade, esvoaçou e caiu. Agarrei-a do chão e a li em voz alta, a voz um pouco trêmula.

— *Prezado dr. Wakefield — li. — Esta carta é em resposta à sua consulta referente à execução de oficiais jacobitas pelas tropas do duque de Cumberland após a Batalha de Culloden. A principal fonte de minha citação no livro ao qual você se refere foi o diário particular de um certo lorde Melton, que comandou um regimento de infantaria sob as ordens de Cumberland na época de Culloden. Anexeí fotocópias das páginas relevantes do diário; como vê, a história do sobrevivente, chamado James Fraser, é extraordinária e emocionante. Fraser não é um personagem histórico relevante e sua trajetória não acrescentaria muito à minha linha de trabalho, mas muitas vezes pensei em pesquisar mais sobre ele, na esperança de determinar sua sorte final. Caso você descubra que ele realmente sobreviveu à jornada à sua própria propriedade, ficaria agradecido que me informasse. Eu sempre, de certo modo, torci para que ele tenha conseguido, embora suas condições físicas, como descritas por Melton, façam essa possibilidade parecer improvável. Atenciosamente, Eric Linklater.*

O papel tremia em minha mão e eu o coloquei, com muito cuidado, sobre a escrivaninha.

— Improvável, hein? — disse Brianna, na ponta dos pés para olhar por cima do ombro de Roger. — Ah-ah! Ele realmente voltou, sabemos que ele conseguiu!

— Nós achamos que conseguiu — corrigiu Roger, mas tratava-se apenas de cautela acadêmica; seu sorriso era tão amplo quanto o de Brianna.

— Vão tomar chá ou chocolate quente no lanche das onze horas? — A cabeça de cabelos escuros e cacheados de Fiona surgiu na porta do gabinete, interrompendo a animação. — Temos biscoitos de nozes e gengibre que acabaram de sair do forno. — O aroma de gengibre quente entrou no gabinete com ela, elevando-se de seu avental e flutuando no ar de forma tentadora.

Roger e Brianna responderam ao mesmo tempo.

— Chá, por favor.

— Ah, chocolate quente está ótimo!

Fiona, exibindo uma expressão convencida, empurrou o carrinho de chá para dentro do gabinete, ostentando chá, chocolate quente e biscoitos frescos de nozes e gengibre.

Eu mesma aceitei uma xícara de chá e sentei-me na bergère com as páginas do diário de Melton. A fluida caligrafia do século XVIII era surpreendentemente clara, apesar da grafia arcaica e, em poucos minutos, eu estava nos limites da casa da fazenda Leanach, imaginando o som de moscas zumbindo, os movimentos de corpos amontoados e o cheiro acre de sangue encharcando o chão de terra batida.

“... em atendimento à dívida de honra de meu irmão, eu não poderia agir de outra forma senão poupar a vida de Fraser. Assim, omiti seu nome da lista de traidores executados na casa da fazenda e tomei providências para seu transporte até sua própria propriedade. Não consigo me sentir nem completamente clemente em relação a Fraser ao tomar essa medida, nem completamente culpado com relação ao meu serviço ao duque, já que o estado de Fraser, com um grave ferimento na perna inflamado e pustulento, torna improvável que ele sobreviva à viagem até em casa. Ainda assim, a honra me impede de agir de outra forma e devo confessar que meu espírito ficou mais leve ao

ver o sujeito removido, ainda vivo, do campo, quando voltei minha atenção para a melancólica tarefa de dispor dos corpos de seus camaradas. Tanta matança como tenho presenciado nestes últimos dois dias me oprime”, a anotação terminava com simplicidade.

Coloquei as folhas de papel sobre os joelhos, engolindo em seco com esforço. “... *um grave ferimento... inflamado e pustulento...*” Eu sabia, de uma forma que Brianna e Roger não poderiam saber, o alcance da gravidade desse ferimento, sem antibióticos, nada que se aproximasse de um tratamento médico adequado; nem mesmo os rústicos emplastros de ervas disponíveis a um feiticeiro das Terras Altas na época. Quanto tempo teria levado, sacolejando de Culloden a Broch Tuarach em uma carroça? Dois dias? Três? Como poderia ter sobrevivido, nessas condições e sem tratamento, por tanto tempo?

— Mas ele conseguiu. — A voz de Brianna interrompeu meus pensamentos, respondendo ao que parecia ser um pensamento semelhante expressado por Roger. Falou com uma segurança simples, como se tivesse visto todos os acontecimentos descritos no diário de Melton e tivesse certeza de seu desfecho. — Ele conseguiu voltar. Ele era o Dunbonnet, eu sei.

— O Dunbonnet? — Fiona, pairando com impaciência sobre a minha xícara fria de chá intocado, olhou por cima do ombro, surpresa. — Você já ouviu falar do Dunbonnet?

— Você já? — Roger olhou para a jovem governanta, espantado.

Ela balançou a cabeça, entornando casualmente meu chá na aspidistra que ficava perto da lareira e enchendo minha xícara outra vez com um chá fresco e fumegante.

— Ah, sim. Minha avó me contou essa história, muitas vezes.

— Conte-nos! — Brianna inclinou-se para a frente, atenta, as palmas das mãos envolvendo a xícara de chocolate quente. — Por favor, Fiona. Como é a história?

Fiona pareceu ligeiramente surpresa de se ver de repente o centro de tanta atenção, mas deu de ombros com bom humor.

— Ora, é apenas a história de um dos seguidores do príncipe Charles

Stuart. Quando houve a grande derrota de Culloden, onde muitos homens morreram, alguns escaparam. Bem, um homem fugiu do campo e atravessou o rio a nado para escapar, mas os casacos vermelhos continuaram atrás dele mesmo assim. No caminho, ele se deparou com uma igreja onde uma cerimônia religiosa estava sendo realizada. Entrou correndo e pediu clemência ao pastor. O ministro e as pessoas tiveram pena dele e ele vestiu o traje do pastor, de modo que, quando os soldados ingleses irromperam na igreja poucos instantes depois, lá estava ele, de pé no púlpito, pregando, enquanto a água de sua barba e de suas roupas fazia uma poça em volta de seus pés. Os soldados acharam que haviam se enganado e continuaram sua perseguição descendo a rua. Assim, ele escapou e todos na igreja disseram que aquele fora o melhor sermão que já tinham ouvido! — Fiona riu animadamente, enquanto Brianna franzira o cenho e Roger olhava-a perplexo.

— Esse era o Dunbonnet? — disse ele. — Mas eu achei que...

— Ah, não! — assegurou-lhes ela. — Esse não era o Dunbonnet... o Dunbonnet era outro dos homens que conseguiram escapar de Culloden. Ele voltou para suas próprias terras, mas como os Sassenachs estavam caçando homens por todas as Terras Altas, ele ficou escondido lá numa caverna por sete anos.

Ouvindo isso, Brianna afundou em sua cadeira com um suspiro de alívio.

— E seus arrendatários o chamavam de Dunbonnet para não dizerem seu nome e o traírem — murmurou ela.

— Você conhece a história? — perguntou Fiona, impressionada. — Sim, é isso mesmo.

— E sua avó lhe contou o que aconteceu a ele depois disso? — perguntou Roger.

— Ah, sim! — Os olhos de Fiona estavam redondos como balas de caramelo. — Essa é a melhor parte da história. Depois da batalha, a fome se espalhou, as pessoas estavam passando fome nos vales, expulsas de suas casas no inverno, os homens executados e as cabanas incendiadas. Os rendeiros de Dunbonnet tiveram mais sorte do que a maioria, mas mesmo assim chegou o dia em que a comida acabou e suas barrigas roncavam de manhã à noite, não havia caça na floresta, nenhum grão nos campos e as crianças pequenas morrendo nos braços das mães por falta de leite para

alimentá-las.

Um calafrio percorreu meu corpo com aquelas palavras. Vi os rostos dos moradores de Lallybroch — as pessoas que eu conhecera e amara — atormentados de frio e fome. Não foi apenas o horror que tomou conta de mim; havia culpa também. Eu ficara a salvo, aquecida e bem alimentada, em vez de compartilhar seu destino — porque fiz o que Jamie quis e os abandonei. Olhei para Brianna, a cabeça ruiva e sedosa inclinada, absorta, e o aperto em meu peito abrandou-se um pouco. Ela também esteve a salvo nesses anos passados, aquecida, bem alimentada e amada — porque fiz o que Jamie pediu.

— Então, o Dunbonnet arquitetou um plano ousado — continuava Fiona. O rosto redondo estava iluminado com o drama de sua história. — Ele arranhou para que um de seus reideiros fosse ao encontro dos ingleses e se oferecesse para traí-lo. Havia um bom preço por sua cabeça, pois ele fora um grande guerreiro para o príncipe. O reideiro pegaria o ouro da recompensa para ser usado pelas pessoas da propriedade, é claro, e diria aos ingleses onde o Dunbonnet poderia ser capturado.

Minha mão fechou-se com tanta força diante disso que a asa delicada de minha xícara saiu inteira em minha mão.

— Capturado? — exclamei com a voz rouca de choque. — Eles o enforcaram?

Fiona pestanejou para mim, surpresa.

— Ora, não — disse ela. — Eles queriam, foi o que minha avó disse, e o levaram a julgamento por traição, mas por fim trancaram-no numa prisão, em vez de enforcá-lo. Mas o ouro foi para seus reideiros e assim conseguiram sobreviver à fome — terminou alegremente, sem dúvida considerando aquele um final feliz.

— Santo Deus — exclamou Roger com um suspiro. Colocou a xícara sobre a mesa cuidadosamente e permaneceu sentado, fitando o espaço vazio, transfixo. — Prisão.

— Você fala como se isso fosse bom — protestou Brianna. Os cantos de sua boca estavam tensos de agonia e os olhos ligeiramente brilhantes.

— E é — disse Roger, notando seu sofrimento. — Não havia tantas prisões onde os ingleses aprisionavam traidores jacobitas e todas elas

mantinham registros oficiais. Não compreendem? — perguntou ele, olhando da expressão de perplexidade de Fiona para a expressão de tristeza de Brianna, em seguida assentando-se em mim, na esperança de encontrar compreensão. — Se ele foi para a prisão, eu posso localizá-lo. — Virou-se para olhar para as altas estantes de livros que recobriam três paredes do gabinete, abrigando a coleção de segredos jacobitas pertencente ao finado reverendo Wakefield.

— Ele está lá — disse Roger num murmúrio. — Em uma lista de presos. Em um documento, prova verdadeira! Não vê? — perguntou ele outra vez, voltando-se de novo para mim. — Ir para a prisão tornou-o parte da história escrita outra vez! E, em algum lugar ali, nós o encontraremos!

— E o que aconteceu a ele — disse Brianna com um suspiro. — Quando foi libertado.

Os lábios de Roger comprimiram-se, para estancar a alternativa que lhe veio à mente, como viera à minha — “ou morreu”.

— Sim, isso mesmo — disse ele, tomando a mão de Brianna. Seus olhos depararam-se com os meus, verde-escuros e insondáveis. — Quando ele foi libertado.

Uma semana mais tarde, a fé de Roger em documentos continuava inabalável. O mesmo não podia ser dito em relação à mesa do século XVIII do gabinete do falecido reverendo Wakefield, cujas pernas finas oscilavam e estalavam assustadoramente sob o peso extra.

Essa mesa em geral acomodava não mais do que um pequeno abajur e uma coleção dos artefatos menores do reverendo; estava sobrecarregada agora simplesmente porque todas as demais superfícies horizontais no gabinete já transbordavam de documentos, publicações, livros e grossos envelopes de papel pardo de sociedades de antiquários, universidades e bibliotecas de pesquisa de toda a Inglaterra, Escócia e Irlanda.

— Se você colocar mais uma folha nesta mesa, ela vai desmoronar — observou Claire, enquanto Roger descuidadamente estendia o braço, pretendendo largar a pasta que estava carregando sobre a pequena mesa de marchetaria.

— Hã? Ah, está bem. — Mudou de direção em pleno ar, olhou

inutilmente ao redor, à procura de outro lugar onde colocar a pasta, e por fim resolveu colocá-la no chão a seus pés.

— Finalmente acabei com Wentworth — disse Claire. Com a ponta do pé, indicou uma pilha precária no chão. — Já recebemos os registros de Berwick?

— Sim, hoje de manhã. Mas onde será que eu os coloquei?

Roger olhou vagamente ao redor do aposento, que lembrava muito o saque da biblioteca de Alexandria, pouco antes de a primeira tocha ter sido acesa. Ele esfregou a testa, tentando se concentrar. Após uma semana passando dez horas por dia folheando os registros manuscritos à mão das prisões britânicas, além de cartas, periódicos e diários de seus comandantes, buscando qualquer pista oficial de Jamie Fraser, Roger estava começando a sentir que tinha areia nos olhos.

— Era azul — disse ele finalmente. — Lembro-me perfeitamente de que era azul. Eu os consegui com McAllister, o professor de história do Trinity em Cambridge, e o Trinity College usa esses grandes envelopes azul-claros, com o brasão da faculdade na frente. Talvez Fiona o tenha visto. Fiona!

Caminhou até a porta do gabinete e chamou-a pelo corredor, na direção da cozinha. Apesar da hora, a luz da cozinha ainda estava acesa e os cheiros revigorantes de chocolate quente e bolo de amêndoas pairavam no ar. Fiona jamais abandonaria seu posto enquanto houvesse a mais leve possibilidade de que alguém em seu entorno pudesse precisar de alimento.

— Ah, sim? — A cabeça de cabelos castanhos e cacheados de Fiona surgiu pela porta da cozinha. — Num instante, o chocolate estará pronto — assegurou ela. — Só estou esperando o bolo sair do forno.

Roger sorriu para ela com profunda afeição. Fiona não possuía a menor utilidade para a história, nunca lia nada além de revistas populares, mas nunca questionava suas atividades, tranquilamente tirando o pó das pilhas de livros e papéis diariamente, sem se incomodar com seus conteúdos.

— Obrigado, Fiona — disse ele. — Eu só estava pensando se você viu um grande envelope azul, grosso, por aí? — Mostrou o tamanho do envelope com as mãos. — Chegou hoje de manhã pelo correio, mas eu não sei onde o coloquei.

— Deixou-o no banheiro de cima — disse ela imediatamente. — Há um

livro grande e grosso com letras douradas e o retrato do príncipe Charles na capa, três cartas abertas e a conta do gás, também, que você não queria esquecer e que vence no dia 14 do mês. Coloquei tudo sobre o aquecedor de água para não ficarem no caminho. — Um bipe curto e agudo do relógio do forno a fez recuar bruscamente com uma exclamação abafada.

Roger virou-se e subiu as escadas, dois degraus de cada vez, sorrindo. Se tivesse outras inclinações, a memória de Fiona a teria tornado uma estudiosa. Assim mesmo do jeito que era, já não se podia desprezar como assistente de pesquisa. Desde que um determinado documento ou livro pudesse ser descrito com base na aparência, em vez do título ou do conteúdo, era provável que Fiona soubesse exatamente onde estava.

— Ah, não é nada de mais — respondeu a Roger com vivacidade, quando ele tentou se desculpar pela bagunça que estava fazendo na casa. — Até parece que o reverendo ainda está vivo, com tantos papéis espalhados por toda parte. Exatamente como nos velhos tempos, não é?

Descendo as escadas mais devagar, com o envelope azul nas mãos, perguntou-se o que seu falecido pai adotivo teria pensado da presente busca.

— Estaria mergulhado nisso até a cabeça, não tenho a menor dúvida — murmurou para si mesmo. Guardava uma lembrança vívida do reverendo, a cabeça calva brilhando sob os antiquados globos de luz pendurados no teto do corredor enquanto caminhava sem pressa do gabinete para a cozinha, onde a velha sra. Graham, avó de Fiona, estaria à frente do fogão, suprindo as necessidades físicas do velho reverendo durante as sessões noturnas de estudo, exatamente como Fiona agora fazia para ele.

Faz uma pessoa refletir, ele pensou, entrando no gabinete. Antigamente, quando o filho geralmente seguia a profissão do pai, seria apenas por uma questão de conveniência — a intenção de manter os negócios na família — ou haveria alguma espécie de predisposição familiar para alguns tipos de trabalho? Algumas pessoas de fato teriam nascido para ser ferreiros, ou comerciantes, ou cozinheiros — nascidos com uma inclinação ou um talento, além da oportunidade?

Obviamente, isso não se aplicava a todo mundo; sempre havia aqueles que saíam de casa, vagavam por aí, tentavam atividades até então desconhecidas em seus círculos familiares. Se não fosse assim,

provavelmente não haveria inventores nem exploradores; ainda assim, parecia haver uma certa afinidade para algumas carreiras em determinadas famílias, mesmo nestes agitados tempos modernos de educação acessível e viagens fáceis.

O que ele realmente se perguntava, pensou consigo mesmo, era a respeito de Brianna. Observou Claire, a cabeça de cabelos cacheados com reflexos dourados inclinada sobre a escrivaninha, e viu-se imaginando o quanto Brianna viria a ser como a mãe e o quanto como o pouco conhecido escocês — guerreiro, fazendeiro, cortesão, senhor de terras — que fora seu pai.

Ainda seguia essa mesma linha de raciocínio um quarto de hora mais tarde, quando Claire fechou a última pasta de sua pilha e reclinou-se para trás, suspirando.

— Um centavo pelos seus pensamentos — disse ela, estendendo a mão para sua xícara.

— Não valem nem isso — retrucou Roger com um sorriso, saindo de seus devaneios. — Só estava imaginando como as pessoas vêm a ser o que são. Como você se tornou médica, por exemplo?

— Como me tornei uma médica? — Claire inalou o vapor de sua xícara de chocolate quente, decidiu que estava quente demais para beber e recolocou-a sobre a escrivaninha, entre o amontoado de livros, periódicos e folhas de papel rabiscadas a lápis. Esboçou um sorriso para Roger e esfregou as mãos, dispersando o calor da xícara. — Como você se tornou um historiador?

— Mais ou menos honestamente — respondeu ele, reclinando-se na poltrona do reverendo e abanando a mão para o acúmulo de documentos e pequenos objetos ao redor. Bateu de leve em um relógio de viagem folheado a ouro que havia sobre a mesa, uma peça elegante do século XVIII, com carrilhões em miniatura que batiam a hora, a meia hora e o quarto de hora. — Cresci em meio a tudo isso. Eu já bisbilhotava pelas Terras Altas à procura de artefatos com meu pai desde quando aprendi a ler. Creio que simplesmente pareceu natural continuar fazendo isso. Mas e você?

Ela balançou a cabeça e espreguiçou-se, relaxando os ombros das longas horas passadas debruçada sobre a escrivaninha. Brianna, sem conseguir permanecer acordada, desistira e fora para a cama havia uma hora, mas Claire

e Roger continuaram com sua busca pelos registros administrativos das prisões britânicas.

— Bem, para mim também foi algo semelhante — disse ela. — Eu não decidi de repente que queria ser médica. Apenas percebi um dia que já tinha sido médica por um longo tempo e agora não era mais e sentia falta.

Espalmou as mãos sobre a escrivaninha e flexionou os dedos, longos e maleáveis, as unhas ovais brilhantes e bem polidas.

— Havia uma velha canção da Primeira Guerra Mundial — disse ela, pensativa. — Eu a ouvia às vezes, quando alguns dos velhos companheiros de tio Lamb do exército vinham nos visitar e ficavam até tarde, meio bêbados. Dizia assim: “Como você vai mantê-los na fazenda, depois de terem visto Paris?” — cantou o primeiro verso, depois parou, com um sorriso irônico. — Eu tinha visto Paris — disse ela brandamente. Ergueu os olhos das mãos, alerta e presente, mas com traços da memória nos olhos, fixos em Roger com a clareza de um sexto sentido. — E diversas outras coisas. Caen e Amiens, Preston, Falkirk, o Hôpital des Anges e o pretense consultório de Leoch. Eu tinha sido uma médica, de todas as formas possíveis: fiz partos, consertei ossos, costurei ferimentos, tratei febres... — Sua voz definiu e ela estremeceu. — Havia muita coisa que eu não sabia, é claro. Eu sabia o quanto podia aprender e foi por isso que fui para a faculdade de medicina. Mas não fez muita diferença, sabe. — Enfiou o dedo no creme chantilly que flutuava sobre o chocolate quente e lambeu-o. — Tenho um diploma de médica, mas eu já era médica muito antes de colocar os pés numa escola de medicina.

— Não pode ter sido tão simples como você faz parecer — disse Roger, soprando seu próprio chocolate e analisando Claire com franco interesse. — Não havia muitas mulheres na medicina na época, não há muitas mulheres na medicina nem agora e, além disso, você tinha uma família.

— Não, não posso dizer que foi fácil, absolutamente. — Claire lançou-lhe um olhar inquisidor. — Esperei até Brianna ir para a escola, é claro, e tínhamos dinheiro suficiente para pagar alguém para cozinhar e limpar, mas... — Deu de ombros e sorriu ironicamente. — Parei de dormir por vários anos. Isso ajudou um pouco. E, por estranho que pareça, Frank também ajudou.

Roger testou sua própria caneca de chocolate e achou que já esfriara o suficiente. Segurou-a entre as mãos, desfrutando o calor da porcelana grossa

e branca penetrando em suas palmas. Apesar de ser começo de junho, as noites ainda eram bastante frias para tornar o aquecedor elétrico uma necessidade.

— É mesmo? — disse ele, curioso. — Pelo que você comentou a respeito dele, não imaginei que ele tivesse gostado de sua decisão de fazer a faculdade de medicina e se tornar médica.

— E não gostou. — Seus lábios cerraram-se; o movimento disse a Roger mais do que as palavras poderiam dizer, fazendo lembrar discussões, conversas não terminadas e abandonadas, uma oposição de teimosia e obstrução indireta, em vez de desaprovação declarada.

Que rosto notavelmente expressivo ela possuía, ele pensou, observando-a. Perguntou-se de repente se o seu próprio rosto também poderia ser lido com tanta facilidade. A ideia era tão perturbadora que ele enfiou o rosto na sua caneca, tomando um grande gole de chocolate, embora ainda estivesse um pouco quente demais.

Ao emergir da caneca, Claire fitava-o com um ar ligeiramente irônico.

— Por quê? — perguntou ele rapidamente, para distraí-la. — O que o fez mudar de ideia?

— Bree — disse ela, e seu rosto suavizou-se como sempre acontecia quando mencionava a filha. — Bree era a única coisa que realmente importava para Frank.

Eu esperara, como havia dito, até Brianna começar a escola para eu mesma começar o curso de medicina. Mas, ainda assim, havia uma grande lacuna entre seus horários e os meus, que preenchíamos da melhor forma possível com uma série de governantas e babás mais ou menos competentes; algumas mais, a maioria menos.

Minha mente voltou ao dia assustador em que recebi um chamado no hospital, dizendo-me que Brianna estava ferida. Saí às pressas do hospital, sem parar para tirar o uniforme de linho verde que estava usando, e corri para casa, ignorando todos os limites de velocidade. Deparei-me com um carro da polícia e uma ambulância iluminando a noite com sua luz vermelho-

sangue intermitente e um grupo de vizinhos curiosos amontoados na rua.

Quando conseguimos montar a história mais tarde, o que acontecera é que a babá temporária mais recente, aborrecida por eu estar atrasada e ela ter que ficar além da hora outra vez, simplesmente vestira o casaco no seu horário de saída e fora embora, abandonando Brianna, aos sete anos, com as instruções “espere a mamãe”. Isso ela obedientemente fez por mais ou menos uma hora. Mas quando começou a escurecer, ela ficou com medo de ficar sozinha em casa e resolveu sair e ir ao meu encontro. Ao cruzar uma das ruas movimentadas perto de casa, fora atropelada por um carro que entrava na rua.

Ela — graças a Deus! — não se ferira gravemente; o carro estava em baixa velocidade e ela saiu da experiência apenas abalada e com algumas contusões. Aliás, não tão abalada quanto eu. Nem tão machucada como eu, quando entrei na sala e a encontrei deitada no sofá; ela olhou para mim, as lágrimas escorrendo de novo pelo rostinho molhado e disse: “Mamãe! Onde você estava? Não consegui encontrar você!”.

Precisei de todas as minhas reservas de autocontrole profissional para confortá-la, examiná-la, cuidar novamente de seus arranhões e cortes, agradecer às pessoas que a resgataram — as quais, para a minha mente febril, fitavam-me acusadoramente — e colocá-la para dormir com seu ursinho bem apertado nos braços. Em seguida, sentei-me à mesa da cozinha e foi minha vez de chorar.

Frank deu uns tapinhas desajeitadamente em minhas costas, murmurando palavras de conforto, mas depois desistiu e, numa atitude mais prática, foi preparar um chá.

— Já decidi — disse, quando ele colocou a xícara fumegante à minha frente. Falei vagarosamente, sentindo a cabeça pesada e bloqueada. — Vou largar os estudos. Farei isso amanhã.

— Parar de estudar? — A voz de Frank soou aguda de surpresa. — Vai largar a faculdade? Por quê?

— Não aguento mais. — Eu nunca adicionava creme nem açúcar ao meu chá. Desta vez, acrescentei ambos, mexendo e observando os filetes de creme girarem pela xícara. — Não aguento mais deixar Bree, sem saber se estão cuidando bem dela... e sabendo que ela não está feliz. Você sabe que ela não gosta realmente de nenhuma das babás que experimentamos.

— Sim, eu sei disso. — Sentou-se à minha frente, mexendo seu próprio chá. Após um longo instante, ele disse: — Mas não acho que deva desistir.

Era a última coisa que eu esperava ouvir; achei que ele receberia minha decisão com aprovação e alívio. Fitei-o, perplexa, depois assoei o nariz outra vez no lenço de papel que estava no meu bolso.

— Não?

— Ah, Claire. — Falou com impaciência, mas ainda assim com um toque de afeição. — Você sempre soube quem você era. Não percebe o quanto esse conhecimento é incomum?

— Não. — Limpei o nariz com o lenço em frangalhos, usando-o delicadamente para que não se desfizesse em pedaços.

Frank recostou-se em sua cadeira, sacudindo a cabeça enquanto me olhava.

— Não, imagino que não — disse ele. Ficou em silêncio por um minuto, os olhos abaixados, fitando as mãos entrelaçadas. Eram delgadas, os dedos longos; macias e lisas como as de uma moça. Mãos elegantes, feitas para gestos descontraídos e para dar ênfase ao discurso.

Estendeu-as sobre a mesa e olhou para elas como se nunca as tivesse visto antes.

— Eu não tenho isso — disse ele finalmente. — Eu sou bom no que faço, tudo bem. Ensinar, escrever. Na realidade, excelente às vezes. E gosto muito do que faço. Mas a questão é... — Hesitou, depois me olhou diretamente, os olhos castanho-claros ansiosos. — Eu poderia fazer outra coisa e ser igualmente bom. Dedicar-me muito ou pouco. Não possuo esta convicção absoluta

de que existe algo na vida que estou destinado a fazer... mas você possui.

— E isso é bom? — As minhas narinas ardiam e meus olhos estavam inchados de tanto chorar.

Ele deu uma risadinha curta.

— É extremamente inconveniente, Claire. Para você, para mim e para Bree, para nós três. Mas, por Deus, eu às vezes a invejo.

Estendeu o braço para segurar minha mão e, após um momento de hesitação, deixei que a tomasse.

— Sentir essa paixão por alguma coisa — um pequeno tremor repuxou o canto de sua boca — ou alguém. Isso é absolutamente esplêndido, Claire, e muito raro. — Apertou minha mão delicadamente e soltou-a, virando-se para trás para pegar um livro da estante ao lado da mesa.

Era um de seus livros de referência, Patriots, de Woodhill, uma série de perfis dos fundadores da América.

Colocou a mão sobre a capa do livro, delicadamente, como se relutasse em perturbar o descanso das vidas adormecidas enterradas ali dentro.

— Essas pessoas eram assim. Elas se importavam o suficiente para arriscar tudo, o suficiente para mudar e fazer coisas. A maioria das pessoas não é assim, você sabe. Não é que não se importem, mas que não se importam tanto. — Tomou minha mão outra vez, desta vez virando-a para cima. Um dedo traçou as linhas que cortavam a palma, fazendo cócegas enquanto deslizava.

— Será que está gravado aí? — continuou ele, sorrindo ligeiramente. — Será que algumas pessoas são fadadas a um grande destino ou a grandes feitos? Ou será apenas que elas nasceram com essa enorme paixão e, quando se veem nas circunstâncias favoráveis, as coisas acontecem? É o tipo do pensamento que me faz refletir, ao estudar história... mas não há realmente como saber. Tudo que sabemos é o que essas pessoas

realizaram. Mas, Claire... — Os olhos dele exibiam uma expressão inequívoca de advertência, enquanto ele batia de leve na capa do livro. — Elas pagaram um preço por isso.

— Eu sei. — Senti-me muito distante dali, como se estivesse nos observando à distância; podia ver a cena com muita clareza na minha mente: Frank, bonito, magro e um pouco cansado, ficando encantadoramente grisalho nas têmporas. Eu, imunda em minhas roupas de hospital, os cabelos despenteados, a frente da blusa amassada e manchada das lágrimas de Bree.

Ficamos sentados em silêncio por algum tempo, minha mão ainda repousando na de Frank. Eu podia ver as linhas e vales misteriosos, claros como um mapa rodoviário — mas uma estrada para qual destino desconhecido?

Alguns anos antes, minha mão fora lida por uma velha senhora escocesa chamada Graham — na verdade, a avó de Fiona. “As linhas da mão vão mudando conforme você muda”, dissera ela. “Não importa tanto aquilo com que você nasceu, mas o que você faz de si mesma.”

E o que eu fizera de mim mesma, o que eu estava fazendo? Um caos, era isso. Nem boa mãe, nem boa esposa, nem boa médica. Um caos. Um dia, eu me achara uma pessoa inteira — fora capaz de amar um homem, gerar um filho, curar os enfermos — e considerava tudo isso parte natural de mim, não os fragmentos difíceis, confusos, em que minha vida agora se desintegrara. Mas isso fora no passado, o homem que eu amara fora Jamie e, durante algum tempo, eu fizera parte de algo maior do que eu mesma.

— Eu levarei Bree.

Eu estava tão absorta em meus pensamentos infelizes que, por um instante, as palavras de Frank se perderam e eu o fitei com um ar estúpido.

— O que foi que você disse?

— Eu disse — repetiu ele pacientemente — que levarei Bree. Ela pode ir da escola para a universidade e ficar na minha sala

até eu voltar para casa.

Esfreguei o nariz.

— Achei que você não achasse correto que os funcionários levassem os filhos para o trabalho. — Ele criticara severamente a sra. Clancy, uma das secretárias, que levara seu neto para o trabalho durante um mês quando a mãe dele ficou doente.

Ele deu de ombros, um pouco constrangido.

— Bem, as circunstâncias obrigam mudanças. E não é provável que Brianna fique correndo para cima e para baixo nos corredores gritando e derramando tinta como Bart Clancy.

— Eu não apostaria minha vida nisso — disse ironicamente. — Mas você faria isso? — Um pequeno sentimento crescia na boca do meu estômago contraído; um cauteloso, incrédulo, sentimento de alívio. Eu podia não confiar que Frank fosse fiel a mim, eu sabia muito bem que não era, mas eu confiava nele inequivocamente em se tratando de Bree.

De repente, toda a minha preocupação se desfez. Eu não precisava mais sair correndo do hospital para casa, aterrorizada porque estava atrasada, odiando a ideia de encontrar Brianna encolhida em seu quarto, aborrecida, porque não gostava da babá atual. Ela amava Frank; eu sabia que ela iria ficar encantada com a ideia de ir para o gabinete dele todos os dias.

— Por quê? — perguntei diretamente. — Não é por você estar empolgado com a ideia de eu me tornar médica, eu sei disso.

— Não — disse ele, pensativamente. — Não é isso. Mas eu realmente acho que não há nenhum modo de impedi-la... talvez, o melhor que eu possa fazer seja ajudá-la, de modo que haja menos danos para Brianna. — Suas feições endureceram ligeiramente e ele se afastou.

— Se algum dia ele sentiu que tinha um destino, algo que realmente estava fadado a fazer, esse destino era Brianna — disse Claire. Mexeu o chocolate pensativamente. — Por que você se importa, Roger? — perguntou-

lhe de repente. — Por que está me fazendo essas perguntas?

Ele levou alguns segundos para responder, tomando pequenos goles de seu chocolate. Era uma bebida espessa e escura, feita com creme de leite fresco e uma pitada de açúcar mascavo. Fiona, sempre realista, dera uma olhada em Brianna e desistira de suas tentativas de conquistar Roger pela barriga, mas Fiona era uma cozinheira da mesma forma que Claire era uma médica; nascida com esse talento e incapaz de abandoná-lo.

— Porque sou um historiador, suponho — respondeu ele finalmente. Observou-a por cima da borda de sua caneca. — Eu preciso saber. O que as pessoas de fato fizeram e por que o fizeram.

— E acha que eu posso lhe dizer isso? — Ela olhou-o de modo incisivo. — Ou que eu sei?

Ele balançou a cabeça, confirmando e bebendo seu chocolate.

— Você sabe melhor do que a maioria das pessoas. A maioria das fontes de um historiador não possui a sua... — ele parou e exibiu um largo sorriso — ...a sua perspectiva única, digamos assim.

Houve uma repentina quebra da tensão. Ela riu e pegou sua própria xícara.

— Sim, digamos assim — concordou ela.

— O outro motivo — disse ele, observando-a atentamente — é que você é honesta. Não acho que poderia mentir, ainda que quisesse.

Olhou-o de modo brusco e deu uma risada seca e curta.

— Todo mundo é capaz de mentir, meu jovem Roger, se tiver motivos suficientes. Até eu. Apenas é mais difícil para nós que temos um rosto transparente; temos que inventar nossas mentiras com antecedência.

Ela abaixou a cabeça e remexeu nos papéis à sua frente, virando as folhas devagar, uma a uma. Eram listas de nomes, listas de prisioneiros, copiadas de livros de registros de prisões britânicas. A tarefa era complicada pelo fato de que nem todas as prisões haviam sido bem administradas.

Alguns diretores não mantinham nenhum registro oficial de seus internos ou listava-os desordenadamente em seus diários, junto com anotações de despesas diárias e de manutenção, não fazendo maiores distinções entre a morte de um prisioneiro e o abate de dois bois para consumo interno.

Roger achou que Claire abandonara a conversa, mas um momento depois

ela ergueu os olhos outra vez.

— Mas você tem toda a razão — disse ela. — Sou sincera porque não sei ser diferente, mais do que por qualquer outra coisa. Não é fácil para mim não dizer o que estou pensando. Imagino que perceba isso porque também é assim.

— Sou? — Roger sentiu-se imensamente satisfeito, como se alguém tivesse lhe dado um presente inesperado.

Claire balançou a cabeça, um ligeiro sorriso nos lábios enquanto o observava.

— Ah, sim. É inquestionável, sabe. Não há muitas pessoas assim... que lhe digam a verdade sobre si mesmos e sobre qualquer outra coisa de pronto. Só conheci três pessoas assim, eu acho... quatro agora — disse ela, seu sorriso ampliando-se cordialmente para ele. — Houve Jamie, é claro. — Seus dedos longos descansaram levemente na pilha de papéis, quase os acariciando. — Mestre Raymond, o boticário que conheci em Paris. E um amigo que conheci na faculdade de medicina, Joe Abernathy. E agora você. Eu acho.

Inclinou a xícara e bebeu o restante do espesso líquido marrom. Colocou-a de volta sobre a escrivaninha e olhou diretamente para Roger.

— Mas Frank tinha razão, de certa forma. Não é necessariamente mais fácil se você sabe qual é a sua vocação, mas ao menos não perde tempo questionando ou duvidando. Se for honesto... bem, isso não é necessariamente mais fácil, tampouco. Embora eu imagine que se você for honesto consigo mesmo e souber quem você é, pelo menos é pouco provável que sinta que desperdiçou sua vida fazendo a coisa errada.

Colocou de lado a pilha de documentos e pegou outra — um conjunto de pastas com o logotipo característico do Museu Britânico nas capas.

— Jamie era assim — disse ela suavemente, como se falasse consigo mesma. — Não era um homem de virar as costas a nada que achasse que era seu dever. Perigoso ou não. E acredito que ele não deve ter sentido que sua vida foi desperdiçada... independentemente do que possa ter lhe acontecido.

Ela caiu em silêncio depois disso, absorta nos arabescos de algum escriturário morto havia muito tempo, procurando o registro que lhe diria o que Jamie Fraser fizera e fora, e se sua vida fora desperdiçada numa cela de

prisão ou terminara numa masmorra solitária.

O relógio sobre a escrivaninha bateu a meia-noite, seus carrilhões surpreendentemente sonoros e melodiosos para um instrumento tão pequeno. O quarto de hora bateu e depois a meia hora, pontuando o rumor monótono dos papéis. Roger colocou sobre a mesa o maço de fotocópias que andara folheando e bocejou longamente, sem se preocupar em tapar a boca.

— Estou tão cansado que já estou vendo tudo duplicado — disse ele. — Vamos continuar a busca pela manhã?

Claire não respondeu por um instante; estava olhando dentro das barras incandescentes do aquecedor elétrico, uma expressão de completo distanciamento no rosto. Roger repetiu a pergunta e, lentamente, ela voltou de onde quer que estivesse.

— Não — disse ela. Pegou outra pasta e sorriu para Roger, o ar distante demorando-se em seus olhos. — Vá você, Roger — disse. — Eu... vou procurar um pouco mais.

Quando finalmente o encontrei, quase que passei direto por ele sem o notar. Eu não estava lendo os nomes cuidadosamente, mas apenas fazendo uma varredura superficial das páginas em busca da letra “J”. “John, Joseph, Jacques, James.” Havia James Edward, James Alan, James Walter, *ad infinitum*. E então, lá estava ele, a escrita pequena e precisa atravessando a página: “Jamie MacKenzie Fraser, de Broch Tuarach.”

Coloquei a folha com todo o cuidado sobre a mesa, fechei os olhos por um instante para clareá-los, depois olhei outra vez. Ainda estava lá.

— Jamie — disse em voz alta. Meu coração batia com força no meu peito. — Jamie — disse outra vez, mais serenamente.

Eram quase três horas da madrugada. Todos dormiam, mas a casa, como acontece com as construções antigas, ainda estava acordada ao meu redor, estalando e suspirando, fazendo-me companhia. Estranhamente, não senti nenhum desejo de sair correndo e acordar Brianna e Roger para dar-lhes a notícia. Queria guardá-la para mim por alguns instantes, como se eu estivesse ali sozinha, no aposento iluminado pelo abajur, com o próprio Jamie.

Meus dedos percorreram a linha de tinta. A pessoa que escrevera aquelas palavras vira Jamie — talvez tivesse escrito aquela linha com Jamie de pé

diante dele. A data no alto da página era 16 de maio de 1753. Portanto, fora perto desta época do ano. Eu podia imaginar como estava o ar, puro e fresco, com o raro sol de primavera sobre seus ombros, acendendo centelhas em seus cabelos.

Como estaria usando os cabelos na época — curtos ou longos? Ele preferia usá-los longos, em trança ou amarrados na nuca. Lembro-me do gesto descontraído com que ele tirava o peso dos cabelos do pescoço para refrescar-se no calor do exercício.

Não estaria usando seu kilt — o uso de qualquer tartã fora proibido depois de Culloden. Calças, portanto, provavelmente, e uma camisa de linho. Eu mesma fizera camisas assim para ele; podia sentir a maciez do tecido em minha lembrança, o flutuante comprimento de três metros necessários para fazer uma peça, as longas abas e as mangas franzidas que permitiam que os homens das Terras Altas largassem seus trajes de xadrez e dormissem ou lutassem apenas com sua camisa. Podia imaginar seus ombros largos sob o tecido rústico, a pele quente embaixo, as mãos tocadas pelo frio da primavera escocesa.

Ele já estivera preso antes. Que expressão teria, diante de um funcionário de uma prisão inglesa, sabendo perfeitamente o que o aguardava? Soturno, pensei, olhando para baixo pelo longo nariz reto com olhos frios e azul-escuros — sombrios e insondáveis como as águas do lago Ness.

Abri meus próprios olhos, percebendo somente então que estava sentada na borda da minha cadeira, a pasta de fotocópias agarradas junto ao peito, tão absorta em minha evocação que nem prestara atenção de onde vieram aqueles registros.

Havia várias prisões grandes que os ingleses usaram regularmente no século XVIII e diversas outras menores. Virei a pasta, devagar. Seria Berwick, perto da fronteira? A famosa Tolbooth de Edimburgo? Ou uma das prisões ao sul, Castelo Leeds ou mesmo a Torre de Londres?

— Ardsmuir — dizia o cartão de identificação habilmente grampeado na frente da pasta. — Ardsmuir? — disse, perplexa. — Onde será que fica?

PRISIONEIRO DA HONRA

— **A**rdsmuir é o furúnculo da bunda de Deus — disse o coronel Harry Quarry. Ergueu o copo sarcasticamente para o jovem junto à janela. — Fiquei aqui doze meses e foram onze meses e vinte e nove longos dias demais. Seja feliz em seu novo posto, milorde.

O major John William Grey virou-se da janela que dava para o pátio, de onde andara supervisionando seus novos domínios.

— De fato, parece um pouco desconfortável — concordou ele secamente, pegando seu próprio copo. — Chove o tempo todo?

— Claro. É a Escócia. E, o que é pior, a bunda da maldita Escócia. — Quarry tomou um grande gole de seu uísque, tossiu e expirou ruidosamente enquanto colocava o copo vazio sobre a mesa. — A bebida é a única compensação — disse ele, meio rouco. — Visite os comerciantes de bebida do local em seu melhor uniforme e lhe farão um preço honesto. É incrivelmente barato, sem o imposto. Deixei uma lista para você das melhores destilarias. — Indicou com a cabeça a pesada escrivaninha de carvalho maciço num dos lados da sala, plantada no meio de uma ilha de tapete como uma pequena fortaleza confrontando o aposento árido. A ilusão de fortificações era ampliada pelos estandartes do regimento e da nação pendurados na parede de pedra atrás da mesa. — A lista de plantão dos guardas está aqui — continuou ele, levantando-se e remexendo na primeira gaveta da escrivaninha. Bateu uma pasta de couro surrada no tampo da escrivaninha e acrescentou outra por cima. — E a lista de prisioneiros. Você tem cento e noventa e seis no momento; duzentos é o normal, um pouco a mais ou a menos devido a algumas mortes por doença ou a um ou outro caçador ilegal preso no campo.

— Duzentos — disse Grey. — E quantos nos alojamentos dos guardas?

— Oitenta e dois, em número. Em condições, cerca da metade. — Quarry enfiou a mão na gaveta outra vez e retirou uma garrafa de vidro marrom com

uma rolha de cortiça. Sacudiu-a, ouviu o barulho e sorriu ironicamente. — O comandante não é o único a encontrar consolo na bebida. Metade dos bebedores geralmente está incapacitada na hora da chamada. Vou deixar isto aqui para você, está bem? Vai precisar. — Colocou a garrafa de volta, abriu a última gaveta e continuou: — Requisições e cópias aqui; a papelada é o pior do cargo. Não há muito o que fazer, na verdade, se tiver um bom secretário. Não tem, no momento; eu tinha um caco que escrevia com boa caligrafia, mas morreu há duas semanas. Treine outro e não terá nada a fazer, a não ser caçar tetrazes e o Ouro do Francês. — Riu de sua própria piada; boatos sobre o ouro que Louis da França supostamente teria enviado a seu primo Charles Stuart eram numerosos nesta ponta da Escócia.

— Os prisioneiros não são difíceis? — perguntou Grey. — Pelo que soube, quase todos são jacobitas das Terras Altas.

— E são. Mas bastante dóceis. — Quarry parou, olhando pela janela. Uma pequena fileira de homens maltrapilhos saía de uma porta na ameaçadora parede de pedras em frente. — Não têm mais ânimo depois de Culloden — disse ele, sem entusiasmo. — Billy, o Açougueiro, deu jeito nisso. E nós os fazemos pegar tão pesado no trabalho que não lhes restam forças para criar confusão.

Grey balançou a cabeça. A fortaleza de Ardsmuir estava passando por reformas, ironicamente usando a mão de obra dos escoceses ali encarcerados. Levantou-se e foi se juntar a Quarry à janela.

— Há uma turma de trabalho saindo agora para cortar turfa. — Quarry indicou o grupo lá embaixo com um sinal da cabeça. Doze homens barbados, esfarrapados como espantalhos, formavam uma fila torta diante de um soldado de casaco vermelho, que andava para baixo e para cima, inspecionando-os. Evidentemente satisfeito, gritou um comando e sacudiu a mão em direção ao portão externo.

A turma de prisioneiros era acompanhada por seis soldados armados, que se perfilaram na frente e atrás do grupo, os mosquetes posicionados para a marcha, sua aparência elegante em marcante contraste com os escoceses maltrapilhos. Os prisioneiros andavam devagar, indiferentes à chuva que encharcava seus farrapos. Uma carroça puxada por mulas ia rangendo atrás, um monte de facões para cortar turfa brilhando opacamente no chão do

veículo.

Quarry franziu a testa, contando-os.

— Alguns devem estar doentes. Cada turma de trabalho tem dezoito homens: três prisioneiros para um guarda, por causa dos facões. Embora, surpreendentemente, bem poucos tentem fugir — acrescentou ele, afastando-se da janela. — Não há lugar para onde ir, imagino. — Deixou a escrivaninha, chutando para o lado um grande cesto de vime que descansava sobre a lareira, cheia de pedaços brutos de uma substância marrom-escura. — Deixe a janela aberta, mesmo se estiver chovendo — avisou Quarry. — Caso contrário, a fumaça da turfa vai sufocá-lo. — Respirou fundo para ilustrar e soltou o ar explosivamente. — Meu Deus, vou ficar feliz de retornar a Londres!

— Não há muito o que fazer na sociedade local, eu presumo — disse Grey secamente. Quarry riu; seu rosto largo e vermelho enrugando-se com a risada diante da ideia.

— Sociedade? Meu caro jovem! Fora uma ou duas vadias passáveis no vilarejo, a vida social aqui é unicamente conversar com seus oficiais. São quatro, um dos quais é capaz de falar sem usar palavrões, seu ordenança e um prisioneiro.

— Um prisioneiro? — Grey ergueu os olhos dos livros de registros que andara examinando, uma das sobranceiras louras erguida inquisitivamente.

— Ah, sim. — Quarry andava de um lado para o outro do escritório agitado, ansioso para ir embora. Sua carruagem o aguardava; demorara-se apenas o suficiente para passar as informações básicas para seu substituto e fazer a passagem formal do comando. Parou, olhando para Grey. Um canto de sua boca torceu-se para cima, divertindo-se com uma piada secreta. — Imagino que já tenha ouvido falar de Jamie Fraser, o Ruivo, não é?

Grey retesou-se ligeiramente, mas manteve o rosto o mais impassível que pôde.

— Creio que a maioria das pessoas já ouviu — disse ele friamente. — O sujeito ficou famoso durante a revolução. — Quarry ouvira a história, droga! Toda ela ou apenas a primeira parte?

A boca de Quarry contorceu-se ligeiramente, mas ele apenas balançou a cabeça.

— É verdade. Bem, nós o temos. Ele é o único oficial jacobita aqui; os prisioneiros das Terras Altas tratam-no como seu chefe. Em consequência, se surge algum problema com os presos, e surgirão, posso lhe garantir, ele age como seu porta-voz.

Quarry estava calçado apenas com suas meias; agora, sentou-se e enfiou as longas botas da cavalaria, preparando-se para a lama lá fora.

— *Seumas, mac na fhear dhuibh*, é como o chamam, ou simplesmente *Mac Dubh*. Fala gaélico? Nem eu. Mas Grissom fala; ele diz que significa “James, filho do Coisa-Ruim”. Metade dos guardas tem medo dele, os que lutaram com Cope em Prestonpans. Dizem que ele é o próprio Diabo. Pobre-diabo, agora!

Quarry deu um breve muxoxo, forçando os pés dentro das botas. Bateu os pés no chão, um de cada vez, para ajeitá-las, e levantou-se.

— Os prisioneiros obedecem sem titubear; mas dê ordens sem que ele dê seu aval e será o mesmo que estar falando com pedras no pátio. Já conviveu com escoceses? Ah, claro, você lutou em Culloden, no regimento de seu irmão, não foi?

Quarry tocou a testa em seu fingido esquecimento. Desgraçado! Ele sabia da história toda.

— Deve ter uma ideia, então. “Teimosos” não serve nem para começar a descrevê-los. — Abanou a mão no ar como se descartasse um contingente inteiro de escoceses recalcitrantes. — O que significa — Quarry fez uma pausa, divertindo-se — que vai precisar da boa vontade de Fraser, ou ao menos de sua cooperação. Ele jantava comigo uma vez por semana, para conversar, e achei que deu certo. Talvez você deva experimentar o mesmo arranjo.

— Suponho que sim. — O tom de voz de Grey era frio, mas suas mãos estavam apertadas com força contra os lados do corpo. Quando pingentes de gelo crescerem no inferno, ele jantaria com James Fraser!

— Ele é um homem educado — continuou Quarry, os olhos brilhando de malícia, fixos no rosto de Grey. — Muito mais interessante para se conversar do que os oficiais. Joga xadrez. Joga de vez em quando, não é?

— De vez em quando. — Os músculos de seu abdômen estavam contraídos com tanta força que tinha dificuldade de respirar. Por que esse

cabeça-dura idiota não para de falar e vai embora?

— Bem, pense no assunto.

Como se adivinhasse o desejo de Grey, Quarry ajeitou a peruca com mais firmeza, em seguida pegou o manto do cabide junto à porta e jogou-o sobre os ombros com um floreio. Virou-se para a porta, o chapéu na mão, depois se virou de novo para Grey.

— Ah, mais uma coisa. Se você realmente jantar com Fraser sozinho, não dê as costas para ele. — O sarcasmo abandonara o rosto de Quarry; Grey franziu a testa, mas não viu nenhuma prova de que o aviso tivesse a intenção de uma piada. — Falo sério — disse Quarry, com um ar repentinamente grave. — Ele está acorrentado, mas é fácil estrangular um homem com a corrente. E Fraser é um sujeito muito corpulento.

— Eu sei. — Para sua desgraça, Grey pôde sentir o sangue subir às suas faces. Para esconder o fato, virou-se, deixando que o ar frio da janela parcialmente aberta soprasse em seu rosto. — Certamente — disse ele, para as pedras cinza e escorregadias da chuva lá embaixo —, se ele for o homem inteligente que você diz que é, não seria tão idiota a ponto de me atacar em meu próprio gabinete, no meio da prisão, não é? Por que ele faria isso?

Quarry não respondeu. Após um instante, Grey virou-se, encontrando o outro fitando-o pensativamente, o rosto largo, vermelho, sem qualquer vestígio de humor.

— Há inteligência — disse Quarry devagar. — E também há outras coisas. Mas talvez você seja jovem demais para ter visto o ódio e o desespero de perto. Tem havido muito disso na Escócia nestes últimos dez anos. — Inclinou a cabeça, inspecionando o novo comandante de Ardsmuir do alto de seus quinze anos de experiência.

O major Grey era jovem, não mais do que 26 anos, tinha um rosto bonito e longas pestanas femininas que o faziam parecer ainda mais jovem. Para agravar o problema, era quatro ou cinco centímetros mais baixo do que a média e, além disso, de compleição delicada. Ele empertigou-se.

— Tenho consciência de tudo isso, coronel — disse ele sem se alterar. Quarry era o filho mais novo de uma boa família, como ele próprio, mas ainda assim seu superior em patente; ele devia se controlar.

O olhar castanho-claro e brilhante de Quarry demorou-se nele,

conjecturando.

— Tenho certeza que sim.

Com um movimento repentino, enfiou o chapéu na cabeça. Tocou o rosto, onde a linha mais escura de uma cicatriz cortava a pele vermelha; uma lembrança do escandaloso duelo que o enviara ao exílio em Ardsmuir.

— Só Deus sabe o que você fez para ser enviado para cá, Grey — disse ele, sacudindo a cabeça. — Mas, para o seu próprio bem, espero que o mereça! Boa sorte! — E com um giro do manto azul, desapareceu.

— Melhor o diabo que se conhece do que o diabo que não se conhece — disse Murdo Lindsay, sacudindo a cabeça lugubrementemente. — Harry, o Bonitão, não era tão ruim assim.

— Não, não era — concordou Kenny Lesley. — Mas você já estava aqui quando ele veio, não é? Ele era bem melhor do que o merda do Bicho-papão, hein?

— Sim — disse Murdo, sem entender. — O que está querendo dizer?

— Bom, se o Bonitão era melhor do que o Bicho-papão — explicou Lesley pacientemente —, então o Bonitão era o diabo que não conhecíamos e o Bicho-papão era o diabo que conhecíamos, mas, apesar disso, o Bonitão era melhor. Portanto, você está errado, parceiro.

— Estou? — Murdo, irremediavelmente confuso com esse raciocínio, olhou furiosamente para Lesley. — Não, não estou.

— Está, sim — disse Lesley, perdendo a paciência. — Você está sempre errado, Murdo! Por que você discute, se nunca tem razão?

— Não estou discutindo! — protestou Murdo, indignado. — Você é que está me provocando, e não o contrário.

— Só porque você está errado! — disse Lesley. — Se estivesse certo, eu não teria dito uma palavra.

— Não estou errado! Ao menos, eu não acho — resmungou Murdo, sem conseguir lembrar exatamente o que havia dito. Virou-se, recorrendo à enorme figura sentada a um canto. — Mac Dubh, eu estava errado?

O homem alto espreguiçou-se, as correntes de seus grilhões tilintando levemente com seus movimentos, e ele riu.

— Não, Murdo, você não está errado. Mas por enquanto ainda não

podemos dizer se está certo. Não até vermos como é o novo diabo, certo? — Vendo as sobancelhas de Lesley unirem-se em preparação para prosseguir com a discussão, ele ergueu a voz, falando para todo o aposento. — Alguém já viu o novo diretor? Johnson? MacTavish?

— Eu vi — disse Hayes, abrindo caminho alegremente para a frente para aquecer as mãos junto ao fogo. Havia apenas uma lareira na enorme cela e espaço para no máximo seis homens diante do fogo de cada vez. Os outros quarenta permaneciam num frio cortante, amontoando-se em pequenos grupos para se aquecerem.

Em consequência, o acordo era que aquele que tivesse uma história para contar ou uma canção para cantar obtinha um lugar junto à lareira enquanto estivesse falando. Mac Dubh disse que esse era um direito dos trovadores, que ao chegar em grandes castelos, davam-lhe um lugar quente junto à lareira e bastante comida e bebida, em honra da hospitalidade do senhor do castelo. Nunca havia comida ou bebida de reserva ali, mas o lugar quente era certo.

Hayes relaxou, os olhos fechados e um sorriso de felicidade no rosto quando abriu as mãos para o calor. Mas, avisado por um movimento irrequieto de ambos os lados, apressadamente abriu os olhos e começou a falar.

— Eu o vi quando saiu da carruagem e depois outra vez quando levei um prato de doces das cozinhas, enquanto ele e Harry, o Bonitão, estavam conversando.

Hayes franziu a testa em concentração.

— Ele é louro, com longas madeixas douradas amarradas com fita azul. Olhos grandes e pestanas longas também, como as de uma mocinha. — Hayes olhou maliciosamente para seus ouvintes, batendo as próprias pestanas curtas num arremedo de flerte.

Encorajado pelas risadas, continuou, descrevendo as roupas do novo diretor — “elegantes como as de um senhor feudal”, — seus equipamentos e seu criado — “um desses Sassenachs que falam como se tivessem queimado a língua” — e tudo que ouvira sobre o modo de falar do novo diretor.

— Ele fala com autoridade e rápido, como alguém que sabe o que está dizendo — disse Hayes, sacudindo a cabeça em dúvida. — Além do mais, ele é muito novo. Parece que acabou de ser desmamado, embora eu imagine que

seja mais velho do que parece.

— Sim, é um sujeito baixinho, menor do que o pequeno Angus — concordou Baird, com uma sacudida da cabeça em direção a Angus MacKenzie, que olhou para si mesmo espantado. Angus tinha doze anos quando lutou ao lado do pai em Culloden. Passara metade de sua vida em Ardsmuir e, em consequência da alimentação pobre da prisão, não crescera muito.

— Sim — concordou Hayes —, mas ele tem pose, ombros aprumados e as costas retas como se tivessem lhe enfiado uma vara pelo traseiro.

A observação de Hayes provocou uma explosão de gargalhadas e comentários grosseiros. Hayes deu lugar a Ogilvie, que sabia uma longa e obscena história sobre o senhor de Donibristle e a filha do homem-porco. Hayes deixou a lareira sem ressentimentos e foi — como de costume — sentar-se ao lado de Mac Dubh.

Mac Dubh nunca ocupava um lugar junto à lareira, mesmo quando lhes contava as longas histórias dos livros que havia lido — *As aventuras de Roderick Random*; *A história de Tom Jones, uma criança abandonada*; ou a favorita de todos, *Robinson Crusoe*. Alegando que precisava de espaço para acomodar as longas pernas, Mac Dubh sempre se sentava no mesmo lugar no canto, de onde todos podiam ouvi-lo. Mas os homens que saíam de perto do fogo vinham, um a um, e sentavam-se no banco a seu lado, para lhe dar o calor que emanava de suas roupas.

— Acha que vai falar com o novo comandante amanhã, Mac Dubh? — perguntou Hayes ao se sentar. — Encontrei-me com Billy Malcolm, na volta do corte de turfa, e ele gritou para mim que os ratos estavam ficando incrivelmente audaciosos em sua cela agora. Seis homens foram mordidos nesta semana quando dormiam e dois deles já estão com feridas supuradas.

Mac Dubh sacudiu a cabeça e coçou o queixo. Emprestavam-lhe uma navalha antes de suas audiências semanais com Harry Quarry, mas já fazia cinco dias desde a última audiência e a barba ruiva espetada já cobria todo o seu queixo.

— Não sei, Gavin — disse ele. — Quarry disse que falaria com o novo sujeito sobre nosso acordo, mas o novo diretor pode ter seus métodos próprios, não é? Mas, se for chamado para vê-lo, não deixarei de falar sobre

os ratos. E Malcolm pediu a Morrison para vir tratar as feridas? — A prisão não possuía um médico; Morrison, que tinha talento para curandeiro, tinha permissão dos guardas para ir de cela em cela cuidar dos doentes e feridos, a pedido de Mac Dubh.

Hayes sacudiu a cabeça.

— Ele não teve tempo de dizer mais nada. Passaram por mim marchando, sabe?

— É melhor eu enviar Morrison — decidiu Mac Dubh. — Ele pode perguntar a Billy se há mais alguma coisa errada por lá. — Havia quatro celas principais onde os prisioneiros eram mantidos em grupos numerosos; a comunicação entre eles era feita através das visitas de Morrison e da mistura dos homens nas equipes de trabalho que saíam dia a dia para carregar pedras ou cortar turfa na charneca próxima.

Morrison aproximou-se assim que foi chamado, colocando no bolso quatro crânios de ratos esculpidos com que os presos improvisavam jogos de damas. Mac Dubh tateou embaixo do banco onde se sentava, retirando a sacola de pano que carregava quando ia à charneca.

— Ah, nada mais dos malditos cardos — protestou Morrison, ao ver o amplo sorriso de Mac Dubh ao remexer na sacola. — Não consigo fazê-los comer essa planta espinhenta. Todos perguntam se eu acho que eles são bois ou porcos.

Mac Dubh colocou com todo o cuidado no banco um punhado de talos secos e sugou os dedos espetados.

— São teimosos como porcos, sem dúvida — observou ele. — É apenas cardo leiteiro. Quantas vezes tenho que lhe dizer, Morrison? Tire as pontas do cardo e triture bem as folhas e os talos. Se ficar espinhoso demais para comer a pasta passada no pão, prepare um chá com as folhas e os talos e faça-os beber. Diga a eles que nunca vi porcos beberem chá.

O rosto enrugado de Morrison abriu-se numa risada. Sendo um homem de idade, ele sabia muito bem como lidar com pacientes teimosos; só gostava de se queixar por diversão.

— Sim, bem, vou perguntar a eles se já viram uma vaca desdentada — disse ele, resignado, enquanto enfiava o punhado de ervas murchas cuidadosamente em sua própria sacola. — Mas não deixe de arreganhar os

dentes para Joel McCulloch da próxima vez que o vir. Ele é o pior de todos, não acredita que as folhas verdes realmente ajudam a prevenir o escorbuto.

— Diga a ele que vou dar uma mordida no traseiro dele — prometeu Mac Dubh, com um lampejo de seus belos dentes —, se ficar sabendo que ele não comeu seus cardos.

Morrison deu uma risada gutural e foi reunir os poucos unguentos e ervas que usava como remédios.

Mac Dubh relaxou por um instante, olhando em volta da cela para se certificar de que não havia nenhum problema em formação. Havia rixas no momento; ele havia resolvido o conflito entre Bobby Sinclair e Edwin Murray uma semana antes e, embora não fossem amigos, estavam mantendo distância um do outro.

Fechou os olhos. Estava cansado; carregara pedras o dia inteiro. A refeição da noite seria servida em poucos minutos — uma tigela de mingau e um pouco de pão para ser dividido entre eles, um pouco de sopa também, se tivessem sorte. Como sempre, a maioria dos homens iria dormir logo depois, deixando-lhe alguns momentos de paz e privacidade parcial, quando não precisaria ouvir ninguém ou achar que devia tomar alguma providência.

Não tivera um tempo livre até agora sequer para pensar a respeito do novo comandante, por mais importante que o homem fosse para todas as suas vidas. Jovem, dissera Hayes. Isso podia ser bom, ou ruim.

Homens mais velhos que haviam lutado na revolução geralmente tinham preconceito contra os escoceses das Terras Altas — o Bicho-papão, que o prendera, lutara com Cope. Mas um jovem soldado assustado, tentando se firmar num cargo com o qual não estava familiarizado, poderia ser mais rígido e tirânico do que o mais rabugento dos velhos coronéis. Bem, não havia nada a ser feito senão esperar para ver.

Suspirou e mudou de posição, incomodado — pela milionésima vez — pelos grilhões que usava. Remexeu-se com irritação, batendo um dos pulsos contra a borda do banco. Ele era suficientemente grande para o peso dos ferros não incomodá-lo muito, mas roçavam e irritavam a pele com o trabalho. Pior ainda era a impossibilidade de abrir os braços mais do que cinquenta centímetros; isso lhe dava câibras e uma sensação dilacerante no músculo do peito e das costas, que só o abandonava quando ele dormia.

— Mac Dubh — disse uma voz próxima. — Posso lhe falar em particular? — Abriu os olhos e viu Ronnie Sutherland de cócoras a seu lado, o rosto pontudo atento, semelhante ao de uma raposa, na fraca claridade do fogo.

— Sim, Ronnie, claro. — Sentou-se e afastou da mente com firmeza tanto seus grilhões quanto qualquer pensamento sobre o novo diretor.

Querida mãe, John Grey escreveu, mais tarde naquela noite.

Cheguei em segurança ao meu novo posto e achei-o confortável. O coronel Quarry, o meu antecessor — ele é sobrinho do duque de Clarence, lembra-se? —, deu-me as boas-vindas e me colocou a par dos meus deveres. Tenho um criado excelente e, embora no começo esteja inclinado a achar estranhas muitas coisas a respeito da Escócia, tenho certeza de que a experiência será interessante. Serviram-me um prato no jantar que o intendente disse chamar-se “haggis”. Após averiguar, fiquei sabendo tratar-se do órgão interno de um carneiro, recheado com uma mistura de aveia moída e uma carne cozida impossível de identificar. Embora tivessem me assegurado que os habitantes da Escócia consideram esse prato uma iguaria, eu o devolvi à cozinha e pedi um simples lombo de carneiro cozido em substituição. Tendo assim feito minha primeira — e humilde! — refeição aqui, e estando bastante cansado da longa viagem — de cujos detalhes devo informá-la numa carta subsequente —, acho que agora devo me recolher, deixando maiores descrições do meu ambiente — com o qual ainda não estou bem familiarizado no momento, já que está escuro — para uma comunicação futura.

Parou, batendo de leve com a pena no mata-borrão. A ponta deixou pequenos pontos de tinta e ele distraidamente desenhcou linhas ligando-os, traçando os contornos de um objeto denteado.

Ousaria perguntar sobre George? Não uma pergunta direta, isso não daria certo, mas uma referência à família, perguntando se sua mãe por acaso tinha

visto lady Everett ultimamente e pedindo que desse lembranças suas ao seu filho.

Suspirou e desenhou mais uma ponta em seu objeto. Não. Sua mãe viúva ignorava a situação, mas o marido de lady Everett circulava nos meios militares. A influência de seu irmão poderia abafar os mexericos, mas ainda assim lorde Everett poderia sentir o cheiro no ar e ser bastante rápido para tirar conclusões. Se ele fizesse algum comentário indiscreto com sua mulher sobre George, e esse comentário passasse de lady Everett a sua mãe... a viúva condessa Melton não era boba.

Ela sabia perfeitamente que ele caíra em desgraça; jovens e promissores oficiais não eram enviados à toa para os confins da Escócia para supervisionar a reforma de pequenas e insignificantes prisões fortificadas. Mas seu irmão Harold dissera-lhe que o problema era um infeliz assunto do coração, deixando implícito que seria uma indelicadeza da parte dela se perguntasse mais a respeito. Ela provavelmente pensou que ele fora flagrado com a mulher do coronel ou com uma prostituta no seu alojamento.

Um infeliz assunto do coração! Sorriu lugubrememente, mergulhando a pena na tinta. Talvez Harold tivesse uma sensibilidade maior do que ele imaginava, descrevendo o caso dessa maneira. Mas todos os seus casos tinham sido infelizes, desde a morte de Hector em Culloden.

Com a lembrança de Culloden, a imagem de Fraser voltou à sua mente; algo que andara evitando o dia inteiro. Olhou do mata-borrão para a pasta que continha a relação de prisioneiros, mordendo o lábio. Ficou tentado a abri-la e ver o nome, mas de que adiantaria isso? Devia haver centenas de escoceses nas Terras Altas chamados James Fraser, mas apenas um conhecido também como Jamie, o Ruivo.

Sentiu as faces queimarem quando ondas de calor percorreram seu corpo, mas não era a proximidade do fogo. Apesar disso, ergueu-se e dirigiu-se à janela, sorvendo grandes arfadas de ar, como se a brisa fria pudesse apagar suas lembranças.

— Desculpe-me, senhor, mas gostaria que sua cama fosse aquecida agora? — O sotaque escocês às suas costas espantou-o e ele girou nos calcanhares, defrontando-se com a cabeça desgrenhada do prisioneiro, designado para cuidar de suas acomodações, enfiada pela porta que levava

aos seus aposentos particulares.

— Hã? Ah, sim. Obrigado... MacDonell? — disse ele, em dúvida.

— MacKay, senhor — corrigiu o homem, sem aparente ressentimento, e a cabeça desapareceu.

Grey suspirou. Não havia nada a ser feito esta noite. Voltou à escrivaninha e juntou as pastas para guardá-las. O objeto denteado que ele desenhara no mata-borrão parecia uma dessas clavas cheias de espigões com que os cavaleiros antigos esmagavam a cabeça de seus inimigos. Sentia como se tivesse engolido uma delas, embora talvez não passasse de indigestão provocada pelo lombo de carneiro malcozido.

Sacudiu a cabeça, puxou a carta e assinou-a apressadamente.

Com afeto, seu filho obediente, John Wm. Grey. Espalhou areia sobre a assinatura, selou a carta com seu anel e colocou-a ao lado da mesa para ser enviada pela manhã.

Levantou-se e ficou parado, hesitante, observando os recônditos sombreados do escritório. Era um aposento espaçoso, frio e árido, com pouco mais além da enorme escrivaninha e duas cadeiras. Estremeceu; o brilho melancólico dos tijolos de turfa na lareira pouco contribuía para aquecer o amplo espaço, particularmente com aquele ar úmido e glacial entrando pela janela.

Olhou novamente para o rol de prisioneiros. Depois, inclinou-se, abriu a última gaveta da escrivaninha e retirou dali a garrafa de vidro marrom. Apagou a vela e dirigiu-se ao seu quarto de dormir guiado apenas pela claridade fraca da lareira.

Os efeitos da mistura de cansaço e uísque deveriam tê-lo feito adormecer imediatamente, mas o sono manteve-se distante, planando acima de sua cama como um morcego, mas sem nunca pousar. Toda vez que sentia-se afundar em sonhos, uma visão do bosque de Carryarrick surgia diante de seus olhos e ele via-se novamente acordado e suando, o coração martelando em seus ouvidos.

Tinha dezesseis anos na época, empolgado com sua primeira campanha. Ele não se alistara no serviço ainda, mas seu irmão Hal o levava com o regimento, para que ele pudesse sentir o gosto de ser um soldado.

Acampados à noite perto de um escuro bosque escocês, a caminho de se

unir ao general Cope em Prestonpans, John sentira-se nervoso demais para dormir. Como seria a batalha? Cope era um grande general, todos os amigos de Hal diziam isso, mas os homens em volta das fogueiras contavam histórias assustadoras dos ferozes escoceses das Terras Altas e de suas malditas espadas. Ele teria coragem de enfrentar o terrível ataque dos guerreiros das Terras Altas?

Não conseguia mencionar seus temores nem mesmo a Hector. Hector o amava, mas Hector tinha vinte anos, era alto, musculoso e destemido, com a patente de tenente e histórias arrojadas de batalhas travadas na França.

Ele não sabia, mesmo agora, se fora uma necessidade urgente de imitar Hector, ou apenas impressioná-lo, que o levara a fazer o que fez. De qualquer modo, quando viu o escocês no bosque e o reconheceu dos cartazes que vira como o famoso Jamie Fraser, o Ruivo, resolvera matá-lo ou capturá-lo.

A ideia de voltar ao acampamento para buscar ajuda de fato lhe ocorreu, mas o sujeito estava sozinho — ao menos John achou que estivesse — e evidentemente distraído, sentado sossegadamente em um tronco de árvore, comendo um pedaço de pão.

Assim, sacou a adaga do cinto e rastejou silenciosamente pelo bosque em direção àquela brilhante cabeleira ruiva, o cabo escorregadio em sua mão, a mente repleta de visões de glória e elogios de Hector.

Em vez disso, houve o lampejo da adaga num golpe cintilante, seu braço firmemente preso em volta do pescoço do escocês para sufocá-lo, e então...

Lorde John Grey arremessou-se de um lado para o outro na cama, afogueado com a lembrança. Eles haviam caído para trás, rolando juntos na escuridão, sobre as crepitantes folhas de carvalho secas, debatendo-se e lutando pela vida, ele pensou.

Primeiro, o escocês ficara por baixo dele, depois, com uma torção, conseguira ficar por cima. Ele havia tocado em uma enorme cobra uma vez, uma jiboia que um amigo de seu tio trouxera das Índias, e assim lhe pareceu o toque de Fraser, liso, macio e extremamente poderoso, movendo-se como uma espiral musculosa, nunca estando onde você esperava que estivesse.

Ele fora atirado de maneira humilhante de cara nas folhas, o pulso torcido dolorosamente atrás das costas. Num frenesi de pavor, convencido como estava de que seria morto, puxara o braço preso com todas as suas forças, e o

osso se quebrara, com uma violenta explosão de dor que o deixou momentaneamente sem sentidos.

Voltou a si pouco depois, desmoronado contra uma árvore, diante de um círculo de escoceses de ar feroz, todos vestidos com suas mantas de xadrez. No meio deles, estava Jamie Fraser, o Ruivo, e a mulher.

Grey cerrou os dentes. Maldita mulher! Se não tivesse sido por ela... bem, só Deus sabe o que poderia ter acontecido. O que realmente aconteceu é que ela falou, com aquele sotaque inglês, era uma dama pelo modo de falar, e ele — idiota como era! — concluiu na hora que ela era refém dos depravados escoceses, sem dúvida sequestrada para ser violentada. Todos diziam que os escoceses das Terras Altas eram dados à pilhagem diante de qualquer oportunidade e compraziam-se em desonrar mulheres inglesas; como ele podia saber que não era esse o caso?

E lorde John William Grey, com dezesseis anos e impregnado de noções militares de cavalheirismo e propósitos nobres, machucado, abalado e lutando contra a dor do braço quebrado, tentara barganhar para salvá-la de sua sina. Fraser, alto e zombeteiro, brincou com ele como quis, deixando a mulher semidespida diante dele para forçá-lo a revelar informações sobre a posição e o tamanho do regimento de seu irmão. Depois de ter-lhe dito tudo que sabia, Fraser, rindo, revelou que a mulher era sua esposa. Todos irromperam numa gargalhada; ainda podia ouvir as risadas escarnecedoras dos escoceses agora, em sua lembrança.

Grey rolou na cama, mudando seu peso de lugar com irritação sobre o colchão a que não estava acostumado. E para piorar, Fraser nem sequer tivera a decência de matá-lo, mas amarrara-o a uma árvore, onde seria encontrado por seus amigos pela manhã. Quando, então, os homens de Fraser já teriam visitado o acampamento e — com as informações que ele lhes dera! — inutilizado o canhão que levavam para Cope.

Todos descobriram, é claro, e embora desculpas fossem apresentadas por causa de sua idade e do fato de não ser oficialmente alistado, ele se tornara um pária e objeto de desprezo. Todos se recusavam a falar com ele, exceto seu irmão — e Hector. O fiel Hector.

Suspirou, esfregando o rosto no travesseiro. Ainda podia ver Hector, em sua mente. Cabelos escuros e olhos azuis, boca delicada, sempre sorrindo.

Dez anos haviam se passado desde que Hector morrera em Culloden, dilacerado por uma espada escocesa, e John, às vezes, ainda acordava ao alvorecer, o corpo arqueado num espasmo incontável, sentindo o toque de Hector.

E agora isto. Tivera medo deste posto, permanentemente cercado pelos escoceses, por suas vozes rascantes, dominado pela lembrança do que haviam feito a Hector. Mas nunca, nem nos piores momentos de expectativa, pensara encontrar James Fraser outra vez.

O fogo de turfa na lareira definhara gradualmente até se transformar em cinzas quentes, depois frias, e a janela empalideceu, passando de um negro profundo a um cinza soturno de uma aurora escocesa chuvosa. E John Grey ainda permanecia insone, os olhos ardendo, fixos nas vigas escuras do teto.

Grey levantou-se de manhã sentindo-se cansado, mas com uma decisão. Ele estava ali. Fraser estava ali. E nenhum dos dois podia ir embora num futuro próximo. Portanto... Teria que ver o sujeito de vez em quando — estaria dirigindo-se aos prisioneiros reunidos dentro de uma hora e depois disso teria que inspecioná-los regularmente. Se mantivesse o sujeito à distância, talvez também conseguisse manter ao largo as lembranças que ele suscitava. E os sentimentos.

Porque, embora tivesse sido a lembrança de sua antiga raiva e humilhação que o mantivera acordado no começo, era o outro lado da atual situação que o deixara ainda acordado ao amanhecer. A lenta percepção de que Fraser agora era seu prisioneiro; não mais seu atormentador, mas um prisioneiro, como os outros, inteiramente à sua mercê.

Tocou a sineta chamando seu criado e aproximou-se da janela para ver como estava o tempo, contraindo-se com o frio do assoalho de pedra sob seus pés descalços.

Estava, como não era de admirar, chovendo. No pátio lá embaixo, os prisioneiros já estavam reunidos em turmas de trabalho, molhados até os ossos. Tremendo em seu camisão, Grey colocou a cabeça para dentro e fechou parcialmente a janela: um bom meio-termo entre a morte por asfixia e a morte por calafrios.

Foram visões de vingança que o mantiveram revirando-se na cama

conforme a janela clareava e a chuva batia no parapeito; pensamentos de Fraser confinado a uma cela minúscula de pedra gélida, mantido nu durante as noites de inverno, alimentado com restos de comida, desnudado e chicoteado no pátio da prisão. Todo aquele poder arrogante humilhado, reduzido a um estado abjeto, dependendo unicamente de uma palavra sua para um momento de alívio.

Sim, ele pensou em todas essas coisas, imaginou-as em vívidos detalhes, deliciouse com elas. Ouviu Fraser implorar misericórdia, imaginou-se desdenhoso, soberbo. Pensou em tudo isso e a clava cheia de espigões revirou-se em suas estranhas, perfurando-o de repugnância por si mesmo.

O que quer que Fraser possa ter sido para Grey, ele agora era um inimigo derrotado; um prisioneiro de guerra e responsabilidade da Coroa. Na verdade, ele era responsabilidade de Grey, uma obrigação, e seu bem-estar, um dever de honra. Seu criado trouxe água quente para ele se barbear. Molhou o rosto, sentindo a água quente acalmá-lo, afastando as fantasias atormentadas da noite. Era tudo que eram, concluiu — fantasias, e essa compreensão lhe trouxe um certo alívio.

Ele poderia ter encontrado Fraser no campo de batalha e realmente sentir um prazer selvagem em matá-lo ou mutilá-lo. Mas o fato inevitável era que, enquanto Fraser fosse seu prisioneiro, não poderia honradamente causar mal ao sujeito. Quando terminou de se barbear e o criado de vesti-lo, estava suficientemente recuperado para achar uma certa ironia na situação.

Seu comportamento tolo em Carryarrick salvara a vida de Fraser em Culloden. Agora, a dívida paga, e Fraser em seu poder, a absoluta impotência de Fraser como prisioneiro o tornava completamente seguro. Porque tolos ou espertos, ingênuos ou experientes, todos os Grey eram homens honrados.

Sentindo-se um pouco melhor, fitou sua imagem no espelho, ajeitou a peruca e foi tomar o desjejum antes de fazer seu primeiro discurso para os prisioneiros.

— O jantar deve ser servido na sala de visitas ou aqui, senhor? — A cabeça de MacKay, descabelada como sempre, surgiu na porta do escritório.

— Hummm? — murmurou Grey, absorto nos papéis espalhados sobre a mesa. — Ah — disse, erguendo os olhos. — Aqui mesmo, por favor. —

Abanou a mão vagamente indicando o canto da enorme escrivaninha e retornou ao seu trabalho, mal erguendo os olhos quando a bandeja com sua refeição chegou algum tempo depois.

Quarry não estava brincando quando falara da papelada. Só a quantidade de comida requeria infundáveis pedidos e requisições — todas a serem submetidas com cópia a Londres, por favor! —, sem falar nas centenas de outras necessidades apresentadas pelos prisioneiros, guardas e homens e mulheres do vilarejo que vinham à prisão durante o dia para limpar os alojamentos e trabalhar nas cozinhas. Não fizera nada durante todo o dia a não ser escrever e assinar requisições. Tinha que achar um secretário, ou morreria de absoluto tédio.

Cem quilos de farinha de trigo, escreveu, para uso dos prisioneiros. Seis barris de cerveja, para uso do quartel. Sua caligrafia em geral elegante rapidamente se degenerara num rabisco prático, sua distinta assinatura transformada num sucinto J. Grey.

Largou a pena com um suspiro e fechou os olhos, massageando a dor entre as sobrancelhas. O sol não se dera ao trabalho de aparecer nem uma vez desde a sua chegada e trabalhar o dia inteiro num aposento enfumaçado à luz de velas deixava seus olhos queimando como pedaços de carvão. Seus livros haviam chegado no dia anterior, mas ele não chegara sequer a desempacotá-los, exausto demais ao cair da noite para fazer algo além de banhar os olhos ardentes em água fria e ir dormir.

Ouviu um ruído baixo e furtivo e sentou-se bruscamente, de olhos arregalados. Um enorme rato marrom estava instalado no canto da escrivaninha, segurando um pedaço de bolo de frutas nas patas dianteiras. O rato não se moveu, apenas olhou-o especulativamente, os bigodes torcendo-se.

— Ora, não acredito no que estou vendo! — exclamou Grey, surpreso. — Patife! Este jantar é meu!

O rato mordiscou o bolo pensativamente, os olhos brilhantes fixos no major.

— Saia já daí!

Furioso, Grey agarrou o objeto mais próximo e atirou-o no rato. O vidro de tinta explodiu no assoalho de pedra com um esguicho preto; o assustado

rato pulou da escrivaninha e fugiu precipitadamente, correndo entre as pernas do ainda mais espantado MacKay, que aparecera à porta para verificar a origem do barulho.

— A prisão tem um gato? — perguntou Grey, despejando o conteúdo da bandeja na lata de lixo junto à escrivaninha.

— Sim, senhor, há gatos no paiol de víveres — informou MacKay, engatinhando, sobre as mãos e os joelhos, para limpar as minúsculas pegadas pretas que o rato deixara em sua fuga precipitada pela poça de tinta.

— Bem, traga um para cá, por favor, MacKay — ordenou Grey. — Imediatamente. — Grunhiu diante da lembrança daquele rabo obscenamente nu, empoleirado despreocupadamente sobre seu prato. Já se deparara com muitos ratos no campo, é claro, mas ter sua própria refeição conspurcada diante de seus olhos lhe parecia particularmente enfurecedor.

Caminhou a passos largos até a janela e ficou ali parado, tentando clarear a mente com ar fresco, enquanto MacKay terminava a limpeza. Já era quase hora do crepúsculo e o pátio se enchia de sombras púrpuras. As pedras da ala das celas em frente pareciam ainda mais frias e lúgubres do que nunca.

Os carcereiros cruzavam o pátio na chuva, vindos da ala das cozinhas; uma procissão de carrinhos carregados com a comida dos prisioneiros; enormes vasilhames de fumegante mingau de aveia e cestos de pão, cobertos com lonas contra a chuva. Pelo menos os pobres-diabos tinham comida quente após um dia de trabalho sob a chuva na pedreira.

Um pensamento ocorreu-lhe quando se afastou da janela.

— Há muitos ratos nas celas? — perguntou a MacKay.

— Sim, senhor, muitos — respondeu o prisioneiro, com um movimento final do pano de limpeza na soleira da porta. — Vou dizer ao cozinheiro que prepare uma nova bandeja, está bem, senhor?

— Sim, por favor — disse Grey. — E depois, sr. MacKay, por favor providencie para que cada cela tenha seu próprio gato.

MacKay pareceu hesitar diante da ordem. Grey parou no meio do ato de recolher seus papéis espalhados.

— Alguma coisa errada, MacKay?

— Não, senhor — respondeu MacKay devagar. — É que esses ratos realmente mantêm os insetos sob controle. E, com todo respeito, senhor, acho

que os homens não gostariam que um gato acabasse com todos os ratos.

Grey olhou espantado para o sujeito, sentindo-se ligeiramente nauseado.

— Os prisioneiros comem os ratos? — perguntou ele, com a lembrança vívida dos dentes amarelos e pontiagudos mordiscando o bolo de frutas.

— Só quando têm a sorte de pegar um, senhor — disse MacKay. — Talvez os gatos possam ajudar nisso, afinal. Isso é tudo por hoje, senhor?

9

O ANDARILHO

A decisão de Grey em relação a James Fraser durou duas semanas. Então, o mensageiro chegou do vilarejo de Ardsmuir com notícias que mudaram tudo.

— Ele ainda está vivo? — perguntou ríspidamente ao sujeito. O mensageiro, um dos habitantes do vilarejo que trabalhava para a prisão, balançou a cabeça, confirmando.

— Eu mesmo o vi, senhor, quando o trouxeram. Está na Tília agora, estão cuidando dele... mas eu não achei que bastaria cuidar dele, senhor, se entende o que eu quero dizer. — Ergueu uma das sobrelhas significativamente.

— Entendo — disse Grey secamente. — Obrigado, senhor...

— Allison, senhor, Rufus Allison. Seu criado, senhor. — O homem aceitou a moeda que Grey lhe deu, inclinou-se com o chapéu debaixo do braço e saiu.

Grey sentou-se à sua escrivaninha, olhando para fora, para o céu de chumbo. O sol mal brilhara por um dia desde sua chegada. Bateu de leve sobre a mesa com a ponta da pena com a qual estivera escrevendo, desatento ao dano que estava infligindo à ponta afiada.

A simples menção de ouro era suficiente para fazer qualquer homem ficar de cabelos em pé, mas especialmente os seus.

Um homem fora encontrado pela manhã, vagando pela névoa da charneca próxima ao vilarejo. Suas roupas estavam encharcadas não só da chuva, como de água do mar, e delirava de febre.

Não parara de falar desde que fora encontrado, a maior parte do tempo apenas balbuciando, mas as pessoas que o resgataram eram incapazes de dar algum sentido aos seus delírios. O homem parecia ser escocês, mas falava uma mistura incoerente de francês e gaélico, com uma palavra em inglês aqui ou ali. E uma dessas palavras fora “ouro”.

A combinação de ouro, escocês e francês, mencionada nesta região do país, somente poderia trazer um pensamento à mente de qualquer um que tivesse lutado nos últimos dias da revolução jacobita. O Ouro do Francês. A

fortuna em lingotes de ouro que Louis da França — segundo os boatos — enviara secretamente para ajudar seu primo, Charles Stuart. Mas enviada tarde demais.

Algumas histórias diziam que o ouro francês fora escondido pelo exército das Terras Altas durante a última e açodada retirada para o norte, antes do desastre final em Culloden. Outras afirmavam que o ouro jamais chegara a Charles Stuart, mas fora deixado por segurança em uma caverna perto do lugar onde fora descarregado, na costa noroeste.

Algumas ainda diziam que o segredo do esconderijo se perdera, tendo seu guardião morrido em Culloden. Outras, que o esconderijo ainda era conhecido, mas era um segredo guardado a sete chaves pelos membros de uma única família das Terras Altas. Qualquer que fosse a verdade, o ouro ainda não fora encontrado. Ainda não.

Francês e gaélico. O francês de Grey era passável, pois passara vários anos lutando no estrangeiro, mas nem ele nem nenhum dos seus oficiais falavam o bárbaro gaélico, a não ser algumas palavras que o sargento Grissom aprendera quando criança de uma babá escocesa.

Não podia confiar em nenhum homem do vilarejo, não se houvesse alguma verdade nessa história. O Ouro do Francês! Além de seu valor como tesouro — que iria para a Coroa, de qualquer forma —, o ouro possuía um valor considerável e pessoal para John William Grey. A descoberta dessa riqueza quase mítica seria seu passaporte para longe de Ardsmuir — de volta a Londres e à civilização. A mais negra desonra seria instantaneamente ofuscada pelo brilho do ouro.

Mordeu a ponta estragada da pena, sentindo o cilindro quebrar-se entre os dentes.

Droga. Não, não podia ser um dos habitantes do vilarejo, nem um de seus oficiais. Então teria que ser um prisioneiro. Sim, podia usar um prisioneiro sem riscos, porque um prisioneiro não poderia fazer uso das informações em seu próprio benefício.

Droga também. Todos os prisioneiros falavam gaélico, muitos tinham algum conhecimento de inglês também, mas apenas um falava francês. *Ele é um homem educado*, ecoou a voz de Quarry em sua lembrança.

— Droga, droga, droga — murmurou Grey. Não havia outro jeito. Allison

dissera que o homem encontrado vagando a esmo estava muito doente; não havia tempo para alternativas. Cuspiu um fragmento da pena de escrever.

— Brame! — gritou ele. O espantado cabo enfiou a cabeça pela porta.

— Sim, senhor?

— Traga-me o prisioneiro chamado James Fraser. Imediatamente.

O diretor do presídio permaneceu de pé atrás da escrivaninha, apoiando-se sobre ela como se o enorme tampo de carvalho fosse de fato a amurada de proteção que parecia ser. Suas mãos estavam úmidas sobre a madeira lisa e o lenço branco de seu uniforme parecia apertado em volta do seu pescoço.

Seu coração deu um salto quando a porta se abriu. O escocês entrou, suas correntes tilintando levemente, e parou diante da escrivaninha. Todas as velas estavam acesas e o escritório quase tão claro como o dia, embora já fosse praticamente noite lá fora.

Ele vira Fraser várias vezes, é claro, de pé no pátio com os outros prisioneiros, a cabeça ruiva e os ombros acima da maioria dos outros homens, mas nunca suficientemente perto para ver seu rosto com clareza.

Ele estava diferente. Isso foi tanto um choque quanto um alívio; durante muito tempo ele vira um rosto bem barbeado em sua mente, sombrio e ameaçador ou iluminado com uma risada zombeteira. Este homem usava a barba curta, tinha um rosto calmo e circunspecto e, embora os olhos azuis continuassem os mesmos, não davam nenhum sinal de reconhecimento. Continuou tranquilamente parado diante da escrivaninha, aguardando.

Grey pigarreou. Seu coração ainda estava acelerado, mas ao menos podia falar com calma.

— Sr. Fraser — disse ele. — Agradeço-lhe por ter vindo.

O escocês inclinou a cabeça educadamente, mas não respondeu que não tivera outra escolha; seus olhos disseram isso por ele.

— Sem dúvida, está se perguntando por que eu mandei trazê-lo aqui — disse Grey. Ele soava insuportavelmente pomposo a seus próprios ouvidos, mas era incapaz de remediar isso. — Surgiu uma questão para a qual solicito seu auxílio.

— De que se trata, major? — A voz era a mesma, grave e límpida, marcada pelo forte sotaque das Terras Altas.

Respirou fundo, escorando-se na escrivaninha. Preferia fazer qualquer outra coisa que não ter que pedir ajuda a este homem em particular, mas não havia escolha. Fraser era a única chance.

— Um homem foi encontrado vagando pela charneca perto da costa — disse ele, com todo o cuidado. — Ele parece estar gravemente doente e o que fala não faz sentido. Entretanto, algumas... coisas que ele diz parecem ser de... grande interesse para a Coroa. Solicito que fale com ele e descubra o máximo que puder sobre sua identidade e sobre as questões de que fala.

Parou, mas Fraser continuou simplesmente parado, esperando.

— Infelizmente — disse Grey, respirando fundo outra vez —, soube que o homem em questão fala uma mistura de gaélico e francês, e não mais do que uma ou duas palavras em inglês.

Uma das sobranceiras ruivas do escocês arqueou-se. Seu rosto não se alterou de nenhuma maneira perceptível, mas era evidente que ele havia percebido as implicações da situação.

— Compreendo, major. — A voz macia do escocês soou carregada de ironia. — E gostaria da minha ajuda para traduzir para você o que esse homem possa ter a dizer.

Grey não podia confiar em sua própria voz e, assim, meramente fez um rápido sinal de afirmação com a cabeça.

— Receio ter que recusar, major — Fraser falou com todo o respeito, mas com um brilho no olhar que nada tinha de respeitoso. A mão de Grey fechou-se com força em torno do abridor de cartas de bronze que estava sobre o mata-borrão.

— Você se recusa? — disse ele. Apertou o abridor de cartas com mais força a fim de manter a voz firme e estável. — Posso perguntar por quê, sr. Fraser?

— Eu sou um prisioneiro, major — disse o escocês educadamente. — Não um intérprete.

— Sua ajuda seria... reconhecida — disse Grey, tentando infundir significado na palavra sem oferecer suborno diretamente. — Por outro lado — seu tom de voz endureceu —, a recusa em prestar uma ajuda legítima...

— Não é legítimo que o senhor venha extorquir meus serviços ou me ameaçar, major. — A voz de Fraser soou bem mais implacável do que a de

Grey.

— Eu não o ameacei! — O gume do abridor de cartas estava cortando sua palma; foi obrigado a afrouxar a mão.

— Ah, não? Bem, fico feliz em saber disso. — Fraser voltou-se para a porta. — Neste caso, major, desejo-lhe boa-noite.

Grey teria ficado muito satisfeito em apenas deixá-lo ir. Infelizmente, o dever o chamava.

— Sr. Fraser! — O escocês parou, a poucos passos da porta, mas não se virou.

Grey respirou fundo, revestindo-se de coragem.

— Se fizer o que lhe peço, mandarei retirar suas algemas — disse ele. Fraser permaneceu imóvel. Grey podia ser jovem e inexperiente, mas não era desatento. Nem era um mau conhecedor do caráter humano. Grey observou a cabeça do prisioneiro levantar-se, a tensão crescente em seus ombros, e sentiu um pequeno relaxamento da ansiedade que o acometera desde que a notícia do andarilho errante chegara.

— Sr. Fraser?

Muito devagar, o escocês virou-se. Seu rosto mantinha-se absolutamente impenetrável.

— Aceito o acordo, major — disse ele serenamente.

Já passava bastante da meia-noite quando chegaram ao vilarejo de Ardsmuir. Não se via nenhuma luz nas cabanas pelas quais passavam e Grey ficou imaginando o que os habitantes estariam pensando, com o barulho dos cascos dos cavalos e o tilintar das armas passando por suas janelas tarde da noite, um débil eco das tropas inglesas que varreram as Terras Altas havia dez anos.

O andarilho fora levado para a Tília, uma estalagem assim chamada porque durante muitos anos ostentara uma enorme tília no pátio, a única árvore num raio de cinquenta quilômetros. Não restava mais nada agora além de um toco largo — a árvore, como tantas outras coisas, morrera depois de Culloden, consumida como lenha pelas tropas de Cumberland —, mas o nome permaneceu.

Na entrada, Grey parou e virou-se para Fraser.

— Vai se lembrar dos termos do nosso acordo?

— Sim — respondeu Fraser laconicamente, passando por ele e entrando na estalagem.

Em troca de livrar Fraser dos grilhões, Grey fizera três exigências: a primeira, que Fraser não tentaria fugir durante o trajeto de ida e de volta do vilarejo. A segunda, Fraser se comprometeria a fazer um relato completo e verdadeiro de tudo que o andarilho dissesse. E a terceira, Fraser daria sua palavra de honra de não falar a ninguém exceto Grey sobre o que ouvira.

Houve um murmúrio de vozes em gaélico dentro da estalagem; um som de surpresa quando o estalajadeiro viu Fraser e de deferência à vista do casaco vermelho atrás dele. A mulher do proprietário estava parada na escada, uma lamparina a óleo na mão, fazendo as sombras dançarem ao seu redor.

Grey colocou a mão no braço do dono da estalagem, surpreso.

— Quem é este? — Havia outra figura nas escadas, uma aparição toda vestida de negro.

— É o padre — disse Fraser em voz baixa, a seu lado. — O homem deve estar à beira da morte.

Grey respirou fundo, tentando preparar-se para o que viria.

— Então, não temos tempo a perder — disse ele com firmeza, colocando um pé calçado de bota na escada. — Vamos.

O homem morreu pouco antes de amanhecer o dia, Fraser segurando uma de suas mãos, o padre a outra. Quando o padre inclinou-se sobre a cama, murmurando em gaélico e latim, fazendo sinais católicos sobre o corpo, Fraser recostou-se em seu banco, os olhos cerrados, ainda segurando a mão pequena e frágil na sua.

O enorme escocês permanecera sentado à cabeceira do moribundo a noite inteira, ouvindo, encorajando, consolando. Grey permanecera junto à porta, não querendo assustar o homem com a visão do seu uniforme, tanto surpreso quanto estranhamente emocionado com a delicadeza de Fraser.

Fraser colocou a mão descarnada e ressequida gentilmente sobre o peito imóvel e fez o mesmo sinal que o padre fizera, tocando a testa, o coração e os dois ombros, no sinal-da-cruz. Abriu os olhos e levantou-se, a cabeça quase tocando as vigas do teto baixo. Fez um breve sinal com a cabeça para Grey e

seguiu à sua frente, descendo as escadas estreitas.

— Aqui. — Grey indicou a porta da taberna, vazia àquela hora. Um barman sonolento acendeu a lareira para eles e trouxe pão e cerveja, depois saiu, deixando-os a sós.

Esperou que Fraser se servisse antes de perguntar.

— E então, sr. Fraser?

O escocês colocou seu caneco de cerveja sobre a mesa e limpou a boca com as costas da mão. Com a barba já feita, os longos cabelos muito bem trançados, não parecia desalinhado pela longa noite de vigília, mas havia olheiras escuras de cansaço sob seus olhos.

— Tudo bem — disse ele. — Não faz muito sentido, major — acrescentou, avisando-o —, mas eis tudo o que ele disse. — Falou cuidadosamente, fazendo uma pausa de vez em quando para se lembrar de alguma palavra, parando outra vez para explicar alguma referência em gaélico. Grey permaneceu sentado, ouvindo atentamente, com crescente decepção; Fraser tinha razão, não fazia muito sentido.

— A feiticeira branca? — interrompeu Grey. — Ele mencionou uma bruxa branca? E focas? — Aquilo não parecia mais improvável do que o resto da história, mas mesmo assim perguntou, incrédulo.

— Sim, foi o que ele disse.

— Conte-me outra vez — solicitou Grey. — Da melhor maneira que conseguir se lembrar. Por favor — acrescentou ele.

Sentia-se estranhamente à vontade com Fraser, ele percebeu com uma sensação de surpresa. Em parte, devia-se à pura fadiga, é claro; todas as suas reações e sentimentos costumeiros estavam entorpecidos pela longa noite e pela tensão de observar de perto um homem morrer.

A noite inteira parecera irreal a Grey; e não menos essa estranha conclusão, em que se via sentado à luz turva da aurora de uma taberna rural, partilhando um jarro de cerveja com Jamie Fraser, o Ruivo.

Fraser obedeceu, falando devagar, parando de vez em quando para se lembrar. Com a diferença de uma palavra aqui ou ali, o relato era idêntico ao primeiro — e aquelas partes que o próprio Grey fora capaz de compreender haviam sido fielmente traduzidas.

Sacudiu a cabeça, desanimado. Balbucios confusos e ininteligíveis. Os

delírios do homem haviam sido exatamente isso — delírios. Se o homem jamais tivesse visto algum ouro — e assim realmente pareceu, em determinado momento —, não havia como saber onde ou quando por aquela mixórdia de seus delírios febris e incoerentes.

— Tem absoluta certeza de que isso foi tudo o que ele disse? — Grey agarrava-se à frágil esperança de que Fraser pudesse ter omitido uma pequena expressão, alguma declaração que fornecesse uma pista para levar ao ouro perdido.

A manga da camisa de Fraser deslizou para trás quando ele ergueu seu caneco; Grey pôde ver a faixa funda de carne ferida junto aos pulsos, escura à luz turva dentro da taberna. Fraser viu-o olhando seu braço e colocou o caneco de volta sobre a mesa, a frágil ilusão de companheirismo destruída.

— Cumpro meus acordos, major — disse Fraser, com fria formalidade. Levantou-se. — Podemos voltar agora?

Cavalgaram em silêncio por algum tempo. Fraser estava absorto em seus próprios pensamentos, Grey mergulhado em cansaço e frustração. Pararam junto a uma pequena fonte para se refrescar, exatamente quando o sol surgiu no topo das colinas ao norte.

Grey bebeu a água fria, depois molhou o rosto, sentindo o choque de temperatura reanimá-lo no mesmo instante. Estava acordado havia mais de vinte e quatro horas e sentia-se lerdo e incapaz de raciocinar.

Fraser estava acordado pelas mesmas vinte e quatro horas, mas não dava nenhum sinal aparente de estar perturbado com o fato. Arrastava-se, atarefado, de joelhos, em volta da fonte, evidentemente arrancando uma espécie de erva da água.

— O que está fazendo, sr. Fraser? — perguntou Grey, ligeiramente intrigado.

Fraser ergueu os olhos, levemente surpreso, mas nem um pouco constrangido.

— Estou colhendo agrião, major.

— Estou vendo — disse Grey irritado. — Para quê?

— Para comer, major — respondeu Fraser sem se alterar. Tirou a manchada sacola de pano do cinto e enfiou o maço de folhas molhadas para dentro.

— É mesmo? Não é alimentado o suficiente? — perguntou Grey, sem compreender. — Nunca ouvi falar de pessoas comendo agrião.

— É verde, major.

Em seu estado de completa fadiga, o major suspeitou que Fraser estivesse brincando com ele.

— E de que outra cor uma planta deveria ser? — perguntou ele.

A boca de Fraser contorceu-se ligeiramente e ele parecia estar deliberando consigo mesmo. Por fim, deu de ombros, limpando as mãos molhadas nas calças.

— Eu só quis dizer, major, que comer plantas verdes impede que uma pessoa contraia escorbuto e perca os dentes. Meus homens comem as folhas verdes que eu levo para eles, e agrião tem um gosto melhor do que a maioria das plantas que consigo na charneca.

Grey sentiu as sobrancelhas arquearem-se.

— Plantas verdes impedem o escorbuto? — exclamou ele. — Onde foi que você aprendeu isso?

— Com minha mulher! — respondeu Fraser rispidamente. Virou-se de modo abrupto e ficou amarrando a boca da sacola com movimentos rápidos e bruscos.

Grey não pôde deixar de perguntar.

— Sua mulher, senhor... onde ela está?

A resposta foi um repentino lampejo azul-escuro que o fulminou até a medula dos ossos, tamanha a sua intensidade.

Talvez você seja jovem demais para conhecer o poder do ódio e do desespero. A voz de Quarry soou na memória de Grey. Ele não era; reconheceu-os imediatamente nas profundezas dos olhos de Fraser.

Mas apenas por um instante; em seguida, o véu normal de fria cortesia voltou à sua expressão.

— Minha mulher se foi — disse Fraser, virando-se de costas outra vez, tão bruscamente que o movimento foi quase rude.

Grey sentiu-se abalado por um sentimento inesperado. Em parte, era alívio. A mulher que fora tanto a causa quanto cúmplice de sua humilhação estava morta. Em parte, era pesar.

Nenhum dos dois voltou a falar durante a viagem de volta a Ardsmuir.

Três dias depois, Jamie Fraser fugiu. Nunca fora um obstáculo difícil para os prisioneiros fugirem de Ardsmuir; ninguém nunca o fez simplesmente porque não havia nenhum lugar para onde um homem pudesse ir. A cinco quilômetros da prisão, a costa da Escócia mergulhava no oceano num derrame de granito esfacelado. Nos outros três lados, não havia nada além de terra deserta, estendendo-se por quilômetros e quilômetros.

No passado, um homem poderia fugir pela mata e contar com um clã ou um parente que lhe desse abrigo e proteção. Mas os clãs haviam sido dizimados, os parentes mortos, os prisioneiros escoceses levados para longe das terras de seus próprios clãs. Morrer de fome numa terra pantanosa não era melhor do que uma cela de prisão. A fuga não valia a pena — para qualquer um, exceto Jamie Fraser, que evidentemente tinha um motivo.

Os cavalos dos dragões restringiam-se à estrada; embora a charneca ao redor parecesse lisa como uma colcha de veludo, o urzal arroxado era uma camada fina, enganosamente espalhada sobre uns trinta centímetros mais de musgo de turfa, esponjoso e encharcado. Até os veados vermelhos evitavam caminhar a esmo pelo terreno pantanoso — Grey podia ver quatro desses animais agora, figuras semelhantes a galhos, a um quilômetro e meio de distância, a sua trilha pelo urzal parecendo fina como uma linha.

Fraser, obviamente, não estava a cavalo. Isso significava que o prisioneiro fugitivo podia estar em qualquer lugar da charneca, livre para seguir as trilhas dos veados vermelhos.

Era dever de John Grey perseguir seu prisioneiro e tentar recapturá-lo. Foi algo mais do que o dever que o fez desfalcar a guarnição para formar o grupo de busca e instar os homens a prosseguir, parando o mínimo possível para comer e descansar. Dever, sim, e uma necessidade premente de encontrar o ouro francês e angariar a aprovação de seus superiores e a dispensa daquele estéril exílio escocês. Mas havia raiva também, e uma estranha sensação de traição pessoal.

Grey não tinha certeza se estava com mais raiva de Fraser por faltar com sua palavra ou consigo mesmo, por ter sido tolo o suficiente para acreditar que um escocês das Terras Altas — cavalheiro ou não — tivesse uma noção de honra igual à sua. Mas com raiva ele estava, e determinado a vasculhar

cada trilha de veados naquela charneca se necessário, a fim de lançar James Fraser pelos calcanhares.

Alcançaram a costa na noite seguinte, bem depois de escurecer, após um dia cansativo esquadrinhando o território. A neblina havia se dispersado por cima dos rochedos, varrida pelo vento que soprava da terra, o mar estendia-se diante deles, represado pelos penhascos e salpicado de minúsculas ilhotas desertas.

John Grey ficou parado ao lado de seu cavalo no alto dos rochedos, contemplando o mar bravio e negro lá embaixo. Era uma noite clara na costa, graças a Deus, e a lua estava pela metade, sua claridade revelando rochas molhadas pela arrebentação, fazendo-as destacarem-se, duras e brilhantes como lingotes de prata em meio a sombras negras e aveludadas.

Era o lugar mais desolado que já vira, embora tivesse uma espécie de beleza terrível que fazia o sangue correr gelado em suas veias. Nenhum sinal de James Fraser. Nenhum sinal de vida.

Um dos homens que o acompanhavam fez uma repentina exclamação de surpresa e sacou a pistola.

— Lá! — disse ele. — Nas rochas!

— Guarde a arma, idiota — disse outro dos soldados, agarrando a arma do companheiro. Não fez nenhum esforço para disfarçar seu desdém. — Nunca viu focas?

— Ah... não — disse o primeiro homem, um pouco encabulado. Abaixou a pistola, fitando as pequenas formas escuras nas rochas abaixo.

Grey também nunca vira focas e observou-as fascinado. À distância, pareciam lesmas negras, o luar refletindo-se em seus dorsos lúzidos quando erguiam a cabeça, inquietas, parecendo rolar e contorcer-se, vacilantes, quando se locomoviam em terra.

Sua mãe possuía um manto feito de pele de foca, quando ele era garoto. Ele teve a oportunidade de tocá-lo uma vez, admirando-se com a sensação, escura e quente como uma noite de verão sem luar. Era surpreendente que aquela pele espessa e sedosa viesse dessas criaturas molhadas e escorregadias.

— Os escoceses as chamam de silkies — disse o soldado que as reconheceu. Fez um sinal com a cabeça indicando as focas com ar de

profundo conhecedor.

— Silkies? — A atenção de Grey foi despertada; fitou o homem com interesse. — O que mais sabe sobre elas, Sykes?

O soldado deu de ombros, desfrutando sua importância passageira.

— Não muita coisa, senhor. Mas o pessoal daqui conta histórias sobre elas; dizem que às vezes uma delas vem à terra firme e livra-se de sua pele, e por dentro há uma bela mulher. Se um homem encontrar a pele e escondê-la, de modo que ela não possa voltar, bem... ela será obrigada a ficar e se tornar sua mulher. Dão ótimas esposas, senhor, ou assim dizem.

— Ao menos, vão estar sempre molhadas — murmurou o primeiro soldado, e os homens irromperam em gargalhadas que ecoaram pelos penhascos, rouquenhadas como os gritos de aves marinhas.

— Basta! — Grey teve que elevar a voz para se fazer ouvir acima da eclosão de risadas e piadas grosseiras. — Espalhem-se! — ordenou ele. — Quero que deem uma busca nos rochedos em ambas as direções. E fiquem de olho em barcos lá embaixo, há espaço suficiente para esconder uma chalupa atrás dessas ilhotas.

Envergonhados, os homens afastaram-se sem comentários. Retornaram uma hora mais tarde, molhados pelos borrifos da arrebentação das ondas contra os rochedos e desalinhados por escalam pedras, mas sem nenhum sinal de Jamie Fraser — ou do Ouro do Francês.

Ao amanhecer, quando a luz pintou as rochas escorregadias de vermelho e dourado, pequenos grupos de dragões foram enviados para vasculhar os rochedos nas duas direções, descendo cuidadosamente os penhascos rochosos e as pilhas de pedras desmoronadas.

Nada foi encontrado. Grey permaneceu junto a uma fogueira no topo do penhasco, observando a busca. Estava enrolado em seu sobretudo para proteger-se do vento cortante e periodicamente se reanimava com café quente, fornecido por seu criado.

O andarilho viera do mar, suas roupas estavam encharcadas de água salgada. Se Fraser ficara sabendo de alguma coisa pelas palavras do sujeito que não lhe contara ou tivesse decidido apenas dar uma olhada por conta própria, certamente ele também teria vindo para o mar. No entanto, não havia nenhum sinal de James Fraser, em nenhum lugar ao longo dessa faixa da

costa. Pior ainda, não havia nenhum sinal do ouro.

— Se ele foi para algum lugar ao longo desta faixa do litoral, major, acho que não o veremos mais. — Era o sargento Grissom, de pé ao seu lado, olhando fixamente para a turbulência das ondas arrebatando nas pedras escarpadas lá embaixo. Fez um sinal com a cabeça indicando a fúria das águas. — Chamam este lugar de Caldeirão do Diabo, por causa da maneira como ferve o tempo todo. Os pescadores que se afogam ao largo desta costa raramente são encontrados; há correntes terríveis que podem ser responsáveis por isso, é claro, mas as pessoas dizem que o diabo os agarra e puxa para baixo.

— É mesmo? — disse Grey, de modo inexpressivo. Olhou fixamente para a espuma e a arrebentação violenta quinze metros abaixo. — Eu não duvidaria, sargento.

Voltou para a fogueira do acampamento.

— Dê ordens para que as buscas continuem até o cair da noite, sargento. Se nada for encontrado, partiremos de volta pela manhã.

Grey ergueu o olhar do pescoço do cavalo, estreitando os olhos pela luz turva do começo da manhã. Sentia os olhos inchados da fumaça de turfa e da falta de sono, e seus ossos doíam das várias noites passadas deitado no chão úmido.

A volta a Ardsmuir não levaria mais do que um dia. A ideia de uma cama macia e uma refeição quente era deliciosa, mas teria que redigir despacho oficial a Londres, comunicando a fuga de Fraser — a razão da fuga e seu próprio fracasso vergonhoso em recapturar o prisioneiro.

A sensação de desalento diante dessa perspectiva era reforçada por fortes contrações na barriga do major. Ergueu a mão, fazendo sinal para uma parada, e desceu com dificuldade do cavalo.

— Esperem aqui — disse a seus homens. Havia uma pequena colina a uns trinta metros de distância; ela lhe proporcionaria suficiente privacidade para o alívio de que tanto precisava; seus intestinos, desacostumados ao mingau e ao pão de aveia escoceses, haviam se rebelado completamente contra as exigências de uma dieta de campanha.

Os pássaros cantavam no urzal. Longe do barulho dos cascos e arreios,

ele podia ouvir todos os minúsculos sons do amanhecer. O vento mudara de direção com a aurora e o cheiro do mar agora vinha para a terra, murmurando pelo capim. Algum animal pequeno fez um barulho farfalhante do outro lado de uma moita de tojo. Tudo estava muito pacífico.

Erguendo-se do que ele descobriu tarde demais ser uma posição muito indigna, Grey virou a cabeça e deu de cara com James Fraser.

Ele estava a menos de dois metros de distância. Permaneceu imóvel como um dos veados vermelhos, o vento roçando-o de leve, o sol nascente refletido em seus cabelos.

Ficaram paralisados, encarando-se. O vento trazia um leve cheiro do mar. Por um instante, não se ouviu nenhum ruído além da brisa do mar e do canto de pássaros. Em seguida, Grey aprumou-se, engolindo com força para fazer o coração descer da garganta.

— Receio que tenha me pego desprevenido, sr. Fraser — disse ele friamente, abotoando as calças com toda a dignidade que conseguiu reunir.

Os olhos do escocês foram a única parte dele a se mover, percorrendo a figura de Grey lentamente de alto a baixo. Olhou por cima do ombro, para onde seis soldados armados estavam enfileirados, apontando seus mosquetes. Os olhos azul-escuros fixaram-se depois nos seus. Por fim, o canto da boca de Fraser contorceu-se e ele disse:

— Acho que também me pegou, major.

10

A MALDIÇÃO DA BRUXA BRANCA

Jamie Fraser estava sentado, tremendo de frio, no chão de pedra do depósito vazio, envolvendo os joelhos e tentando se aquecer. Achava que jamais se sentiria aquecido outra vez. A friagem do mar penetrara em seus ossos e ele ainda podia sentir na barriga a agitação dos vagalhões revoltos na arrebentação.

Ansiava pela presença dos outros presos — Morrison, Hayes, Sinclair, Sutherland. Não só por companhia, mas pelo calor de seus corpos. Nas noites mais geladas, os homens sentavam-se bem juntos para se aquecerem, respirando o hálito rançoso uns dos outros, tolerando as cotoveladas e empurrões de acomodações apertadas por causa do calor.

Mas ele estava sozinho. Era provável que não o devolvessem à cela grande com os outros homens até terem feito com ele o que quer que pretendessem como castigo pela fuga. Recostou-se na parede com um suspiro, sentindo morbidamente os ossos da espinha dorsal pressionando a pedra e a fragilidade da carne que os recobria.

Estava com muito medo de ser açoitado, mas torcia para que essa fosse sua punição. Seria horrível, mas logo terminaria — e infinitamente mais suportável do que ser acorrentado outra vez. Podia sentir na carne as batidas do martelo, ecoando pelos ossos de seu braço conforme o ferreiro fixava os grilhões firmemente no lugar, mantendo o seu pulso preso sobre a bigorna.

Seus dedos buscaram o rosário em volta do pescoço. Sua irmã o dera para ele quando partiu de Lallybroch; os ingleses deixaram que ele o conservasse, já que as contas de madeira não tinham nenhum valor.

— Ave Maria, cheia de graça — murmurou ele —, bendita sois vós entre as mulheres.

Não tinha muita esperança. Aquele maldito majorzinho de cabelos louros vira, o desgraçado — ele sabia como os ferros eram terríveis.

— Bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores...

O majorzinho fizera um acordo com ele, e ele o cumprira. Mas não era o que o major estaria pensando.

Cumprira sua palavra, fizera o que prometera. Repassara a ele as palavras que lhe foram ditas, uma a uma, exatamente como as ouvira do forasteiro. Não fazia parte do acordo dizer ao inglês que ele conhecia o sujeito — ou que conclusões ele tirara das palavras balbuciadas.

Ele reconhecera Duncan Kerr imediatamente, apesar de mudado pelo tempo e pela doença fatal. Antes de Culloden, ele fora um arrendatário de Colum MacKenzie, tio de Jamie. Depois, fugira para a França, para tentar a vida do jeito que pudesse por lá.

— Fique quieto, *a charaid; bi sàmhach* — dissera ele suavemente em gaélico, ajoelhando-se junto à cama onde o doente estava deitado. Duncan era um homem de idade, tinha o rosto envelhecido, desgastado pela doença e pela fadiga, e seus olhos brilhavam de febre. No começo, achara que Duncan estava mal demais para reconhecê-lo, mas a mão debilitada agarrara a sua com uma força surpreendente e o homem repetira com a respiração áspera, “*mo charaid*”. Meu irmão.

O dono da estalagem observava-os do seu lugar junto à porta, espreitando por cima do ombro do major Grey. Jamie inclinou a cabeça e sussurrou no ouvido de Duncan:

— Tudo que você disser será contado ao inglês. Fale com cuidado.

Os olhos do estalajadeiro estreitaram-se, mas a distância entre eles era grande demais; Jamie tinha certeza de que ele não ouvira. Em seguida, o major virou-se e ordenou que o dono da estalagem se retirasse, e ele ficou seguro.

Não sabia se fora o efeito do seu aviso ou apenas o delírio da febre, mas a fala de Duncan divagava com sua mente, em geral incoerente, imagens do passado misturadas às do presente. Algumas vezes, chamara-o de “Dougal”, o nome do irmão de Colum, o outro tio de Jamie. Às vezes, deixava-se levar por poesias, outras vezes simplesmente delirava. E entre os delírios e divagações, às vezes havia algum sentido — ou mais do que sentido.

— É amaldiçoado — murmurou Duncan. — O ouro é amaldiçoado. Estou avisando-o, rapaz. Foi dado pela bruxa branca, dado ao filho do rei. Mas a causa está perdida, o filho do rei fugiu e ela não permitirá que o ouro seja

dado a um covarde.

— Quem é ela? — perguntou Jamie. Seu coração dera um pulso e o sufocara às palavras de Duncan, e continuava batendo desgovernadamente quando perguntou: — A bruxa branca, quem é?

— Ela procura um homem de coragem. Um MacKenzie, é para ele mesmo. MacKenzie. Pertence a eles, disse ela, pelo bem daquele que está morto.

— Quem é a bruxa? — perguntou Jamie outra vez. A palavra usada por Duncan foi *ban-druidh*: uma bruxa, uma feiticeira, uma dama branca. Certa vez, chamaram assim sua mulher. Claire, sua própria dama branca. Apertou a mão de Duncan com força, instando-o a não perder os sentidos.

— Quem? — disse ele novamente. — Quem é a bruxa?

— A bruxa — murmurou Duncan, os olhos cerrando-se. — A bruxa. Ela é uma devoradora de almas. Ela é a morte. Ele está morto, o MacKenzie, ele está morto.

— Quem está morto? Colum MacKenzie?

— Todos eles, todos eles. Estão todos mortos. Todos mortos! — gritou o moribundo, agarrando sua mão com força. — Colum, Dougal e Ellen, também.

De repente, seus olhos se abriram e fixaram-se nos de Jamie. A febre dilatara suas pupilas, de modo que seu olhar parecia uma poça negra e funda.

— As pessoas realmente contam — disse ele, com surpreendente clareza — como Ellen MacKenzie deixou seus irmãos e sua casa e foi casar-se com uma *silkie* do mar. Ela as ouviu, sabe? — Duncan sorriu sonhadoramente, o olhar negro girando com a visão distante. — Ela ouviu as focas cantarem, lá nas rochas, uma, duas e três delas, e viu de sua torre, uma, duas e três delas, e assim ela desceu e foi para o mar, e para o fundo do mar, para viver com as *silkies*. Hein? Não foi?

— Assim dizem — respondera Jamie, a boca seca. Ellen era o nome de sua mãe. E isso foi o que as pessoas disseram, quando ela saiu de casa, para fugir com Brian Dubh Fraser, o homem com os cabelos negros e brilhantes de uma *silkie*. O homem em razão do qual ele próprio era agora chamado Mac Dubh — o filho de “Black Brian”.

O major Grey aproximou-se e parou do outro lado da cama, o cenho

franzido, observando o rosto de Duncan. O inglês não sabia nada de gaélico, mas Jamie poderia apostar que ele conhecia a palavra para ouro. Entreolharam-se e ele fez um breve sinal com a cabeça, inclinando-se outra vez para falar com o moribundo.

— O ouro, companheiro — disse ele, em francês, suficientemente alto para Grey ouvir. — Onde está o ouro? — Apertou a mão de Duncan com toda a força, na esperança de comunicar-lhe um aviso.

Os olhos de Duncan cerraram-se e ele começou a virar a cabeça agitadamente de um lado para o outro no travesseiro. Murmurou alguma coisa, mas as palavras eram fracas demais para serem compreendidas.

— O que ele disse? — perguntou o major ríspidamente. — O quê?

— Não sei. — Jamie bateu de leve na mão de Duncan para despertá-lo. — Fale comigo, companheiro, conte-me outra vez.

Não houve resposta, a não ser uns murmúrios. Os olhos de Duncan haviam rolado para trás em sua cabeça, de modo que apenas uma linha fina de esclerótica brilhante aparecia sob as pálpebras enrugadas. Impaciente, o major inclinou-se para a frente e sacudiu-o por um dos ombros.

— Acorde! — disse ele. — Fale conosco!

Imediatamente, os olhos de Duncan Kerr arregalaram-se. Olhou fixamente para cima, mais para cima, vendo alguma coisa muito além dos dois rostos inclinados sobre ele.

— Ela lhes dirá — disse ele, em gaélico. — Ela virá até vocês. — Por uma fração de segundo, sua atenção pareceu retornar ao quarto da estalagem onde estava e seus olhos fixaram-se nos homens que o ladeavam. — Até vocês dois — disse com clareza.

Em seguida, fechou os olhos e não disse mais nada, agarrando-se cada vez com mais força à mão de Jamie. Após algum tempo, sua mão relaxou e soltou-se. Tudo estava acabado. A guarda do ouro havia sido transmitida.

E assim, Jamie Fraser cumpriu sua palavra ao inglês — e sua obrigação com seus compatriotas. Contou ao major tudo que Duncan dissera, o que de nada lhe adiantara! E quando a oportunidade de fuga surgiu, ele aproveitou-a — fugiu para a charneca, dirigiu-se para a costa e fez o que pôde com o legado de Duncan Kerr. E agora tinha que pagar o preço de seus atos, qualquer que fosse.

Ouviu passos vindo pelo corredor do lado de fora. Apertou os joelhos com mais força, tentando estancar os tremores. Ao menos, seria resolvido agora, de um modo ou de outro.

— ... rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte, amém.

A porta escancarou-se, deixando entrar um fecho de luz que o fez piscar. Estava escuro no corredor, mas o guarda parado acima dele carregava uma tocha.

— De pé. — O homem agarrou-o e puxou-o, obrigando-o a levantar-se apesar da rigidez de suas juntas. Foi empurrado em direção à porta, aos tropeções. — Querem vê-lo lá em cima.

— Lá em cima? Onde? — Estava surpreso; a forja do ferreiro ficava no andar de baixo, fora do pátio. E não iriam açoitá-lo tão tarde da noite.

O rosto do homem contorceu-se, feroz e vermelho à luz da tocha.

— Nos alojamentos do major — disse o guarda, rindo. — E que Deus tenha pena de sua alma, Mac Dubh.

— Não, senhor, não vou dizer onde estive — repetiu com firmeza tentando não deixar que seus dentes batessem de frio. Fora levado não ao escritório, mas à sala de visitas particular de Grey. A lareira estava acesa, mas Grey estava parado diante dela, bloqueando a maior parte do calor.

— Nem por que decidiu fugir? — A voz de Grey era fria e formal.

O rosto de Jamie endureceu-se. Fora colocado perto da estante de livros, onde a luz de um candelabro de três braços recaía sobre seu rosto; o próprio Grey não passava de uma silhueta escura contra a claridade do fogo.

— É assunto pessoal meu — disse ele.

— Assunto pessoal? — ecoou Grey, incrédulo. — Você disse assunto pessoal seu?

— Sim.

O diretor respirou ruidosamente pelo nariz.

— Isso é provavelmente a coisa mais afrontosa que já ouvi na vida!

— Sua vida, então, deve ter sido curta, major — disse Fraser. — Se me permite o comentário. — Não fazia sentido prorrogar aquela conversa ou tentar aplacar a ira do major. Era melhor provocar logo uma decisão e acabar com aquilo. Ele com certeza provocara alguma coisa; Grey cerrou os punhos

com força, pressionando-os junto ao corpo, e deu um passo em sua direção, afastando-se do fogo.

— Tem noção do que eu poderia fazer com você por isso? — perguntou Grey, a voz baixa e deliberadamente controlada.

— Sim, tenho, major. — Mais do que uma simples noção. Sabia por experiência própria o que ele podia infligir-lhe e não estava ansioso por isso. Mas não tinha escolha.

Grey respirou pesadamente por um instante, depois virou de modo abrupto a cabeça.

— Venha cá, sr. Fraser — ordenou ele. Jamie fitou-o, intrigado. — Aqui! — disse ele, autoritariamente, apontando para um lugar diretamente à sua frente no tapete em frente à lareira. — Venha cá, sr. Fraser!

— Não sou um cachorro, major! — retorquiu Jamie. — Faça o que quiser comigo, mas não vou obedecer quando me ordena junto aos seus calcanhares!

Pego de surpresa, Grey emitiu uma risada curta e involuntária.

— Minhas desculpas, sr. Fraser — disse ele secamente. — Não tive a intenção de ofendê-lo. Só queria que chegasse mais perto. Poderia? — Deu um passo para o lado e fez uma mesura elaborada, indicando a lareira com um gesto da mão.

Jamie hesitou, mas depois avançou cautelosamente pelo tapete ornamentado com motivos decorativos. Grey deu um passo em sua direção, as narinas alargadas. Assim de perto, os ossos delicados e a pele clara e lisa de seu rosto davam-lhe um ar quase feminino. O major colocou a mão em sua manga e os olhos de longas pestanas arregalaram-se de surpresa.

— Está molhado!

— Sim, estou molhado — disse Jamie, com elaborada paciência. Também estava congelado. Um tremor contínuo percorria seu corpo, mesmo ali junto ao fogo.

— Por quê?

— Por quê? — repetiu Jamie, atônito. — Não mandou os guardas me encharcarem de água antes de me deixarem numa cela gelada?

— Não, não fiz isso. — Era bastante evidente que o major dizia a verdade; seu rosto estava pálido sob o rubor causado pelo calor da lareira, e ele pareceu furioso. Seus lábios contraíram-se numa linha fina. — Peça-lhe

desculpas por isso, sr. Fraser.

— Desculpas aceitas, major. — Pequenos filetes de vapor começavam a elevar-se de suas roupas, mas o calor penetrava pelo tecido úmido. Seus músculos doíam dos tremores e gostaria de deitar-se no tapete. Cachorro ou não.

— Sua fuga teve alguma coisa a ver com o que ouviu na estalagem Tília?

Jamie permaneceu em silêncio. As pontas dos seus cabelos estavam secando e alguns fios flutuavam pelo seu rosto.

— Juraria que sua fuga nada teve a ver com o que aconteceu na estalagem?

Jamie continuou em silêncio. Não havia razão para dizer alguma coisa agora.

O pequeno major andava para cima e para baixo da lareira diante dele, as mãos entrelaçadas nas costas. De vez em quando, o major erguia os olhos para ele, depois retomava os passos.

Finalmente, parou em frente a Jamie.

— Sr. Fraser — disse ele formalmente. — Vou lhe perguntar mais uma vez. Por que fugiu da prisão?

Jamie suspirou. Não iria ficar de pé junto ao fogo por muito mais tempo.

— Não posso lhe dizer, major.

— Não pode ou não quer? — perguntou Grey asperamente.

— Não parece uma distinção necessária, major, já que não ouvirá nada de mim, de qualquer forma. — Fechou os olhos e esperou, tentando absorver o máximo de calor possível antes que o levassem.

Grey sentiu-se desorientado, sem saber o que dizer ou fazer. *Teimosos não serve nem para começar a descrevê-los*, dissera Quarry. Não mesmo.

Inspirou fundo, imaginando o que fazer. Sentia-se constrangido pela crueldade mesquinha da vingança dos guardas; mais ainda porque fora exatamente essa medida que ele próprio contemplara assim que soube que Fraser era seu prisioneiro.

Estaria perfeitamente dentro dos seus direitos agora mandar açoitar o sujeito ou acorrentá-lo outra vez. Condenado ao confinamento em uma solitária, com suas rações reduzidas — ele poderia com justiça infligir-lhe dezenas de punições diferentes. E se o fizesse, as chances de um dia vir a

encontrar o Ouro do Francês se reduziriam drasticamente.

O ouro realmente existia. Ou ao menos havia uma boa probabilidade de que assim fosse. Somente a crença nesse ouro teria motivado Fraser a agir como agira.

Examinou o escocês. Os olhos de Fraser estavam fechados, os lábios cerrados com firmeza. Possuía a boca larga e forte, cuja expressão feroz em parte se contrapunha aos lábios sensíveis, macios e expostos em seu ninho encaracolado de barba ruiva.

Grey parou, tentando pensar em algum jeito de transpassar a muralha de brando desafio do sujeito. O uso da força seria pior do que inútil — e depois da atitude dos guardas, teria vergonha de ordená-la, ainda que tivesse estômago para brutalidade.

O relógio no consolo da lareira bateu as dez horas. Era tarde; não havia nenhum ruído na fortaleza, a não ser os passos do soldado de sentinela no pátio do lado de fora da janela.

Obviamente, nem força nem ameaça ajudariam a obter a verdade. Com relutância, compreendeu que só havia um caminho a seguir se ainda quisesse ir ao encalço do ouro. Teria que deixar de lado seus sentimentos em relação ao escocês e aceitar a sugestão de Quarry. Devia buscar um relacionamento, no decorrer do qual talvez pudesse extrair do sujeito alguma pista que o levasse ao tesouro escondido.

Se ele existisse, lembrou a si mesmo, virando-se para o prisioneiro. Respirou fundo.

— Sr. Fraser — disse ele formalmente —, me daria a honra de jantar comigo amanhã nas minhas dependências?

Ao menos, teve a satisfação momentânea de surpreender o maldito escocês. Os olhos azuis arregalaram-se e, em seguida, Fraser recuperou o domínio de sua expressão. Parou por um instante, depois fez uma mesura floreada, como se usasse um kilt e um xale oscilante, e não farrapos úmidos de um prisioneiro.

— O prazer será todo meu, major — respondeu ele.

7 DE MARÇO DE 1755

Fraser chegou escoltado pelo guarda e foi deixado na sala de estar, onde a mesa de jantar estava posta. Quando Grey atravessou a porta de seu quarto alguns instantes depois, viu seu convidado parado junto à estante, aparentemente absorto em um exemplar de *Nouvelle Héloïse*.

— Interessa-se por romances franceses? — perguntou ele inesperadamente, só percebendo tarde demais o quanto a pergunta soava inacreditável.

Fraser ergueu os olhos, surpreso, e fechou o livro com um estalo. Com acintosa deliberação, devolveu o livro ao seu lugar na estante.

— Eu sei ler, major — disse ele. Ele havia se barbeado; um ligeiro rubor afogueava as maçãs de seu rosto.

— Eu... sim, claro, não quis dizer... eu apenas... — As próprias faces de Grey ficaram mais ruborizadas do que as de Fraser. A realidade é que ele havia de fato, inconscientemente, presumido que o outro não lia, apesar de sua evidente educação esmerada, somente por causa de seu sotaque das Terras Altas e suas vestimentas andrajosas.

Embora seu casaco pudesse estar surrado e gasto, os modos de Fraser não deixavam a desejar. Ignorou as desculpas atrapalhadas de Grey e virou-se para a estante.

— Tenho contado a história aos homens, mas já faz algum tempo que a li. Achei que podia refrescar a memória quanto à sequência do final.

— Sei. — Bem a tempo, Grey conteve-se de dizer: “E eles a compreendem?”

Fraser evidentemente leu a frase não pronunciada em seu rosto, porque disse secamente:

— Todas as crianças escocesas são alfabetizadas, major. Além disso, temos uma grande tradição de contadores de histórias nas Terras Altas.

— Ah. Sim. Entendo.

A entrada do criado com o jantar salvou-o de novos embaraços e o jantar transcorreu sem incidentes, embora com pouca conversa, assim mesmo

limitada aos assuntos da prisão.

Na vez seguinte, mandou colocar a mesa de xadrez diante da lareira e convidou Fraser para se unir a ele numa partida antes do jantar ser servido. Um breve lampejo de surpresa atravessou os olhos oblíquos e azuis, seguido de um breve aceno de cabeça em aquiescência.

Aquele fora um golpe de gênio, Grey pensou em retrospecto. Aliviados da necessidade de manter uma conversa ou gentilezas sociais, eles gradualmente acostumaram-se um ao outro, inclinados sobre o tabuleiro incrustado de marfim e ébano, avaliando-se silenciosamente pelos movimentos das peças do jogo de xadrez.

Quando por fim sentaram-se para jantar, já não eram completos estranhos, e a conversa, embora ainda cautelosa e formal, era ao menos uma conversa autêntica, e não aqueles monossílabos experimentais e embaraçosos de antes. Discutiram assuntos da prisão, conversaram um pouco sobre livros e separaram-se formalmente, mas de maneira amistosa. Grey não fez menção ao ouro.

E assim o costume semanal foi estabelecido. Grey procurava colocar seu convidado à vontade, na esperança de que Fraser deixasse escapar alguma pista do destino do Ouro do Francês. Não chegara a esse ponto, apesar de cuidadosa sondagem. Qualquer sugestão de pergunta sobre o que acontecera durante os três dias de ausência de Fraser de Ardsmuir era sempre recebida com silêncio.

Enquanto comiam carneiro e batatas cozidas, ele fazia todo o possível para conduzir seu convidado ocasional à discussão da França e sua política, com o intuito de descobrir se poderia haver algum elo entre Fraser e uma possível fonte de ouro da corte francesa.

Para grande surpresa sua, fora informado que Fraser havia de fato passado dois anos vivendo na França, trabalhando no ramo de vinhos, antes da rebelião dos Stuart.

Um certo humor frio nos olhos de Fraser indicava que o sujeito tinha plena consciência dos motivos por trás de suas perguntas. Ao mesmo tempo, ele concordava gentilmente em seguir com a conversa, embora sempre

tomando cuidado para desviar as perguntas de sua vida pessoal e, ao contrário, na direção de questões mais gerais de arte e sociedade.

Grey passara algum tempo em Paris, e apesar de suas tentativas de sondar as conexões francesas de Fraser, viu-se cada vez mais interessado na conversa por si mesma.

— Diga-me, sr. Fraser, durante sua estada em Paris, teve a chance de se deparar com as obras dramáticas de monsieur Voltaire?

Fraser sorriu.

— Ah, sim, major. Na realidade, tive o privilégio de receber monsieur Arouet, Voltaire era seu *nom de plume*, sabia?, à minha mesa, em mais de uma ocasião.

— É mesmo? — Grey ergueu uma das sobrancelhas, interessado. — E ele é tão inteligente em pessoa como o é com sua pena?

— Não saberia realmente dizer — respondeu Fraser, cuidadosamente espetando com o garfo uma fatia de carneiro. — Ele praticamente não falava nada, quanto mais alguma coisa inteligente. Apenas ficava lá, curvado em sua cadeira, observando todo mundo, os olhos revirando de um para outro. Não ficaria absolutamente surpreso de ouvir que muito do que disse à minha mesa apareceu depois no palco, embora felizmente não tenha encontrado uma paródia de mim mesmo em sua obra. — Fechou os olhos em concentração momentânea, mastigando o carneiro.

— A carne está a seu gosto, sr. Fraser? — perguntou Grey educadamente. Mas estava cheia de cartilagem e mal lhe parecia comível. Por outro lado, ele podia muito bem pensar de modo diferente, já que vinha comendo aveia, ervas e um ou outro rato.

— Sim, está, major, obrigado. — Fraser passou o último pedaço de carne em um pouco do molho de vinho e levou-o à boca, não fazendo nenhuma objeção quando Grey fez sinal para MacKay trazer a travessa de volta. — Receio que monsieur Arouet não iria apreciar uma excelente refeição como esta — disse Fraser, sacudindo a cabeça enquanto se servia de mais carneiro.

— Já imaginava que um homem tão festejado na sociedade francesa tivesse gostos mais exigentes — retrucou Grey secamente. Metade de sua própria refeição permanecia no prato, destinada ao jantar do gato Augustus.

Fraser riu.

— Nada disso, major — assegurou a Grey. — Nunca vi monsieur Arouet consumir nada além de um copo de água e um biscoito seco, por mais suntuoso que fosse o jantar. É um homenzinho mirrado, sabe, e um mártir da indigestão.

— É mesmo? — Grey estava fascinado. — Talvez isso explique o cinismo de alguns dos sentimentos que vi expressos em suas peças. Não acha que o caráter de um autor transpareça na criação de sua obra?

— Considerando alguns dos personagens que vi em peças e romances, major, eu diria que o autor que os criou inteiramente a partir de si próprio era um pouco depravado, não acha?

— Suponho que sim — respondeu Grey, sorrindo à ideia de alguns dos mais radicais personagens ficcionais com que estava familiarizado. — Se um autor constrói esses personagens pitorescos a partir da vida real, em vez de tirá-los da sua imaginação, sem dúvida ele deve conhecer gente de todo tipo!

Fraser assentiu, tirando farelos de pão do seu colo com o guardanapo de linho.

— Não foi monsieur Arouet, mas uma de suas colegas de profissão, uma romancista, que comentou comigo certa vez que escrever romances era uma arte canibal, na qual o autor em geral mistura pequenas porções dos seus amigos e inimigos, tempera-as com a imaginação e deixa a mistura cozinhar, transformando-a num saboroso ensopado.

Grey riu com a descrição e acenou para MacKay tirar os pratos e trazer as garrafas de vinho do Porto e de xerez.

— De fato, uma descrição maravilhosa! Mas, por falar em canibais, teve a chance de conhecer a obra do sr. Defoe, *Robinson Crusoe*? É uma de minhas histórias favoritas desde a juventude.

A conversa, então, voltou-se para romances e o arrebatamento dos trópicos. Já era muito tarde quando Fraser retornou à sua cela, deixando o major Grey entretido, mas nem um pouco mais conhecedor da fonte nem do destino do ouro do andarilho escocês.

2 DE ABRIL DE 1755

John Grey abriu o pacote de penas de escrever que sua mãe enviara de Londres. Penas de cisne, mais finas e mais resistentes do que as penas comuns de ganso. Sorriu vagamente ao vê-las, um lembrete nada sutil de que estava atrasado em sua correspondência.

Entretanto, sua mãe teria que esperar até o dia seguinte. Pegou seu canivete pequeno, gravado com seu monograma, que sempre trazia consigo, e lentamente afinou a ponta da pena de acordo com seu gosto, compondo mentalmente o que queria dizer. Quando mergulhou a pena na tinta, as palavras estavam claras em sua mente e ele escreveu rápido, quase sem pausas.

2 de abril de 1755

A Harold, lorde Melton, conde de Moray

Caro Hal, começou dizendo, escrevo para informá-lo de uma recente ocorrência que muito tem absorvido minha atenção. Pode vir a não significar nada, mas se houver alguma verdade na questão, ela será de grande importância.

Os detalhes da aflição do andarilho e o relato de seus delírios seguiram-se prontamente, mas Grey viu-se escolhendo as palavras quando contou sobre a fuga e recaptura de Fraser.

O fato de Fraser ter desaparecido das dependências da prisão logo após esses eventos me sugere enfaticamente que havia de fato alguma verdade nas palavras do pobre vagabundo.

No entanto, se esse fosse o caso, não sei como explicar as ações subsequentes de Fraser. Ele foi recapturado três dias depois de sua fuga, em um lugar a menos de dois quilômetros da costa. A região em volta do presídio é deserta por muitos

quilômetros além do vilarejo de Ardsmuir e é bem pouco provável que ele tenha se encontrado com um aliado a quem possa ter passado as informações sobre o tesouro. Todas as casas do vilarejo foram revistadas, assim como o próprio Fraser, sem que nenhum vestígio de ouro fosse encontrado.

É uma região remota e tenho quase certeza de que ele não se comunicou com ninguém fora da prisão antes de sua fuga — tenho absoluta certeza que não o fez desde então, porque é mantido sob severa vigilância.

Grey parou, vendo outra vez a figura de James Fraser ao vento, selvagem como os veados vermelhos e tão à vontade na charneca quanto um deles.

Não tinha a menor dúvida de que Fraser podia ter enganado os dragões com facilidade, se quisesse, mas não o fez. Ele deliberadamente se deixara ser recapturado. Por quê? Retomou a escrita, mais devagar.

Pode ser, é claro, que Fraser não tenha conseguido encontrar o tesouro ou que tal tesouro não exista. Sinto-me inclinado a acreditar nisso, porque se ele estivesse de posse de uma grande soma, com certeza teria saído da região imediatamente, não? É um homem forte, acostumado à vida sem confortos e totalmente capaz, acredito, de seguir seu caminho por terra até algum ponto na costa do qual ele pudesse fugir pelo mar.

Grey mordeu delicadamente a ponta da pena, sentindo o gosto da tinta. Fez uma careta diante do sabor amargo, levantou-se e cuspiu para fora da janela. Ficou ali parado por um instante, olhando para a noite fria de primavera, limpando a boca distraidamente.

Por fim ocorrera-lhe perguntar; não a pergunta que estivera fazendo o tempo inteiro, mas outra mais importante. Fizera-a ao término de um jogo de xadrez que Fraser vencera. O guarda estava parado à porta, pronto para escotar Fraser de volta à sua cela; como o prisioneiro levantara-se de sua

cadeira, Grey levantara-se também.

— Não vou lhe perguntar outra vez por que deixou a prisão — disse ele, calmamente, em tom de conversa. — Mas vou lhe perguntar: por que voltou?

Fraser ficara paralisado por um instante, surpreso. Virou-se e olhou diretamente nos olhos de Grey. Por um instante, não disse nada. Depois, sua boca curvou-se num sorriso.

— Acho que devo dar valor à sua companhia, major. Posso lhe assegurar que não foi pela comida.

Grey riu com desdém, lembrando-se. Incapaz de pensar numa resposta adequada, deixara Fraser partir. Somente mais tarde naquela noite foi que ele laboriosamente chegou a uma resposta, finalmente tendo a inteligência de fazer perguntas a si mesmo, em vez de fazê-las a Fraser: o que ele, Grey, teria feito, se Fraser não tivesse retornado?

A resposta foi que seu próximo passo teria sido uma investigação sobre as conexões familiares de Fraser, caso o sujeito tivesse buscado abrigo ou ajuda de parentes.

E essa, tinha certeza, era a resposta. Grey não tomara parte na subjugação das Terras Altas — assumira postos na França e na Itália —, mas ouvira mais do que o suficiente dessa campanha em particular. Vira as pedras enegrecidas de muitas cabanas incendiadas, erguendo-se como monumentos funerários em meio a plantações arruinadas, quando viajara para o norte, para Ardsmuir.

As ferrenhas lealdades dos escoceses das Terras Altas são lendárias. Aquele que tivesse visto as cabanas em chamas poderia muito bem preferir sofrer prisão, grilhões ou mesmo açoites, para poupar sua família de uma visita dos soldados ingleses.

Grey sentou-se e pegou a pena, mergulhando-a outra vez na tinta.

Você conhece, acredito, a têmpera dos escoceses, ele escreveu. Essa em particular, pensou ironicamente.

É improvável que qualquer ato de força ou qualquer ameaça que eu possa exercer induza Fraser a revelar o paradeiro do ouro — caso ele exista. Se não existir, posso esperar menos ainda que qualquer ameaça seja eficaz! Resolvi, assim, iniciar

um relacionamento amistoso e formal com Fraser, como chefe dos prisioneiros escoceses, na esperança de extrair alguma pista de sua conversa. Até agora, não ganhei nada com esse processo. Entretanto, um outro curso de abordagem se apresenta.

Por razões óbvias, ele continuou, escrevendo devagar enquanto dava forma ao pensamento, eu não quero tornar esta questão oficialmente conhecida. Chamar atenção para um tesouro que pode muito bem mostrar ser quimérico era perigoso; a chance de desapontamento era grande demais. Haveria tempo suficiente, se o ouro fosse encontrado, de informar seus superiores e colher a recompensa merecida — sair de Ardsmuir, ser nomeado para um posto de volta à civilização.

Assim, recorro a você, meu caro irmão, e peço sua ajuda em descobrir os detalhes que puder obter referentes à família de James Fraser. Rogo-lhe, não deixe que ninguém seja alertado por suas investigações; se tais conexões familiares existirem, gostaria que permanecessem ignorando meu interesse por enquanto. Meus profundos agradecimentos por qualquer esforço que possa fazer por mim, e acredite-me sempre,

Molhou a pena mais uma vez e assinou com um pequeno floreio,

*Seu humilde criado e devotado irmão,
John William Grey.*

15 DE MAIO DE 1755

— Os homens doentes com a gripe — perguntou Grey —, como estão passando?

O jantar terminara e, com ele, a conversa sobre livros. Agora, era a hora dos negócios.

Fraser franziu a testa sobre o único copo de xerez que era tudo que ele aceitava em termos de bebida. Ainda não o havia provado, embora o jantar já tivesse terminado fazia algum tempo.

— Nada bem. Tenho mais de sessenta homens doentes, quinze deles em péssimas condições. — Hesitou. — Posso pedir-lhe...

— Não posso prometer nada, sr. Fraser, mas pode pedir — respondeu Grey formalmente. Ele mal tocara seu próprio xerez, não mais do que tocara seu jantar; o dia inteiro sentira um nó de expectativa no estômago.

Jamie fez uma pausa ainda mais longa, calculando suas probabilidades. Não iria conseguir tudo; devia tentar o que era mais importante, mas deixar espaço para Grey rejeitar alguns pedidos.

— Precisamos de mais cobertores, major, mais fogueiras e mais comida. E remédios.

Grey girou o xerez em seu copo, observando a luz do fogo brincar no vórtice. Negócios comuns primeiro, lembrou a si mesmo. Haverá tempo suficiente para o outro mais tarde.

— Não temos mais do que vinte cobertores em reserva no depósito — respondeu ele —, mas pode ficar com eles para os mais doentes. Receio não poder aumentar a ração de comida; os estragos causados por ratos têm sido consideráveis e perdemos uma grande quantidade de grãos no desmoronamento do depósito há dois meses. Temos recursos limitados e...

— Não é apenas uma questão de quantidade — interrompeu Fraser rapidamente. — Mas do tipo de comida. Os que estão muito doentes não podem digerir prontamente o pão e o mingau. Talvez algum tipo de substituição pudesse ser arranjado? — Todo homem, por lei, recebia um quarto de galão de mingau de aveia e um pequeno pedaço de pão de trigo por

dia. Um caldo ralo de cevada complementava essa dieta duas vezes por semana, com um quarto de ensopado de carne acrescentado aos domingos, para sustentar as necessidades de homens em trabalho braçal de doze a dezesseis horas por dia.

Grey ergueu uma das sobrancelhas.

— O que está sugerindo, sr. Fraser?

— Presumo que a prisão tem algum recurso em caixa destinado à compra de carne salgada, aipos e cebolas para o ensopado de domingo, não é?

— Sim, mas essa cota tem que ser usada para adquirir os suprimentos do próximo trimestre.

— Então, o que eu sugiro, major, é que use o dinheiro agora para fornecer caldo e ensopado para aqueles que estão doentes. Aqueles de nós que estão em boas condições de saúde de boa vontade abrem mão de nossa parte de carne para o trimestre.

Grey franziu o cenho.

— Mas os presos não ficarão fracos sem absolutamente carne nenhuma? Não ficarão incapacitados para o trabalho?

— Os que morrerem da gripe certamente não irão trabalhar — ressaltou Fraser asperamente.

Grey riu com desdém.

— É verdade. Mas os que estão saudáveis não permanecerão assim se abrirem mão de sua parte por tanto tempo. — Sacudiu a cabeça. — Não, sr. Fraser, acho que não. É melhor deixar os doentes correrem o risco do que permitir que muitos outros fiquem doentes.

Fraser era um homem teimoso. Abaixou a cabeça por um instante, depois ergueu os olhos para tentar outra vez.

— Então eu lhe pediria licença para irmos caçar por conta própria, major, já que a Coroa não pode nos fornecer uma alimentação adequada.

— Caçar? — As sobrancelhas louras de Grey ergueram-se de espanto. — Dar-lhes armas e permitir que vagueiem pelo mato? Pelo amor de Deus, sr. Fraser!

— Acho que Deus não sofre de escorbuto, major — disse Jamie secamente. — Os dentes Dele não correm perigo. — Viu a boca de Grey contorcer-se e relaxou um pouco. Grey sempre tentava reprimir seu senso de

humor, sem dúvida percebendo que isso o colocava em desvantagem. Como sempre acontecia quando lidava com Jamie Fraser.

Encorajado pelo suposto trejeito da boca de Grey, Jamie continuou a pressionar.

— Armas, não, major. E não ficar vagando por aí. Mas nos daria permissão para colocar armadilhas lá fora quando cortamos turfa? E para ficarmos com o que pegarmos? — De vez em quando, um prisioneiro criava uma armadilha, porém quase sempre os guardas ficavam com a caça.

Grey inspirou fundo e foi liberando o ar aos poucos, pensativamente.

— Armadilhas? Não iria precisar de materiais para construir essas armadilhas, sr. Fraser?

— Só um pouco de corda, major — assegurou Jamie. — Uma dúzia de rolos, não mais do que isso, de qualquer tipo de barbante ou corda, pode deixar o resto conosco.

Grey esfregou o rosto devagar, considerando, depois assentiu.

— Muito bem. — O major virou-se para a pequena escrivania, tirou a pena do tinteiro e redigiu uma anotação. — Darei ordens para que isso seja arranjado amanhã. Agora, quanto ao resto de suas solicitações...

Quinze minutos depois, tudo estava acertado. Jamie por fim relaxou, recostando-se na cadeira com um suspiro, e finalmente tomou um gole do xerez. Considerou que fizera por merecê-lo.

Teve permissão não só para as armadilhas, mas para que os cortadores de turfa trabalhassem mais meia hora por dia, a turfa extra servindo para fornecer um pequeno fogo adicional em cada cela. Não haveria nenhum tipo de remédio, mas teve permissão para que Sutherland enviasse uma mensagem a uma prima em Ullapool, cujo marido era um boticário. Se o marido da prima estivesse disposto a mandar remédios, os presos poderiam recebê-los.

Uma boa noite de trabalho, pensou Jamie. Tomou outro gole do xerez e fechou os olhos, apreciando o calor do fogo em seu rosto.

Grey observava seu convidado por baixo das pálpebras cerradas, vendo os ombros largos afrouxarem-se um pouco, a tensão relaxada agora que haviam terminado os negócios. Ou assim Fraser acreditava. Muito bem, Grey pensou consigo mesmo. Sim, tome seu xerez e relaxe. Quero você com a guarda completamente aberta.

Inclinou-se para a frente para pegar a garrafa de bebida e sentiu o estalido da carta de Hal no bolso do peito. Seu coração começou a bater mais rápido.

— Não quer um pouco mais, sr. Fraser? E diga-me... como tem passado sua irmã?

Viu os olhos de Fraser abrirem-se de repente e seu rosto ficar branco com o choque.

— Como vão as coisas lá em... Lallybroch, é como se chama, não? — Grey afastou a garrafa, mantendo os olhos fixos em seu convidado.

— Não sei dizer, major. — A voz de Fraser soou completamente inalterada, mas seus olhos haviam se transformado em duas fendas.

— Não? Mas eu ousaria dizer que vivem muito bem atualmente, com o ouro que você lhes forneceu.

Os ombros largos retesaram-se subitamente, os músculos avolumando-se sob o casaco surrado. Grey pegou uma das peças do xadrez descontraidamente do tabuleiro próximo, lançando-a de modo descuidado de uma mão para outra.

— Suponho que Ian — seu cunhado chama-se Ian, não é? — saberá fazer bom uso dele.

Fraser havia recuperado o autocontrole. Os olhos azul-escuros fitaram diretamente os de Grey.

— Já que está tão bem informado sobre meus parentes, major — disse ele sem se alterar —, devo supor que também sabe que minha casa fica a mais de cento e cinquenta quilômetros de Ardsmuir. Talvez possa explicar como eu percorri essa distância duas vezes no espaço de três dias.

Os olhos de Grey permaneceram na peça de xadrez, girando-a indolentemente de uma mão para outra. Era um peão, um pequeno guerreiro de cabeça em cone com um rosto feroz, esculpido de um cilindro de presa de morsa.

— Você deve ter encontrado alguém na charneca que tenha levado a informação do ouro, ou levado o próprio ouro para sua família.

Fraser riu desdenhosamente.

— Em Ardsmuir? Qual a probabilidade, major, que eu possa ter encontrado por acaso uma pessoa que eu conhecesse naquela charneca? Muito menos uma pessoa em quem eu pudesse confiar para mandar uma

mensagem como a que sugere? — Colocou seu copo sobre a mesa com um gesto deliberado e definitivo. — Não encontrei ninguém na charneca, major.

— E devo confiar em sua palavra quanto a isso, sr. Fraser? — Grey deixou um considerável ceticismo transparecer em sua voz. Ergueu os olhos, as sobrancelhas levantadas.

As altas maçãs do rosto de Fraser ruborizaram-se ligeiramente.

— Ninguém jamais teve motivo para duvidar de minha palavra, major — disse ele friamente.

— Ah, não? — Grey não estava fingindo sua raiva completamente. — Acredito que tenha dado a mim sua palavra na ocasião em que mandei retirar seus ferros!

— E eu a cumpri!

— É mesmo? — Os dois homens sentavam-se empertigados na ponta da cadeira, fitando-se furiosamente por cima da mesa.

— Você pediu três coisas de mim, major, e eu cumpri o acordo em cada detalhe!

Grey fez um muxoxo de desdém.

— Verdade, sr. Fraser? E se assim for, o que o fez repentinamente desprezar a companhia de seus companheiros de prisão e procurar se reunir aos coelhos do mato? Já que afirma que não se encontrou com ninguém, me dê sua palavra de que assim foi. — A última parte foi pronunciada com um audível sinal de desdém, fazendo o rubor subir às faces de Fraser.

Uma das mãos enormes crispou-se devagar num punho cerrado.

— Sim, major — disse ele serenamente. — Eu lhe dou minha palavra de que assim foi. — Nesse ponto, pareceu perceber que seu punho estava cerrado; bem devagar, abriu a mão, espalmando-a sobre a mesa.

— E quanto à sua fuga?

— Quanto à minha fuga, major, já lhe disse que não direi nada. — Fraser soltou o ar devagar e recostou-se em sua cadeira, os olhos fixos em Grey, sob as sobrancelhas espessas e ruivas.

Grey parou por um instante, depois ele próprio recostou-se na cadeira, recolocando a peça de xadrez na mesa.

— Deixe-me falar claramente, sr. Fraser. Concedo-lhe a honra de presumir que seja um homem sensato.

— Sou profundo reconhecedor desta honra, major, asseguro-lhe. — Grey percebeu a ironia, mas não respondeu; era ele quem estava em posição de vantagem agora.

— O fato é, sr. Fraser, que não importa se de fato se comunicou com sua família com relação ao ouro. Você deve ter feito isso. Apenas essa possibilidade já é suficiente para justificar que eu mande um grupo de dragões dar uma busca minuciosa nas dependências de Lallybroch e prender e interrogar os membros de sua família.

Enfiou a mão no bolso do peito e retirou uma folha de papel. Desdobrando-a, leu a lista de nomes.

— Ian Murray é seu cunhado, não é? A mulher dele, Janet. Seria sua irmã, é claro. Seus filhos, James, em homenagem ao tio, talvez? — Ergueu os olhos rapidamente, tempo suficiente para vislumbrar o rosto de Fraser, depois retornou à lista. — E Margaret, Katherine, Janet, Michael e Ian. Uma prole e tanto — disse ele, num tom de desprezo que igualava os seis Murray mais novos a uma ninhada de leitõezinhos. Colocou a lista sobre a mesa, ao lado da peça de xadrez. — Os três filhos mais velhos já têm idade para serem detidos e interrogados com seus pais, você sabe. Esses interrogatórios costumam ser violentos, sr. Fraser.

Quanto a isso, ele dizia a pura verdade, e Fraser não a ignorava. O rosto do prisioneiro perdeu toda a cor, deixando os ossos fortes mais visíveis sob a pele. Fechou os olhos por um breve momento, abrindo-os em seguida.

Grey lembrou-se rapidamente da voz de Quarry, dizendo: “Se jantar sozinho com o sujeito, não lhe dê as costas.”. Os cabelos de sua nuca se arrepiaram por um momento, mas ele se controlou, devolvendo o olhar fixo e azul de Fraser.

— O que quer de mim? — A voz era baixa, rouca de raiva, mas o escocês permaneceu sentado, imóvel, uma figura esculpida em vermelho, dourada pelo fogo.

Grey respirou fundo.

— Quero a verdade — disse ele brandamente.

Não se ouviu nenhum ruído no aposento, a não ser o zumbido e estalido dos pedaços de turfa na lareira. Houve um breve movimento de Fraser, não mais do que a torção de seus dedos contra a perna, e depois mais nada. O

escocês continuou sentado, a cabeça virada, fitando o fogo como se buscasse ali uma resposta.

Grey também permaneceu sentado, aguardando. Podia se dar ao luxo de esperar. Afinal, Fraser virou-se e encarou-o.

— A verdade, então. — Respirou fundo; Grey podia ver o peito de sua camisa de linho elevar-se com a respiração, ele não possuía um colete. — Cumpri minha palavra, major. Eu lhe contei fielmente tudo que o homem me disse naquela noite. O que eu não lhe disse foi que parte do que ele falou fazia sentido para mim.

— De fato. — Grey mantinha-se imóvel, mal ousando se mexer. — E que sentido foi esse?

A boca larga de Fraser transformou-se numa linha fina.

— Eu... lhe falei de minha mulher — disse ele, forçando as palavras a saírem de sua boca, como se elas o ferissem.

— Sim, você disse que ela estava morta.

— Eu disse que ela se foi, major — corrigiu Fraser serenamente. Seus olhos estavam fixos no peão. — É provável que esteja morta, mas... — Parou e engoliu em seco, depois continuou com mais firmeza. — Minha mulher era uma curandeira. O que nas Terras Altas chamam de feiticeira, porém mais do que isso. Ela era uma dama branca, uma mulher sábia. — Ergueu os olhos por um instante. — A palavra em gaélico é *ban-druidh*, que também significa bruxa.

— A bruxa branca. — Grey também falou brandamente, mas a empolgação pulsava em seu sangue. — Então as palavras do sujeito referiam-se a sua mulher?

— Achei que era possível. E se assim fosse... — Os ombros largos remexeram-se quando deu de ombros. — Eu precisava ir — disse ele simplesmente. — Para ver.

— Como sabia aonde ir? Também foi algo que inferiu das palavras do moribundo? — Grey inclinou-se para a frente, ligeiramente curioso. Fraser balançou a cabeça, os olhos ainda fixos na peça de xadrez de marfim.

— Há um lugar que eu conhecia, não muito distante daqui, onde existe um santuário a Santa Brígida. Santa Brígida também é conhecida como “a dama branca” — explicou ele, erguendo os olhos. — Embora o santuário já

esteja lá há muito tempo, desde muito antes de Santa Brígida vir à Escócia.

— Sei. E então você presumiu que as palavras do sujeito referiam-se a esse lugar, bem como à sua mulher?

De novo, ele deu de ombros.

— Eu não sabia — repetiu Fraser. — Não sabia se ele estava fazendo alguma referência à minha mulher ou se “a dama branca” apenas significava Santa Brígida. Ele podia estar tentando me direcionar para o lugar ou talvez nem uma coisa nem outra. Mas achei que eu devia ir.

Descreveu o lugar em questão e, diante da insistência de Grey, deu as coordenadas para se alcançar o local.

— O santuário em si é uma pequena rocha na forma de uma cruz antiga, tão desgastada pelo tempo que mal se veem as inscrições gravadas nela. Fica acima de um pequeno lago, oculto no urzal. Há pequenas pedras brancas no fundo do lago, emaranhadas entre as raízes das urzes que crescem nas margens. Dizem que essas pedras têm um grande poder, major — explicou ele, vendo o olhar inexpressivo de Grey. — Mas apenas quando usadas por uma dama branca.

— Compreendo. E sua mulher...? — Grey parou, delicadamente. Fraser fez um breve movimento com a cabeça.

— Não havia nada lá que tivesse a ver com ela — disse ele, brandamente. — Ela se foi de verdade. — Sua voz era baixa e controlada, mas Grey pôde perceber um tom de desolação e pesar.

O rosto de Fraser normalmente era calmo e insondável; ele não mudou de expressão agora, mas as marcas de pesar eram claras, gravadas nos sulcos em torno da boca e dos olhos, escurecidos pelo fogo bruxuleante.

Parecia uma intrusão interromper e perturbar um sentimento tão profundo, apesar de não declarado, mas Grey tinha um dever a cumprir.

— E o ouro, sr. Fraser? — perguntou ele calmamente. — E o ouro?

Fraser deu um longo suspiro.

— Estava lá — disse ele sem rodeios.

— O quê?! — Com um salto, Grey sentou-se completamente ereto na cadeira, fitando o escocês com os olhos arregalados. — Você o encontrou?

Fraser ergueu os olhos para ele e sua boca torceu-se ironicamente.

— Eu o encontrei.

— Era de fato o ouro francês que Louis enviou para Charles Stuart? — A empolgação percorria a corrente sanguínea de Grey, com visões de si mesmo entregando magníficos baús de *louis d'or* a seus superiores em Londres.

— Louis nunca enviou ouro para os Stuart — disse Fraser, com convicção. — Não, major, o que eu encontrei na lagoa da santa era ouro, mas não eram moedas francesas.

Ele encontrara uma pequena caixa, contendo algumas moedas de ouro e prata e uma pequena bolsa de couro, cheia de joias.

— Joias? — exclamou Grey. — De onde vinham essas joias?

Fraser lançou-lhe um olhar de ligeira exasperação.

— Não faço a menor ideia, major — disse ele. — Como poderia saber?

— Não, claro que não — disse Grey, tossindo para disfarçar seu aturdimento. — Sem dúvida. Mas esse tesouro... onde está agora?

— Eu o joguei no mar.

Grey fitou-o com ar confuso.

— Você o quê?

— Eu o joguei no mar — repetiu Fraser pacientemente. Os olhos azuis puxados fitaram os de Grey sem pestanejar. — Por acaso já ouviu falar de um lugar chamado Caldeirão do Diabo, major? Não fica a mais de oitocentos metros da lagoa da santa.

— Por quê? Por que você faria isso? — perguntou Grey. — Não faz sentido!

— Eu não estava muito preocupado com o sentido na ocasião, major — disse Fraser serenamente. — Eu fui até lá com uma esperança e, com essa esperança perdida, o tesouro não me pareceu mais do que uma pequena caixa de pedras e algumas peças de metal sem brilho. Não me serviam para nada. — Ele ergueu os olhos, uma das sobrancelhas levemente erguida com ironia. — Mas também não vi “sentido” em dá-lo ao rei George. Assim, atirei-o no mar.

Grey afundou-se na cadeira e mecanicamente serviu-se de outro copo de xerez, mal prestando atenção ao que estava fazendo. Seus pensamentos giravam num turbilhão.

Fraser continuou sentado, a cabeça virada e o queixo apoiado sobre o punho fechado, fitando o fogo, o rosto novamente impassível. A luz brilhava

atrás dele, iluminando a linha reta e longa do nariz e a curva suave do lábio, as sombras no maxilar e na fronte dando-lhe um ar austero.

Grey tomou um bom gole de sua bebida e endireitou-se.

— É uma história comovente, sr. Fraser — disse ele com a voz estável.

— Muito dramática. No entanto, não há nenhuma prova de que seja verdadeira.

Fraser virou a cabeça para fitar Grey. Os olhos rasgados de Jamie estreitaram-se, no que poderia ser interpretado como uma expressão divertida.

— Há, sim, major — disse ele. Enfiou a mão no cós de suas calças puídas, tateou por um instante e estendeu a mão acima do tampo da mesa, aguardando.

Grey estendeu a própria mão em reflexo e um pequeno objeto caiu em sua palma aberta.

Era uma safira, azul-escura como os próprios olhos de Fraser e de um bom tamanho.

Grey abriu a boca, mas não disse nada, engasgado de perplexidade.

— Aí está sua prova de que o tesouro existiu, major. — Fraser indicou a pedra na mão de Grey com um movimento da cabeça. Seus olhos encontraram os de Grey por cima da mesa. — E quanto ao resto... lamento dizer, major, que terá que aceitar a minha palavra.

— Mas... mas... você disse...

— E foi o que fiz. — Fraser estava calmo como se estivessem falando da chuva que caía lá fora. — Guardei essa pequena pedra achando que poderia ter alguma utilidade, se algum dia eu fosse libertado ou se tivesse oportunidade de enviá-la à minha família. Porque há de concordar comigo, major — uma luz brilhou sarcasticamente nos olhos azuis de Fraser —, que minha família não poderia fazer uso de um tesouro desse tipo sem atrair um bocado de atenção indesejada. Uma pedra, talvez, mas não muitas delas.

Grey mal conseguia pensar. O que Fraser dizia era verdade; um fazendeiro das Terras Altas como seu cunhado não teria como transformar tal tesouro em dinheiro sem causar comentários que levariam os homens do rei a Lallybroch imediatamente. E o próprio Fraser poderia muito bem ficar aprisionado pelo resto da vida. Ainda assim, jogar fora uma fortuna tão

facilmente! Entretanto, olhando para o escocês, podia acreditar perfeitamente nisso. Se havia um homem cujo discernimento jamais seria distorcido pela ganância, esse homem era James Fraser. Ainda assim...

— Como conseguiu guardar essa pedra com você? — perguntou Grey de modo incisivo. — Você foi revistado de cima a baixo quando foi trazido de volta.

A boca larga curvou-se ligeiramente no primeiro sorriso genuíno que Grey vira.

— Eu a engoli — disse Fraser.

A mão de Grey fechou-se convulsivamente sobre a safira. Abriu a mão e com toda a cautela colocou a brilhante pedra azul sobre a mesa, junto à peça de xadrez.

— Compreendo — disse ele.

— Tenho certeza que sim, major — disse Fraser, com uma seriedade que só fez aumentar o brilho de divertida ironia em seus olhos. — Uma dieta de mingau grosseiro tem suas vantagens de vez em quando.

Grey sufocou a repentina vontade de rir, esfregando um dedo com força sobre o lábio.

— Tenho certeza que sim, sr. Fraser. — Ficou imóvel por um instante, contemplando a pedra azul. Depois, ergueu os olhos abruptamente. — Você é papista, sr. Fraser? — Já sabia a resposta; eram poucos os partidários dos Stuart que não eram. Sem esperar uma resposta, levantou-se e dirigiu-se à estante de livros no canto. Levou alguns segundos para encontrá-lo; um presente de sua mãe, não fazia parte de sua leitura normal.

Colocou a Bíblia de capa de couro sobre a mesa, ao lado da pedra.

— Estou inclinado a aceitar sua palavra de cavalheiro, sr. Fraser — disse ele. — Mas deve compreender que tenho meu dever a cumprir.

Fraser fitou o livro por um longo tempo, depois ergueu os olhos para Grey, a expressão impenetrável.

— Sim, sei disso muito bem, major — disse ele com tranquilidade. Sem hesitação, colocou a enorme mão sobre a Bíblia. — Juro em nome de Deus Todo-Poderoso e de Sua Palavra Sagrada — disse com firmeza. — O tesouro era o que lhe descrevi. — Seus olhos brilharam à luz do fogo, escuros e inescrutáveis. — E eu juro pela minha esperança de entrar no céu —

acrescentou em voz branda — que ele agora descansa no mar.

O GAMBITO TORREMOLINOS

Com a questão do ouro francês assim resolvida, voltaram ao que se tornara sua rotina; um breve período de negociações formais sobre os assuntos dos prisioneiros, seguido de uma conversa informal e às vezes uma partida de xadrez. Esta noite, saíram da mesa de jantar ainda discutindo o imenso romance de Samuel Richardson, *Pamela*.

— Acha que o tamanho do livro justifica-se pela complexidade da história? — perguntou Grey, inclinando-se para a frente para acender uma cigarrilha na vela sobre o aparador. — Afinal, deve ser uma grande despesa para o editor, bem como exigir um esforço substancial do leitor, um livro desse tamanho.

Fraser sorriu. Ele não fumava, mas resolvera tomar um Porto esta noite, alegando ser essa a única bebida cujo gosto não seria afetado pelo tabaco.

— O quê? Mil e duzentas páginas? Sim, acho que sim. Afinal, é difícil resumir as complicações de uma vida num conto com qualquer esperança de construir um relato preciso.

— É verdade. Mas já ouvi o argumento de que a habilidade do escritor reside na seleção engenhosa dos detalhes. Não acha que um livro de tal extensão possa indicar indisciplina na seleção e, daí, uma falta de habilidade?

Fraser considerou a questão, saboreando um pequeno gole do líquido cor de rubi.

— Já vi livros em que esse é o caso, sem dúvida — disse ele. — Um escritor procura, pela simples inundação de detalhes, impressionar o leitor e dar credibilidade à história. Neste caso, entretanto, acho que não é assim. Cada personagem é cuidadosamente imaginado e todos os incidentes escolhidos parecem necessários à história. Não, acho que é verdade que algumas histórias simplesmente exigem mais espaço para serem contadas. — Tomou outro gole e riu. — Claro, admito um pouco de preconceito nessa afirmação, major. Dadas as circunstâncias em que li *Pamela*, teria ficado encantado se o livro tivesse o dobro do tamanho.

— E que circunstâncias foram essas? — Grey franziu os lábios e soprou a fumaça cautelosamente no formato de um aro, que flutuou em direção ao teto.

— Vivi numa caverna nas Terras Altas por vários anos, major — disse Fraser com amargura. — Raramente tinha mais do que três livros comigo e tinham que durar vários meses. Sim, sou parcial quando se trata de volumes grossos, mas devo admitir que não se trata de uma preferência universal.

— Isso sem dúvida é verdade — concordou Grey. Estreitou os olhos, seguindo o trajeto do primeiro aro de fumaça, e soprou mais um. Errou o alvo e o aro desviou-se para o lado. — Lembro-me — continuou ele, tragando ferozmente sua cigarrilha, encorajando-a a queimar — que uma amiga de minha mãe... viu o livro... na sala de visitas... — Tragou profundamente e soprou a fumaça outra vez, dando um pequeno grunhido de satisfação quando o novo aro atingiu o antigo, dispersando-o numa nuvem fina. — Lady Hensley, foi ela. Ela pegou o livro, olhou-o com aquele jeito desamparado que tantas mulheres fingem e disse: “Ah, condessa! Você é tão corajosa de enfrentar um romance de um tamanho assombroso como este. Acho que eu jamais começaria a ler um livro tão grande assim.” — Grey limpou a garganta e abaixou a voz do falsete com que imitara lady Hensley. — Ao que minha mãe respondeu — continuou ele, em sua voz normal. — “Não se preocupe com isso, minha cara. Você não iria compreendê-lo, de qualquer forma.”

Fraser riu, depois tossiu, abanando os resquícios de outro aro de fumaça. Grey apagou a cigarrilha depressa e levantou-se da poltrona.

— Venha, então; temos tempo para uma partida rápida.

Não faziam um bom jogo; Fraser era muito melhor, mas Grey de vez em quando conseguia resgatar uma partida por meio de pura bravata.

Esta noite, ele tentou o gambito Torremolinos. Era uma abertura arriscada, com um cavalo da rainha. Lançada com sucesso, abria o caminho para uma combinação incomum de torre e bispo, dependia de um movimento errado do cavalo do rei e do peão do bispo do rei. Grey raramente o usava, pois era um truque que não funcionaria com um jogador medíocre, alguém que não fosse astuto o suficiente para detectar a ameaça do cavalo ou suas possibilidades. Era um gambito para ser usado contra uma mente sutil e perspicaz, e após quase três meses de jogos semanais, Grey sabia muito bem

que tipo de mente estava enfrentando do outro lado do quadriculado do tabuleiro.

Forçou-se a respirar normalmente ao fazer o penúltimo movimento da combinação. Sentiu os olhos de Fraser pousarem nele rapidamente, mas não o encarou, com receio de trair sua empolgação. Em vez disso, estendeu a mão para a garrafa de bebida ao lado do tabuleiro e tornou a encher ambos os copos com o Porto doce e escuro, mantendo os olhos cuidadosamente fixos no líquido.

Seria o peão ou o cavalo? A cabeça de Fraser estava inclinada sobre o tabuleiro, em contemplação, e pequenas luzes vermelhas cintilavam em seus cabelos conforme ele se movia devagar. O cavalo, e tudo estaria bem; seria tarde demais. O peão, e provavelmente tudo estaria perdido.

Grey podia sentir seu coração acelerado no peito enquanto aguardava. A mão de Fraser pairou acima do tabuleiro, em seguida tomou uma súbita decisão, desceu e tocou a peça. O cavalo.

Ele deve ter soltado a respiração com muito ruído, porque Fraser ergueu os olhos para ele, mas era tarde demais. Com cuidado para manter fora de seu rosto qualquer expressão clara de triunfo, Grey encastelou.

Fraser franziu o cenho para o tabuleiro por um longo instante, os olhos dardejando entre as peças, avaliando. Em seguida, sacudiu-se levemente, ao compreender, e ergueu o rosto, os olhos arregalados.

— Ora, seu velhaco filho da mãe! — disse ele, num tom de surpresa e admiração. — Onde você aprendeu este truque?

— Meu irmão mais velho me ensinou — respondeu Grey, perdendo sua costumeira cautela no afã de comemorar seu sucesso. Normalmente, ele não vencia Fraser mais do que três vezes em dez, e a vitória tinha um sabor doce.

Fraser deu uma risada curta, e estendendo um longo dedo indicador, derrubou com delicadeza seu rei.

— Eu deveria ter esperado algo assim de um homem como lorde Melton — observou ele de modo descontraído.

Grey aprumou-se em sua cadeira. Fraser notou o movimento e arqueou uma das sobrancelhas interrogativamente.

— É de lorde Melton que você está falando, não é? — disse ele. — Ou você tem outro irmão?

— Não — respondeu Grey. Sentia os lábios ligeiramente entorpecidos, embora isso pudesse ser simplesmente por causa da cigarrilha. — Não, eu só tenho um irmão. — Seu coração começara a bater forte outra vez, mas desta vez com uma batida seca e pesada. Será que o maldito escocês lembrava-se o tempo todo de quem ele era?

— Nosso encontro foi necessariamente breve — disse o escocês secamente. — Mas memorável. — Pegou seu copo e tomou um gole, observando Grey por cima da borda do cristal. — Não sabia que eu encontrei lorde Melton em Culloden?

— Sabia. Eu lutei em Culloden. — Todo o prazer de Grey em sua vitória evaporou-se. Sentia-se ligeiramente nauseado com a fumaça. — Mas não sabia que você se lembraria de Hal... ou soubesse do nosso parentesco.

— Como devo a minha vida a esse encontro, não é provável que o esqueça — disse Fraser secamente.

Grey ergueu os olhos.

— Pelo que sei, não se mostrou tão agradecido quando Hal o encontrou em Culloden.

A linha da boca de Fraser enrijeceu-se, mas logo relaxou.

— Não — disse ele, com a voz suave. Sorriu sem humor. — Seu irmão, com muita teimosia, recusou-se a me executar com um tiro. Na ocasião, eu não estava inclinado a ser grato pelo favor.

— Você queria ser fuzilado? — As sobrancelhas de Grey ergueram-se. Os olhos do escocês estavam distantes, fixos no tabuleiro de xadrez, mas obviamente vendo outra coisa.

— Eu achava ter um bom motivo — disse ele serenamente. — Na época.

— Que motivo? — perguntou Grey. Percebeu um olhar rápido e penetrante e acrescentou apressadamente: — Não quero ser impertinente com minha pergunta. É que... na ocasião, eu... eu me sentia assim também. Pelo que você disse dos Stuart, não posso pensar que a derrota da causa o tivesse levado a tal desespero.

Viu-se um tênue estremecimento junto à boca de Fraser, leve demais para ser considerado um sorriso. Inclinou a cabeça num movimento breve, em admissão.

— Houve os que lutaram por amor a Charles Stuart... ou em lealdade ao

direito de seu pai ao trono. Mas você tem razão, eu não era um deles.

Não deu maiores explicações. Grey respirou fundo, mantendo os olhos fixos no tabuleiro.

— Eu disse que, na época, também me sentia como você. Eu... perdi um grande amigo em Culloden — disse ele. Com metade de sua mente, perguntava-se por que deveria falar de Hector a este homem, logo a este; um guerreiro escocês que abrira caminho por aquele campo mortal retalhando o inimigo, cuja espada poderia muito bem ser a que... Ao mesmo tempo, não podia silenciar; não havia ninguém com quem ele realmente pudesse falar de Hector, a não ser este homem, este prisioneiro que não podia contar a mais ninguém, cujas palavras não lhe causariam nenhum mal. — Ele me obrigou a ir olhar o corpo... Hal me obrigou, meu irmão — Grey deixou escapar. Abaixou os olhos para sua mão, onde o azul-escuro da safira de Hector queimava sua pele, uma versão menor daquela que Fraser com relutância lhe entregara. — Disse que eu devia, que a menos que eu o visse morto, nunca acreditaria realmente. Que a menos que eu soubesse que Hector, meu amigo, de fato morrera, iria ficar de luto para sempre. Se eu o visse, e soubesse, eu sofreria, mas depois ficaria curado e esqueceria. — Levantou os olhos, com uma melancólica tentativa de sorriso. — Hal em geral tem razão, mas nem sempre.

Talvez estivesse curado, mas jamais esqueceria. Com certeza, nunca poderia esquecer a última visão que teve de Hector, deitado, o rosto cor de cera, imóvel, à luz do começo da manhã, as longas pestanas escuras delicadamente pousadas nas faces, como acontecia quando estava dormindo. E o ferimento profundo que quase decepara sua cabeça do corpo, deixando a traqueia e os grandes vasos do pescoço expostos numa cena de carnificina.

Permaneceram sentados por algum tempo. Fraser não disse nada, mas pegou seu copo e esvaziou-o. Sem perguntar, Grey tornou a encher ambos os copos pela terceira vez.

Recostou-se na cadeira, olhando para seu convidado com curiosidade.

— Considera sua vida um fardo, sr. Fraser?

O escocês ergueu a cabeça e fitou-o nos olhos, um olhar longo e direto. Evidentemente, Fraser não encontrou nada em seu rosto além da curiosidade, pois os ombros largos do outro lado do tabuleiro relaxaram um pouco a

tensão e a boca larga suavizou-se numa linha amarga. O escocês recostou-se em sua cadeira e flexionou a mão direita devagar, abrindo-a e fechando-a para esticar os músculos. Grey virou que sua mão fora danificada um dia; pequenas cicatrizes eram visíveis à luz do fogo e dois dos dedos eram rígidos.

— Talvez não muito — respondeu o escocês devagar. Seus olhos fitaram os de Grey sem paixão. — Acho que talvez o maior fardo esteja em se importar com aqueles a quem não podemos ajudar.

— E não em não ter ninguém com quem se importar?

Fraser fez uma pausa antes de responder; podia estar avaliando a posição das peças sobre a mesa.

— Isso é vazio — disse ele finalmente, com brandura. — Mas não um grande fardo.

Era tarde. Não havia mais nenhum som da fortaleza ao redor deles, exceto um ou outro passo do soldado de serviço no pátio embaixo.

— Sua mulher... você disse que ela era uma curandeira?

— Era. Ela... seu nome era Claire. — Fraser engoliu em seco, depois ergueu o copo e bebeu, como se tentasse deslocar algo preso em sua garganta.

— Você gostava muito dela, não é? — perguntou Grey suavemente. Ele reconheceu no escocês a mesma compulsão que sentira há alguns instantes — a necessidade de pronunciar um nome guardado, de trazer de volta por um momento o fantasma de um amor.

— Eu pretendia agradecer-lhe em algum momento, major — disse o escocês em voz baixa.

Grey espantou-se.

— Agradecer-me? Por quê?

O escocês levantou o rosto, os olhos escuros sobre o jogo terminado.

— Por aquela noite em Carryarrick onde nos encontramos pela primeira vez. — Seus olhos mantinham-se fixos nos de Grey. — Pelo que fez por minha mulher.

— Você se lembrou — disse Grey com voz rouca.

— Eu não havia esquecido — observou Fraser simplesmente. Grey obrigou-se a olhar para o homem do outro lado da mesa, mas ao fazê-lo não viu nenhum indício de zombaria nos olhos azuis.

Fraser balançou a cabeça para ele, sério e formal.

— Você foi um inimigo de valor, major. Eu não o esqueceria.

John Grey riu com amargura. Estranhamente, sentia-se menos perturbado do que achou que se sentiria, ao ver o vergonhoso episódio tão explicitamente rememorado.

— Se achou um garoto de dezesseis anos, que estava se borrando de medo, um inimigo valoroso, sr. Fraser, não é de admirar que o exército das Terras Altas tenha sido derrotado!

Fraser sorriu debilmente.

— Um homem que não se borra com uma pistola apontada para sua cabeça, major, ou não tem intestinos ou não tem cérebro.

A despeito de si mesmo, Grey riu. Um dos cantos da boca de Fraser virou-se ligeiramente para cima.

— Você não pediria pela própria vida, mas foi capaz de fazê-lo para salvar a honra de uma mulher. A honra de minha própria mulher — disse Fraser em voz baixa. — Isso não me parece covardia.

O tom de verdade estava claro demais na voz do escocês para ser ignorado ou confundido.

— Não fiz nada por sua mulher — disse Grey, com certa amargura. — Afinal, ela não estava correndo nenhum perigo!

— Mas você não sabia disso, não é? — ressaltou Fraser. — Você pensou em salvar a vida e a honra dela, ao risco da sua própria. Com essa atitude, você a honrou... e eu tenho pensado nisso de vez em quando, desde que eu... desde que eu a perdi. — A hesitação na voz de Fraser era quase imperceptível, apenas o enrijecimento dos músculos em sua garganta traía sua emoção.

— Compreendo. — Grey respirou fundo e soltou o ar devagar. — Sinto muito por sua perda — acrescentou formalmente.

Ambos ficaram em silêncio por alguns instantes, sozinhos com seus fantasmas. Depois, Fraser ergueu os olhos e inspirou fundo.

— Seu irmão estava certo, major — disse ele. — Eu lhe agradeço e desejo-lhe uma boa noite. — Levantou-se, colocou o copo sobre a mesa e deixou a sala.

A situação fazia-o lembrar, de certa forma, de seus anos na caverna, com suas

visitas à casa, aqueles oásis de vida e calor no deserto da solidão. Aqui, era o oposto, sair da imundície fria e apertada das celas para as reluzentes acomodações particulares do major, capaz de descansar tanto a mente quanto o corpo por algumas horas, relaxar no calor, na conversa e na fartura de comida.

Entretanto, dava-lhe a mesma sensação estranha de deslocamento; aquela sensação de perder alguma parte valiosa de si mesmo que não poderia sobreviver à passagem de volta ao dia a dia da prisão. A cada vez, a passagem ficava mais difícil.

Ficou parado no corredor frio e ventoso, esperando que o carcereiro abrisse a porta da cela. Os sons de homens dormindo zumbiam em seus ouvidos e os seus cheiros invadiram suas narinas quando a porta foi aberta, cáusticos como gases intestinais.

Encheu os pulmões com uma respiração rápida e profunda e abaixou a cabeça para entrar.

Houve uma movimentação de corpos no chão quando ele entrou na cela, sua sombra recaindo, negra, sobre as formas deitadas de barriga para baixo ou encolhidas. A porta fechou-se atrás de si, deixando a cela às escuras, mas um murmúrio percorreu o lugar quando os homens tomaram consciência de sua chegada.

— Voltou tarde, Mac Dubh — disse Murdo Lindsay, a voz rouca de sono. — Vai ficar exausto amanhã.

— Eu me arrango, Murdo — sussurrou ele, passando por cima dos corpos. Tirou o casaco e colocou-o cuidadosamente sobre o banco, depois pegou o cobertor rústico e procurou seu lugar no chão, sua longa sombra bruxuleando pela janela de barras de ferro, iluminada com o luar.

Ronnie Sinclair virou-se quando Mac Dubh deitou-se a seu lado. Piscou sonolentemente, as pestanas claras quase invisíveis na claridade da lua.

— O reizinho alimentou-o decentemente, Mac Dubh?

— Sim, Ronnie, obrigado. — Remexeu-se sobre as lajes de pedra do assoalho, procurando uma posição confortável.

— Vai nos contar amanhã? — Os prisioneiros sentiam um estranho prazer em saber o que haviam servido no jantar, tomando como uma honra que seu chefe fosse bem alimentado.

— Sim, contarei, Ronnie — prometeu Mac Dubh. — Mas preciso dormir agora, está bem?

— Durma bem, Mac Dubh — veio o sussurro do canto onde Hayes estava encolhido, junto com MacLeod, Innes e Keith, curvados como um conjunto de colheres de chá, eles gostavam de dormir aquecidos.

— Bons sonhos, Gavin — sussurrou Mac Dubh de volta e, pouco a pouco, a cela retornou ao silêncio.

Ele sonhou com Claire naquela noite. Ela estava em seus braços, relaxada e perfumada. E grávida; seu ventre redondo e liso como um melão, os seios voluptuosos e cheios, os mamilos escuros como vinho, fazendo-o ansiar para prová-los.

A mão dela fechou-se entre as suas pernas e ele estendeu o braço para devolver o favor, sua intimidade pequena, macia e rechonchuda enchendo sua mão, pressionando-se contra ele quando ela se movia. Ela ergueu-se sobre ele, sorrindo, os cabelos caindo em torno do rosto, atirando a perna por cima de seu corpo.

— Dê-me sua boca — sussurrou ele, sem saber se pretendia beijá-la ou que ela o tomasse entre seus lábios, sabendo apenas que precisava tê-la de alguma forma.

— Dê-me a sua — disse ela. Ela riu e inclinou-se para ele, as mãos em seus ombros, os cabelos roçando-lhe o rosto com o aroma de musgo e sol. E ele sentiu folhas secas espetando-lhe as costas e percebeu que estavam deitados no fundo do barranco perto de Lallybroch, e ela era da cor das faias acobreadas ao redor; folhas e madeiras de faias, olhos dourados e uma pele branca e macia, povoada de sombras.

Em seguida, seu seio pressionou-se contra sua boca e ele o tomou ansiosamente, puxando seu corpo para bem junto ao seu enquanto a sugava. Seu leite era doce e quente, com um leve sabor de prata, como o sangue de um cervo.

— Mais forte — murmurou ela, colocando a mão por trás de sua cabeça, agarrando sua nuca, pressionando-o para ela. — Mais forte.

Ela deitou-se em todo o seu comprimento sobre ele, as mãos dele agarradas à carne macia de suas nádegas, sentindo o peso pequeno e sólido da

criança sobre sua própria barriga, como se a compartilhassem agora, protegendo o pequeno ser redondo entre seus corpos.

Lançou os braços ao seu redor, abraçando-a, e ela o segurou com força enquanto ele arremessava-se e estremecia, os cabelos dela em seu rosto, as mãos dela em seus cabelos e a criança entre eles, sem saber onde qualquer um dos três começava ou terminava.

Ele acordou bruscamente, ofegante e suando, parcialmente curvado, de lado, sob um dos bancos na cela. Ainda não amanhecera completamente, mas ele podia ver as formas dos homens deitados junto a ele e esperou que não tivesse gritado. Fechou os olhos outra vez, mas o sonho se desfizera. Permaneceu deitado e imóvel, o coração desacelerando aos poucos, e esperou o dia clarear.

18 DE JUNHO DE 1755

John Grey vestiu-se com esmero naquela noite, usava roupas de linho recém-lavadas e meias de seda. Não usou peruca; apenas seus próprios cabelos, numa trança simples, enxaguados com uma loção de limão e verbena. Hesitou por um instante diante do anel de Hector, mas por fim resolveu usá-lo. O jantar estava bom; um faisão que ele mesmo abatera e uma salada verde, em deferência aos estranhos gostos de Fraser por verduras. Agora, permaneceram sentados de cada lado do tabuleiro de xadrez, os tópicos de conversa mais amenos deixados de lado na concentração do jogo.

— Aceita um xerez? — Colocou seu bispo no tabuleiro e inclinou-se para trás, esticando os músculos.

Fraser fez que sim com a cabeça, absorto na nova jogada.

— Obrigado.

Grey levantou-se e atravessou o aposento, deixando Fraser junto ao fogo. Abriu o armário para apanhar a garrafa e sentiu um fio fino de suor escorrer pelas suas costelas. Não por causa do fogo, queimando lentamente do outro lado do aposento, mas por puro nervosismo.

Trouxe a garrafa para a mesa, segurando as taças na outra mão; as taças de cristal Waterford que sua mãe lhe enviara. O líquido fluiu para dentro das taças, cintilando nas cores âmbar e rosa-escuro à luz do fogo. Os olhos de Fraser estavam fixos na taça, observando o xerez subir, mas com uma abstração que evidenciava que ele estava profundamente absorto em seus pensamentos. Os olhos azul-escuros estavam velados. Grey perguntou-se em que ele estaria pensando; não no jogo — o resultado deste já era previsto.

Grey estendeu o braço e moveu o bispo de sua rainha. Não passava de uma manobra de adiamento, ele o sabia; ainda assim, colocava a rainha de Fraser em perigo e podia forçar a troca de uma torre.

Grey levantou-se para colocar um bloco de turfa no fogo. Espreguiçou-se e passou para trás de seu adversário para ver a situação daquele ângulo.

A luz do fogo tremeluziu quando o enorme escocês inclinou-se para a frente para estudar o tabuleiro, ressaltando os vívidos tons vermelhos dos

cabelos de James Fraser e reproduzindo o brilho da luz no xerez translúcido.

Fraser prendera os cabelos na nuca com uma fina tira de couro, amarrada com um laço. Não seria necessário mais do que um pequeno puxão para soltá-lo. John Grey podia imaginar correr sua mão para cima, por baixo dos cabelos lustrosos e espessos, a sensação da nuca quente e lisa embaixo. Tocar...

Fechou a mão bruscamente, imaginando a sensação.

— Sua vez, major. — A voz suave do escocês trouxe-o de volta à realidade e ele assumiu seu lugar, olhando cegamente para o tabuleiro de xadrez.

Sem de fato olhar, estava intensamente consciente dos movimentos do outro, de sua presença. Houve uma perturbação do ar em volta de Fraser; era impossível não olhar para ele. Para ocultar uma espiada de relance, ele pegou a taça de xerez e tomou um pequeno gole, mal notando o gosto da bebida.

Fraser continuava sentado, imóvel como uma estátua de cinabre, apenas os olhos azul-escuros vívidos no rosto, enquanto examinava o tabuleiro. O fogo diminuía e os contornos de seu corpo estavam delineados com sombras. A mão, dourada e preta com a luz do fogo, descansava sobre a mesa, imóvel e refinada como o peão capturado ao seu lado.

A pedra azul do anel de Grey cintilou quando ele estendeu a mão para pegar o bispo de sua rainha. *É errado, Hector?*, pensou ele. *Que eu ame um homem que pode tê-lo matado?* Ou seria um modo de finalmente acertar as coisas? Curar as feridas de Culloden para ambos?

O bispo fez um ruído suave e surdo quando ele colocou a base forrada de feltro no tabuleiro com precisão. Sem parar, sua mão ergueu-se, como se tivesse vontade própria. A mão percorreu a pequena distância pelo ar, parecendo saber precisamente o que queria e pousou sobre a de Fraser, a palma formigando, os dedos curvados gentilmente implorando.

A mão sob a dele era quente — tão quente — mas dura, e imóvel como o mármore. Nada se moveu sobre a mesa, exceto o tremeluzir da chama no âmago do xerez. Então ele ergueu os olhos, para defrontar-se com os de Fraser.

— Tire sua mão de mim — disse Fraser, muito, muito suavemente. — Ou eu o matarei.

A mão sob a de Grey não se moveu, nem o rosto acima, mas ele pôde sentir o estremecimento de repulsa, um espasmo de ódio e repugnância que vinha de dentro do escocês, irradiando através de sua carne.

Repentinamente, ele ouviu mais uma vez a advertência de Quarry em sua mente, tão clara como se o ex-diretor falasse em seu ouvido neste instante.

Se jantar sozinho com Fraser, não dê as costas para ele.

Não haveria chance para isso; ele não poderia virar-se de costas. Não conseguia sequer piscar ou desviar os olhos, esquivar-se do olhar azul-escuro, intenso e fixo, que o mantinha paralisado. Movendo-se tão lentamente como se estivesse em cima de uma mina terrestre que não explodiu, ele retirou sua mão.

Houve um momento de silêncio, quebrado apenas pelo tamborilar da chuva e pelo zunido da turfa no fogo, quando nenhum dos dois parecia respirar. Em seguida, Fraser levantou-se sem uma palavra e deixou a sala.

12

SACRIFÍCIO

A chuva do fim de novembro tamborilava nas pedras do pátio e nas melancólicas fileiras de homens, amontoados sob o aguaceiro. Os casacos vermelhos que os vigiavam também não pareciam mais felizes do que os encharcados prisioneiros.

O major Grey estava parado sob a projeção do telhado, aguardando. Não eram as melhores condições de tempo para conduzir uma busca e uma limpeza das celas dos prisioneiros, mas nesta época do ano era inútil esperar por um tempo melhor. E com mais de duzentos prisioneiros em Ardsmuir, era necessário limpar as celas ao menos uma vez por mês, a fim de evitar o alastramento de doenças.

As portas do bloco principal de celas escancararam-se e uma pequena fila de prisioneiros emergiu; os prisioneiros de confiança que de fato faziam a limpeza, atentamente vigiados pelos guardas. Ao fim da fila, o cabo Dunstable emergiu, as mãos cheias dos pequenos itens de contrabando que uma busca desse tipo em geral revelava.

— O lixo de sempre, senhor — relatou ele, deixando cair a coleção de patéticas relíquias e quinquilharias anônimas sobre a tampa de um barril que estava próximo ao cotovelo do major. — Apenas isso pode interessá-lo.

“Isso” era uma pequena tira de pano, talvez de quinze por dez centímetros, em xadrez verde de um tartã. Dunstable olhou rapidamente para as fileiras de prisioneiros de pé na chuva, como se pretendesse pegar alguém numa ação comprometedora.

Grey suspirou, depois endireitou os ombros.

— Sim, creio que sim.

A posse de qualquer tartã escocês era estritamente proibida pelo Diskilting Act — o decreto que ao mesmo tempo desarmava os escoceses das Terras Altas e os proibia de usar seu traje tradicional, o kilt. Adiantou-se e parou diante das fileiras de homens, enquanto o cabo Dunstable dava um brado para atrair a atenção dos prisioneiros.

— De quem é isto? — O cabo ergueu a tira de pano no alto e também levantou a voz. Grey olhou do pedaço de pano colorido para as fileiras de prisioneiros, mentalmente conferindo os nomes, tentando combiná-los ao seu deficiente conhecimento de tartãs. Mesmo em um único clã, os padrões variavam tanto que uma determinada estampa de xadrez não podia ser atribuída com nenhuma certeza, mas havia padrões gerais de desenho e cor.

MacAlester, Hayes, Innes, Graham, MacMurtry, MacKenzie, MacDonald... pare. MacKenzie. É esse. O que lhe dava certeza era mais o conhecimento dos homens por parte de um oficial do que qualquer identificação do xadrez com um clã em particular. MacKenzie era um jovem prisioneiro e seu rosto era um pouco controlado demais, um pouco inexpressivo demais.

— É seu, MacKenzie. Não é? — perguntou Grey. Arrancou o pedaço de pano da mão do cabo e enfiou-o sob o nariz do rapaz. O prisioneiro ficou lívido sob as manchas de sujeira. Seu maxilar estava cerrado com força e ele respirava com dificuldade pelo nariz com um leve som sibilante.

Grey transpassou o jovem prisioneiro com um olhar severo e triunfante. O jovem escocês possuía aquele núcleo central de ódio implacável que todos eles possuíam, mas não conseguira erigir a muralha de estoica indiferença que o escondesse. Grey podia sentir o medo crescente do jovem; mais um segundo e ele desmoronaria.

— É meu. — A voz era calma, quase entediada, e falou com tamanha indiferença que nem MacKenzie nem Grey a registraram imediatamente. Mantiveram o olhar preso um no outro, até que a enorme mão passou por cima do ombro de Angus MacKenzie e delicadamente arrancou o pedaço de tecido da mão do oficial.

John Grey deu um passo para trás, sentindo as palavras como um golpe na boca do seu estômago. Esquecendo-se de MacKenzie, ergueu os olhos os muitos centímetros necessários para olhar Jamie Fraser diretamente no rosto.

— Não é um tartã dos Fraser — disse ele, sentindo as palavras forçarem sua passagem por entre lábios de madeira. Todo o seu rosto parecia entorpecido, um fato pelo qual estava vagamente agradecido; ao menos, sua expressão não poderia traí-lo diante das fileiras de prisioneiros que os observavam.

A boca de Fraser alargou-se ligeiramente. Grey mantinha os olhos fixos nela, com receio de fitar os olhos azul-escuros acima.

— Não, não é — concordou Fraser. — É MacKenzie. O clã de minha mãe. Em algum canto remoto de sua mente, Grey armazenou mais uma minúscula migalha de informação com o pequeno tesouro de fatos mantidos no cofre de joias identificado com a etiqueta “Jamie” — sua mãe era uma MacKenzie. Sabia que isso era verdade, exatamente como sabia que o tartã não pertencia a Fraser.

Ouviu a própria voz, fria e firme, dizendo:

— A posse de tartãs de clã é ilegal. Conhece a pena, é claro?

A boca larga curvou-se num sorriso enviesado.

— Sim.

Houve murmúrios e uma certa agitação entre as fileiras de prisioneiros; na verdade, houve bem pouco movimento, mas Grey pôde sentir a mudança do alinhamento, como se estivessem na realidade aproximando-se de Fraser, fechando o cerco em torno dele, envolvendo-o. O círculo desfez-se e se realinhou, e ele estava sozinho do lado de fora. Jamie Fraser voltara para o meio dos seus.

Com um grande esforço de determinação, Grey desviou os olhos dos lábios macios e lisos, ligeiramente gretados pela exposição ao sol e ao vento. A expressão dos olhos acima da boca de Jamie era o que ele temera; nem medo, nem raiva — apenas indiferença.

Fez sinal para um dos guardas.

— Levem-no.

O major John William Grey inclinou a cabeça sobre o trabalho em sua escrivaninha, assinando requisições sem lê-las. Raramente trabalhava até tão tarde da noite, mas não houve tempo durante o dia e a papelada estava se acumulando. As requisições tinham que ser enviadas a Londres ainda naquela semana.

“Quatrocentos quilos de farinha de trigo”, escreveu ele, tentando se concentrar na precisão dos rabiscos negros sob sua pena. O problema dessa papelada de rotina era que ela ocupava sua atenção, mas não sua mente, permitindo que lembranças do dia se infiltrassem de improviso.

“Seis barris de cerveja, para uso do quartel.” Largou a pena e esfregou as mãos energicamente. Ainda podia sentir o frio que penetrara em seus ossos no pátio naquela manhã. O fogo na lareira estava forte, mas não parecia ajudar. Não se aproximou; já tentara isso uma vez e ficara hipnotizado, vendo as imagens da tarde nas chamas, despertando somente quando o tecido de suas calças começou a pegar fogo.

Pegou a pena e tentou mais uma vez banir as visões do pátio de sua mente.

O melhor era não adiar a execução de sentenças desse tipo; os prisioneiros ficavam inquietos e ansiosos de expectativa, e havia uma dificuldade considerável em controlá-los. Entretanto, quando executada imediatamente, tal disciplina em geral tinha um efeito salutar, mostrando aos prisioneiros que o castigo seria rápido e terrível, aumentando o respeito por aqueles que eram responsáveis por sua guarda. De algum modo, John Grey suspeitava que esta ocasião em particular não aumentara o respeito dos prisioneiros — ao menos, não por ele.

Sentindo pouco mais do que o fluxo de água gelada em suas veias, dera suas ordens, de forma rápida e serena, e elas foram obedecidas com igual competência.

Os prisioneiros haviam sido enfileirados em volta dos quatro lados do pátio, com filas mais curtas de guardas arrumadas de frente para eles, as baionetas em prontidão, para evitar qualquer manifestação inconveniente.

Mas não houve nenhuma manifestação, conveniente ou não. Os presos aguardaram num silêncio frio sob a chuva fina que cobria as pedras do pátio, com quase nenhum barulho além das tosses e pigarros normais em qualquer agrupamento de homens. Era começo de inverno e o catarro era um flagelo quase tão comum nos alojamentos quanto nas celas úmidas.

Ele assistiu impassivelmente, as mãos às costas, enquanto o prisioneiro era conduzido à plataforma. Observou, sentindo a chuva penetrar pelos ombros de seu casaco e correr em minúsculos fios pelo colarinho de sua camisa. Jamie Fraser mantinha-se de pé na plataforma a um metro de distância, despido até a cintura, movendo-se sem pressa ou hesitação, como se aquilo fosse algo que já tivesse feito antes, uma tarefa à qual estava acostumado, sem nenhuma importância em si mesma.

Ele fez um sinal com a cabeça para os dois soldados rasos, que seguraram as mãos do prisioneiro, sem que oferecessem nenhuma resistência, e as levantaram, amarrando-as aos braços do poste de açoite. Amordaçaram-no e Fraser permaneceu ereto, a chuva escorrendo pelos braços erguidos e pelo sulco profundo de sua espinha dorsal, encharcando o tecido fino de suas calças.

Outro sinal com a cabeça, para o sargento que segurava o documento de acusação, e uma pequena onda de aborrecimento quando o gesto provocou uma cascata da chuva acumulada de um dos lados do chapéu. Ajeitou o chapéu e a peruca encharcada, e retomou sua postura de autoridade a tempo de ouvir a leitura da acusação e da sentença.

— ... em desrespeito ao Diskilting Act, aprovado pelo Parlamento de Sua Majestade, por cujo crime a sentença de sessenta chibatadas deve ser infligida.

Grey olhou com um distanciamento profissional para o sargento encarregado dos cavalos, designado para aplicar a pena; não era a primeira vez para nenhum dos dois. Não fez um novo sinal com a cabeça; a chuva ainda caía pesadamente. Em vez disso, semicerrou os olhos e pronunciou as palavras de praxe:

— Sr. Fraser, sofra sua punição.

E permaneceu ali de pé, olhando fixamente para a frente, observando e ouvindo o baque surdo do açoite e o ronco da respiração do prisioneiro, forçada através da mordaca pelo golpe.

Os músculos do prisioneiro enrijeceram-se em resistência à dor. Repetidamente, até que cada músculo se destacasse separadamente sob a pele. Seus próprios músculos doíam de tensão, e ele mudou o peso do corpo discretamente de uma perna para a outra, conforme a monótona brutalidade prosseguia. Filetes vermelhos escorriam pela espinha do prisioneiro, sangue misturado à água, manchando o tecido das calças.

Grey podia sentir os homens atrás de si, soldados e prisioneiros, todos os olhos fixos na plataforma e em sua figura central. Até mesmo a tosse silenciou.

E por cima de tudo, como um manto pegajoso de verniz lacrando os sentimentos de Grey, havia uma fina camada de nojo de si mesmo, conforme

percebia que seus olhos estavam fixos na cena, não por dever, mas por pura incapacidade de desviar os olhos do brilho da mistura de sangue e chuva que cintilava nos músculos, contraídos de dor em curvas de arrebatadora beleza.

O sargento-ferreiro parava apenas por um instante entre uma chicotada e outra. Apressava-se um pouco; todos queriam acabar logo com aquilo e sair da chuva. Grissom contava cada golpe em voz alta, anotando em sua folha de papel conforme o fazia. O ferreiro verificou o chicote, correndo as tiras com seus nós encerados entre os dedos para livrá-los de sangue e fragmentos de carne, em seguida ergueu o gato de nove caudas outra vez, girou-o devagar duas vezes por cima da cabeça e golpeou de novo.

— Trinta! — disse o sargento.

O major Grey puxou a gaveta mais baixa da escrivaninha e vomitou por cima de uma pilha de requisições.

Seus dedos estavam cravados com força nas palmas das mãos, mas os tremores não paravam. Vinha de dentro dos ossos, como o frio do inverno.

— Coloquem um cobertor sobre ele. Vou cuidar dele daqui a pouco.

A voz do médico inglês parecia vir de muito longe; não sentia nenhuma conexão entre a voz e as mãos que o agarravam com firmeza pelos dois braços. Gritou quando o mudaram de posição, a torção abrindo os ferimentos que mal acabavam de coagular em suas costas. O escorrer dos filetes de sangue por suas costelas piorava os tremores, apesar do cobertor áspero que haviam colocado sobre seus ombros.

Agarrou-se às bordas do banco onde estava deitado, a face pressionada contra a madeira, os olhos cerrados, lutando contra os tremores. Ouviu-se um movimento e o arrastar de pés em algum lugar no aposento, mas ele não podia notar, não conseguia desviar a atenção do ranger dos dentes e da contração das juntas.

A porta fechou-se e o aposento ficou em silêncio. Estaria sozinho?

Não, ouviu passos junto à sua cabeça e o cobertor que o cobria foi levantado e dobrado até a cintura.

— Hummm. Fizeram um trabalho e tanto em você, hein, rapaz?

Não respondeu, nenhuma resposta era esperada de qualquer forma. O médico virou-se por um instante; em seguida, sentiu a mão do médico sob seu rosto, erguendo sua cabeça. Uma toalha foi enfiada debaixo dela, acolchoando-a contra a madeira áspera.

— Vou limpar os ferimentos agora — disse a voz. Era impessoal, mas não hostil.

Ele inspirou fundo pelo meio dos dentes quando a mão do médico tocou suas costas. Ouviu-se um estranho choramigo. Percebeu que fora ele quem emitira o som e sentiu-se envergonhado.

— Quantos anos você tem, rapaz?

— Dezenove. — Mal conseguiu proferir a palavra antes de reprimir um gemido com toda a força.

O médico tocou delicadamente aqui e ali em suas costas, então levantou-se. Ouviu o barulho da trava da porta, depois os passos do médico retornando.

— Ninguém entrará aqui agora — disse a voz gentilmente. — Vá em frente e chore.

— Ei! — dizia a voz. — Acorde!

Recobrou a consciência lentamente. A aspereza da madeira sob sua face reuniu o sonho e a realidade por um instante, e ele não conseguiu se lembrar de onde estava. A mão de alguém surgiu da escuridão, tocando-o de leve no rosto.

— Estava rangendo os dentes em seu sono, companheiro — murmurou a voz. — Está doendo muito?

— Um pouco. — Percebeu a outra ligação entre o sonho e a realidade quando tentou se levantar e a dor espalhou-se por suas costas como um relâmpago difuso. Soltoou o ar com um grunhido involuntário e deixou-se cair

de volta no banco.

Tivera sorte; o escalado fora Dawes, um soldado vigoroso, de meia-idade, que na verdade não gostava de açoitar prisioneiros e só o fazia porque era o seu trabalho. Ainda assim, sessenta chibatadas causavam um grande estrago, ainda que aplicadas sem entusiasmo.

— Não, isso está quente demais. Quer escaldá-lo? — Era a voz de Morrison, repreendendo alguém. Tinha que ser Morrison, é claro.

Engraçado, pensou vagamente. Sempre que havia um grupo de homens, eles pareciam encontrar cada qual a sua função apropriada, independentemente de ser ou não algum serviço que já tivessem feito antes. Morrison fora um lavrador, como a maioria deles. Provavelmente, um ótimo tratador de seus animais, mas sem pensar muito no que fazia. Agora, era o curandeiro natural dos homens, aquele a quem recorriam quando tinham uma cólica ou um polegar quebrado. Morrison sabia pouco mais do que os outros, mas os homens recorriam a ele quando estavam feridos ou doentes, como recorriam a Seumus Mac Dubh em busca de orientação e conselho. E justiça.

O pano fumegante foi colocado sobre suas costas e ele gemeu com a dor aguda, pressionando os lábios com força para não gritar. Podia sentir a forma da pequena mão de Morrison, delicadamente pousada no meio de suas costas.

— Aguenta firme, companheiro, até o calor passar.

Quando o pesadelo arrefeceu, ele piscou por um instante, ajustando-se às vozes próximas e à percepção de companhia. Estava numa cela grande, no canto ensombreado junto à lareira. Saía vapor do fogo, devia haver um caldeirão de água fervente. Viu Walter MacLeod colocar uma nova braçada de tiras de pano dentro do vasilhame, o fogo dando umas pinceladas de vermelho na barba e nas sobrancelhas escuras de MacLeod. Depois, conforme os trapos em suas costas esfriavam para um calor reconfortante, ele fechava os olhos e deixava-se mergulhar de novo num cochilo, embalado pela conversa amena dos homens próximos.

Era familiar, esse estado de distanciamento nebuloso. Sentira praticamente o mesmo desde o instante em que estendera a mão por cima do ombro de Angus e pegara o pedaço de pano de tartã. Como se, com essa escolha, uma cortina tivesse descido entre eles e os homens; como se estivesse sozinho, em algum lugar tranquilo, infinitamente distante.

Seguira o guarda que o levara, despiu-se quando lhe ordenaram, mas tudo como se na verdade não estivesse acordado. Assumira seu lugar na plataforma e escutara as palavras de crime e sentença pronunciadas, sem realmente ouvir. Nem mesmo o corte áspero da corda em seus pulsos ou a chuva fria em suas costas nuas o despertou. Tudo parecia já ter acontecido antes; nada que ele dissesse ou fizesse poderia alterar alguma coisa; seu destino já estava decidido.

Quanto ao açoitamento, suportara-o. Não havia margem, portanto, para arrependimento ou reflexão, ou para qualquer coisa além da luta desesperada, obstinada, que tal insulto corporal exigia.

— Quietos, agora, quietos. — A mão de Morrison pousou em seu pescoço, para impedi-lo de se mover quando os panos molhados eram retirados e um novo emplastro quente era aplicado, momentaneamente despertando todos os nervos adormecidos para um novo sobressalto.

A única consequência desse estranho estado de espírito era que todas as sensações pareciam ter a mesma intensidade. Ele podia, se tentasse, sentir cada tira separadamente em suas costas. Ver cada uma delas em sua mente, como uma faixa de cor vívida atravessando o escuro da imaginação. Mas a dor dos cortes que iam das costelas aos ombros não possuía maior importância ou consequência do que a sensação quase agradável de peso nas pernas, de desconforto nos braços ou do toque leve e macio de seus cabelos sobre o rosto.

Seu coração pulsava de forma lenta e regular em seus ouvidos; o ruído de sua respiração não participava dos movimentos de seu peito quando respirava. Ele existia apenas como uma coleção de fragmentos, cada pedacinho com suas próprias sensações e nenhum deles de particular interesse para a inteligência central.

— Tome, Mac Dubh — disse a voz de Morrison junto ao seu ouvido. — Levante a cabeça e beba isto.

O cheiro forte de uísque assaltou-o e ele tentou desviar a cabeça.

— Não preciso disso — disse ele.

— Precisa, sim — disse Morrison, com aquela firmeza e senso prático que todos os curandeiros pareciam ter, como se sempre soubessem melhor do que você como se sentia ou do que precisava. Sem forças ou vontade de

argumentar, abriu a boca e tomou um gole do uísque, sentindo os músculos do pescoço tremerem com o esforço de manter sua cabeça levantada.

O uísque acrescentou sua parte ao coro de sensações que o dominava. Uma queimação na garganta e na barriga, um formigamento agudo acima e por trás do nariz, e uma espécie de redemoinho em sua cabeça que lhe disse que tomara uísque demais, rápido demais.

— Mais um pouco, vamos, sim, isso mesmo — dizia Morrison, persuadindo-o. — Bom rapaz. Sim, vai se sentir melhor, não é? — A figura corpulenta de Morrison se moveu, bloqueando sua visão da cela obscurecida. Uma corrente de ar soprava da janela alta, mas parecia haver mais movimento perto dele do que podia ser atribuído ao vento. — Bem, como estão as costas? Amanhã estará mais firme do que uma meda de trigo, mas acho que talvez não esteja tão ruim quanto poderia estar. Tome, rapaz, tome mais um gole. — A borda do caneco de chifre pressionou sua boca com insistência.

Morrison continuou falando, um pouco alto demais, sobre nada em particular. Havia alguma coisa errada. Morrison não era um sujeito tagarela. Algo estava acontecendo, mas ele não conseguia ver. Ergueu a cabeça, procurando ver o que estava errado, mas Morrison pressionou-a para baixo outra vez.

— Não se perturbe, Mac Dubh — disse ele brandamente. — Você não pode impedir, de qualquer forma.

Sons furtivos vinham do outro canto da cela, os sons que Morrison tentara impedir que ele ouvisse. Barulhos arrastados, murmúrios breves, um baque surdo. Em seguida, o som abafado de golpes, lentos e regulares, e um gemido pesado de medo e dor, pontuado por um choro alquebrado de respiração presa.

Estavam batendo no jovem Angus MacKenzie. Tensionou as mãos sob o peito, mas o esforço fez suas costas arderem e sua cabeça girar. Sentiu a mão de Morrison outra vez, forçando-o para baixo.

— Fique quieto, Mac Dubh — disse ele. Seu tom de voz era uma mistura de autoridade e resignação.

Uma onda de tontura percorreu-o e suas mãos deslizaram do banco. De qualquer modo, Morrison tinha razão. Não podia impedi-los.

Permaneceu imóvel, então, sob a mão de Morrison, os olhos fechados, e esperou que os sons cessassem. A despeito de si mesmo, imaginou quem seria aquele administrador de justiça cega no escuro. Sinclair. Sua mente forneceu a resposta sem hesitação. E Hayes e Lindsay ajudando, sem dúvida.

Assim como ele, também não podiam deixar de ser quem eram, nem Morrison. Os homens faziam o que nasceram para fazer. Um era um curandeiro, o outro um valentão.

Os sons haviam cessado, exceto pelos soluços abafados. Seus ombros relaxaram e ele não se moveu quando Morrison retirou o último emplastro e delicadamente enxugou suas costas, a corrente de ar da janela fazendo-o tremer com um calafrio repentino. Pressionou os lábios com força, para não emitir nenhum barulho. Haviam-no amordaçado esta tarde e ele ficou contente por isso; da primeira vez que fora açoitado, há muitos anos, ele mordera o lábio inferior a ponto de quase cortá-lo ao meio.

O caneco de uísque foi pressionado contra sua boca, mas ele virou a cabeça e a bebida desapareceu sem comentário para algum lugar onde fosse encontrar uma recepção mais calorosa. Milligan, provavelmente, o irlandês.

Um homem com a fraqueza pela bebida, outro com raiva. Um com um fraco por mulheres, enquanto outro...

Suspirou e remexeu-se ligeiramente na cama dura de tábuas. Morrison cobrira-o com um cobertor e se afastara. Sentia-se exausto e vazio, ainda em fragmentos, mas com a mente absolutamente clara, assentada em algum lugar muito distante do resto de si mesmo.

Morrison levava a vela também; ela queimava no extremo oposto da cela, onde os homens sentavam-se, acotovelados uns contra os outros em amistoso companheirismo, a luz tornando-os figuras negras, um indistinguível do outro, contornados de luz dourada como as gravuras de santos sem rosto em missais antigos.

Perguntou-se de onde viriam esses dons que moldavam a natureza de um ser humano. De Deus?

Seria como a descida do Paracleto e as línguas de fogo que pousaram sobre os apóstolos? Lembrou-se da figura na Bíblia, na sala de visitas de sua mãe, todos os apóstolos coroados com fogo e parecendo totalmente apalermados, em estado de choque, parados em volta como um bando de

velas de cera acesas para uma festa.

Sorriu com a lembrança e fechou os olhos. As sombras da vela tremularam vermelhas sobre suas pálpebras.

Claire, sua própria Claire — quem saberia o que a enviara para ele, a lançara em uma vida para a qual ela certamente não havia nascido? E, no entanto, ela soube o que fazer, o que era destinada a ser, apesar disso. Nem todos eram tão afortunados de saber qual era o seu dom.

Ouviu um som arrastado e cauteloso ao seu lado na escuridão. Abriu os olhos e viu não mais do que um vulto, mas logo percebeu quem era.

— Como você está, Angus? — perguntou ele brandamente em gaélico.

O jovem ajoelhou-se timidamente a seu lado e segurou sua mão.

— Estou... bem. Mas o senhor, quero dizer... eu... eu sinto muito...

Teria sido experiência ou instinto o que o fez apertar sua própria mão, reconfortando-o?

— Eu também estou bem — disse ele. — Vá deitar-se, Angus, e descanse.

A figura inclinou a cabeça em um gesto estranhamente formal e pressionou um beijo nas costas de sua mão.

— Eu... posso ficar aqui a seu lado, senhor?

Sua mão pesava uma tonelada, mas levantou-a mesmo assim e pousou-a sobre a cabeça do rapaz. Depois, ela escorregou, mas ele sentiu a tensão de Angus relaxar à medida que o consolo fluiu do toque de sua mão.

Ele nascera um líder, depois foi moldado ainda mais para adequar-se a esse destino. Mas e quanto a um homem que não nascera para o papel que exigiam que cumprisse? John Grey, por exemplo. Charles Stuart, outro exemplo.

Pela primeira vez em dez anos, dessa estranha distância, pôde encontrar em si mesmo a capacidade de perdoar aquele homem frágil que um dia fora seu amigo. Tendo tantas vezes pago o preço exigido por seu próprio dom, podia finalmente ver a maldição mais terrível de ter nascido rei sem o dom da majestade.

Angus MacKenzie deixou-se cair contra a parede a seu lado, a cabeça abaixada sobre os joelhos, seu cobertor por cima dos ombros. Um ronco baixo e gorgolejante veio da forma encolhida. Podia sentir o sono aproximar-

se dele também, encaixando de novo as partes fragmentadas e dispersas de si mesmo conforme o dominava, e compreendeu que acordaria inteiro outra vez — ainda que muito dolorido — pela manhã.

Sentiu-se imediatamente aliviado de muitas coisas. Do peso da responsabilidade imediata, da necessidade de decisão. A tentação se fora, junto com suas possibilidades. Mais importante ainda, o fardo da raiva dissolvera-se; talvez tivesse desaparecido para sempre.

Portanto, pensou, através da névoa que começava a envolvê-lo, John Grey lhe devolvera seu destino.

Podia sentir-se quase agradecido.

13

MEIO-JOGO

INVERNESS

2 DE JUNHO DE 1968

Foi Roger quem a encontrou de manhã, encolhida no sofá do gabinete sob a manta da lareira, papéis espalhados descuidadamente pelo chão onde haviam caído ao derramarem de uma das pastas.

A luz penetrava pelas janelas altas, inundando o gabinete, mas o encosto alto do sofá sombreava o rosto de Claire, evitando que acordasse com o clarear do dia. A luz agora começava a derramar-se por cima da curva de veludo empoeirado do encosto para tremeluzir nas mechas de seus cabelos.

Um rosto transparente em mais de uma maneira, Roger pensou, olhando para ela. Sua pele era tão fina e clara que as veias azuis podiam ser vistas na têmpora e na garganta, e os ossos bem delineados estavam tão próximos da superfície da pele que ela parecia esculpida em marfim.

A manta deslizara um pouco para fora do sofá, expondo seus ombros. Um dos braços repousava, relaxado, por cima do seu peito, prendendo uma folha de papel, única e amarrotada, contra seu corpo. Roger ergueu seu braço com cuidado, para soltar o papel sem acordá-la. Ela estava lânguida em seu sono, a pele surpreendentemente cálida e macia sob sua mão.

Seus olhos logo depararam-se com o nome; sabia que ela devia tê-lo encontrado.

— James MacKenzie Fraser — murmurou ele. Ergueu os olhos do papel para a mulher adormecida no sofá. A luz acabava de tocar a curva de sua orelha; ela remexeu-se levemente e virou a cabeça, em seguida seu rosto deixou-se cair outra vez na sonolência. — Não sei quem você era, companheiro — murmurou para o escocês invisível —, mas deve ter sido alguém formidável para merecê-la.

Delicadamente, ele recolocou a manta sobre os ombros de Claire e abaixou a cortina da janela atrás dela. Em seguida, agachou-se e juntou as folhas da pasta de Ardsmuir espalhadas pelo chão. Ardsmuir. Era tudo que ele precisava por enquanto; ainda que o destino final de Jamie Fraser não

estivesse registrado nas folhas em suas mãos, estaria em algum lugar na história da prisão de Ardsmuir. Provavelmente, iria precisar de mais uma incursão nos arquivos das Terras Altas, ou mesmo de uma viagem a Londres, mas o próximo passo na conexão já fora dado; o caminho estava desimpedido.

Brianna descia as escadas quando ele fechou a porta do gabinete, movendo-se com extremo cuidado. Ela arqueou uma das sobrancelhas interrogativamente e ele ergueu a pasta, sorrindo.

— Encontramos — sussurrou ele.

Ela não disse nada, mas um sorriso em resposta espalhou-se por seu rosto, luminoso como o sol nascente lá fora.

PARTE IV

Lake District



14

GENEVA

—Eu acho que você devia pensar em trocar de nome — disse Grey cuidadosamente.

Não esperava uma resposta; em quatro dias de viagem, Fraser não lhe dirigira uma única palavra, conseguindo até mesmo a difícil tarefa de compartilhar um quarto de hospedaria com ele sem comunicação direta. Grey dera de ombros e ocupara a cama, enquanto Fraser, sem um gesto ou olhar, enrolara-se em seu manto surrado e deitara-se diante da lareira. Coçando uma variedade de mordidas de pulgas e percevejos, Grey concluiu que provavelmente Fraser ficara com a melhor parte dos arranjos para dormir.

— Seu novo anfitrião não simpatiza com Charles Stuart e seus partidários, tendo perdido o seu único filho em Prestonpans — continuou ele, dirigindo-se ao perfil férreo visível a seu lado. Gordon Dunsany era apenas alguns anos mais velho do que ele próprio, um jovem capitão no regimento de Bolton. Podiam facilmente ter morrido juntos naquele campo, se não fosse por aquele encontro no bosque perto de Carryarrick. — Certamente você não pode nem pensar em esconder o fato de que é um escocês, e das Terras Altas, ainda por cima. Se quiser se dignar a considerar um conselho bem-intencionado, pode ser de bom alvitre não usar um nome tão facilmente reconhecível como o seu.

A expressão pétrea de Fraser não se alterou em nenhum aspecto. Cutucou seu cavalo com o calcanhar e guiou-o à frente do cavalo baio de Grey, procurando os remanescentes da trilha, varrida por uma enxurrada recente.

Era fim de tarde quando atravessaram o arco da ponte Ashness e começaram a descer o declive em direção a um pequeno lago, Watendlath Tarn. Lake District, a região dos lagos da Inglaterra, não parecia em nada com a Escócia, Grey refletiu, mas pelo menos havia montanhas ali. Montanhas nebulosas, férteis e de flancos arredondados, não severamente hostis como os penhascos das Terras Altas, mas montanhas ainda assim.

Watendlath Tarn estava escura e agitada no vento do começo do outono, suas margens repletas de plantas de brejo. As chuvas de verão haviam sido ainda mais generosas do que de costume naquele lugar úmido e as pontas de arbustos alagados projetavam-se, moles e despedaçadas, acima da água que havia inundado as margens.

No alto da próxima colina, a trilha se bifurcava, partindo em duas direções. Fraser, alguma distância à frente, freou seu cavalo e aguardou instruções, enquanto o vento agitava seus cabelos. Não os prendera numa trança nesta manhã e esvoaçavam livremente, as mechas cor de fogo erguendo-se em total desgoverno ao redor de sua cabeça.

Patinhando pela encosta acima, John William Grey ergueu os olhos para o homem no alto, imóvel como uma estátua de bronze em sua montaria, exceto pela cabeleira ondulante. O ar secou em sua garganta e ele umedeceu os lábios.

— “Oh, Lúcifer, filho da manhã” — murmurou consigo mesmo, mas absteve-se de acrescentar o resto da citação.

Para Jamie, a viagem de quatro dias a Helwater fora uma tortura. A repentina ilusão de liberdade, combinada à certeza da perda imediata, dava-lhe uma terrível expectativa sobre seu destino desconhecido.

Isso, aliado à raiva e à tristeza da separação de seus homens vívida em sua lembrança — o doloroso sentimento de perda por deixar as Terras Altas, com o conhecimento de que a separação poderia ser permanente — e seus momentos acordados, atormentado pela dor física de músculos há muito tempo desacostumados à sela, eram suficientes para mantê-lo em agonia durante toda a viagem. Apenas o fato de ter dado sua palavra o impedia de arrancar o major John William Grey de seu cavalo e esganá-lo em alguma viela deserta.

As palavras de Grey ecoavam em seus ouvidos, parcialmente obstruídos pela pulsação dissonante de seu sangue efervescente:

— Como a reforma da fortaleza já está praticamente concluída, com a ajuda competente de você mesmo e de seus homens — Grey permitira que sua voz denotasse um tom de ironia —, os prisioneiros deverão ser removidos para outras acomodações e a fortaleza de Ardsmuir guardada pelas tropas da

vigésima Companhia dos Dragões de Sua Majestade. Os prisioneiros de guerra escoceses deverão ser transportados para as colônias americanas — continuou ele. — Serão vendidos mediante contrato de trabalhos forçados, por um período de sete anos.

Jamie mantivera-se cautelosamente impassível, mas diante das notícias sentira o rosto e as mãos ficarem dormentes com o choque.

— Trabalhos forçados? Isso é o mesmo que escravidão — disse ele, mas sem prestar muita atenção às próprias palavras. América! Uma terra selvagem, de bárbaros, e a ser alcançada através de três mil milhas de mar deserto e agitado! Trabalhar na América era uma sentença igual a exílio permanente da Escócia.

— Um contrato de trabalho não é escravidão — afirmou Grey, mas o major sabia tão bem quanto ele que a diferença era meramente uma questão formal, a de que trabalhadores assim contratados recuperariam, se sobrevivessem, sua liberdade numa data predeterminada. Um trabalhador nessas condições era para todos os efeitos o escravo de seu senhor ou senhora, a ser explorado, açoitado ou marcado como lhe aprouvessem, proibido por lei de deixar as dependências de seu senhor sem permissão.

Como James Fraser agora seria proibido.

— Você não será enviado com os outros. — Grey não olhara para ele enquanto falava. — Você não é apenas um prisioneiro de guerra, foi condenado por traição. Como tal, sua prisão segue os ditames da vontade de Sua Majestade; você não pode ser exilado sem aprovação real. E Sua Majestade não achou por bem conceder essa aprovação.

Jamie tinha consciência de uma notável sequência de emoções; sob sua fúria imediata havia medo e tristeza pelo destino de seus homens, misturados a uma pequena centelha de ignominioso alívio de que, qualquer que seu destino viesse a ser, não incluía ser atirado ao mar. Envergonhado desse sentimento, lançou um olhar frio sobre Grey.

— O ouro — disse ele sem rodeios. — É isso, não é? — Enquanto houvesse a mais remota chance de ele revelar o que sabia sobre o quase mítico tesouro, a Coroa Inglesa não se arriscaria a perdê-lo para os demônios do mar ou os selvagens das colônias.

Ainda assim, o major não olhou para ele, mas deu de ombros, num gesto

equivalente a uma confirmação.

— Para onde devo ir, então? — Sua própria voz soou esganiçada aos seus ouvidos, levemente rouca conforme ele começava a se recuperar do abalo emocional das notícias.

Grey se ocupava guardando seus registros. Era início de setembro e uma brisa cálida soprava pela janela semiaberta, agitando os documentos.

— Chama-se Helwater. Fica no Lake District, na Inglaterra. Ficará alojado com lorde Dunsany, para servi-lo em qualquer tarefa que lhe seja solicitada. — Nesse momento, Grey ergueu o olhar, a expressão em seus claros olhos azuis indecifrável. — Devo visitá-lo lá a cada três meses, para garantir seu bem-estar.

Olhou para as costas do major em seu casaco vermelho enquanto cavalgavam em fila indiana pelas veredas estreitas, buscando refúgio de seus infortúnios numa visão gratificante: aqueles olhos azuis arregalados, vermelhos e saltados de surpresa, enquanto as mãos de Jamie fechavam-se na garganta fina, os polegares afundando na carne avermelhada do sol, até que o corpo pequeno e musculoso do major ficasse mole como um coelho morto em suas mãos.

A vontade de Sua Majestade, hein? Não se deixava enganar. Aquilo fora obra de Grey; o ouro era apenas uma desculpa. Ele seria vendido como criado e mantido num lugar onde Grey pudesse vê-lo e regozijar-se. Esta era a vingança do major.

Todas as noites, dormira diante da lareira na estalagem, com os músculos doendo, atento a qualquer respiração, murmúrio ou movimento do sujeito na cama atrás dele, e com uma raiva profunda dessa consciência. Na claridade cinza do amanhecer, era levado à fúria outra vez, desejando que o sujeito se levantasse da cama e fizesse algum gesto vergonhoso em sua direção, para que ele pudesse liberar sua ira na paixão do assassinato. Mas Grey apenas roncava.

Passaram pela ponte Helvellyn e por outro daqueles pequenos lagos entre montanhas, estranhamente cobertos de capim, as folhas vermelhas e amarelas dos bordos e lariços girando e derramando-se pelas ancas ligeiramente suadas do seu cavalo, açoitando seu rosto e deslizando por ele como uma carícia

murmurante como a de um papel.

Grey parara logo adiante e virara-se na sela, aguardando. Haviam chegado. O terreno transformava-se num declive íngreme até o vale, onde a mansão erguia-se, parcialmente oculta numa profusão de árvores vividamente iluminadas com as cores do outono.

Helwater estendia-se diante dele e, com ela, a perspectiva de uma vida de vergonhosa servidão. Aprumou-se na sela e açulou o cavalo com mais força do que pretendia.

Grey foi recebido na sala de visitas principal, lorde Dunsany mostrando-se cordialmente desatento às suas roupas desalinhadas e botas imundas, e lady Dunsany, uma mulher pequena e roliça, com cabelos louros sem vida, excessivamente hospitaleira.

— Uma bebida, Johnny, você precisa de uma bebida! E Louisa, minha querida, acho que deve ir buscar as meninas para vir cumprimentar nosso hóspede.

Enquanto lady Dunsany virava-se para dar ordens ao laçao, o lorde inclinava-se por cima do copo para murmurar para ele:

— O prisioneiro escocês... você o trouxe com você?

— Sim — respondeu Grey. Era improvável que lady Dunsany, agora em animada conversa com o mordomo sobre a alteração dos preparativos para o jantar, ouvisse, mas achou melhor manter sua própria voz baixa. — Eu o deixei no vestíbulo... não tinha certeza do que você pretendia fazer com ele.

— Disse que o sujeito é bom com cavalos, não? Melhor torná-lo um cavaleiro, então, como você sugeriu. — Lorde Dunsany olhou para a mulher e cuidadosamente virou-se para que suas costas magras ficassem voltadas para ela, protegendo ainda mais a conversa. — Não disse a Louisa quem ele é — sussurrou o baronete. — Todo aquele pavor com os escoceses das Terras Altas durante a revolução... o país ficou paralisado de medo, sabe? E ela nunca se recuperou da morte de Gordon.

— Compreendo perfeitamente. — Grey bateu de leve no braço do velho lorde para tranquilizá-lo. Acreditava que o próprio Dunsany não se recuperara da morte de seu filho, embora tivesse se refeito corajosamente pelo bem de sua mulher e filhas.

— Direi a elas apenas que o sujeito é um criado que você me recomendou. Hã... ele é confiável, não? Quero dizer... bem, as meninas... — Lorde Dunsany lançou um olhar inquieto à sua mulher.

— Totalmente — assegurou Grey a seu anfitrião. — É um homem honrado e deu sua palavra. Ele não entrará na casa nem deixará os limites de sua propriedade, a não ser com sua permissão expressa. — Helwater cobria mais de duzentos e quarenta hectares, ele sabia. Era uma longa distância da liberdade, bem como da Escócia, mas talvez algo melhor do que as estreitas pedras de Ardsmuir ou os sofrimentos das colônias.

Um som vindo da porta fez Dunsany girar nos calcanhares, restaurado a uma esfuziante jovialidade pelo surgimento de suas duas filhas.

— Lembra-se de Geneva, Johnny? — perguntou ele, fazendo seu hóspede aproximar-se. — Isobel ainda era um bebê na última vez em que você esteve aqui. Como o tempo voa, não é? — E sacudiu a cabeça, ligeiramente consternado.

Isobel estava com catorze anos, pequena, roliça, efervescente e loura, como sua mãe. Grey, na verdade, não se lembrava de Geneva — ou melhor, lembrava-se, mas a garotinha mirrada de anos antes não se parecia em nada com a graciosa jovem de dezessete anos que agora lhe oferecia sua mão. Se Isobel lembrava sua mãe, Geneva puxara a seu pai, ao menos na questão de altura e peso. Os cabelos grisalhos de lorde Dunsany deviam ter sido um dia castanhos e brilhantes assim, e a jovem possuía os mesmos olhos cinza-claros de Dunsany.

As moças cumprimentaram o visitante educadamente, mas estavam visivelmente mais interessadas em outra coisa.

— Papai — disse Isobel, puxando a manga do pai. — Há um homem enorme no vestíbulo! Ele ficou nos observando enquanto descíamos as escadas. Ele é assustador!

— Quem é ele, papai? — perguntou Geneva. Era mais reservada do que sua irmã, mas obviamente também estava interessada.

— Hã... ora, deve ser o novo cavaleiro que John nos trouxe — disse lorde Dunsany, claramente desconcertado. — Pedirei a um dos lacaios que o leve... — O baronete foi interrompido pelo repentino surgimento de um laiaio no vão da porta.

— Senhor — disse ele, parecendo chocado com as notícias que trazia. — Há um escocês no vestíbulo! — Com receio de que essa horrorosa afirmação não fosse levada a sério, virou-se e gesticulou agitadamente na direção da figura alta e silenciosa parada atrás dele, ainda vestido com seu manto.

Diante dessa deixa, o estrangeiro deu um passo à frente e, vendo lorde Dunsany, inclinou a cabeça cortesmente.

— Meu nome é Alex MacKenzie — disse ele, com um leve sotaque das Terras Altas. Fez uma mesura a lorde Dunsany, sem nenhum vestígio de zombaria em seus modos. — Seu criado, milorde.

Para alguém acostumado à vida estafante de uma fazenda das Terras Altas ou ao trabalho em uma prisão, o serviço de cavalaria em uma fazenda de criação de cavalos em Lake District não era um grande esforço. Para um homem que ficara trancado numa cela por dois meses — desde que os outros partiram para as colônias —, era um trabalho duro. Na primeira semana, enquanto seus músculos se reacostumavam às repentinas exigências do movimento constante, Jamie Fraser caía num catre no palheiro toda noite, cansado demais até para sonhar.

Chegara a Helwater em tal estado de fadiga e agitação mental que ele, no começo, vira o local como uma outra prisão — e uma prisão entre estranhos, longe das Terras Altas. Agora que estava assentado ali, tão aprisionado pela palavra quanto estaria por barras de ferro, sentiu o corpo e a mente começarem a relaxar, à medida que os dias passavam. Seu corpo se enrijecia, seus sentimentos se acalmavam na tranquila companhia dos cavalos e pouco a pouco ele achou possível pensar racionalmente outra vez.

Se não tinha uma verdadeira liberdade, ao menos tinha ar fresco, um espaço para estender o corpo, a visão de montanhas e os belos cavalos que Dunsany criava. Os outros cavaleiros e criados, compreensivelmente, desconfiavam dele, mas deixavam-no sozinho consigo mesmo, em respeito ao seu tamanho e aparência assustadora. Era uma vida solitária — mas ele aceitara há muito tempo o fato de que, para ele, a vida provavelmente jamais seria de outra forma.

A neve suave e macia caiu sobre Helwater e, até a visita oficial do major Grey no Natal — uma ocasião tensa e embaraçosa —, passou sem perturbar

seus crescentes sentimentos de contentamento.

Muito discretamente, ele fez os arranjos que lhe foram possíveis para se comunicar com Jenny e Ian nas Terras Altas. Com exceção das cartas esporádicas que chegavam até ele por meios indiretos, que ele lia e depois destruía por segurança, sua única lembrança de casa era o rosário de madeira que usava ao pescoço, escondido sob a camisa.

Uma dezena de vezes por dia, ele tocava na pequena cruz que repousava sobre seu coração, a cada vez evocando o rosto de alguém querido, com uma breve oração — para sua irmã, Jenny; para Ian e as crianças — seu xará, o Jovem Jamie, Maggie, Katherine Mary, pelos gêmeos Michael e Janet e pelo bebê Ian. Pelos colonos de Lallybroch, pelos homens de Ardsmuir. E sempre a primeira prece do dia, a última da noite — e muitas entre uma e outra — por Claire. *Senhor, que ela possa estar em segurança. Ela e a criança.*

Conforme a neve passava e o ano se iluminava com a chegada da primavera, Jamie Fraser tinha consciência de apenas uma circunstância anuviando sua existência diária — a presença de lady Geneva Dunsany.

Bonita, mimada e autocrata, lady Geneva estava acostumada a conseguir o que queria, quando queria, e dane-se quem estivesse em seu caminho. Era uma boa amazona — reconhecia Jamie —, mas tão caprichosa e ferina que os cavaleiros costumavam tirar na sorte para determinar quem teria a infelicidade de acompanhá-la em sua cavalgada diária.

Ultimamente, entretanto, lady Geneva escolhia ela mesma seu acompanhante — Alex MacKenzie.

— Bobagem — dissera ela, quando ele alegara primeiro discricção e depois indisposição temporária, para evitar acompanhá-la à neblina erma e solitária dos sopés das montanhas acima de Helwater; um lugar onde ela estava proibida de cavalgar por causa do terreno traiçoeiro e dos neveiros perigosos. — Não seja tolo. Ninguém vai nos ver. Vamos! — E chutando sua égua brutalmente nas costelas, partiu antes que ele pudesse impedi-la, rindo para ele por cima do ombro.

Sua paixão por ele era bastante óbvia para fazer os outros cavaleiros sorrirem disfarçadamente e trocarem comentários em voz baixa quando ela entrava no estábulo. Ele sentia um forte impulso, quando estava em sua companhia, de dar-lhe um pontapé onde este seria mais eficaz, mas até então

limitara-se a manter um silêncio rígido, respondendo a todas as suas tentativas de diálogo com um grunhido emburrado.

Confiava em que ela, mais cedo ou mais tarde, se cansaria de seu tratamento taciturno e transferiria suas incômodas atenções para outro cavaliário. Ou — Deus queira — logo se casaria e iria para longe tanto dele quanto de Helwater.

Era um raro dia ensolarado para Lake Country, onde a diferença entre as nuvens e o solo em geral era imperceptível. Ainda assim, nesta tarde de maio, o clima estava ameno, quente o suficiente para Jamie sentir-se confortável em tirar a camisa. Era bastante seguro ali no alto do campo, sem nenhuma probabilidade de companhia além de Bess e Blossom, as duas éguas impassíveis que puxavam a carreta com o rolo compressor.

O campo era extenso e os cavalos velhos e bem treinados para a tarefa, da qual gostavam; tudo que ele precisava fazer era virar as rédeas de vez em quando, para manter seus focinhos para a frente. O rolo compressor era feito de madeira, em vez do tipo mais antigo de pedra ou metal, e construído com uma fenda estreita entre cada tábuia, de modo que o interior pudesse ser enchido de estrume bem curtido. Conforme o rolo girava, o adubo vazava, deixando o pesado aparelho mais leve à medida que se esvaziava.

Jamie aprovava inteiramente essa invenção. Precisava falar a Ian sobre isso; desenhar um diagrama. Os ciganos logo chegariam; todos os cavaliários e cozinheiras estavam falando sobre isso. Talvez ele tivesse tempo de acrescentar outra parte à carta em andamento que carregava consigo, enviando o atual maço de páginas sempre que um bando de ciganos ou latoeiros nômades aparecia na fazenda. A entrega poderia demorar um mês, três ou seis, mas finalmente o pacote de informações chegaria às Terras Altas, passado de mão em mão, até sua irmã em Lallybroch, que pagaria uma taxa generosa pelo recebimento.

As respostas de Lallybroch vinham pela mesma rota anônima — porque, sendo um prisioneiro da Coroa, tudo que ele enviasse ou recebesse pelos carteiros teria que ser inspecionado por lorde Dunsany. Sentiu uma breve empolgação ao pensar em uma carta, mas tentou amortecê-la; poderia não haver carta alguma.

— Oopa! — gritou ele, mas por hábito do que qualquer outro motivo. Bess e Blossom podiam avistar a cerca de pedras tão bem quanto ele e sabiam perfeitamente que este era o lugar onde deveriam começar a pesada mudança de direção. Bess agitou uma das orelhas e relinchou, e ele riu. — Sim, eu sei — disse-lhe, com um leve puxão na rédea. — Mas eles me pagam para dizer isso.

Iniciaram, então, o novo caminho e não havia mais nada a fazer até alcançarem a carroça fincada na extremidade oposta do campo, cheia de estrume para abastecer novamente o rolo. O sol batia em seu rosto agora e ele fechou os olhos, desfrutando a sensação de calor em seu peito e ombros nus.

O barulho alto do relincho de um cavalo sacudiu-o de sua sonolência um quarto de hora mais tarde. Abrindo os olhos, pôde ver o cavaleiro subindo a trilha que vinha do curral mais baixo, perfeitamente emoldurado entre as orelhas de Blossom. Apressadamente, ele endireitou-se no banco e enfiou a camisa pela cabeça.

— Não precisa ser modesto por minha causa, MacKenzie. — A voz de Geneva Dunsany soou alta e ligeiramente ofegante enquanto ela freava a égua, fazendo-a marchar ao lado do rolo em movimento.

— Mmmhummm. — Ela vestia seus melhores trajes, ele viu, com um broche de quartzo na garganta, e estava mais esbaforida do que a temperatura do dia justificava.

— O que está fazendo? — perguntou ela, depois de alguns instantes prosseguindo em silêncio.

— Estou espalhando bosta, milady — respondeu ele sem titubear e sem olhar para ela.

— Ah. — Ela continuou acompanhando-o ao longo de cerca de meia trilha antes de se aventurar a puxar conversa novamente. — Sabia que vou me casar?

Ele sabia; todos os criados já sabiam há um mês, através de Richards, o mordomo, que estava na biblioteca, servindo, quando o pretendente veio de Derwentwater para redigir o contrato de casamento. Lady Geneva fora informada há dois dias. Segundo a criada, Betty, a notícia não fora bem recebida.

Ele contentou-se com um grunhido evasivo.

— Com Ellesmere — disse ela. O rubor intensificou-se em suas faces e seus lábios comprimiram-se.

— Desejo-lhe muitas felicidades, milady. — Jamie puxou levemente as rédeas quando atingiram o fim do campo. Ele já estava fora de seu banco antes de Bess fincar os cascos no chão; não pretendia de forma alguma demorar-se em conversa com lady Geneva, cujo humor parecia extremamente perigoso.

— Felicidade! — gritou ela. Seus grandes olhos acinzentados faiscaram e ela bateu na coxa de seu traje de montaria. — Felicidade! Casada com um homem que tem idade para ser meu avô?

Jamie absteve-se de dizer que suspeitava que as perspectivas de felicidade do conde de Ellesmere eram um pouco mais limitadas do que as da jovem. Em vez disso, murmurou: “Com licença, milady”, e foi para trás para desatrelar o rolo.

Ela desmontou e seguiu-o.

— É um acordo nojento entre meu pai e Ellesmere! Ele está me vendendo, é isso. Meu pai não se importa nem um pouco comigo ou jamais teria combinado esse casamento! Não acha que estou sendo injustamente usada?

Ao contrário, Jamie achava que lorde Dunsany, um pai muito dedicado, provavelmente fizera o melhor acordo possível para sua mimada filha mais velha. O conde de Ellesmere era mesmo um velho. Havia uma boa chance de que, em poucos anos, Geneva seria uma jovem viúva extremamente rica, e uma condessa ainda por cima. Por outro lado, tais considerações podiam não ter muito valor para uma moça voluntariosa — uma megera malcriada e teimosa, corrigiu-se, vendo o conjunto petulante de sua boca e olhos — de dezessete anos.

— Tenho certeza de que seu pai sempre age em seu melhor interesse, milady — respondeu ele impassivelmente. A diabinha não iria embora?

Não. Adotando uma expressão mais simpática, ela aproximou-se e parou ao seu lado, atrapalhando a sua tarefa de abrir a tampa do rolo para recarregá-lo.

— Mas um casamento com um velho tão ressequido? — disse ela. — Certamente, é uma crueldade do meu pai me entregar a uma criatura como

essa! — Ficou na ponta do pé, examinando Jamie. — Quantos anos tem, MacKenzie?

Seu coração parou de bater por um instante.

— Sou muito mais velho do que você, milady — disse ele com firmeza. — Com licença, milady. — Passou por ela da melhor forma possível para não tocá-la e subiu na carroça de esterco, para onde estava razoavelmente certo que ela não iria segui-lo.

— Mas não está pronto para o cemitério ainda, não é, MacKenzie? — Agora, ela estava em frente a ele, cobrindo os olhos com a mão enquanto espreitava para cima. Uma brisa começara a soprar e pequenos tufo de seus cabelos castanhos flutuavam à volta de seu rosto. — Você já foi casado, MacKenzie?

Ele rangeu os dentes, dominado pela vontade de jogar uma pá de esterco sobre a cabeça de cabelos castanhos, mas se conteve e enterrou a pá no monturo, dizendo simplesmente: “Já”, num tom que não admitia maiores indagações.

Lady Geneva, no entanto, não estava interessada nas sensibilibidades de outras pessoas.

— Ótimo — disse ela, satisfeita. — Então saberá o que fazer.

— Fazer? — Interrompeu no meio o ato de escavar, o pé apoiado na pá.

— Na cama — disse ela calmamente. — Quero que venha pra cama comigo.

No choque do momento, tudo em que ele conseguiu pensar foi na visão absurda da elegante lady Geneva, as saias por cima de seu rosto, esparramada sobre a matéria esfarelada e fétida da carroça.

Deixou a pá cair.

— Aqui? — grasnou ele, a voz rouca e dissonante.

— Não, tolo — disse ela, impaciente. — Na cama, numa cama adequada. No meu quarto.

— Você perdeu a cabeça — disse Jamie friamente, o estado de choque gradualmente se dissipando. — Ou assim eu pensaria, se você tivesse cabeça.

Seu rosto afogueou-se e os olhos estreitaram-se.

— Como ousa falar assim comigo?

— Como ousa falar assim comigo? — retrucou Jamie com raiva. — Uma

menina de família fazendo propostas indecentes a um homem com o dobro de sua idade? E um cavaleiro da casa de seus pais? — acrescentou ele, lembrando-se de quem era. Engoliu outros comentários, lembrando-se também de que esta terrível jovem era lady Geneva e ele era o cavaleiro de seu pai. — Queira me desculpar, milady — disse ele, dominando sua cólera com algum esforço. — O sol está muito quente hoje e sem dúvida deixou seu juízo um pouco confuso. Acho que deve voltar para casa imediatamente e pedir à sua criada que coloque toalhas frias em sua cabeça.

Lady Geneva bateu o pé calçado com bota de couro marroquino.

— Meu juízo não está nem um pouco confuso!

Fitou-o com raiva, o queixo empinado. Seu queixo era pequeno e pontudo, assim como os dentes, e com aquela particular expressão de determinação no rosto, ele achou que ela se parecia muito com a maldita raposa que era.

— Ouça-me — disse ela. — Não posso evitar esse casamento abominável. Mas — hesitou, depois continuou com firmeza —, que o diabo me carregue se vou desperdiçar minha virgindade com um velho monstro nojento e depravado como Ellesmere!

Jamie esfregou a mão pela boca. A contragosto, sentia certa compaixão por ela. Mas que o diabo carregasse a ele se iria permitir que uma louca de saias o envolvesse em seus problemas.

— Tenho perfeita noção da honra, milady — disse ele finalmente, com pesada ironia —, mas eu realmente não posso...

— Pode, sim. — Seus olhos pousaram ostensivamente na frente de suas calças imundas. — Betty diz que sim.

Ele tentou falar, não conseguindo mais do que alguns grunhidos incoerentes no começo. Finalmente, respirou fundo e disse, com toda a firmeza que pôde reunir:

— Betty não tem a menor base para tirar conclusões a respeito de minha capacidade. Não coloquei nem a mão na moça!

Geneva riu, encantada.

— Então, não a levou para a cama? Ela disse que você se recusou, mas achei que talvez ela estivesse apenas tentando evitar uma surra. Isso é bom; eu não poderia compartilhar um homem com uma criada.

Ele respirou ruidosamente. Golpear sua cabeça com a pá ou estrangulá-la infelizmente estava fora de questão. Seu temperamento inflamado aos poucos se acalmou. Ela podia ser insuportável, mas não possuía essencialmente nenhum poder. Não poderia forçá-lo a ir para sua cama.

— Tenha um bom dia, milady — disse ele, o mais educadamente possível. Deu-lhe as costas e começou a trabalhar com a pá, lançando esterco dentro do rolo oco.

— Se não o fizer — disse ela docemente —, contarei a meu pai que você tentou me seduzir. Ele vai tirar o couro das suas costas.

Os ombros de Jamie encolheram-se involuntariamente. Ela não poderia saber. Tomara o cuidado de nunca tirar sua camisa na frente de ninguém desde que chegara ali.

Virou-se com todo o cuidado e fitou-a. A luz do triunfo brilhava em seus olhos.

— Seu pai pode não me conhecer muito bem — disse ele —, mas certamente a conhece desde que nasceu. Conte-lhe e vá se danar!

Ela estufou-se como um galo de briga, o rosto ficando cada vez mais vermelho de raiva.

— Ah, então é assim, hein? — gritou ela. — Bem, então olhe para isto e vá você se danar! — Enfiou a mão entre os seios e retirou uma carta de várias folhas, que sacudiu embaixo do nariz dele. A caligrafia preta e firme de sua irmã era-lhe tão familiar que um mero vislumbre foi suficiente.

— Dê-me isso! — Já descera da carroça e aproximava-se dela, mas ela foi rápida demais. Já estava montada na sela antes que ele pudesse agarrá-la, dando ré com as rédeas em uma das mãos e brandindo a carta zombeteiramente com a outra.

— Você a quer, hein?

— Sim, quero! Dê-me essa carta! — Ele estava tão furioso que poderia facilmente cometer um ato de violência se pusesse as mãos nela. Infelizmente, a égua que ela montava pressentiu sua disposição e afastou-se, resfolegando e batendo as patas no chão nervosamente.

— Acho que não. — Fitou-o provocantemente, o rubor da raiva esvanecendo-se de seu rosto. — Afinal, é realmente meu dever entregar esta carta a meu pai, não é? Ele deve saber que seus criados estão enviando e

recebendo correspondências clandestinas, não acha? Jenny é sua namorada?

— Você leu minha carta? Cadela sem-vergonha!

— Que linguagem! — disse ela, sacudindo a carta com ar de reprovação. — É meu dever ajudar meus pais, informando-os das coisas terríveis em que os criados estão metidos, não é? E eu sou uma filha obediente, submetendo-me a esse casamento sem protestar, não sou? — Inclinou-se para a frente em sua sela, sorrindo zombeteiramente. Com um novo acesso de raiva, ele compreendeu que ela estava se divertindo muito com tudo aquilo. — Acho que ele vai achar muito interessante a leitura desta carta — disse ela. — Especialmente o trecho sobre o ouro a ser enviado a Lochiel na França. Ainda é considerado traição dar apoio aos inimigos do rei? — Ela estalou a língua em sinal de reprovação e disse maliciosamente: — Que malvado.

Ele achou que iria vomitar ali mesmo, de puro terror. Ela teria a menor ideia de quantas vidas estavam naquela mão branca e manicurada? Sua irmã, Ian, seus seis filhos, todos os colonos e famílias de Lallybroch — talvez até mesmo as vidas dos agentes que carregavam mensagens e dinheiro entre a Escócia e a França, mantendo a existência precária dos exilados jacobitas.

Ele engoliu em seco, uma vez, depois outra vez, antes de falar.

— Está bem — disse ele. Um sorriso mais natural irrompeu em seu rosto e ele compreendeu o quanto ela era jovem. Sim, bem, e a mordida de uma víbora nova era tão venenosa quanto a de uma víbora velha.

— Não contarei nada a ninguém — afirmou ela, parecendo ansiosa. — Eu lhe devolverei a carta depois e jamais direi o que havia nela. Prometo.

— Obrigado. — Ele tentou clarear a mente o suficiente para fazer um plano sensato. Sensato? Entrar na casa de seu patrão para desvirginar sua filha... a pedido dela? Jamais ouvira falar de uma ideia tão insensata. — Está bem — repetiu ele. — Devemos ser cuidadosos. — Com uma sensação de entorpecimento e horror, viu-se arrastado ao papel de conspirador com ela.

— Sim. Não se preocupe, posso dar um jeito de despachar minha criada, e o laçao bebe; está sempre dormindo antes das dez horas.

— Faça os preparativos, então — disse ele, o estômago revirando-se. Mas escolha um dia seguro.

— Um dia seguro? — Ela olhou-o sem compreender.

— Algum dia da semana posterior ao fim de sua menstruação — disse ele

sem rodeios. — Assim, será menos provável que engravide.

— Ah. — Ela enrubesceu, mas olhou-o com um novo interesse. Fitaram-se em silêncio por um longo instante, repentinamente ligados pela perspectiva do futuro. — Eu lhe mandarei um recado — disse ela finalmente e, fazendo o cavalo virar-se, afastou-se a galope pelo campo, os cascos da égua fazendo saltar o adubo recém-espalhado.

Xingando excessiva e silenciosamente, enfiou-se sob a fileira de lariços. Não havia luar, o que era uma bênção. Seis metros de gramado aberto para atravessar numa corrida e ele viu-se enterrado até os joelhos no canteiro de aquilégias e germândreas.

Olhou para a parede lateral da casa, seu volume assomando escuro e proibitivo acima dele. Sim, lá estava a vela à janela, exatamente como ela dissera. Ainda assim, contou as janelas cuidadosamente, para se certificar. Que Deus o ajudasse se viesse a escolher a janela errada. Que Deus o ajudasse se fosse a janela certa também, pensou sombriamente, agarrando-se com força ao tronco da enorme trepadeira cinzenta que cobria aquele lado da casa.

As folhas farfalharam como um furacão e os caules, apesar de fortes, estalavam e envergavam de forma alarmante sob seu peso. Não havia nada a fazer, senão subir o mais rápido possível e preparar-se para lançar-se na noite se alguma das janelas fosse repentinamente aberta.

Chegou à pequena sacada ofegante, o coração disparado e molhado de suor, apesar do frio da noite. Parou por um instante, sozinho sob as débeis estrelas da primavera, para recuperar o fôlego. Usou-o para amaldiçoar Geneva Dunsany outra vez e, em seguida, abriu a porta.

Ela estava à sua espera e obviamente ouvira sua aproximação pela hera. Levantou-se da chaise-longue onde estava sentada e aproximou-se dele, o queixo empinado, os cabelos castanhos soltos pelos ombros.

Usava uma camisola branca de algum tecido lustroso, amarrada ao pescoço com um laço de seda. Não parecia uma roupa de dormir de uma jovem recatada e ele percebeu com um choque que ela estava usando o traje da noite de núpcias.

— Então você veio. — Ouviu o tom de triunfo em sua voz, mas também

um leve tremor. Quer dizer que ela não tinha certeza se ele viria?

— Não tive escolha — disse ele sucintamente, virando-se para fechar as portas duplas atrás de si.

— Aceita um pouco de vinho? — Esforçando-se para ser graciosa, dirigiu-se à mesa, onde havia uma garrafa e dois copos. Como conseguira aquilo?, perguntou-se ele. Ainda assim, uma bebida viria a calhar nas atuais circunstâncias. Assentiu e pegou o copo cheio de sua mão.

Examinou-a disfarçadamente enquanto bebericava. A camisola não escondia suas formas e conforme seu coração gradualmente diminuiu o compasso do pânico de sua escalada, percebeu seu primeiro temor — de que ele não conseguiria cumprir sua parte do acordo — aliviado sem esforço consciente. Ela era de compleição delgada, quadris estreitos e seios pequenos, mas indubitavelmente uma mulher.

Uma vez terminada sua bebida, depositou o copo sobre a mesa. Não fazia sentido ficar adiando, pensou.

— A carta? — disse ele abruptamente.

— Depois — respondeu ela, apertando os lábios.

— Agora, ou irei embora. — Virou-se em direção à sacada, como se estivesse se preparando para executar a ameaça.

— Espere!

Ele virou-se, mas olhou-a com indisfarçável impaciência.

— Não confia em mim? — disse ela, tentando soar faceira e sedutora.

— Não — disse ele asperamente.

Ela pareceu ficar com raiva e fez um beicinho petulante, mas ele meramente continuou a olhá-la com frieza por cima do ombro, ainda de frente para a porta da sacada.

— Ah, está bem, então — disse ela finalmente, dando de ombros. Enfiando a mão sob camadas de bordados em uma caixa de costura, ela retirou a carta e atirou-a sobre a cômoda com a bacia de lavar as mãos que estava ao lado dele.

Ele apanhou-a e desdobrou as folhas para se certificar. Sentiu uma onda de raiva e de alívio ao ver o selo violado e a letra de Jenny nas folhas, nítida e vigorosa.

— E então? — A voz de Geneva interrompeu sua leitura, impaciente. —

Largue isso e venha até aqui, Jamie. Estou pronta. — Ela sentou-se na cama, os braços envolvendo os joelhos.

Ele empertigou-se e lançou um olhar frio e azul sobre ela, por cima das folhas em suas mãos.

— Não me chame assim — disse ele. Ela levantou o queixo pontiagudo um pouco mais e ergueu as sobrancelhas bem-feitas.

— Por que não? É o seu nome. Sua irmã chama-o assim.

Ele hesitou por um instante, depois deliberadamente deixou a carta de lado e inclinou a cabeça para os cadarços de suas calças.

— Vou servi-la adequadamente — disse ele, olhando para seus dedos em movimento — pela minha própria honra como homem e sua como mulher. Mas — ele ergueu a cabeça e os olhos azuis apertados fitaram-na —, tendo me trazido para a sua cama por meio de ameaças contra a minha família, não permitirei que me chame pelo nome que me deram. — Permaneceu imóvel, encarando-a. Finalmente, ela assentiu com um breve movimento da cabeça e abaixou os olhos para a colcha.

Ela traçou o desenho da colcha com um dedo.

— Como devo chamá-lo, então? — perguntou-lhe finalmente, num fio de voz. — Não posso chamá-lo de MacKenzie!

Os cantos da boca de Jamie ergueram-se levemente ao olhar para ela. Parecia muito pequena, encolhida sobre si mesma, com os braços em torno dos joelhos e a cabeça baixa. Ele suspirou.

— Chame-me de Alex, então. É meu nome, também.

Ela assentiu, sem falar. Seus cabelos caíam para a frente em volta do seu rosto, mas ele pôde ver o brilho fugidio de seus olhos quando ela espiou por trás de sua cortina.

— Tudo bem — disse ele com a voz rouca. — Pode me observar.

Empurrou as calças soltas para baixo, tirando as meias junto com elas. Sacudiu suas roupas e dobrou-as cuidadosamente sobre uma cadeira antes de começar a desatar a camisa, consciente de seu olhar, ainda tímido, mas agora direto. Por alguma ideia de consideração, virou-se de frente para ela antes de retirar a camisa, para poupá-la por um instante da visão de suas costas.

— Ah! — A exclamação foi baixa, mas suficiente para fazê-lo parar.

— Alguma coisa errada? — perguntou ele.

— Ah, não... quero dizer, é que eu não esperava... — Os cabelos balançaram-se para a frente outra vez, mas não antes de Jamie ver o vermelho revelador de suas faces.

— Nunca viu um homem nu antes? — perguntou ele. Os lustrosos cabelos castanhos balançaram-se para a frente e para trás.

— Não — disse ela, hesitante —, já vi, é que... não estava...

— Bem, normalmente não está — disse ele de forma prática, sentando-se na cama ao seu lado. — Mas se alguém pretende fazer amor, ele tem que estar, sabe.

— Entendo — disse ela, ainda parecendo em dúvida. Ele tentou sorrir, para tranquilizá-la.

— Não se preocupe. Não fica maior do que está. E não fará nada estranho, se quiser tocá-lo. — Ao menos, assim ele esperava. Estar nu e tão próximo a uma jovem seminua estava acarretando efeitos terríveis sobre seu autocontrole. Sua anatomia traiçoeira, carente, não se importava nem um pouco que ela fosse uma pequena megera chantagista e egoísta. Talvez felizmente, ela declinou de sua oferta, encolhendo-se um pouco contra a parede, embora seus olhos continuassem fixos nele. Ele esfregou o queixo, em dúvida. — O que você... quero dizer, tem alguma ideia de como isso é feito?

Seu olhar era claro e ingênuo, embora suas faces ardessem.

— Bem, como os cavalos, suponho.

Ele balançou a cabeça, mas sentiu uma pontada de dor, recordando-se de sua noite de núpcias, quando ele também achara que deveria ser como os cavalos.

— Algo assim — disse ele, clareando a garganta. — Porém, mais devagar. Mais delicadamente — acrescentou, vendo seu olhar apreensivo.

— Ah. Isso é bom. A ama e as criadas costumavam contar histórias, sobre... homens e, hã, casamento, e tudo o mais... parecia um pouco assustador. — Ela engoliu com força. — V-vai doer muito?

Ergueu a cabeça de repente e olhou-o diretamente nos olhos.

— Não me importo se doer — disse ela corajosamente —, é somente que gostaria de saber o que devo esperar. — Ele sentiu uma inesperada simpatia por ela. Podia ser mimada, egoísta e irresponsável, mas ao menos tinha algum

caráter. Coragem, para ele, não era uma virtude pequena.

— Acho que não — respondeu ele. — Se eu for devagar e deixá-la pronta — (se ele conseguisse ir devagar, seu cérebro corrigiu-o) —, acho que não será muito pior do que um beliscão. — Estendeu o braço e beliscou a pele de seu antebraço. Ela deu um salto e esfregou o lugar, mas sorriu.

— Posso aguentar isso.

— Só é assim da primeira vez — assegurou-lhe. — Da próxima vez, será melhor.

Ela balançou a cabeça e, em seguida, após um instante de hesitação, veio se arrastando em sua direção, estendendo a mão experimentalmente.

— Posso tocá-lo? — Desta vez ele realmente riu, embora logo sufocasse o barulho.

— Acho que vai ter que fazê-lo, milady, se eu tiver que fazer o que me pede.

Ela deslizou a mão suavemente pelo seu braço, tão delicada que ele sentiu cócegas e sua pele reagiu com um estremecimento. Adquirindo confiança, ela deixou a mão envolver seu antebraço, sentindo a sua espessura.

— Você é muito... grande. — Ele sorriu, mas permaneceu imóvel, deixando-a explorar seu corpo até onde desejasse. Sentiu os músculos de sua barriga enrijecerem-se quando ela deslizou a mão por uma de suas coxas e aventurou-se hesitantemente pela curva de sua nádega. Seus dedos aproximaram-se da linha irregular e proeminente da cicatriz que percorria sua coxa esquerda de alto a baixo, mas logo pararam.

— Tudo bem — afirmou ele. — Não dói mais. — Ela não respondeu, mas correu dois dedos ao longo de toda a extensão da cicatriz, sem exercer nenhuma pressão.

As mãos exploratórias, cada vez mais ousadas, subiram pelas curvas arredondadas de seus ombros largos, desceram para as costas — e pararam subitamente. Ele fechou os olhos e esperou, seguindo seus movimentos pela mudança do peso de seu corpo no colchão. Ela passou para trás dele e ficou em silêncio. Ouviu-se um suspiro estremecido e as mãos tocaram-no de novo, delicadas em suas costas devastadas.

— E você não teve medo quando eu disse que mandaria que o açoitassem! — Sua voz soou estranhamente rouca, mas ele manteve-se

quieto, os olhos fechados.

— Não — disse ele. — Já não tenho muito medo de nada. — De fato, estava começando a ter medo de que não seria capaz de manter as mãos longe dela ou tratá-la com a delicadeza necessária, quando chegasse a hora. Seus testículos doíam de desejo e ele podia sentir o batimento de seu coração pulsando em suas têmporas.

Ela saiu da cama e parou diante dele. Ele ergueu-se repentinamente, assustando-a de tal modo que ela deu um passo para trás, mas ele a deteve, pousando as mãos em seus ombros.

— Posso tocá-la agora, milady? — As palavras eram de troça, mas não a intenção. Ela assentiu, ofegante demais para falar, e seus braços a envolveram.

Apertou-a contra o peito, sem se mover até a respiração da jovem se acalmar. Ele tinha consciência de uma extraordinária mistura de sentimentos. Nunca em sua vida tomara uma mulher nos braços sem algum sentimento de amor, mas não havia nenhum amor neste encontro, nem poderia haver, para o bem da própria garota. Havia uma certa ternura por sua juventude, e pena pela situação em que ela se encontrava. Raiva por ela estar manipulando-o e medo pela magnitude do crime que ele estava prestes a cometer. Mas, no geral, havia uma incrível luxúria, uma necessidade que dilacerava seus órgãos vitais e o fazia se envergonhar de sua própria masculinidade, mesmo reconhecendo seu poder. Odiando a si mesmo, abaixou a cabeça e segurou seu rosto entre as mãos.

Beijou-a delicadamente, rápido, depois mais longamente. Ela tremia contra ele quando suas mãos desfizeram o laço da camisola e a fizeram deslizar de seus ombros. Ergueu-a nos braços e a depositou sobre a cama.

Deitou-se a seu lado, aconchegando-a com um braço enquanto o outro acariciava seus seios, primeiro um, depois o outro, envolvendo cada um de modo que ela sentisse o peso e o calor de sua mão.

— Um homem deve prestar homenagem ao seu corpo — disse ele suavemente, incitando cada mamilo com pequenos toques circulares. — Porque você é bela e tem esse direito.

Ela soltou a respiração com um pequeno suspiro, depois relaxou sob o toque de sua mão. Ele não teve pressa, movendo-se tão devagar quanto podia,

acariciando-a e beijando-a, tocando de leve em todo o seu corpo.

Não gostava da jovem. Não queria estar ali, não queria estar fazendo isso, mas... fazia mais de três anos que ele não tocava o corpo de uma mulher.

Tentou avaliar quando ela estaria realmente pronta, mas como poderia saber? Ela estava afogueada e ofegante, mas simplesmente permanecia ali deitada, como uma peça de porcelana em exibição. Maldita garota, não podia lhe dar sequer uma pista?

Passou a mão trêmula pelos cabelos, tentando aplacar a onda de emoções confusas que o percorriam a cada batida de seu coração. Estava com raiva, com medo e extremamente excitado, sentimentos que não o ajudavam muito agora. Fechou os olhos e respirou fundo, procurando se acalmar, tentando ser gentil.

Não, é claro que ela não podia lhe mostrar. Ela nunca tocara em um homem antes. Tendo o forçado até ali, ela deixava, com uma maldita, indesejável e injustificável confiança, a condução de todo o caso a seu cargo!

Continuou a acariciar a jovem, delicadamente, tocando-a entre as coxas. Ela não as abriu para ele, mas não ofereceu resistência. Estava levemente úmida. Seria agora a hora certa?

— Tudo bem — murmurou-lhe. — Fique quieta, *mo chridhe*. — Sussurrando o que lhe pareciam palavras tranquilizadoras, posicionou-se delicadamente sobre ela e usou o joelho para separar suas pernas. Ele sentiu sua leve surpresa com o calor do seu corpo cobrindo-a, com o toque de seu pênis, e ele mergulhou as mãos em seus cabelos para segurá-la, ainda murmurando ternamente em gaélico.

Pensou vagamente que era bom que ele estivesse falando em gaélico, já que não estava prestando mais nenhuma atenção ao que dizia. Seus seios pequenos e firmes empurravam-se contra seu peito.

— *Mo nighean* — murmurou ele.

— Espere um instante — disse Geneva. — Acho que talvez...

O esforço para controlar-se deixou-o zozinho, mas prosseguiu lentamente, penetrando-a apenas superficialmente.

— Ahh! — exclamou Geneva. Seus olhos arregalaram-se.

— Uh — resmungou ele, penetrando-a um pouco mais fundo.

— Pare! É grande demais! Tire! — Em pânico, Geneva debatia-se sob

ele. Imprensados sob seu peito, seus seios agitavam-se e roçavam-se nele, de modo que seus próprios mamilos eriçaram-se abruptamente numa brusca sensação.

Os esforços dela estavam conseguindo à força o que ele tentara fazer com delicadeza. Atordoados, ele lutava para mantê-la sob ele, enquanto buscava loucamente algo para dizer que pudesse acalmá-la.

— Mas... — começou ele.

— Pare!

— Eu...

— Tire isso já! — gritou ela.

Ele tapou sua boca com uma das mãos e disse a única coisa coerente que lhe ocorreu.

— Não — disse ele categoricamente, e avançou.

O que poderia ter sido um grito emergiu pelo meio de seus dedos como um “iip!”. Os olhos de Geneva estavam esbugalhados, mas secos.

Perdido por um, perdido por mil. O ditado atravessou de modo absurdo a sua mente, não deixando nada em seu rastro além de uma confusão de alarmes incoerentes e um sentimento marcante de terrível urgência entre os dois. Havia exatamente uma única coisa que ele era capaz de fazer neste ponto, e ele o fez, seu corpo usurpando o controle brutalmente conforme movia-se no ritmo de sua inexorável alegria pagã.

Não precisou de mais do que algumas estocadas antes de ser dominado pela onda que desceu, agitada, pela sua espinha dorsal e eclodiu como um vagalhão arrebatando-se contra as rochas, arrastando consigo os últimos fragmentos de pensamento consciente que se agarravam, como crustáceos, aos remanescentes de sua mente.

Recobrou-se um instante depois, deitado de lado, com o barulho do seu próprio coração alto e lento em seus ouvidos. Entreabriu uma das pálpebras e viu uma cintilação de pele rósea à luz do lampião. Tinha que saber se a machucara muito, mas por Deus, não neste instante. Fechou o olho outra vez e simplesmente continuou respirando.

— Em que... você está pensando? — A voz soou hesitante e um pouco abalada, mas não histérica.

Ele próprio abalado demais para notar o absurdo da pergunta, respondeu

com a verdade.

— Eu estava me perguntando por que, em nome de Deus, os homens querem se deitar com virgens.

Houve um longo momento de silêncio e, em seguida, uma respiração funda e trêmula.

— Desculpe-me — disse ela, com um fio de voz. — Não sabia que iria machucá-lo também.

Seus olhos abriram-se abruptamente de espanto e ele ergueu-se em um dos cotovelos, deparando-se com ela fitando-o como uma corça assustada. Seu rosto estava pálido e ela emudeceu os lábios secos.

— Machucar-me? — disse ele, sem compreender. — Não me machucou.

— Mas — ela franziu o cenho, enquanto seus olhos percorriam toda a extensão de seu corpo —, pensei que tivesse se machucado. Você fez uma careta horrível, como se doesse terrivelmente, e você... você grunhiu como um...

— Sim, bem — interrompeu-a apressadamente, antes que ela pudesse revelar mais alguma observação pouco lisonjeira sobre seu comportamento. — Eu não quis dizer... quero dizer... é assim que os homens reagem, quando fazem... isso — finalizou ele canhestramente. Seu assombro diluía-se em curiosidade.

— Todos os homens agem assim quando estão... fazendo isso?

— Como eu poderia...? — começou ele, irritado, depois parou e deu de ombros, percebendo que ele de fato sabia a resposta. — Sim, agem — respondeu sucintamente. Aprumou-se, sentando-se na cama, e afastou os cabelos do rosto. — Os homens são terríveis animais nojentos, exatamente como sua ama lhe disse. Eu a machuquei muito?

— Acho que não — disse ela, sem muita certeza. Moveu as pernas para se certificar. — Realmente doeu, por um instante, como você disse que doeria, mas já não está tão ruim agora.

Ele soltou um suspiro de alívio ao ver que, embora ela tivesse sangrado, a mancha na toalha era pequena e ela não parecia estar sentindo dor. Ela tateou entre as coxas e fez uma careta de nojo.

— Uuh! — exclamou ela. — Está tudo sujo e grudento!

O sangue subiu ao rosto de Jamie, numa mistura de ultraje e vergonha.

— Tome — murmurou ele, pegando uma toalha de mão da cômoda com a bacia. Ela não a pegou, mas abriu as pernas e arqueou as costas ligeiramente, obviamente esperando que ele limpasse a sujeira. Em vez disso, ele sentiu um forte ímpeto de estrangulá-la, mas um olhar para a cômoda onde estava sua carta o impediu. Era um acordo, afinal, e ela cumprira sua parte.

Com um ar soturno, ele molhou a toalha e começou a limpá-la, mas achou a confiança com que ela se apresentava para ele estranhamente tocante. Executou seus serviços com delicadeza e viu-se, ao final, plantando um leve beijo na curva macia de sua barriga.

— Pronto.

— Obrigada — disse ela. Ela mexeu os quadris e estendeu o braço para tocá-lo. Ele não se moveu, deixando seus dedos percorrerem seu peito e brincarem com o profundo entalhe de seu umbigo. O leve toque hesitante desceu.

— Você disse... que seria melhor da próxima vez — sussurrou ela.

Ele fechou os olhos e respirou fundo. Havia muito tempo até o amanhecer.

— Espero que seja — disse ele, estendendo-se de novo ao seu lado.

— Jai... hã, Alex?

Sentia-se como se estivesse drogado e teve que fazer um grande esforço para responder.

— Milady?

Os braços da jovem enlaçaram seu pescoço e ela aninhou a cabeça na curva de seu ombro, a respiração quente contra seu peito.

— Eu o amo, Alex.

Com dificuldade, ergueu-se o suficiente para afastá-la, segurando-a pelos ombros e olhando dentro de seus olhos cinzentos, meigos como os de uma corça.

— Não — disse ele, mas delicadamente, sacudindo a cabeça. — Esta é a terceira regra. Você não tem direito senão a uma noite. Não pode me chamar pelo meu primeiro nome. E não pode me amar.

Os olhos cinzentos umedeceram-se.

— Mas e se não depender de mim?

— Não é amor o que você sente agora. — Esperava estar certo, pelo bem da jovem e pelo seu próprio bem. — É apenas o sentimento que despertei em seu corpo. É forte e é bom, mas não é amor.

— Qual a diferença?

Ele esfregou o rosto com força. Ela iria ser uma filósofa, pensou ele ironicamente. Inspirou fundo e expirou com força antes de responder.

— Bem, o amor é por uma única pessoa. Isso, que você sente por mim, você pode sentir por qualquer homem, não é particular.

Somente uma pessoa. Afastou o pensamento de Claire com firmeza e, exausto, inclinou-se mais uma vez em seu trabalho.

Caiu pesadamente no solo do canteiro de flores, sem se preocupar por ter amassado várias plantas pequenas e delicadas. Estremeceu. Esta hora antes da aurora não só era a mais escura, mas a mais fria também, e seu corpo protestou enfaticamente por ter que levantar-se de um ninho quente e macio para aventurar-se na escuridão gelada, protegido do ar glacial apenas por uma camisa fina e calças.

Lembrou-se da curva da face rosada que se inclinou para beijar antes de partir. Suas formas continuavam em seu pensamento, quentes em suas mãos, fazendo seus dedos se curvarem com a lembrança, mesmo enquanto procurava no escuro a linha mais escura do muro de pedras do estábulo. Exausto como estava, era um terrível esforço erguer-se e pular o muro, mas não podia arriscar-se a acordar Hughes, o chefe dos cavaleiros, com o rangido do portão.

Tateando, atravessou o pátio interno, entulhado de carroças e fardos de feno, prontos para a jornada de lady Geneva à casa de seu novo senhor, depois do casamento na próxima quinta-feira. Finalmente, ele empurrou a porta do estábulo e subiu a escada para seu palheiro. Deitou-se na palha gelada e cobriu-se com o único cobertor, sentindo-se inteiramente vazio.

15

POR FALTA DE SORTE

De forma bastante apropriada, o tempo estava escuro e tempestuoso quando a notícia chegou a Helwater. O exercício da tarde fora cancelado devido ao forte aguaceiro e os cavalos estavam acomodados em suas baias embaixo. Os sons reconfortantes e tranquilos de mastigação e relinchos elevavam-se até o palheiro em cima, onde Jamie Fraser reclinava-se em um confortável ninho forrado de feno, com um livro aberto e apoiado no peito.

Era um dos vários livros que tomara emprestado do capataz da propriedade, sr. Grieves, e estava achando a leitura absorvente, apesar da dificuldade de ler à luz fraca das fendas sob as calhas.

Meus lábios, que lancei à sua frente, de modo que ele não pudesse deixar de beijá-los, paralisaram-no, excitaram-no e encorajaram-no: e agora, voltando meus olhos para aquela parte de sua indumentária que cobria o essencial objeto de prazer, descobri claramente o intumescimento e a comoção ali. Como eu já estava muito adiantada para parar de um modo apropriado, e na verdade já não era capaz de me conter ou aguardar o progresso mais lento de sua timidez virginal, deslizei a mão entre suas coxas, sobre uma das quais pude ver e sentir um corpo rígido e duro, confinado pelas suas calças, e para o qual meus dedos não conseguiam achar o final.

— Ah, é mesmo? — murmurou Jamie com ceticismo. Ergueu uma das sobancelhas e ajeitou-se sobre o feno. Sabia que existiam livros como este, é claro, mas... com Jenny administrando a leitura em Lallybroch... nunca se deparara pessoalmente com um destes. O tipo de envolvimento mental exigido era um pouco diferente daquele solicitado por Defoe e Fielding, mas ele não era avesso ao tipo.

Seu prodigioso tamanho me fez encolher outra vez; e, no entanto, eu não pude, sem prazer, contemplar e mesmo me aventurar a tocar, tal comprimento, tal espessura de marfim vivo!, perfeitamente torneado e modelado; sua arrogante rigidez distendia a pele, cuja aveludada maciez e lustrosa perfeição podiam rivalizar com a mais delicada de nosso próprio sexo, e cuja extraordinária brancura era magnificamente destacada por um tufo de pelos encaracolados e pretos ao redor da base; depois, a cabeça larga e em tom azulado, e as serpentinas azuis de suas veias, tudo compunha o mais surpreendente conjunto de formas e cores da natureza. Em resumo, impunha-se como um objeto de terror e prazer!

Jamie lançou um olhar à própria forquilha entre as pernas e deu um muxoxo, mas passou a página, o estrépito de trovões do lado de fora não merecendo mais do que um vislumbre de sua atenção. Estava tão absorto que no começo não ouviu os ruídos embaixo, sons de vozes abafadas pela queda e escoamento da chuva pesada nas tábuas a poucos metros acima de sua cabeça.

— MacKenzie! — O repetido estertor abaixo finalmente penetrou em sua consciência e ele pôs-se de pé num salto, ajeitando apressadamente as roupas enquanto se dirigia à escada.

— Sim? — Espichou a cabeça por cima da borda do palheiro e viu Hughes, já abrindo a boca outra vez para um novo berro.

— Ah, aí está você. — Hughes fechou a boca e chamou-o com um aceno da mão enrijecida e nodosa, contraindo-se ao fazê-lo. Hughes sofria gravemente de reumatismo no tempo úmido; fugia da tempestade refugiando-se no pequeno quarto ao lado do lugar onde eram guardados arreios e selas. Ali, mantinha uma cama e um jarro de bebida grosseiramente destilada. O cheiro da bebida era perceptível ali de cima do palheiro e tornava-se cada vez mais forte à medida que Jamie descia as escadas. — Deve ajudar a aprontar a carruagem e conduzir lorde Dunsany e lady Isobel a Ellesmere — disse-lhe Hughes, no instante em que seus pés tocaram as lajes de pedra do assoalho do estábulo. O velho chefe dos cavaleiros cambaleava de forma alarmante,

sacudindo-se levemente com soluços.

— Agora? Está maluco? Ou apenas bêbado? — Olhou para a meia-porta aberta atrás de Hughes, que parecia um lençol de água corrente. Enquanto olhava, o céu iluminou-se com o clarão repentino de um raio que por um rápido instante colocou a montanha ao longe em nítido relevo. Da mesma forma repentina, ele desapareceu, deixando a imagem gravada em sua retina. Sacudiu a cabeça para apagar a imagem e viu Jeffries, o cocheiro, atravessando o pátio, a cabeça baixa contra a força do vento e da chuva, o manto bem enrolado no corpo. Então não se tratava de uma fantasia de Hughes, provocada pela bebida.

— Jeffries precisa de ajuda com os cavalos! — Hughes foi forçado a se inclinar para perto de Jamie e gritar, a fim de ser ouvido acima do barulho da tempestade. O cheiro de bebida alcoólica de má qualidade era insuportável a curta distância.

— Sim, mas por quê? Por que lorde Dunsany tem que... ah, dane-se!

Os olhos do chefe dos cavaleiros estavam embaçados e as pálpebras vermelhas; obviamente, ele não estava em condições de ser coerente. Enojado, Jamie afastou-o do caminho e subiu as escadas, dois degraus de cada vez.

Um instante para envolver-se em seu próprio manto surrado, outro instante para enfiar o livro que estava lendo embaixo do feno — os empregados do estábulo não respeitavam a propriedade alheia —, e ele já descia a escada outra vez e saía para a retumbante tempestade.

Foi uma viagem infernal. O vento uivava pelo desfiladeiro, atingindo a volumosa carruagem e ameaçando virá-la a qualquer momento. Empoleirado na boleia ao lado de Jeffries, um manto pouco protegia da chuva fustigante; menos ainda quando ele era obrigado a desmontar e colocar o ombro contra a roda para liberar a desgraçada das garras de um buraco de lama.

Ainda assim, ele mal notava a inconveniência física da viagem, preocupado como estava com as possíveis razões para isso. Não podia haver muitas questões de tamanha urgência para forçar um homem de idade como lorde Dunsany a sair de casa num dia como aquele, quanto mais enfrentar a estrada esburacada até Ellesmere. Alguma notícia chegara de Ellesmere e só

poderia dizer respeito a lady Geneva ou à criança que esperava.

Sabendo pelos mexericos dos criados que lady Geneva deveria dar à luz em janeiro, contara rapidamente os meses para trás, amaldiçoara Geneva Dunsany outra vez e depois fizera uma prece apressada para que ela tivesse um bom parto. Desde então, fizera o possível para não pensar mais nisso. Estivera com ela apenas três dias antes do casamento; não podia ter certeza.

Na semana anterior, lady Dunsany fora para Ellesmere para ficar com a filha. Desde então, enviava mensageiros diariamente para casa, para buscar as dezenas de apetrechos que ela se esquecera de levar e de que precisava com urgência, e todos eles, ao chegarem a Helwater, informaram: “Nenhuma notícia ainda.” Agora havia notícias e obviamente não eram boas.

Passando novamente para a frente da carruagem, após a última batalha com a lama, viu o rosto de lady Isobel espreitando por baixo da película de mica que cobria a janela.

— Ah, MacKenzie! — disse ela, o rosto contraído de medo e agonia. — Por favor, ainda falta muito?

Ele se aproximou para gritar em seu ouvido, acima do borbulhar e da precipitação das águas pelas valas que percorriam os dois lados da estrada.

— Jeffries diz que ainda faltam mais ou menos sete quilômetros, milady! Duas horas, aproximadamente. — Se a maldita carruagem não virasse e caísse da ponte Ashness, levando seus desafortunados passageiros com ela para dentro do lago Watendlath, acrescentou silenciosamente para si mesmo.

Isobel balançou a cabeça em sinal de agradecimento e abaixou a proteção da janela, mas não antes de ele ver que seu rosto estava molhado tanto de chuva quanto de lágrimas. A víbora da ansiedade que se enrolara em seu coração deslizou mais para baixo, torcendo suas entranhas.

Já eram quase três horas da tarde quando o cocheiro finalmente entrou no pátio de Ellesmere. Sem hesitação, lorde Dunsany saltou e, mal parando para dar o braço à sua filha mais nova, correu para dentro da casa.

Foi necessário quase mais uma hora para desatrelar os cavalos, enxugá-los, lavar a lama endurecida das rodas da carruagem e guardar tudo nos estábulos de Ellesmere. Entorpecidos de frio, fadiga e fome, ele e Jeffries buscaram refúgio e alimento nas cozinhas de Ellesmere.

— Coitados, estão azuis de frio — observou a cozinheira. — Sentem-se

aqui e já vou lhes trazer uma comida quente. — Uma mulher de complexão delgada e pequena, rosto astuto, sua figura contradizia sua habilidade, porque em poucos minutos uma enorme e apetitosa omelete foi colocada diante deles, acompanhada de fartas porções de pão e manteiga, e um pequeno pote de geleia.

— Ótimo, muito bom — comentou Jeffries, lançando um olhar aprovador à refeição. Piscou o olho para a cozinheira. — Mas desceria melhor com um gole de alguma coisa para pavimentar o caminho, hein? Você parece do tipo que teria compaixão de uma pobre dupla de sujeitos enregelados, não é, querida?

Quer tenha sido esse exemplo de persuasão irlandesa ou a visão de suas roupas pingando e soltando vapor, o argumento fez efeito e uma garrafa de conhaque para cozinhar surgiu ao lado do moedor de pimenta. Jeffries serviu uma grande dose e bebeu-a de uma só vez, estalando os lábios ao terminar.

— Ah, assim está melhor! Tome, rapaz. — Passou a garrafa para Jamie, depois se instalou confortavelmente para uma refeição quente e mexericos com as criadas. — Bem, então, o que está acontecendo aqui? O bebê já nasceu?

— Ah, sim, ontem à noite! — disse a ajudante de cozinha ansiosamente. — Ficamos acordados a noite toda, com a chegada do médico, e lençóis e toalhas limpas sendo requisitadas a toda hora, e a casa toda em polvorosa. Mas o bebê é o de menos!

— Ora, ora — a cozinheira interrompeu a criada, franzindo a testa em tom de censura. — Há muito trabalho para você ficar aí parada de mexericos. Ande, Mary Ann, vá ao gabinete e veja se o patrão quer mandar servir mais alguma coisa agora.

Jamie, limpando seu prato com um pedaço de pão, observou que a criada, longe de se sentir envergonhada com essa repreensão, afastou-se alegremente, fazendo-o deduzir que era provável que algo de considerável interesse estivesse prestes a ocorrer no gabinete.

Tendo obtido a atenção completa de sua plateia, a cozinheira deixou-se persuadir a revelar o mexerico com não mais do que um protesto simbólico.

— Bem, tudo começou há alguns meses, quando a gravidez de lady Geneva começou a aparecer, pobrezinha. O patrão sempre fora muito gentil

com ela, desde que se casaram, nada era demais para ele, qualquer coisa que ela quisesse ele mandava vir de Lunnon, sempre perguntando se ela estava bem agasalhada, se tinha tudo que queria comer... o patrão estava caidinho por ela. Mas, depois, quando descobriu que ela estava grávida...

A cozinheira parou para contorcer as feições num ricto de mau agouro.

Jamie queria desesperadamente saber da criança; se era menino ou menina e como estava passando. Entretanto, não parecia haver nenhum jeito de apressar a mulher, de modo que ele compôs uma expressão do maior interesse possível, inclinando-se para a frente para encorajá-la.

— Nossa, a gritaria, as brigas! — disse a cozinheira, atirando as mãos para cima numa ilustração consternada. — Ele gritava, ela chorava e ambos andando furiosamente para cima e para baixo, batendo portas, ele xingando-a com palavrões dignos de uma estrebaria. Assim, eu disse a Mary Ann quando ela me contou...

— Então o lorde não estava satisfeito com a criança? — interrompeu Jamie. A omelete estava emperrada como um torrão duro em algum lugar sob seu esterno. Tomou outro gole de conhaque, na esperança de desalojá-la.

A cozinheira voltou para ele um olhar brilhante, semelhante ao de um pássaro, a sobancelha arqueada em reconhecimento de sua inteligência.

— Bem, era de se esperar que estivesse, não é? Mas de modo algum! Longe disso — acrescentou ela com ênfase.

— Por que não? — perguntou Jeffries, apenas superficialmente interessado.

— Ele dizia — revelou a cozinheira, abaixando a voz em consideração ao teor escandaloso da informação — que a criança não era dele!

Jeffries, já bem adiantado em seu segundo copo, deu um muxoxo desdenhoso.

— Bode velho com gelatina nova? Imagino que seja bem provável, mas como o lorde podia saber com certeza de quem era o rebento? Tanto poderia ser dele quanto de qualquer um, apenas com a palavra da mulher, não é?

A boca fina da cozinheira estendeu-se num sorriso brilhante e malicioso.

— Bem, não sei como ele poderia saber de quem era, mas... há uma maneira segura de ele saber que não era dele, não é mesmo?

Jeffries olhou fixamente para a cozinheira, inclinando-se para trás em sua

cadeira.

— O quê? — exclamou ele. — Está me dizendo que o lorde é impotente? — Um largo sorriso diante de um pensamento tão interessante abriu-se em seu rosto maltratado pelas intempéries. Jamie sentiu a omelete subir e apressadamente engoliu outro trago de conhaque.

— Bem, eu é que não poderia saber, tenho certeza. — A cozinheira fez cara de santa do pau oco, depois acrescentou: — Embora a camareira realmente tenha dito que os lençóis da noite de núpcias que ela tirou da cama estavam tão brancos quanto no dia anterior, sem sombra de dúvida.

Já era demais. Interrompendo a risadinha encantada de Jeffries, Jamie depositou o copo na mesa com um baque e perguntou sem rodeios:

— A criança sobreviveu?

A cozinheira e Jeffries fitaram-no atônitos, mas, após um instante de perplexidade, ela balançou a cabeça afirmativamente em resposta.

— Ah, sim, claro. Aliás, é um garotinho belo e saudável, ou assim dizem. Pensei que já soubessem. A mãe é que está morta.

Essa afirmação brusca deixou a cozinha em silêncio. Até Jeffries ficou quieto por um instante, repentinamente sóbrio em face da morte. Em seguida, fez o sinal da cruz, murmurou: “Que Deus a tenha”, e engoliu o resto do seu conhaque.

Jamie podia sentir a própria garganta queimar, se de conhaque ou lágrimas ele não sabia. Choque e pesar sufocavam-no como uma bola de fio de lã presa em seu esôfago; mal conseguiu perguntar com um grasnido:

— Quando?

— Hoje de manhã — disse a cozinheira, balançando a cabeça pesarosamente. — Pouco antes de meio-dia, pobrezinha. Durante algum tempo, acharam que ela ficaria bem, depois que o bebê nasceu; Mary Ann disse que ela sentava-se na cama, segurando o bebê e rindo. — Suspirou pesadamente diante da ideia. — Mas depois, perto do amanhecer, começou a sangrar muito outra vez. Chamaram o médico de volta e ele veio o mais rápido que pôde, mas...

A porta abriu-se com estrondo, interrompendo-a. Era Mary Ann, os olhos arregalados sob o gorro, arfando de ansiedade e esforço.

— Seu patrão precisa de vocês! — disse ela num jato só, os olhos

dardejando de Jamie para o cocheiro e de volta. — Dos dois, imediatamente, e ah, senhor — ela engoliu em seco, balançando a cabeça para Jeffries —, ele disse para, pelo amor de Deus, levar suas pistolas!

O cocheiro trocou um olhar consternado com Jamie, em seguida levantou-se num salto e saiu a toda a pressa em direção aos estábulos. Como a maioria dos cocheiros, ele levava um par de pistolas carregadas embaixo do banco, contra a possibilidade de assaltantes de estrada.

Jeffries levaria alguns instantes para encontrar as armas e mais tempo ainda se resolvesse verificar se o estopim não fora danificado pela umidade. Jamie levantou-se e agarrou a trêmula criada pelo braço.

— Leve-me ao gabinete — disse ele. — Agora!

O som de vozes altercadas o teria levado até lá, tão logo tivesse chegado ao topo da escada. Passando por Mary Ann sem nenhuma cerimônia, parou por um instante do lado de fora da porta, sem saber se deveria entrar imediatamente ou esperar por Jeffries.

— Como pode ter a insolência absolutamente cruel de fazer tais acusações?! — dizia Dunsany, a voz de um homem idoso tremendo de cólera e angústia. — E minha pobre filha nem esfriou na cama! Seu patife, covarde! Não vou deixar a criança ficar sequer uma noite sob seu teto!

— O pequeno bastardo fica aqui! — A voz de Ellesmere soou áspera e rouca. Teria sido claro para um observador bem menos experiente que o senhor da propriedade era de longe o pior com bebidas. — Mesmo sendo um bastardo, ele é meu herdeiro e ficará comigo! Ele foi comprado e pago e se sua mãe era uma vagabunda, ao menos ela me deu um garoto.

— Desgraçado! — A voz de Dunsany atingira um tom tão agudo de estridência que não passava de um guincho, mas a indignação que se percebia nela era evidente. — Comprado? Você... você ousa insinuar...

— Eu não insinuo. — A voz de Ellesmere continuava rouca, porém mais controlada. — Você me vendeu sua filha, e sob falsas alegações, devo acrescentar — disse a voz rouca com sarcasmo. — Paguei trinta mil libras por uma virgem de boa família. A primeira condição não foi atendida e tomo a liberdade de duvidar da segunda. — O som de líquido sendo servido atravessou a porta, seguido pelo rangido de um copo sobre uma mesa de madeira.

— Diria que seu quinhão de bebida já foi excessivo, senhor — disse Dunsany. Sua voz tremia com um óbvio esforço para dominar suas emoções. — Só posso atribuir as ignomínias que lançou sobre a pureza de minha filha ao seu evidente estado de embriaguez. Assim sendo, vou pegar meu neto e partir.

— Ah, seu neto, hein? — A voz de Ellesmere soou arrastada e desdenhosa. — Parece muito convicto da “pureza” de sua filha. Tem certeza de que o fedelho não é seu? Ela disse...

Ele parou com um grito de surpresa, acompanhado de um barulho de queda. Sem ousar esperar mais, Jamie precipitou-se pela porta e encontrou Ellesmere e lorde Dunsany embolados sobre o tapete da lareira, rolando de um lado para o outro numa confusão de casacos, pernas e braços, ambos alheios à proximidade do fogo.

Jamie levou um instante para avaliar a situação; em seguida, aproveitando uma oportunidade, enfiou a mão no meio da refrega e ergueu seu patrão.

— Fique aí, milorde — murmurou no ouvido de Dunsany, arrastando-o para longe da figura arquejante de Ellesmere. Em seguida, disse: — Desista, velho idiota! — sibilou entre dentes, quando Dunsany continuou imprudentemente lutando para alcançar seu oponente. Ellesmere era quase da mesma idade de Dunsany, mas de compleição mais forte e obviamente com mais saúde, apesar da embriaguez.

Cambaleando, Ellesmere pôs-se de pé, os cabelos ralos desgrenhados e os olhos injetados cravados furiosamente em Dunsany. Limpou a boca salpicada de saliva com as costas da mão, os ombros robustos subindo e descendo com a respiração ofegante.

— Canalha — disse ele, quase em tom de conversa. — Colocar as mãos... em mim, hein? — Ainda arfando, lançou-se bruscamente para a corda da sineta.

Não havia nenhuma certeza de que lorde Dunsany ficaria onde estava, mas não havia tempo para se preocupar com isso. Jamie soltou seu patrão e lançou-se sobre a mão tateante de Ellesmere.

— Não, milorde — disse ele, da forma mais respeitosa possível. Segurando Ellesmere grosseiramente com uma gravata, forçou o corpulento lorde a recuar pela sala. — Acho que não seria... uma boa medida... envolver

seus criados. — Rosnando, empurrou Ellesmere numa poltrona.

— É melhor ficar aí, milorde. — Jeffries, uma pistola em cada mão, avançou cautelosamente pelo aposento, seu olhar lançando-se de Ellesmere, que lutava para levantar-se do fundo da poltrona, para lorde Dunsany, que agarrava-se precariamente à borda de uma mesa, o rosto envelhecido branco como papel.

Jeffries olhou para Dunsany à espera de instruções e, não obtendo nenhuma, instintivamente olhou para Jamie. Jamie sentiu uma enorme irritação; por que esperavam que ele resolvesse este imbróglio? De qualquer forma, era importante que o grupo de Helwater se retirasse imediatamente do local. Adiantou-se e segurou Dunsany pelo braço.

— Vamos embora daqui agora, milorde — disse ele. Arrancando o desfalecente da borda da mesa, tentou conduzir o nobre idoso e alto em direção à porta. Neste exato momento da fuga, a porta foi bloqueada.

— William? — O rosto redondo de lady Dunsany, manchado com as marcas de seu sofrimento recente, evidenciou uma espécie de perplexidade obtusa diante da cena no gabinete. Em seus braços, havia o que parecia ser uma trouxa grande e desfeita de roupa para lavar. Ergueu-a num movimento de vaga interrogação. — A criada disse que você queria que eu trouxesse o bebê. O que... — Um rugido de Ellesmere interrompeu-a. Indiferente às pistolas apontadas para ele, o conde saltou de sua poltrona e, com um empurrão, afastou o apalermado Jeffries do caminho.

— Ele é meu! — Atirando lady Dunsany bruscamente contra a parede, Ellesmere arrancou a trouxa de seus braços. Segurando-a contra o peito, o conde recuou em direção à janela. Olhou furiosamente para Dunsany, arquejando como uma fera acuada. — Meu, entendeu?

A trouxa emitia um gritinho agudo, como se protestasse contra essa afirmação, e Dunsany, despertado do seu estado de choque pela visão de seu neto nos braços de Ellesmere, lançou-se para a frente, as feições contorcidas de cólera.

— Dê-me o menino!

— Vá para o inferno, velho ridículo! — Com uma insuspeita agilidade, Ellesmere desviou-se de Dunsany. Puxou as cortinas e abriu uma fresta da janela girando a manivela com uma das mãos, enquanto agarrava a chorosa

criança com a outra.

— Saia já da minha casa! — Ofegava, arquejando a cada volta da manivela que alargava a abertura da janela. — Vá! Agora, ou jogarei o bastardo, eu juro! — Para enfatizar sua ameaça, empurrou a trouxa agora aos berros em direção ao parapeito e à escuridão vazia onde as pedras molhadas do pátio esperavam, dez metros abaixo.

Sem qualquer pensamento consciente ou temor das consequências, Jamie Fraser agiu segundo o instinto que já o conduzira por dezenas de batalhas. Arrancou uma das pistolas do paralisado Jeffries, girou nos calcanhares e atirou simultaneamente.

O estrondo do tiro emudeceu todos no aposento. Até a criança parou de berrar. O rosto de Ellesmere ficou lívido, as espessas sobrancelhas erguidas inquisitivamente. Em seguida, cambaleou, e Jamie arremeteu-se para a frente, notando com uma espécie de distante clareza o pequeno buraco redondo na cobertura solta do bebê, onde a bala da pistola a atravessara.

Estancou de repente, então, paralisado no tapete da lareira, alheio ao fogo que queimava a parte de trás de suas pernas, ao corpo ainda arfante de Ellesmere a seus pés, aos gritos histéricos e regulares de lady Dunsany, perfurantes como os de um pavão. Ficou parado, os olhos cerrados com força, tremendo como uma folha, incapaz de se mover ou pensar, os braços envolvendo com força a trouxa amorfa, que se contorcia e berrava, contendo seu filho.

— Quero falar com MacKenzie. A sós.

Lady Dunsany parecia completamente deslocada no estábulo. Pequena, gorda e impecavelmente vestida de linho preto, parecia um bibelô chinês, retirada de seu lugar seguro no consolo da lareira e em perigo constante e iminente de se quebrar, ali naquele mundo de animais rudes e homens brutos.

Hughes, com um olhar de absoluta perplexidade para sua patroa, fez uma medida e ajeitou os cabelos para trás antes de se retirar para seu quarto atrás da sala de arreios, deixando MacKenzie cara a cara com ela.

De perto, a impressão de fragilidade era acentuada pela palidez de seu rosto, ligeiramente rosado nos cantos do nariz e nos olhos. Ela parecia uma coelhinha muito digna, vestida de luto. Jamie achou que devia convidá-la a

sentar-se, mas não havia nenhum lugar para ela se sentar, a não ser um fardo de feno ou um carrinho de mão virado para baixo.

— A corte judicial reuniu-se hoje de manhã, MacKenzie — disse ela.

— Sim, milady. — Ele sabia, todos sabiam, e mantiveram-se longe dele durante toda a manhã. Não por respeito; por medo de alguém que sofre de uma doença mortal. Jeffries sabia o que acontecera em Ellesmere e isso significava que todos os empregados também sabiam. Mas ninguém comentou o ocorrido.

— O veredito da corte foi que o conde de Ellesmere morreu por acidente. A teoria do investigador é que o conde estava... perturbado — fez uma leve careta de repugnância — com a morte de minha filha. — Sua voz tremeu ligeiramente, mas ela não se interrompeu. A frágil lady Dunsany havia suportado a tragédia muito melhor do que o marido; os boatos entre os criados diziam que lorde Dunsany não se levantara da cama desde que voltara de Ellesmere.

— Sim, milady? — Jeffries fora chamado para testemunhar. MacKenzie, não. No que dizia respeito ao tribunal, o cavaleiro MacKenzie nunca colocara os pés em Ellesmere.

Os olhos de lady Dunsany fitaram os dele diretamente. Eram claros, verde-azulados, como os de sua filha Geneva, mas os brilhantes cabelos louros de Geneva estavam desbotados em sua mãe, mesclados de fios grisalhos como prata ao sol que penetrava pela porta aberta do estábulo.

— Nós somos muito gratos a você, MacKenzie — disse ela brandamente.

— Obrigado, milady.

— Muito gratos — repetiu ela, ainda fitando-o intensamente. — MacKenzie não é seu verdadeiro nome, não é? — ela disse de repente.

— Não, milady. — Um calafrio percorreu sua espinha, apesar do calor do sol da tarde em seus ombros. Quanto lady Geneva contara a sua mãe antes de morrer?

Ela pareceu perceber sua reação, pois o canto de sua boca ergueu-se no que ele acreditou ser um sorriso tranquilizador.

— Acho que eu não preciso perguntar qual é o verdadeiro ainda — disse ela. — Mas, na verdade, tenho uma pergunta para você. MacKenzie... você quer voltar para casa?

— Para casa? — Ele repetiu a palavra sem compreender.

— Para a Escócia. — Observava-o intensamente. — Sei quem você é — disse ela. — Não o seu nome, mas que você é um dos prisioneiros jacobitas de John. Meu marido me contou.

Jamie observou-a cautelosamente, mas ela não parecia transtornada; ao menos, não mais do que seria natural numa mulher que acabara de perder uma filha e de ganhar um neto.

— Espero que perdoe a fraude, milady — disse ele. — Lorde...

— Quis me poupar da preocupação — lady Dunsany terminou a frase para ele. — Sim, eu sei. William se preocupa demais. — Ainda assim, o sulco fundo entre suas sobrancelhas relaxou um pouco à ideia da preocupação de seu marido. O fato, com a prova subjacente de devoção conjugal, o fez sentir uma súbita e inesperada pontada de dor.

— Não somos ricos... deve ter compreendido isso pelas observações de Ellesmere — continuou lady Dunsany. — Helwater está profundamente afundada em dívidas. Meu neto, entretanto, agora é dono de uma das maiores fortunas do condado.

Não parecia haver nada a dizer além de: “Sim, milady?”, embora o fizesse parecer o papagaio que vivia no salão principal. Ele o vira quando se infiltrara furtivamente pelos canteiros de flores ao pôr do sol do dia anterior, aproveitando a chance de se aproximar da casa enquanto a família se aprontava para o jantar, numa tentativa de ver de relance o novo conde de Ellesmere pela janela.

— Estamos muito afastados aqui — continuou ela. — Raramente visitamos Londres e meu marido tem pouca influência nas altas rodas. Mas...

— Sim, milady? — Agora, tinha uma noção do que lady Dunsany queria dizer com sua conversa indireta e uma repentina sensação de júbilo criou um vazio sob suas costelas.

— John... quer dizer, lorde John Grey... vem de uma família muito influente. Seu padrasto é... bem, isso não vem ao caso. — Deu de ombros, os pequenos ombros em linho preto descartando os detalhes. — A questão é que talvez seja possível exercer suficiente influência em seu interesse para que seja liberado das condições de seu livramento condicional, de modo que possa retornar à Escócia. Assim, vim lhe perguntar: quer voltar para casa,

MacKenzie?

Ele perdeu a respiração, como se alguém tivesse dado um soco forte na boca do seu estômago.

Escócia. Ir embora desta região úmida, pantanosa, colocar os pés naquela estrada proibida e caminhar em liberdade, com passos largos e firmes, subindo as escarpas e percorrendo as trilhas de veado, sentir o ar cada vez mais puro e impregnado do aroma de tojos e urzes. Voltar para casa!

Não ser mais um estranho. Deixar para trás a hostilidade e a solidão, chegar a Lallybroch e ver o rosto da irmã iluminar-se de alegria ao avistá-lo, sentir seus braços em torno de sua cintura, o abraço de Ian em torno de seus ombros e as mãos das crianças, agarrando-o, puxando-o pelas roupas.

Ir embora, e nunca mais ver ou saber de seu próprio filho. Olhou fixamente para lady Dunsany, o rosto impassível, indecifrável, de modo que ela não percebesse o turbilhão de emoções que aquela oferta desencadeara em seu íntimo.

Ele havia, finalmente, descoberto o bebê ontem, dormindo num cesto perto da janela de um quarto no segundo andar. Precariamente empoleirado num galho de um enorme abeto norueguês, ele estreitara os olhos para ver melhor através da cortina de agulhas de abeto que o ocultavam.

O rosto da criança só era visível de perfil, uma bochecha gorducha descansando sobre o ombro coberto de babados. A touca se deslocara para o lado, de modo que ele pôde ver a curva lisa do minúsculo crânio, coberto com uma leve penugem louro-clara.

“Graças a Deus que não é ruivo”, fora seu primeiro pensamento, persignando-se em seguida num agradecimento.

“Meu Deus, ele é tão pequeno!”, foi seu segundo pensamento, associado a uma intensa necessidade de entrar pela janela e pegar o bebê no colo. A cabeça lisa, tão bem torneada, caberia perfeitamente na palma de sua mão. Pôde sentir, na lembrança, o corpinho agitado que ele segurara por tão pouco tempo junto ao coração.

— Você é um garoto forte — murmurara ele. — Forte, corajoso e bonito. Mas, por Deus, como você é pequeno!

Lady Dunsany aguardava pacientemente. Ele inclinou a cabeça respeitosamente, sem saber se estava cometendo um terrível erro, mas

incapaz de agir de outra forma.

— Agradeço-lhe, milady, mas... acho que não devo ir... por enquanto.

Uma sobrancelha clara estremeceu levemente, mas ela inclinou a cabeça para ele com igual deferência.

— Como quiser, MacKenzie. Só tem que pedir.

Virou-se como uma minúscula figura de relógio e se afastou, voltando ao mundo de Helwater, agora mil vezes mais uma prisão para ele do que jamais fora.

16

WILLIE

Para sua enorme surpresa, os anos seguintes foram sob muitos aspectos os mais felizes da vida de Jamie Fraser, a não ser pelo período de seu casamento.

Livre da responsabilidade por colonos, partidários ou qualquer pessoa além de si mesmo e dos cavalos a seu cargo, a vida era relativamente simples. Embora a corte judicial não tivesse tomado conhecimento de sua existência, Jeffries deixara escapar o suficiente sobre a morte de Ellesmere para que os demais criados o tratassem com um respeito distante, mas não contassem demasiado com sua presença.

Tinha o suficiente para comer, roupas suficientes para se manter aquecido e dignamente vestido, e de vez em quando uma carta discreta das Terras Altas assegurava-lhe que lá prevaleciam as mesmas condições.

Um benefício inesperado da vida tranquila em Helwater era o fato de que, de certa forma, retomara sua estranha amizade com lorde John Grey. O major, como prometido, vinha a Helwater uma vez a cada três meses, sempre permanecendo por alguns dias em visita aos Dunsany. Não fizera, entretanto, nenhuma tentativa de humilhá-lo ou mesmo de falar com Jamie, além de algumas perguntas estritamente formais.

Aos poucos, Jamie compreendera tudo que lady Dunsany deixara implícito, em sua oferta de libertá-lo. “John... quer dizer, lorde John Grey... vem de uma família muito influente. Seu padrasto é... bem, isso não vem ao caso”, dissera ela. Mas vinha, sim, ao caso. Não fora a vontade de Sua Majestade que o trouxera para Helwater, em vez de condená-lo à perigosa travessia do oceano e à semiescravidão na América; fora a influência de John Grey.

E não o fizera por vingança ou razões indecentes, pois nunca se vangloriara, nunca fizera propostas; nunca dissera nada além de palavras comuns de civilidade. Não, ele levara Jamie para Helwater porque foi o melhor que pôde conseguir; incapaz de simplesmente libertá-lo na ocasião,

Grey fizera o melhor possível para facilitar as condições do cativeiro — proporcionando-lhe ar, luz e cavalos.

Foi preciso um esforço extra, mas ele o fez. Na vez seguinte em que John Grey apareceu no pátio do estábulo em sua visita trimestral, Jamie esperou até que o major estivesse sozinho, admirando a conformação de um enorme alazão castrado. Aproximou-se de Grey, apoiando-se na cerca. Observaram o cavalo em silêncio por alguns minutos.

— Peão do rei para rei quatro — disse Jamie serenamente por fim, sem olhar para o homem a seu lado.

Sentiu o sobressalto de surpresa de Grey e seus olhos sobre ele, mas não virou a cabeça. Em seguida, sentiu o estalido da madeira sob seu braço quando Grey virou-se, apoiando-se na cerca outra vez.

— Cavalo da rainha para rainha bispo três — retrucou Grey, a voz um pouco mais rouca do que o normal.

Desde então, Grey ia ao estábulo a cada visita para passar algumas horas da noite sentado no tosco banco de Jamie, conversando. Não tinham nenhum tabuleiro de xadrez e raramente jogavam verbalmente, mas as conversas até altas horas da noite continuaram — a única conexão de Jamie com o mundo fora de Helwater e um pequeno prazer que ambos aguardavam com agradável expectativa a cada trimestre.

Acima de tudo, ele tinha Willie. Helwater era dedicada a cavalos; antes mesmo que o garoto pudesse ficar em pé com firmeza, seu avô já o colocava em cima de um pônei, a ser puxado lentamente em volta do curral. Quando Willie fez três anos, já andava a cavalo sozinho — sob o olhar cuidadoso de MacKenzie, o cavaleiro.

Willie era um garoto forte, corajoso e belo. Possuía um sorriso deslumbrante e era capaz de encantar os pássaros das árvores se assim desejasse. Era também extremamente mimado. Como o nono conde de Ellesmere e o único herdeiro tanto de Ellesmere quanto de Helwater, sem mãe nem pai para mantê-lo sob controle, ele era malcriado com seus indulgentes avós, sua jovem tia e com todos os criados do lugar — exceto MacKenzie.

E isso por milagre. Até então, ameaças de não permitir que o garoto o ajudasse com os cavalos haviam sido suficientes para reprimir os piores

excessos de Willie nos estábulos, porém, mais cedo ou mais tarde, apenas as ameaças não seriam mais suficientes e MacKenzie, o cavaleiro, viu-se imaginando o que iria acontecer quando ele finalmente perdesse o próprio controle e desse um tapa no diabinho.

Quando garoto, ele próprio teria sido surrado até perder os sentidos pelo parente masculino mais próximo, caso tivesse a ousadia de se dirigir a uma mulher do modo como ouvia Willie falar com sua tia e com as criadas. A tentação de arrastar Willie até uma baia vazia e tentar corrigir seus modos era cada vez mais frequente.

Ainda assim, na maior parte, ele tinha apenas alegrias com Willie. O garoto adorava MacKenzie e, conforme crescia, passava horas em sua companhia, montado nos enormes cavalos de tração que puxavam o pesado rolo pelos campos altos e precariamente empoleirado nas carroças de feno quando desciam dos pastos de cima, no verão.

Entretanto, havia uma ameaça a essa tranquila existência, que crescia a cada mês. Ironicamente, a ameaça vinha do próprio Willie e não havia nada que ele pudesse fazer.

— Que rapazinho bonito ele é! É um cavaleiro esplêndido! — Foi lady Grozier quem falou, de pé na varanda com lady Dunsany, para admirar as peregrinações de Willie em seu pônei ao redor das bordas do gramado.

A avó de Willie riu, olhando amorosamente para o menino.

— Ah, sim. Ele adora seu pônei. Temos dificuldade até em fazê-lo entrar para as refeições. E ele adora o cavaleiro. Às vezes, brincamos que ele passa tanto tempo com MacKenzie que está começando a se parecer com MacKenzie!

Lady Grozier, que obviamente não prestara nenhuma atenção a um cavaleiro, olhou na direção de MacKenzie.

— Ora, você tem razão! — exclamou ela, achando graça. — Veja só... Willie tem a mesma maneira de inclinar a cabeça e de empinar os ombros! Que engraçado!

Jamie inclinou-se respeitosamente para as damas, mas sentiu um suor frio porejar em seu rosto.

Já antevira essa situação, mas não quis acreditar que a semelhança fosse tão pronunciada a ponto de ser visível para qualquer outra pessoa além dele

mesmo. Willie, quando bebê, era roliço e com bochechas rechonchudas, não se parecia com ninguém. Mas, à medida que fora crescendo, o aspecto rechonchudo desaparecera de suas faces e do queixo e, embora seu nariz ainda fosse macio e arrebitado como era próprio das crianças, a sugestão de maçãs do rosto altas e pronunciadas era evidente. Além disso, os olhos acinzentados característicos dos bebês haviam dado lugar a olhos claros e límpidos, azul-escuros, ligeiramente puxados e espessamente emoldurados por pestanas cor de ferrugem.

Depois que as senhoras entraram na casa e ele assegurou-se de que não havia ninguém observando, Jamie passou a mão furtivamente pelas próprias feições. A semelhança seria realmente assim tão grande? Os cabelos de Willie eram de um castanho-claro e suave, apenas com uma nuance do brilho dourado dos cabelos de sua mãe. E aquelas orelhas grandes, translúcidas? As suas certamente não eram assim para fora?

O problema é que Jamie Fraser na verdade não se via claramente há alguns anos. Cavalariços não possuíam espelhos e ele diligentemente evitava a companhia das criadas, que poderiam ter lhe fornecido um.

Dirigindo-se ao cocho de água, inclinou-se sobre ele, disfarçadamente, como se inspecionasse um dos insetos que patinavam na superfície. Sob o espelho ondulante, pontilhado de fragmentos flutuantes de feno e crivado de perturbações causadas pelos insetos, seu próprio rosto fitava-o intensamente.

Engoliu em seco e viu o reflexo de sua garganta se mover. Não era uma semelhança absoluta, mas sem dúvida estava lá. Mais na postura da cabeça e dos ombros, como lady Grozier ressaltara, mas sem dúvida alguma também nos olhos. Os olhos dos Fraser; seu pai, Brian, possuía aqueles olhos, assim como sua irmã, Jenny. Quando os ossos do menino despontassem sob a pele, quando o nariz arrebitado de criança se tornasse longo e reto e as maçãs do rosto ainda mais proeminentes — todos seriam capazes de notar.

O reflexo no cocho desapareceu quando ele se endireitou. Ficou parado, fitando cegamente o estábulo que fora seu lar nos últimos anos. Era julho e o sol estava quente, mas não alterou a friagem que entorpecia seus dedos e fazia um calafrio percorrer sua espinha.

Chegara a hora de falar com lady Dunsany.

Em meados de setembro, tudo já fora arranjado. O perdão fora obtido; John Grey o trouxera no dia anterior. Jamie havia economizado um pouco de dinheiro, suficiente para as despesas de viagem, e lady Dunsany dera-lhe um bom cavalo. Restava apenas dizer adeus a seus conhecidos em Helwater — e a Willie.

— Partirei amanhã — Jamie falou de modo pragmático, sem tirar os olhos do machinho da égua baia. O calo que ele estava desbastando desfez-se, deixando um pó de aparas pretas no chão do estábulo.

— Aonde você vai? A Derwentwater? Posso ir com você? — William, visconde de Dunsany, nono conde de Ellesmere, saltou da borda do boxe, aterrissando com um baque surdo que fez com que a égua se assustasse e relinchasse.

— Não faça isso — disse Jamie automaticamente. — Já não lhe disse para mover-se com cuidado perto de Milly? Ela está arisca.

— Por quê?

— Você também não ficaria se eu apertasse seu joelho? — Estendeu a mão enorme e beliscou o músculo logo acima do joelho do menino. Willie deu um gritinho e um salto para trás, rindo.

— Posso andar na Millyflower quando você terminar, Mac?

— Não — respondeu Jamie pacientemente, pela duodécima vez naquele dia. — Já lhe disse mil vezes, ela ainda é grande demais para você.

— Mas eu quero andar nela!

Jamie suspirou, mas não respondeu. Em vez disso, deu a volta para o outro lado de Milles Fleurs e pegou o casco esquerdo.

— Eu já disse que quero andar na Milly!

— Eu ouvi.

— Então, sele ela para mim! Agora mesmo!

O nono conde de Ellesmere empinou o queixo o máximo que pôde, mas a expressão desafiadora em seus olhos moderou-se com uma certa dúvida ao perceber o frio olhar azul de Jamie. Jamie pousou o casco da égua lentamente no chão, endireitou-se igualmente devagar e, erguendo-se em toda a sua altura de quase dois metros, colocou as mãos na cintura, abaixou os olhos para o conde, de pouco mais de um metro, e disse, com a voz muito baixa e branda.

— Não.

— Sim! — William bateu o pé no chão coberto de feno. — Você tem que fazer o que eu lhe digo!

— Não, não tenho.

— Tem, sim!

— Não, eu... — Sacudindo a cabeça com força suficiente para fazer seus cabelos ruivos voarem de um lado para outro, Jamie pressionou os lábios com força, depois se agachou em frente ao garoto. — Olhe aqui — disse ele —, eu não tenho que fazer o que você diz, porque não vou mais ser cavalição aqui. Já lhe disse, vou embora amanhã.

O rosto de Willie ficou totalmente pálido com o choque e as sardas em seu nariz destacaram-se contra a pele branca.

— Não pode! — disse ele. — Não pode ir embora.

— É preciso.

— Não! — O pequeno conde cerrou o maxilar, o que lhe dava uma semelhança verdadeiramente surpreendente com seu bisavô paterno. Jamie agradeceu à sua sorte o fato de ninguém em Helwater jamais ter visto Simon Fraser, lorde Lovat. — Eu não vou deixar você partir!

— Desta vez, milorde, não há nada que possa fazer — retrucou Jamie com firmeza, sua tristeza por partir amenizada em parte por finalmente poder falar abertamente ao garoto.

— Se você for embora... — Willie olhou ao redor em busca de uma ameaça e viu uma bem à mão. — Se você for embora — repetiu ele com mais confiança —, vou gritar, berrar e assustar todos os cavalos!

— Dê um pio, diabinho, e eu lhe dou um sopapo no pé do ouvido! — Livre de sua reserva habitual e alarmado com a ideia de que aquele fedelho mimado pudesse assustar os cavalos valiosos e altamente sensíveis, Jamie olhou furiosamente para o garoto.

Os olhos do conde esbugalharam-se e seu rosto ficou roxo de raiva. Ele respirou fundo, depois girou nos calcanhares e correu por todo o comprimento do estábulo, berrando e agitando os braços.

Milles Fleurs, já nervosa por estarem mexendo em seus cascos, ergueu-se nas patas traseiras e depois se precipitou para a frente, relinchando de forma assustadora. Sua agitação foi seguida de coices e relinchos agudos das baias

próximas, onde Willie urrava todos os palavrões que conhecia — e não eram poucos —, chutando freneticamente as portas dos boxes.

Jamie conseguiu agarrar a corda-guia de Milles Fleurs e, com considerável esforço, levou a égua para fora sem danos para ele ou para o animal. Amarrou-a na cerca do curral e voltou a passos largos e pesados para o estábulo, a fim de acertar as contas com Willie.

— Droga, droga, droga! — berrava o conde. — Porco! Merda! Filho da mãe!

Sem uma palavra, Jamie agarrou o garoto pela gola, levantou-o do chão e carregou-o, esperneando e debatendo-se, para o banco de ferrador de cavalos que estivera usando. Sentou-se no banquinho, colocou o conde sobre o joelho e deu cinco ou seis palmadas em suas nádegas, com força. Depois, levantou o menino com um safanão e colocou-o de pé.

— Eu te odeio! — O rosto sujo de lágrimas do conde estava vivamente vermelho e seus punhos cerrados tremiam de raiva.

— Bem, eu também não gosto muito de você, seu filho da mãe! — retrucou Jamie.

Willie empertigou-se, os punhos cerrados, as faces roxas.

— Eu não sou um filho da mãe! Não sou um bastardo! — gritou ele com voz aguda. — Não sou! Não sou! Retire o que disse! Ninguém pode me dizer isso! Retire, já disse!

Jamie olhou para o garoto em estado de choque. Então realmente havia boatos, e Willie já os ouvira. Ele adiara demais a sua partida.

Respirou fundo uma, duas vezes, e torceu para que sua voz não tremesse.

— Eu retiro o que disse — falou ele suavemente. — Eu não deveria ter usado essa palavra, milorde.

Ele teve vontade de se ajoelhar e abraçar o menino, ou pegá-lo no colo e consolá-lo contra seu ombro — mas esse não era um gesto próprio de um cavaleiro em relação a um conde, ainda que criança. A palma de sua mão esquerda formigava e ele fechou os dedos com força sobre o único carinho paternal que provavelmente jamais daria a seu filho.

Willie sabia como um conde devia se comportar; estava fazendo um esforço descomunal para conter as lágrimas, fungando ferozmente e limpando o rosto com a manga da camisa.

— Permita-me, milorde. — Jamie de fato ajoelhou-se e limpou o rosto do menino delicadamente com seu próprio lenço rústico. Os olhos de Willie fitaram-no por cima das dobras do lenço de algodão, vermelhos e aflitos.

— Você tem mesmo que ir, Mac? — perguntou ele, com uma voz quase inaudível.

— Tenho, sim. — Fitou os olhos azul-escuros e de repente deixou de lado o que era apropriado ou quem poderia vê-lo. Puxou o menino para junto de si, abraçando-o com força contra o coração, segurando a cabecinha junto a seu ombro, para que Willie não visse as rápidas lágrimas que caíram em seus cabelos macios e espessos.

Os braços de Willie envolveram seu pescoço e agarraram-se a ele. Podia sentir o corpo pequeno e vigoroso sacudir-se contra o seu, com a força dos soluços reprimidos. Bateu de leve nas costas pequeninas e alisou os cabelos de Willie, murmurando doces palavras em gaélico, que ele esperava que o menino não compreendesse.

Por fim, tirou os bracinhos de seu pescoço e delicadamente o afastou.

— Venha comigo ao meu quarto, Willie. Quero lhe dar uma coisa para você guardar.

Há muito tempo ele se mudara do palheiro, passando a ocupar o quartinho de Hughes ao lado da sala de arreios depois que o idoso chefe dos cavaleiros se aposentou. Era um cômodo pequeno e parcamente mobiliado, mas possuía as virtudes do calor e da privacidade.

Além da cama, do banco e do urinol, havia uma mesinha, sobre a qual viam-se alguns livros que lhe pertenciam, uma vela grande num castiçal de cerâmica e uma vela menor, grossa e gasta, em frente a uma pequena imagem da Virgem Maria. Era uma escultura barata, de madeira, que Jenny lhe enviara, mas fora feita na França e com um talento artístico considerável.

— Para que serve esta vela? — perguntou Willie. — A vovó diz que somente os malditos papistas queimam velas em frente a imagens pagãs.

— Bem, eu sou um maldito papista — disse Jamie, com um trejeito irônico da boca. — Mas não é uma imagem pagã; é a estátua da Mãe de Deus.

— Você é? — Obviamente essa revelação serviu apenas para aumentar o fascínio do garoto. — Por que os papistas acendem velas diante de estátuas?

Jamie passou a mão pelos cabelos.

— Sim, bem. É... talvez uma maneira de rezar, e de se lembrar. Você acende a vela, faz uma prece e pensa nas pessoas que são importantes para você. E enquanto ela queimar, a chama lembra deles por você.

— De quem você se lembra? — Willie ergueu os olhos para ele. Seus cabelos estavam arrepiados, desgrenhados pela comoção anterior, mas seus olhos azuis estavam límpidos e interessados.

— Ah, de muita gente. Minha família nas Terras Altas, minha irmã e sua família. Amigos. Minha mulher. — E, às vezes, a vela queimava em memória de uma garota, jovem e imprudente, chamada Geneva, mas ele não disse isso.

Willie franziu a testa.

— Você não tem uma mulher.

— Não. Não tenho mais. Mas sempre me lembro dela.

Willie estendeu um dedo rechonchudo e cautelosamente tocou a pequena estátua. Os braços da Virgem estavam abertos, um ar terno e maternal gravado em suas belas feições.

— Eu também quero ser um maldito papista — disse Willie com firmeza.

— Não pode! — exclamou Jamie, em parte achando graça e em parte enternecido com a ideia. — Sua avó e sua tia enlouqueceriam.

— Elas soltariam espuma pela boca como aquela raposa louca que você matou? — perguntou Willie, de repente animado.

— Eu não me admiraria — disse Jamie secamente.

— Quero fazer isso! — As feições pequenas, claras, estavam determinadas. — Não contarei à vovó nem à tia Isobel; não contarei a ninguém. Por favor, Mac! Por favor, deixe! Quero ser igual a você!

Jamie hesitou, tanto enternecido com a ansiedade do menino como subitamente desejoso de deixar seu filho com algo mais do que o cavalo de madeira que ele esculpira para dar a ele como presente de despedida. Tentou se lembrar do que o padre McMurtry lhe ensinara na escola a respeito do batismo. Uma pessoa laica poderia batizar, lembrou ele, desde que a situação fosse de emergência e não houvesse nenhum padre por perto.

Seria um exagero dizer que a presente situação era uma emergência, mas... um impulso repentino o fez pegar o jarro de água que mantinha no peitoril da janela.

Os olhos tão parecidos com os seus observavam, arregalados e solenes, enquanto ele cuidadosamente alisava os macios cabelos castanho-claros para trás, afastando-os da fronte. Mergulhou três dedos na água e de leve traçou uma cruz na testa do menino.

— Eu o batizo William James — disse ele suavemente —, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Willie piscou, meio vesgo por causa de uma gota de água que escorreu pelo seu nariz. Colocou a língua para fora para pegá-la e Jamie riu, a despeito de si mesmo.

— Por que me chamou de William James? — perguntou Willie com curiosidade. — Meus outros nomes são Clarence Henry George. — Fez uma careta; não achava que Clarence fosse um bom nome.

Jamie ocultou um sorriso.

— Você recebe um novo nome quando é batizado. James é seu nome papista especial. É o meu também.

— É mesmo? — Willie ficou encantado. — Sou um maldito papista agora, como você?

— Sim, até onde eu possa garantir, pelo menos. — Sorriu para Willie e, movido por novo impulso, enfiou a mão por baixo da gola de sua camisa. — Tome. Guarde isto também, para se lembrar de mim. — Passou o rosário de contas de madeira delicadamente pela cabeça de Willie. — Mas não pode deixar que ninguém veja isto — avisou ele. — E pelo amor de Deus, não diga a ninguém que você é um papista.

— Não vou dizer — prometeu Willie. — A ninguém. — Enfiou o rosário para dentro da camisa, batendo de leve para se certificar de que estava escondido.

— Ótimo. — Jamie estendeu a mão e despenteou ainda mais os cabelos de Willie, despachando-o. — Já está quase na hora do seu chá; é melhor você voltar para casa agora.

Willie começou a se dirigir para a porta, mas parou no meio do caminho, repentinamente aflito outra vez, com uma das mãos aberta sobre o peito.

— Você disse para eu guardar isto para me lembrar de você. Mas eu não tenho nada para você se lembrar de mim!

Jamie esboçou um sorriso. Seu coração estava tão apertado que ele achou

que não iria conseguir respirar para poder falar, mas obrigou as palavras a serem pronunciadas.

— Não se preocupe — disse ele. — Eu me lembrarei de você.

MONSTROS DO LAGO

Brianna piscou, ajeitando para trás uma brilhante mecha de cabelo embaralhada pelo vento.

— Já havia quase me esquecido de como era o sol — disse ela, apertando os olhos contra o sol que reluzia com uma ferocidade incomum sobre as águas escuras do lago Ness.

Sua mãe espreguiçou-se lentamente, desfrutando a brisa.

— Sem falar no ar fresco. Sinto-me como um cogumelo que ficou crescendo no escuro durante semanas, todo pálido, úmido e mole.

— Que belas pesquisadoras vocês duas dariam — disse Roger, mas abriu um largo sorriso. Todos três estavam de excelente humor. Após o árduo trabalho de examinar os registros das prisões, até chegar à de Ardsmuir, tiveram um período de sorte. Os registros de Ardsmuir estavam completos, em um único local, e, em comparação a muitos outros, extraordinariamente claros. Ardsmuir fora uma prisão durante apenas quinze anos; depois de sua reforma, realizada com a mão de obra dos prisioneiros jacobitas, foi transformada numa pequena guarnição militar permanente e a população carcerária dispersada — a maioria dos presos enviada para colônias na América.

— Eu ainda não consigo entender por que Fraser não foi enviado com os demais para a América — disse Roger. Tivera um momento de pânico na ocasião, examinando cuidadosamente, inúmeras vezes, a lista de condenados enviados para as colônias, verificando nome por nome, sem encontrar nenhum Fraser. Concluía que Jamie Fraser devia ter morrido na prisão e suara frio de medo à ideia de levar a notícia às Randall, até que uma virada de página mostrara a condicional de Fraser, designando-o para um lugar chamado Helwater.

— Não sei — disse Claire —, mas foi bom ele não ter sido levado para a América. Ele fica... ficava — corrigiu-se rapidamente, mas não o suficiente

para impedir que Roger notasse o deslize — terrivelmente enjoado no mar. — Fez um gesto indicando a superfície do lago diante deles, dançando com pequenas ondulações. — Até mesmo sair em um lugar como este o deixava verde em questão de minutos.

Roger lançou um olhar para Brianna com interesse.

— Está enjoada?

Ela sacudiu a cabeça, os brilhantes cabelos esvoaçando ao vento.

— Não. — Deu umas pancadinhas na altura do estômago com orgulho.

— Eu sou de ferro.

Roger riu.

— Quer dar uma volta de barco, então? Afinal, são suas férias.

— Verdade? Poderíamos ir? Pode-se pescar lá? — Brianna encobriu os olhos, olhando ansiosamente para as águas escuras.

— Claro. Já peguei salmão e enguias muitas vezes no lago Ness — assegurou Roger. — Venha, vamos alugar um barquinho nas docas em Drumnadrochit.

A viagem de carro a Drumnadrochit foi prazerosa. Era um desses dias límpidos e luminosos de verão que fazem com que os turistas do sul sigam para a Escócia em bandos durante agosto e setembro. Com um café da manhã dos mais fartos no estômago, graças a Fiona, e um dos seus almoços arrumado num cesto no porta-malas, com Brianna Randall, cabelos longos ao vento, sentada a seu lado, Roger estava começando a achar que tudo ia às mil maravilhas no mundo.

Permitiu-se celebrar com grande satisfação os resultados de suas pesquisas. Significara pedir uma licença adicional de sua faculdade para o período do verão, mas valera a pena.

Depois de encontrar o registro da condicional de James Fraser, levaram mais duas semanas de trabalho árduo e investigação — até mesmo uma rápida viagem de fim de semana de Roger e Bree a Lake District e outra dos três a Londres. Depois, veio a descoberta que fez Brianna gritar de satisfação no meio da sacrossanta sala de leitura do Museu Britânico, provocando sua saída apressada em meio a ondas glaciais de reprovação. A descoberta do Indulto Real, estampado com o selo de George III, *Rex Angletene*, datado de

1764, exibindo o nome de “James Alexander MacKenzie Fraser”.

— Estamos chegando perto — dissera Roger, exultante com a fotocópia do documento. — Muito perto!

— Perto? — dissera Brianna, mas depois se distraíra com a chegada do ônibus e não dera continuidade ao assunto. Mas Roger percebeu o olhar de Claire sobre ele; ela sabia muito bem o que ele queria dizer.

Ela devia, é claro, estar pensando nisso; imaginava se Brianna estaria. Claire viajara para o passado em 1945, desaparecendo pelo círculo de pedras verticais em Craigh na Dun e reaparecendo em 1743. Vivera com Jamie Fraser por quase três anos, depois retornara através das pedras. E ela voltara quase três anos após o desaparecimento original, em abril de 1948.

Tudo isso significava — provavelmente — que se ela estivesse disposta a tentar a viagem de volta pelas pedras mais uma vez, provavelmente chegaria vinte anos depois de ter ido embora, ou seja, em 1766. E 1766 era apenas dois anos depois da última data conhecida em que Jamie Fraser fora localizado, vivo e são. Se ele tivesse sobrevivido mais dois anos e se Roger pudesse encontrá-lo...

— Lá está! — exclamou Brianna. — “Alugam-se barcos”. — Apontou para o cartaz na janela do pub das docas e Roger estacionou o carro numa vaga em frente, sem pensar mais em Jamie Fraser.

— Por que será que os baixinhos geralmente se apaixonam por mulheres altas? — A voz de Claire atrás dele fez eco aos pensamentos de Roger com uma estranha precisão, e não pela primeira vez.

— A síndrome da mariposa e da chama, talvez? — sugeriu Roger, franzindo o cenho diante do evidente fascínio do minúsculo barman por Brianna. Ele e Claire estavam diante do balcão de aluguel de barcos, aguardando o funcionário preencher o recibo, enquanto Brianna comprava garrafas de Coca-Cola e cerveja escura para acompanhar o almoço.

O jovem barman, que chegava à altura das axilas de Brianna, saltitava de um lado para outro, oferecendo ovos em conserva e fatias de língua defumada, os olhos revirados em adoração para a deusa de top amarelo diante dele. Por sua risada, Brianna parecia achar o sujeito “engraçadinho”.

— Eu sempre disse a Bree para não se envolver com baixinhos —

comentou Claire, observando a cena.

— É mesmo? — disse Roger secamente. — Por alguma razão, eu não vejo você como uma mãe conselheira.

Ela riu, indiferente ao azedume momentâneo dele.

— Bem, não faço o tipo mesmo, não muito. Mas quando se nota um princípio importante como este, parece ser um dever de mãe transmiti-lo.

— Algum problema com homens baixos? — perguntou Roger.

— Eles costumam ser mesquinhos se não conseguem o que querem — respondeu Claire. — Como esses cachorrinhos que latem sem parar. Bonitinhos e fofinhos, mas basta contrariá-los e você provavelmente vai ganhar uma desagradável mordida no tornozelo.

Roger riu.

— Essa observação é o resultado de anos de experiência, suponho?

— Ah, sim. — Ela balançou a cabeça, fitando-o. — Nunca conheci um maestro com mais de um metro e meio de altura. Sujeitinhos pérfidos, praticamente todos eles. Mas os homens altos... — seus lábios curvaram-se ligeiramente, enquanto ela corria os olhos pelo um metro e noventa e dois centímetros de Roger — os homens altos são quase sempre muito meigos e gentis.

— Meigos, hein? — disse Roger, com um olhar cínico para o barman, que cortava em pedacinhos uma enguia em conserva para Brianna. O rosto da jovem expressava uma cautelosa repugnância, mas ela inclinou-se para a frente, torcendo o nariz ao aceitar o pedaço oferecido em um garfo.

— Com as mulheres — esclareceu Claire. — Sempre achei que é porque eles sabem que não precisam provar nada; quando fica óbvio que eles podem fazer o que bem quiserem, quer você queira ou não, não precisam tentar provar isso.

— Ao passo que um baixinho — estimulou Roger.

— Ao passo que um baixinho sabe que não pode fazer qualquer coisa, a menos que você permita. Saber disso o deixa maluco, de modo que ele está sempre tentando alguma coisa só para provar que é capaz.

— Mmmhummm — Roger emitiu um som escocês no fundo da garganta, pretendendo mostrar tanto admiração pela perspicácia de Claire quanto uma suspeita geral do que o barman estaria querendo provar a Brianna.

— Obrigado — disse ele ao funcionário, que empurrou o recibo por cima do balcão para ele. — Pronto, Bree? — perguntou ele.

O lago estava calmo e a pescaria lenta, mas estava agradável na água, com o sol de agosto quente em suas costas e os aromas de frutas silvestres e pinheiros aquecidos pelo sol trazidos pelo vento da margem mais próxima. Pesados com o almoço, sentiram-se sonolentos e, pouco depois, Brianna estava enroscada na proa, dormindo com a cabeça descansando sobre o paletó dobrado de Roger. Claire sentou-se à popa, piscando, mas ainda acordada.

— E quanto a mulheres altas e baixas? — perguntou Roger, retomando a conversa anterior enquanto remava devagar pelo lago. Olhou por cima do ombro para a enorme extensão das pernas de Brianna, desajeitadamente dobradas sob seu corpo. — O mesmo? As baixinhas são detestáveis?

Claire sacudiu a cabeça pensativamente, os cachos começando a se soltar do seu prendedor de cabelos.

— Não, acho que não. Não parece ter nada a ver com a altura. Acho que é mais uma questão de enxergar os homens como um inimigo ou apenas como homens e, no geral, gostar deles por isso.

— Ah, tem a ver com a liberação da mulher, não é?

— Não, de modo algum — disse Claire. — Eu vi exatamente os mesmos tipos de comportamento entre homens e mulheres em 1743 que se veem agora. Algumas diferenças, é claro, no modo como cada um se comporta, mas não tanto em como se comportam um em relação ao outro.

Ela olhou para as águas escuras do lago ao longe, protegendo os olhos com a mão. Podia estar atenta ao aparecimento de lontras ou troncos flutuantes, mas Roger achou que aquele olhar escrutinava um pouco além dos penhascos da margem oposta.

— Você gosta dos homens, não? — perguntou ele serenamente. — Homens altos.

Ela sorriu ligeiramente, sem olhar para ele.

— Só de um — disse ela brandamente.

— Então você irá... se eu puder encontrá-lo? — Ele descansou os remos momentaneamente, observando-a.

Ela respirou fundo antes de responder. O vento deixava suas faces

rosadas e moldava o tecido do vestido branco contra seu corpo, ressaltando os seios altos e uma cintura fina. Jovem demais para ser uma viúva, ele pensou, bonita demais para ser desperdiçada.

— Não sei — disse ela, a voz um pouco trêmula. — Pensar nisso... em encontrar Jamie... ter de atravessar... as pedras outra vez. — Um tremor percorreu seu corpo, fazendo-a fechar os olhos. — É indescritível, sabe — continuou ela, os olhos ainda fechados como se visse por trás deles o círculo de pedras de Craigh na Dun. — Horrível, mas horrível de um modo diferente de outras coisas horríveis, é indescritível. — Abriu os olhos e lançou-lhe um sorriso enviesado. — É um pouco como tentar dizer a um homem como é parir um filho. Ele pode mais ou menos ter noção de que é doloroso, mas na verdade não está preparado para compreender o que se sente.

Roger achou graça.

— Ah, é mesmo? Bem, há uma certa diferença, você sabe. Eu na verdade ouvi aquelas malditas pedras. — Ele próprio estremeceu, involuntariamente. Aquela noite, há três meses, quando Gillian Edgars atravessara as pedras, não era uma lembrança que gostasse de trazer novamente à memória; mas ela voltara-lhe em pesadelos diversas vezes. Empenhou toda a sua força nos remos, tentando apagá-la da mente. — É como ser rasgado, não é? — disse ele, os olhos intensamente fixos nos de Claire. — Alguma coisa o puxa, dilacera, arrasta, e não apenas do lado de fora, mas por dentro também. Você sente que seu crânio vai voar em pedaços a qualquer momento. E aquele barulho terrível. — Estremeceu novamente. O rosto de Claire tornara-se ligeiramente pálido.

— Não sabia que você podia ouvi-las — ela disse. — Você não me contou.

— Não me pareceu importante. — Examinou-a por um instante, enquanto remava, depois acrescentou serenamente: — Bree ouviu-as também.

— Entendo. — Ela olhou para o outro lado do lago, onde o rastro do barquinho espalhava suas asas em forma de V. Mais ao longe, as ondas da passagem de um barco maior batiam nos penhascos e voltavam, unindo-se outra vez no meio do lago, criando uma ondulação longa e corcunda na água brilhante... uma onda vertical, um fenômeno do lago, frequentemente confundido com uma visão do monstro.

— Ele está lá, sabe — disse ela de repente, balançando a cabeça para as águas negras e carregadas de turfa.

Abriu a boca para perguntar o que ela queria dizer, mas depois compreendeu que já sabia. Vivera próximo ao lago Ness durante toda a sua vida, pescara enguias e salmão em suas águas, ouvira e zombara de todas as histórias da “temível criatura” que eram contadas nos pubs de Drumnadrochit e Fort Augustus.

Talvez fosse o inusitado da situação — ali sentado, calmamente discutindo se a mulher que o acompanhava deveria ou não correr o risco inimaginável de lançar-se em um passado desconhecido. Qualquer que fosse a causa de sua certeza, de repente, parecia não só possível, mas certo que as águas escuras do lago escondessem um mistério desconhecido, mas real.

— O que acha que é? — perguntou ele, não só para dar aos seus sentimentos perturbados um tempo para se acalmarem, mas por curiosidade.

Claire inclinou-se sobre a borda do barco, observando intensamente um tronco de árvore flutuante surgir no alcance da visão.

— O que eu vi era provavelmente um plesiossauro — disse ela finalmente. Não olhou para Roger, mas manteve os olhos desviados. — Embora eu não tivesse gravado os pormenores na ocasião. — Sua boca torceu-se em algo que não chegava a ser um sorriso. — Quantos círculos de pedras existem? — perguntou ela abruptamente. — Na Grã-Bretanha, na Europa. Você sabe?

— Não precisamente. Mas são algumas centenas — respondeu ele cautelosamente. — Você acha que todos eles são...

— Como eu poderia saber? — interrompeu-o com impaciência. — A questão é: talvez sejam. Foram erguidos para marcar alguma coisa, o que significa que pode haver um monte de lugares onde essa alguma coisa tenha ocorrido. — Inclinou a cabeça para o lado, afastando do rosto os cabelos agitados pelo vento, e deu-lhe um sorriso enviesado. — Isso explicaria tudo, sabe.

— Explicaria o quê? — Roger sentiu-se confuso com as rápidas mudanças na conversa.

— O monstro. — Fez um gesto amplo na direção da água. — E se houver outro desses... lugares... embaixo da água?

— Um corredor do tempo... uma passagem... sei lá o quê? — Roger olhou para a esteira borbulhante, perplexo com a ideia.

— Explicaria muita coisa. — Havia um sorriso oculto no canto da boca de Claire, por trás do véu de cabelos esvoaçantes. Não sabia dizer se ela estava falando sério ou não. — Os melhores candidatos a monstro são todos os seres que foram extintos há centenas de milhares de anos. Se houver uma passagem do tempo sob o lago, isso resolveria esse pequeno problema.

— Também explicaria por que os relatos às vezes são diferentes — disse Roger, ficando intrigado com a ideia. — Já que são criaturas diferentes que atravessam a passagem.

— E explicaria por que a criatura ou criaturas nunca foram capturadas e nem sempre podem ser vistas. Talvez passem para o outro lado, também, de modo que não ficam no lago o tempo todo.

— Que ideia maravilhosa! — disse Roger. Ele e Claire riram um para o outro.

— Sabe de uma coisa? — disse ela. — Aposto que nossa tese não vai entrar para a lista das mais populares.

Roger riu, pegando um caranguejo, e respingos d'água caíram sobre Brianna. Ela resfolegou, sentou-se abruptamente, piscando, depois se deitou outra vez, o rosto vermelho de sono e, em poucos segundos, respirava pesadamente.

— Ela ficou acordada até tarde ontem à noite, ajudando-me a empacotar o último conjunto de registros a ser enviado de volta à Universidade de Leeds — disse Roger, tomando a defesa de Brianna.

Claire balançou a cabeça distraidamente, observando a filha.

— Jamie conseguia fazer isso — disse ela ternamente. — Deitar-se e dormir em qualquer lugar.

Ela ficou em silêncio. Roger continuou remando em direção à ponta do lago onde as sombrias ruínas do Castelo Urquhart destacavam-se em meio aos pinheiros.

— O problema é que — disse Claire finalmente — cada vez fica mais difícil. Atravessar pela primeira vez foi a experiência mais terrível que já me aconteceu. Voltar foi mil vezes pior. — Seus olhos estavam fixos no castelo que se avolumava. — Não sei se foi porque eu não voltei no dia certo. Era o

Beltane quando eu fui. E voltei duas semanas antes do Beltane.

— Geilie... quer dizer, Gillian... ela também foi durante o Beltane. — Apesar do calor do dia, Roger sentiu frio, vendo novamente a figura da mulher que tanto fora sua ancestral quanto sua contemporânea, de pé à luz de uma flamejante fogueira, fixa por um instante na luz, antes de desaparecer para sempre na fenda dos monolitos. — É o que seu caderno de notas dizia, que a porta está aberta nas festas do sol e nas festas do fogo. Talvez esteja apenas parcialmente aberta quando essas épocas se aproximam. Ou talvez ela estivesse completamente errada, afinal ela achava que era necessário um sacrifício humano para fazer a coisa funcionar.

Claire engoliu em seco. Os restos embebidos em gasolina de Greg Edgars, marido de Gillian, foram recuperados do círculo de pedras pela polícia, no dia 1º de maio. O relatório terminava apenas com uma conclusão sobre sua mulher: “Fugiu, paradeiro desconhecido.”

Claire inclinou-se sobre a borda do barco, deixando a mão correr pela água. Uma pequena nuvem ocultou o sol, tornando o lago subitamente cinza, com dezenas de pequenas ondas erguendo-se na superfície conforme o vento leve se intensificava. Logo embaixo, na esteira do barco, a água era escura e insondável. O lago Ness tem mais de duzentos metros de profundidade e é terrivelmente gelado. O que pode viver num lugar assim?

— Você iria lá embaixo, Roger? — perguntou ela suavemente. — Pular do barco, mergulhar, continuar descendo pela escuridão até seus pulmões parecerem explodir, sem saber se há monstros com dentes e corpos grandes e pesados à sua espera?

Roger sentiu os pelos de seus braços se arrepiarem e não apenas porque o vento repentino era gelado.

— Mas essa não é toda a questão — continuou ela, ainda fitando as águas profundas e misteriosas. — Você iria, se Brianna estivesse lá embaixo? — Ela endireitou-se e virou-se para encará-lo. — Você iria? — Os olhos cor de âmbar fitavam intensamente os de Roger, firmes como os de um falcão.

Ele umedeceu os lábios, secos e gretados pelo vento, e lançou um rápido olhar por cima do ombro para Brianna, dormindo. Virou-se de novo para encarar Claire.

— Sim. Acho que iria.

Ela fitou-o por um longo instante, depois balançou a cabeça, sem sorrir.
— Eu também.

PARTE V

Você não pode voltar para
casa outra vez



18

RAÍZES

SETEMBRO DE 1968

A mulher ao meu lado provavelmente pesava uns cento e trinta quilos. Ela assobiava durante o sono, os pulmões esforçando-se para erguer o fardo de seu peito maciço pela milionésima vez. Seu quadril, coxa e braço rechonchudos pressionavam-se contra mim, desagradavelmente quentes e úmidos.

Não havia escapatória; eu estava encurralada no outro lado pela curva de aço da fuselagem do avião. Liberei um braço e o ergui, para acender a luz acima de minha cabeça e poder ver meu relógio. Dez e trinta, horário de Londres; pelo menos mais seis horas até o pouso na paisagem prometida de Nova York.

O avião estava repleto dos suspiros e roncos de passageiros cochilando da melhor forma que podiam. Dormir para mim estava fora de questão. Com um suspiro resignado, enfiei a mão no bolso da poltrona à minha frente e peguei o romance que estava lendo e que guardara ali. O livro era de um dos meus autores favoritos, mas não conseguia concentrar a atenção na leitura — minha mente resvalava de volta a Roger e Brianna, que eu deixara em Edimburgo para continuarem a busca, ou deslizava para a frente, para o que me aguardava em Boston.

Eu não estava certa do que realmente me esperava, o que era parte do problema. Fora obrigada a voltar, ainda que temporariamente; já esgotara minhas férias, além de várias prorrogações, fazia muito tempo. Havia problemas a resolver no hospital, contas a pagar em casa, a manutenção da casa e do jardim — estremeci ao pensar em que altura a grama do jardim deveria ter chegado —, amigos a serem contatados...

Havia um amigo em particular. Joseph Abernathy fora meu melhor amigo, desde a faculdade de medicina. Antes de tomar qualquer decisão definitiva — e provavelmente irrevogável —, queria conversar com ele. Fechei o livro no colo e fiquei traçando os volteios extravagantes do título com um dedo, sorrindo levemente. Entre outras coisas, eu devia a Joe o gosto

por romances.

Conhecia Joe desde o começo de minha formação médica. Exatamente como eu, ele se destacava entre os outros internos do hospital de Boston. Eu era a única mulher entre os promissores médicos; Joe era o único negro.

Nossa compartilhada singularidade dava a cada um de nós uma consciência especial do outro; nós dois a sentíamos claramente, embora não a mencionássemos. Trabalhávamos muito bem juntos, mas ambos tínhamos o cuidado — por boas razões — de não nos expormos, e o tênue vínculo entre nós, nebuloso demais para ser chamado de amizade, permaneceu ignorado até quase o final de nosso estágio.

Eu havia presidido minha primeira cirurgia naquele dia — uma apendicite sem maiores complicações, em um adolescente de boa saúde. Tudo correria bem e não havia razão para pensar que haveria complicações pós-operatórias. Ainda assim, experimentava um estranho sentimento de posse em relação ao garoto e não quis ir para casa enquanto ele não estivesse acordado e fora da sala de recuperação, apesar de meu turno já ter terminado. Troquei de roupa e fui para a sala dos médicos, no terceiro andar, a fim de esperar.

A sala não estava vazia. Joseph Abernathy estava sentado em um dos esburacados sofás de molas, aparentemente absorto em um exemplar do *U.S. News & World Report*. Erguei os olhos quando entrei e cumprimentou-me com um rápido sinal de cabeça antes de retomar sua leitura.

A sala tinha pilhas de revistas — arrebanhadas das salas de espera — e inúmeros livros esfarrapados, abandonados pelos pacientes de partida. Buscando uma distração, descartei um exemplar de seis meses atrás de uma revista de gastroenterologia, um exemplar em frangalhos da revista *Time* e uma pilha bem arrumada de folhetos das testemunhas de Jeová. Por fim, escolhi um dos livros e sentei-me com ele.

Não tinha capa, mas na folha de rosto lia-se *O pirata impetuoso*. “Uma história de amor sensual, comovente e sem limites como o Caribe!”, dizia a frase sob o título. Caribe, hein? Se o que eu queria era fugir, não podia encontrar nada melhor, pensei, e abri o livro aleatoriamente na página 42.

Empinando o nariz desdenhosamente, Tessa atirou suas

exuberantes tranças loiras para trás, alheia ao fato de que isso fez seus seios voluptuosos se tornarem ainda mais proeminentes no vestido decotado. Os olhos de Valdez arregalaram-se diante da visão, mas ele não externou nenhum sinal do efeito que uma beleza tão libertina teve sobre ele.

— Achei que podíamos nos conhecer melhor, señorita — sugeriu ele, numa voz baixa, ardente, que fez pequenos tremores de expectativa subirem e descerem pelas costas de Tessa.

— Não tenho nenhum interesse em conhecer um... um... pirata imundo, desprezível e clandestino! — disse ela.

Os dentes de Valdez reluziram ao sorrir para ela, a mão acariciando o cabo da adaga em seu cinto. Estava impressionado com seu destemor; tão corajosa, tão impetuosa... e tão bela.

Ergui uma das sobrancelhas, mas continuei lendo, fascinada.

Com um imperioso ar de posse, Valdez envolveu Tessa pela cintura.

— Você se esquece, señorita — murmurou ele, as palavras excitando o sensível lóbulo de sua orelha —, de que é prisioneira de guerra e o capitão de um navio pirata tem primazia na escolha do butim!

Tessa debateu-se em seus braços poderosos quando ele a arrastou para a cama e atirou-a sobre a colcha bordada com pedras preciosas. Ela lutava para recuperar o fôlego, observando apavorada enquanto ele se despia, deixando de lado seu casaco de veludo azul-celeste e depois a fina camisa branca de linho, enfeitada de babados. Seu torso era magnífico, uma extensão lisa de bronze reluzente. As pontas de seus dedos doíam de desejo de tocá-lo, embora seu coração latejasse de forma ensurdecadora em seus ouvidos quando ele levou as mãos ao cinto de suas calças.

— Mas, não — disse ele, interrompendo-se. — É injusto de minha parte negligenciá-la, señorita. Permita-me. — Com um

sorriso irresistível, inclinou-se e delicadamente envolveu os seios de Tessa nas palmas quentes de suas mãos calejadas, desfrutando seu peso voluptuoso através do fino tecido de seda. Com um pequeno grito, Tessa retraiu-se de seu toque exploratório, pressionando-se contra o travesseiro de penas bordado com rendas.

— Você resiste? Que pena desperdiçar uma roupa tão elegante, señorita... — Segurou com firmeza seu corpete de seda cor de jade e deu um puxão, fazendo os seios brancos e belos de Tessa saltarem de seu esconderijo como um par de gordas perdizes levantando voo.

Emiti um som, fazendo o dr. Abernathy lançar-me um olhar penetrante por cima de seu *U.S. News & World Report*. Apressadamente assumindo uma expressão de digno interesse, virei a página.

Os cachos dos cabelos negros e abundantes de Valdez varreram seu peito enquanto ele fechava os lábios quentes nos mamilos rosados de Tessa, fazendo ondas de desejo percorrerem seu corpo. Debilitada pelas sensações novas e estranhas que o ardor de Valdez despertava nela, não conseguia se mover, enquanto a mão do pirata furtivamente buscava a bainha de sua camisola e seu toque ardente irradiava-se em sua coxa delgada.

— Ah, mi amor — gemeu ele. — Tão encantadora, tão pura. Você me deixa louco de desejo, mi amor. Eu a desejei desde o primeiro instante em que a vi, tão orgulhosa e fria no convés do navio de seu pai. Mas não tão fria agora, hein, minha querida?

De fato, os beijos de Valdez provocavam um turbilhão nos sentimentos de Tessa. Como, como podia sentir o que estava sentindo por este homem, que friamente afundara o navio de seu pai e assassinara uma centena de homens com as próprias mãos? Devia estar se retraindo, horrorizada, mas, ao invés disso, via-se ofegante, abrindo a boca para receber seus beijos ardentes, arqueando o corpo num abandono involuntário sob a pressão

exigente de sua masculinidade em expansão.

— Ah, mi amor — repetia ele, ofegante. — Não posso mais esperar. Mas... não quero machucá-la. Delicadamente, mi amor, delicadamente.

Tessa respirava com dificuldade ao sentir a pressão crescente de seu desejo fazendo-se presente entre suas pernas.

— Oh! — exclamou ela. — Oh, por favor! Não pode! Eu não quero!

Boa hora para começar a protestar, pensei.

— Não se preocupe, mi amor. Confie em mim.

Gradualmente, pouco a pouco, ela relaxou sob o toque das carícias hipnotizadoras, sentindo o calor em seu ventre crescer e se espalhar. Os lábios de Valdez roçaram seus seios e o hálito quente dele, murmurando palavras de conforto, desfizeram toda a sua resistência. À medida que relaxava, suas coxas se abriram à sua revelia. Movendo-se infinitamente devagar, o membro intumescido rompeu a membrana de sua inocência...

Deixei escapar uma exclamação entusiástica e larguei o livro, que deslizou do meu colo e caiu no chão com um estalo, ao lado dos pés do dr. Abernathy.

— Desculpe-me — murmurei, abaixando-me para pegar o livro, o rosto queimando. Quando me reergui com *O pirata impetuoso* na mão suada, vi que o dr. Abernathy, longe de preservar sua expressão austera habitual, estava rindo de orelha a orelha.

— Deixe-me adivinhar — disse ele. — Valdez acaba de romper a membrana de sua inocência?

— Sim — respondi, sem conter uma risadinha incontrollável. — Como sabe?

— Bem, você não chegou a ler muito — disse ele, pegando o livro da minha mão. Seus dedos curtos e grossos folhearam o livro com rapidez e habilidade. — Tinha que ser essa passagem ou então aquela da página 73, onde ele banha os montes pequenos e róseos com a língua ávida.

— Ele o quê?

— Veja por si mesma. — Atirou o livro de volta em minhas mãos, apontando um trecho quase no meio da página.

De fato, “... *afastando a cobertura, abaixou a cabeça de cabelos negros como carvão e banhou os montes pequenos e róseos com a língua ávida. Tessa gemeu e...*” Soltei um gritinho agudo, desengonçado.

— Você realmente leu isto? — perguntei, arrancando meus olhos de Tessa e Valdez.

— Ah, sim — disse ele, com o mesmo sorriso largo. Possuía um dente de ouro, bem atrás, do lado direito. — Duas ou três vezes. Não é o melhor, mas não é ruim.

— Melhor? Há outros como este?

— Claro. Vejamos... — Levantou-se e começou a remexer na pilha de livros enebados. — Tem que procurar os que não têm mais capa — explicou ele. — São os melhores.

— E eu que pensava que você nunca lia nada além de revistas médicas — disse.

— O quê, eu passo trinta e seis horas até os cotovelos nas entranhas das pessoas e vou vir pra cá e ler “Progressos na remoção da vesícula biliar”? Credo, de jeito nenhum. Prefiro velejar pelo Caribe com Valdez. — Examinou-me com certo interesse, o sorriso ainda no rosto. — Também achava que você só lia o *New England Journal of Medicine*, lady Jane — disse ele. — As aparências enganam, hein?

— Acho que sim — disse secamente. — Por que “lady Jane”?

— Ah, foi Hoechststein quem começou com isso — disse ele, inclinándose para trás, com os dedos entrelaçados em volta de um joelho. — É por causa da voz, esse sotaque que parece que você acabou de tomar chá com a rainha. É isso que você tem e que impede que os rapazes sejam piores do que são. Você fala como Winston Churchill... se Winston Churchill fosse uma dama, é claro, e isso os assusta um pouco. Mas você tem mais alguma coisa. — Observou-me pensativamente, balançando-se para a frente e para trás em sua cadeira. — Você tem um jeito de falar como se esperasse conseguir o que quer e, se não conseguir, saberá exatamente o motivo pelo qual não conseguiu. Onde aprendeu isso?

— Na guerra — disse, sorrindo diante de sua descrição.

Suas sobrancelhas ergueram-se.

— Coreia?

— Não, fui enfermeira de campanha durante a Segunda Guerra Mundial, na França. Conheci muitas enfermeiras-chefes que podiam transformar internos e serventes em gelatina com um simples olhar. — Mais tarde, e tive muita prática, esse ar de autoridade inviolável, ainda que fictícia, me garantiu uma boa posição de defesa contra pessoas com muito mais poder do que as enfermeiras e internos do Boston General Hospital.

Ele balançou a cabeça, absorto em minha explicação.

— Sim, faz sentido. Eu mesmo imitava o Walter Cronkite.

— Walter Cronkite? — exclamei, espantada.

Ele riu de novo, exibindo seu dente de ouro.

— Pode pensar em alguém melhor? Eu costumava ouvi-lo no rádio ou na TV toda noite e passei a imitá-lo para divertir minha mãe. Ela queria que eu fosse um pregador evangélico. — Sorriu, com certa melancolia. — Se eu falasse como Walter Cronkite onde nós morávamos naquela época, não teria vivido para ir para a faculdade de medicina.

A cada minuto, eu gostava mais de Joe Abernathy.

— Espero que sua mãe não tenha ficado decepcionada por você se tornar um médico e não um pregador.

— Para dizer a verdade, eu não tenho certeza — disse ele, ainda rindo. Quando eu disse a ela, ficou me encarando por um instante, depois deu um profundo suspiro e disse: “Bem, pelo menos você vai conseguir meu remédio de reumatismo mais barato.”

Ri amargamente.

— Não consegui o mesmo entusiasmo quando disse a meu marido que iria ser médica. Ele ficou me encarando também e finalmente disse que, se eu estava entediada, por que não me oferecia para escrever cartas para os velhos da casa de repouso?

Os olhos de Joe eram de um castanho-claro e dourado, como balas de caramelo. Havia um brilho de humor neles enquanto me fitavam.

— Sim, as pessoas ainda acham certo dizer na sua cara que você não pode fazer o que está fazendo. “Por que está aqui, madame, e não em casa cuidando do marido e dos filhos?” — imitou ele.

Sorriu melancolicamente e bateu de leve em minha mão.

— Não se preocupe, elas vão desistir mais cedo ou mais tarde. A maioria já não me pergunta mais por que não estou limpando os banheiros, como Deus mandou.

Então, a enfermeira veio me informar que meu paciente de apendicite estava acordado e eu saí, mas a amizade iniciada na página 42 floresceu e Joe Abernathy tornou-se um dos meus melhores amigos; provavelmente, a única pessoa próxima a mim que realmente compreendia o que eu fazia, e por quê.

Sorri levemente, sentindo a superfície lisa do alto-relevo na capa. Em seguida, inclinei-me para a frente e coloquei o livro de volta na bolsa da poltrona. Talvez eu não quisesse fugir exatamente agora.

Lá fora, um tapete de nuvens iluminadas pelo luar nos separava da terra embaixo. Aqui em cima, tudo era silêncio, belo e sereno, em contraste marcante com o turbilhão da vida lá embaixo.

Eu tinha a estranha sensação de estar suspensa no ar, imóvel, isolada em solidão, até mesmo a respiração pesada da mulher ao meu lado sendo apenas parte do ruído branco que forma o silêncio, um silêncio que inclui o zumbido morno do ar-condicionado e o arrastar dos sapatos da aeromoça ao longo do carpete. Ao mesmo tempo, eu sabia que estávamos avançando a toda velocidade pelo ar, impulsionados a centenas de quilômetros por hora para algum destino — quanto a ser um destino seguro, podíamos apenas esperar que fosse.

Fechei os olhos, num estado de vigilância suspensa. De volta à Escócia, Roger e Bree procuravam Jamie. À frente, em Boston, meu emprego — e Joe — me aguardavam. E o próprio Jamie? Tentei afastar o pensamento, determinada a não pensar nele até a decisão estar tomada.

Senti uma brisa leve nos meus cabelos e uma mecha roçou em minha face, leve como o toque de um amante. Certamente, tratava-se apenas da corrente de vento da saída de ar acima da minha cabeça e de minha imaginação que, subjacente aos cheiros viciados de perfume e cigarro, de repente me fazia sentir os aromas de lã e urzes.

APLACAR UM FANTASMA

Finalmente estava em casa, na Furey Street, onde eu vivera com Frank e Brianna por quase vinte anos. As azaleias junto à porta não estavam completamente mortas, mas as folhas pendiam em pencas murchas, sem viço, uma espessa camada de folhas mortas enroscando-se no canteiro ressecado embaixo. Era um verão quente — não havia nenhum outro tipo em Boston —, e as chuvas de agosto não vieram, embora já estivéssemos em meados de setembro.

Deixei minhas malas na porta da frente e fui ligar a mangueira. Ficara largada ao sol; a borracha verde estava quente o suficiente para queimar minha mão e eu fiquei jogando-a entre as mãos até o ronco da água finalmente trazê-la de volta à vida e esfriá-la com uma explosão de borrifos.

Para começar, eu não gostava tanto assim de azaleias. Eu já as teria arrancado há muito tempo, mas relutei em alterar qualquer detalhe da casa após a morte de Frank por causa de Brianna. Já era um grande choque, pensei, começar a universidade e ter seu pai morto em um único ano; ela não precisava de mais mudanças. Eu havia ignorado a casa por muito tempo; poderia continuar a agir do mesmo modo.

— Está bem! — disse, irritada, às azaleias, enquanto desligava a mangueira. — Espero que estejam felizes, porque isso é tudo o que o terão. Eu mesma quero ir tomar uma bebida. E um banho — acrescentei, vendo suas folhas salpicadas de lama.

Sentei-me na beirada da minha enorme banheira, de roupão, observando a água jorrar com força, agitando o banho de espuma em nuvens perfumadas. O vapor elevava-se da superfície espumosa e fumegante; a água devia estar um pouco quente demais.

Fechei a torneira — com um giro preciso e rápido — e fiquei sentada por um instante, a casa ao meu redor em silêncio, salvo pelos estalidos das bolhas da espuma, tênues como os ruídos de uma batalha distante. Eu percebia

perfeitamente o que estava fazendo. Vinha fazendo isso desde que pisara a bordo do Escocês Voador em Inverness e sentira o ronco dos trilhos ganharem vida sob meus pés. Eu estava me pondo à prova.

Eu vinha observando as máquinas cuidadosamente — todos os aparelhos e invenções da vida diária moderna — e, mais importante ainda, minha própria reação a elas. O trem para Edimburgo, o avião para Boston, o táxi do aeroporto e todas as dezenas de minúsculos artefatos mecânicos da vida moderna — máquinas de venda automática, iluminação pública, o lavabo do avião, com seu redemoinho de desagradável desinfetante azul-esverdeado, fazendo desaparecer dejetos e germes com o simples pressionar de um botão. Restaurantes, com seus certificados do Departamento de Saúde pendurados, garantindo ao menos uma boa chance de escapar a uma intoxicação alimentar ao comer ali. Em minha própria casa, os onipresentes botões que fornecem água e luz e calor e comida cozida.

A pergunta era — eu me importava? Enfiei a mão na fumegante água do banho e girei-a de um lado para o outro, observando as formas dançantes projetadas no fundo de mármore. Eu poderia viver sem todas as “conveniências”, pequenas ou grandes, a que estava acostumada?

Eu vinha me fazendo essa pergunta a cada toque de botão, a cada ronco de motor, e tinha certeza de que a resposta era “sim”. O tempo não fazia tanta diferença, afinal de contas; eu podia atravessar a cidade e encontrar pessoas que viviam sem muitas dessas conveniências — no exterior, havia países inteiros onde as pessoas viviam razoavelmente felizes e completamente ignorantes da eletricidade.

Para mim mesma, nunca me preocupei muito. Vivera com meu tio Lamb, um eminente arqueólogo, desde a morte de meus pais quando eu tinha cinco anos. Em consequência, cresci em condições que, de forma conservadora, poderiam ser chamadas de “primitivas”, acompanhando-o em todas as expedições de campo. Sim, banhos quentes e lâmpadas elétricas eram bons, mas vivera sem eles durante vários períodos de minha vida — durante a guerra, por exemplo — e nunca achara grave a falta desses confortos.

A água esfriara o bastante para ser tolerável. Deixei o roupão cair no chão e entrei na banheira, sentindo um estremecimento agradável quando o calor nos meus pés me fez sentir os ombros pinicarem com o frio contraste.

Deixei-me afundar na banheira e relaxei, esticando as pernas. As tinas de banho do século XVIII não passavam de barris grandes; a pessoa, em geral, tomava banho por partes, imergindo o centro do corpo primeiro, com as pernas penduradas para fora, depois se levantava e ensaboava o peito enquanto deixava os pés de molho. Mas, em geral, as pessoas se banhavam com uma jarra, uma pequena bacia e a ajuda de uma toalha.

Não, conveniências e confortos não passavam disso. Nada essencial, nada sem o que eu não pudesse sobreviver.

Não que a falta de conveniências fosse o único problema, nem de longe. O passado era um terreno perigoso. Mas mesmo os progressos da chamada civilização não eram nenhuma garantia de segurança. Eu sobrevivera a duas grandes guerras “modernas” — na verdade, servira no campo de batalha em uma delas — e podia ver outra se formando na tela da televisão toda noite.

A guerra “civilizada” era, no mínimo, mais aterrorizante do que suas versões mais antigas. A vida cotidiana podia ser mais segura, mas apenas se o indivíduo escolhesse muito bem por onde passar. Ruas de Roxbury agora eram tão perigosas quanto qualquer beco em que eu andara na Paris de duzentos anos atrás.

Suspirei e tirei a tampa do ralo com os pés. Não adiantava especular sobre coisas impessoais como banheiras, bombas e estupradores. Água encanada não passava de uma distração insignificante. A verdadeira questão eram as pessoas envolvidas, e sempre fora. Eu, Brianna e Jamie.

O resto da água escoou-se gorgolejando pelo ralo. Levantei-me, sentindo-me ligeiramente tonta, e enxuguei as últimas gotas. O grande espelho estava enevoadado com o vapor, mas suficientemente claro para refletir minha imagem do joelho para cima, rósea como um camarão fervido.

Largando a toalha, examinei meu corpo. Flexionei os braços e ergui-os acima da cabeça, à procura de flacidez. Nenhuma; bíceps e tríceps todos muito bem definidos, deltoides perfeitamente arredondados e descendo num declive suave para a curva alta dos peitorais principais. Virei-me ligeiramente de lado, tensionando e relaxando os músculos abdominais — os oblíquos razoavelmente tonificados, o *rectus abdominis* achatado a ponto de ser quase côncavo.

— Ainda bem que a família não tem tendência à gordura — murmurei.

Tio Lamb permanecera esbelto e rijo até o dia de sua morte aos setenta e cinco anos. Creio que meu pai, irmão de tio Lamb, era dono de uma constituição física semelhante e perguntei-me de repente como deveria ser o traseiro de minha mãe. As mulheres, afinal, tinham que lidar com certa quantidade extra de adiposidade.

Virei-me por completo e espreitei o espelho por cima do ombro. Os longos músculos dorsais reluziram, molhados, quando me contorci; eu ainda tinha cintura e, na verdade, bem fina.

Quanto ao meu próprio traseiro:

— Bem, nada de celulite, pelo menos — disse em voz alta. Virei-me e olhei minha imagem refletida. — Poderia ser muito pior — disse ao espelho.

Sentindo-me mais animada, vesti a camisola e comecei a preparar a casa para a noite. Nenhum gato para pôr para fora, nenhum cachorro para alimentar — Bozo, nosso último cachorro, morrera de velhice no ano anterior ve eu não quis arrumar outro com Brianna longe, na faculdade, e meus próprios horários no hospital longos e irregulares.

Ajustar o termostato, checar as trancas de janelas e portas, verificar se os bicos do gás estavam desligados. Era apenas isso. Durante dezoito anos, a rotina de toda noite incluía uma parada no quarto de Brianna, mas isso terminara desde que ela partira para a universidade.

Movida por uma mistura de hábito e compulsão, abri a porta de seu quarto e acendi a luz. Algumas pessoas têm mania de acumular objetos, outras não. Bree tinha; mal se via um centímetro de parede entre pôsteres, fotografias, flores secas, pedaços de tecido tingido, diplomas emoldurados e outros entulhos.

Algumas pessoas têm uma habilidade para arrumar tudo ao seu redor de um jeito que os objetos revelem não só seu próprio significado, como uma relação com os outros objetos ao lado deles. Mas, além disso, exibem também uma aura indefinível que pertence não só ao seu proprietário invisível como aos próprios objetos. *Estou aqui porque Brianna me colocou aqui*, aqueles objetos do quarto dela pareciam dizer. *Estou aqui porque ela é quem ela é*.

Na verdade, era estranho que ela tivesse esse jeito com objetos, pensei.

Frank também era uma dessas pessoas; quando fui esvaziar sua sala na universidade depois de sua morte, pareceu-me o molde fossilizado de algum animal extinto; livros, papéis e uma infinidade de quinquilharias exatamente com a mesma forma, textura e leveza da mente que habitara aquele espaço.

Em alguns dos objetos de Brianna, a relação que guardavam com ela era óbvia — fotos minhas, de Frank, de Bozo, de amigos. Os pedaços de tecido eram os que ela havia tingido, escolhido o padrão, as cores de que gostava — turquesa brilhante, azul-escuro, magenta e amarelo-claro. Quanto a outros... por que o fato de espalhar conchas de caramujo de água doce sobre a escrivaninha me parecia tão próprio de Brianna? Por que aquela única pedrapomes redonda, apanhada na praia de Truro, sem nada que a distinga de centenas de milhares de outras... exceto pelo fato de que ela a escolhera?

Eu não tinha habilidade com objetos. Não sentia nenhum impulso de adquirir ou decorar — Frank sempre se queixava da mobília quase espartana da casa, até Brianna crescer o suficiente para opinar. Não sei se por culpa da minha criação nômade ou simplesmente do meu jeito de ser, eu vivia de modo muito introspectivo, sem nenhuma vontade de alterar o ambiente à minha volta para fazê-lo refletir minha maneira de ser.

Jamie também era assim. Ele possuía apenas alguns objetos pequenos, sempre carregados na bolsa do kilt — por sua utilidade ou como talismãs e, fora isso, não possuía nem se importava com objetos. Mesmo durante o curto período em que vivemos luxuosamente em Paris, e o tempo mais longo de tranquilidade em Lallybroch, nunca demonstrara qualquer vontade de adquirir objetos.

Também para ele, devem ter sido as circunstâncias do começo de sua vida adulta, quando viveu como um animal caçado, nunca possuindo nada além de armas das quais dependia sua sobrevivência. Mas talvez também fosse uma característica própria de sua personalidade, este distanciamento do mundo material de posse de bens, esta noção de autossuficiência — um dos fatores que nos fizeram buscar a complementação um no outro.

Estranho, mesmo assim, que Brianna tivesse herdado tantas semelhanças de ambos os pais, em suas maneiras muito distintas. Disse um silencioso boa-noite para o fantasma de minha filha ausente e apaguei a luz.

O pensamento de Frank acompanhou-me ao meu quarto. A visão da

grande cama de casal, perfeitamente lisa e bem arrumada com sua colcha de cetim azul-marinho, trouxe-o repentina e vividamente à minha lembrança, de uma forma que há muitos meses não acontecia.

Creio que tenha sido a possibilidade de partida iminente que me fez pensar nele agora. Este quarto — na verdade, esta cama — foi onde eu me despedi dele pela última vez.

— Não vem para a cama, Claire? Já passa de meia-noite. — Frank ergueu os olhos para mim, por cima do livro. Ele próprio já estava instalado na cama, lendo com o livro apoiado nos joelhos. A suave poça de luz do abajur fazia com que parecesse estar flutuando numa bolha aquecida, serenamente isolado da escuridão fria do resto do quarto. Já era quase janeiro, e apesar dos melhores esforços do aquecedor, o único lugar realmente quente à noite era a cama, sob pesados cobertores.

Sorri para ele e levantei-me da poltrona, deixando o grosso robe de lã deslizar dos meus ombros.

— Você não dormiu por minha causa? Desculpe-me. Só estava repassando a cirurgia de hoje de manhã.

— Sim, eu sei — disse ele secamente. — Eu sei só de olhar para você. Seus olhos ficam vitrificados e sua boca fica aberta.

— Desculpe-me — repeti, no mesmo tom seco. — Não posso me responsabilizar pelo que meu rosto faz quando estou pensando.

— Mas de que adianta pensar? — perguntou ele, colocando um marcador entre as páginas do livro. — Você fez tudo que podia... se preocupar com isso agora não vai mudar... ah, bem. — Deu de ombros com irritação e fechou o livro. — Já disse tudo isso antes.

— Já, sim — retruquei laconicamente.

Entrei na cama, tremendo levemente de frio, e enfiei minha camisola em volta de minhas pernas. Frank automaticamente moveu-se em minha direção e eu deslizei por baixo dos lençóis para o lado dele, aconchegando-nos para unir nosso calor

contra a friagem.

— Ah, espere, tenho que mudar o telefone de lugar. — Atirei as cobertas para trás e arrastei-me para fora da cama outra vez, para mudar o telefone do lado de Frank para o meu lado da cama. Ele gostava de ficar sentado na cama no começo da noite, conversando com alunos e colegas de trabalho, enquanto eu lia ou fazia anotações cirúrgicas ao seu lado. Entretanto, não gostava de ser acordado no meio da noite com telefonemas do hospital para mim. Ressentia-se tanto que eu arranjei para que o hospital só me ligasse em caso de absoluta emergência ou quando eu deixava instruções para me manterem informada do progresso de um determinado paciente. Esta noite, eu deixara instruções; era uma traiçoeira ressecção de intestinos. Se o quadro do paciente piorasse, eu provavelmente teria que voltar correndo para o hospital.

Frank resmungou quando desliguei a luz e me enfiei na cama outra vez, mas após um instante, ele rolou na cama para junto de mim, passando um braço por cima da minha cintura. Fiquei de lado e encolhi-me contra ele, relaxando gradualmente, conforme os dedos congelados dos meus pés degelavam.

Repassei mentalmente os detalhes da operação, sentindo outra vez a friagem nos meus pés da refrigeração da sala de cirurgia e a sensação inicial, perturbadora, do calor na barriga do paciente conforme meus dedos enluvados deslizavam para dentro. O intestino doente, enrolado como uma víbora, seguia o padrão de manchas arroxeadas de equimose e o lento escapamento de sangue vivo de minúsculas rupturas.

— Estive pensando. — A voz de Frank veio da escuridão às minhas costas, excessivamente descontraída.

— Hummm? — Eu ainda estava absorvida na visão da cirurgia, mas esforcei-me para voltar ao presente. — Sobre o quê?

— Meu ano sabático. — Sua licença da universidade estava programada para começar dentro de um mês. Ele planejava fazer

uma série de pequenas viagens pelo nordeste dos Estados Unidos, coletando material, depois iria para a Inglaterra por seis meses, retornando a Boston para passar os últimos três meses da licença escrevendo. — Eu havia pensado em ir direto para a Inglaterra — disse ele cautelosamente.

— Bem, por que não? O clima estará terrível, mas se vai passar a maior parte do tempo em bibliotecas...

— Quero levar Brianna comigo.

Fiquei paralisada, o frio no quarto repentinamente se aglutinando em um pequeno grumo de suspeita na boca do estômago.

— Ela não pode ir agora, falta apenas um semestre para se formar. Certamente você pode esperar até nós irmos ao seu encontro no verão, não é? Já entrei com o pedido de férias de verão e talvez...

— Eu vou agora. Definitivamente. Sem você.

Afastei-me abruptamente e sentei-me na cama, acendendo a luz. Frank estava deitado, piscando, os cabelos escuros desgrehados. Tornaram-se grisalhos nas têmporas, conferindo-lhe um ar distinto que parecia ter efeitos alarmantes nas suas alunas mais suscetíveis. Eu me sentia surpreendentemente calma.

— Por que agora, de repente? Ela está pressionando-o, é isso?

O olhar de espanto que atravessou seus olhos foi tão evidente que chegou a ser cômico. Eu ri, com uma visível falta de humor.

— Você realmente pensava que eu não sabia? Meu Deus, Frank! Você é a pessoa mais... desligada que conheço!

Ele sentou-se ereto na cama, os maxilares contraídos.

— Achei que eu era discreto.

— Você pode até ter sido — disse ironicamente. — Conte seis nos últimos dez anos. Se houve cerca de uma dúzia, então você foi um modelo de discrição.

Seu rosto raramente demonstrava grande emoção, mas uma lividez em torno de sua boca disse-me que ele estava furioso de

verdade.

— Esta deve ser muito especial — eu disse, cruzando os braços e recostando-me na cabeceira da cama com presumida descontração. — Mesmo assim, por que a pressa em ir para a Inglaterra agora, e por que levar Bree?

— Ela pode ir para um internato para terminar o último período — disse ele de maneira sucinta. — Será uma nova experiência para ela.

— Não uma experiência que eu ache que ela queira — eu disse. — Ela não vai querer deixar seus amigos, especialmente logo antes da formatura. E certamente não para ir para um internato inglês! — Estremeci diante da ideia. Eu mesma quase fora confinada numa instituição desse tipo quando criança; o cheiro da lanchonete do hospital às vezes evocava lembranças daquela escola, junto com as ondas de terror e desamparo que eu sentira quando tio Lamb me levou para conhecer o lugar.

— Um pouco de disciplina não faz mal a ninguém — disse Frank. Mostrava-se mais sereno, mas as linhas de seu rosto ainda estavam tensas. — Teria lhe feito bem. — Abanou a mão, descartando o assunto. — Deixe isso pra lá. De qualquer modo, resolvi voltar para a Inglaterra definitivamente. Ofereceram-me um bom cargo em Cambridge e pretendo aceitá-lo. Você não vai deixar o hospital, é claro. Mas não pretendo deixar minha filha para trás.

— Sua filha? — Senti-me de repente sem fala. Então ele tinha um novo emprego completamente arranjado e uma nova amante para acompanhá-lo. Portanto, havia planejado tudo durante bastante tempo. Uma vida inteiramente nova, mas não com Brianna.

— Minha filha — disse ele calmamente. — Você pode vir nos visitar sempre que quiser, é claro...

— Seu... maldito... canalha! — disse.

— Seja razoável, Claire. — Olhou-me de cima, com aquele ar de longa paciência e tolerância, reservado para alunos de notas

baixas. — Você quase nunca está em casa. Se eu não estiver aqui, não haverá ninguém para cuidar de Bree adequadamente.

— Você fala como se ela tivesse oito anos e não quase dezoito! Pelo amor de Deus, ela é quase uma adulta.

— Mais razão ainda para precisar de atenção e supervisão — retrucou ele. — Se você visse o que eu vejo na universidade... bebidas, drogas e...

— Eu sempre vejo — eu disse entre dentes. — Bem de perto, na sala de emergência. Bree não vai...

— Claro que vai! As jovens não têm nenhuma noção nesta idade, ela vai sair com o primeiro sujeito que...

— Não seja idiota! Bree é muito sensata. Além do mais, todos os jovens experimentam, é assim que aprendem. Não pode mantê-la presa em casa a vida toda.

— Melhor presa do que fazendo sexo com um negro! — disparou ele. Uma tênue mancha vermelha surgiu em suas maçãs do rosto. — Tal mãe, tal filha, hein? Mas não vai ser assim, droga, não se eu tiver alguma coisa a dizer!

Saí da cama e fiquei de pé, olhando-o com raiva.

— Você — disse — não tem nenhuma maldita palavra para dizer, nem sobre Bree, nem sobre qualquer outra coisa! — Eu tremia de raiva e tive que pressionar os punhos cerrados ao lado do corpo para não agredi-lo. — Você tem o desplante absoluto de me dizer que está indo embora, para viver com a última de uma sucessão de amantes, e depois insinuar que tenho um caso com Joe Abernathy? É isso que você quer dizer, não é?

Ele teve a decência de abaixar um pouco os olhos.

— Todo mundo acha que você tem — murmurou ele. — Você passa todo o seu tempo com o sujeito. Dá na mesma, no que diz respeito a Bree. Arrastando-a para... situações onde ela é exposta a perigos e... e para aquele tipo de gente...

— Negros, é o que você quer dizer, não?

— É isso mesmo — disse ele, erguendo os olhos chispantes para mim. — Já não basta ter os Abernathy nas festas o tempo

todo, embora ao menos ele seja educado. Mas aquele sujeito obeso em sua casa com tatuagens tribais e gosma nos cabelos? Aquele lagarto repulsivo de voz pastosa? E o filho de Abernathy rondando Bree dia e noite, levando-a a passeatas e protestos e orgias em inferninhos suspeitos...

— Não creio que existam inferninhos no céu — disse, reprimindo uma inconveniente vontade de rir com a indelicada, mas precisa descrição de Frank dos dois amigos mais excêntricos de Leonard Abernathy. — Sabia que Lenny trocou de nome? Agora chama-se Muhammad Ishmael Shabazz.

— Sim, ele me disse — respondeu ele laconicamente —, e eu não vou correr nenhum risco de minha filha vir a se chamar sra. Shabazz.

— Não acho que Bree se sinta assim em relação a Lenny — assegurei-lhe, lutando para dominar minha irritação.

— E também não vai mesmo. Ela vai para a Inglaterra comigo.

— Não, se ela não quiser — disse, com decisão.

Sem dúvida percebendo que sua posição o colocava em desvantagem, Frank saiu da cama e começou a tatear em busca dos chinelos.

— Não preciso de sua permissão para levar minha filha para a Inglaterra — disse ele. — E Bree ainda é menor de idade, terá de ir para onde eu disser. Agradeço se puder me dar seu histórico médico, a nova escola vai pedir.

— Sua filha? — disse outra vez. Notei vagamente a friagem no quarto, mas estava com tanta raiva que sentia todo o corpo afogado. — Bree é minha filha e você não vai levá-la a lugar algum!

— Não pode me impedir — ressaltou ele, com uma calma irritante, pegando o robe aos pés da cama.

— É o que você pensa — eu disse. — Quer se divorciar de mim? Muito bem. Use qualquer motivo que quiser, com exceção de adultério, que não pode provar, porque não existe. Mas se

tentar levar Bree com você, terei uma ou duas coisas a dizer a respeito de adultério. Quer saber quantas amantes que você abandonou foram me procurar para me pedir que abrisse mão de você?

Ele ficou boquiaberto, em estado de choque.

— Eu disse a todas elas que abriria mão de você na mesma hora — continuei —, se você pedisse. — Cruzei os braços, enfiando as mãos sob as axilas. Estava começando a sentir a friagem outra vez. — Na verdade, sempre me perguntei por que você nunca pediu, mas imagino que tenha sido por causa de Brianna.

Seu rosto ficara completamente exangue, assomando branco como um crânio na penumbra do outro lado da cama.

— Bem — disse ele, com uma fraca tentativa de recompor o seu autocontrole habitual —, eu não achei que se importasse. Você nunca fez nenhuma tentativa de me impedir.

Fitei-o, completamente surpresa.

— Impedi-lo? — disse. — O que eu deveria ter feito? Abrir sua correspondência com vapor e sacudir as cartas sob seu nariz? Fazer uma cena na faculdade na festa de Natal? Queixar-me com o reitor?

Apertou os lábios com força por um instante, depois relaxou.

— Poderia ter demonstrado que se importava — disse ele à meia-voz.

— E me importava. — Minha voz soou entrecortada.

Ele sacudiu a cabeça, ainda me fitando, os olhos escuros à luz do abajur.

— Não o suficiente. — Parou, o rosto flutuando, pálido, no ar acima de seu robe escuro, depois deu a volta na cama para colocar-se ao meu lado. — Às vezes, eu me perguntava se teria o direito de censurá-la — disse ele, quase pensativamente. — Ele se parecia com Bree, não é? Ele era como ela?

— Sim.

Respirou ruidosamente, quase arfando.

— Eu podia ver em seu rosto... quando você olhava para ela, podia ver você pensando nele. Droga, Claire Beauchamp — disse ele, quase num sussurro. — Você e esse seu rosto que não consegue esconder nada do que pensa ou sente.

Houve um silêncio depois disso, do tipo que nos faz ouvir todos os minúsculos e quase inaudíveis ruídos de madeira estalando e casas respirando quando tentamos fingir que não ouvimos o que acabou de ser dito.

— Eu realmente amei você — eu disse baixinho, finalmente. — Um dia.

— Um dia — repetiu ele. — Devo ficar agradecido por isso? A sensação começava a voltar aos meus lábios dormentes.

— Eu lhe contei — disse. — E depois, quando você não quis ir embora... Frank, eu realmente tentei.

O que quer que ele tenha ouvido em minha voz o fez parar por um instante.

— Mesmo — acrescentei, num sussurro.

Ele virou-se e dirigiu-se à penteadeira, onde ficou tocando nos objetos agitadamente, apanhando-os e colocando-os de novo sobre o móvel, aleatoriamente.

— No começo, eu não podia deixá-la... grávida, sozinha. Só um canalha o faria. E depois... Bree. — Olhou cegamente para o batom que segurava na mão, depois o colocou delicadamente de volta no tampo lustroso. — Não podia abrir mão dela — disse ele baixinho. Virou-se para olhar para mim, os olhos eram dois buracos escuros num rosto ensombreado. — Sabia que eu não podia gerar um filho? Eu... fiz um exame, há alguns anos. Sou estéril. Sabia?

Sacudi a cabeça, sem conseguir falar.

— Bree é minha, minha filha — disse ele, como se falasse consigo mesmo. — O único filho que terei. Não podia abrir mão dela. — Deu uma risada curta. — Eu não podia abrir mão dela, mas você não podia vê-la sem pensar nele, não é? Sem essa lembrança permanente, eu me pergunto... você o teria esquecido

com o tempo?

— Não. — A palavra, apenas um murmúrio, pareceu percorrê-lo como um choque elétrico. Ficou paralisado por um instante, depois girou nos calcanhares, dirigiu-se ao closet e começou a vestir roupas por cima do pijama. Fiquei parada, os braços em volta do corpo, observando-o vestir o sobretudo e sair do quarto batendo os pés, sem olhar para mim. A gola de seu pijama de seda azul sobressaía por cima da borda de astracã do seu casaco.

Instantes depois, ouvi a porta da frente se fechar — ele teve suficiente presença de espírito para não batê-la — e, em seguida, o barulho de um motor frio hesitante em pegar. Os faróis varreram o teto do quarto quando o carro saiu de ré da garagem e depois foi embora, deixando-me trêmula junto à cama desfeita.

Frank não voltou. Tentei dormir, mas continuava deitada rigidamente na cama fria, mentalmente revivendo a discussão, ouvindo o ruído dos pneus no caminho da garagem. Por fim, levantei-me e me vesti, deixei um bilhete para Bree e também saí.

O hospital não me telefonou, mas fui para lá assim mesmo, dar uma olhada no meu paciente; era melhor do que ficar me revirando na cama a noite inteira. E, para ser honesta, eu não me importaria se Frank voltasse para casa e não me encontrasse.

As ruas estavam escorregadias como manteiga, uma fina camada de gelo brilhando à luz dos postes. A claridade do fósforo amarelo iluminava espirais de neve em queda; dentro de uma hora, a fina camada de gelo que recobria as ruas ficaria escondida sobre a neve fofa e recente, tornando-as ainda mais perigosas para dirigir. O único consolo era que não havia ninguém nas ruas às quatro horas da manhã para correr o perigo. Quer dizer, ninguém exceto eu.

Dentro do hospital, o cheiro institucional abafado e quente de costume envolveu-me como um manto de familiaridade, barrando a entrada da noite escura e coberta de neve.

— Ele está bem — disse-me o enfermeiro em voz baixa, como se uma voz alta pudesse perturbar o sono do paciente. — Todos os sinais vitais estão estáveis e a contagem está certa. Nenhuma hemorragia.

Eu podia ver que era verdade; o rosto do paciente estava pálido, mas com um suave tom rosado, como as veias em uma pétala de rosa branca, e o pulso na concavidade de sua garganta era forte e regular.

Soltei o profundo suspiro que não percebera que estivera contendo.

— Isso é bom — disse. — Muito bom.

O enfermeiro sorriu calorosamente para mim e tive que resistir ao impulso de apoiar-me nele e desmoronar. O ambiente do hospital de repente parecia ser meu único refúgio.

Não adiantava voltar para casa. Verifiquei rapidamente como estavam meus outros pacientes e descii para a lanchonete. Ainda cheirava a colégio interno, mas sentei-me com uma xícara de café e tomei-o devagar, imaginando o que eu iria dizer a Bree.

Deve ter sido uma meia hora mais tarde quando uma enfermeira da emergência atravessou apressadamente a porta de vaivém e parou abruptamente ao me ver. Então, aproximou-se, muito devagar.

Eu soube imediatamente; eu já vira médicos e enfermeiros comunicarem notícias de morte muitas vezes para me enganar com os sinais. Com muita calma, sem sentir absolutamente nada, coloquei a xícara quase cheia sobre a mesa, percebendo, enquanto o fazia, que pelo resto da minha vida eu me lembraria que havia uma lasca na borda da xícara e que o B das letras douradas na lateral estava quase apagado.

— ... que você estaria aqui. A identidade em sua carteira... a polícia disse... neve sobre gelo, uma derrapagem... já chegou morto... — A enfermeira continuava a falar, balbuciando, enquanto eu atravessava a passos largos os corredores brilhantemente brancos, sem olhar para ela, vendo os rostos das

enfermeiras do posto virarem-se para mim em câmara lenta, sem saber, mas vendo, com um relance de olhos para mim, que algo terrível acontecera.

Ele estava em uma maca, em um dos cubículos da sala de emergências; um lugar anônimo, espartano. Havia uma ambulância estacionada do lado de fora — talvez a que o trouxera. As portas no final do corredor estavam abertas para o amanhecer glacial. A luz vermelha da ambulância pulsava como uma artéria, banhando de sangue o corredor.

Toquei-o de leve. Seu corpo possuía aquela sensação plástica, inerte, dos que acabaram de morrer, tão em desacordo com a aparência de vida. Não havia nenhum ferimento visível; qualquer dano estava escondido sob o cobertor que o cobria. Sua garganta estava lisa e morena. Não havia nenhuma pulsação na base do seu pescoço.

Fiquei ali parada, a mão na curva imóvel de seu peito, olhando para ele como não olhava havia algum tempo. Um perfil forte e delicado, lábios sensíveis, nariz e maxilares perfeitamente cinzelados. Um homem bonito, apesar dos sulcos ao redor da boca, rugas de decepção e raiva contida, rugas que nem o relaxamento da morte conseguia apagar.

Permaneci completamente imóvel, ouvindo. Podia ouvir o lamento de outra ambulância se aproximando, vozes no corredor. O rangido de rodas de maca, a estática de um rádio de polícia e o zumbido suave de uma luz fluorescente em algum lugar. Compreendi com um susto que eu estava tentando ouvir Frank, esperando... o quê? Que seu espírito estivesse pairando ali por perto, ansioso para terminar nossa discussão inacabada?

Fechei os olhos para fugir à perturbadora visão daquele perfil imóvel, ficando vermelho e branco e vermelho outra vez, alternadamente, conforme a luz da ambulância pulsava pelas portas abertas.

— Frank — disse num sussurro, para o ar gelado, agitado —, se ainda estiver perto o suficiente para me ouvir... eu realmente o

amei. Um dia. Mesmo.

Então Joe surgiu, abrindo caminho pelo corredor apinhado de gente, o rosto ansioso acima da roupa verde do hospital. Viera diretamente da sala de cirurgia; havia respingos de sangue nas lentes de seus óculos, uma mancha de sangue no peito também.

— Claire — disse ele —, meu Deus, Claire!

E eu comecei a tremer. Em dez anos, ele nunca me chamara de outro modo senão de “Jane” ou “L. J.”. Se ele estava usando meu nome, aquilo devia ser real. Vi minha mão extraordinariamente branca na mão escura de Joe, depois vermelha à luz pulsante. Em seguida, virei-me para ele, sólido como um tronco de árvore, descansei a cabeça em seu ombro e — pela primeira vez — chorei por Frank.

Encostei o rosto contra a janela do quarto de dormir da casa em Furey Street. Estava quente e úmido naquela noite azul de setembro, repleta de sons de grilos e irrigadores de gramado. O que eu via, entretanto, era o preto e branco implacável daquela noite de inverno há dois anos — a camada de gelo na estrada refletindo a escuridão da noite e o branco dos lençóis do hospital; depois, no alvorecer cinzento, o raciocínio turvo, a incapacidade de pensar com clareza.

Meus olhos se turvaram agora, ao recordar a confusão anônima no corredor e a luz vermelha e pulsante da ambulância que banhava o silencioso cubículo num clarão sangrento enquanto eu chorava por Frank.

Agora, eu chorava por ele pela última vez, sabendo, no momento mesmo em que as lágrimas escorriam pelo meu rosto, que havíamos nos separado, de uma vez por todas, há vinte e poucos anos, no alto de uma verde colina escocesa.

Secadas as lágrimas, levantei-me e pousei a mão na macia colcha azul, delicadamente arredondada sobre o travesseiro da esquerda — o lado de Frank.

— Adeus, querido — murmurei, saindo para dormir no andar de baixo, longe de todos os fantasmas.

Foi a campainha da porta que me despertou pela manhã da cama improvisada no sofá.

— Telegrama, senhora — disse o mensageiro, tentando não olhar para a minha camisola.

Aqueles pequenos envelopes amarelos haviam sido provavelmente responsáveis por mais ataques do coração do que qualquer coisa além de bacon gorduroso no café da manhã. Meu próprio coração apertou-se como um punho cerrado, depois continuou batendo de uma maneira pesada e incômoda.

Dei uma gorjeta ao mensageiro e levei o telegrama pelo corredor. Parecia importante não abri-lo até ter alcançado a relativa segurança do banheiro, como se fosse um dispositivo explosivo que pudesse ser neutralizado embaixo de água.

Meus dedos tremiam e atrapalhavam-se para abrir o envelope, sentada na borda da banheira, as costas pressionadas contra a parede de ladrilhos como reforço.

Era uma mensagem breve — claro, um escocês sempre seria econômico com as palavras, pensei de forma absurda.

ENCONTREI-O PONTO, li. PODERIA VOLTAR INTERROGAÇÃO
ROGER.

Dobrei o telegrama cuidadosamente e recoloquei-o no envelope. Permaneci ali sentada, fitando-o por um longo tempo. Em seguida, levantei-me e fui me vestir.

20

DIAGNÓSTICO

Joe Abernathy estava sentado à sua mesa, franzindo a testa para um pequeno retângulo de papel-cartão de cor clara que segurava com ambas as mãos.

— O que é isso? — perguntei, sentada na beira de sua escrivaninha sem nenhuma cerimônia.

— Um cartão de visitas. — Entregou-me o cartão, parecendo irritado e achando engraçado ao mesmo tempo.

Era um cartão cinza-claro em papel vergê; artigo caro, meticulosamente impresso numa elegante tipologia serifada. *Muhammad Ishmael Shabazz III*, dizia a linha central, com endereço e telefone abaixo.

— Lenny? — perguntei, rindo. — Muhammad Ishmael Shabazz *terceiro*?
— A-ham.

A inclinação para achar engraçado parecia estar prevalecendo. O dente de ouro faiscou rapidamente quando pegou o cartão de volta.

— Disse que não vai aceitar nenhum nome de branco, nenhum nome de escravo. Vai resgatar sua herança africana — disse ele sarcasticamente. — Tudo bem, eu disse a ele. Depois perguntei: e o próximo passo vai ser sair por aí com um osso atravessado no nariz? Como se já não bastasse ele estar com o cabelo deste tamanho — ilustrou com um gesto, balançando as mãos dos dois lados da própria cabeça quase raspada — e andar por aí numa túnica que vai até os joelhos, parecendo que foi feita por sua irmã na aula de economia doméstica. Não, Lenny... desculpe-me, Muhammad, tem que ser *africano* até a medula.

Joe abanou a mão para a janela, para a vista privilegiada do parque.

— Então eu disse a ele: olhe à sua volta, rapaz, está vendo algum leão? Isso aqui parece a África? — Inclinou-se para trás em sua cadeira estofada, esticando as longas pernas. Sacudiu a cabeça, resignado. — Não há diálogo com um garoto nesta idade.

— É verdade — disse. — Mas o que significa esse “terceiro”?

Um hesitante brilho de ouro me respondeu.

— Bem, ele veio com todo aquele papo de “tradição perdida” e sua “história desconhecida” e tudo o mais. Ele diz: “Como vou manter a cabeça erguida, encarar todos aqueles caras de Yale chamados Cadwallader IV e Sewell Lodge Jr. se eu nem sei o nome de meu avô, nem sei de onde venho?”

Joe fez um muxoxo.

— Eu disse a ele, se quer saber de onde veio, garoto, olhe no espelho. Não foi do *Mayflower*, não é?

Pegou o cartão outra vez, um sorriso relutante no rosto.

— Então ele diz que, se vai resgatar sua herança, por que não ir até o fim? Se seu avô não lhe deu um nome, ele dará um nome ao avô. E o único problema disso — disse ele, erguendo o olhar para mim, por baixo de uma sobrancelha erguida — é que me deixa como o homem do meio. Agora eu tenho que ser Muhammad Ishmael Shabazz *Júnior* para que Lenny possa ser um orgulhoso afro-americano. — Afastou-se da mesa com um impulso, o queixo no peito, olhando ameaçadoramente para o cartão cinza-claro. — Você tem sorte, L. J. — continuou ele. — Ao menos, Bree não está lhe dando desgosto sobre quem era seu avô. Tudo com que você tem que se preocupar é se ela está usando drogas ou engravidando de algum desertor do serviço militar que está fugindo para o Canadá.

Ri, com mais do que um pouco de ironia.

— Isso é o que você *pensa* — disse-lhe.

— É mesmo? — Ergueu uma das sobrancelhas com interesse para mim, depois tirou os óculos de aro dourado e limpou-os na ponta da gravata. — E então, que tal a Escócia? — perguntou, observando-me. — Bree gostou de lá?

— Ela continua lá — disse. — Pesquisando *sua* própria história.

Joe estava abrindo a boca para dizer alguma coisa quando uma batida hesitante na porta o interrompeu.

— Dr. Abernathy? — Um jovem gordo, numa camisa polo, espreitou, hesitante, para dentro do escritório, inclinando-se sobre a tampa de uma grande caixa de papelão que segurava contra o volumoso abdômen.

— Chame-me de Ishmael — disse Joe alegremente.

— O quê? — O rapaz ficou ligeiramente boquiaberto e olhou para mim com um misto de perplexidade e esperança. — Abernathy é a senhora?

— Não — disse —, é ele, quando está em seu juízo perfeito. — Levantei-me da escrivaninha, alisando minha saia. — Vou deixá-lo com sua consulta, Joe, mas se tiver um tempo mais tarde...

— Não, fique mais um minuto, L. J. — interrompeu ele, levantando-se. Pegou a caixa das mãos do rapaz, em seguida cumprimentou-o formalmente com um aperto de mão. — E você é o sr. Thompson? John Wicklow telefonou-me para dizer que você viria. Prazer em conhecê-lo.

— Horace Thompson, sim — disse o jovem, piscando ligeiramente. — Eu trouxe, hã, um espécime... — Abanou a mão vagamente para a caixa de papelão.

— Sim, está bem. Terei prazer em dar uma olhada nele para você, mas acho que a dra. Randall aqui também poderia ajudar. — Olhou para mim, um brilho travesso nos olhos. — Só quero ver se você pode fazê-lo com uma pessoa morta, L. J..

— Fazer o quê com uma pessoa... — comecei, quando ele enfiou as mãos na caixa aberta e com todo o cuidado retirou dali um crânio.

— Ah, bonito — disse ele, encantado, virando o objeto delicadamente de um lado para o outro.

“Bonito” não foi o primeiro adjetivo que me ocorreu; o crânio havia mudado muito de cor, o osso era de um marrom-escuro e manchado. Joe levou-o até a janela e segurou-o à luz, os polegares tocando com delicadeza as pequenas bordas ósseas das órbitas.

— Uma bela senhora — disse ele brandamente, falando tanto para o crânio quanto para mim ou para Horace Thompson. — Adulta, madura. Talvez com cinquenta ou cinquenta e poucos anos. Você tem as pernas? — perguntou ele, virando-se repentinamente para o rapaz gorducho.

— Sim, bem aqui — assegurou Horace Thompson, enfiando a mão na caixa. — Na verdade, temos o esqueleto completo.

Horace Thompson era provavelmente alguém do escritório do médico-legista encarregado de investigar mortes suspeitas, pensei. Às vezes, levavam corpos para Joe, encontrados na zona rural, em condições já muito deterioradas, para uma opinião especializada quanto à *causa mortis*. Este parecia consideravelmente deteriorado.

— Tome, dra. Randall. — Joe inclinou-se e com extrema cautela colocou

o crânio em minhas mãos. — Diga-me se esta senhora gozava de boa saúde, enquanto eu verifico suas pernas.

— Eu? Não sou legista. — Mesmo assim, olhei automaticamente para baixo. Ou era um espécime antigo ou severamente castigado pelas condições do tempo; o osso estava liso, com um brilho que os espécimes recentes nunca possuíam, manchado e com a cor alterada pela ação dos pigmentos da terra. — Ah, está bem. — Virei o crânio nas mãos com cuidado, observando os ossos, nomeando-os mentalmente conforme os via. O arco suave dos parietais, fundido ao declive do temporal, com a pequena saliência onde o músculo mandibular se originava, a protuberância que se unia com a projeção maxilar formando a curva graciosa do arco escamoso. Ela possuía belas maçãs do rosto, altas e largas. O maxilar superior exibia a maioria dos dentes — alinhados e brancos.

Olhos fundos. O osso escavado da parte de trás das órbitas estava sombreado e escuro; mesmo inclinando o crânio de lado, não conseguia fazer a luz iluminar toda a cavidade. O crânio parecia leve em minhas mãos, o osso frágil. Toquei sua fronte e minha mão deslizou para cima, em seguida para baixo, atrás do occipício, meus dedos buscando o buraco escuro na base do crânio, o forame magno, por onde todas as mensagens do sistema nervoso tinham que passar, para dentro e para fora do cérebro ativo.

Em seguida, segurei o crânio junto ao meu estômago, os olhos fechados, e senti a tristeza sutil preenchendo a cavidade do crânio como água corrente. E uma leve e estranha sensação — de surpresa?

— Alguém a matou — disse. — Ela não queria morrer. — Abri os olhos e encontrei Horace Thompson fitando-me, os próprios olhos arregalados em seu rosto pálido e redondo. Entreguei-lhe o crânio com muito cuidado. — Onde a encontrou? — perguntei.

O sr. Thompson e Joe entreolharam-se. O sr. Thompson voltou a olhar para mim. As sobancelhas ainda erguidas.

— É de uma caverna no Caribe — disse ele. — Havia diversos artefatos com ela. Acharmos que tenha entre cento e cinquenta a duzentos anos.

— Ela *o quê*?

Joe exibia um largo sorriso, divertindo-se com a situação.

— Nosso amigo, o sr. Thompson aqui, é do departamento de antropologia

de Harvard — disse ele. — Seu amigo Wicklow me conhece; perguntou-me se eu daria uma olhada neste esqueleto, para dizer-lhes qualquer coisa que eu pudesse encontrar.

— Que audácia! — exclamei, indignada. — Pensei que ela fosse algum corpo não identificado que o escritório do legista tivesse arrastado para cá.

— Bem, ela não foi identificada — ressaltou Joe. — E provavelmente vai continuar assim. — Começou a fuçar a caixa de papelão como um terrier. Na aba da tampa, lia-se: MILHO PICT-SWEET. — Bem, o que temos aqui? — disse ele, tirando da caixa, com muito cuidado, um saco plástico contendo uma mixórdia de vértebras.

— Estava toda desfeita quando a encontramos — explicou Horace.

— Ah, o crânio é ligado ao... osso do pescoço — cantarolou Joe, arrumando as vértebras ao longo da borda da mesa. Seus dedos grossos e curtos iam e vinham habilmente entre os ossos, empurrando-os e alinhando-os. — O osso do pescoço é ligado à... espinha dorsal...

— Não dê atenção a ele — disse a Horace. — Só vai encorajá-lo.

— Ah, ouça... a palavra... do Senhor! — terminou ele triunfalmente. — Santo Deus, L. J., você é inacreditável! Olhe aqui. — Eu e Horace Thompson nos inclinamos obedientemente sobre a linha de pontiagudos ossos vertebrais. O eixo largo exibia um sulco profundo, as zigapófises posteriores haviam sido decepadas completamente e a fratura atravessava completamente o centro do osso.

— Pescoço quebrado? — perguntou Thompson, espreitando com interesse.

— Sim, porém mais do que isso, eu acho. — O dedo de Joe percorreu a linha da extensão da fratura. — Está vendo aqui? O osso não está apenas quebrado, simplesmente *desapareceu* naquele lugar. Alguém tentou decapitar esta mulher. Com uma lâmina rombuda — concluiu com satisfação.

Horace Thompson olhava-me de forma estranha.

— Como soube que ela havia sido assassinada, dra. Randall? — perguntou ele.

Pude sentir o sangue subir ao meu rosto.

— Não sei — respondi. — Eu... ela... parecia que sim, só isso.

— É mesmo? — Piscou algumas vezes, mas não continuou a me

pressionar. — Que estranho.

— Ela faz isso o tempo todo — informou Joe, estreitando os olhos para o fêmur que estava medindo com um par de calibradores. — Mas, na maioria das vezes, com pessoas vivas. A melhor especialista em diagnóstico que já vi. — Largou os calibradores e pegou uma pequena régua de plástico. — Uma caverna, você disse?

— Achamos que se tratava de um... hã, de um local secreto de sepultamento de escravos — explicou o sr. Thompson, enrubescendo, e eu compreendi de repente por que ele parecera tão envergonhado quando percebeu qual de nós dois era o médico a quem ele fora enviado.

Joe lançou-lhe um olhar repentino e penetrante, mas em seguida inclinou-se novamente sobre seu trabalho. Continuava a cantarolar o *spiritual* “Dem Dry Bones” baixinho para si mesmo, enquanto media a bacia pélvica. Depois, voltou às pernas, desta vez concentrando-se na tíbia. Finalmente, endireitou-se, sacudindo a cabeça.

— Não era uma escrava — disse ele.

Horace pestanejou.

— Mas deve ter sido — disse ele. — Tudo que encontramos com ela... uma clara influência africana...

— Não — disse Joe sem rodeios. Bateu de leve no fêmur longo, no lugar onde estava sobre sua mesa. Sua unha produziu um ruído seco sobre o osso. — Ela não era negra.

— Pode-se saber pelos ossos? — Horace Thompson ficou visivelmente agitado. — Mas eu pensei... aquele artigo de Jensen, quero dizer... teorias sobre diferenças físicas raciais... amplamente contestado... — Ficou vermelho, incapaz de terminar.

— Ah, elas existem — disse Joe, com grande indiferença. — Se quer pensar que negros e brancos são iguais sob a pele, por mim tudo bem, mas cientificamente não é assim. — Virou-se e retirou um livro da estante às suas costas. *Tabelas de variação de esqueleto*, dizia o título.

— Dê uma olhada nisto — disse Joe. — Pode-se ver as diferenças em diversos ossos, mas especialmente nos ossos das pernas. Os negros possuem uma proporção entre fêmur e tíbia completamente diferente dos brancos. E esta senhora — apontou para o esqueleto sobre a sua mesa — era branca.

Caucasiana. Não há nenhuma dúvida a respeito.

— Ah — murmurou Horace Thompson. — Bem. Vou ter que pensar... quer dizer... foi muita gentileza sua dar uma olhada nela para mim. Hã, obrigado — acrescentou ele, com uma pequena e desajeitada medida. Observamos silenciosamente enquanto ele juntava seus ossos de volta na caixa de papelão e partia, parando à porta para nos cumprimentar outra vez com um breve aceno da cabeça.

Joe deu uma pequena risada quando a porta se fechou atrás dele.

— Quer apostar como ele vai levá-la a Rutgers para uma segunda opinião?

— Os acadêmicos não desistem de suas teorias facilmente — disse, dando de ombros. — Vivi com um deles tempo suficiente para saber disso.

Joe riu de novo.

— É verdade. Bem, agora que já terminamos com o sr. Thompson e a mulher branca morta, o que posso fazer por você, L. J.?

Respirei fundo e virei-me para olhá-lo de frente.

— Preciso de uma opinião honesta, de alguém que tenho certeza que será objetivo. Não — corrija-me —, retiro o que disse. Preciso de uma opinião e depois, dependendo da opinião, talvez um favor.

— Sem problema — assegurou-me Joe. — Especialmente quanto à opinião. Minha especialidade, opiniões. — Reclinou-se em sua cadeira, abriu os óculos de aro dourado e colocou-os firmemente sobre o nariz largo. Em seguida, cruzou as mãos em cima do peito, os dedos formando uma espécie de torre, e balançou a cabeça para mim. — Diga.

— Eu sou sexualmente atraente? — perguntei. Seus olhos sempre me faziam lembrar balas de caramelo, com sua meiga cor castanho-dourada. Agora, tornaram-se completamente redondos, aumentando a semelhança.

Depois, estreitaram-se, mas ele não respondeu logo. Examinou-me com atenção da cabeça aos pés.

— É uma pergunta capciosa, certo? — disse ele. — Eu lhe dou uma resposta e uma dessas feministas salta sobre mim de trás da porta, grita “Porco machista!” e me golpeia na cabeça com um cartaz que diz “Castrem os chauvinistas”, não é?

— Não — assegurei-lhe. — Uma resposta masculina chauvinista e

machista é basicamente o que eu quero.

— Ah, ok. Já que isso ficou esclarecido. — Retomou seu minucioso estudo, estreitando bem os olhos enquanto eu ficava parada, ereta. — Mulher branca e magra com uma enorme cabeleira, mas com um belo traseiro — disse ele finalmente. — Seios bonitos, também — acrescentou, com um aceno cordial da cabeça. — Era isso que queria saber?

— Sim — respondi, relaxando a postura rígida. — Era exatamente isso que eu queria saber. Não é o tipo de pergunta que se pode fazer a qualquer um.

Franziu os lábios num assobio silencioso, depois atirou a cabeça para trás e deu uma sonora risada, encantado.

— Lady Jane! Você arranhou um *homem*!

Senti o sangue subir às minhas faces, mas tentei manter minha dignidade.

— Não sei. Talvez. Apenas talvez.

— Talvez, uma ova! Pelo amor de Deus, L. J., já estava na hora!

— Faça o favor de parar com a gozação — disse, sentando-me na cadeira em frente à sua mesa. — Não fica bem para um homem da sua idade e posição.

— Minha idade? A-ham — disse ele, espreitando-me astutamente por trás dos óculos. — Ele é mais novo do que você? É com isto que está preocupada?

— Não muito — disse, a vermelhidão do rosto começando a retroceder. — Mas eu não o vejo há vinte anos. Você é a única pessoa que me conhece há muito tempo; mudei muito desde que nos conhecemos? — Olhei-o de frente, exigindo honestidade.

Ele olhou para mim, tirou os óculos e estreitou os olhos, depois os recolocou.

— Não — disse ele. — Mas você não mudaria, a menos que engordasse.

— Não mudaria?

— Não — disse ele. — Já foi a algum encontro de ex-colegas de colégio?

— Eu não frequentei um colégio.

Suas sobranceiras falhadas saltaram para cima.

— Não? Eu, sim. E vou lhe dizer uma coisa, L. J.: você encontra todas essas pessoas que não vê há vinte anos e então ocorre aquela fração de

segundo em que você olha para alguém que conhecia e pensa: “Meu Deus, como ele mudou!”, mas, logo em seguida, você vê que ele não mudou. É como se os vinte anos não tivessem passado. Quero dizer — esfregou a cabeça vigorosamente, buscando a melhor forma de se expressar —, você vê que ele adquiriu alguns cabelos grisalhos, algumas rugas e talvez já não seja exatamente como era, mas dois minutos após esse choque, não vê mais essas mudanças. São exatamente as mesmas pessoas que sempre foram e tem que se distanciar um pouco para ver que eles já não têm dezoito anos. Agora, se as pessoas engordam — disse ele pensativamente —, elas realmente mudam um pouco. Torna-se difícil ver quem elas eram, porque o rosto muda. Mas você — estreitou os olhos para mim outra vez —, você nunca vai ser gorda; não tem os genes para isso.

— Acho que não — disse. Olhei para minhas mãos, entrelaçadas no meu colo. Pulsos finos; ao menos, eu ainda não engordara. Minhas alianças brilhavam ao sol do outono que penetrava pela janela.

— É o pai de Bree? — perguntou ele brandamente. Ergui a cabeça repentinamente e olhei-o perplexa.

— Como é que você sabe disso? — perguntei. Ele esboçou um sorriso.

— Há quanto tempo conheço Bree? Dez anos, pelo menos. — Sacudiu a cabeça. — Ela se parece muito com você, L. J., mas nunca vi nenhum traço de Frank. Papai tem cabelos ruivos, hein? — perguntou ele. — E é um filho da mãe muito grande, ou tudo que aprendi de genética básica foi uma grande mentira.

— Sim — disse, sentindo uma espécie de delirante empolgação à simples admissão do fato. Até eu contar à própria Bree e a Roger a respeito de Jamie, eu não dissera nada sobre ele em vinte anos. A alegria de de repente poder falar livremente sobre ele era inebriante. — Sim, ele é grande e ruivo, e é escocês — disse, fazendo os olhos de Joe arregalarem-se de novo.

— E Bree está na Escócia agora?

Balancei a cabeça, confirmando.

— Bree é onde entra o favor.

Duas horas mais tarde, saí do hospital pela última vez, deixando para trás uma carta de demissão, endereçada ao Conselho, todos os documentos necessários para a administração de meus bens até Brianna completar a

maioridade e outro, a ser executado nesta ocasião, passando tudo para ela. Ao sair do estacionamento, experimentei uma sensação mista de pânico, angústia e júbilo. Eu estava a caminho.

21

C. Q. D.

— **A**chei o documento de transferência de propriedade. — O rosto de Roger estava afogueado de entusiasmo. Mal conseguira se conter, esperando com clara impaciência na estação de trem em Inverness, enquanto Brianna abraçava-me e minhas malas eram devolvidas. Mal nos enfiou no pequeno Morris e ligou a ignição do carro antes de começar a contar suas novidades.

— Qual, o de Lallybroch? — Inclinei-me sobre o encosto do assento da frente entre ele e Brianna, a fim de ouvi-lo acima do barulho do motor.

— Sim, Jamie, o seu Jamie, escreveu, transferindo a propriedade para seu sobrinho, o pequeno Jamie.

— Está na casa paroquial — acrescentou Brianna, virando-se para me olhar. — Ficamos com medo de trazê-lo conosco; Roger teve que assinar o nome com sangue para conseguir tirá-lo do acervo especial. — Sua pele clara estava rosada de empolgação e do dia frio, gotas de chuva em seus cabelos ruivos. Era sempre um choque para mim revê-la após um período de ausência, as mães sempre acham seus filhos bonitos, mas Bree realmente era.

Sorri para ela, resplandecente de afeto tingido de pânico. Eu poderia mesmo estar pensando em deixá-la? Atribuindo erroneamente meu sorriso à satisfação com as notícias, ela continuou, agarrando o encosto do banco com entusiasmo.

— E você não vai adivinhar o que mais encontramos!

— O que você encontrou — corrigiu Roger, apertando seu joelho com uma das mãos enquanto ultrapassava um pequeno carro cor de laranja num trevo da estrada. Ela lançou-lhe um rápido olhar e retribuiu o toque com uma expressão de intimidade que fez disparar meus sinais de alarme maternos instantaneamente. Já estavam neste ponto, hein?

Eu parecia sentir a sombra acusadora de Frank olhando por cima do meu ombro. Bem, pelo menos Roger não era negro. Tossi e disse:

— É mesmo? O que foi?

Trocaram um olhar e um largo sorriso.

— Espere e verá, mamãe — disse Bree, com irritante presunção.

— Viu? — disse ela, vinte minutos depois, quando me inclinei sobre a escrivaninha no gabinete da residência paroquial. Sobre a superfície surrada da escrivaninha do falecido reverendo Wakefield havia um maço de folhas amareladas, manchadas e escurecidas nas bordas. Estavam cuidadosamente protegidas em capas de plástico agora, mas obviamente haviam sido usadas sem maiores cuidados em alguma época; as bordas estavam corroídas, uma das folhas rudemente rasgada ao meio e todas as folhas apresentavam anotações rabiscadas nas margens e inseridas no texto. Era com toda a certeza o rascunho rudimentar de alguém — sobre alguma coisa.

— É o texto de um artigo — disse-me Roger, remexendo em um monte de grossos fólhos empilhados no sofá. — Foi publicado numa espécie de periódico chamado *Forrester's*, impresso por um tipógrafo chamado Alexander Malcolm, em Edimburgo, em 1765.

Engoli em seco, meu vestido parecendo de repente apertado demais sob os braços; 1765 era quase vinte anos após eu ter deixado Jamie.

Fitei as letras garatujadas, amarronzadas pelo tempo. Havia sido escritas por alguém de caligrafia difícil, às vezes esparramada, às vezes apertada, com volteios exagerados no “g” e no “y”. Talvez a escrita de alguém canhoto, que escreveu penosamente com a mão direita.

— Veja, aqui está a versão publicada. — Roger trouxe o fólio aberto para a escrivaninha e colocou-o diante de mim, apontando. — Está vendo o ano? É 1765, e combina com este manuscrito quase exatamente; apenas algumas das anotações não foram incluídas.

— Sim — eu disse. — E o documento de transferência de propriedade...

— Está aqui. — Brianna tateou apressadamente na gaveta de cima e retirou uma folha muito amassada, também envolvida por um plástico protetor. A proteção aqui foi ainda mais a *posteriori* do que ocorrera com o manuscrito; o documento estava respingado de chuva, sujo e rasgado, muitas das palavras borradas a ponto de se tornarem ilegíveis. Mas as três assinaturas ao pé da página ainda podiam ser vistas com absoluta clareza.

De próprio punho (By my hand), dizia a difícil caligrafia, aqui executada

com tamanho cuidado que apenas a laçada exagerada do “y” mostrava semelhança com o manuscrito negligentemente redigido, *James Alexander Malcolm MacKenzie Fraser*. E embaixo, as duas linhas onde as testemunhas assinaram. Com uma letra fina e elegante, *Murtagh FitzGibbons Fraser*, e abaixo, em minha própria caligrafia grande e arredondada, *Claire Beauchamp Fraser*.

Sentei-me bruscamente, colocando por instinto a mão sobre o documento, como se quisesse negar sua realidade.

— É ele, não é? — disse Roger serenamente. Sua tranquilidade exterior era traída por suas mãos, ligeiramente trêmulas quando ele levantou a pilha de páginas manuscritas para colocá-las ao lado do documento. — Você o assinou. Prova indiscutível... se precisássemos de alguma — acrescentou ele, com um rápido olhar para Bree.

Ela sacudiu a cabeça, deixando os cabelos caírem para a frente e esconderem seu rosto. Não precisavam de prova, nenhum dos dois. O desaparecimento de Geilie Duncan através das pedras há cinco meses era toda a prova que alguém poderia necessitar para a verdade de minha história.

Ainda assim, ver tudo comprovado no preto e no branco era um pouco perturbador. Retirei a mão e examinei outra vez o documento. Em seguida, comparei-o ao manuscrito.

— Não são do mesmo autor, mamãe? — Bree inclinava-se ansiosamente sobre as folhas, os cabelos roçando de leve minha mão. — O artigo não foi assinado... ou foi, com um pseudônimo. — Esboçou um sorriso. — O autor assinou “C. Q. D.”. Pareceram iguais para nós, mas não somos especialistas em caligrafia e não queríamos entregar este material a um especialista antes de você os ver.

— Acho que são. — Sentia-me tensa, mas absolutamente certa ao mesmo tempo, com uma incrédula alegria avolumando-se dentro de mim. — Sim, tenho quase certeza. Foi Jamie quem escreveu isto. — Como Queríamos Demonstrar, francamente! Senti uma vontade absurda de arrancar as páginas manuscritas de suas capas plásticas e segurá-las em minhas mãos, sentir a tinta e o papel que ele tocara; a prova definitiva de que ele sobrevivera.

— Tem mais. Prova intrínseca. — A voz de Roger denunciava seu orgulho. — Está vendo ali? É um artigo defendendo a revogação de um

decreto de 1764, que estabelece impostos e restrições à exportação de bebidas das Terras Altas para a Inglaterra. Aqui está — seu dedo correu e parou repentinamente em uma frase —, “pois como se sabe há muito tempo, ‘Liberdade e Uísque andam juntos’.” Viu como ele colocou essa frase entre aspas? Ele a pegou de outro lugar.

— Ele a pegou de mim — disse em voz baixa. — Eu lhe disse isso... quando ele estava partindo para roubar o vinho do Porto do príncipe Charles.

— Eu me lembrei. — Roger balançou a cabeça, os olhos brilhando de entusiasmo.

— Mas é uma citação de Burns — eu disse, franzindo a testa de repente. — Talvez o autor tenha obtido a frase lá... Burns era vivo na época, não?

— Era — disse Bree cheia de orgulho, antecipando-se a Roger —, mas Robert Burns tinha seis anos de idade em 1765.

— E Jamie teria quarenta e quatro. — Inesperadamente, tudo pareceu real. Ele estava vivo... estivera vivo, eu me corrigi, tentando manter minhas emoções sob controle. Pousei os dedos sobre o manuscrito, tremendo. — E se... — disse, e um nó na garganta me fez parar outra vez.

— E se o tempo corre em paralelo, como achamos que acontece... — Roger parou, também, olhando para mim. Em seguida, seus olhos voltaram-se para Brianna.

Ela ficara terrivelmente pálida, mas tanto os lábios quanto os olhos permaneciam firmes, e seus dedos estavam quentes quando tocou minha mão.

— Então você pode voltar, mamãe — disse ela baixinho. — Você pode encontrá-lo.

Os cabides de plástico chocalhavam contra o tubo de metal da armação onde os vestidos estavam pendurados conforme eu examinava devagar a coleção à mostra.

— Posso ajudá-la, senhora? — A vendedora olhou-me como um prestativo cãozinho pequinês, os olhos delineados de azul mal visíveis através de franjas que quase chegavam à ponta do nariz.

— Você teria mais alguns desses vestidos em estilo antigo? — Gesticulei indicando a armação de vestidos diante de mim, apinhada de modelos seguindo a mania atual: corpetes rendados e amarrados com cadarços,

vestidos de saia longa em algodão estampado e veludo de algodão.

A boca da vendedora estava untada com uma camada tão espessa de batom branco que eu esperava que fosse rachar quando ela sorrisse, mas não rachou.

— Ah, sim — disse ela. — Recebi uma nova remessa dos modelos de Jessica Gutenberg justamente hoje. Não são uma graça, esses vestidos à moda antiga? — Correu o dedo com admiração por uma manga de veludo marrom, depois girou em suas sapatilhas de balé e apontou para o centro da loja. — Estão bem ali. Onde está escrito, na placa.

A placa, presa em cima de uma armação circular, dizia TODO O ENCANTO DO SÉCULO XVIII, em grandes letras brancas. Logo abaixo, em letras floreadas, estava a assinatura, *Jessica Gutenberg*.

Refletindo sobre a improbabilidade de alguém realmente se chamar Jessica Gutenberg, avancei devagar pelo conteúdo da armação, parando em um vestido muito impressionante em veludo bege, com aplicações em cetim e uma profusão de rendas.

— Este fica lindo no corpo. — A pequinesa estava de volta, o nariz achatado farejando esperançosamente uma venda.

— Pode ser — disse —, mas não é muito prático. Ficaria imundo assim que eu saísse da loja. — Afastei o vestido branco com pesar, prosseguindo para os próximos no meu tamanho.

— Ah, eu adoro os vermelhos! — A jovem bateu palmas em êxtase diante do brilhante tecido vermelho-escuro.

— Eu também — murmurei —, mas não quero nada muito gritante. Não ficaria bem ser confundida com uma prostituta, não é? — A pequinesa lançou-me um olhar espantado através das franjas espessas, depois concluiu que eu estava brincando e deu uma risadinha de aprovação.

— Agora, veja este — disse ela em tom decisivo, estendendo o braço além de mim e destacando outro vestido. — É perfeito. E essa cor lhe cai muito bem.

De fato, era quase perfeito. Comprido até o chão, com mangas três-quartos debruadas de renda. Um dourado escuro, marrom-amarelado, com reflexos âmbar e conhaque na seda pesada.

Tirei-o cuidadosamente da armação e segurei-o à minha frente,

examinando-o. Um pouco enfeitado demais, mas deveria servir. O acabamento parecia bastante bom; nenhum fio solto ou costuras se abrindo. A renda do corpete, feita à máquina, era apenas aplicada, mas seria fácil reforçá-la.

— Quer experimentá-lo? As cabines ficam ali. — A pequinesa saltitava junto ao meu cotovelo, encorajada pelo meu interesse. Com uma rápida olhada na etiqueta do preço, compreendi por quê; ela devia ganhar por comissão. Respirei fundo diante do valor, que daria para pagar um mês de aluguel de um apartamento em Londres, mas depois dei de ombros. Afinal, para que eu precisava de dinheiro?

Ainda assim, eu hesitava.

— Não sei... — disse, em dúvida. — É lindo, mas...

— Ah, não se preocupe nem um pouco pensando que possa parecer muito jovial para você. — A pequinesa apressou-se a me tranquilizar. — A senhora não parece ter nem mais um dia do que vinte e cinco! Bem... talvez trinta — concluiu ela sem muita convicção, após um rápido olhar ao meu rosto.

— Obrigada — disse secamente. — Mas eu não estava preocupada com isso. Imagino que não tenha nenhum sem zíper, não é?

— Zíper? — Seu rosto pequeno e redondo ficou apalermado sob a maquiagem. — Hã... não. Acho que não temos.

— Bem, nada com que se preocupar — disse, colocando o vestido sobre o braço e dirigindo-me à cabine de provas. — Se vou fazer a travessia com ele, zíperes serão o de menos.

22

DIA DAS BRUXAS

—Dois guinéus de ouro, seis soberanos, vinte e três xelins, dezoito florins, nove moedas de um penny, dez de meio penny e doze de um quarto de penny. — Roger deixou cair a última moeda na pilha tilintante, depois enfiou a mão no bolso da camisa, o rosto delgado absorto enquanto procurava. — Ah, aqui está. — Retirou do bolso um pequeno saco de plástico e cuidadosamente despejou um punhado de pequenas moedas de cobre numa pilha ao lado das outras moedas. — Alguns doits — explicou ele. — A moeda escocesa de menor valor da época. Consegui o máximo que pude, porque provavelmente é o que vai usar na maior parte do tempo. As moedas de valor alto não eram usadas no dia a dia, a menos que você fosse comprar um cavalo, por exemplo.

— Eu sei. — Peguei dois soberanos e revirei-os na mão, fazendo com que retinisses. Eram pesados, moedas de ouro com aproximadamente dois centímetros e meio de diâmetro. Roger e Bree precisaram de quatro dias em Londres, indo a vários colecionadores de moedas raras, para reunir a pequena fortuna que brilhava à minha frente, à luz do abajur. — Sabe, é engraçado; estas moedas valem muito mais agora do que seu valor nominal — disse, pegando um guinéu de ouro —, mas em termos do que podem comprar, valiam tanto na época quanto valem agora. Esta aqui é a renda de seis meses de trabalho de um pequeno fazendeiro.

— Eu estava me esquecendo — disse Roger —, que você já sabe tudo isso; quanto valiam as coisas e como eram vendidas.

— É fácil esquecer — eu disse, ainda fitando o dinheiro. Pelo canto dos olhos, vi Bree aproximar-se de repente de Roger e ele estender a mão automaticamente para ela.

Respirei fundo e ergui os olhos dos montículos de ouro e prata.

— Bem, tudo certo. Vamos sair para jantar?

O jantar — em um dos pubs da River Street — transcorria em silêncio a

maior parte do tempo. Claire e Brianna sentavam-se lado a lado no banco, com Roger em frente a elas. Mal se olhavam enquanto comiam, mas Roger podia ver os pequenos toques a todo instante, o roçar frequente do ombro e do quadril, o ligeiro contato dos dedos.

O que ele teria feito, perguntou-se. E se a escolha fosse dele, ou de seu pai? A separação ocorria a todas as famílias, mas em geral era a morte que intervinha para cortar os laços entre pais e filhos. Aqui, era o elemento da escolha que tornava tudo tão difícil — embora nunca fosse fácil, pensou ele, erguendo uma garfada de torta quente.

Quando se levantaram para ir embora após o jantar, ele colocou a mão no braço de Claire.

— Não é por nada — disse ele —, mas poderia tentar uma coisa para mim?

— Espero que sim — disse ela, sorrindo. — O que é?

Ele fez um sinal com a cabeça, indicando a porta.

— Feche os olhos e dê um passo para fora da porta. Quando estiver do lado de fora, abra-os. Depois, volte e me conte qual foi a primeira coisa que você viu.

Claire torceu a boca, com uma expressão divertida.

— Está bem. Espero que a primeira coisa que eu veja não seja um policial ou você vai ter que pagar fiança e me tirar da cadeia por estar bêbada e desmiolada.

— Desde que não seja um pato.

Claire lançou-lhe um olhar esquisito, mas obedientemente virou-se para a porta do pub e fechou os olhos. Brianna observou sua mãe desaparecer pela porta, a mão estendida para o painel de lambris da entrada a fim de se orientar. Virou-se para Roger, as sobancelhas cor de cobre erguidas.

— O que está pretendendo, Roger? Pato?

— Nada — disse ele, os olhos ainda fixos na entrada vazia. — É apenas um velho costume. O Samhain, ou Halloween, Dia das Bruxas, é um dos festivais em que era costume tentar adivinhar o futuro. E uma das maneiras de prever o futuro era caminhar até os fundos da casa e, em seguida, sair com os olhos fechados. A primeira coisa que você vê ao abri-los é um presságio para o futuro próximo.

— Patos são mau agouro?

— Depende do que estejam fazendo — disse ele distraidamente, ainda observando a entrada. — Se estiverem com a cabeça sob a asa, significa morte. Por que ela está demorando tanto?

— É melhor irmos ver — disse Brianna, já ficando nervosa. — Não creio que haja muitos patos dormindo no centro de Inverness, mas com o rio tão perto...

Assim que alcançaram a porta, entretanto, os vitrais da parte central toldaram-se e a porta abriu-se, revelando Claire, ligeiramente afogueada.

— Vocês nunca vão acreditar em qual foi a primeira coisa que eu vi — disse ela, rindo ao vê-los.

— Não foi um pato com a cabeça embaixo da asa, foi? — perguntou Brianna ansiosamente.

— Não — respondeu sua mãe, lançando-lhe um olhar intrigado. — Um policial. Virei para a esquerda e bati de frente com ele.

— Ele estava vindo na sua direção, então? — Roger sentiu-se inexplicavelmente aliviado.

— Bem, estava, até eu dar um encontrão nele — disse ela. — Então ficamos dançando um pouco pelo calçamento, agarrados um ao outro. — Ela riu, corada e bonita, com seus olhos cor de conhaque cintilando nas luzes cor de âmbar do pub. — Por quê?

— É sinal de boa sorte — disse Roger, sorrindo. — Ver um homem vindo em sua direção no dia de Samhain significa que encontrará o que procura.

— É mesmo? — Seus olhos pousaram sobre ele, inquiridores, depois seu rosto se iluminou com um sorriso repentino. — Que maravilha! Vamos para casa comemorar, certo?

O tenso constrangimento que se abatera sobre eles durante o jantar pareceu ter desaparecido subitamente, substituído por uma espécie de louco entusiasmo. Riram e brincaram na viagem de volta à casa paroquial, onde fizeram brindes ao passado e ao futuro — uísque Loch Minneaig para Roger e Claire, Coca-Cola para Brianna —, e conversaram animadamente sobre os planos para o dia seguinte. Brianna insistira em esculpir uma abóbora com um rosto humano e fazer uma lanterna de Halloween, que agora repousava sobre o aparador, rindo benevolente com os preparativos.

— Você já tem o dinheiro — disse Roger, pela décima vez.

— E seu manto — acrescentou Brianna.

— Sim, sim, sim — disse Claire com impaciência. — Tudo que eu preciso... ou tudo que posso levar, ao menos — corrigiu-se. Parou, depois impulsivamente estendeu os braços e segurou Bree e Roger pela mão. — Obrigada a vocês dois — disse ela, apertando suas mãos. Seus olhos estavam úmidos e sua voz repentinamente rouca. — Obrigada. Não sei dizer o que sinto. Não consigo. Mas... ah, meus queridos, vou sentir falta de vocês!

Logo, ela e Bree estavam nos braços uma da outra, a cabeça de Claire enfiada no pescoço da filha, as duas fortemente abraçadas, como se a simples força pudesse de alguma forma expressar a profundidade do sentimento entre ambas.

Então separaram-se, os olhos molhados, e Claire colocou a mão na face de sua filha.

— É melhor eu subir agora — murmurou ela. — Ainda há muito que fazer. Vejo-a de manhã, querida. — Ergueu-se na ponta dos pés para plantar um beijo no nariz de sua filha, depois se virou e deixou o aposento apressadamente.

Após a saída de sua mãe, Brianna sentou-se outra vez com seu copo de refrigerante e deu um longo suspiro. Não falou nada, ficou apenas sentada, fitando o fogo, virando o copo lentamente entre as mãos.

Roger tratou de ocupar-se, preparando o aposento para a noite, fechando janelas, arrumando a escrivaninha, guardando os livros de referência que usara para ajudar Claire a se preparar para a travessia. Parou junto à lanterna de abóbora, mas ela parecia tão alegre, com a luz da vela filtrando-se pelos olhos puxados e pela boca recortada, que ele não conseguiu apagá-la.

— Não creio que ela possa incendiar alguma coisa — observou ele. — Devemos deixá-la acesa?

Não houve resposta. Quando olhou para Brianna, viu-a sentada imóvel como uma pedra, os olhos fixos na lareira. Ela não o ouvira. Aproximou-se e tomou sua mão.

— Talvez ela possa voltar — disse ele delicadamente. — Não sabemos.

Brianna sacudiu a cabeça devagar, sem tirar os olhos das chamas.

— Não creio — disse ela brandamente. — Ela lhe contou como era. Ela

pode até não conseguir atravessar. — Os dedos longos tamborilavam nervosamente na coxa vestida de jeans.

Roger olhou para a porta de relance, para se certificar de que Claire estava realmente lá em cima; em seguida, sentou-se ao lado de Brianna no sofá.

— O lugar dela é junto a ele, Bree — disse ele. — Você não vê? Quando ela fala dele?

— Eu vejo. Eu sei que ela precisa dele. — O volumoso lábio inferior tremeu ligeiramente. — Mas... eu preciso dela! — As mãos de Brianna agarraram-se subitamente aos joelhos e ela inclinou-se para a frente, como se tentasse conter uma dor repentina.

Roger acariciou seus cabelos, admirando-se com a maciez das mechas brilhantes que deslizavam pelos seus dedos. Queria tomá-la nos braços, tanto para senti-la como para oferecer-lhe consolo, mas ela permanecia rígida e distante.

— Você é adulta agora, Bree — disse ele suavemente. — Você vive por conta própria, sozinha, não é? Você pode amá-la, mas não precisa mais dela... não da maneira como precisava quando era pequena. Ela não tem direito à própria felicidade?

— Sim. Mas... Roger, você não compreende! — explodiu ela. Apertou os lábios com força e engoliu em seco, depois se virou para ele, os olhos escuros de angústia. — Ela é tudo que me resta, Roger! A única pessoa que realmente me conhece. Ela e papai... Frank — corrigiu-se — eram as únicas pessoas que me conheciam desde o começo, os que me viram aprender a andar e tiveram orgulho de mim sempre que me saía bem na escola e que... — Desatou a chorar, as lágrimas abundantes deixando rastros brilhantes à luz do fogo. — Isto soa muito tolo — disse ela com repentina violência. — Realmente muito tolo! Mas é... — procurava as palavras, impotente, então levantou-se, incapaz de permanecer quieta. — É que... há tanta coisa que não sei! — continuou ela, andando de um lado para outro com passos rápidos e nervosos. — Acha que me lembro de como eu era, aprendendo a andar ou qual foi a primeira palavra que eu disse? Não, mas mamãe lembra! E isso é tão idiota, porque que diferença isso faz, não faz absolutamente nenhuma diferença, mas é importante, é importante porque ela achava que era e... ah,

Roger, se ela for embora, não restará ninguém no mundo que se importe com quem eu sou ou que me ache especial não por algum motivo específico, mas simplesmente porque eu sou eu! Ela é a única pessoa no mundo que realmente, realmente se importa por eu ter nascido, e se ela for embora... — Permaneceu imóvel no tapete da lareira, os punhos cerrados junto ao corpo e a boca contorcida num esforço para se controlar, o rosto banhado em lágrimas. Então seus ombros tombaram e a tensão deixou sua figura alta. — E isso é de fato idiota e egoísta — disse ela, em um tom serenamente sensato. — E você não compreende e deve me achar uma pessoa horrível.

— Não — disse Roger à meia-voz. — Talvez não. — Levantou-se e aproximou-se por trás dela, envolvendo-a pela cintura, fazendo com que ela se apoiasse contra ele. No começo, ela resistiu, rígida em seus braços, mas depois cedeu à necessidade de conforto físico e relaxou, o queixo dele apoiado em seu ombro, a cabeça inclinada para tocar a cabeça dela. — Eu nunca percebi — disse ele. — Não até agora. Lembra-se de todas aquelas caixas na garagem?

— Quais? — disse ela, fungando com uma tentativa de rir. — Há centenas.

— As que têm “Roger” escrito. — Apertou-a de leve contra si e levantou os braços, cruzando-os sobre o peito da jovem, segurando-a contra seu corpo de forma aconchegante. — Estão cheias de objetos e roupas velhas dos meus pais — disse ele. — Fotos, cartas, roupas de bebê, livros e quinquilharias. O reverendo empacotou tudo quando me trouxe para viver com ele. Tratou-os da mesma forma que seus mais preciosos documentos históricos, caixas duplas, proteção contra traças e tudo o mais.

Ele balançou-se devagar para a frente e para trás, oscilando de um lado para o outro, carregando-a com ele enquanto observava o fogo por cima de seu ombro.

— Uma vez eu perguntei a ele por que se dava ao trabalho de guardá-los, eu não queria nada daquilo, não me importava. Mas ele disse que guardaríamos mesmo assim; era a minha história, ele disse, e todo mundo precisa de uma história.

Brianna suspirou e seu corpo pareceu relaxar ainda mais, unindo-se a ele em seu balanço rítmico, quase inconsciente.

— Alguma vez você viu o que havia nas caixas?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não importa o que tem lá dentro — disse ele. — Só o fato de que estejam lá.

Soltou-a então e deu um passo para trás de modo que ela pudesse virar-se para ele. Seu rosto estava manchado e seu nariz longo e elegante um pouco inchado.

— Você está errada, sabe — disse ele ternamente, estendendo-lhe a mão.

— Não é só sua mãe que se importa com você.

Brianna já se retirara para a cama há muito tempo, mas Roger continuou sentado no gabinete, observando as chamas extinguirem-se na lareira. A noite de Halloween sempre lhe parecera nervosa, viva e repleta de espíritos despertos. Nesta noite, a sensação era ainda mais intensa, sabendo o que iria acontecer ao amanhecer. A lanterna de abóbora sobre a escrivaninha ria na expectativa, enchendo o aposento com o aroma caseiro de tortas assadas.

O ruído de passos na escada tirou-o de seus pensamentos. Achou que poderia ser Brianna, incapaz de dormir, mas a visitante era Claire.

— Pensei que você ainda devia estar acordado — disse ela. Vestia um robe, uma pálida claridade de cetim branco contra a escuridão do corredor.

Ele sorriu e estendeu a mão, convidando-a a entrar.

— Não. Nunca consegui dormir nas noites de Halloween. Não depois de todas as histórias que meu pai me contava. Eu sempre achava que podia ouvir fantasmas conversando do lado de fora da minha janela.

Ela sorriu, surgindo à luz da lareira.

— E o que eles diziam?

— “Está vendo esta grande cabeça grisalha, com mandíbulas descarnadas?” — citou Roger. — Conhece a história? O pequeno alfaiate que passou a noite na igreja mal-assombrada e deparou-se com o fantasma faminto?

— Conheço. Acho que se eu tivesse ouvido isso, teria passado o resto da noite escondida debaixo das cobertas.

— Ah, geralmente era o que eu fazia — assegurou-lhe Roger. — Embora, certa vez, quando tinha uns sete anos, dominei o nervosismo, fiquei em pé na

cama e fiz xixi no peitoril da janela. O reverendo me dissera que urinar nos batentes das portas impedia um fantasma de entrar na casa.

Claire riu encantada, a luz do fogo dançando em seus olhos.

— E funcionou?

— Bem, teria funcionado melhor se a janela estivesse aberta — disse Roger —, mas os fantasmas não entraram, não.

Ambos riram e, então, um dos pequenos silêncios constrangedores que haviam pontuado a noite recaiu entre eles, a repentina percepção de algo imenso e assustador escancarando-se sob a corda bamba da conversa. Claire sentou-se ao lado de Roger, observando o fogo, as mãos remexendo-se nervosamente entre as dobras de seu robe. A luz fazia suas alianças cintilarem, prata e ouro, em centelhas de fogo.

— Eu tomarei conta dela, você sabe — disse Roger serenamente, por fim.
— Você sabe disso, não é?

Claire assentiu, sem olhar para ele.

— Eu sei — disse ela baixinho. Ele podia ver as lágrimas, trêmulas nas pontas de suas pestanas, brilhando à luz do fogo. Ela remexeu no bolso do robe e retirou um longo envelope branco.

— Vai achar que sou uma terrível covarde — disse ela. — E eu sou. Mas eu... eu honestamente não acho que consiga fazer isso... quero dizer, me despedir de Bree. — Parou para controlar a voz e em seguida entregou-lhe o envelope. — Expliquei tudo aqui para ela... Tudo que eu pude. Você entregaria...?

Roger pegou o envelope, que estava quente por ter ficado tão perto do corpo dela. Por algum sentimento indefinido de que o envelope não poderia esfriar antes de ser entregue à filha de Claire, ele o guardou no bolso do paletó, sentindo o papel estalar ao ser dobrado.

— Sim — disse ele, ouvindo sua própria voz se intensificar. — Então você irá...

— Cedo — disse ela, respirando fundo. — Antes do amanhecer. Já arranjei um carro para me apanhar. — Contorceu as mãos no colo. — Se eu... — Mordeu o lábio, depois olhou para Roger com ar de súplica. — Eu não sei — disse ela. — Não sei se vou conseguir. Estou com muito medo. Com medo de ir. Com medo de não ir. Apenas... com medo.

— Eu também estaria. — Ele estendeu a mão, e ela a apertou. Ele segurou-a por um longo tempo, sentindo as batidas de seu coração em seu pulso, leves e rápidas contra os dedos dele.

Após um longo tempo, ela apertou sua mão de leve e soltou-a.

— Obrigada, Roger — disse ela. — Por tudo. — Inclinou-se para a frente e beijou-o de leve nos lábios. Em seguida, levantou-se e saiu, um fantasma branco na escuridão do corredor, levada pelo vento do Dia das Bruxas.

Roger continuou sentado, sozinho, por mais algum tempo, sentindo o toque da mão de Claire ainda quente em sua pele. A lanterna estava quase se apagando. O cheiro de cera derretida erguia-se forte no ar agitado e os deuses pagãos olharam pela última vez através dos olhos de vela gotejante.

23

CRAIGH NA DUN

O ar do amanhecer era frio e nebuloso e fiquei contente por estar usando meu manto. Já fazia vinte anos desde a última vez que usara um manto, mas com o tipo de roupas que as pessoas vestiam atualmente, o alfaiate de Inverness que o fizera para mim não achara nem um pouco estranha a encomenda de um manto de lã com capuz.

Eu mantinha os olhos no caminho. O topo da colina estivera invisível, envolto em neblina, quando o carro deixou-me na estrada lá embaixo.

— Aqui? — dissera o motorista, com ar de dúvida, espreitando pela janela para o campo deserto. — A senhora tem certeza?

— Tenho, sim — disse, meio engasgada de terror. — É este o lugar.

— É mesmo? — Parecia duvidar, apesar da nota de valor alto que coloquei em sua mão. — Quer que eu a espere, senhora? Ou que volte mais tarde para buscá-la?

Fiquei dolorosamente tentada a dizer que sim. Afinal, e se eu perdesse a coragem? No momento, esse esquivo sentimento parecia notavelmente frágil.

— Não — respondi, engolindo em seco. — Não, não será necessário. — Se não conseguisse levar a intenção até o fim, teria apenas que caminhar de volta a Inverness, só isso. Ou talvez Roger e Brianna viessem; achei que isso seria pior, ser desonrosamente resgatada. Ou seria um alívio?

Os cascalhos escorregavam sob meus pés e um torrão de terra precipitou-se caminho abaixo, deslocado pela minha passagem. Eu não podia estar fazendo aquilo, pensei. O dinheiro no meu bolso reforçado balançava contra minha coxa, a pesada certeza do ouro e da prata um lembrete da realidade. Eu estava fazendo aquilo.

Eu não podia. Pensamentos de Bree, como eu a vira ontem tarde da noite, tranquilamente dormindo em sua cama, assaltavam-me. As garras do horror relembrado alcançavam-me, vindas do alto da colina, quando comecei a sentir a proximidade das pedras. Gritaria, caos, a sensação de estar sendo dilacerada em mil pedaços. Eu não podia.

Eu não podia, mas continuava subindo, as palmas das mãos suando, meus pés movendo-se como se já não estivessem sob meu controle.

Já amanhecera completamente quando cheguei ao topo da colina. A neblina permanecia embaixo e as pedras destacavam-se nítidas e escuras contra um céu cristalino. A visão das pedras deixou-me com as mãos suadas de apreensão, mas segui em frente e entrei no círculo.

Eles estavam parados no gramado, em frente à pedra fendida, de frente um para o outro. Brianna ouviu meus passos e virou-se para mim.

Fitei-a, muda de surpresa. Ela usava um vestido de Jessica Gutenberg, muito parecido com o que eu estava usando, exceto que o dela era de um verde-limão vivo, enfeitado com contas de plástico bordadas no peito.

— Esta é uma cor absolutamente horrível para você — eu disse.

— Era o único que tinham no meu tamanho — respondeu ela calmamente.

— O que, em nome de Deus, vocês estão fazendo aqui? — perguntei, recuperando algum resquício de coerência.

— Viemos dizer-lhe adeus — disse ela, e o esboço de um sorriso brincou em seus lábios. Olhei para Roger, que deu de ombros com um sorriso meio enviesado para mim.

— Ah, sim. Bem — eu disse. A pedra estava atrás de Brianna, o dobro do tamanho de um homem. Eu podia olhar através da fenda de cerca de trinta centímetros e ver o fraco sol da manhã brilhando na grama do lado de fora do círculo.

— Ou você vai, ou eu vou — disse ela.

— Você! Ficou maluca?

— Não. — Ela olhou para a pedra fendida e engoliu com dificuldade. Devia ser o vestido verde-limão que fazia seu rosto parecer branco como giz.

— Eu posso fazer isso... atravessar, quero dizer. Eu sei que posso. Quando Geilie Duncan partiu através das pedras, eu as ouvi. Roger também as ouviu.

— Ela olhou para ele como se buscasse apoio, depois fixou o olhar firmemente em mim. — Não sei se eu poderia achar Jamie Fraser ou não, talvez só você possa. Mas, se você não tentar, então eu tentarei.

Abri a boca, mas não consegui encontrar nada para dizer.

— Não entende, mamãe? Ele tem que saber... ele tem que saber que

conseguiu, ele conseguiu o que queria para nós. — Seus lábios tremeram e ela apertou-os por um instante. — Nós devemos isso a ele, mamãe — disse ela meigamente. — Alguém tem que encontrá-lo e contar-lhe. — Sua mão tocou meu rosto por um momento. — Conte-lhe que eu nasci.

— Ah, Bree — eu disse, a voz tão embargada que eu mal conseguia falar. — Ah, Bree!

Ela segurava minhas mãos com força entre as suas, apertando-as.

— Ele deu você para mim — disse ela, tão baixo que eu mal conseguia ouvi-la. — Agora eu tenho que devolvê-la a ele, mamãe.

Os olhos tão iguais aos de Jamie fitaram-me, rasos de lágrimas.

— Se o encontrar — murmurou ela —, quando encontrar meu pai... dê-lhe isto. — Ela inclinou-se e beijou-me, impetuosa e delicadamente, depois se empertigou e virou-me na direção da pedra.

— Vá, mamãe — disse ela, ofegante. — Eu a amo. Vá!

Pelo canto do olho, vi Roger aproximar-se de Bree. Dei um passo, depois outro. Ouvi um som, um ronco distante. Dei o último passo... e o mundo desapareceu.

PARTE VI

Edimburgo



A. MALCOLM, O MESTRE-IMPRESSOR

Meu primeiro pensamento coerente foi: “Está chovendo. Aqui deve ser a Escócia.” Meu segundo pensamento foi que essa observação não significava um grande avanço em relação às imagens caóticas que saltavam dentro da minha cabeça, chocando-se umas com as outras e detonando pequenas explosões sinápticas de irrelevância.

Abri um olho, com alguma dificuldade. A pálpebra estava pregada e meu rosto inteiro parecia inchado e frio, como a de um cadáver submerso. Estremeci ligeiramente diante da ideia, o leve movimento fazendo-me perceber todos os tecidos encharcados ao meu redor.

Sem dúvida, estava chovendo — um tamborilar suave, constante, que levantava uma névoa de gotículas acima da charneca verde. Sentei-me direito, sentindo-me como um hipopótamo emergindo de um pântano, e prontamente caí para trás.

Pestanejei e fechei os olhos contra o aguaceiro. Uma leve noção de quem eu era — e de onde estava — começava a voltar à minha mente. Bree. Seu rosto emergiu repentinamente em minha memória, com um abalo tão forte que me fez soltar uma arfada, como se tivesse recebido um soco no estômago. Imagens irregulares de perda e da viagem de separação me apossavam, um débil eco do caos na passagem de pedra.

Jamie. Era isso; a âncora à qual eu me agarrara, meu único elo com a sanidade. Respirei fundo e devagar, as mãos entrelaçadas sobre o coração que martelava contra o peito, tentando evocar o rosto de Jamie. Por um instante, achei que o perdera, depois ele surgiu, claro e destemido em minha mente.

Novamente, esforcei-me para sentar ereta, e desta vez consegui, apoiada nas mãos estendidas. Sim, sem dúvida era a Escócia. Não poderia ser nenhum outro lugar, é claro, mas era também a Escócia do passado. Ao menos, eu esperava que fosse o passado. Não era a Escócia que eu deixara, de qualquer modo. As árvores e arbustos cresciam em padrões diferentes; havia uma área repleta de bordos novos logo abaixo que não estava ali quando eu subi a

colina — quando? Esta manhã? Há dois dias?

Eu não fazia a menor ideia de quanto tempo se passara desde que eu entrara na fenda do círculo de pedras, ou quanto tempo eu permanecera ali deitada, inconsciente, na encosta da colina, abaixo do círculo. Bastante tempo, a julgar pelas minhas roupas encharcadas; estava ensopada até os ossos e filetes de água, gelados, escorriam pelas laterais do meu corpo, sob a roupa de baixo.

Uma das faces entorpecidas começou a formigar; tocando-a com a mão, pude sentir um padrão de depressões e protuberâncias gravadas na carne. Olhei para baixo e vi uma camada de frutinhas de sorveira caídas, brilhando, vermelhas e pretas, na grama. Muito apropriado, pensei, achando vagamente engraçado. Eu caíra sob uma sorveira — a proteção das Terras Altas contra bruxaria e feitiço.

Agarrei o tronco liso da sorveira e com muito custo consegui ficar de pé. Ainda me apoiando na árvore, olhei para o nordeste. A chuva encobrirá o horizonte numa invisibilidade cinza, mas eu sabia que Inverness ficava naquela direção. Não mais do que a uma hora de carro, por estradas modernas.

A estrada existia; eu podia ver o esboço de uma trilha rudimentar que corria ao longo do sopé da colina, uma linha escura, prateada, no brilhante alagado verde das plantas da charneca. Entretanto, uns setenta quilômetros a pé era muito diferente da viagem de carro que me trouxera até ali.

Em pé, passei a me sentir um pouco melhor. A fraqueza nos braços e pernas começava a desaparecer, junto com a sensação de caos e dilaceramento em minha mente. Fora tão assustador quanto eu previra, essa viagem no tempo; talvez pior. Eu podia sentir a terrível presença das pedras acima de mim e estremeci, minha pele arrepiando-se de frio.

Entretanto, eu estava viva. Viva e com uma leve sensação de certeza, como um minúsculo sol brilhando sob minhas costelas. Ele está aqui. Eu sabia disso agora, embora não o soubesse quando me atirei pela fenda entre as pedras; fora um salto no escuro. Mas eu lançara meu pensamento em Jamie como uma corda de salvamento arremessada numa torrente vertiginosa — e a corda se esticava e me puxara para terra firme.

Eu estava molhada, com frio, e sentindo-me surrada, como se tivesse sido

jogada de um lado para outro, sobre ondas que se arrebatavam numa praia rochosa. Mas eu estava ali. E em algum lugar deste estranho território do passado estava o homem que eu viera encontrar. As lembranças de tristeza e terror se desvaneciam conforme eu compreendia que minha sorte estava lançada. Eu não podia voltar; uma viagem de volta com toda a certeza seria fatal. Enquanto percebia que eu provavelmente estava ali para ficar, todas as hesitações e medos foram substituídos por uma estranha calma, quase exultante. Eu não podia voltar. Não havia nada a fazer senão seguir em frente — para encontrá-lo.

Amaldiçoando meu descuido em não ter pensado em pedir ao alfaiate para fazer meu manto com uma camada à prova d'água entre o tecido e o forro, puxei a vestimenta encharcada para junto do corpo. Mesmo molhada, a lã possuía algum calor. Se começasse a me movimentar, iria me aquecer. Uma rápida apalpadela assegurou-me de que meu fardo de sanduíches fizera a viagem comigo. Isso era bom; a ideia de caminhar setenta quilômetros com o estômago vazio era assustadora.

Com sorte, não seria necessário. Eu poderia encontrar um vilarejo ou uma casa que tivesse um cavalo que pudesse comprar. Caso não encontrasse, eu estava preparada. Meu plano era ir para Inverness — por quaisquer meios que se apresentassem — e lá pegar uma carruagem para Edimburgo.

Não havia nenhuma pista de onde Jamie se encontrava no momento. Podia estar em Edimburgo, onde seu artigo fora publicado, mas podia facilmente estar em qualquer outro lugar. Se não o encontrasse lá, eu poderia ir a Lallybroch, sua casa. Certamente, sua família teria conhecimento de seu paradeiro — se algum deles estivesse vivo. A repentina ideia me deu um calafrio e eu estremeci.

Pensei numa pequena livraria pela qual eu passava toda manhã no meu caminho do estacionamento ao hospital. Estavam com uma liquidação de pôsteres; eu vira a exposição de vários modelos psicodélicos quando deixei o consultório de Joe pela última vez.

“Hoje é o primeiro dia do resto de sua vida”, dizia um dos pôsteres, acima de uma ilustração de um pintinho com cara de bobo, enfiando a cabeça para fora de uma casca de ovo. Na outra vitrine, outro pôster exibia uma lagarta galgando o caule de uma flor. Acima da flor esvoaçava uma borboleta

brilhantemente colorida e abaixo se via o lema “Uma jornada de mil milhas começa com um único passo”.

A coisa mais irritante sobre os clichês, concluí, é como eles são verdadeiros. Soltei a sorveira e comecei a descer a colina em direção ao meu futuro.

Foi uma viagem longa e acidentada de Inverness a Edimburgo, apertada numa diligência grande com duas outras senhoras, o filho pequeno e chorão de uma das mulheres, e quatro cavalheiros de diferentes tamanhos e índoles.

O sr. Graham, um cavalheiro pequeno e animado, já avançado em anos, que se sentava ao meu lado, usava uma bolsinha de cânfora e assa-fétida — uma resina vegetal de cheiro desagradável — em volta do pescoço, para o desconforto lacrimojante do restante dos passageiros.

— Essencial para dispersar os humores malignos da gripe — explicou-me ele, sacudindo a bolsinha delicadamente sob o meu nariz como um incensório. — Eu uso isto todos os dias durante os meses de outono e inverno e não fiquei nem um dia doente em quase trinta anos!

— Surpreendente! — eu disse educadamente, tentando prender a respiração. Eu não duvidava; os vapores provavelmente mantinham todos a tal distância que os germes não o alcançavam.

Os efeitos sobre o menino não pareciam tão benéficos. Após algumas observações indiscretas, em voz alta, sobre o mau cheiro na carruagem, o pequeno Georgie fora abafado no colo da mãe, de onde agora espreitava, parecendo um pouco verde. Eu o vigiava atentamente, bem como ao urinol sob o banco em frente, caso uma ação rápida envolvendo a conjunção dos dois fosse necessária.

Eu imaginei que o urinol fosse para uso em condições inclementes do tempo ou outra emergência, já que normalmente o recato das senhoras exigia paradas a cada hora aproximadamente, quando então os passageiros espalhavam-se pela vegetação à beira da estrada como um bando de codornas. Até mesmo aqueles que não precisavam aliviar a bexiga ou os intestinos buscavam algum alívio do odor da sacolinha de assa-fétida do sr. Graham.

Após uma ou duas mudanças de lugar, o sr. Graham descobriu que o seu

lugar ao meu lado fora tomado pelo sr. Wallace, um advogado jovem e gordo, que retornava a Edimburgo depois de ter cuidado da partilha dos bens de um parente idoso em Inverness, conforme me explicou.

Eu não achava os detalhes de seu exercício da advocacia tão fascinantes quanto ele achava, mas naquelas circunstâncias, a evidente atração que sentia por mim era ligeiramente reconfortante e passei várias horas jogando xadrez com ele sobre um pequeno tabuleiro que ele tirou de um bolso e colocou sobre o joelho.

Minha atenção era distraída tanto dos desconfortos da viagem quanto das complexidades do xadrez pela expectativa do que eu poderia encontrar em Edimburgo. A. Malcolm. O nome repetia-se em minha mente como um hino de esperança. A. Malcolm. Tinha que ser Jamie, simplesmente tinha que ser! James Alexander Malcolm MacKenzie Fraser.

— Considerando o modo como os rebeldes das Terras Altas eram tratados após Culloden, seria bastante razoável que ele usasse um nome falso num lugar como Edimburgo — explicara-me Roger Wakenfield. — Particularmente ele, afinal era um traidor condenado. Também transformou isso numa espécie de hábito, ao que parece — acrescentou ele em tom de crítica, examinando os garranchos do manuscrito do artigo contra o novo imposto. — Para a época, isso é quase uma subversão da ordem.

— Sim, parece-se com Jamie — dissera eu secamente, mas meu coração dera um salto ao ver aquela caligrafia distintamente garatujada, com seus sentimentos destemidamente expressos em palavras. Meu Jamie. Toquei o pequeno retângulo rígido no bolso de minha saia, imaginando quanto tempo faltaria para chegarmos a Edimburgo.

O tempo mantinha-se estranhamente bom para a estação, com pouco mais de uma garoa para retardar nossa passagem, e nós completamos a viagem em menos de dois dias, parando quatro vezes para trocar os cavalos e nos revigorarmos nas estalagens dos postos de parada.

A diligência desembocou num pátio nos fundos da taberna Boyd's Whitehorse, perto do final da Royal Mile, em Edimburgo. Os passageiros emergiram na úmida luz do sol como crisálidas recém-saídas do casulo, com as asas amarrotadas e movimentos desengonçados, desacostumadas à mobilidade. Depois da semiescuridão da carruagem, até a luz cinza e

nebulosa de Edimburgo parecia ofuscante.

Meus pés formigavam por estar sentada havia tanto tempo, mas corri ainda assim, esperando fugir do pátio enquanto meus ex-companheiros de viagem estavam ocupados resgatando seus pertences. Não tive tanta sorte; o sr. Wallace alcançou-me perto da rua.

— Sra. Fraser! — disse ele. — Poderia me dar o prazer de acompanhá-la ao seu destino? Certamente vai precisar de ajuda para retirar sua bagagem. — Olhou por cima do ombro em direção à diligência, onde os cavaleiros arremessavam as malas e arcas aparentemente a esmo no meio da multidão, acompanhados por gritos e resmungos incoerentes.

— Hã... — disse. — Obrigada, mas eu... hã, vou deixar a bagagem a cargo do estalajadeiro. Meu... meu... — Eu buscava as palavras freneticamente. — O criado do meu marido virá buscá-la mais tarde.

O rosto rechonchudo abateu-se um pouco diante da palavra “marido”, mas ele se recobrou galantemente, tomando minha mão e inclinando-se sobre ela.

— Compreendo perfeitamente. Posso expressar meu profundo apreço pelo prazer de sua companhia em nossa viagem, então, sra. Fraser? E talvez possamos nos encontrar novamente. — Ele se aprumou, inspecionando a multidão que passava por nós em redemoinho. — Seu marido vem buscá-la? Ficaria encantado em conhecê-lo.

Embora o interesse do sr. Wallace em mim tivesse sido lisonjeiro, estava rapidamente se transformando num aborrecimento.

— Não, irei ao encontro dele mais tarde — disse. — Foi um prazer conhecê-lo, sr. Wallace; espero revê-lo um dia. — Apertei a mão do sr. Wallace entusiasticamente, o que o desconcertou o suficiente para que eu escapulisse pelo amontoado de passageiros, cavaleiros e vendedores de alimentos.

Não ousei parar perto do pátio de diligências com medo que ele fosse ao meu encalço. Virei-me e comecei a subir apressadamente a Royal Mile, o mais rápido que minhas volumosas saias me permitiam, abrindo caminho aos empurrões e cotoveladas pelo meio da multidão. Tive a sorte de chegar num dia de feira e logo fiquei longe da vista do pátio de diligências, perdendo-me entre barracas que vendiam os tradicionais broches da sorte, os luckenbooths

tão populares na Escócia do século XVIII, e vendedores de ostras alinhados ao longo da rua.

Ofegante como batedor de carteiras em fuga, parei para respirar no meio da ladeira. Havia uma fonte pública ali e sentei-me na borda para recuperar o fôlego.

Eu estava ali. Realmente ali. Edimburgo estendia-se pela encosta da colina atrás de mim até as ameaçadoras alturas do Castelo de Edimburgo e, abaixo de mim, pelo declive, até a graciosa majestade do palácio Holyrood ao sopé da cidade.

Na última vez que parei junto a esta fonte, o príncipe Charles discursava para os cidadãos de Edimburgo ali reunidos, inspirando-os com a visão de sua presença real. Ele saltara ostentadamente da borda para a coluna central, elaboradamente esculpida, do chafariz, um pé na pia, segurando-se em uma das cabeças de onde jorrava água, gritando: “Avante, para a Inglaterra!” A multidão rugia, maravilhada com aquele espetáculo de otimismo juvenil e proeza atlética. Eu mesma teria ficado mais impressionada se não tivesse notado que a água da fonte fora desligada numa antecipação ao gesto.

Perguntava-me por onde Charles andaria agora. Ele voltara para a Itália depois de Culloden, eu imaginava, para viver a vida que fosse possível para a realeza em exílio permanente. O que ele andava fazendo, eu não sabia nem me importava. Ele passara das páginas da história, e da minha vida também, deixando ruína e destruição em seu rastro. Restava ver o que poderia ser salvo agora.

Eu estava com muita fome; não comera nada desde um apressado desjejum de mingau grosseiro e carneiro cozido, feito logo após o amanhecer em um posto de parada em Dundaff. Havia um último sanduíche em meu bolso, mas relutara em comê-lo na carruagem sob o olhar curioso de meus companheiros de viagem.

Retirei-o do bolso e desembrulhei-o cuidadosamente. Pasta de amendoim e geleia em pão branco, em estado bastante precário, com manchas púrpuras da geleia infiltrando-se pelo pão murcho, e tudo amassado em um único bolo achatado. Estava delicioso.

Comi o sanduíche devagar, apreciando o sabor oleoso e intenso da pasta de amendoim. Em quantas manhãs eu havia passado generosas porções de

pasta de amendoim no pão, fazendo sanduíches para a merenda escolar de Brianna? Suprimindo o pensamento com firmeza, examinei os transeuntes para me distrair. Eles realmente pareciam diferentes de seus equivalentes modernos; tanto homens quanto mulheres eram mais baixos e os sinais de má nutrição eram evidentes. Mesmo assim, possuíam uma impressionante familiaridade — eram pessoas que eu conhecia, escoceses e ingleses em sua maior parte. Ouvindo o murmúrio das vozes nas ruas, com seus profundos sons guturais, após tantos anos com os tons nasais e monótonos de Boston, eu experimentava uma sensação extraordinária de estar de volta ao lar.

Engoli o último bocado doce e saboroso da minha vida antiga e amassei a embalagem na mão. Olhei ao redor, mas ninguém estava olhando em minha direção. Abri a mão e deixei a bolinha de plástico cair furtivamente no chão. Embolada, ela rolou alguns centímetros nas pedras do calçamento, estalando e se desenrolando como se estivesse viva. O vento leve pegou-a e a folha pequena e transparente levantou voo repentinamente, deslizando pelas pedras cinzentas como uma folha seca.

A corrente de ar provocada pelo conjunto de rodas de uma charrete que passava sugou-a para baixo do veículo; cintilou uma vez com o reflexo da luz e desapareceu, sem ser percebida pelos transeuntes. Imaginei se a minha própria presença anacrônica causaria tão pouco dano.

— Você está perturbada, Beauchamp — disse a mim mesma. — Hora de seguir em frente. — Respirei fundo e levantei-me. — Com licença — disse, segurando pela manga um garoto entregador de pães que passava. Estou procurando um tipógrafo, um sr. Malcolm. Alexander Malcolm. — Uma sensação mista de pavor e empolgação gorgolejou na minha barriga. E se não houvesse nenhuma gráfica dirigida por Alexander Malcolm em Edimburgo?

Mas havia; o rosto do menino crispou-se no esforço para lembrar e depois relaxou.

— Ah, sim, senhora. É só descer e virar à esquerda. Beco Carfax. — E levantando seus pães sob o braço com um aceno da cabeça, mergulhou de novo na rua apinhada.

Beco Carfax. Avancei devagar para o meio da multidão outra vez, pressionando-me contra os prédios para evitar os respingos do despejo ocasional de resíduos jogados das janelas acima. Havia alguns milhares de

peessoas em Edimburgo e o esgoto de todas elas corria a céu aberto pelas sarjetas da rua calçada de pedras, na dependência da gravidade e da chuva frequente para manter a cidade habitável.

A entrada baixa e escura do beco Carfax abria-se logo à frente, do outro lado da Royal Mile. Parei de repente, olhando-a, o coração batendo com força suficiente para ser ouvido a um metro de distância, se alguém parasse para ouvir.

Não estava chovendo, mas estava prestes a chover e a umidade no ar fazia meus cabelos cachearem-se. Afastei-os da minha testa, arrumando-os o melhor que pude sem um espelho. Em seguida, avistei uma grande vitrine de vidro laminado mais acima e segui apressadamente naquela direção.

O vidro estava nublado de vapor condensado, mas permitia um reflexo turvo, onde meu rosto parecia corado e com os olhos arregalados, mas, fora isso, apresentável. Meus cabelos, entretanto, haviam aproveitado a oportunidade para se encaracolarem loucamente em todas as direções, escapulindo de seus grampos numa excelente imitação dos cachos de Medusa. Arranquei os grampos com impaciência e comecei a prender os anéis rebeldes.

Havia uma mulher dentro da loja, debruçada sobre o balcão. Três crianças pequenas a acompanhavam e eu a observei com o rabo do olho. Ela se virou do seu trabalho e dirigiu-se a elas com impaciência, batendo com sua bolsinha na criança do meio, um garoto que brincava com vários talos de anis fresco enfiados num balde de água no chão.

Era a loja de um boticário; erguendo os olhos, vi o nome “Haugh” acima da porta e senti um estremecimento de emoção ao reconhecê-lo. Eu comprara ervas ali, durante o breve período em que vivi em Edimburgo. A decoração da vitrine havia sido ampliada desde então com o acréscimo de um enorme jarro de água colorida, no qual flutuava algo vagamente humanoide. O feto de um porco ou talvez um babuíno recém-nascido; possuía feições astutas, achatadas, pressionadas contra a lateral curva do jarro de uma forma desconcertante.

— Bem, pelo menos estou com um aspecto melhor do que o seu! — murmurei, empurrando com força um grampo teimoso.

Eu também parecia melhor do que a mulher dentro da loja, pensei. Tendo

terminado o que fazia, ela agora enfiava sua compra na sacola que carregava, o rosto fino contraindo-se ao fazê-lo. Possuía o ar um pouco pastoso de um morador de cidade e sua pele era profusamente enrugada, com sulcos profundos do nariz à boca e uma testa franzida.

— Que o diabo o carregue, seu moleque — dizia ela, irritada, ao garotinho quando todos saíam juntos da loja numa grande algazarra. — Eu já não lhe disse mil vezes para manter as patas nos bolsos?

— Com licença. — Dei um passo à frente, interrompendo-os, impelida por uma súbita e irresistível curiosidade.

— Sim? — Distraída de suas reclamações maternas, ela me olhou espantada. De perto, parecia ainda mais acabada. Os cantos de sua boca eram caídos e os lábios virados para dentro, certamente por causa da falta de dentes.

— Não pude deixar de admirar seus filhos — disse, simulando tanta admiração quanto me foi possível assim de repente. Sorri amavelmente para eles. — Que belas crianças! Diga-me, qual a idade delas?

Ela ficou boquiaberta, confirmando a ausência de vários dentes. Pestanejou para mim e, em seguida, disse:

— Ah! Bem, é muita bondade sua, madame. Ah... Maisri aqui tem dez anos — disse ela, indicando com um gesto da cabeça a menina mais velha, que estava no ato de limpar o nariz na manga do vestido —, Joey, oito... Tire o dedo do nariz, seu diabinho! — sibilou ela, virando-se em seguida e orgulhosamente dando uns tapinhas de leve na cabeça da mais nova. — E a pequena Polly acabou de fazer seis anos agora em maio.

— Verdade? — Fitei a mulher, fingindo surpresa. — Você não parece ter idade para ter filhos tão grandes. Deve ter se casado muito jovem.

Ela se envaideceu um pouco, sorrindo de modo afetado.

— Ah, não! Não assim tão nova; ora, eu já tinha dezenove anos quando Maisri nasceu.

— Incrível — disse, com sinceridade. Enfiei a mão no bolso e ofereci um penny a cada uma das crianças, que aceitaram com balanços encabulados da cabeça. — Bom dia para você... e parabéns pela linda família — disse para a mulher, e afastei-me com um aceno e um sorriso de despedida.

Dezenove anos quando a mais velha nasceu, e Maisri tinha dez anos

agora. Portanto, a mulher tinha vinte e nove anos. E eu, abençoada por uma boa nutrição, higiene e serviços odontológicos, não desgastada por múltiplas gestações e trabalho braçal árduo, parecia bem mais nova do que ela. Respirei fundo, afastei meus cabelos para trás e entrei nas sombras do beco Carfax.

Era um beco longo e sinuoso, e a oficina gráfica ficava na outra extremidade. Havia prósperos negócios e casas de cômodos nos dois lados do beco, mas eu não prestava atenção a nada além da placa branca e nítida pendurada junto à porta, anunciando:

A. MALCOLM
MESTRE-IMPRESSOR E LIVREIRO

Abaixo, lia-se: livros, cartões de visita, folhetos, cartazes, cartas etc.

Estendi a mão e toquei nas letras pretas do nome. A. Malcolm. Alexander Malcolm. James Alexander Malcolm MacKenzie Fraser. Talvez.

Mais um minuto e eu perderia o autocontrole. Abri a porta com decisão e entrei.

Havia um balcão largo de um lado ao outro da frente da sala, com uma aba para abrir e dar passagem, e uma estante em um dos lados contendo várias bandejas de tipos de letras. Cartazes e anúncios de todos os tipos estavam pregados na parede oposta; modelos, sem dúvida.

A porta para a sala dos fundos estava aberta, deixando ver a estrutura volumosa e angular da prensa tipográfica. Inclinado sobre ela, de costas para mim, estava Jamie.

— É você, Geordie? — perguntou ele, sem se virar. Estava de calças e camisa, com uma pequena ferramenta na mão, com a qual mexia nas entranhas da prensa. — Levou bastante tempo. Conseguiu o...

— Não é Geordie — disse. Minha voz soou mais alta do que o normal. — Sou eu. Claire.

Ele se endireitou muito lentamente. Usava os cabelos longos; um rabo de cavalo grosso, de um ruivo escuro e forte, com emulações acobreadas. Tive tempo de ver que o laço perfeito que o prendia na nuca era de fita verde-escura. Então, ele se virou.

Olhou-me fixamente, sem falar. Um tremor percorreu a garganta

musculosa quando ele engoliu em seco, mas ainda assim não disse nada.

Era o mesmo rosto largo e bem-humorado, os olhos azul-escuros puxados, acima das maçãs do rosto lisas de um viking, a boca larga curvada para cima nos cantos, como se estivesse sempre prestes a abrir um sorriso. As linhas ao redor dos olhos e da boca estavam mais pronunciadas, é claro. O nariz mudara ligeiramente. A ponte afilada estava um pouco mais grossa perto da base por causa da marca de uma fratura antiga. Dava-lhe um ar mais feroz, pensei, mas amenizava a expressão de reserva distante e emprestava um novo e vigoroso charme à sua aparência.

Atravessei pela passagem no balcão, sem ver nada além do olhar fixo em mim. Limpei a garganta.

— Quando foi que quebrou o nariz?

Os cantos da boca larga ergueram-se ligeiramente.

— Cerca de três minutos depois que a vi pela última vez... Sassenach.

Houve uma hesitação, quase uma interrogação, no nome. Não estávamos a mais de trinta centímetros um do outro. Estendi o braço tentando tocar a minúscula linha da cicatriz, onde o osso pressionava, branco, contra o bronze da pele.

Ele se contraiu, como se uma fagulha elétrica tivesse faiscado entre nós, e a expressão calma se desfez.

— Você é real — murmurou ele. Eu já o achara pálido. Agora, todos os vestígios de cor desapareceram de seu rosto. Seus olhos reviraram-se para cima e ele desabou no chão numa chuva de papéis e outros objetos que haviam estado sobre a prensa. Caiu graciosamente, de certa forma, para um homem tão grande, pensei distraidamente.

Foi apenas um desmaio; suas pálpebras já começavam a adejar quando me ajoelhei a seu lado e afrouxei o lenço em seu pescoço. Não me restava absolutamente nenhuma dúvida, mas ainda assim olhei automaticamente, enquanto afastava o linho grosso. Estava lá, é claro, a pequena cicatriz triangular logo acima da clavícula, deixada pela adaga do capitão Jonathan Randall, cavaleiro da Oitava Companhia dos Dragões de Sua Majestade.

Sua coloração normal e saudável estava retornando. Sentei-me com as pernas cruzadas no chão e acomodei sua cabeça sobre minha coxa. Seus cabelos caíram sedosos e macios em minha mão. Seus olhos se abriram.

— Foi tão ruim assim? — disse, sorrindo para ele, com as mesmas palavras que ele usara para mim no dia do nosso casamento, segurando minha cabeça em seu colo, havia mais de vinte anos.

— Pior ainda, Sassenach — respondeu ele, a boca torcendo-se no esboço de um sorriso. Sentou-se abruptamente, ereto, olhando para mim. — Santo Deus, você é real!

— E você também. — Levantei o queixo para fitá-lo. — A-achei que estava morto. — Eu planejava falar descontraidamente, mas minha voz me traiu. As lágrimas rolaram pelo meu rosto, para logo molhar o tecido rústico de sua camisa quando ele me puxou com força para ele.

Eu tremia tanto que algum tempo se passou até eu perceber que ele também tremia, e pela mesma razão. Não sei quanto tempo ficamos ali sentados no chão, chorando nos braços um do outro com a saudade de vinte anos derramando-se pelos nossos rostos.

Seus dedos embrenharam-se com força em meus cabelos, soltando-os e fazendo-os tombar pelo meu pescoço. Os grampos deslocados caíram em cascata pelos meus ombros e zuniram pelo chão como uma saraivada de granizo. Meus próprios dedos agarravam-se a seu braço, penetrando no linho como se eu tivesse medo que ele fosse desaparecer, a menos que fosse fisicamente impedido.

Como se tomado pelo mesmo temor, agarrou-me de repente pelos ombros e segurou-me distante dele, encarando-me com desespero. Colocou a mão em meu rosto e traçou a linha dos ossos repetidamente, alheio às minhas lágrimas e à fluida coriza do meu nariz.

Funguei ruidosamente, o que pareceu devolver-lhe os sentidos, porque me soltou e tateou apressadamente na manga, à cata de um lenço, que usou desajeitadamente para limpar primeiro meu rosto, depois o seu próprio.

— Dê-me isso. — Agarrei o pedaço de pano que oscilava erratically e assoei o nariz com firmeza. — Agora você. — Entreguei-lhe o lenço e observei-o assoar o nariz com o barulho de um ganso estrangulado. Dei uma risadinha, embargada de emoção.

Ele sorriu também, limpando as lágrimas dos olhos com as costas da mão, incapaz de parar de me fitar.

De repente, não suportei mais não estar tocando-o. Atirei-me sobre ele e

ele ergueu os braços bem a tempo de me segurar. Abracei-o com força, até ouvir suas costelas estalarem, e senti suas mãos acariciarem as minhas costas, repetindo meu nome sem parar.

Finalmente, consegui soltá-lo e endireitar-me um pouco. Ele olhou para o assoalho entre suas pernas, franzindo a testa.

— Perdeu alguma coisa? — perguntei, surpresa. Ele ergueu os olhos e sorriu, um pouco tímido.

— Tive medo de ter perdido totalmente o controle e ter mijado nas calças, mas está tudo bem. É que eu me sentei sobre o pote de cerveja.

De fato, uma poça de um aromático líquido marrom espalhava-se lentamente sob ele. Com um gritinho de susto, pus-me de pé atabalhoadamente e ajudei-o a se levantar. Após tentar inutilmente avaliar os danos às suas costas, deu de ombros e desamarrou as calças. Abaixou as calças até os quadris, depois parou e olhou para mim, corando ligeiramente.

— Tudo bem — disse, sentindo um forte rubor colorir meu próprio rosto. — Somos casados. — Mesmo assim, abaixei os olhos, sentindo-me um pouco ofegante. — Ao menos, acho que somos.

Fitou-me por um longo instante, depois um sorriso curvou sua boca larga e macia.

— Sim, somos — disse ele. Livrando-se das calças molhadas com um chute, deu um passo em minha direção.

Estendi a mão para ele, tanto para recebê-lo quanto para estancá-lo. Queria, acima de tudo, tocá-lo de novo, mas sentia-me inexplicavelmente acanhada. Após tanto tempo, como deveríamos recomeçar?

Ele também sentiu a restrição da mistura de timidez e intimidade. Parando a poucos centímetros de mim, tomou minha mão. Hesitou por um instante, depois inclinou a cabeça sobre ela, os lábios mal roçando os nós dos meus dedos. Seus dedos tocaram a aliança de prata e pararam, segurando o aro de metal delicadamente entre o polegar e o indicador.

— Eu nunca a tirei — disse, sem me conter. Pareceu-me importante que ele soubesse disso. Ele apertou levemente a minha mão, mas não a soltou.

— Eu quero... — Parou e engoliu em seco, ainda segurando minha mão. Seus dedos encontraram e tocaram a aliança de prata outra vez. — Quero muito beijá-la — disse ele num sussurro, o sotaque escocês ainda mais

carregado. — Posso?

As lágrimas mal estavam contidas. Mais duas afloraram e transbordaram; eu as senti, grandes e redondas, rolar pelas minhas faces.

— Sim — murmurei.

Ele puxou-me devagar para junto de si, segurando nossas mãos unidas logo abaixo do peito.

— Não faço isso há muito tempo — disse ele. Vi a esperança e o medo no azul de seus olhos. Recebi a dádiva e a devolvi a ele.

— Eu também não — disse baixinho.

Segurou meu rosto entre as mãos com sublime delicadeza e pousou seus lábios nos meus.

Não sei bem o que eu estava esperando. Uma reprise da fúria galopante que acompanhara nossa derradeira despedida? Eu a relembra tantas vezes, a revivera mentalmente, incapaz de mudar o desfecho. As horas infindáveis, quase selvagens, de posse mútua na escuridão de nossa cama de marido e mulher? Eu ansiara por isso, acordara inúmeras vezes suando e tremendo com a lembrança.

Mas éramos estranhos agora, mal nos tocando, cada qual buscando o caminho da união, lenta e experimentalmente, buscando e dando uma permissão velada com nossos lábios silenciosos. Meus olhos estavam fechados, e eu sabia, sem precisar olhar, que os de Jamie também estavam. Estávamos, pura e simplesmente, com medo de olhar um para o outro.

Sem erguer a cabeça, começou a me acariciar suavemente, sentindo meus ossos sob as roupas, familiarizando-se outra vez com o território do meu corpo. Finalmente, sua mão percorreu meu braço e segurou minha mão direita. Seus dedos deslizaram pela minha mão até encontrarem a aliança outra vez, e ele acariciou-a, sentindo o desenho entrelaçado no estilo das Terras Altas, polido pelo longo uso, mas ainda perfeitamente distinto.

Seus lábios se moveram dos meus, beijando minhas faces e olhos. Eu acariciei suas costas delicadamente, sentindo através da camisa as marcas que não conseguia ver, o que sobrara de antigas cicatrizes, como a minha aliança, desgastadas mas ainda distintas.

— Eu a tenho visto tantas vezes — disse ele, a voz sussurrante e morna em meu ouvido. — Você veio a mim tantas vezes. Em sonhos, às vezes.

Quando estava delirante de febre. Quando estava com tanto medo e tão sozinho que achava que ia morrer. Quando eu precisava de você, eu sempre a via, sorrindo, com seus cabelos cacheados em volta do rosto. Mas você nunca falou comigo. Nem nunca me tocou.

— Posso tocá-lo agora. — Deslizei a mão suavemente por sua têmpora, seu ouvido, sua face e a parte do maxilar que eu podia ver. Levei a mão à sua nuca, sob os cabelos cor de cobre, e ele finalmente ergueu a cabeça. Segurei meu rosto entre as mãos, o amor reluzindo com força nos olhos azul-escuros.

— Não tenha medo — disse ele suavemente. — Agora, somos nós dois.

Poderíamos ter ficado ali de pé, fitando um ao outro indefinidamente, não fosse pelo som da campainha acima da porta da loja. Despreendi-me de Jamie e olhei vivamente ao redor, vendo um homem baixo e musculoso, de cabelos escuros e ásperos, de pé na soleira da porta, boquiaberto, segurando um pequeno pacote na mão.

— Ah, aí está você, Geordie! Por que demorou tanto? — disse Jamie.

Geordie não disse nada, mas seus olhos viajaram, incertos, pelo corpo de seu patrão, ali parado só de camisa, as pernas nuas, no meio da tipografia, as calças, sapatos e meias jogados no chão, e ele em meus braços, meu vestido todo amarrotado e meus cabelos desfeitos. O rosto fino de Geordie crispou-se numa máscara de censura.

— Eu me demito — disse ele, no tom de voz exuberante do oeste das Terras Altas. — A gráfica é uma coisa, eu trabalho aqui e você não pensa em outra coisa, mas eu sou da Igreja Livre e meu pai está acima de mim e meu avô acima dele. Trabalhar para um papista é uma coisa... a moeda do papa é tão boa quanto qualquer outra, não é?... mas trabalhar para um papista imoral é outra. Faça o que quiser com sua própria alma, mas se chegou ao ponto de orgias no trabalho, já foi longe demais, é o que tenho a dizer. Eu me demito!

Ele colocou o pacote cuidadosamente no centro do balcão, girou nos calcanhares e caminhou arrogantemente em direção à porta. Lá fora, o relógio de Tolbooth começou a bater. Geordie virou-se na soleira da porta para olhar de modo acusador para nós.

— E ainda nem é meio-dia! — disse ele. A porta da loja bateu atrás dele.

Jamie ficou olhando para a porta por um instante, depois se deixou cair

lentamente no chão outra vez, rindo tanto que seus olhos lacrimejaram.

— “E ainda nem é meio-dia!” — repetiu ele, limpando as lágrimas do rosto. — Ah, meu Deus, Geordie! — Ele se balançava para a frente e para trás, agarrando os joelhos com as duas mãos.

Eu mesma não pude deixar de rir, embora estivesse um pouco preocupada.

— Não queria causar nenhum transtorno — disse. — Você acha que ele vai voltar?

Ele fungou e limpou o rosto descuidadamente na barra da camisa.

— Ah, sim. Ele mora do outro lado da rua, na travessa Wickham. Eu vou lá daqui a pouco e... e explicarei — disse ele. Olhou para mim, compreendendo a realidade, e acrescentou: — Só Deus sabe como! — Por um instante, pareceu que ele ia começar a rir outra vez, mas dominou o impulso e levantou-se.

— Tem outro par de calças? — perguntei, pegando as que ele tirara e estendendo-as sobre o balcão para secarem.

— Sim, tenho, lá em cima. Mas espere um minuto. — Enfiou o longo braço no armário sob o balcão e retirou um aviso perfeitamente impresso que dizia VOLTO JÁ. Pendurando-o do lado de fora da porta e trancando-a por dentro, virou-se para mim. — Quer subir comigo? — disse ele. Dobrou o braço num convite, os olhos brilhando. — Se não achar imoral.

— Por que não? — disse. O impulso de desatar a rir estava logo abaixo da superfície, borbulhando no meu sangue como champanhe. — Somos casados, não somos?

O andar superior era dividido em dois aposentos, um de cada lado do patamar da escada, e um pequeno toalete logo em frente. O quarto dos fundos era obviamente destinado à armazenagem do material da gráfica; a porta estava escancarada e eu podia ver engradados de madeira cheios de livros, enormes maços de folhetos cuidadosamente presos com uma corda fina, barris de álcool e tinta em pó, e uma parafernália de ferramentas estranhas que presumi tratarem-se de peças sobressalentes para as máquinas de impressão.

O quarto da frente era espartano como a cela de um monge. Havia uma cômoda de gavetas com um castiçal de cerâmica sobre ela, uma mesinha com

bacia e jarra de água, um banco e uma cama estreita, pouco mais do que um catre de acampamento. Soltei abruptamente a respiração ao vê-la, somente então percebendo que eu estivera prendendo-a. Ele dormia sozinho.

Um olhar rápido ao redor confirmou que não havia nenhum sinal de uma presença feminina no quarto e meu coração começou a bater com um ritmo normal outra vez. Obviamente, ninguém mais vivia ali além de Jamie; ele havia afastado a cortina que bloqueava um dos cantos do quarto e a fileira de cabides que se via ali suportava apenas duas camisas, um casaco e um colete de um cinza sóbrio, um manto de lã cinza e o par de calças sobressalente que ele fora buscar.

Ele ficou de costas para mim enquanto enfiava a camisa para dentro e amarrava as calças, mas eu pude ver o acanhamento na linha tensa de seus ombros. Eu podia sentir uma tensão similar na minha própria nuca. Após um instante para nos recobramos do choque de nos vermos, estávamos ambos acometidos de timidez. Vi seus ombros empertigarem-se e então ele virou-se para mim. O riso histérico havia nos abandonado, assim como as lágrimas, embora seu rosto ainda mostrasse as marcas de tanta emoção repentina, e eu sabia que o meu também.

— É muito bom ver você de novo, Claire — disse ele à meia-voz. Pensei que nunca... bem. — Encolheu os ombros ligeiramente, como se a camisa de linho apertasse nos ombros e ele quisesse afrouxá-la. Engoliu em seco, depois me olhou diretamente nos olhos.

— A criança? — perguntou ele. Tudo que ele sentia estava estampado em seu rosto; esperança ansiosa, temor desesperado e a luta para conter ambos.

Sorri-lhe e estendi a mão.

— Venha cá.

Eu pensara muito sobre o que deveria trazer comigo, caso minha viagem através das pedras fosse bem-sucedida. Considerando minha experiência prévia com acusações de bruxaria, eu tomara muito cuidado. Mas havia algo que eu tinha que trazer, independentemente de quaisquer que fossem as consequências, caso alguém as visse. Puxei-o para sentar-se a meu lado na cama e retirei do bolso o pequeno pacote retangular que eu embrulhara com tanto cuidado em Boston. Desfiz a embalagem à prova d'água e coloquei o conteúdo em suas mãos.

— Tome — disse.

Ele segurou-as, cautelosamente, como alguém manuseando alguma substância desconhecida e possivelmente perigosa. Suas mãos grandes emolduraram as fotografias por um instante, mantendo-as confinadas. O rosto redondo de Brianna recém-nascida estava alheio entre seus dedos, os punhos pequeninos cerrados sobre o cobertor, os olhos puxados fechados sob a nova exaustão de existir, a boca pequena entreaberta no sono.

Ergui os olhos para seu rosto; estava absolutamente perplexo de choque. Segurava as fotografias perto do peito, sem se mover, os olhos arregalados e fixos, como se uma flecha tivesse acabado de trespassar seu coração — como eu imaginava que tivesse.

— Sua filha lhe enviou isto — disse. Virei seu rosto lívido para mim e beijei-o suavemente nos lábios. Isso quebrou o transe; ele piscou e seu rosto reanimou-se.

— Minha... ela... — Sua voz estava rouca de emoção. — Filha. Minha filha. Ela... sabe?

— Sabe. Olhe as outras. — Retirei a primeira foto de sua mão, revelando o instantâneo de Brianna, hilariamente lambuzada com o glacê de seu primeiro bolo de aniversário, um travesso sorriso de triunfo no rosto, exibindo quatro dentes e sacudindo um novo coelhinho de pelúcia acima da cabeça.

Jamie deixou escapar um pequeno som inarticulado e seus dedos afrouxaram-se. Peguei a pequena pilha de fotos de sua mão e fui devolvendo-as, uma de cada vez.

Brianna aos dois anos, rechonchuda em sua roupa de neve, as bochechas redondas e vermelhas como maçãs, uns fiapos de cabelos leves como pluma saindo por baixo do capuz.

Bree aos quatro anos, os cabelos lisos e brilhantes em forma de sino, sentada, um dos tornozelos apoiado no joelho oposto, enquanto ela sorria para o fotógrafo, bem arrumada e tranquila, de avental branco.

Aos cinco, orgulhosamente de posse de sua primeira lancheira, esperando para tomar o ônibus para o jardim de infância.

— Ela não me deixava acompanhá-la, queria ir sozinha. Ela é muito corajosa, não tem medo de nada... — Minha voz ficou embargada conforme

eu explicava, mostrava, apontava para as imagens que caíam de suas mãos e deslizavam para o chão enquanto ele tentava pegar cada nova foto.

— Ah, meu Deus! — disse ele, diante da foto de Bree aos dez anos, sentada no chão da cozinha com os braços em volta de Smoky, o enorme cão terra-nova. Essa era em cores; seus cabelos brilhantes contra os pelos negros e luzidios do cachorro.

Suas mãos tremiam tanto que ele já não conseguia segurar as fotos; tive que mostrar-lhe as últimas — Bree já crescida, rindo para uma fileira de peixes amarrados a uma linha e que ela havia pescado; debruçada em uma janela, contemplativa e misteriosa; com o rosto afogueado e descabelada, apoiada no cabo de um machado que usara para rachar lenha. As fotos mostravam seu rosto em todos os estados de espírito que eu pude captar, sempre aquele mesmo rosto, nariz reto e comprido, boca larga, com aquelas maçãs do rosto viking, altas, largas e lisas, e os olhos rasgados — uma versão mais delicada, de ossos mais delgados, de seu pai, do homem que se sentava na cama ao meu lado, a boca abrindo-se e fechando-se sem emitir nenhum som, e as lágrimas rolando silenciosamente pelas próprias faces.

Espalmou a mão sobre as fotografias, os dedos trêmulos apenas roçando as superfícies lustrosas, depois se virou e inclinou-se em minha direção, lentamente, com a graça improvável de uma árvore alta caindo. Enterrou o rosto em meu ombro e desmoronou completamente.

Segurei-o contra o peito, os braços apertados em volta dos ombros largos, sacudindo-se, minhas próprias lágrimas caindo sobre seus cabelos, criando pequenas manchas escuras nas ondas ruivas. Pressionei o rosto contra o topo de sua cabeça, murmurando-lhe pequenas palavras de conforto como se ele fosse Brianna. Pensei comigo mesma que talvez fosse como uma cirurgia — mesmo quando uma operação é feita para reparar danos existentes, a cura ainda assim é dolorosa.

— Qual o nome dela? — Ele ergueu o rosto finalmente, limpando o nariz nas costas da mão. Pegou as fotos outra vez, delicadamente, como se pudessem se desintegrar ao toque de seus dedos. — Que nome você lhe deu?

— Brianna — disse com orgulho.

— Brianna? — repetiu ele, franzindo o cenho para as fotografias. — Que nome horrível para uma menininha!

Dei um solavanco para trás, como se tivesse levado um soco.

— Não é horrível! — retorqui. — É um lindo nome e, além do mais, foi você que me pediu para chamá-la assim! O que quer dizer com ser um nome horrível?

— Eu lhe pedi para chamá-la assim? — pestanejou.

— Com toda a certeza! Quando nós... quando nós... na última vez que o vi. — Pressionei os lábios com força para não chorar outra vez. Após alguns instantes, havia dominado meus sentimentos o suficiente para acrescentar: — Você disse para dar o nome de seu pai ao bebê. O nome dele era Brian, não era?

— Sim, era. — Um sorriso parecia lutar para sobrepujar as outras emoções em seu rosto. — Sim — disse ele. — Sim, tem razão, eu pedi. É que... bem, pensei que seria um menino, só isso.

— E ficou decepcionado por não ter sido um menino? — Olhei-o furiosamente e comecei a pegar as fotos espalhadas. Suas mãos em meus braços me impediram.

— Não — disse ele. — Não, não fiquei decepcionado. Claro que não! Sua boca contorceu-se ligeiramente. — Mas não vou negar que ela significa um grande choque, Sassenach. E você também.

Permaneci imóvel por um instante, fitando-o. Eu tivera meses para me preparar para isso e ainda assim meus joelhos estavam frouxos e um aperto contraía meu estômago. Ele fora pego completamente de surpresa com o meu aparecimento; não era de admirar que estivesse abalado com o impacto.

— Imagino que eu seja. Lamenta que eu tenha vindo? — perguntei. Engoli em seco. — Quer... quer que eu vá embora?

Suas mãos agarraram meus braços com tanta força que deixei escapar um pequeno grito. Percebendo que estava me machucando, afrouxou os dedos, mas ainda assim continuou a me segurar firmemente. Seu rosto ficara lívido diante da minha sugestão. Respirou fundo e soltou o ar ruidosamente.

— Não — disse ele, com o máximo de calma que conseguiu reunir. — Não quero. Eu... — interrompeu-se bruscamente, os maxilares cerrados. — Não — disse outra vez, com determinação.

Sua mão deslizou até segurar a minha e, com a outra, abaixou-se para pegar as fotografias. Colocou-as sobre o joelho, olhando-as com o rosto

abaixado, para que eu não pudesse vê-lo.

— Brianna — disse ele num sussurro. — Você o pronuncia errado, Sassenach. O nome dela é Brianna. — Pronunciou-o com uma estranha cadência das Terras Altas, de modo que a primeira sílaba era mais forte e a segunda quase não se ouvia. *Bnana*.

— *Bnana*? — disse, achando graça.

Ele assentiu, os olhos ainda fixos nas fotografias.

— Brianna — disse ele. — É um belo nome.

— Fico contente que goste — disse.

Ergueu o rosto de repente e nossos olhos se encontraram. Um sorriso escondia-se no canto da boca larga.

— Fale-me dela. — Com o dedo indicador, traçou os contornos roliços do bebê em roupa de neve. — Como ela era quando garotinha? O que ela disse primeiro, quando aprendeu a falar?

Sua mão puxou-me para mais perto e aconcheguei-me junto a seu corpo. Ele era grande, e sólido, e cheirava a roupa lavada e tinta de impressão, com um cálido cheiro masculino que era tão excitante para mim quanto familiar.

— “Au-au” — disse. — Essa foi sua primeira palavra. A segunda foi “Não!”.

O sorriso ampliou-se.

— Sim, essa todas as crianças aprendem depressa. Então ela gosta de cachorros? — Abriu as fotos em leque, como cartas de baralho, procurando a foto com Smoky. — Este que está aqui com ela é um lindo cachorro. De que raça é?

— É um terra-nova. — Inclinei-me para a frente para passar as fotos rapidamente. — Há outra aqui com um cachorrinho que um amigo meu lhe deu.

A fraca e cinza luz do dia começou a desaparecer e a chuva tamborilava no telhado havia algum tempo antes de nossa conversa ser interrompida por um rosnado feroz e profundo que emanou de baixo do corpete enfeitado de renda do meu vestido Jessica Gutenberg. Um longo tempo já se passara desde o sanduíche de pasta de amendoim.

— Com fome, Sassenach? — perguntou Jamie, um pouco desnecessariamente, pensei.

— Bem, sim, agora que você mencionou. Ainda guarda comida na gaveta de cima? — Assim que nos casamos, eu desenvolvera o hábito de guardar pequenas porções de alimento à mão, para suprir seu apetite constante, e a gaveta de cima de qualquer cômoda onde morávamos em geral propiciava uma variedade de pãezinhos, bolinhos ou pedaços de queijo.

Ele riu e espreguiçou-se.

— Sim, guardo. Mas não há muita coisa lá no momento, além de dois bolinhos velhos. É melhor eu levá-la à taberna e... — O ar de felicidade produzido pelo exame das fotografias de Brianna desapareceu, substituído por uma expressão alarmada. Olhou rapidamente para a janela, onde uma suave cor púrpura começava a substituir o cinza pálido. A expressão de alarme se intensificou.

— A taberna! Meu Deus! Esqueci-me do sr. Willoughby! — Já estava de pé e remexendo na cômoda em busca de meias limpas antes que eu pudesse dizer alguma coisa. Saiu dali com as meias em uma das mãos e dois bolinhos na outra. Atirou os últimos no meu colo e sentou-se no banco, apressadamente calçando as primeiras.

— Quem é o sr. Willoughby? — Dei uma mordida no bolinho, espalhando farelos.

— Droga — disse ele, mais para si mesmo do que para mim —, eu disse que iria encontrá-lo ao meio-dia, mas me esqueci completamente! Já devem ser quatro horas!

— Já, sim; ouvi o relógio bater pouco tempo atrás.

— Droga! — repetiu ele. Enfiando os pés num par de sapatos com fivelas de estanho, levantou-se, arrancou o casaco do cabide e depois parou à porta.

— Vem comigo? — perguntou ele ansiosamente.

Lambi os dedos e me levantei, envolvendo-me no meu manto.

— Nada poderia me deter — assegurei-lhe.

25

A CASA DA ALEGRIA

— Quem é o sr. Willoughby? — perguntei, quando paramos sob o arco do beco Carfax para espreitar a rua de calçamento de pedras.

— Hã... ele é um sócio meu — respondeu Jamie, com um olhar cauteloso em minha direção. — É melhor colocar seu capuz, está caindo um aguaceiro.

Estava de fato chovendo muito; lençóis de água caíam do arco acima de nossas cabeças e desciam gorgolejando pelas sarjetas, limpando as ruas do esgoto e do lixo. Respirei fundo o ar limpo e úmido, sentindo-me exultante com a loucura da noite e a proximidade de Jamie, alto e forte ao meu lado. Eu o encontrara. Eu o encontrara, e o que quer que o desconhecido me reservasse agora não parecia importar. Sentia-me temerária e indestrutível.

Tomei sua mão e apertei-a; ele olhou para baixo e sorriu para mim, apertando a minha também.

— Aonde vamos?

— Até a World's End. — O rugido das águas dificultava a conversa. Sem dizer mais nada, Jamie segurou-me pelo cotovelo para me ajudar a atravessar o calçamento de pedras e nos lançamos ladeira abaixo pela íngreme Royal Mile.

Felizmente, a taberna denominada The World's End não ficava a mais de cem metros de distância; apesar da intensidade da chuva, os ombros do meu manto estavam apenas úmidos quando nos agachamos para passar pela baixa verga da porta que dava acesso ao estreito saguão de entrada.

O salão principal estava apinhado, quente e enfumaçado, um refúgio confortável da tempestade lá fora. Havia algumas mulheres sentadas nos bancos que se estendiam ao longo das paredes, mas a maioria dos fregueses era masculina. Aqui e ali, via-se um homem num traje bem cuidado de comerciante, mas a maior parte dos homens com lares para onde retornar estava em suas casas a esta hora; a taberna abrigava uma mistura de soldados, ratos de cais, operários e aprendizes, com um ou outro bêbado para variar.

Várias cabeças ergueram-se quando entramos e ouviram-se gritos de

saudação, além de um empurra-empurra e um arrastamento geral de pés, para abrir espaço em uma das longas mesas. Obviamente, Jamie era bem conhecido na World's End. Alguns olhares curiosos voltaram-se para mim, mas ninguém disse nada. Mantive o manto bem enrolado no corpo e segui Jamie pelo meio do aperto na taberna.

— Não, nós não vamos ficar — disse ele à jovem garçonete que apressou-se em nossa direção com um sorriso ansioso. — Só vim para encontrá-lo.

A jovem revirou os olhos para cima.

— Ah, sim, e já não é sem tempo! Mamãe mandou-o lá pra baixo.

— Sim, estou atrasado — disse Jamie, desculpando-se. — Eu... tive que resolver uns negócios.

A jovem olhou-me com curiosidade, mas em seguida deu de ombros e riu para Jamie.

— Ah, não tem problema, senhor. Harry levou um copo de conhaque para ele e desde então quase não o ouvimos mais.

— Conhaque, hein? — Jamie pareceu resignado. — Ele ainda está acordado? — Enfiou a mão no bolso do casaco e retirou uma pequena bolsinha de couro, da qual extraiu várias moedas, que deixou cair na mão estendida da jovem.

— Acho que sim — disse ela alegremente, guardando o dinheiro no bolso. — Eu o ouvi cantando algum tempo atrás. Obrigada, senhor!

Com um aceno da cabeça, Jamie abaixou-se para passar por baixo da verga da porta nos fundos do salão, fazendo sinal para que eu o seguisse. Uma cozinha minúscula, com teto arredondado, ficava atrás do salão principal da taberna; havia um enorme caldeirão do que parecia ser um cozido de ostra fervendo no fogão. O cheiro era delicioso e pude sentir minha boca começar a salivar com o aroma. Esperava que pudéssemos tratar de negócios com o sr. Willoughby enquanto jantávamos.

Uma mulher gorda vestindo saia e corpete sujos ajoelhava-se junto ao fogo, alimentando-o com pedaços de madeira. Ela ergueu os olhos para Jamie e cumprimentou-o com um sinal da cabeça, mas não fez nenhuma menção de levantar-se.

Ele acenou em resposta e dirigiu-se a uma pequena porta de madeira em

um dos cantos. Levantou a trava e escancarou a porta, revelando uma escada escura que levava para baixo, aparentemente às entranhas da terra. Uma luz bruxuleava em algum lugar lá embaixo, como se gnomos estivessem extraíndo diamantes de uma mina sob a caverna.

Os ombros de Jamie preenchiem o estreito vão da escada, obstruindo minha visão do que havia abaixo de nós. Quando ele saiu no espaço aberto ao fim das escadas, pude ver grossas vigas de carvalho e uma fileira de enormes barris, sobre uma longa plataforma apoiada em cavaletes e encostada contra a parede de pedra.

Uma única tocha queimava ao pé da escada. A adega estava escura e suas profundezas, como as de uma caverna, pareciam desertas. Prestei atenção, mas não ouvi nada além da algazarra abafada da taberna em cima. Certamente, ninguém cantando.

— Tem certeza de que ele está aqui embaixo? — Inclinei-me para espreitar sob a fileira de barris, imaginando se o bêbado sr. Willoughby fora nocauteado por um excesso de conhaque e buscara algum lugar isolado para dormir e curar a bebedeira.

— Ah, sim. — A voz de Jamie soou severa, mas resignada. — Acho que o vagabundo está se escondendo. Ele sabe que eu não gosto quando ele bebe em bares públicos.

Ergui a sobrancelha diante da informação, mas ele apenas continuou andando nas sombras, resmungando baixinho. A adega estendia-se no comprimento e eu podia ouvi-lo, arrastando os pés cautelosamente no escuro, muito tempo depois de tê-lo perdido de vista. Parada no círculo de luz da tocha, olhei ao meu redor com interesse.

Além da fileira de barris, havia vários engradados de madeira empilhados quase no centro do aposento contra um estranho pedaço de parede que erguia-se sozinho, a uma altura de mais ou menos um metro e meio acima do chão da adega, perdendo-se para trás na escuridão.

Eu ouvira falar dessa característica da taberna quando ficamos em Edimburgo havia vinte anos, com Sua Alteza, o príncipe Charles, mas nunca a havia realmente visto. Era o remanescente de um muro construído pelos fundadores de Edimburgo, logo após a desastrosa Batalha de Flodden Field, em 1513. Concluindo — com certa razão — que provavelmente não haveria

nenhum proveito na associação com os ingleses ao sul, construíram aquela muralha definindo tanto os limites da cidade quanto o limite do mundo civilizado da Escócia. Daí o nome The World's End — o fim do mundo. O nome se mantivera através de várias versões da taberna, que fora construída sobre as ruínas da utopia dos antigos escoceses.

— Vagabundo desgraçado. — Jamie emergiu das sombras, uma teia de aranha presa nos cabelos e uma carranca no rosto. — Deve estar atrás da muralha.

Virando-se, colocou a mão na boca e gritou alguma coisa. Soou como uma algaravia incompreensível — nem mesmo como gaélico. Desconfiada, enfiei o dedo no ouvido, imaginando se a viagem através das pedras havia danificado minha audição.

Um movimento repentino no canto do meu olho me fez erguer a cabeça, bem a tempo de ver uma bola azul brilhante voar de cima da ruína da antiga muralha e atingir Jamie diretamente entre as omoplatas. Ele bateu a cabeça no teto da adega com um baque surdo e eu me atirei sobre seu corpo caído.

— Jamie! Você está bem?

A figura deitada de bruços emitiu uma série de palavrões em gaélico e sentou-se devagar, esfregando a testa, que batera na laje de pedra do chão com uma pancada assustadora. A bola azul, enquanto isso, transformara-se na figura de um chinês muito pequeno, que se sacudia, rindo com grande deleite, o rosto redondo e amarelado brilhando de alegria e conhaque.

— Sr. Willoughby, eu presumo — disse a essa aparição, mantendo um olho atento a novas brincadeiras.

Ele pareceu reconhecer seu nome, porque riu e balançou a cabeça freneticamente para mim, os olhos apenas duas fendas brilhantes. Apontou para si mesmo, disse alguma coisa em chinês e, em seguida, saltou no ar e executou várias cambalhotas para trás em rápida sucessão, pousando sobre os pés triunfalmente ao final.

— Pulga maldita. — Jamie levantou-se, limpando as palmas das mãos com cuidado no casaco. Com um movimento rápido, agarrou o chinês pelo colarinho e levantou-o do chão. — Vamos — disse ele, pousando o homenzinho na escada e empurrando-o firmemente nas costas. — Temos que ir andando, e depressa. — Em resposta, a pequena figura vestida de azul

prontamente sucumbiu, parecendo uma trouxa frouxa de roupa suja deixada sobre o degrau. — Ele é um bom sujeito quando está sóbrio — explicou-me Jamie em tom de desculpas, enquanto erguia o chinês e o colocava sobre o ombro. — Mas ele realmente não deveria beber conhaque. É um beerrão.

— É o que estou vendo. Onde você o encontrou? — Fascinada, seguiu Jamie escada acima, observando o rabo de cavalo do sr. Willoughby oscilar para a frente e para trás como um metrônomo pelo feltro de lã cinza do manto de Jamie.

— Nas docas. — Mas antes que pudesse dar maiores explicações, a porta acima se abriu e estávamos de volta à cozinha da taberna. A robusta proprietária nos viu emergir e veio em nossa direção, as faces rechonchudas enfunadas de desaprovação.

— Ora, sr. Malcolm — começou ela, franzindo a testa. — O senhor sabe muito bem que é bem-vindo aqui e deve saber também que eu não sou de implicar com ninguém, não é uma atitude conveniente para quem mantém uma taberna. Mas eu já lhe disse, seu homenzinho amarelo não é...

— Sim, já disse isso, sra. Patterson — interrompeu Jamie. Enfiou a mão no bolso e retirou uma moeda, que entregou à corpulenta proprietária do pub com uma mesura. — E sua paciência é muito apreciada. Não acontecerá de novo. Espero — acrescentou ele baixinho. Colocou o chapéu na cabeça, inclinou-se novamente para a sra. Patterson e agachou-se sob a verga da porta que dava para o salão do bar.

Nossa reentrada causou outro alvoroço, mas desta vez uma reação negativa. As pessoas fizeram silêncio ou murmuraram imprecações em voz baixa. Deduzi que o sr. Willoughby provavelmente não era um dos clientes mais populares do local.

Jamie foi avançando devagar pelo meio da multidão, que abria caminho com relutância. Seguiu-o da melhor maneira possível, tentando não encarar ninguém e não respirar. Desacostumada como estava com o miasma nada higiênico do século XVIII, o mau cheiro de tantos corpos desabituaados ao banho num recinto pequeno e fechado era quase insuportável.

Perto da porta, entretanto, nos deparamos com um problema na pessoa de uma mulher jovem e peituda, cujo vestido estava um grau acima das roupas rústicas e sóbrias da proprietária e de sua filha. O decote era um grau mais

baixo e não tive muita dificuldade em adivinhar qual era seu principal meio de vida. Absorta num flerte com dois garotos aprendizes quando saímos da cozinha, ergueu os olhos quando passamos e pôs-se de pé num salto com um grito estridente, derrubando um caneco de cerveja no processo.

— É ele! — berrou ela, apontando o dedo para Jamie. — O maldito canalha! — Seus olhos pareciam ter dificuldade em focalizar; concluí que a cerveja derramada não era a sua primeira da noite, embora ainda fosse tão cedo.

Seus companheiros olharam para Jamie com interesse, mais ainda quando a jovem adiantou-se, brandindo o dedo no ar como se conduzisse um coro.

— É ele! O anãozinho de que falei... o que fez aquela coisa horrível comigo!

Reuni-me ao resto da multidão olhando para Jamie com interesse, mas logo percebi, como todos os presentes, que a jovem não estava falando dele, mas de seu fardo.

— Seu nojento! — gritou ela, dirigindo suas observações para os fundilhos das calças de seda azul do sr. Willoughby. — Verme! Lesma!

O espetáculo de aflição da jovem estava incitando seus companheiros; um deles, um rapaz alto e forte, levantou-se, os punhos cerrados, e inclinou-se sobre a mesa, os olhos brilhando de cerveja e agressividade.

— É ele, hein? Devo esfaqueá-lo para você, Maggie?

— Nem tente, garoto — avisou Jamie sem rodeios, mudando seu fardo de posição para melhor equilíbrio. — Tome sua bebida e nós já teremos ido embora.

— Ah, é? E você é o cafetão do anãozinho, é? — disse o inconveniente rapaz, com ar de desdém, o rosto vermelho virando-se em minha direção. — Ao menos, sua outra vadia não é amarela... vamos dar uma olhada nela. — Ele estendeu uma pata e agarrou a borda do meu manto, revelando o corpete decotado do Jessica Gutenberg.

— A mim, parece bastante rosada — disse seu amigo, com óbvia aprovação. — Ela é assim por inteiro? — Antes que eu pudesse me mover, ele tentou agarrar o corpete, segurando-o pela beira da renda. Não sendo projetado para os rigores da vida no século XVIII, o tecido fino rasgou-se na lateral, expondo um bom pedaço de pele rosada.

— Largue-a, seu filho da mãe! — Jamie girou nos calcanhares, os olhos flamejando, brandindo o punho livre ameaçadoramente.

— Quem você está xingando, seu desgraçado? — O primeiro rapaz, impossibilitado de sair de trás da mesa, subiu no tampo e lançou-se sobre Jamie, que agilmente se desviou, fazendo com que ele batesse de cara na parede.

Jamie deu uma enorme passada em direção à mesa, desceu o punho com toda a força no topo da cabeça do outro aprendiz, fazendo o maxilar do rapaz ficar frouxo, depois me agarrou pela mão e arrastou-me porta afora.

— Vamos! — disse ele, resmungando enquanto mudava de posição o corpo escorregadio do chinês, a fim de segurá-lo melhor. — Virão atrás de nós a qualquer momento!

E vieram; pude ouvir a gritaria quando os mais exaltados jorraram da taberna para a rua em nosso encalço. Jamie enfiou-se pela primeira abertura que desembocava na Royal Mile, entrando num beco estreito e escuro, e fomos chapinhando pelas poças de lama e outras menos identificáveis, nos agachando por baixo de uma arcada e descendo outra viela sinuosa que parecia atravessar as entranhas de Edimburgo. Paredes escuras e portas de madeira lascadas passavam velozmente por nós, até virarmos uma esquina desembocando num pequeno pátio, onde paramos para tomar fôlego.

— O que... afinal... ele fez? — perguntei, arquejante. Eu não conseguia imaginar o que o pequeno chinês havia feito a uma jovem e robusta prostituta como aquela Maggie. Tudo indicava que ela poderia tê-lo esmagado como uma mosca.

— Bem, são os pés, sabe? — explicou Jamie, com um olhar de relance, de conformada irritação, ao sr. Willoughby.

— Pés? — Relanceei os olhos involuntariamente para os minúsculos pés do chinês, perfeitas miniaturas calçadas em sapatilhas de cetim negro com sola de feltro.

— Não os dele — disse Jamie, notando meu olhar. — Os das mulheres.

— Que mulheres? — perguntei.

— Bem, até agora têm sido apenas prostitutas — disse ele, lançando um olhar pela arcada para ver se o bando continuava a nos perseguir —, mas não se sabe o que ele pode tentar. Nenhum discernimento — explicou ele

sucintamente. — Ele é pagão.

— Compreendo — disse, embora até então não estivesse compreendendo nada. — O que...

— Lá estão eles! — Um grito no outro extremo da viela interrompeu minha pergunta.

— Droga, achei que tivessem desistido. Venha, por aqui!

Desatamos a correr outra vez pela viela, de volta à Royal Mile, alguns passos ladeira abaixo e de novo para dentro de um beco. Eu podia ouvir gritos e clamores atrás de nós na rua principal, mas Jamie agarrou meu braço e arrastou-me atrás dele por uma porta aberta, entrando num pátio repleto de barris, fardos e caixotes. Olhou freneticamente ao redor, depois arremessou o corpo inerte do sr. Willoughby em um grande barril cheio de lixo. Parando apenas o suficiente para jogar um pedaço de lona sobre a cabeça do chinês para escondê-lo, arrastou-me para trás de uma carroça carregada de caixotes e puxou-me para baixo, a seu lado.

Eu arfava do esforço a que não estava acostumada e meu coração disparara com a adrenalina do medo. O rosto de Jamie estava vermelho do frio e do exercício, e seus cabelos eriçavam-se em todas as direções, mas ele respirava apenas um pouco mais pesadamente.

— Você faz esse tipo de coisa o tempo todo? — perguntei, apertando a mão contra o peito num esforço vão de fazer meu coração diminuir a aceleração.

— Não exatamente — disse ele, espreitando cuidadosamente por cima da carroça à cata do bando.

O eco das batidas de pés chegou fracamente até nós, depois desapareceu e tudo ficou em silêncio, exceto pelo tamborilar da chuva nos caixotes logo acima.

— Passaram direto. Mas é melhor ficarmos aqui um pouco, só para ter certeza. — Tirou um caixote da carroça para eu me sentar, pegou outro para si próprio e sentou-se com um suspiro, afastando os cabelos soltos do rosto com uma das mãos.

Lançou-me um sorriso enviesado.

— Desculpe-me, Sassenach. Não pensei que seria tão...

— Movimentado? — terminei por ele. Devolvi o sorriso e peguei um

lenço para enxugar uma gota de suor da ponta do meu nariz. — Tudo bem. — Olhei para o enorme barril, onde murmúrios e agitações indicavam que o sr. Willoughby estava retornando a um estado mais ou menos consciente. — Hã... como sabe a respeito dos pés?

— Ele me contou; tem um fraco por bebida, sabe — explicou ele, lançando um olhar para o barril onde seu colega estava escondido. — E quando exagera na dose, começa a falar sobre os pés das mulheres e todas as coisas terríveis que quer fazer com eles.

— Que coisas terríveis se pode fazer com um pé? — Eu estava fascinada. — Certamente, as possibilidades são limitadas.

— Não, não são — disse Jamie soturnamente. — Mas não é algo que eu gostaria de estar discutindo num lugar público.

Uma cantiga monótona surgiu das profundezas do barril atrás de nós. Era difícil saber, entre as inflexões naturais da língua, mas achei que o sr. Willoughby estava fazendo algum tipo de pergunta.

— Cale a boca, seu verme — disse Jamie indelicadamente. — Mais uma palavra e eu mesmo vou pisotear a sua cara; vamos ver se vai gostar.

Ouviu-se uma risadinha estridente e o barril silenciou.

— Ele quer que alguém ande sobre o rosto dele? — perguntei.

— Sim. Você — disse Jamie sucintamente. Encolheu os ombros num gesto de desculpas e suas faces ruborizaram-se. — Não tive tempo de explicar a ele quem você é.

— Ele fala inglês?

— Ah, sim, de certo modo, mas pouca gente compreende o que ele diz. A maior parte do tempo, eu falo com ele em chinês.

Olhei-o espantada.

— Você fala chinês?

Ele deu de ombros, inclinando a cabeça com um leve sorriso.

— Bem, eu falo chinês mais ou menos como o sr. Willoughby fala inglês, mas ele não tem muita escolha no que diz respeito a conversar em chinês, de modo que tem que se contentar comigo.

Meu coração dava sinais de estar voltando ao normal e eu me reclinei sobre o fundo da carroça, o capuz mais puxado para a frente para me proteger da garoa.

— Onde ele foi arranjar um nome como Willoughby? — perguntei. Ao mesmo tempo que estava curiosa a respeito do chinês, estava ainda mais curiosa para saber o que um respeitável mestre-impressor de Edimburgo estava fazendo com um, mas senti uma certa relutância em ficar bisbilhotando a vida de Jamie. Tendo acabado de voltar do supostamente mundo dos mortos, ou seu equivalente, eu não poderia querer saber todos os detalhes de sua vida de imediato.

Jamie passou a mão pelo nariz.

— Sim, bem. É que o verdadeiro nome dele é Yi Tien Cho. Ele diz que significa “aquele que se ampara no céu”.

— Difícil demais para os escoceses locais pronunciarem? — Conhecendo a natureza insular da maioria dos escoceses, não me surpreendia que não quisessem se aventurar por estranhas águas linguísticas. Jamie, com seu dom para línguas, era uma anomalia genética.

Ele sorriu, os dentes brancos e brilhantes na penumbra crescente.

— Bem, não se trata exatamente disso. É que se você pronunciar o nome dele um pouquinho diferente, fica muito parecido com um palavrão em gaélico. Pensei que Willoughby talvez fosse melhor.

— Entendi. — Achei que talvez, nas atuais circunstâncias, eu não devia perguntar qual era exatamente a palavra gaélica. Olhei por cima do ombro, mas a ladeira parecia desobstruída.

Jamie percebeu meu gesto e levantou-se, balançando a cabeça.

— Sim, já podemos ir. Os rapazes já devem ter voltado para a taberna.

— Nós não vamos ter que passar pela World's End para voltar à gráfica? — perguntei, hesitante. — Ou existe um caminho por trás? — Já escurecera completamente e a ideia de ir tropeçando pelos montes de lixo e de lama das passagens de fundos não me atraía.

— Ah... não. Não vamos para a gráfica. — Eu não pude ver seu rosto, mas parecia haver uma certa reserva em seu jeito. Talvez ele tivesse uma residência em algum outro lugar da cidade. Senti um frio no estômago diante da perspectiva; o quarto em cima da gráfica era claramente uma cela de monge; mas talvez ele tivesse uma casa em algum outro lugar... com uma família dentro? Não houve tempo para nada além da troca das informações mais essenciais na gráfica. Eu não tinha como saber o que ele fizera nos

últimos vinte anos ou o que andava fazendo agora.

Ainda assim, ele ficara obviamente feliz — para dizer o mínimo — de me ver e o ar pensativo que agora exibia podia perfeitamente ter a ver com seu sócio embriagado, e não comigo.

Inclinou-se sobre o barril, dizendo alguma coisa em chinês com forte sotaque escocês. Era um dos sons mais estranhos que eu já ouvira; mais ou menos como os guinchos de uma gaita de foles sendo afinada, pensei, achando graça na execução.

O que quer que ele tenha dito, o sr. Willoughby respondeu loquazmente, interrompendo-se com risadinhas e pigarros. Finalmente, o chinês surgiu na borda do barril, a silhueta de sua figura minúscula desenhada contra a luz de um distante lampião do beco. Ele saltou do barril com grande agilidade e prontamente prostrou-se no chão diante de mim.

Lembrando-me do que Jamie me dissera sobre pés, dei um rápido passo para trás, mas Jamie colocou a mão em meu braço para me tranquilizar.

— Não, tudo bem, Sassenach — disse ele. — Ele só está se desculpando por seu desrespeito com você antes.

— Ah, bem. — Olhei desconfiada para o sr. Willoughby, que tagarelava alguma coisa para o chão sob seu rosto. Desconhecendo a etiqueta adequada, abaixei-me e bati de leve em sua cabeça. Evidentemente, isso servia, porque ele logo se pôs de pé e fez várias medidas para mim, até Jamie dizer-lhe com impaciência para parar. Voltamos, então, para a Royal Mile.

O prédio para o qual Jamie me conduziu ficava discretamente escondido em um pequeno beco logo acima da igreja de Canongate, talvez a uns quatrocentos metros acima do palácio Holyrood. Vi os lampiões montados junto aos portões do palácio lá embaixo e estremeci ligeiramente diante da visão. Havíamos morado com Charles Stuart no palácio por aproximadamente cinco semanas, na fase inicial, vitoriosa, de sua curta carreira. O tio de Jamie, Colum MacKenzie, morrera ali.

A porta abriu-se com a batida de Jamie e todos os pensamentos do passado se desvaneceram. A mulher que nos espreitava, castiçal na mão, era miúda, elegante, de cabelos escuros. Ao ver Jamie, puxou-o para dentro com uma exclamação de alegria e beijou-o no rosto em saudação. Minhas entranhas crispavam-se como um punho cerrado, mas depois relaxaram de

novo, quando eu o ouvi cumprimentá-la como “madame Jeanne”. Não era o tratamento que se daria a uma esposa — nem mesmo, eu esperava, a uma amante.

Ainda assim, havia alguma coisa a respeito da mulher que me deixava apreensiva. Ela era obviamente francesa, embora falasse inglês muito bem — nada de estranhar; Edimburgo era um porto e uma cidade bastante cosmopolita. Estava vestida sobriamente, mas com suntuosidade, em seda pesada com um corte elegante, mas usava bem mais pó de arroz e ruge do que a escocesa comum. O que me perturbava era a maneira como me olhava — franzindo o cenho, com um perceptível ar de antipatia.

— Monsieur Fraser — disse ela, tocando o ombro de Jamie com um ar de posse que eu absolutamente não gostei. — Posso dar uma palavrinha em particular com você?

Jamie, entregando o manto para a criada que veio buscá-lo, lançou um rápido olhar para mim e percebeu a situação imediatamente.

— Claro, madame Jeanne — disse ele educadamente, estendendo a mão para que eu me aproximasse. — Mas primeiro... quero lhe apresentar minha mulher, a sra. Fraser.

Meu coração parou de bater por um instante, depois retomou o compasso, com uma força que eu tinha certeza poderia ser ouvido por qualquer pessoa no pequeno vestibulo. Os olhos de Jamie encontraram-se com os meus e ele sorriu, seus dedos apertando meu braço com mais intensidade.

— Sua... mulher? — Eu não sabia dizer se era assombro ou horror o que dominou o semblante de madame Jeanne. — Mas, monsieur Fraser... você a traz aqui? Eu pensei... uma mulher... tudo bem, mas insultar nossas próprias *jeunes filles* não é bom... por outro lado... a esposa... — Ficou indecorosamente boquiaberta, exibindo vários molares cariados. Em seguida, retomou repentinamente sua atitude de desconcertada calma e inclinou a cabeça para mim tentando demonstrar uma atitude cortês. — *Bonsoir...* madame.

— Igualmente, tenho certeza — disse educadamente.

— Meu quarto está pronto, madame? — perguntou Jamie. Sem esperar uma resposta, virou-se em direção às escadas, levando-me com ele. — Vamos passar a noite.

Olhou para trás, para o sr. Willoughby, que entrara conosco. Ele sentara-se imediatamente no chão, onde ficou escorrendo a água da chuva, uma expressão sonhadora no rosto pequeno e achatado.

— Hã...? — Jamie fez um pequeno gesto indicando o sr. Willoughby, as sobrancelhas erguidas para madame Jeanne num gesto interrogativo. Ela olhou fixamente para o pequeno chinês por um instante como se estivesse se perguntando de onde ele surgira e, em seguida, recobrou-se, e bateu palmas vivamente chamando uma das criadas.

— Veja se a srta. Josie está liberada, por favor, Pauline — disse ela. — E depois leve água quente e toalhas limpas para monsieur Fraser e sua... mulher. — Pronunciou a palavra com uma espécie de surpresa estupidificada, como se ainda não acreditasse.

— Ah, outra coisa, por gentileza, madame? — Jamie inclinou-se sobre a balaustrada, sorrindo para ela. — Minha mulher precisa de um vestido novo; suas roupas sofreram um infeliz acidente. Poderia providenciar algo adequado pela manhã? Obrigado, madame Jeanne. *Bonsoir!*

Eu não falei, enquanto o seguia pelos quatro lances de escada sinuosa até o ponto mais alto da casa. Eu estava ocupada demais, pensando, minha mente rodopiando. “Cafetão”, dissera o rapaz no pub. Mas certamente isso fora apenas um xingamento — era absolutamente impossível. Para o Jamie Fraser que eu conhecera, isso era impossível, corriji-me, fitando os ombros largos sob o casaco de sarja cinza-escuro. E para este homem?

Eu não sabia bem o que eu estava esperando, mas o quarto era bastante simples, pequeno e limpo — embora isso fosse extraordinário, pensando bem. A mobília consistia em um banquinho, uma cama comum e uma cômoda de gavetas, sobre a qual havia uma bacia e uma jarra de água e um castiçal de cerâmica com uma vela de cera de abelhas, que Jamie acendeu com a vela fina que trouxera de baixo.

Ele sacudiu o casaco molhado e atirou-o displicentemente sobre o banco, depois se sentou na beira da cama para retirar os sapatos molhados.

— Deus — disse ele —, estou morto de fome. Espero que a cozinheira não tenha ido dormir ainda.

— Jamie... — eu disse.

— Tire o manto, Sassenach — disse ele, notando que eu ainda estava

parada junto à porta. — Você está encharcada.

— Sim. Bem... sim. — Engoli em seco, e continuei. — É que... hã... Jamie, por que você tem um quarto particular em um bordel? — extravasei.

Ele esfregou o queixo, ligeiramente embaraçado.

— Desculpe-me, Sassenach — disse ele. — Sei que não foi correto trazê-la para cá, mas era o único lugar onde poderíamos mandar consertar seu vestido rapidamente, além de encontrar uma comida quente. Além disso, eu precisava colocar o sr. Willoughby num lugar onde ele não arranjasse mais confusão e como tínhamos que vir aqui de qualquer maneira... bem — olhou para a cama —, é bem mais confortável do que meu catre na gráfica. Mas talvez não tenha sido uma boa ideia. Podemos ir embora, se achar que não...

— Não me importo com isso — interrompi. — A questão é... por que você tem um quarto em um bordel? É um freguês tão bom que...

— Um freguês? — Erguei os olhos arregalados para mim, as sobrancelhas erguidas. — Aqui? Santo Deus, Sassenach, o que acha que eu sou?

— Gostaria de saber — disse. — É por isso que estou perguntando. Vai responder à minha pergunta?

Ele fitou os pés calçados de meias por um instante, contorcendo os dedos na tábua do assoalho. Finalmente, ergueu os olhos para mim e respondeu calmamente:

— Creio que sim. Não sou um freguês da Jeanne, mas ela é cliente minha... uma das melhores. Ela mantém um quarto para mim porque estou sempre fora, a negócios, até tarde da noite, e eu prefiro ter um lugar para onde possa voltar e encontrar comida e uma cama a qualquer hora, e privacidade. O quarto faz parte do meu acordo com ela.

Eu estivera prendendo a respiração. Soltei o ar parcialmente.

— Está bem — disse. — Então, suponho que a próxima pergunta seja que negócios a dona de um bordel pode ter com um mestre-impressor? — A ideia absurda de que talvez ele imprimisse folhetos de propaganda para madame Jeanne atravessou minha mente, sendo imediatamente descartada.

— Bem — disse ele devagar. — Não. Acho que a pergunta não é essa.

— Não é?

— Não. — Com um movimento fluido, ele saiu da cama e postou-se

diante de mim, suficientemente perto para eu ter que levantar a cabeça para olhá-lo nos olhos. Senti um súbito impulso de recuar um passo, mas não o fiz, em grande parte porque não havia espaço suficiente. — A pergunta, Sassenach, é por que você voltou? — disse ele à meia-voz.

— Que diabo de pergunta é essa? — As palmas de minhas mãos pressionaram-se, abertas, contra a madeira áspera da porta. — Por que você acha que eu voltei?

— Não sei. — A voz escocesa era suave e fria, mas mesmo na penumbra, eu podia ver sua artéria pulsando pela gola aberta da camisa. — Você voltou para ser minha mulher outra vez? Ou apenas para me contar sobre a minha filha? — Como se pressentisse que sua proximidade me deixava nervosa, virou-se repentinamente, dirigindo-se à janela, onde as persianas rangiam com o vento. — Você é a mãe da minha filha. Só por isso, eu já lhe devo minha alma, por saber que minha vida não foi em vão, que minha filha está a salvo. — Virou-se novamente para me encarar, os olhos azuis resolutos. — Mas já faz muito tempo, Sassenach, desde que eu e você éramos um só. Você teve a sua vida... no seu tempo... e eu tive a minha vida aqui. Você não sabe nada do que eu fiz, ou fui. Você veio agora porque quis... ou porque achou que era seu dever?

Senti um nó na garganta, mas enfrentei seus olhos.

— Eu vim agora porque antes... eu achava que você estava morto. Achei que tivesse morrido em Culloden.

Seus olhos abaixaram-se para o parapeito da janela, onde começou a levantar uma farpa da madeira.

— Sim, entendo — disse ele suavemente. — Bem... eu pretendia estar morto. — Sorriu, sem humor, os olhos fixos na farpa de madeira. — Tentei com todas as forças. — Ergueu os olhos para mim outra vez. — Como descobriu que eu não havia morrido? Ou, na verdade, onde eu estava?

— Tive ajuda. Um jovem historiador chamado Roger Wakefield encontrou os arquivos; ele seguiu seu rastro até Edimburgo. E quando eu vi “A. Malcom”, eu soube... eu pensei... devia ser você — terminei canhestramente. Haveria muito tempo para os detalhes mais tarde.

— Sim, compreendo. E então você veio. Mas ainda assim... por quê?

Olhei-o espantada, muda, por um instante. Como se sentisse necessidade

de ar, ou talvez somente para ter o que fazer, ele remexeu desajeitadamente no trinco das persianas e abriu-as parcialmente, inundando o aposento com o barulho de água escorrendo e o cheiro frio e fresco da chuva.

— Está tentando me dizer que não quer que eu fique? — perguntei, finalmente. — Porque se assim for... quero dizer, sei que deve ter uma vida agora... talvez tenha... outras ligações... — Com os sentidos estranhamente aguçados, eu podia ouvir os menores ruídos de atividade pela casa embaixo, até mesmo acima do barulho da tempestade e dos batimentos do meu próprio coração. As palmas das minhas mãos estavam úmidas e eu as limpei disfarçadamente na saia.

Ele virou-se da janela para me fitar, os olhos arregalados.

— Santo Deus! — exclamou ele. — Não querer você? — Seu rosto tornou-se pálido e os olhos extraordinariamente brilhantes. — Eu ansiei por você durante vinte anos, Sassenach — ele disse à meia-voz. — Não sabe disso? Santo Deus! — A brisa agitou as mechas soltas em torno de seu rosto e ele as afastou para trás com impaciência. — Mas eu não sou o mesmo homem que você conheceu há vinte anos, não é? — Virou-se com um gesto de frustração. — Nós nos conhecemos menos agora do que nos conhecíamos quando nos casamos.

— Quer que eu vá embora? — O sangue latejava nos meus ouvidos.

— Não! — Virou-se rapidamente em minha direção e segurou meu ombro com firmeza, fazendo-me recuar involuntariamente. — Não — repetiu, com mais calma. — Não quero que vá embora. Eu lhe disse isso e estava falando a verdade. Mas... eu tenho que saber. — Inclinou a cabeça para mim, o rosto transtornado pela dúvida. — Você me quer? — sussurrou ele. — Sassenach, você vai me aceitar e se arriscar com o homem que eu sou agora, em nome do homem que você conheceu?

Senti uma grande onda de alívio, mesclado com temor. Ela correu de sua mão em meu ombro às pontas dos meus dedos dos pés, enfraquecendo minhas juntas.

— É tarde demais para fazer essa pergunta — disse, estendendo a mão para tocar seu rosto, onde a barba áspera começava a despontar. Era macia sob meus dedos, como veludo. — Porque eu já arrisquei tudo que eu possuía. Mas quem quer que você seja agora, Jamie Fraser... sim. Sim, eu o quero.

A luz da chama da vela fez o azul de seus olhos cintilar quando estendeu as mãos para mim e eu caminhei sem nenhuma palavra para dentro de seus braços. Pousei o rosto em seu peito, admirando-me com a sensação de tê-lo em meus braços; tão grande, tão sólido e quente. Real, após anos de saudades de um fantasma que eu não podia tocar.

Soltando-se após um instante, ele fitou-me e tocou meu rosto, muito delicadamente. Sorriu levemente.

— É corajosa como o diabo, sabia? Mas você sempre foi.

Tentei sorrir para ele, mas meus lábios tremiam.

— E você? Como pode saber como eu sou agora? Também não sabe o que estive fazendo nos últimos vinte anos. Posso ser uma pessoa horrível agora!

O sorriso em seus lábios deslocou-se para seus olhos, iluminando-os de humor.

— Sim, é verdade, imagino que possa ser. Mas, sabe, Sassenach... acho que não me importo.

Continuei fitando-o por mais um instante, depois dei um profundo suspiro que arreventou mais alguns pontos do meu vestido.

— Nem eu.

Parecia absurdo me sentir acanhada com ele, mas o fato é que era assim que me sentia. As aventuras da tarde e suas próprias palavras para mim haviam aberto o abismo da realidade — aqueles vinte anos não compartilhados que abriam um vazio entre nós e o futuro desconhecido que se estendia à frente. Havíamos chegado ao ponto em que começaríamos a nos conhecer outra vez e a descobrir se éramos de fato as mesmas pessoas que um dia existiram como um único ser — e se poderíamos ser um só outra vez.

Uma batida na porta quebrou a tensão. Era uma pequena criada, trazendo uma bandeja com o jantar. Balançou a cabeça timidamente para mim, sorriu para Jamie e arranjou tanto a refeição — carne fria, caldo quente e pão de aveia quente com manteiga — quanto o fogo na lareira com mãos práticas, deixando-nos em seguida com um murmurado “Boa-noite”.

Comemos devagar, conversando cautelosamente sobre assuntos neutros; contei-lhe como eu conseguira ir de Craigh na Dun para Inverness e o fiz rir com histórias do sr. Graham e do pequeno Georgie. Ele, por sua vez, contou-

me sobre o sr. Willoughby; como ele encontrara o chinesinho, faminto e completamente bêbado, caído atrás de uma fileira de barris nas docas em Burntisland, um dos portos da marinha mercante de Edimburgo.

Praticamente não falamos mais de nós mesmos. Entretanto, conforme comíamos, fui ficando cada vez mais consciente do seu corpo, observando suas mãos longas e elegantes quando ele servia vinho e cortava a carne, vendo os contornos de seu torso musculoso por baixo da camisa e a linha graciosa do pescoço e do ombro quando se abaixou para pegar um guardanapo que caíra. Uma ou duas vezes, pareceu-me ver seu olhar demorar-se em mim do mesmo modo — uma espécie de avidez hesitante —, mas a cada vez ele logo desviava o olhar, encobrindo os olhos de forma que eu não pudesse perceber o que ele estava vendo ou sentindo.

Quando o jantar terminou, o mesmo pensamento dominava nossas mentes. E não poderia ser de outra forma, considerando o lugar em que nos encontrávamos. Um tremor de medo e expectativa percorreu-me.

Finalmente, ele esvaziou seu copo de vinho, depositou-o sobre a mesa e olhou-me diretamente nos olhos.

— Você... — Parou, o rubor aumentando em suas feições, mas não desviou os olhos dos meus. Engoliu em seco e continuou. — Você quer vir para a cama comigo, então? Quero dizer — apressou-se a esclarecer —, está frio, nós dois estamos molhados e...

— E não há nenhuma poltrona — terminei para ele. — Está bem. — Soltei minha mão da sua e virei-me em direção à cama, sentindo uma estranha mistura de excitação e hesitação, que me deixava sem ar.

Ele tirou as calças e as meias rapidamente, depois olhou para mim.

— Desculpe-me, Sassenach, eu devia ter imaginado que você iria precisar de ajuda com seus cadarços.

Então ele não despia mulheres com frequência, pensei, antes que pudesse me conter, e meus lábios curvaram-se num sorriso diante da ideia.

— Bem, não são cadarços — murmurei —, mas se me desse uma ajuda aqui nas costas... — Tirei o manto e virei-me de costas para ele, levantando meus cabelos para expor a gola do vestido na nuca.

Houve um silêncio intrigado. Em seguida, senti um dedo deslizando pelo caminho central da minha espinha dorsal.

— O que é isso? — perguntou ele, parecendo espantado.

— Chama-se zíper — disse sorrindo, embora ele não pudesse ver a expressão do meu rosto. — Vê a pequena lingueta em cima? Basta segurá-la e puxá-la direto para baixo.

Os dentes do zíper abriram-se com um ruído rasgado e surdo e o que sobrara do Jessica Gutenberg soltou-se. Tirei os braços de dentro das mangas e deixei o vestido cair pesadamente ao redor dos meus pés, virando-me para encarar Jamie antes que eu perdesse a coragem.

Ele fez um movimento brusco para trás, surpreso com o repentino desnudamento da crisálida. Depois, pestanejou e fitou-me.

Fiquei parada diante dele apenas de sapatos e meias de seda cor-de-rosa presas com ligas. Senti uma necessidade premente de puxar o vestido de volta para cima, mas resisti. Retesei a espinha, empinei o queixo e esperei.

Ele não disse nada. Seus olhos brilhavam à luz da vela enquanto ele movia ligeiramente a cabeça, mas ele ainda possuía aquele jeito de esconder seus pensamentos por trás de uma máscara inescrutável.

— Podia dizer alguma coisa? — exigi finalmente, a voz apenas um pouco trêmula.

Sua boca abriu-se, mas nenhuma palavra foi emitida. Ele meneou a cabeça devagar, de um lado para o outro.

— Meu Deus — murmurou ele finalmente. — Claire... você é a mulher mais linda que eu já vi.

— Você — disse eu com convicção — está ficando com a vista fraca. Provavelmente é glaucoma, é novo demais para cataratas.

Ele riu, um pouco tremulamente, e então vi que ele, de fato, estava cego — seus olhos brilhavam porque estavam rasos de água, mesmo enquanto ele sorria. Ele piscou com força e estendeu a mão.

— Eu — disse ele, com igual convicção — tenho os olhos de um falcão, sempre tive. Venha cá.

Com certa relutância, segurei sua mão e saí do abrigo inadequado dos restos do meu vestido. Ele puxou-me delicadamente, colocando-me entre seus joelhos, enquanto se sentava na borda da cama. Em seguida, beijou-me com ternura, uma vez em cada seio, e pousou a cabeça entre eles, seu hálito quente em minha pele nua.

— Seus seios parecem marfim — disse ele num sussurro, num sotaque das Terras Altas escocesas, que sempre se intensificava quando ele ficava realmente emocionado. Sua mão ergueu-se e envolveu um dos meus seios, os dedos bronzeados contra o brilho pálido de minha pele. — Só de vê-los, tão cheios e tão redondos... Santo Deus, eu poderia deitar minha cabeça aqui para sempre. Mas tocá-la, Sassenach... com sua pele de veludo branco e os contornos longos e suaves de seu corpo... — Parou e eu pude sentir os músculos de sua garganta enquanto ele engolia em seco, a mão movendo-se devagar pelas curvas suaves da cintura e do quadril, a subida e a descida da nádega para a coxa. — Meu Deus — disse ele, ainda num sussurro. — Eu não poderia olhar para você, Sassenach, e manter as mãos longe de você, nem a ter perto de mim e não desejá-la. — Ergueu a cabeça e plantou um beijo sobre meu coração, deixando, em seguida, sua mão flutuar pela curva suave do meu ventre, tocando de leve as pequenas marcas ali deixadas pelo nascimento de Brianna.

— Você... realmente não se importa? — disse hesitantemente, roçando meus próprios dedos pela barriga.

Ele ergueu o rosto e sorriu para mim com uma expressão um pouco desolada. Hesitou por um instante; em seguida, ergueu a barra de sua camisa.

— E você? — perguntou ele.

A cicatriz estendia-se do meio da coxa até perto da virilha, vinte centímetros de tecido esbranquiçado e esgarçado. Não pude conter uma exclamação sufocada diante da aparência da cicatriz e caí de joelhos ao lado dele.

Encostei a face sobre sua coxa, agarrando sua perna com força, como se eu fosse cuidar dele agora — como não pudera fazer na ocasião. Eu podia sentir a pulsação profunda e lenta do sangue através de sua artéria femoral sob meus dedos — a menos de dois centímetros do horrendo sulco daquela cicatriz contorcida.

— Não a assusta nem revolta seu estômago, Sassenach? — perguntou ele, colocando a mão em meus cabelos. Ergui a cabeça e fitei-o intensamente.

— Claro que não!

— Sim, bem. — Estendeu o braço e tocou minha barriga, os olhos presos aos meus. — E se você carrega as cicatrizes de suas próprias batalhas,

Sassenach — disse ele ternamente —, elas também não me incomodam.

Ergueu-me para sentar na cama a seu lado e inclinou-se para beijar-me. Tirei os sapatos e dobrei as pernas para cima, sentindo o calor de seu corpo através da camisa. Minhas mãos encontraram o botão no colarinho, tateando para abri-lo.

— Quero vê-lo.

— Bem, não há muito para ver, Sassenach — disse ele, com uma risada incerta. — Mas o que quer que seja, é seu... se você quiser.

Ele despiu a camisa pela cabeça e atirou-a no chão, depois se reclinou para trás sobre as palmas das mãos, exibindo seu corpo.

Não sei bem o que eu esperava. Na verdade, a visão de seu corpo nu tirou meu fôlego. Ele ainda era alto, é claro, e magnificamente torneado, os ossos longos de seu corpo recobertos de músculos lisos e lustrosos, fortes, mas elegantes. Ele brilhava à luz da vela, como se a luz viesse de dentro de seu corpo.

Ele mudara, mas a mudança era sutil; como se ele tivesse sido colocado num forno e sido cozido até obter um acabamento mais duro. Parecia que tanto a pele quanto os músculos haviam se tensionado um pouco, se aproximado mais dos ossos, de modo que ele parecia mais rígido; ele nunca fora desajeitado, mas os últimos vestígios de relaxamento juvenil haviam desaparecido.

Sua pele escurecera um pouco, para um dourado-claro, adquirindo um tom mais bronzeado no rosto e na garganta, clareando pela extensão do corpo até um branco puro, tingido de veias azuis no interior das coxas. Os pelos pubianos eriçavam-se furiosamente num tufo castanho-avermelhado, e era evidente que ele não estava mentindo; ele realmente me desejava, e muito.

Nossos olhos se encontraram e sua boca torceu-se de repente.

— Eu lhe disse uma vez que seria honesto com você, Sassenach.

Eu ri, sentindo as lágrimas brotarem ao mesmo tempo, uma onda de emoções confusas avolumando-se dentro de mim.

— Eu também.

Estendi minha mão para ele, hesitante, e ele a tomou. A força e o calor de sua mão eram surpreendentes e eu sobressaltei-me ligeiramente. A seguir, apertei sua mão com força e ele pôs-se de pé, de frente para mim.

Permanecemos assim, imóveis, hesitantes. Tínhamos intensa consciência um do outro — como poderia ser de outro modo? Era um quarto pequeno e a atmosfera disponível estava repleta de uma carga semelhante à eletricidade estática, forte a ponto de ser quase visível. Eu sentia um frio no estômago de terror, a mesma sensação que se tem numa montanha-russa.

— Está tão apavorado quanto eu? — disse finalmente, a voz soando rouca a meus próprios ouvidos.

Ele analisou-me atentamente e ergueu uma das sobrancelhas.

— Acho que não posso estar — disse ele. — Você está toda arrepiada. Está com medo, Sassenach, ou apenas com frio?

— Os dois — disse, e ele riu.

— Entre debaixo das cobertas, então — disse ele. Soltou minha mão e inclinou-se para puxar a colcha.

Não parei de tremer quando ele deslizou para baixo das cobertas a meu lado, embora o calor do seu corpo causasse um choque térmico.

— Nossa, você não está com frio! — exclamei. Virei-me para ele e o seu calor disseminou-se pela minha pele, da cabeça aos dedos dos pés. Instintivamente atraída para ele, aconcheguei-me contra seu corpo, tremendo. Podia sentir meus mamilos rígidos contra seu peito e o súbito choque de sua pele nua contra a minha.

Ele riu, um pouco incerto.

— Não, não estou! Então acho que estou com medo, não é? — Seus braços me envolveram, docemente, e toquei seu peito, sentindo centenas de poros arrepiarem-se sob meus dedos, entre os pelos ruivos encaracolados.

— Quando tivemos receio um do outro antes — murmurei —, na nossa noite de núpcias, você segurou minhas mãos. Disse que seria mais fácil se nós nos tocássemos.

Ele emitiu um pequeno som quando a ponta de meu dedo encontrou seu mamilo.

— Sim, é verdade — disse ele, parecendo ofegante. — Santo Deus, toque-me assim de novo. — Suas mãos apertaram-me de repente, segurando-me com força contra ele. — Toque-me — disse ele outra vez, baixinho — e deixe-me tocá-la, minha Sassenach. — Sua mão envolveu-me, acariciando, tocando meu seio pesado e tenso na sua palma. Continuei a tremer, mas agora

ele também tremia. — Quando nos casamos — sussurrou ele, o hálito quente contra minha face —, e eu a vi lá, tão linda em seu vestido branco... não conseguia pensar em nada além da hora em que ficássemos sozinhos, quando eu poderia desamarrar seus cadarços e tê-la nua para mim, a meu lado na cama.

— Você me deseja agora? — sussurrei, beijando a depressão bronzeada pelo sol acima da clavícula. Sua pele tinha um gosto ligeiramente salgado e seus pelos um cheiro pungente e másculo de madeira queimada.

Ele não respondeu, apenas moveu-se abruptamente, para que eu o sentisse, rígido, contra minha barriga.

Era terror tanto quanto desejo que me pressionavam contra ele. Eu o queria muito, sem dúvida; meus seios doíam e minha barriga estava endurecida de desejo, sentia a umidade da excitação a que já não estava acostumada, molhada entre minhas pernas, abrindo-me para ele. No entanto, tão forte quanto o apetite sexual, havia a ânsia de simplesmente ser possuída, de ser dominada por ele, mitigar minhas dúvidas num momento de uso selvagem, subjugar-me com força e rapidez suficientes para me fazer esquecer de mim mesma.

Eu podia sentir sua urgência tremer nas mãos que seguravam minhas nádegas, no movimento abrupto e involuntário de seus quadris, interrompido subitamente quando ele se conteve.

Possua-me, pensei, numa agonia de ansiedade. Pelo amor de Deus, possua-me agora e não seja delicado!

Eu não conseguia colocar isso em palavras. Vi o desejo em seu rosto, mas ele, como eu, também não conseguia. Ou era cedo demais ou tarde demais para tais palavras entre nós.

Mas nós havíamos compartilhado outra língua e meu corpo não a esquecera. Pressionei meus quadris contra ele com toda a força, agarrando-o, as curvas de suas nádegas presas sob minhas mãos. Virei meu rosto para cima, ansiando para ser beijada, no mesmo instante em que ele se inclinava para beijar-me.

Meu nariz bateu em sua testa com um barulho de osso estilhaçado. Meus olhos encheram-se imediatamente de lágrimas, enquanto eu rolava para longe dele, segurando o rosto com as duas mãos.

— Ai!

— Santo Deus, eu a machuquei, Claire? — Pestanejando para afastar as lágrimas, pude ver seu rosto ansioso, pairando acima do meu.

— Não — disse tolamente. — Mas eu acho que meu nariz está quebrado.

— Não, não está — disse ele, apalpando delicadamente a ponte do meu nariz. — Quando você quebra o nariz, faz um barulho horrível e sangra como um porco. Está tudo bem.

Coloquei a mão cuidadosamente sob minhas narinas, mas ele tinha razão; eu não estava sangrando. A dor também diminuía rapidamente. Enquanto chegava a essa conclusão, também percebia que ele estava sobre mim, minhas pernas escancaradas sob ele, seu pênis apenas me tocando, a um triz do momento decisivo.

Vi em seus olhos que ele também percebera o ponto em que estávamos. Nenhum de nós dois se moveu, mal respirando. Em seguida, seu peito inflou-se quando ele respirou fundo, estendeu o braço e segurou meus pulsos em uma única mão. Puxou-os acima da minha cabeça e prendeu-me ali, meu corpo arqueado e retesado, impotente sob ele.

— Me dê sua boca, Sassenach — disse ele baixinho, inclinando-se para mim. Sua cabeça bloqueou a luz da vela e eu não vi mais nada além de uma penumbra e a escuridão de seu corpo quando sua boca tocou a minha. Delicadamente, roçando, depois pressionando, quente, e eu abri-me para ele com um pequeno suspiro, sua língua buscando a minha.

Mordi seu lábio e ele recuou um pouco, surpreso.

— Jamie — disse contra seus lábios, minha própria respiração quente entre nós. — Jamie! — Foi tudo que consegui dizer, mas meus quadris moveram-se bruscamente contra ele, e novamente, clamando violência. Virei a cabeça e cerrei os dentes no músculo de seu ombro.

Ele emitiu um som gutural e penetrou-me com força. Eu estava apertada como qualquer virgem e gritei, arqueando-me sob ele.

— Não pare! — disse. — Pelo amor de Deus, não pare!

Seu corpo me ouviu e respondeu na mesma linguagem, apertando meus pulsos com mais força, enquanto mergulhava dentro de mim, a força do ato atingindo meu útero a cada estocada.

A seguir, ele soltou meus pulsos e praticamente caiu sobre mim, o peso

de seu corpo prendendo-me à cama, enquanto ele levava a mão para baixo, segurando meus quadris com força, mantendo-me imóvel.

Gemi e contorci-me sob seu corpo e ele mordeu meu pescoço.

— Fique quieta — disse ele em meu ouvido. Fiquei quieta, apenas porque não conseguia me mover. Permanecemos pressionados um contra o outro, tremendo. Eu podia sentir as batidas de um coração contra minhas costelas, mas não sabia se era o meu ou o dele.

Então ele começou a mover-se dentro de mim, muito devagar, quase superficialmente. Foi o suficiente; meu corpo convulsionou-se em resposta, impotente sob ele, e senti os espasmos do meu orgasmo afagá-lo, prendê-lo e soltá-lo, instando-o a unir-se a mim.

Ele ergueu o peito, as costas arqueadas e a cabeça atirada para trás, os olhos fechados, respirando pesadamente. Depois, muito lentamente, inclinou a cabeça para a frente e abriu os olhos. Olhou para mim com indescritível ternura e a luz da vela brilhou por um instante na umidade do seu rosto, talvez de suor ou talvez de lágrimas.

— Ah, Claire — sussurrou ele. — Ah, meu Deus, Claire.

E sua liberação começou, bem fundo dentro de mim, sem que ele se movesse, fazendo um tremor percorrer seu corpo, estremecendo seus braços, os pelos ruivos fremindo na penumbra. Deixou a cabeça pender com o som de um soluço, os cabelos escondendo seu rosto enquanto ele se derramava, cada contração e cada pulsação de sua carne entre minhas pernas provocando um eco na minha própria carne.

Quando terminou, ele se manteve sobre mim, imóvel como uma pedra por um longo instante. Depois, muito delicadamente, abaixou-se, pressionou a cabeça contra a minha e ficou deitado como se estivesse morto.

Despertei, finalmente, de um estupor profundo e satisfeito, erguendo a mão e colocando-a sobre o ponto onde sua pulsação podia ser sentida, lenta e forte, bem na base do esterno.

— Acho que é como andar de bicicleta — disse. Minha cabeça descansava pacificamente na curva de seu ombro, minha mão brincando preguiçosamente com os anéis vermelho-dourados que cresciam em tufo pelo seu peito. — Sabia que você tem muito mais pelos no peito do que

costumava ter?

— Não — disse ele sonolentemente —, não costumo contá-los. As bicicletas têm muitos pelos?

Fui pega de surpresa e ri.

— Não — disse. — Só quis dizer que nós nos lembramos bem do que devíamos fazer.

Jamie abriu um olho e olhou para mim, especulativamente.

— Seria preciso um verdadeiro idiota para esquecer isso, Sassenach — disse ele. — Posso estar sem prática, mas ainda não perdi minhas faculdades mentais.

Ficamos quietos por um longo tempo, conscientes da respiração um do outro, sensíveis a cada pequeno movimento ou mudança de posição. Nós nos encaixávamos bem, minha cabeça aninhada na curva de seu ombro, seu corpo quente sob minha mão, ao mesmo tempo estranho e familiar, à espera da redescoberta.

O prédio era uma construção sólida e o barulho da tempestade lá fora abafava a maioria dos ruídos de dentro, mas de vez em quando sons de pés e vozes tornavam-se vagamente audíveis abaixo de nós; uma risada grave, masculina, ou a voz mais aguda de uma mulher, ampliada num flerte profissional.

Ouvindo-os, Jamie remexeu-se desconfortavelmente.

— Talvez eu devesse tê-la levado a uma taberna — disse ele. — É que...

— Está tudo bem — tranquilizei-o. — Embora eu deva dizer que, de todos os lugares em que imaginei estar com você outra vez, nunca pensei que seria um bordel. — Hesitei, sem querer bisbilhotar, mas a curiosidade venceu-me. — Você... hã... não é o dono deste lugar, não é, Jamie?

Ele afastou-se um pouco, fitando-me.

— Eu? Meu Deus do céu, Sassenach, quem acha que eu sou?

— Bem, eu não sei, não é? — argumentei com certa aspereza. — A primeira coisa que você faz ao me ver é desmaiar, e tão logo consigo colocá-lo de pé outra vez, me faz ser atacada em um pub e perseguida por toda Edimburgo na companhia de um chinês depravado para depois vir parar em um bordel, cuja madame parece ter grande intimidade com você, devo acrescentar. — As pontas de suas orelhas haviam ficado rosadas e ele parecia

lutar entre o riso e a indignação. — Você, então, tira suas roupas, anuncia que é uma pessoa terrível com um passado de depravação, e me leva para a cama. O que esperava que eu pensasse?

A risada venceu-o.

— Bem, não sou santo, Sassenach — disse ele. — Mas também não sou cafetão.

— Fico feliz em saber — disse. Fez-se uma pausa momentânea e, então, prossegui. — Pretende me dizer o que você realmente é ou devo ir desfiando as possibilidades mais torpes até chegar perto?

— Ah, é? — disse ele, divertindo-se com a sugestão. — Qual o seu melhor palpite?

Examinei-o cuidadosamente. Ele estava descontraído, deitado sobre os lençóis amarfanhados, um dos braços sob a cabeça, rindo para mim.

— Bem, eu apostaria minha roupa de baixo que você não é um tipógrafo — disse.

O sorriso alargou-se.

— Por que não?

Cutuquei-o bruscamente nas costelas.

— Você está em ótima forma física. A maioria dos homens de quarenta e poucos anos começam a ficar flácidos em volta da cintura e você não tem nem um grama sobrando.

— Isso se deve principalmente ao fato de eu não ter ninguém para cozinhar para mim — disse ele, num tom de lamento. — Se você comesse em tabernas o tempo todo, também não ficaria gorda. Felizmente, parece que você come regularmente. — Bateu de leve no meu traseiro com familiaridade e depois se desviou, rindo, quando dei um tapa em sua mão.

— Não tente me distrair — disse, recuperando minha dignidade. — De qualquer modo, você não conseguiu estes músculos debruçado numa prensa.

— Já tentou usar uma delas, Sassenach? — Ergueu uma sobrancelha com ar afetado.

— Não. — Franzi a testa, pensativamente. — Acho que você não se tornou um assaltante de estradas, não é?

— Não — disse ele, o sorriso ainda mais largo. — Tente outra vez.

— Estelionato?

— Não.

— Bem, provavelmente não é sequestro em troca de resgate — disse, começando a rejeitar outras possibilidades que ia contando nos dedos. — Pequenos furtos? Não. Pirataria? Não, você não poderia, a menos que tenha se curado de enjoos no mar. Agiotagem? Dificilmente. — Deixei a mão cair e fitei-o. — Você era um traidor na última vez em que o vi, mas isso não parece uma boa maneira de ganhar a vida.

— Ah, eu ainda sou um traidor — assegurou ele. — Só não fui condenado ultimamente.

— Ultimamente?

— Passei vários anos na prisão por traição, Sassenach — disse ele, com ar grave. — Por causa da Revolução. Mas isso já faz muito tempo.

— Sim, eu soube disso.

Seus olhos arregalaram-se.

— Você soube?

— Isso é um pouco mais — disse. — Eu lhe contarei mais tarde. Mas colocando tudo isso de lado por enquanto e voltando ao ponto em questão: o que você faz como meio de vida atualmente?

— Sou um impressor — disse ele, rindo de orelha a orelha.

— E um traidor?

— E um traidor — confirmou ele, balançando a cabeça. — Já fui preso por subversão seis vezes nos últimos dois anos e tive minha gráfica confiscada duas vezes, mas o tribunal não conseguiu provar nada.

— E o que acontece com você se eles conseguirem provar numa dessas ocasiões?

— Ah — exclamou ele de modo despreocupado, agitando a mão livre no ar —, o pelourinho. Pregos nas orelhas. Açoitamento. Prisão. Exílio. Esse tipo de coisa. Provavelmente, enforcamento não.

— Que alívio — eu disse ironicamente. Senti-me um pouco superficial. Eu não havia sequer tentado imaginar como seria a sua vida, se eu o encontrasse. Agora que o fizera, estava um pouco consternada.

— Eu a avisei — disse ele. O tom de brincadeira desaparecera e os olhos azul-escuros estavam sérios e vigilantes.

— É verdade — eu disse, respirando fundo.

— Quer ir embora agora? — falou descontraidamente, mas vi seus dedos fecharem-se com força sobre uma dobra do acolchoado, de modo que os nós dos dedos tornaram-se brancos contra a pele bronzeada.

— Não — disse. Sorri-lhe, da melhor maneira que pude. — Não voltei só para fazer amor com você uma vez. Eu vim para ficar com você... se você me quiser — terminei, um pouco hesitante.

— Se eu a quiser! — Soltou a respiração que estivera prendendo e sentou-se na cama para me encarar, de pernas cruzadas sobre a cama. Estendeu os braços e tomou minhas mãos, engolfando-as entre as suas. — Eu... nem sei explicar o que senti hoje quando a toquei, Sassenach, e vi que você era real — disse ele. Seus olhos viajaram pelo meu corpo e eu senti seu calor, seu desejo, e meu próprio calor fundindo-se ao dele. — Encontrá-la outra vez... e depois perdê-la... — Parou, a garganta movimentando-se ao engolir em seco.

Toquei seu rosto, traçando a linha elegante e bem delineada da maçã do rosto e do maxilar.

— Você não vai me perder — disse. — Nunca mais. — Sorri, alisando para trás da orelha a mecha espessa de cabelos ruivos. — Nem mesmo se eu descobrir que você andou cometendo bigamia e bebedeira em público.

Ele sobressaltou-se e eu deixei cair minha mão, espantada.

— O que foi?

— Bem — disse ele, e parou. Contraiu os lábios e lançou-me um rápido olhar de esguelha. — É que...

— O quê? Há mais alguma coisa que você não tenha me contado?

— Bem, a impressão de panfletos subversivos não é muito lucrativa — disse ele, justificando-se.

— Imagino que não — disse, meu coração começando a acelerar outra vez diante da perspectiva de novas revelações. — O que mais você andou fazendo?

— Bem, é que eu faço um pouco de contrabando — disse ele em tom de desculpas. — Nas horas vagas, mais ou menos.

— Um contrabandista? — Olhei-o, espantada. — Contrabandeando o quê?

— Bem, uísque, na maior parte, mas também rum de vez em quando e

uma boa quantidade de vinho francês e de cambraia.

— Então é isso! — disse. As peças do quebra-cabeça se encaixavam. O sr. Willoughby, das docas de Edimburgo, e o enigma de nossas atuais instalações. — Então, essa é a sua conexão com este lugar... o que quis dizer ao declarar que madame Jeanne era uma cliente?

— Isso mesmo. — Ele balançou a cabeça, confirmando. — Funciona muito bem; armazenamos a bebida em uma das adegas embaixo quando chega da França. Uma parte da carga é vendida direto para Jeanne; outra ela guarda para nós até podermos remeter para o destino.

— Hummm. E como parte do arranjo... — disse delicadamente —, você... hã...

Os olhos azuis estreitaram-se em minha direção.

— A resposta para o que você está pensando, Sassenach, é não — disse ele com absoluta firmeza.

— Ah, é mesmo? — disse, sentindo-me extremamente satisfeita. Agora você é capaz de ler pensamentos, é? E o que eu estou pensando?

— Você estava imaginando se eu às vezes recebo meu pagamento em serviços, não é? — Ele ergueu uma das sobrancelhas para mim.

— Bem, estava — admiti. — Não que eu tenha nada a ver com isso.

— Ah, não tem não, é? — Ergueu ambas as sobrancelhas ruivas e segurou-me pelos ombros, inclinando-se para mim. — Não tem? — disse ele um instante depois. Ele soou um pouco ofegante.

— Não — disse, também um pouco ofegante. — E você não...

— Não. Venha cá.

Envolveu-me nos braços e puxou-me para junto dele. A memória do corpo é diferente da memória da mente. Quando eu pensava, imaginava e me preocupava, sentia-me acanhada e sem jeito, tateando no escuro. Sem a interferência do pensamento consciente, meu corpo o conhecia e respondia imediatamente ao dele, em perfeita sintonia, como se ele tivesse acabado de me tocar e todos esses anos não houvessem transcorrido.

— Eu estava com mais medo agora do que na noite do nosso casamento — murmurei, os olhos fixos na pulsação lenta e forte na base de sua garganta.

— Estava? — Seu braço mudou de posição e apertou-se com mais força ao meu redor. — Eu a assusto, Sassenach?

— Não. — Coloquei meus dedos sobre a pequena pulsação, respirando o profundo almíscar do seu esforço. — É que... na primeira vez... eu não achava que seria para sempre. Na época, eu pretendia ir embora.

Ele soltou o ar com um débil ruído, o suor brilhando levemente no pequeno côncavo no meio de seu peito.

— E você realmente foi embora e voltou outra vez — disse ele. — Você está aqui, e nada mais importa.

Ergui-me um pouco para olhar para ele. Seus olhos estavam fechados, puxados como os de um gato, as pestanas daquela cor extraordinária que eu me lembrava tão bem porque a vira tantas vezes; um castanho-escuro nas pontas, esmaecendo para um vermelho-claro, chegando quase a louro na raiz.

— O que você pensou na primeira vez que dormimos juntos? — perguntei. Os olhos azul-escuros abriram-se devagar e pousaram em mim.

— Comigo, desde o começo foi para sempre, Sassenach — disse ele simplesmente.

Algun tempo depois, dormimos abraçados, com o som da chuva batendo de leve nas persianas e misturando-se aos sons abafados do comércio embaixo.

Foi uma noite agitada. Cansada demais para permanecer acordada por mais um instante, fiquei feliz em adormecer profundamente. Talvez eu tivesse medo que ele desaparecesse se eu dormisse. Talvez ele sentisse o mesmo. Ficamos entrelaçados, não acordados, mas conscientes demais um do outro para dormir profundamente. Eu sentia cada minúscula contração de seus músculos, cada movimento de sua respiração, e sabia que ele me percebia da mesma forma.

Cochilando, nós nos virávamos e mudávamos de posição, sempre nos tocando, num balé sonolento, em câmara lenta, aprendendo novamente, em silêncio, a linguagem de nossos corpos. Em algum momento da madrugada silenciosa, ele virou-se para mim sem dizer nem uma palavra, e eu para ele, e fizemos amor devagar, com uma ternura muda que nos deixou finalmente imóveis, em estado de completo abandono, na posse dos segredos um do outro.

Suave como uma mariposa voando no escuro, minha mão deslizou pela

sua perna e encontrou o sulco fino e profundo da cicatriz. Meus dedos percorreram seu comprimento invisível e pararam com o mais leve dos toques no final, perguntando sem palavras:

— Como?

Sua respiração se alterou com um suspiro e sua mão pousou sobre a minha.

— Culloden — disse ele, a palavra sussurrada uma evocação de tragédia. Morte. Vazio. A terrível separação que me tirara dele.

— Eu nunca mais o deixarei — murmurei. — Nunca mais.

Ele virou a cabeça no travesseiro, as feições perdidas na escuridão, e seus lábios roçaram os meus, leves como o toque da asa de um inseto. Virou-se sobre as costas, puxando-me para perto dele, a mão descansando pesadamente na curva de minha coxa, mantendo-me junto a si.

Algum tempo depois, eu o senti mexer-se outra vez e afastar um pouco as cobertas. Uma corrente de ar frio brincou pelo meu braço; os minúsculos pelos arrepiaram-se e em seguida alisaram-se sob o calor de sua mão. Abri os olhos e o encontrei virado de lado, absorto, examinando minha mão. Ela permanecia imóvel sobre a colcha, uma escultura branca, todos os ossos e tendões desenhados em cinza conforme o quarto começava sua imperceptível mudança da noite para o dia.

— Descreva-a para mim — sussurrou ele, a cabeça inclinada, enquanto traçava delicadamente as formas dos meus dedos, longos e espectrais sob a escuridão de sua própria mão. — O que ela tem de você, de mim? Sabe me dizer? As mãos dela são como as suas, Claire, ou como as minhas? Descreva-a para mim, deixe-me vê-la. — Ele colocou a própria mão ao lado da minha. Era sua mão perfeita, os dedos retos e as juntas lisas, as unhas cortadas bem curtas, quadradas e limpas.

— Como as minhas — respondi. Minha voz soou baixa e rouca, como a voz de quem acaba de acordar, quase baixa demais para ser ouvida acima do tamborilar da chuva lá fora. A casa embaixo estava silenciosa. Ergui uns dois centímetros os dedos de minha mão parada, para ilustrar. — As mãos de Brianna são longas e delgadas como as minhas... porém maiores, largas nas costas, e com uma curva pronunciada na parte externa, perto do pulso... assim. Como a sua. Ela tem uma pulsação bem ali, no mesmo lugar que você.

— Toquei o ponto onde uma veia cruzava a curva do seu rádio, bem onde o pulso se liga à mão. Ele estava tão imóvel que eu podia sentir o batimento de seu coração sob a ponta do meu dedo. — As unhas são como as suas; quadradas, não ovais como as minhas. Mas ela tem o mesmo mindinho curvo na mão direita que eu tenho — disse, erguendo-o. — Minha mãe também o tinha; tio Lambert me contou. — Minha própria mãe morrera quando eu tinha cinco anos. Eu não guardava uma imagem clara de minha mãe, mas pensava nela sempre que via minha própria mão inesperadamente, surpreendida num momento de graça como agora. Coloquei a mão com o mindinho curvo sobre a dele, depois a levei a seu rosto. — Ela possui esta linha — disse baixinho, percorrendo a curva arrojada da têmpora à face. — Seus olhos, exatamente iguais, as mesmas pestanas e sobancelhas. Um nariz Fraser. A boca é mais parecida com a minha, de lábios volumosos, mas larga como a sua. O queixo pontudo, como o meu, porém mais forte. Ela é alta, um metro e oitenta. — Senti seu sobressalto de surpresa e cutuquei-o de leve, joelho contra joelho. — Ela também possui pernas compridas, como as suas, mas muito femininas.

— E tem essa pequena veia azul bem aí? — Ele tocou meu próprio rosto, o polegar carinhoso na depressão da minha têmpora. — E orelhas como asas minúsculas, Sassenach?

— Ela sempre se queixou das orelhas, dizia que eram de abano — disse, sentindo as lágrimas assomarem aos meus olhos conforme Brianna adquiria vida repentinamente entre nós. — São furadas. Você não se incomoda, não é? — disse, falando rápido para afastar as lágrimas. — Frank, sim; dizia que era vulgar e que ela não devia perfurá-las, mas ela queria e eu permiti, quando completou dezesseis anos. As minhas também são; não parecia certo dizer a ela que não poderia quando as minhas eram furadas e as de todas as suas amigas também, e eu não... não queria...

— Você tinha razão — disse ele, interrompendo o fluxo de palavras quase histéricas. — Agiu certo — repetiu, em voz baixa, mas firme, abraçando-me junto a ele. — Você foi uma ótima mãe, tenho certeza.

Eu chorava outra vez, silenciosamente, o corpo sacudindo-se em seus braços. Apertou-me com ternura, acariciando minhas costas e murmurando.

— Você agiu certo — continuava a dizer. Depois de algum tempo, eu parei de chorar. — Você me deu uma filha, *mo nighean donn* — disse ele

suavemente, em meio aos meus cabelos. — Estamos unidos para sempre. Ela está a salvo, e nós dois vamos viver para sempre agora, você e eu. — Beijou-me, bem de leve, e deitou a cabeça ao meu lado no travesseiro. — Brianna — murmurou ele, naquele estranho jeito das Terras Altas que tornava o nome dela apenas seu. Suspirou profundamente e, em poucos instantes, estava adormecido. Em seguida, eu mesma adormeci e minha última visão foi de sua boca larga e meiga, relaxada no sono, com um leve sorriso.

26

BRUNCH NO BORDEL

Após anos atendendo às exigências da maternidade e da medicina, eu desenvolvera a capacidade de acordar até mesmo do sono mais profundo imediata e completamente. Acordei assim agora, instantaneamente consciente dos lençóis de linho desgastados ao meu redor, das goteiras lá fora e do cálido aroma do corpo de Jamie misturado ao ar frio e perfumado que penetrava pela fresta das persianas acima de mim.

O próprio Jamie não estava na cama; sem estender a mão ou abrir os olhos, eu sabia que o espaço a meu lado estava vazio. Mas ele estava por perto. Havia um som muito leve de movimentos furtivos e um ruído arrastado e próximo, embora fraco. Virei a cabeça no travesseiro e abri os olhos.

O quarto estava banhado por uma luz cinzenta que amortecia todas as cores, mas deixava as linhas claras dos contornos de seu corpo destacadas na penumbra. Ele se sobressaía contra a escuridão do aposento, sólido como marfim, vívido como se estivesse esculpido no ar. Estava nu, as costas viradas para mim, de pé diante do urinol que acabara de puxar de baixo de seu lugar sob a mesinha do lavatório.

Admirei as formas quadradas, mas arredondadas, de suas nádegas, a pequena depressão muscular que marcava cada uma e sua pálida vulnerabilidade. O sulco de sua espinha dorsal, uma curva lisa e funda, dos quadris aos ombros. Quando se moveu ligeiramente, a luz refletiu o leve brilho prateado das cicatrizes em suas costas e minha respiração ficou presa na garganta.

Ele virou-se, o rosto calmo e meio distraído. Viu-me observando-o e pareceu um pouco surpreso.

Sorri, mas permaneci em silêncio, incapaz de pensar em algo para dizer. Mas continuei a fitá-lo, e ele a mim, o mesmo sorriso nos lábios. Sem falar, aproximou-se e sentou-se a meu lado na cama, abaixando o colchão sob seu peso. Colocou a mão aberta sobre a colcha e eu coloquei a minha dentro dela sem hesitação.

— Dormiu bem? — perguntei tolamente. Um sorriso atravessou seu rosto.

— Não — disse ele. — E você?

— Não. — Podia sentir seu calor, mesmo à distância, apesar do quarto frio. — Não está com frio?

— Não.

Ficamos em silêncio outra vez, mas sem tirar os olhos um do outro. Examinei-o cuidadosamente à luz cada vez mais forte, comparando a lembrança à realidade. Uma lâmina estreita do sol da manhã penetrou pela fenda das persianas, iluminando uma mecha de cabelos como bronze polido, recobrimdo de ouro a curva de seu ombro, a extensão lisa e plana de seu abdômen. Ele parecia um pouco mais corpulento do que eu me lembrava e muito mais próximo.

— Você parece maior do que eu me lembrava — declarei. Ele inclinou a cabeça, olhando-me com ar divertido.

— Você está um pouco menor, eu acho.

Sua mão engolfava a minha, os dedos delicadamente envolvendo os ossos do meu pulso. Minha boca estava seca; engoli e umedeci os lábios.

— Há muito tempo, você me perguntou se eu sabia o que havia entre nós — eu disse.

Seus olhos pousaram nos meus, de um azul tão escuro a ponto de parecerem negros naquela penumbra.

— Eu me lembro — disse ele brandamente. Seus dedos apertaram-se ligeiramente sobre os meus. — O que acontece... quando toco em você; quando você se deita comigo.

— Eu disse que não sabia.

— Eu também não sabia. — O sorriso esmaecera um pouco, mas ainda estava lá, espreitando nos cantos de sua boca.

— Eu ainda não sei — eu disse. — Mas... — Parei para limpar a garganta.

— Mas ainda está lá — ele terminou por mim, e o sorriso deslocou-se de sua boca, iluminando seus olhos. — Não é?

Era. Eu ainda tinha consciência de sua presença como teria de uma banana de dinamite acesa na minha vizinhança, mas a sensação entre nós

havia mudado. Havíamos adormecido como se fôssemos uma só carne, unidos pelo amor do filho que fizéramos, e havíamos acordado como duas pessoas — ligadas por algo diferente.

— Sim. Será... quero dizer, não é apenas por causa de Brianna, é? — A pressão nos meus dedos aumentou.

— Eu a quero porque você é a mãe da minha filha? — Ele ergueu uma sobrancelha ruiva, incrédulo. — Bem, não. Não que eu não seja agradecido — acrescentou ele apressadamente. — Mas... não. — Inclinou-se para olhar-me atentamente e o sol iluminou a ponte estreita de seu nariz e lançou faíscas de suas pestanas. — Não — disse ele. — Acho que poderia ficar observando-a durante horas, Sassenach, para ver de que maneira você havia mudado ou como ainda é a mesma. Ver apenas um detalhe, como a curva de seu queixo — tocou meu maxilar delicadamente, deixando a mão deslizar até meu pescoço, o polegar acariciando o lóbulo de minha orelha — ou suas orelhas e os minúsculos furos para seus brincos. Tudo isso é igual, exatamente como eram. Seus cabelos... eu a chamava de *mo nighean donn*, lembra-se? Minha castanha. — Sua voz era pouco mais do que um sussurro, os dedos enroscando-se em meus cachos.

— Acho que isso mudou um pouco — eu disse. Eu não ficara grisalha, mas havia fios mais claros onde minha cor normal castanho-clara desbotara para um ouro mais suave e, aqui e ali, o brilho de um solitário fio prateado.

— Como madeira de faia na chuva — disse ele, sorrindo e alisando um cacho com o indicador — e as gotas d'água caindo das folhas pela casca.

Estendi a mão e acariciei sua coxa, tocando a longa cicatriz que a percorria.

— Queria ter estado lá para cuidar de você — disse baixinho. — Foi a coisa mais terrível que eu já fiz... deixá-lo, sabendo... que você pretendia ser morto. — Eu mal conseguia pronunciar a palavra.

— Bem, eu tentei com todas as forças — disse ele, com um riso enviesado que me fez rir, apesar da emoção. — Não foi culpa minha não ter conseguido. — Olhou desapaixadamente para a cicatriz espessa e longa que percorria sua coxa. — Nem tampouco do Sassenach com a baioneta.

Ergui-me sobre o cotovelo, estreitando os olhos para olhar mais atentamente a cicatriz.

— Uma baioneta fez isso?

— Sim, bem. Mas inflamou, sabe — explicou ele.

— Sei; encontramos o diário do lorde Melton, que o mandou para casa do campo de batalha. Ele achava que você não conseguiria sobreviver. — Minha mão apertou seu joelho, como se eu quisesse me certificar que ele estava de fato ali diante de mim, vivo.

Ele deu uma risadinha.

— Bem, quase não consegui mesmo. Eu estava praticamente morto quando me tiraram da carroça em Lallybroch. — Seu rosto anuviou-se com a lembrança. — Meu Deus, às vezes acordo à noite, sonhando com aquela carroça. Foi uma viagem de dois dias e eu ardia em febre ou sentia calafrios, ou os dois ao mesmo tempo. Estava coberto de feno e as pontas espetavam meus olhos, meus ouvidos, atravessavam minha camisa, as moscas pululando pelo feno, me comendo vivo, e minha perna me matando de dor a cada solavanco na estrada. E era uma estrada muito cheia de buracos — acrescentou ele, ruminando suas lembranças.

— Deve ter sido horrível — disse, considerando a palavra totalmente inadequada. Ele soltou o ar com uma arfada.

— Sim. Só suportei tudo imaginando o que eu faria com Melton se algum dia o encontrasse outra vez; me vingaria dele por não ter me fuzilado.

Ri outra vez e ele olhou para mim, um sorriso amargo nos lábios.

— Não estou rindo porque seja engraçado — eu disse, engasgando um pouco. — Estou rindo porque de outro modo eu choraria, e eu não quero... não agora, depois que tudo já terminou.

— Sim, eu sei. — Apertou minha mão. Respirei fundo.

— Eu... eu não olhei para trás. Achei que não aguentaria descobrir... o que acontecera. — Mordi o lábio; a admissão parecia uma traição. — Não que eu tenha tentado... que eu quisesse... esquecer — disse, buscando desajeitadamente as palavras certas. — Eu não poderia esquecê-lo. Não deve imaginar isso. Jamais. Mas eu...

— Não se perturbe, Sassenach — interrompeu ele. Bateu de leve na minha mão. — Sei o que quer dizer. Eu mesmo tento não olhar para trás, pensando bem.

— Mas se eu o tivesse feito — disse, fitando a trama lisa do linho —, se

eu o tivesse feito... talvez o tivesse encontrado há mais tempo.

As palavras pairaram no ar entre nós como uma acusação, um lembrete dos anos difíceis de perda e separação. Por fim, ele suspirou, profundamente, e colocou o dedo sob meu queixo, levantando meu rosto para ele.

— E se você o tivesse feito? — disse ele. — Teria deixado a menina lá sem a mãe? Ou vindo para mim logo após Culloden, quando eu não podia cuidar de você, mas apenas vê-la sofrer com o resto e sentir a culpa de trazê-la para tal destino? Talvez vê-la morrer de fome e doença e saber que eu a havia matado? — Ergueu uma das sobrancelhas com ar interrogativo, depois sacudiu a cabeça. — Não. Eu lhe pedi para ir e lhe disse para esquecer. Devo condená-la por ter feito o que eu pedi, Sassenach? Não.

— Mas poderíamos ter tido mais tempo! — disse. — Poderíamos... — Ele me calou pelo expediente simples de se inclinar e colocar sua boca sobre a minha. Era quente e muito macia e os pelos curtos de sua barba ligeiramente ásperos em minha pele.

Após um instante, ele soltou-me. A luz estava se intensificando, conferindo cor a seu rosto. Sua pele reluzia como bronze, salpicada de faíscas cor de cobre de sua barba. Ele respirou fundo.

— Sim, talvez. Mas não podemos pensar nisso... — Seus olhos fitaram os meus sem pestanejar, buscando. — Não posso olhar para trás, Sassenach, e viver — disse ele simplesmente. — Se não tivermos mais do que a noite passada e este momento, é suficiente.

— Não para mim, não é! — eu disse, e ele riu.

— Gananciosa, hein?

— Sim — eu disse. Com a tensão rompida, voltei minha atenção para a cicatriz em sua perna, para me afastar por enquanto da dolorosa contemplação do tempo e da oportunidade perdidos. — Você estava me contando como arrumou isto.

— Sim, estava. — Inclinou-se um pouco para trás, estreitando os olhos para examinar a estreita linha branca que descia desde cima de sua coxa.

— Bem, foi Jenny, minha irmã, sabe? — Eu me lembrava perfeitamente de Jenny; quase metade do tamanho de seu irmão, morena tanto quanto ele era deslumbrantemente claro, mas igualmente ou mais teimosa do que ele. — Ela disse que não iria me deixar morrer — disse ele, com um sorriso

melancólico. — E não deixou. Minha opinião não parecia ter nada a ver com o caso, de modo que ela não se deu ao trabalho de me perguntar.

— Bem próprio de Jenny. — Senti uma pequena chama de consolo ao pensar em minha cunhada. Então Jamie não ficara sozinho como eu temera; Jenny Murray teria enfrentado o próprio diabo para salvar seu irmão, e evidentemente conseguira.

— Ela me medicou para a febre e colocou emplastos na minha perna para tirar o veneno, mas nada funcionava e o ferimento só piorava. Inchou e tinha mau cheiro, depois começou a escurecer e gangrenar, daí acharam que deveriam amputar a perna se quisessem que eu vivesse.

Ele contava tudo isso com muita descontração, mas senti uma ligeira tontura diante da ideia.

— Obviamente, não o fizeram — eu disse. — Por quê?

Jamie coçou o nariz e passou a mão pelos cabelos, afastando as mechas rebeldes dos olhos.

— Bem, foi por causa de Ian — disse ele. — Não permitiu que ela o fizesse. Disse que sabia muito bem o que era viver só com uma perna e, embora ele próprio não se incomodasse muito com isso, achava que eu não iria querer... depois de tudo — acrescentou ele, com um aceno da mão e um olhar para mim que incluía tudo: a perda da batalha, da guerra, de mim, da casa e do seu meio de vida, de tudo que fazia parte de sua vida normal. Achei que Ian tinha razão. — Assim, em vez disso, Jenny fez três dos colonos sentarem-se sobre mim e me imobilizarem. Em seguida, ela cortou minha perna até o osso com uma faca da cozinha e lavou o ferimento com água fervente — disse ele sem afetação.

— Santo Deus! — exclamei, chocada de horror.

Ele sorriu debilmente diante da expressão do meu rosto.

— Sim, bem, funcionou.

Engoli em seco, sentindo gosto de bÍlis.

— Meu Deus. Não sei como não ficou aleijado para sempre!

— Bem, ela limpou o ferimento da melhor maneira que pôde e costurou-o. Dizia que não ia me deixar morrer e não ia permitir que eu ficasse aleijado, que não queria me ver deitado o dia todo me lamentando, com pena de mim mesmo, e — encolheu os ombros, resignado — quando terminou de dizer

tudo que não iria me deixar fazer, achei que só me restava ficar curado.

Fiz eco à sua risada e seu sorriso alargou-se diante da lembrança.

— Quando consegui ficar em pé, ela fez Ian me levar para fora depois que escureceu e me fez caminhar. Meu Deus, nós devíamos formar uma terrível visão, Ian com sua perna de pau e eu com minha bengala, mancando pela estrada como um par de garças mancas!

Ri novamente, mas tive que me esforçar para conter as lágrimas; eu podia visualizar muito bem as duas figuras altas, aleijadas, lutando teimosamente contra a escuridão e a dor, apoiando-se um no outro.

— Você viveu numa caverna durante algum tempo, não foi? Nós descobrimos a história dessa época.

Suas sobrancelhas ergueram-se de surpresa.

— Uma história sobre isso? Quer dizer, sobre mim?

— Você é uma grande lenda das Terras Altas — disse-lhe, ironicamente —, ou será, pelo menos.

— Por viver numa caverna? — Ele parecia em parte lisonjeado, em parte embaraçado. — Bem, é algo tolo para virar uma história, não?

— Arranjar para ser denunciado aos ingleses pelo preço da recompensa talvez tenha sido um pouco mais dramático — disse, ainda mais ironicamente. — Correu um grande risco ali, não foi?

A ponta de seu nariz ficou vermelha e ele pareceu meio envergonhado.

— Bem — disse ele, um pouco embaraçado —, eu não achava que a prisão seria absolutamente terrível e considerando tudo...

Falei com toda a calma que pude reunir, mas eu tinha vontade de sacudi-lo, repentina e ridiculamente furiosa com ele em retrospecto.

— Prisão, uma ova! Você sabia muito bem que poderia ser enforcado, não é? E se fez prender mesmo assim!

— Eu tinha que fazer alguma coisa — disse ele, encolhendo os ombros. — E se os ingleses eram bastante tolos para pagar uma boa quantia pela minha desprezível carcaça... bem, não há nenhuma lei contra se aproveitar de tolos, não é? — Um dos cantos de sua boca contorceu-se para cima e eu fiquei dividida entre a vontade de beijá-lo e a de esbofeteá-lo.

Não fiz nem uma coisa nem outra, mas sentei-me direito na cama e comecei a desembaraçar meus cachos com os dedos.

— Eu diria que é uma questão a ser discutida sobre quem era o tolo — eu disse, sem olhar para ele —, mas mesmo assim, deve saber que sua filha tem muito orgulho de você.

— Ela tem? — Ele pareceu estupefato e eu ergui os olhos para ele, rindo apesar de minha irritação.

— Bem, é claro que tem. Você é um grande herói, não é?

Ele ficou vermelho diante disso e levantou-se, parecendo totalmente desconcertado.

— Eu? Não! — Passou a mão pelos cabelos, um hábito quando estava pensando ou com a mente perturbada. — Não. Quer dizer — começou ele, devagar —, isso não teve nada de heroico. Apenas... eu não aguentava mais. Ver todos eles passando fome, quer dizer, sem que eu pudesse fazer nada por eles, Jenny, Ian, as crianças, todos os arrendatários e suas famílias. — Olhou-me com ar desamparado. — Eu realmente não me importava se os ingleses iriam me enforcar ou não. Não achava que iriam, por causa do que você havia me dito, mas ainda que eu tivesse certeza... eu teria feito o que fiz, Sassenach, e não teria me importado. Mas não foi bravura, absolutamente. — Lançou as mãos para o ar num sinal de frustração, virando-se de costas. — Não havia mais nada que eu pudesse fazer!

— Entendo — disse baixinho, após alguns instantes. — Eu compreendo. — Ele estava parado junto à cômoda alta, ainda nu, e diante do que eu disse, virou-se parcialmente para me fitar.

— Você compreende, então? — Seu rosto estava sério.

— Eu o conheço, Jamie Fraser — falei com mais certeza do que já sentira em qualquer momento desde que atravessara as pedras.

— Você compreende, então? — perguntou ele outra vez, mas um leve sorriso esboçou-se em sua boca.

— Acho que sim.

O sorriso em seus lábios ampliou-se e ele abriu a boca para responder. Mas, antes que pudesse falar, ouviu-se uma batida na porta do quarto.

Sobressaltei-me como se tivesse encostado em um fogão quente. Jamie riu e inclinou-se para dar um tapinha no meu quadril enquanto se dirigia à porta.

— Acho que é a camareira com nosso desjejum, Sassenach, não a polícia.

E nós somos casados, não somos? — Uma das sobrancelhas ergueu-se inquisitivamente.

— Ainda assim, você não devia vestir alguma coisa? — perguntei, quando ele já estendia a mão para a maçaneta.

Ele abaixou os olhos para olhar para si mesmo.

— Não acho provável que seja um choque para ninguém nesta casa, Sassenach. Mas em consideração à sua sensibilidade... — Riu para mim e, pegando uma toalha de linho de cima do lavatório, enrolou-a displicentemente ao redor dos quadris antes de abrir a porta.

Avistei um homem alto no corredor e prontamente puxei as cobertas por cima da minha cabeça. Foi uma reação de puro pânico, porque se fosse a polícia de Edimburgo eu não poderia esperar muita proteção de algumas colchas. Mas, em seguida, o visitante falou e eu fiquei satisfeita por estar a salvo das vistas de qualquer pessoa no momento.

— Jamie? — A voz soou um pouco espantada. Apesar do fato de não ouvi-la havia vinte anos, eu a reconheci imediatamente. Rolando na cama, furtivamente ergui uma ponta da colcha e espreitei por baixo.

— Bem, claro que sou eu — dizia Jamie, um tanto irritado. — Está cego, por acaso? — Puxou seu cunhado Ian para dentro do quarto e fechou a porta.

— Estou vendo muito bem que é você — disse Ian, num tom incisivo. — Eu só não sabia se devia acreditar no que meus olhos viam! — Seus cabelos lisos e castanhos exibiam fios brancos e seu rosto carregava as rugas de muitos anos de trabalho árduo. Mas Joe Abernathy tinha razão; com suas primeiras palavras, a nova visão mesclou-se à antiga e este era o Ian Murray que eu conhecera.

— Vim aqui porque o rapaz da gráfica disse que você não dormiu lá esta noite e este é o endereço para onde Jenny envia suas cartas — dizia ele. Olhou ao redor do quarto com olhos arregalados e desconfiados, como se esperasse que alguma coisa fosse saltar de trás do armário. Depois, seu olhar retornou ao cunhado, que fazia um esforço atrapalhado para manter sua tanga improvisada no lugar. — Nunca pensei encontrá-lo num prostíbulo, Jamie! — disse ele. — Eu não tinha certeza, quando a... a senhora atendeu a porta lá embaixo, mas depois...

— Não é o que está pensando, Ian — disse Jamie sucintamente.

— Ah, não é, hein? E Jenny preocupada que você ficasse doente vivendo sem uma mulher há tanto tempo! — disse Ian com desdém. — Direi a ela que não precisa se preocupar com seu bem-estar. E onde está meu filho, então, no saguão lá embaixo com outra das meretrizes?

— Seu filho? — A surpresa de Jamie era evidente. — Qual deles?

Ian olhou fixamente para Jamie, a raiva em seu rosto comprido, meio sem-graça, transformando-se em preocupação.

— Você não está com ele? O pequeno Ian não está aqui?

— O pequeno Ian? Santo Deus, homem, acha que eu traria um garoto de catorze anos para um bordel?

Ian abriu a boca, em seguida fechou-a, e sentou-se no banco.

— Para lhe dizer a verdade, Jamie, já não sei o que você seria capaz de fazer — disse ele sem se alterar. Ergueu os olhos para seu cunhado, o maxilar tenso. — Houve uma época em que eu sabia. Mas agora não sei mais.

— E o que você quer dizer com isso?

Eu podia ver a onda de raiva subir ao rosto de Jamie.

Ian relanceou os olhos para a cama e desviou-os outra vez. O rubor não desapareceu do rosto de Jamie, mas eu vi um ligeiro tremor no canto de sua boca. Fez uma mesura elaborada para seu cunhado.

— Queira me desculpar, Ian, eu estava esquecendo meus bons modos. Permita-me apresentar-lhe minha companheira. — Deu um passo em direção à cama e puxou as cobertas para trás.

— Não! — gritou Ian, ficando de pé num salto e olhando freneticamente para a porta, o armário, qualquer lugar exceto a cama.

— O que, não vai cumprimentar minha esposa, Ian? — disse Jamie.

— Esposa? — Esquecendo-se de desviar o olhar, Ian fitou Jamie com os olhos arregalados de horror. — Você se casou com uma prostituta? — disse ele com voz rouca.

— Eu não diria exatamente isso — eu disse. Ao ouvir minha voz, Ian girou a cabeça em minha direção. — Olá — disse, acenando alegremente para ele do meu ninho de cobertas. — Faz muito tempo, não é?

Sempre achei um pouco exageradas as descrições do que as pessoas faziam ao ver fantasmas, mas fui obrigada a rever minhas opiniões à luz das reações que eu vinha recebendo desde que voltara para o passado. Jamie

simplesmente desmaiara e ainda que os cabelos de Ian não estivessem literalmente em pé, ele com certeza parecia estar apavorado.

Com os olhos esbugalhados, ele abriu e fechou a boca, emitindo um pequeno som gorgolejante que parecia divertir Jamie intensamente.

— Isso vai ensiná-lo a não sair por aí pensando o pior do meu caráter — disse ele, com evidente satisfação. Com pena do seu trêmulo cunhado, Jamie serviu uma pequena dose de conhaque e entregou o copo a ele. — Não julgues e não serás julgado, certo?

Achei que Ian iria derramar a bebida nas calças, mas ele conseguiu levar o copo à boca e engolir.

— O que... — disse ele num fio de voz, os olhos lacrimejando enquanto olhava fixamente para mim. — Como...?

— É uma longa história — disse, com um rápido olhar para Jamie. Ele fez um breve sinal com a cabeça. Tivéramos outras coisas em que pensar nas últimas vinte e quatro horas, além de como me explicar às pessoas e, nas circunstâncias atuais, achei que as explicações poderiam esperar.

— Acho que não conheço o Jovem Ian. Ele desapareceu? — perguntei educadamente.

Ian balançou a cabeça mecanicamente, sem tirar os olhos de mim.

— Ele fugiu de casa na última sexta-feira — disse ele, parecendo um pouco aturdido. — Deixou um bilhete explicando que fora ao encontro do tio. — Tomou mais um longo gole do conhaque, tossiu e pestanejou várias vezes, depois limpou os olhos e sentou-se direito, olhando para mim. — Não é a primeira vez, sabe — disse-me ele. Parecia estar recuperando a autoconfiança, vendo que eu parecia ser de carne e osso, e que não dava sinais nem de saltar da cama, nem de colocar minha cabeça sob o braço e sair passeando sem ela, à maneira dos fantasmas das Terras Altas.

Jamie sentou-se na cama a meu lado, tomando minha mão nas suas.

— Não vejo o Jovem Ian desde que o mandei de volta para casa com Fergus uns seis meses atrás — disse ele. Ele começava a parecer tão preocupado quanto Ian. — Tem certeza de que ele disse que estava vindo ao meu encontro?

— Bem, ele não tem nenhum outro tio, que eu saiba — disse Ian, um pouco exacerbado. Tomou de um só gole o resto do conhaque e colocou o

copo sobre a mesa.

— Fergus? — interrompi. — Então Fergus está bem? — Senti uma onda de alegria à menção do órfão francês que Jamie um dia empregara em Paris como batedor de carteiras e trouxera com ele para a Escócia como criado.

Distraído de seus pensamentos, Jamie olhou para mim.

— Ah, sim, Fergus é um belo homem agora. Um pouco mudado, é claro. — Uma sombra pareceu atravessar seu rosto, mas desapareceu quando ele sorriu, apertando minha mão. — Ele vai ficar completamente apalermado ao vê-la outra vez, Sassenach.

Desinteressado em Fergus, Ian levantara-se e andava de um lado para outro no lustroso chão de tábua corrida.

— Ele não levou um cavalo — murmurou ele. — Para não ter nada que alguém quisesse roubar dele. — Girou nos calcanhares para encarar Jamie. — Como você veio, da última vez que trouxe o garoto aqui? Dando a volta por Firth ou atravessando de barco?

Jamie esfregou o queixo, franzindo a testa em concentração.

— Eu não fui a Lallybroch pegá-lo. Ele e Fergus atravessaram o desfiladeiro Carryarrick e encontraram-me logo acima do lago Laggan. Então, descemos pelo Struan e Weem e... sim, agora me lembro. Não queríamos atravessar as terras dos Campbell, então desviamos para leste e atravessamos o Forth em Donibristle.

— Acha que ele faria o mesmo trajeto? — perguntou Ian. — Já que é o único caminho que ele conhece?

Jamie meneou a cabeça, em dúvida.

— Talvez. Mas ele sabe que a costa é perigosa.

Ian retomou sua marcha de um lado para outro, as mãos unidas às costas.

— Dei uma surra nele que ele mal conseguia ficar de pé, quanto mais sentar-se, da última vez que fugiu — disse Ian, sacudindo a cabeça. Seus lábios estavam cerrados, e eu compreendi que o Jovem Ian era provavelmente uma provação para seu pai. — Era de imaginar que o palerma iria pensar duas vezes antes de fazer bobagens como essa, não?

Jamie fez um muxoxo, mas não sem simpatia.

— Alguma vez uma surra o impediu de fazer alguma coisa que você estivesse determinado a fazer?

Ian interrompeu suas passadas e sentou-se no banco outra vez, suspirando.

— Não — disse ele com franqueza —, mas acho que era um alívio para o meu pai. — Seu rosto abriu-se num sorriso relutante, enquanto Jamie ria.

— Ele deve estar bem — declarou Jamie, confiante. Levantou-se e deixou a toalha cair no chão, enquanto pegava suas calças. — Vou sair e mandar que fiquem de olho para encontrá-lo. Se estiver em Edimburgo, teremos notícias dele até o anoitecer.

Ian lançou um olhar para mim na cama e levantou-se apressadamente.

— Vou com você.

Achei ter visto uma sombra de dúvida atravessar o rosto de Jamie, mas em seguida ele assentiu e enfiou a camisa pela cabeça.

— Está bem — disse ele, quando sua cabeça surgiu pela abertura. Franziu o cenho para mim. — Receio que você tenha que permanecer aqui, Sassenach — disse ele.

— Acho que sim — disse. — Já que não tenho roupas. — A criada que trouxera nossa ceia levava meu vestido e nenhum substituto havia chegado ainda.

As sobrancelhas peludas de Ian ergueram-se até a linha dos cabelos, mas Jamie simplesmente balançou a cabeça.

— Falarei com Jeanne ao sair — disse ele. Franziu ligeiramente a testa, pensando. — Talvez demore um pouco, Sassenach. Há algumas coisas... bem, tenho negócios a resolver. — Apertou minha mão, a expressão do rosto suavizando-se ao olhar para mim. — Não queria deixá-la — disse ele brandamente. — Mas preciso. Ficaré aqui até eu voltar?

— Não se preocupe — assegurei-lhe, com um gesto em direção à toalha de linho que ele acabara de descartar. — Não vou a lugar nenhum com isto.

O barulho de seus passos ressoou pelo corredor e foram desaparecendo em meio aos sons da movimentação na casa. O prostíbulo acordava, tarde e lânguido pelos austeros padrões escoceses de Edimburgo. Abaixo de mim, eu podia ouvir uma ou outra passada lenta e abafada, o barulho de persianas sendo abertas ali perto, um grito de “Sai de baixo!”, e, um segundo depois, o barulho de águas-servidas e dejetos sendo atirados pelas janelas e esparramando-se na rua lá embaixo.

Vozes ao fundo do corredor, uma breve troca de palavras quase inaudíveis e o som de uma porta sendo fechada. A própria casa parecia se espreguiçar e suspirar, com estalos de vigas e rangidos de escadas. Uma repentina aragem de ar quente e cheirando a carvão veio da lareira fria, a exalação de um fogo aceso em um andar inferior e que compartilhava a minha chaminé.

Relaxei no meio dos travesseiros, sentindo-me sonolenta e satisfeita. Eu estava ligeira e agradavelmente dolorida em vários lugares a que não estava acostumada e, embora tivesse relutado em ver Jamie sair, era inegável que era bom ficar sozinha por algum tempo para meditar sobre tudo que acontecera.

Eu me sentia como alguém a quem tivessem entregado uma caixa fechada contendo um tesouro há muito tempo perdido. Eu podia sentir o gratificante peso e formato do tesouro e conhecer a grande alegria de possuí-lo, mas ainda não sabia exatamente o que a caixa continha.

Estava ansiosa para saber tudo que ele fizera e dissera e pensara e fora, durante todo o tempo que havia entre nós. Naturalmente, eu sabia que, se ele sobrevivera a Culloden, ele tivera uma vida — e conhecendo Jamie Fraser como eu conhecia, era improvável que fosse uma vida simples. Mas saber disso e ser confrontada com essa realidade eram duas coisas distintas.

Ele estivera fixo em minha lembrança durante tanto tempo, resplandecente, mas estático, como um inseto congelado em âmbar. Depois, vieram as breves visões históricas de Roger, como cenas vistas através de um buraco de fechadura; imagens separadas como pontuações, alterações; ajustes de memória, cada qual mostrando as asas da libélula levantadas ou abaixadas em um ângulo diferente, como as imagens estáticas de um filme. Agora, o tempo começara a contar outra vez para nós e a libélula voava diante de mim, adejando de um lado para outro, de modo que eu via pouco mais do que o brilho de suas asas.

Havia tantas perguntas que nenhum de nós dois ainda tivera a chance de fazer — sobre sua família em Lallybroch, sua irmã Jenny e as crianças. Obviamente, Ian estava vivo, e bem, independentemente da perna artificial —, mas o resto da família e os colonos da propriedade haviam sobrevivido à destruição das Terras Altas? Se houvessem, por que Jamie estava aqui em Edimburgo?

E se estavam vivos — o que diríamos a eles sobre minha súbita reaparição? Mordi o lábio, imaginando se haveria alguma explicação possível — que não a verdade — que pudesse fazer sentido. Iria depender do que Jamie lhes dissera quando eu desapareci depois de Culloden; na época, não pareceu haver necessidade de inventar uma razão para o meu desaparecimento; simplesmente, presumiriam que eu havia morrido no rastro da revolução, mais um dos cadáveres anônimos mortos de inanição, abandonados sobre as rochas ou assassinados em um barranco árido.

Bem, lidaríamos com isso quando chegasse a ocasião, eu imaginava. No momento, eu estava mais curiosa a respeito da extensão e do perigo das atividades ilegais de Jamie. Contrabando e subversão, hein? Eu sabia que contrabandear era uma profissão quase tão honrada nas Terras Altas escocesas quanto roubar gado havia sido há vinte anos, devendo ser conduzida com relativamente pouco risco. Subversão era outra história e parecia uma ocupação de duvidosa segurança para um ex-jacobita condenado.

Essa, eu acreditava, era a razão para o nome que adotara — ou uma das razões, de qualquer modo. Apesar de perturbada e agitada como eu estava quando chegamos ao bordel na noite anterior, eu notara que madame Jeanne chamara-o por seu próprio nome. Portanto, provavelmente, ele contrabandeava sob sua própria identidade, mas realizava suas atividades de impressor — legais e ilegais — como Alex Malcolm.

Eu vira, ouvira e sentira o suficiente, durante as poucas horas da noite, para ter absoluta certeza de que o Jamie Fraser que eu conhecera ainda existia. Restava saber quantos outros homens ele poderia ser agora.

Ouviu-se uma batida hesitante na porta, interrompendo meus pensamentos. Desjejum, pensei, e já não era sem tempo. Eu estava faminta.

— Entre — falei, sentando-me direito na cama e ajeitando os travesseiros para poder me recostar.

A porta abriu-se muito devagar e, após uma longa pausa, uma cabeça enfiou-se pela abertura, muito semelhante a um caracol emergindo de sua concha após uma tempestade de granizo.

Era encimada por um emaranhado de cabelos castanhos mal cortados, tão espessos que as pontas aparadas projetavam-se para fora como um ressalto

acima de um par de grandes orelhas. O rosto abaixo era comprido, de ossos proeminentes; de certo modo, agradavelmente familiar, a não ser por um par de belos olhos castanhos, meigos e enormes como os de um cervo, que pousaram em mim com uma expressão mista de interesse e hesitação.

Eu e a cabeça nos entreolhamos por um instante.

— Você é a... mulher do sr. Malcolm? — perguntou a cabeça.

— Acho que pode-se dizer que sim — respondi cautelosamente. Obviamente, não era a camareira com meu desjejum. Também não era provável que fosse um dos outros empregados do estabelecimento, sendo evidentemente do sexo masculino, ainda que muito jovem. Ele parecia-me vagamente familiar, embora eu tivesse certeza de que nunca o vira antes. Puxei o lençol um pouco mais para cima sobre meus seios. — E quem é você? — perguntei.

A cabeça pensou por algum tempo e finalmente respondeu, com igual cautela:

— Ian Murray.

— Ian Murray? — Sentei-me ereta num salto, resgatando o lençol no último instante. — Venha cá — disse, peremptoriamente. — Se você é quem eu acho que é, por que não está onde deveria estar e o que está fazendo aqui? — O rosto pareceu um tanto assustado e fez menção de se retirar. — Pare! — gritei, colocando um pé fora da cama para persegui-lo. Os grandes olhos castanhos arregalaram-se à vista da minha perna nua e ele ficou paralisado. — Eu disse para entrar.

Devagar, eu recolhi a perna para baixo das cobertas outra vez e, igualmente devagar, ele entrou no quarto.

Ele era alto e magro como uma cegonha recém-emplumada, com talvez sessenta quilos distribuídos de forma esparsa por uma estrutura de um metro e oitenta. Agora que eu sabia quem ele era, a semelhança com seu pai era evidente. No entanto, ele possuía a tez clara da mãe, que se ruborizou violentamente quando percebeu que estava parado ao lado de uma cama contendo uma mulher nua.

— Eu... hã... estava procurando meu... quer dizer, o sr. Malcolm — murmurou ele, olhando fixamente para as tábuas do assoalho junto a seus pés.

— Se está falando de seu tio Jamie, ele não está aqui — disse.

— Não. Não, acho que não. — Parecia incapaz de pensar em qualquer coisa para acrescentar a isso, mas continuou com os olhos fixos no assoalho, um dos pés estranhamente virado para o lado, como se ele estivesse prestes a puxá-lo para cima, como o pássaro com que ele tanto se assemelhava quando caminhava na água. — Você sabe onde ele... — começou, erguendo os olhos. Assim que percebeu um vislumbre de mim, abaixou-os, ruborizando-se outra vez, e calou-se.

— Ele está à sua procura — disse. — Com seu pai — acrescentei. — Saíram daqui ainda não faz meia hora.

Sua cabeça levantou-se num sobressalto sobre seu pescoço fino, os olhos esbugalhados.

— Meu pai? — exclamou ele, com uma arfada. — Meu pai estava aqui? Você o conhece?

— Ora, claro — disse, sem pensar. — Conheço Ian há muito tempo.

Ele podia ser sobrinho de Jamie, mas não possuía a mesma manha do tio para esconder suas emoções. Tudo que ele pensava tornava-se evidente em seu rosto e eu podia facilmente seguir a progressão de suas expressões. Choque absoluto ao saber da presença do pai em Edimburgo, em seguida uma espécie de surpresa horrorizada à revelação do antigo relacionamento de seu pai com o que parecia uma mulher da vida e finalmente o início de uma raivosa apreensão, conforme o rapaz começou uma imediata revisão de suas opiniões a respeito do caráter do pai.

— Hã — eu disse, um pouco alarmada. — Não é o que está pensando. Quero dizer, seu pai e eu... na verdade, sou eu e seu tio, quero dizer... — Eu tentava descobrir como explicar-lhe a situação sem entrar em águas ainda mais profundas, quando ele girou nos calcanhares e partiu em direção à porta. — Espere um minuto — eu disse. Ele parou, mas não se virou. Suas bem esfregadas orelhas destacavam-se como pequeninas asas, a luz da manhã iluminando seu delicado tom rosado. — Quantos anos você tem? — perguntei.

Ele virou-se de frente para mim, com uma certa dignidade aflita.

— Vou fazer quinze daqui a três semanas — disse ele. O rubor tomava conta de seu rosto outra vez. — Não se preocupe, já tenho idade suficiente

para saber... que tipo de lugar é este, quero dizer. — Sacudiu a cabeça em minha direção numa tentativa de um cumprimento educado. — Sem querer ofendê-la, dona. Se tio Jamie... quero dizer, eu... — Buscou as palavras adequadas e, não conseguindo encontrá-las, finalmente falou de um só fôlego. — Muito prazer em conhecê-la, senhora. — A seguir, virou-se e saiu pela porta como uma flecha, batendo-a com tanta força que ela chocalhou nos batentes.

Deixei-me cair para trás sobre os travesseiros, ao mesmo tempo espantada e divertida. Imaginava o que o Ian mais velho diria para seu filho quando se encontrassem — e vice-versa. Enquanto meditava, perguntei-me o que teria trazido o Jovem Ian até ali, em busca de Jamie. Evidentemente, ele sabia onde poderia encontrar seu tio; no entanto, a julgar por sua atitude difidente, ele nunca entrara no bordel antes.

Teria obtido a informação de Geordie na gráfica? Parecia improvável. Entretanto, se não o fizera... significava que soubera da ligação de seu tio com este lugar através de alguma outra fonte. E a fonte mais provável era o próprio Jamie.

Mas, nesse caso, raciocinei, Jamie provavelmente já sabia que seu sobrinho estava em Edimburgo, então por que fingir que não vira o garoto? Ian era o mais velho amigo de Jamie; haviam crescido juntos. Se o que Jamie estava tramando valia o custo de enganar seu cunhado, devia ser algo bastante sério.

Não avançara muito com minhas considerações, quando se ouviu nova batida na porta.

— Entre — disse, ajeitando as colchas na expectativa da bandeja do desjejum que seria colocada ali em cima.

Quando a porta se abriu, eu havia direcionado minha atenção para um ponto a cerca de um metro e meio acima do chão, onde esperava que a cabeça da camareira se materializasse. Da última vez que a porta se abrira, eu tive que adaptar minha visão cerca de trinta centímetros para cima, para acomodar a visão do Jovem Ian. Desta vez, fui obrigada a abaixá-la.

— Que diabos você está fazendo aqui? — perguntei, quando a diminuta figura do sr. Willoughby entrou de gatinhas, apoiado no chão com as mãos e os joelhos. Sentei-me direito na cama e apressadamente enfiei meus pés

embaixo do corpo, puxando não só o lençol como também as colchas, bem apertados ao redor dos meus ombros.

Em resposta, o chinês avançou até cerca de trinta centímetros da cama, depois deixou a cabeça cair no chão com um sonoro baque. Ergueu-a e repetiu o processo com grande deliberação, fazendo o barulho horrível de um melão que é rachado ao meio com um machado.

— Pare com isso! — exclamei, quando ele se preparava para repetir o gesto pela terceira vez.

— Mil desculpas — explicou ele, sentando-se sobre os calcanhares e pestanejando para mim. Ele estava com uma péssima aparência e a marca vermelho-escura onde sua testa batera no chão não melhorava sua aparência. Acreditei que ele não pretendia continuar a bater com a cabeça no chão mil vezes, mas não tinha certeza. Ele obviamente estava com uma terrível ressaca; o fato de ter realizado aquela performance uma única vez já era impressionante.

— Tudo bem — eu disse, recuando cautelosamente contra a parede. — Não precisa se desculpar.

— Sim, desculpar — insistiu ele. — Tsei-mi dizendo esposa. Senhora ser honrada Primeira Esposa, não prostituta vil.

— Muito obrigada — eu disse. — Tsei-mi? Quer dizer Jamie? Jamie Fraser?

O homenzinho assentiu, para o óbvio detrimento de sua cabeça. Agarrou-a com as duas mãos e fechou os olhos, que prontamente desapareceram nas rugas de suas faces.

— Tsei-mi — afirmou ele, os olhos ainda fechados. — Tsei-mi dizendo desculpar para muito honrada Primeira Esposa. Yi Tien Cho muito humilde criado. — Fez uma profunda reverência, ainda segurando a cabeça. — Yi Tien Cho — acrescentou, abrindo os olhos e dando uns tapinhas no peito para indicar que esse era seu nome, para o caso de eu estar confundindo-o com quaisquer outros humildes criados na vizinhança.

— Tudo bem, tudo bem — eu disse. — Hã, prazer em conhecê-lo.

Evidentemente reanimado, deslizou frouxamente sobre o rosto, prostrando-se diante de mim.

— Yi Tien Cho criado de senhora — disse ele. — Primeira Esposa, por

favor, caminhar sobre humilde criado, se quiser.

— Ah! — exclamei friamente. — Já ouvi falar de você. Caminhar sobre você, hein? Sem a menor chance!

Uma fenda de brilhante olho preto surgiu e ele soltou uma risadinha, tão incontrolável que eu mesma não pude deixar de rir. Ele sentou-se direito outra vez, alisando as pontas espetadas de cabelo preto e duro de sujeira que se projetavam, como um porco-espinho, de seu crânio.

— Eu lavar pés de Primeira Esposa? — ofereceu ele, com um largo sorriso.

— Lógico que não — disse. — Se realmente deseja fazer algo de útil, peça a alguém para me trazer o desjejum. Não, espere um minuto — disse, mudando de ideia. — Primeiro, conte-me onde você conheceu Jamie. Se não se importar — acrescentei, para ser educada.

Ele sentou-se sobre os calcanhares, a cabeça balançando ligeiramente para a frente e para trás.

— Docas — disse ele. — Há dois anos. Eu vir da China, muito longe, sem comida. Escondido em barril — explicou, formando um círculo com os braços para demonstrar o meio de transporte.

— Um passageiro clandestino?

— Navio mercante — confirmou ele, balançando a cabeça. — Nas docas aqui, roubar comida. Roubar conhaque uma noite, ficar completamente bêbado. Muito frio para dormir; morrer logo, mas Tsei-mi encontrar. — Enfiou o polegar no peito outra vez. — Humilde criado Tsei-mi. Humilde criado Primeira Esposa. — Fez uma reverência para mim, oscilando de forma alarmante, mas conseguiu aprumar-se outra vez sem incidentes.

— O conhaque parece ser sua perdição — observei. — Sinto muito não ter nada para lhe dar para a sua cabeça; não tenho nenhum remédio comigo no momento.

— Ah, não se preocupe — assegurou ele. — Eu ter bolas saudáveis.

— Sorte sua — disse, tentando decidir se ele estava engrenando uma nova tentativa sobre meus pés ou meramente ainda bêbado demais para distinguir a anatomia básica. Ou talvez houvesse alguma associação na filosofia chinesa entre o bem-estar da cabeça e os testículos. Por via das dúvidas, olhei ao meu redor em busca de algum objeto que pudesse servir de

arma, para o caso de ele demonstrar uma disposição para começar a fuçar sob as cobertas.

Em vez disso, ele enfiou a mão nas profundezas da manga larga de seda azul e, com um ar de ilusionista, retirou uma sacolinha de seda branca. Virou-a de cabeça para baixo e duas bolas caíram na palma de sua mão. Eram maiores do que bolas de gude e menores do que bolas de beisebol; na verdade, mais ou menos do tamanho de um testículo médio. No entanto, bem mais duras, sendo aparentemente feitas de algum tipo de pedra polida, de cor esverdeada.

— Bolas saudáveis — explicou o sr. Willoughby, rolando-as na palma da mão. Produziam um agradável som seco. — Jade rajada, do Cantão — disse ele. — As melhores bolas saudáveis.

— É mesmo? — disse, fascinada. — E elas são medicinais... boas para a saúde, é isso que está dizendo?

Ele balançou a cabeça vigorosamente, confirmando, depois parou bruscamente com um leve gemido. Após uma pausa, espalmou a mão e rolou as bolas de um lado para o outro, girando-as com um ágil movimento circular dos dedos.

— Corpo todo uma parte; mão todas as partes — disse ele. Apontou um dedo para a palma aberta, tocando delicadamente aqui e ali entre as esferas verdes e polidas. — Cabeça aqui, estômago ali, fígado ali — disse ele. — As bolas fazer bem para tudo.

— Bem, imagino que sejam tão práticas quanto alka-seltzer — eu disse. Provavelmente foi a referência a estômago que fez o meu emitir um sonoro ronco neste momento.

— Primeira Esposa querer comida — observou o sr. Willoughby astuciosamente.

— Muito perspicaz de sua parte — disse. — Sim, estou mesmo com fome. Você poderia ir falar com alguém?

Ele imediatamente jogou as bolas dentro de sua sacolinha e, pondo-se de pé, fez uma profunda reverência.

— Humilde criado vai agora — disse ele, e partiu, dando um encontrão no batente da porta ao sair.

Isso estava ficando ridículo, pensei. Eu tinha minhas dúvidas se a visita do sr. Willoughby resultaria em comida; ele teria sorte se conseguisse chegar ao pé da escada sem cair de cabeça, se minha avaliação do seu estado de saúde estivesse correta.

Em vez de continuar ali sentada nua, recebendo representantes aleatórios do mundo exterior, achei que já era hora de tomar algumas medidas. Levantando-me e cuidadosamente enrolando uma colcha em volta do corpo, dei alguns passos no corredor.

O andar superior parecia deserto. Exceto pelo quarto de onde eu saíra, havia apenas duas outras portas ali em cima. Erguendo os olhos, pude ver vigas simples, sem adornos, no alto. Portanto, estávamos no sótão. Provavelmente, os outros quartos ali em cima eram ocupados por criados, que sem dúvida estariam trabalhando no andar térreo agora.

Eu podia ouvir leves ruídos que subiam pelo vão da escada. Algo mais era trazido também — o aroma de salsichas fritas. Um novo rugido gustativo informou-me que o cheiro não passara despercebido ao meu estômago e, mais ainda, que minhas entranhas consideravam o consumo de um sanduíche de pasta de amendoim e uma tigela de sopa num período de vinte e quatro horas um nível de nutrição completamente inadequado.

Enfiei as pontas da colcha para dentro, como um sarongue, logo acima dos meus seios, e levantando as pontas da barra que se arrastavam pelo chão, segui o aroma da comida pelas escadas.

O cheiro — bem como os ruídos tilintantes de um bando de gente comendo — vinha de uma porta fechada no primeiro andar acima do térreo. Abri a porta e me vi no final de um longo salão que parecia um refeitório.

A mesa estava cercada por umas vinte e poucas mulheres, algumas vestidas para o dia, mas a maioria apenas de roupas íntimas, fazendo minha colcha parecer recatada em comparação. Uma mulher perto da extremidade da mesa me avistou pairando na entrada e fez sinal para eu entrar, amistosamente deslizando para abrir espaço para mim na ponta do banco comprido.

— Você vai ser a nova garota, não? — disse ela, olhando-me de cima a baixo com interesse. — Você é um pouquinho mais velha do que a madame geralmente aceita. Ela prefere as que tenham menos de vinte e cinco anos.

Mas você não é nada má — assegurou-me apressadamente. — Tenho certeza de que vai se sair bem.

— Pele boa e um rosto bonito — observou a mulher de cabelos escuros em frente a nós, analisando-me com o ar distanciado de alguém que estivesse avaliando um cavalo. — E belos peitos, pelo que posso ver. — Ergueu o queixo ligeiramente, espreitando do outro lado da mesa o que podia ser visto pelo meu decote.

— Madame não gosta que tiremos as colchas das camas — disse a que primeiro falara comigo, com ar de reprovação. — Devia usar sua combinação, se ainda não tiver algo bonito para se exhibir.

— Sim, tenha cuidado com a colcha — avisou a jovem de cabelos escuros, ainda me examinando atentamente. — Madame descontará de seu salário se manchar as cobertas.

— Qual o seu nome, querida? — Uma jovem baixa, um pouco gorda, com um rosto redondo e amável, inclinou-se por cima do cotovelo da jovem morena para sorrir para mim. — Aqui estamos nós só falando com você sem lhe dar as boas-vindas. Sou Dorcas, esta é Peggy. — Sacudiu o polegar para a jovem de cabelos escuros, em seguida apontou para o outro lado da mesa, para a mulher de cabelos louros ao meu lado. — E essa é a Mollie.

— Meu nome é Claire — disse, sorrindo e puxando a colcha um pouco mais para cima timidamente. Eu não sabia como corrigir a impressão que tinham de que eu era a mais nova recruta de madame Jeanne; por enquanto, isso parecia menos importante do que conseguir comer alguma coisa.

Aparentemente adivinhando minhas necessidades, a simpática Dorcas esticou o braço para o bufê atrás de si, me passou um prato de madeira e empurrou uma grande travessa de salsichas em minha direção.

A comida estava bem preparada, mas eu a teria considerado boa de qualquer maneira; faminta como estava, parecia um manjar dos deuses. Muito melhor do que o café da manhã na lanchonete do hospital, observei para mim mesma, servindo-me de outra porção de batatas fritas.

— O seu primeiro foi bem rude, hein? — Mollie, a meu lado, indicou meu peito com um gesto da cabeça. Olhando para baixo, fiquei mortificada ao ver uma grande mancha vermelha acima da borda da colcha. Eu não podia ver meu pescoço, mas a direção do olhar interessado de Mollie deixou claro

que a leve sensação de formigamento ali era prova de outras marcas de mordida.

— Seu nariz também está um pouco inchado — disse Peggy, franzindo a testa para mim com ar crítico. Estendeu a mão por cima da mesa para tocá-lo, desconsiderando o fato de que o gesto fazia seu fino penhoar abrir-se até a cintura. — Ele bateu em você, não foi? Se eles ficarem violentos, você deve gritar, você sabe. Madame não permite que os fregueses nos maltratem. Dê um bom grito e Bruno estará lá em um segundo.

— Bruno? — perguntei, um pouco frouxamente.

— O porteiro — explicou Dorcas, levando uma colherada de ovos mexidos à boca. — Grande como um urso, é por isso que o chamamos de Bruno. Qual é o verdadeiro nome dele? — perguntou ela para a mesa como um todo. — Horace?

— Theobald — corrigiu Mollie. Virou-se para chamar uma das criadas que serviam a mesa do outro lado da sala: — Janie, poderia trazer mais cerveja? A nova garota ainda não tomou nada.

— Sim, Peggy tem razão — disse ela, virando-se de novo para mim. Não era nem um pouco bonita, mas possuía uma boca bem torneada e uma expressão agradável. — Pegar um homem que goste de brincadeiras um pouco brutas é uma coisa... e não chame Bruno para um bom cliente ou vai haver o diabo e você é quem vai pagar. Mas, se realmente achar que pode ficar machucada, então dê um bom berro. Bruno nunca se afasta à noite. Ah, aqui está a cerveja — acrescentou ela, pegando um enorme caneco das mãos da criada e colocando-o à minha frente com um baque na mesa.

— Ela não está machucada — disse Dorcas, tendo terminado sua inspeção dos aspectos visíveis de minha pessoa. — Um pouco dolorida entre as pernas, hein? — disse ela judiciosamente, rindo para mim.

— Oh, olhe só, ela está ficando vermelha — disse Mollie, dando uma risada, encantada. — Oh, você é mesmo nova no ramo, hein?

Tomei um grande gole da cerveja. Era escura, encorpada e extremamente bem-vinda, tanto pela largura da borda do caneco que escondia meu rosto quanto pelo sabor.

— Não tem importância. — Mollie bateu de leve em meu braço. Depois de comer, eu lhe mostrarei onde ficam as banheiras. Pode mergulhar suas

partes em água morna e estarão novinhas em folha até a noite.

— Não se esqueça de lhe mostrar também onde ficam os potes — observou Dorcas. — Ervas de cheiro — explicou-me. — Coloque-as na água antes de sentar-se na banheira. Madame gosta que a gente cheire bem.

— Se os homens quisessem se deitarr com alguém cheirrando a peixe, irriam parra as docas, é mais barrato — entoou Peggy, com um modo de falar que evidentemente pretendia imitar madame Jeanne. A mesa irrompeu em risadinhas, rapidamente sufocadas pelo repentino aparecimento da própria madame, que entrou por uma porta no outro extremo da sala.

Madame Jeanne tinha a testa franzida numa expressão preocupada e parecia apreensiva demais para notar a hilaridade reprimida.

— Shhh — murmurou Mollie, ao ver a proprietária. — Um cliente madrugador. Detesto quando aparecem no meio do café da manhã — resmungou ela. — Não se pode nem fazer a digestão direito.

— Não precisa se preocupar, Mollie; é Claire quem tem que atendê-lo — disse Peggy, jogando para trás a trança escura. — As garotas mais novas ficam com aqueles que ninguém quer — informou-me.

— Enfie o dedo no cu dele — aconselhou-me Dorcas. — Isso os faz gozar mais rápido do que qualquer outra coisa. Guardarei um pão para você comer depois, se quiser.

— Hã... obrigada — disse. Nesse mesmo instante, os olhos de madame Jeanne recaíram sobre mim e sua boca abriu-se num horrorizado “Oh”.

— O que você está fazendo aqui? — sibilou ela, apressando-se para me agarrar pelo braço.

— Comendo — disse, sem disposição para ser puxada. Livrei meu braço de sua mão e peguei meu caneco de cerveja.

— *Merde!* — disse ela. — Ninguém levou comida para você hoje de manhã?

— Não — respondi. — Nem roupas. — Indiquei a colcha, em perigo iminente de cair.

— *Nez de Cleopatre!* — exclamou ela violentamente. Empertigou-se e olhou ao redor, os olhos falseando. — Mandarei açoitar a inútil criada por causa disso! Mil desculpas, madame!

— Tudo bem — disse educadamente, consciente dos olhares de espanto

nos rostos das minhas companheiras de desjejum. — Tive uma refeição deliciosa. Prazer em conhecê-las, senhoritas — disse, levantando-me e fazendo o melhor possível para cumprimentá-las com uma inclinação e segurar a colcha ao mesmo tempo. — Bem, madame... e o meu vestido?

Entre os protestos de desculpas da agitada madame Jeanne e as reiteradas esperanças de que eu não acharia necessário contar a monsieur Fraser que fora exposta a uma indesejável intimidade com as funcionárias do estabelecimento, percorri o caminho, desajeitadamente em função do meu traje, por mais dois lances de escada e entrei numa saleta forrada de vestidos pendurados em vários estágios de finalização, com peças de tecidos empilhadas aqui e ali nos cantos do aposento.

— Um momento, por favor — disse madame Jeanne e, com uma profunda reverência, deixou-me na companhia de um manequim de costureira, com um grande número de alfinetes espetados em seu peito acolchoado.

Aparentemente, era ali que os trajes das garotas eram feitos. Andei pelo aposento, a colcha arrastando-se no chão, e notei vários penhoares de seda fina em produção, junto com dois vestidos elaborados, de profundos decotes, e diversas variações bastante criativas de combinações e camisolas básicas. Retirei uma combinação do cabide e a vesti.

Era feita de algodão fino, franzida no decote profundo e bordada na forma de várias mãos que se enroscavam sedutoramente sobre os seios e pelos lados da cintura, espalhando-se numa carícia devassa pelos quadris. A bainha ainda não fora feita, mas fora isso estava terminada e me deu muito mais liberdade de movimentos do que a colcha.

Eu podia ouvir vozes no aposento ao lado, onde madame aparentemente passava uma descompostura em Bruno — ou assim deduzi a identidade dos resmungos masculinos.

— Não me interessa o que a irmã da desgraçada fez — dizia ela —, não percebe que a esposa de monsieur Jamie foi deixada faminta e sem roupas?

— Tem certeza de que ela é a esposa dele? — perguntou a grave voz masculina. — Ouvi dizer...

— Eu também. Mas se ele diz que essa mulher é a esposa dele, não vou

argumentar, *n'est-ce pas?* — disse madame com impaciência. — Agora, quanto a essa maldita Madeleine...

— Não foi culpa dela, madame — interrompeu Bruno. — Não ouviu as notícias hoje de manhã sobre o Demônio?

Madame soltou o ar, incrédula.

— Não! Mais um?

— Sim, madame. — A voz de Bruno era soturna. — A não mais do que algumas casas daqui... acima da taberna Green Owl. A jovem era a irmã de Madeleine. O padre trouxe a notícia pouco antes do café da manhã. Assim, como pode ver...

— Sim, estou vendo. — Madame soava um pouco ofegante. — Sim, claro. Claro. Foi... do mesmo jeito? — Sua voz tremia de indignação.

— Sim, madame. Uma machadinha ou algum tipo de faca grande. — Abaixou a voz, como as pessoas costumam fazer ao narrar horríveis acontecimentos. — O padre me contou que a cabeça dela foi completamente decepada. Seu corpo estava perto da porta do quarto e sua cabeça — abaixou a voz ainda mais, transformando-a quase num sussurro —, sua cabeça estava sobre o consolo da lareira, olhando para o quarto. O senhorio desmaiou quando a encontrou.

Um baque surdo vindo do aposento contíguo sugeria que madame Jeanne fizera o mesmo. Meus braços arrepiaram-se e meus próprios joelhos ficaram um pouco bambos. Eu estava começando a concordar com o temor de Jamie de que me instalar numa casa de prostituição não era uma boa ideia.

De qualquer modo, eu agora estava vestida, ainda que não completamente, e entrei no aposento adjacente, encontrando madame Jeanne parcialmente reclinada sobre o sofá de uma saleta, com um homem musculoso, de ar infeliz, sentado numa banquetta junto a seus pés.

Madame despertou ao me ver.

— Madame Fraser! Ah, desculpe-me! Não pretendia deixá-la esperando, mas tive... — hesitou, buscando uma expressão delicada — notícias inquietantes.

— Eu diria que sim. Que história é essa de um Demônio? — perguntei.

— Você ouviu? — Ela já estava pálida; agora sua pele ficou ainda mais branca e ela torceu as mãos. — O que ele vai dizer? Ficaré furioso! — gemeu

ela.

— Quem? — perguntei. — Jamie ou o Demônio?

— Seu marido — disse ela. Olhou ao redor da saleta, distraída. — Quando ele souber que sua esposa foi tão vergonhosamente negligenciada, confundida com uma *fille de joie* e exposta a...

— Acho que ele não vai se importar — disse. — Mas eu gostaria de saber a respeito do Demônio.

— Gostaria? — As grossas sobrancelhas de Bruno arquearam-se. Era um homem corpulento, tinha ombros curvos e longos braços que o faziam parecer um gorila, a semelhança reforçada por uma testa estreita e um queixo recuado. Ele parecia perfeitamente adequado para o papel de leão de chácara num bordel. — Bem — hesitou ele, olhando de relance para madame Jeanne em busca de orientação, mas a proprietária viu o pequeno relógio laqueado no consolo da lareira e pôs-se de pé num salto com uma exclamação de choque.

— *Crottin!* — exclamou ela. — Tenho que ir! — E sem mais do que um ligeiro aceno em minha direção, saiu do aposento às pressas, deixando a mim e Bruno olhando para a porta, surpresos.

— Ah — disse ele, recompondo-se. — Tem razão, viria às dez horas. — Eram dez e quinze, pelo relógio laqueado. O que quer que viesse às dez, eu queria que esperasse.

— O Demônio — ajudei-o.

Como a maioria das pessoas, Bruno estava mais do que disposto a revelar os detalhes sangrentos, após uma hesitação *pro forma* em nome da suscetibilidade social.

O demônio de Edimburgo era — como eu deduzira da conversa até agora — um assassino. Como um precursor de Jack, o Estripador, especializava-se em mulheres de “vida fácil”, que matava com golpes de um instrumento de lâmina pesada. Em alguns casos, os corpos haviam sido esquartejados ou “revirados”, como Bruno disse, em voz baixa.

Os assassinatos — oito ao todo — ocorreram de tempos em tempos, nos últimos dois anos. Com uma exceção, as mulheres haviam sido mortas em seus próprios quartos; a maioria vivia sozinha — duas foram mortas em bordéis. Isso explicava a agitação de madame, pensei.

— Qual foi a exceção? — perguntei.

Bruno fez o sinal da cruz.

— Uma freira — murmurou ele, as palavras evidentemente ainda um choque para ele. — Uma freira francesa.

A religiosa, tendo aportado em Edimburgo com um grupo de freiras com destino a Londres, fora sequestrada nas docas, sem que nenhuma de suas companheiras notasse sua ausência na confusão. Quando foi descoberta em um dos becos de Edimburgo, já à noite, era tarde demais.

— Violentada? — perguntei, com interesse clínico.

Bruno olhou-me com grande desconfiança.

— Não sei — respondeu ele formalmente. Levantou-se pesadamente, os ombros simiescos arriados de fadiga. Imaginei que tivesse ficado de serviço a noite toda; devia ser hora de dormir agora. — Com sua licença, senhora — disse ele, com distante formalidade, e saiu.

Recostei-me no pequeno sofá de veludo, sentindo-me ligeiramente tonta. De certo modo, eu não imaginara que houvesse tal agitação em bordéis durante o dia.

De repente, ouvi golpes altos e bruscos na porta. Não pareciam batidas, mas era como se alguém estivesse realmente usando um martelo de cabeça de metal, exigindo ser admitido ao aposento. Levantei-me para atender ao chamado, mas sem outro aviso a porta foi escancarada e uma figura esbelta e altiva irrompeu no aposento, falando francês com um sotaque tão pronunciado e uma atitude tão furiosa que não pude entender quase nada do que dizia.

— Está procurando madame Jeanne? — consegui dizer, aproveitando uma pequena pausa quando ele parou para tomar fôlego antes de nova invectiva. O visitante era um homem jovem, de cerca de trinta anos, de compleição esbelta, extremamente bonito, com sobrancelhas e cabelos abundantes e negros. Fitou-me intensamente e, depois de olhar bem para mim, uma mudança extraordinária ocorreu em seu rosto. As sobrancelhas ergueram-se, os olhos negros esbugalharam-se e seu rosto ficou branco.

— Milady! — exclamou ele, atirando-se de joelhos, abraçando-me pelas pernas enquanto pressionava o rosto contra o algodão da combinação ao nível da minha virilha.

— Solte-me! — exclamei, empurrando seus ombros para que me soltasse.

— Eu não trabalho aqui. Solte-me, já disse!

— Milady! — repetia ele, extasiado. — Milady! Você voltou. Um milagre! Deus a mandou de volta!

Ergueu os olhos para mim, sorrindo, enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Possuía dentes perfeitos, largos e brancos. De repente, algo remexeu-se em minha lembrança, mostrando-me os contornos do rosto de um garoto sob o semblante audacioso do homem.

— Fergus! — disse. — Fergus, é você mesmo? Levante-se, pelo amor de Deus, deixe-me olhar para você!

Ele se levantou, mas não parou para que eu pudesse examiná-lo. Envolveu-me num abraço de quebrar as costelas e eu correspondi ao seu abraço, batendo em suas costas na empolgação de revê-lo. Ele era um menino de dez anos aproximadamente quando o vi pela última vez, pouco antes de Culloden. Agora, era um homem e a barba por fazer arranhava meu rosto.

— Pensei que estivesse vendo um fantasma! — exclamou ele. — É você realmente, então?

— Sim, sou eu — assegurei-lhe.

— Já viu milorde? — perguntou ele entusiasmado. — Ele sabe que está aqui?

— Sim.

— Ah! — Ele piscou e recuou meio passo, quando algo lhe ocorreu. — Mas... mas, e quanto... — Parou, obviamente confuso.

— Quanto a quê?

— Aí está você! O que em nome de Deus você está fazendo aqui em cima, Fergus? — A figura alta de Jamie assomou repentinamente no vão da porta. Seus olhos arregalaram-se ao me ver em minha combinação bordada. — Onde estão suas roupas? — perguntou ele. — Não importa — disse, abanando a mão com impaciência quando abri a boca para responder. — Não tenho tempo para isso agora. Venha, Fergus, há mais de cento e cinquenta galões de conhaque na viela e os guardas alfandegários estão nos meus calcanhares!

E com um retumbar de botas na escada de madeira, eles desapareceram, deixando-me sozinha outra vez.

Eu não sabia ao certo se devia me unir ao grupo no andar térreo ou não, mas a curiosidade venceu a discrição. Após uma rápida visita ao quarto de costura em busca de algo mais apropriado para vestir, desci as escadas, um grande xale parcialmente bordado com flores de malva envolvendo meus ombros.

Tivera apenas uma vaga noção do interior da casa na noite anterior, mas os barulhos da rua que se infiltravam pelas janelas deixavam claro qual era o lado que dava para a High Street. Presumi que a viela a que Jamie se referira devia ficar do lado oposto, mas não tinha certeza. As casas de Edimburgo eram em geral construídas com estranhas e pequenas alas e paredes sinuosas, para aproveitar qualquer centímetro de espaço livre.

Parei no largo patamar ao pé das escadas, procurando ouvir o barulho de barris sendo rolados para me guiar. Enquanto permanecia ali parada, senti uma repentina corrente de ar nos meus pés descalços e virei-me, deparando-me com um homem de pé no vão da porta que dava para a cozinha.

Pareceu tão surpreso quanto eu, mas depois de pestanejar em minha direção, sorriu e adiantou-se para me segurar pelo cotovelo.

— É um bom dia para você, minha cara. Eu não esperava encontrar nenhuma de vocês acordada por aí tão cedo pela manhã.

— Bem, sabe o que dizem sobre dormir cedo e acordar cedo — disse, tentando liberar meu cotovelo.

Ele riu, exibindo dentes ruins em um maxilar estreito.

— Não, o que dizem?

— Bem, é algo que dizem na América, pensando melhor — respondi, percebendo de repente que Benjamin Franklin, ainda que publicado atualmente, provavelmente não tinha muitos leitores em Edimburgo.

— Você é inteligente, doçura — disse ele, com um leve sorriso. — Ela a mandou aqui para baixo como chamariz, para desviar minha atenção, não foi?

— Não. Quem? — disse.

— Madame — disse ele, olhando à volta. — Onde está ela?

— Não faço a menor ideia — disse. — Solte-me!

Em vez de me soltar, ele apertou meu braço com mais força, enfiando os dedos desconfortavelmente nos músculos do meu antebraço. Inclinou-se para mais perto, sussurrando em meu ouvido com uma baforada de vapores malcheirosos de tabaco.

— Há uma recompensa, você sabe — murmurou ele confidencialmente. — Uma porcentagem do valor do contrabando apreendido. Ninguém precisaria ficar sabendo além de mim e você. — Deu uma pancadinha de leve embaixo do meu seio, fazendo o mamilo eriçar-se sob o algodão fino. — O que me diz, doçura?

Encarei-o fixamente. “Os guardas alfandegários estão nos meus calcanhares”, dissera Jamie. Portanto, este devia ser um deles; um funcionário da Coroa, encarregado da prevenção de contrabando e prisão de contrabandistas. O que Jamie dissera? “O pelourinho. Pregos nas orelhas. Açoitamento. Prisão. Exílio”, dissera ele, abanando a mão despreocupadamente, como se tais penalidades fossem equivalentes a uma multa de trânsito.

— De que você está falando? — disse, tentando parecer intrigada. — E pela última vez, solte-me! — Ele não devia estar sozinho, pensei. Quantos outros haveria pela casa?

— Sim, por favor, soltar — disse uma voz atrás de mim. Vi os olhos do guarda alfandegário arregalarem-se quando olhou por cima do meu ombro.

O sr. Willoughby estava no segundo degrau da escada numa amarfanhada roupa azul de seda, uma grande pistola segura com as duas mãos. Balançou a cabeça educadamente para o funcionário da alfândega.

— Não prostituta vil. Honrada esposa.

O funcionário da Coroa, visivelmente espantado com a repentina aparição de um chinês, olhava com cara de idiota de mim para o sr. Willoughby e de novo para mim.

— Esposa? — disse ele, incrédulo. — Está dizendo que ela é sua esposa?

O sr. Willoughby, obviamente entendendo apenas a palavra enfatizada, balançou a cabeça amavelmente.

— Esposa — repetiu ele. — Por favor, soltar. — Seus olhos eram apenas duas fendas injetadas de sangue e era evidente para mim, ainda que não para o guarda alfandegário, que seu sangue ainda continha uma grande dosagem de álcool.

O funcionário puxou-me para ele e olhou de cara feia para o sr. Willoughby.

— Agora, escute aqui — começou ele. Não pôde prosseguir, porque o sr.

Willoughby, evidentemente presumindo que já dera um bom aviso, ergueu a pistola e puxou o gatilho.

Ouviu-se um grande estalo e um grito agudo ainda mais alto, que deve ter sido meu, e o patamar encheu-se com uma nuvem de fumaça cinza de pólvora. O funcionário recuou cambaleando, batendo contra os lambris da parede, um olhar de imenso espanto no rosto e uma crescente roseta de sangue no peito do casaco.

Num ato reflexo, dei um salto para a frente e agarrei o homem por baixo dos braços, amparando-o e deitando-o sobre as tábuas do assoalho do patamar das escadas. Ouviu-se um alvoroço de comoção acima, conforme as moradoras da casa aglomeravam-se, todas falando e exclamando ao mesmo tempo, no patamar superior, atraídas pelo tiro. Passadas apressadas subiam pelas escadas inferiores, dois degraus de cada vez.

Fergus irrompeu pelo que deveria ser a porta da adega, uma pistola na mão.

— Milady — disse ele ofegante, vendo-me sentada no canto com o corpo do funcionário espalhado em meu colo. — O que você fez?

— Eu? — perguntei, indignada. — Eu não fiz nada, foi o mascote chinês do Jamie. — Fiz um breve sinal com a cabeça na direção das escadas, onde o sr. Willoughby, a pistola largada a seus pés, sentara-se no degrau e agora observava a cena abaixo com um olhar benevolente e injetado.

Fergus disse algo em francês que era coloquial demais para ser traduzido, mas que soou altamente desabonador para o sr. Willoughby. Atravessou o patamar com duas largas passadas e estendeu a mão para segurar o ombro do pequeno chinês — ou assim eu imaginei, até ver que o braço que ele estendia não terminava em uma mão, mas em um gancho de reluzente metal escuro.

— Fergus! — Fiquei tão chocada diante daquela visão que interrompi minhas tentativas de estancar o sangue do ferimento do guarda alfandegário com meu xale. — O que... o que... — dizia incoerentemente.

— O quê? — disse ele, olhando para mim. Então, seguindo a direção do meu olhar, disse: — Ah, isso — e deu de ombros. — O inglês. Não se preocupe com isso, milady, não temos tempo. Você, *canaille*, desça daí! — Com um safanão, puxou o sr. Willoughby das escadas, arrastou-o para a porta da adega e enfiou-o por ela sem nenhuma preocupação com segurança. Pude

ouvir uma série de baques surdos, sugerindo que o chinês estava rolando escada abaixo, suas habilidades acrobáticas o tendo desertado temporariamente, mas não tive tempo de me preocupar com isso.

Fergus agachou-se a meu lado e ergueu a cabeça do funcionário da Coroa pelos cabelos.

— Quantos homens estão com você? — perguntou ele. — Diga-me depressa, *cochon*, ou eu corto sua garganta!

Pelos sinais evidentes, essa era uma ameaça supérflua. Os olhos do homem já estavam ficando vidrados. Com esforço considerável, os cantos de sua boca abriram-se num sorriso.

— Vejo... você... no... inferno — murmurou ele, e com uma última convulsão que fixou o sorriso num hediondo ricto em seu rosto, ele cuspiu uma surpreendente quantidade de sangue vermelho vivo e espumante, e morreu no meu colo.

Mais pés subiam as escadas a toda velocidade. Jamie irrompeu pela porta da adega e mal conseguiu parar antes de pisar nas pernas abandonadas do funcionário morto. Seus olhos viajaram por toda a extensão do corpo e pousaram em meu rosto com horrorizada surpresa.

— O que você fez, Sassenach? — perguntou ele.

— Não ela, o verme amarelo — explicou Fergus, poupando-me o trabalho. Enfiou a pistola no cinto e ofereceu-me sua mão verdadeira. — Venha, milady, tem que ir para baixo!

Jamie impediu-o, inclinando-se sobre mim, enquanto sacudia a cabeça fazendo um sinal em direção ao saguão de entrada.

— Eu dou um jeito aqui — disse ele. — Guarde a entrada, Fergus. O sinal de sempre e mantenha a pistola escondida, a menos que seja necessário.

Fergus assentiu e desapareceu imediatamente pela porta que dava para o corredor.

Jamie conseguiu enrolar o corpo desajeitadamente no xale; tirou-o de cima de mim e eu me levantei cambaleando, muito aliviada por estar livre do morto, apesar do sangue e de outras substâncias desagradáveis que empapavam a frente da minha combinação.

— Oh! Acho que ele está morto. — Uma voz apavorada flutuou do andar superior e eu ergui os olhos, deparando-me com uma dúzia de prostitutas

espreitando como anjinhos lá de cima.

— Voltem já para seus quartos! — ordenou Jamie. Ouviu-se um coro de gritinhos assustados e elas se espalharam como pombos.

Jamie olhou ao redor do patamar em busca de vestígios do incidente, mas felizmente não havia nenhum — o xale e eu havíamos segurado tudo.

— Venha — disse ele.

As escadas estavam na penumbra e a adega embaixo escura como breu. Parei ao pé da escada, à espera de Jamie. O funcionário não era um homem de complexão delgada e Jamie ofegava quando me alcançou.

— Para o outro lado — disse ele, arquejante. — Uma parede falsa. Segure meu braço.

Com a porta acima fechada, eu não conseguia ver absolutamente nada; felizmente, Jamie parecia se orientar por radar. Conduziu-me sem maiores dificuldades em meio a grandes objetos nos quais eu tropeçava ao passar, e finalmente parou. Eu podia sentir o cheiro de pedras úmidas e, estendendo a mão, senti uma parede áspera diante de mim.

Jamie disse algo em gaélico, em voz alta. Aparentemente, era o equivalente céltico a “Abre-te, Sésamo” porque houve um breve silêncio, depois um rangido, e uma fraca linha de luz surgiu na escuridão à minha frente. A linha alargou-se em uma fresta e uma parte da parede girou para fora, revelando uma pequena entrada, com caixilhos de madeira, sobre a qual pedras cortadas estavam montadas para fazê-la parecer parte da parede.

A adega oculta era um grande salão, tinha pelo menos vinte e cinco metros de comprimento. Várias figuras circulavam em seu interior e o ar estava impregnado de cheiro de conhaque. Jamie largou o corpo sem nenhuma cerimônia em um canto, depois se virou para mim.

— Santo Deus, Sassenach, você está bem? — A adega parecia iluminada por velas, salpicadas aqui e ali na penumbra. Eu mal podia ver seu rosto, a pele distendida pelos ossos da face.

— Estou com um pouco de frio — disse, tentando não deixar meus dentes baterem. — Minha combinação está encharcada de sangue. Fora isso, estou bem. Eu acho.

— Jeanne! — Ele virou-se e gritou para o outro extremo da adega e uma das figuras veio em nossa direção, revelando-se uma senhora extremamente

preocupada. Ele explicou a situação em poucas palavras, fazendo a expressão preocupada tornar-se consideravelmente mais alarmada.

— *Horreur!* — disse ela. — Assassinado? No meu estabelecimento? Com testemunhas?

— Sim, receio que sim. — A voz de Jamie soou calma. — Darei um jeito. Mas, enquanto isso, você deve subir. Talvez ele não estivesse sozinho. Você saberá o que fazer.

Sua voz revelava um tom de calma segurança e ele apertou seu braço. O toque de sua mão pareceu acalmá-la — eu esperava que essa fosse a razão do seu gesto —, e ela virou-se para ir embora.

— Ah, e Jeanne — disse Jamie às suas costas. — Quando voltar, pode trazer algumas roupas para a minha mulher? Se o vestido dela não estiver pronto, acho que o tamanho de Daphne serve.

— Roupas? — Madame Jeanne estreitou os olhos para as sombras onde eu me encontrava. Para ajudá-la, dei um passo em direção à luz, exibindo o resultado do meu encontro com o coletor de impostos.

Madame Jeanne piscou uma ou duas vezes, benzeu-se e virou-se sem dizer nenhuma palavra, desaparecendo através da porta oculta, que girou e fechou-se atrás dela com uma pancada surda.

Eu começava a tremer, tanto em reação aos acontecimentos quanto de frio. Embora acostumada a emergências, sangue e até mesmo morte repentina, os eventos da manhã haviam sido mais do que um pouco perturbadores. Era como uma noite de sábado ruim na sala de emergência do hospital.

— Venha comigo, Sassenach — disse Jamie, colocando a mão delicadamente nas minhas costas. — Vou arranjar-lhe um banho. — O toque de sua mão funcionou em mim do mesmo modo que em madame Jeanne; senti-me instantaneamente melhor, embora ainda apreensiva.

— Banho? De quê? Conhaque?

Ele deu uma breve risada.

— Não, água. Posso lhe oferecer um banho, mas receio que esteja frio.

Estava extremamente frio.

— De on-onde v-vem esta água? — perguntei, tremendo. — De uma geleira? — A água jorrava de um cano embutido na parede, normalmente

vedado com tiras de pano de aspecto sujo, enroladas em volta de um pedaço de madeira que servia de rolha.

Retirei a mão do jato de água gelada e limpei-a na minha combinação, que já estava num estado deplorável demais para fazer alguma diferença. Jamie sacudiu a cabeça enquanto manobrava a grande tina de madeira para mais perto do esguicho.

— Do telhado — respondeu ele. — Há uma cisterna de águas da chuva lá em cima. A calha corre pela lateral do prédio e o cano da cisterna está escondido dentro dela. — Ele parecia absurdamente orgulhoso de si mesmo e eu ri.

— Muito engenhoso — disse. — Para que você usa a água?

— Para cortar a bebida — explicou ele. Indicou o outro extremo do porão, onde as figuras turvas trabalhavam com notável afinco entre uma enorme quantidade de barris e tinas. — Ela chega com um teor alcoólico muito alto. Aqui, misturamos com água pura e envasamos em barris outra vez para vender para as tabernas.

Ele enfiou o rústico tampão de volta no cano e inclinou-se para puxar a enorme tina pelo assoalho de pedra.

— Bem, vamos tirar isso do caminho; eles vão precisar da água.

Um dos homens estava de fato aguardando com um pequeno barril nos braços; com apenas um rápido olhar curioso em minha direção, ele cumprimentou Jamie com um breve sinal da cabeça e enfiou o barril sob o jorro de água.

Atrás de uma cortina improvisada às pressas de barris vazios, espreitei as profundezas da banheira provisória com desconfiança. Uma única vela queimava numa poça de cera ali perto, refletindo-se na superfície da água e fazendo-a parecer negra e abismal. Despi-me, tremendo violentamente, pensando que renunciar aos confortos de água quente e encanamentos modernos me pareceu muito mais fácil quando estavam à mão.

Jamie remexeu em sua manga e retirou um grande lenço, que examinou com ar de dúvida.

— Sim, bem, acho que está mais limpo do que sua combinação — disse ele, encolhendo os ombros. Entregou-me o lenço, depois se desculpou porque precisava supervisionar as operações no outro lado do porão.

A água estava gelada, assim como a adega, e enquanto eu cuidadosamente me lavava com a esponja improvisada, os gélidos fios de água que escorriam pelo meu estômago e minhas coxas provocavam pequenos acessos de tremores.

Pensamentos sobre o que poderia estar acontecendo em cima não ajudavam a acalmar meus sentimentos de enregelada aflição. Aparentemente, estávamos a salvo por enquanto, desde que a falsa adega enganasse qualquer busca dos guardas alfandegários. Entretanto, se a parede não conseguisse nos esconder, nossa posição era insustentável. Não parecia haver nenhuma saída daquele porão, além da porta na parede falsa — e se essa parede fosse violada, nós não só seríamos pegos em flagrante na posse de uma grande quantidade de conhaque contrabandeado, como em poder do corpo de um funcionário do rei, assassinado.

Certamente, o desaparecimento desse funcionário iria provocar uma intensa busca. Eu tinha visões de homens vasculhando o bordel, interrogando e ameaçando as mulheres, fornecendo descrições completas de mim, de Jamie e do sr. Willoughby, bem como de vários relatos de testemunhas do crime. Involuntariamente, olhei para a outra extremidade do salão, onde o morto jazia sob sua mortalha manchada de sangue, coberta de flores de malva cor-de-rosa e amarelas. O chinês não era visto em lugar algum, tendo, ao que tudo indicava, desmaiado atrás de galões de conhaque.

— Tome, Sassenach. Beba isto; seus dentes estão batendo tanto que é capaz de morder a língua. — Jamie reapareceu no meu esconderijo como um cão são-bernardo, trazendo um pequeno barril de conhaque.

— O-obrigada. — Tive que largar o lenço com que estava me lavando e usar as duas mãos para firmar o copo de madeira para que não batesse contra meus dentes, mas o conhaque ajudou; caiu como um carvão em brasa no fundo do meu estômago e enviou pequenas espirais de calor pelas minhas extremidades congeladas enquanto eu bebia em pequenos goles. — Ah, meu Deus, assim é bem melhor — disse, parando o suficiente para recobrar o fôlego. — Esta é a versão sem mistura?

— Não, ela provavelmente a mataria. Mas é talvez um pouco mais forte do que a que vendemos. Termine e vista alguma coisa; depois pode tomar mais um pouco. — Jamie pegou o copo de minha mão e me devolveu o lenço

que servia de pano de lavar. Enquanto eu terminava apressadamente minhas geladas abluções, observei-o pelo canto do olho. Ele franzia a testa enquanto me olhava, obviamente absorto em pensamentos. Eu imaginara que sua vida era complicada; não me passara despercebido que a minha presença indubitavelmente a complicava ainda mais. Daria tudo para saber o que ele estava pensando.

— Em que está pensando, Jamie? — perguntei, observando-o de soslaio enquanto limpava as últimas manchas de minhas coxas. A água girava em torno das minhas pernas, agitada pelos meus movimentos, e a luz da vela iluminava as ondas com cintilações, como se o sangue escuro que eu lavara do meu corpo agora brilhasse novamente, vivo e vermelho na água.

O ar de preocupação desapareceu momentaneamente quando seus olhos se desanuviam e se focalizaram em meu rosto.

— Estou pensando que você é muito bonita, Sassenach — disse ele de forma carinhosa.

— Talvez para quem goste de pele arrepiada — disse sarcasticamente, saindo da tina e estendendo a mão para o copo.

Ele riu subitamente para mim, os dentes brancos cintilando na semiescuridão da adega.

— Ah, sim — disse ele. — Bem, você está falando com o único homem na Escócia que tem um terrível tesão à vista de uma galinha depenada.

Eu tossi e quase engasguei com o conhaque, meio histérica de tensão e terror.

Jamie rapidamente tirou o casaco e envolveu-me com ele, abraçando-me bem junto ao corpo, enquanto eu tremia, tossia e arfava.

— Fica difícil passar por um vendedor de aves e continuar decente — murmurou ele no meu ouvido, esfregando minhas costas energicamente através do tecido. — Fique tranquila, Sassenach, fique tranquila. Tudo vai dar certo.

Agarrei-me a ele, tremendo.

— Desculpe-me — eu disse. — Estou bem. Mas foi culpa minha. O sr. Willoughby atirou no guarda alfandegário porque achou que ele estava me fazendo propostas indecentes.

Jamie deu um muxoxo.

— Isso não faz com que você seja culpada, Sassenach — disse ele secamente. — E se quer saber, também não é a primeira vez que o chinês comete alguma tolice. Quando está bêbado, faz qualquer coisa, por mais louca que seja.

De repente, a expressão de Jamie mudou, quando ele percebeu o que eu havia dito. Olhou-me fixamente, os olhos arregalados.

— Você disse “guarda alfandegário”, Sassenach?

— Sim, por quê?

Ele não respondeu, mas soltou meus ombros e girou nos calcanhares, apoderando-se da vela que estava sobre um tonel ao passar. Em vez de ficar sozinha no escuro, eu o segui até o canto onde o cadáver jazia sob o xale.

— Segure isto. — Jamie enfiou a vela sem nenhuma cerimônia em minha mão e ajoelhou-se ao lado da figura envolta na mortalha, afastando o tecido manchado que cobria seu rosto.

Eu já vira muitos corpos sem vida; a visão não era nenhum choque, mas ainda assim não era agradável. Os olhos haviam se revirado para cima sob as pálpebras semicerradas, o que só piorava o aspecto fantasmagórico. Jamie franziu o cenho diante do rosto do morto, o maxilar frouxo e cor de cera à luz da vela, e murmurou algo baixinho.

— O que foi? — perguntei. Pensei que jamais me sentiria aquecida outra vez, mas o casaco de Jamie não só era grosso e bem-feito, como guardava os resquícios de seu próprio e considerável calor corporal. Eu ainda sentia frio, mas parara de tremer.

— Ele não é um guarda alfandegário — disse Jamie, ainda de cenho franzido. — Conheço todos da guarda montada do distrito, bem como todos os superintendentes. Mas nunca vi este sujeito. — Com certa repugnância, ele virou a aba do casaco encharcado de sangue e tateou em seu interior.

Vasculhou com cuidado, porém minuciosamente, a parte interna da roupa do sujeito, finalmente retirando de lá um pequeno canivete e um livrinho encadernado em papel vermelho.

— Novo Testamento — li, com espanto.

Jamie balançou a cabeça, erguendo os olhos para mim com uma das sobrancelhas arqueadas.

— Guarda alfandegário ou não, parece algo estranho de se trazer para

uma casa de prostituição. — Limpou o livrinho no xale, depois colocou as dobras do tecido delicadamente de volta sobre o rosto do defunto e levantou-se, sacudindo a cabeça. — Só havia isso em seus bolsos. Qualquer inspetor da alfândega ou guarda alfandegário tem que carregar sua licença o tempo todo, caso contrário ele não tem nenhuma autoridade para realizar uma busca nas dependências ou confiscar mercadorias. — Olhou para cima, as sobancelhas erguidas. — Por que você achou que ele era um guarda alfandegário?

Abracei as dobras do casaco de Jamie ao redor do meu corpo, tentando me lembrar do que o homem me dissera no patamar.

— Ele me perguntou se eu era um chamariz e onde estava a madame. Depois, disse que havia uma recompensa, uma porcentagem do contrabando confiscado, e que ninguém ficaria sabendo, a não ser ele e eu. E você disse que havia guardas alfandegários em seu calção — acrescentei. — Assim, naturalmente, eu pensei que ele fosse um deles. Então, o sr. Willoughby apareceu e as coisas degringolaram.

Jamie balançou a cabeça, ainda parecendo intrigado.

— Sim, bem. Não faço a menor ideia de quem ele seja, mas é uma boa coisa que ele não seja um guarda alfandegário. No começo, achei que alguma coisa dera errado, mas acho que está tudo bem.

— Errado?

Ele esboçou um sorriso.

— Tenho um acordo com o superintendente da alfândega do distrito, Sassenach.

Fiquei boquiaberta.

— Um acordo?

Ele encolheu os ombros.

— Bem, suborno, então, se quiser falar claro. — Pareceu ligeiramente irritado.

— Com certeza esse é o procedimento padrão nos negócios, não? — eu disse, tentando agir com tato. Um dos cantos de sua boca contorceu-se ligeiramente.

— Sim, é. Bem, de qualquer modo há um acordo entre mim e sir Percival Turner, e descobrir que ele está enviando guardas alfandegários a este lugar

me preocuparia consideravelmente.

— Muito bem — eu disse devagar, analisando mentalmente todos os acontecimentos inexplicáveis da manhã e tentando estabelecer um padrão. — Mas, nesse caso, o que pretendia ao dizer a Fergus que os guardas estavam em seus calcanhares? E por que todo mundo está correndo de um lado para o outro, como galinhas sem cabeça?

— Ah, isso. — Sorriu ligeiramente e segurou meu braço, afastando-me do cadáver aos nossos pés. — Bem, é um acordo, como eu disse. E parte dele é que sir Percival tem que satisfazer seus próprios chefes em Londres, confiscando quantidades suficientes de contrabando de vez em quando. Então, providenciamos para que ele tenha a oportunidade. Wally e os rapazes trouxeram duas cargas de carroça do litoral; uma do melhor conhaque e a outra cheia de barris imprestáveis e de vinho estragado, rematado com alguns galões de aguardente de má qualidade, só para dar um sabor. — Eu os encontrei na entrada da cidade hoje de manhã, como planejado, e então trouxemos as carroças, tomando cuidado para chamar a atenção da polícia montada, que por acaso estava passando com um pequeno número de dragões. Eles nos acompanharam e nós os conduzimos por uma alegre caçada pelas vielas, até o momento em que eu e os barris bons nos separássemos de Wally e sua carga de bebida de má qualidade. Nesse momento, Wally pulou de sua carroça e fugiu, e eu dirigi como um louco até aqui, com dois ou três dragões me seguindo, só para constar. Fica bem num relatório, sabe. — Riu para mim, citando o relatório: “Os contrabandistas escaparam, apesar da perseguição implacável, mas os valorosos soldados de Sua Majestade conseguiram capturar uma carroça inteira com sua carga de bebidas, no valor de sessenta libras e dez xelins.” Esse tipo de coisa, sabe?

— Acho que sim — eu disse. — Então era você, com a bebida boa, que estava chegando às dez horas? Madame Jeanne disse...

— Sim — disse ele, franzindo o cenho. — Ela devia estar com a porta da adega aberta e a rampa no lugar às dez em ponto. Não temos muito tempo para descarregar tudo. Ela se atrasou muito nesta manhã; tive que dar duas voltas para não trazer os soldados direto à porta.

— Ela estava um pouco perturbada — eu disse, lembrando-me de repente do Demônio. Contei a Jamie sobre o assassinato na Green Owl e ele fez uma

careta, persignando-se.

— Pobre garota — disse ele.

Estremeci à lembrança da descrição de Bruno e aproximei-me mais de Jamie, que passou o braço pelos meus ombros. Beijou-me distraidamente na testa, olhando de novo para a figura coberta com o xale no chão.

— Bem, quem quer que seja, se não era um guarda alfandegário, provavelmente não há outros como ele no andar de cima. Logo sairemos daqui.

— Ótimo. — O casaco de Jamie me cobria até os joelhos, mas eu sentia os olhares dissimulados, lançados da outra extremidade da adega às minhas pernas expostas, e estava desconfortavelmente consciente de que estava nua por baixo do casaco. — Nós vamos voltar à gráfica? — Afinal, eu não queria me aproveitar da hospitalidade de madame Jeanne mais do que o necessário.

— Talvez por enquanto. Vou ter que pensar. — O tom de voz de Jamie era distraído e pude ver que sua testa estava franzida em concentração. Com um rápido abraço, soltou-me e começou a andar pela adega, fitando pensativamente as pedras sob seus pés.

— Hã... o que você fez com Ian?

Ele ergueu os olhos, parecendo não compreender; depois, seu rosto desanuviou-se.

— Ah, Ian. Eu o deixei fazendo perguntas nas tabernas de Market Cross. Não posso me esquecer de encontrá-lo mais tarde — murmurou ele, como se fizesse uma anotação para si mesmo.

— Por falar nisso, encontrei o Jovem Ian — disse, em tom de conversa.

Jamie pareceu surpreso.

— Ele veio aqui?

— Veio. À sua procura. Na verdade, cerca de quinze minutos depois que você saiu.

— Graças a Deus pelas pequenas dádivas! — Passou a mão pelos cabelos, parecendo simultaneamente achar graça e ficar preocupado. — Ia ser o diabo explicar para Ian o que seu filho estava fazendo aqui.

— Você sabe o que ele estava fazendo aqui? — perguntei, curiosa.

— Não, não sei! Ele deveria estar... ah, bem, deixe pra lá. Não posso me preocupar com isso no momento. — Mergulhou outra vez em seus

pensamentos, emergindo por um momento para perguntar: — O Jovem Ian disse para onde ia quando saiu daqui?

Sacudi a cabeça, apertando mais o casaco junto ao corpo, e ele balançou a cabeça, suspirou e retomou seus passos lentos de um lado para outro.

Sentei-me num barril emborcado e fiquei observando-o. Apesar do ambiente geral de desconforto e perigo, eu me sentia absurdamente feliz só por estar perto dele. Percebendo que eu pouco poderia fazer para melhorar a situação no momento, acomodei-me com o casaco enrolado ao meu redor e abandonei-me ao prazer momentâneo de observá-lo — algo que não tivera chance de fazer no tumulto dos acontecimentos.

Apesar de sua preocupação, ele se movia com a graciosidade segura de um espadachim, um homem tão consciente de seu corpo a ponto de ser capaz de esquecê-lo por completo. Os homens que estavam junto aos tonéis trabalhavam à luz de tochas; ela cintilou em seus cabelos quando ele se virou, iluminando-o como o pelo de um tigre, com listas douradas e escuras.

Percebi a ligeira contração de dois dedos de sua mão direita contra o tecido de suas calças e senti uma estranha sensação de reconhecimento no gesto. Eu o vira fazer isso milhares de vezes quando estava pensando e ver aquele trejeito novamente me fez sentir como se todo o tempo que passamos separados não tivesse sido mais do que o espaço de tempo entre o nascer e o pôr do sol de um único dia.

Como se percebesse meu pensamento, ele interrompeu sua caminhada e sorriu para mim.

— Está bem aquecida, Sassenach? — perguntou ele.

— Não, mas não tem importância. — Saí do meu barril e fui juntar-me a ele em suas peregrinações, enfiando a mão pelo seu braço. — Está fazendo progressos no que está pensando?

Ele riu melancolicamente.

— Não. Estou pensando em meia dúzia de coisas ao mesmo tempo e, em relação à metade delas, não há nada que eu possa fazer. Como, por exemplo, se o Jovem Ian está onde deve estar.

Olhei para ele, surpresa.

— Onde deveria estar? Onde você acha que ele deveria estar?

— Ele deveria estar na gráfica — disse Jamie com alguma ênfase. — Mas

ele deveria estar com Wally hoje de manhã, e não estava.

— Com Wally? Quer dizer, você sabia que ele não estava em casa, quando o pai dele veio procurá-lo hoje de manhã?

Ele esfregou o nariz com um dedo, ao mesmo tempo irritado e achando engraçado.

— Ah, sabia. Mas eu tinha prometido ao Jovem Ian que não diria nada a seu pai, enquanto ele mesmo não tivesse a chance de se explicar. Não que uma explicação deva salvar seu traseiro — acrescentou ele.

O Jovem Ian havia, como seu pai dissera, vindo ao encontro de seu tio em Edimburgo sem se dar ao trabalho preliminar de pedir licença a seus pais. Jamie logo descobrira sua fuga, mas não quis mandar seu sobrinho de volta sozinho para Lallybroch e ainda não tivera tempo de escoltá-lo pessoalmente.

— Não que ele não possa tomar conta de si mesmo — explicou Jamie, o humor vencendo a luta de expressões em seu rosto. — É um garoto muito capaz. É que... bem, você sabe como algumas coisas simplesmente acontecem à volta de certas pessoas sem que elas pareçam ter nada a ver com isso?

— Agora que você mencionou, sim — eu disse, ironicamente. — Eu sou uma delas.

Ele deu uma sonora risada.

— Meu Deus, tem razão, Sassenach. Talvez seja por isso que eu goste tanto do Jovem Ian. Ele me lembra você.

— Ele me lembrou um pouco você — disse.

Jamie fez um pequeno muxoxo.

— Santo Deus, Jenny vai me estropiar se ouvir dizer que seu filho caçula andou flanando por uma casa de má fama. Espero que o danadinho tenha o bom senso de manter a boca fechada quando chegar em casa.

— Espero que ele chegue em casa — disse, pensando no desajeitado garoto de quase quinze anos que eu vira naquela manhã, perdido numa Edimburgo cheia de prostitutas, guardas alfandegários, contrabandistas e demônios brandindo machadinhas. — Ao menos, ele não é uma garota — acrescentei, pensando neste último item. — O Demônio não parece ter uma queda por garotos.

— Sim, bem, há muitos outros que têm — disse Jamie amargamente. —

Com o Jovem Ian e você, Sassenach, terei sorte se meus cabelos não ficarem brancos até nós sairmos desta maldita adega.

— Eu? — exclamei, surpresa. — Não precisa se preocupar comigo.

— Ah, não? — Largou meu braço e começou a circular à minha volta, olhando-me fixamente. — Não preciso me preocupar com você? Foi isso que disse? Santo Deus! Eu a deixo com toda a segurança na cama à espera do desjejum e, uma hora depois, eu a encontro embaixo, de combinação, segurando um morto no colo! E agora está diante de mim pelada como um ovo, com quinze homens do outro lado imaginando quem é você... e como acha que vou explicá-la pra eles, Sassenach? Diga-me, sim? — Passou a mão bruscamente pelos cabelos, exasperado. — Santa Mãe de Deus! E eu tenho que subir a costa dentro de dois dias sem falta, mas não posso deixá-la em Edimburgo, não com demônios se esgueirando por aí com machadinhas e metade das pessoas que a viram achando que você é uma prostituta, e... e... — O laço que prendia seu rabo de cavalo soltou-se sob a pressão e seus cabelos espalharam-se em torno da cabeça como uma juba de leão. Desatei a rir. Fitou-me por mais um instante, mas depois um riso relutante lentamente tomou o lugar da carranca de preocupação. — Sim, bem — disse ele, resignado. — Acho que darei um jeito.

— Acho que sim — disse, ficando na ponta dos pés para ajeitar seus cabelos para trás das orelhas. Segundo o mesmo princípio que faz com que ímãs de polaridades opostas se unam instantaneamente quando colocados em grande proximidade, ele inclinou a cabeça e beijou-me.

— Eu havia me esquecido — disse ele pouco depois.

— Esquecido o quê? — Suas costas estavam quentes através da camisa fina.

— Tudo. — Falou brandamente, a boca nos meus cabelos. — Alegria. Medo. Principalmente, medo. — Ergueu a mão e afastou meus cachos do seu nariz. — Não sinto medo há muito tempo, Sassenach — sussurrou ele. — Mas agora acho que estou sentindo. Porque agora eu tenho algo a perder.

Afastei-me um pouco para fitá-lo. Seus braços estavam presos em torno da minha cintura, os olhos escuros como águas profundas na penumbra. Então, a expressão de seu rosto mudou e ele beijou-me rápido na testa.

— Venha comigo, Sassenach — disse ele, segurando-me pelo braço. —

Direi aos homens que você é minha mulher. O resto vai ter que esperar.

O vestido era um pouco mais decotado do que o necessário e um pouco justo no peito, mas no conjunto não caía mal.

— E como você sabia que o tamanho de Daphne serviria para mim? — perguntei, mexendo a minha sopa.

— Eu disse que não durmo com as garotas — respondeu Jamie de maneira circunspecta. — Nunca disse que não olho para elas. — Ele pestanejou para mim como uma grande coruja vermelha, algum tique congênito tornava-o incapaz de fechar um único olho numa piscadela, e eu ri. — Mas este vestido cai muito melhor em você do que na Daphne. — Ele lançou um olhar de aprovação geral ao meu peito e acenou para uma das criadas que passava com uma travessa de pãozinhos quentes.

A taberna Moubray's oferecia um farto serviço de jantar. Diferente do ambiente enfumaçado encontrado na World's End e outros estabelecimentos semelhantes, onde as pessoas iam principalmente para beber, a Moubray's era um lugar amplo e elegante, com uma escada externa que levava ao segundo andar, onde um confortável salão de jantar saciava o apetite dos prósperos comerciantes e altos funcionários públicos de Edimburgo.

— Quem você é no momento? — perguntei. — Eu ouvi madame Jeanne chamá-lo de “*monsieur Fraser*”, mas você é Fraser em público?

Ele meneou a cabeça e partiu um pãozinho dentro de sua tigela de sopa.

— Não, no momento sou Sawney Malcolm, impressor e editor.

— Sawney? É o apelido de Alexander, não é? Eu imaginaria que “Sandy” seria mais adequado, especialmente se considerarmos sua cor. — Não que os cabelos dele fossem cor de areia, absolutamente, refleti, olhando para eles. Eram como os cabelos de Bree... muito cheios, levemente ondulados e em todos os tons de vermelho e dourado; cobre e canela, castanho e âmbar; vermelho, ruão e ruivo, tudo misturado.

Senti uma onda de saudades de Bree; ao mesmo tempo, ansiava para desfazer a trança formal dos cabelos de Jamie e correr as mãos por dentro

deles, sentir a curva sólida de seu crânio e os fios macios emaranhados em meus dedos. Ainda podia senti-los pinicando meu peito, soltos e espalhados pelos meus seios à luz da manhã.

Um pouco sem ar, abaixei a cabeça para meu ensopado de ostras. Jamie não parecia ter notado; acrescentou uma boa porção de manteiga à sua tigela, sacudindo a cabeça.

— Sawney é como dizem nas Terras Altas — informou ele. — E nas Ilhas, também. Sandy é mais provável de ser ouvido nas Terras Baixas... ou de uma Sassenach ignorante. — Ergueu uma das sobrancelhas para mim, sorrindo, e levou uma colher cheia do ensopado aromático e saboroso à boca.

— Tudo bem — disse. — Mas sendo mais direta... quem sou eu?

Ele notara, afinal. Senti um pé pesado afagar o meu e ele sorriu para mim por cima da borda de seu copo.

— Você é minha mulher, Sassenach — disse ele com a voz rouca. — Sempre. Não importa quem eu seja, você é minha mulher.

Pude sentir a onda de prazer subir às minhas faces e ver as lembranças da noite anterior refletirem-se em seu rosto. As pontas de suas orelhas ficaram levemente rosadas.

— Não acha que este ensopado está apimentado demais? — perguntei, engolindo outra colherada. — Tem certeza, Jamie?

— Sim — disse ele. — Sim, tenho certeza — consertou. — E não, a pimenta está no ponto. Gosto de um pouco de pimenta. — O pé moveu-se ligeiramente contra o meu, a ponta de seu sapato tocando de leve meu tornozelo.

— Então, sou a sra. Malcolm — disse, experimentando a pronúncia do nome. O simples fato de dizer “senhora” causou-me um prazer absurdo, como uma recém-casada. Involuntariamente, abaixei o olhar para a aliança de prata em minha mão direita.

Jamie percebeu o olhar e ergueu seu copo para mim.

— À sra. Malcolm — disse ele ternamente, e a sensação de falta de ar retornou.

Ele pousou o copo na mesa e segurou minha mão; a dele era tão grande e tão quente que uma sensação geral de calor irradiante espalhou-se rapidamente pelos meus dedos. Eu podia sentir a aliança de prata, separada de

minha pele, o metal aquecido pelo toque de sua mão.

— Para amar e proteger — disse ele, sorrindo.

— De hoje em diante — disse, sem me importar nem um pouco por estarmos atraindo olhares curiosos dos outros comensais.

Jamie inclinou a cabeça e pressionou os lábios em minha mão, um gesto que transformou os olhares furtivos em francamente ostensivos. Um sacerdote estava sentado do outro lado do salão; ele fitou-nos e disse alguma coisa a seus companheiros, que se viraram para nos olhar. Um era um homenzinho idoso; o outro, constatei com surpresa, era o sr. Wallace, meu companheiro de viagem no coche de Inverness.

— Há salas reservadas lá em cima — murmurou Jamie, os olhos azuis dançando nos nós dos meus dedos, e eu perdi o interesse no sr. Wallace.

— Que interessante — disse. — Você não terminou seu ensopado.

— Dane-se o ensopado.

— Ali vem a garçonete com a cerveja.

— Que o diabo a carregue. — Dentes brancos e afiados fecharam-se delicadamente sobre o nó do meu dedo, fazendo-me dar um pequeno salto em meu banco.

— As pessoas estão olhando.

— Deixe que olhem, vão ganhar o dia.

Passou a língua delicadamente entre meus dedos.

— Um homem de casaco verde está vindo em nossa direção.

— Para o inferno — começou Jamie, quando a sombra do visitante recaiu sobre a mesa.

— Bom dia, sr. Malcolm — disse o visitante, inclinando-se educadamente numa reverência. — Espero não estar interrompendo.

— Está, sim — disse Jamie, endireitando-se, mas continuando a segurar minha mão. Dirigiu um olhar frio ao visitante. — Acho que não o conheço.

O cavalheiro, um inglês de uns trinta e cinco anos, discretamente vestido, fez uma nova saudação, sem se deixar intimidar por aquela declarada falta de hospitalidade.

— Ainda não tive o prazer de conhecê-lo, senhor — disse ele respeitosamente. — Meu chefe, entretanto, pediu-me que o cumprimentasse e averiguasse se o senhor... e sua companheira... lhe dariam o prazer de tomar

um vinho em sua companhia.

A pequena pausa antes da palavra “companheira” fora quase imperceptível, mas Jamie registrou-a. Seus olhos estreitaram-se.

— Minha esposa e eu — disse ele, com exatamente a mesma pausa antes da palavra “esposa” — estamos ocupados no momento. Se seu chefe quiser falar comigo...

— Foi sir Percival Turner quem me mandou aqui, senhor — informou rapidamente o secretário, pois esse devia ser seu cargo. Apesar de bem-educado, não pôde resistir a um ínfimo movimento de uma das sobrancelhas, como alguém que usa um nome para impressionar.

— De fato — disse Jamie secamente. — Bem, com todo o respeito a sir Percival, estou ocupado no momento. Poderia lhe transmitir minhas desculpas? — Ele inclinou a cabeça, com uma cortesia tão enfática que beirava a indelicadeza, e deu as costas ao secretário. O cavalheiro ficou parado por um instante, a boca meio aberta, em seguida girou agilmente nos calcanhares e abriu caminho em meio à confusão de mesas, até uma porta no extremo oposto do salão de jantar.

— Onde é que eu estava? — perguntou Jamie. — Ah, sim. Para o inferno com cavalheiros de casaco verde. Agora, sobre essas salas privadas...

— Como você vai me explicar para as pessoas? — perguntei.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

— Explicar o quê? — Olhou-me de cima a baixo. — Por que eu teria que me justificar por você? Não lhe falta nenhum braço ou perna; não está empolada, não é corcunda, desdentada ou aleijada...

— Sabe o que quero dizer — interrompi, chutando-o de leve sob a mesa. Uma mulher sentada junto à parede cutucou seu companheiro e arregalou os olhos com desaprovação para nós. Sorri-lhes calmamente.

— Sim, sei — disse ele, rindo. — No entanto, com todas as peripécias do sr. Willoughby hoje de manhã e uma coisa e outra, não tive muita chance de pensar no assunto. Talvez eu simplesmente...

— Meu caro amigo, então você é casado! Grande notícia! Simplesmente fenomenal! Minhas mais sinceras congratulações! E talvez eu seja, quem sabe, o primeiro a estender minhas felicitações e votos de felicidade a sua senhora.

Um cavalheiro baixinho, idoso, com uma peruca bem penteada, inclinou-se com dificuldade, apoiando-se numa bengala de castão de ouro, sorrindo cordialmente para nós. Era o homenzinho que eu tinha visto sentado com o sr. Wallace e o padre.

— Tenho certeza de que perdoarão a minha pequena descortesia de enviar Johnson aqui para convidá-los, não? — disse ele, desculpando-se. — É que esta maldita enfermidade impede movimentos rápidos, como podem ver.

Jamie levantou-se à aproximação do visitante e, com um gesto de cortesia, puxou uma cadeira.

— Senta-se conosco, sir Percival? — disse ele.

— Ah, não, realmente não! Não me atreveria a interromper sua nova felicidade, meu caro. Na realidade, eu não fazia a menor ideia. — Ainda protestando cordialmente, deixou-se afundar na cadeira oferecida, contraindo-se ao esticar o pé sob a mesa. — Sou um mártir da gota, minha cara — confidenciou ele, inclinando-se tão perto de mim que pude sentir seu bafo de velho sob o cheiro de gualtéria que perfumava suas roupas.

Ele não parecia corrupto, pensei — a despeito do mau hálito —, mas as aparências podiam enganar; fazia apenas quatro horas que eu fora confundida com uma prostituta.

Fazendo o melhor que podia, Jamie pediu vinho e aceitou as continuadas e efusivas saudações de sir Percival com certa boa vontade.

— Foi uma sorte encontrá-lo aqui, meu caro — disse o idoso cavalheiro, finalmente encerrando seus floreados cumprimentos. Colocou a mão pequena e bem tratada na manga de Jamie. — Eu tinha algo particular a lhe dizer. Na realidade, enviei um bilhete à gráfica, mas meu mensageiro não o encontrou lá.

— É? — Jamie arqueou uma das sobrancelhas com um ar de interrogação.

— Sim — continuou sir Percival. — Creio que você havia me falado há algumas semanas, não me lembro bem da ocasião, de sua intenção de viajar para o norte a negócios. Alguma coisa a ver com uma nova máquina impressora ou algo assim, não? — A expressão do rosto de sir Percival era muito amável, pensei, bonita e aristocrática apesar dos anos, com olhos azuis grandes e sinceros.

— Sim, é verdade — concordou Jamie educadamente. — Fui convidado pelo sr. McLeod de Perth para ver um novo modelo de impressora que ele colocou em uso recentemente.

— Isso mesmo. — Sir Percival parou para retirar uma caixa de rapé do bolso, um lindo objeto esmaltado em verde e ouro, com querubins na tampa.

— Eu realmente não recomendo uma viagem ao norte no momento — disse ele, abrindo a caixa e concentrando-se em seu conteúdo. — Realmente, não recomendo. O clima será inclemente nesta estação, tenho certeza de que não agradaria à sra. Malcolm. — Sorrindo para mim como um anjo idoso, inalou uma grande pitada de rapé e fez uma pausa, o lenço de linho à mão.

Jamie bebeu um pequeno gole de seu vinho, o rosto agradavelmente sereno.

— Agradeço-lhe o aviso, sir Percival — disse ele. — Recebeu informações de seus agentes sobre tempestades recentes ao norte?

Sir Percival espirrou, um som curto, preciso, como o de um rato resfriado. Ele se parecia mesmo com um rato branco, pensei, vendo-o tocar delicadamente o lenço no nariz rosado e pontiagudo.

— Isso mesmo — tornou ele a dizer, guardando o lenço e piscando para Jamie com benevolência. — Não, eu recomendo enfaticamente, como um amigo especial que só pensa em seu bem-estar, que você permaneça em Edimburgo. Afinal — acrescentou, direcionando o facho de sua benevolência sobre mim —, certamente você tem um motivo muito persuasivo para ficar em casa agora, não é? E agora, meus caros jovens, receio ter que me despedir. Não devo atrapalhar por mais tempo o que deve ser seu desjejum de núpcias.

Com uma pequena ajuda do solícito Johnson, sir Percival levantou-se e afastou-se gingando, a bengala de castão de ouro batendo ritmadamente no assoalho.

— Parece um simpático e educado velhinho — observei, quando tive certeza de que ele já estava longe demais para me ouvir.

Jamie riu ironicamente.

— Mais podre do que uma tábua cheia de cupins — disse ele. Pegou seu copo e o esvaziou. — É de se imaginar o contrário — disse pensativamente, colocando o copo de volta sobre a mesa e fitando a figura decrépita, agora cautelosamente às voltas com o topo das escadas. — Quero dizer, um homem

tão perto do Juízo Final quanto sir Percival. É de se imaginar que o medo do diabo o reprimisse, mas nem um pouco.

— Imagino que ele seja como todo mundo — disse sarcasticamente. — A maioria das pessoas pensa que vai viver para sempre.

Jamie riu, seu exuberante bom humor retornando rapidamente.

— Sim, é verdade — disse ele. Empurrou meu copo de vinho em minha direção. — E agora que você está aqui, Sassenach, estou convencido disso. Beba, *mo nighean donn*, e subiremos.

— *Post coitum omne animalium triste est* — observei, com os olhos cerrados.

Não houve nenhuma reação do corpo pesado e quente sobre meu peito, a não ser pelo sopro suave de sua respiração. Após um instante, entretanto, senti uma espécie de vibração subterrânea, que interpretei como um riso reprimido.

— Essa é uma sensação muito particular, Sassenach — disse Jamie, a voz velada de sonolência. — Mas não é o que sente, espero.

— Não. — Acariciei os cabelos úmidos e brilhantes para trás, afastando-os de sua testa, e ele afundou o rosto na curva do meu ombro, com um som fanhoso de contentamento.

Os aposentos particulares da Moubray's deixavam um pouco a desejar no quesito acomodações amorosas. Ainda assim, o divã ao menos oferecia uma superfície horizontal almofadada, que, se os amantes fossem direto ao assunto, era suficiente. Apesar de ter concluído que eu, afinal de contas, não passara da idade de querer cometer atos apaixonados, ainda assim sentia-me velha demais para realizá-los sobre o assoalho de tábuas nuas.

— Não sei quem disse isso, algum filósofo da antiguidade. Estava citado em um dos meus livros de medicina; no capítulo do sistema reprodutivo humano.

A vibração se tornou audível na forma de uma risadinha.

— Parece que você fez bom proveito de suas lições, Sassenach — disse ele. Sua mão deslizou pelo lado do meu corpo e insinuou-se por baixo, até segurar minha nádega. Suspirou de prazer, apertando-a ligeiramente. — Não me lembro de quando me senti menos triste — disse ele.

— Nem eu — concordei, seguindo a espiral do pequeno tufo de cabelos

que se erguia do centro de sua fronte. — Foi o que me fez pensar nisso. Fiquei imaginando o que levou o antigo filósofo a essa conclusão.

— Imagino que dependa do tipo de *animaliae* com quem ele andava fornicando — observou Jamie. — Talvez seja apenas porque ele não se afeiçoou realmente a nenhuma delas, mas deve ter tentado muitas vezes para fazer uma afirmação tão generalizada.

Ele segurou-se mais à sua âncora, conforme a maré da minha risada balançava-o suavemente para cima e para baixo.

— Veja bem, os cachorros às vezes parecem mesmo um pouco acabrunhados depois de acasalar — disse ele.

— Hummm. E, então, como ficam os carneiros?

— Sim, bem, as ovelhas continuam com ar de ovelhas, não tendo muita escolha na questão, sabe.

— Ah, é? E como ficam os machos?

— Ah, eles parecem bem depravados. Ficam com a língua para fora, babando, e os olhos reviram-se para trás, enquanto fazem barulhos nojentos. Como a maioria dos machos, hein? — Pude sentir a curva de seu sorriso contra meu ombro. Ele apertou-me outra vez e eu puxei delicadamente a orelha mais próxima à minha mão.

— Não vi sua língua para fora.

— Você não estava prestando atenção, seus olhos estavam fechados.

— Também não ouvi nenhum som nojento.

— Bem, não consegui pensar em nenhum no impulso do momento — admitiu ele. — Vou me sair melhor da próxima vez.

Rimos baixinho e depois ficamos em silêncio, ouvindo a respiração um do outro.

— Jamie — disse finalmente num sussurro, acariciando sua nuca —, acho que nunca me senti tão feliz.

Ele rolou para o lado, com cuidado para não me esmagar, e ergueu-se sobre o cotovelo para me olhar de frente.

— Nem eu, minha Sassenach — disse ele, beijando-me, muito de leve, mas longamente, de modo que eu tive tempo de cerrar meus lábios numa pequena mordida na parte cheia de seu lábio inferior. — Não se trata só de sexo — disse ele, afastando-se um pouco finalmente. Seus olhos fitavam-me,

com o azul suave e profundo de um quente mar tropical.

— Não — eu disse, tocando sua face. — Não é só isso.

— Ter você comigo outra vez, falar com você, saber que posso dizer qualquer coisa, sem ter que vigiar minhas palavras ou esconder meus pensamentos... meu Deus, Sassenach — disse ele —, Deus sabe que como homem sou louco por sexo e não consigo tirar as mãos de você, de nenhuma parte — acrescentou ironicamente —, mas eu não me importaria de perder tudo isso pelo único prazer de ter você a meu lado e poder conversar com você de coração aberto.

— Foi muito solitário viver sem você — sussurrei. — Muito solitário.

— Para mim também — disse ele. Abaixou os olhos, as longas pestanas ocultando seus olhos, e hesitou por um instante. — Não vou dizer que vivi como um monge — disse ele à meia-voz. — Quando eu precisava, quando sentia que iria enlouquecer...

Coloquei os dedos sobre seus lábios, para fazê-lo calar-se.

— Eu também não — disse. — Frank...

Sua própria mão pressionou delicadamente minha boca. Ambos calados, olhamos um para o outro e pude sentir o sorriso crescendo sob minha mão e o meu próprio sob a mão dele. Retirei minha mão.

— Não significa nada — disse ele. Retirou a mão de minha boca.

— Não — disse. — Não tem importância. — Tracei o contorno de seus lábios com meu dedo. — Então, me fale de coração aberto — pedi. — Se houver tempo.

Olhou para a janela para avaliar a luz — ficamos de encontrar Ian na gráfica às cinco horas, para verificar o progresso das buscas pelo Jovem Ian — e em seguida rolou cuidadosamente de cima de mim.

— Temos duas horas, pelo menos, antes de ir. Sente-se e vista-se, então pedirei que tragam biscoitos e vinho.

A ideia pareceu-me maravilhosa. Eu parecia estar sempre faminta desde que o encontrara. Sentei-me e comecei a remexer a pilha de roupas atiradas no chão, à procura da armação que o vestido de decote fundo exigia.

— Não estou triste de modo algum, mas talvez um pouco envergonhado — observou Jamie, contorcendo os dedos longos e delgados do pé na meia de seda. — Ou deveria, pelo menos.

— Por quê?

— Bem, aqui estou eu, no paraíso, por assim dizer, com você, vinho e biscoitos, enquanto Ian está lá fora percorrendo as ruas, preocupado com seu filho.

— Você está preocupado com o Jovem Ian? — perguntei, concentrando-me em meus cadarços.

Ele franziu ligeiramente a testa, enfiando a outra meia.

— Não tanto preocupado com ele, mas com receio de que ele só reapareça amanhã.

— O que tem amanhã? — perguntei, e então lembrei-me do encontro com sir Percival Turner. — Ah, sua viagem para o norte... que deveria acontecer amanhã?

Ele balançou a cabeça afirmativamente.

— Sim, há um encontro marcado em Mullin's Cove, já que amanhã é lua nova. Um veleiro vindo da França, com uma carga de vinho e cambraia.

— E sir Percival aconselhou-o a não ir a esse encontro?

— Assim parece. Não sei o que aconteceu, mas espero descobrir. Pode ser que haja um alto oficial da alfândega em visita ao distrito ou talvez ele tenha ouvido rumores de alguma atividade lá na costa que não tenha nada a ver conosco, mas que poderia atrapalhar. — Encolheu os ombros e terminou de ajeitar a última liga.

Em seguida, espalmou as mãos abertas sobre os joelhos, palmas para cima, e lentamente curvou os dedos para dentro. A esquerda fechou-se imediatamente num punho cerrado, compacto e rijo, um instrumento duro, pronto para a luta. Os dedos da mão direita curvaram-se mais devagar; o dedo médio estava curvo, sem conseguir alinhar-se com o indicador. O dedo anelar simplesmente não se curvava, continuando a apontar rigidamente para a frente e mantendo o dedo mínimo num ângulo estranho a seu lado.

Ele olhou das mãos para mim, sorrindo.

— Lembra-se da noite em que você consertou minha mão?

— Às vezes, nos meus momentos mais terríveis. — Aquela noite era memorável, simplesmente porque era inesquecível. Contra todas as expectativas, eu o resgatara da prisão de Wentworth e de uma sentença de morte, mas não a tempo de impedir que fosse cruelmente torturado e

seviado por Black Jack Randall.

Peguei sua mão direita e a transferi para meu próprio joelho. Ele deixou-a ali, quente, pesada e inerte, sem se opor a que eu examinasse cada dedo, puxando delicadamente para estender os tendões e torcendo para ver a capacidade de movimento das juntas.

— Foi a minha primeira cirurgia ortopédica — disse ironicamente.

— Fez muitas desde então? — perguntou ele com curiosidade, fitando-me.

— Sim, algumas. Sou cirurgiã... mas não significa no meu tempo o que significa agora — apressei-me a acrescentar. — Os cirurgiões de minha época não arrancam dentes nem fazem sangrias. São médicos com conhecimento de todos os campos da medicina, mas com uma especialidade.

— Então, você é especial, hein? Bem, você sempre foi — disse ele, rindo. Os dedos aleijados deslizaram pela minha mão e seu polegar acariciou as juntas dos meus dedos. — O que um cirurgião faz que é especial, então?

Franzi o cenho, tentando encontrar as palavras certas.

— Bem, a melhor maneira de explicar é... um cirurgião tenta obter a cura... por meio de uma faca.

A boca larga curvou-se para cima diante da explicação.

— Uma bela contradição; mas combina com você, Sassenach.

— É mesmo? — eu disse, surpresa.

Ele balançou a cabeça, sem tirar os olhos do meu rosto. Podia ver que ele me examinava atentamente e me perguntei, encabulada, qual deveria ser a minha aparência, afogueada pelo ato de fazer amor e com os cabelos furiosamente desgrehados.

— Você nunca esteve tão bonita, Sassenach — disse ele, o sorriso ampliando-se quando estendi a mão para ajeitar os cabelos. — Deixe seus cachos em paz. — Ele pegou minha mão e beijou-a ternamente.

— Não — disse ele, prendendo minhas mãos enquanto me analisava. — Uma faca é exatamente o que você é, agora que penso nisso. Uma bainha feita com maestria e magnífica de se ver, Sassenach. — Traçou o contorno dos meus lábios com o dedo, provocando um sorriso. — Mas uma lâmina de aço temperado... e um corte perigosamente afiado, na minha opinião.

— Perigoso? — perguntei, surpresa.

— Não quero dizer cruel, sem coração — assegurou ele. Seu olhar pousou em meu rosto, atento e curioso. Um leve sorriso assomou a seus lábios. — Não, isso nunca. Mas você pode ser brutalmente forte, Sassenach, se necessário.

Sorri com certa ironia.

— É verdade — eu disse.

— Já vi isso em você antes, não foi? — Sua voz tornou-se mais branda e ele apertou minha mão com força. — Mas agora acho que está ainda mais presente em você do que quando era mais jovem. Precisou muito dessa força desde então, não foi?

Percebi repentinamente por que ele via com tanta clareza o que Frank nunca conseguira perceber.

— Você também possui esta força — disse. — E tem precisado dela. Bastante. — Inconscientemente, meus dedos tocaram a cicatriz irregular que atravessava seu dedo médio, torcendo as juntas distais.

Ele concordou balançando a cabeça.

— Eu me pergunto... — disse ele, a voz tão baixa que eu mal conseguia ouvi-lo — me pergunto frequentemente se poderia colocar essa lâmina afiada a meu serviço e embainhá-la outra vez com segurança. Pois tenho visto muitos homens tornarem-se implacáveis no uso dessa força e o aço de sua lâmina deteriorar-se em ferro sem valor. E tenho me perguntado muitas vezes se fui o senhor da minha alma ou se me tornei um escravo de minha própria faca. Pensei inúmeras vezes... — continuou, abaixando os olhos para nossas mãos entrelaçadas — que eu tenho usado minha arma com frequência demais e que passei tanto tempo a serviço da guerra que já não sou mais adequado ao relacionamento humano.

Meus lábios contorceram-se com a necessidade de fazer um comentário, mas me contive. Ele viu e sorriu, com certa ironia.

— Eu pensei que jamais voltaria a rir na cama com uma mulher, Sassenach — disse ele. — Ou mesmo procurar uma mulher, a não ser como um bruto, cego de necessidade. — Um tom amargo infiltrou-se em sua voz.

Ergui sua mão e beijei a pequena cicatriz nas costas.

— Não consigo vê-lo como um bruto — disse. Falei alegremente, mas seu rosto enterneceu-se ao me olhar e ele respondeu com seriedade.

— Sei disso, Sassenach. E é o fato de você não conseguir me ver assim que me dá esperança. Porque eu sou um bruto e sei disso, e ainda assim, talvez... — Deixou a voz definhar, observando-me atentamente. — Você tem isso... essa força. Você a possui, bem como sua alma. Assim, talvez a minha própria alma possa ser salva.

Eu não sabia como argumentar e fiquei calada por algum tempo, apenas segurando sua mão, acariciando os dedos tortos e as juntas rijas e grandes. Era a mão de um guerreiro — mas ele não era um guerreiro agora.

Virei sua mão e alisei-a em meu joelho, a palma para cima. Devagar, tracei as linhas fundas e as pequenas elevações, e a minúscula letra “C” na base do polegar; a marca de que ele me pertencia.

— Conheci uma senhora nas Terras Altas um dia que disse que as linhas da mão não predizem nossa vida, elas a refletem.

— É assim, então? — Seus dedos torceram-se levemente, mas a palma permaneceu aberta e imóvel.

— Não sei. Ela disse que nascemos com as linhas na mão, com uma vida, mas depois as linhas mudam, de acordo com o que fazemos e quem somos. — Eu nada entendia de quiromancia, mas podia ver uma linha profunda que corria do pulso ao centro da palma, bifurcando-se várias vezes.

— Acho que esta é a que chamam de linha da vida — disse. — Vê todas as bifurcações? Suponho que isso signifique que você mudou sua vida várias vezes, fez muitas escolhas.

Ele deu um muxoxo, mas com bom humor, em vez de escárnio.

— Ah, é mesmo? Bem, isso podemos constatar. — Examinou a palma de sua mão, inclinando-se sobre meu joelho. — Imagino que a primeira bifurcação seria quando encontrei Jack Randall e a segunda quando me casei com você. Veja, estão bem próximas, ali.

— É verdade. — Passei o dedo lentamente ao longo da linha, fazendo seus dedos contorcerem-se ligeiramente de cócegas. — E Culloden, então, seria a seguinte?

— Talvez. — Mas ele não queria falar de Culloden. Seu próprio dedo continuou o percurso. — E quando fui para a prisão, e retornei, e vim para Edimburgo.

— E se tornou um mestre-impressor. — Parei e olhei para ele, as

sobrancelhas erguidas. — Como é que você se tornou um impressor? É a última coisa que eu teria imaginado.

— Ah, isso. — Seus lábios abriram-se num sorriso. — Bem, foi por acaso, sabe?

Para começar, ele só estava procurando uma atividade que ajudasse a esconder e facilitar o contrabando. De posse de uma vultosa quantia de um recente empreendimento lucrativo, resolveu adquirir um negócio cujas operações normais envolvessem uma grande carroça e boas parelhas de cavalos. Precisava também de instalações discretas, que poderiam ser usadas como depósito temporário de mercadorias em trânsito.

Pensou numa empresa de transporte por carroças, mas rejeitou a ideia porque as operações desse ramo de negócios tornavam seus proprietários sujeitos a uma vigilância mais ou menos constante da alfândega. Da mesma forma, uma taberna ou estalagem, embora superficialmente um ramo atraente por causa das grandes quantidades de suprimentos adquiridos, são vulneráveis demais em suas operações legais para esconder uma ilegal; fiscais de impostos e agentes alfandegários infestavam as tabernas como pulgas em cachorro gordo.

— Pensei numa gráfica quando procurei um lugar para mandar imprimir alguns cartazes — explicou ele. — Enquanto esperava para fazer meu pedido, vi a carroça aproximar-se, carregada de caixas de papel e barris de álcool para a tinta em pó. Então pensei, Santo Deus, é isso! Os coletores de impostos jamais se preocupariam com um lugar desses.

Somente após comprar a loja no beco Carfax, contratar Geordie para operar a impressora e realmente começar a aceitar encomendas de cartazes, panfletos, folhetos e livros é que as outras possibilidades desse novo negócio lhe ocorreram.

— Foi um homem chamado Tom Gage — explicou ele. Soltou sua mão das minhas, tornando-se ansioso com a narração da história, gesticulando e passando as mãos pelos cabelos enquanto falava, descabelando-se de entusiasmo. — Ele fazia pequenas encomendas de uma coisa e outra, tudo material inocente, mas fazia com frequência, e ficava para falar do material, fazendo questão de conversar não só com Geordie, mas comigo também,

embora deva ter visto que eu sabia menos a respeito do trabalho do que ele próprio.

Sorriu ironicamente.

— Não entendo muito de tipografia, Sassenach, mas conheço os homens.

Ficou evidente que Gage estava querendo saber as inclinações políticas de Alexander Malcolm; ouvindo o leve sotaque das Terras Altas de Jamie, ele começou a investigar discretamente, mencionando este ou aquele conhecido, cujas inclinações jacobitas os colocara em situação difícil depois da Revolução, desencavando conhecidos mútuos, habilmente direcionando a conversa, aproximando-se de modo furtivo de sua presa. Até que, por fim, a presa, que se divertia com a situação, disse-lhe sem rodeios para trazer o que ele queria imprimir; nenhum homem do rei ficaria sabendo.

— E ele confiou em você. — Não era uma pergunta; o único homem que erroneamente confiara em Jamie Fraser fora Charles Stuart, e nesse caso, o erro foi de Jamie.

— Confiou, sim. — Assim, uma parceria foi iniciada, estritamente comercial no início, mas aprofundando-se em amizade com o passar do tempo. Jamie imprimira todos os materiais gerados pelo pequeno grupo de Gage de políticos radicais... de artigos assinados, publicamente admitidos, a cartazes e panfletos anônimos, com matérias suficientemente incriminadoras para levar os autores sumariamente à prisão ou à forca.

— Costumávamos ir à taberna no fim da rua para conversar depois do material impresso. Conheci alguns dos amigos de Tom, e finalmente ele disse que eu mesmo deveria escrever um artigo. Eu ri e lhe disse que, com a minha mão, quando eu acabasse de escrever qualquer coisa, nós todos estaríamos mortos, de velhice, não na forca.

— Eu estava parado junto à impressora enquanto conversávamos, arrumando os tipos com a mão esquerda, automaticamente. Ele simplesmente ficou observando e depois começou a rir. Apontou para a bandeja, em seguida para a minha mão, e continuou a rir, até ter que se sentar no chão para parar.

Esticou os braços à sua frente, flexionando as mãos e estudando-as calmamente. Cerrou um punho e lentamente trouxe-o em direção ao rosto, fazendo os músculos do braço saltarem e enrijecerem sob o linho da camisa.

— Sou bastante robusto — disse ele. — E com sorte, ainda por uns bons anos, mas não para sempre, Sassenach. Tenho lutado com espada e adaga muitas vezes, mas para todo guerreiro chega o dia em que sua força o desaponta. — Sacudiu a cabeça e estendeu uma das mãos na direção do casaco, que estava caído no chão. — Eu peguei isso aqui, naquele dia com Tom Gage, para me lembrar disso — disse ele.

Pegou minha mão e colocou-a nos objetos que retirara do bolso. Eram frios, duros ao toque — peças de chumbo, pequenas e pesadas. Eu não precisava passar os dedos nas superfícies lavradas para saber quais eram as letras gravadas nos lingotes tipográficos.

— C. Q. D. — eu disse.

— Os ingleses tiraram minha espada e minha adaga — disse ele à meia-voz. O dedo tocou os espaçadores na palma de minha mão. — Mas Tom Gage colocou uma arma em minhas mãos outra vez e acho que não vou abandoná-la.

Descemos de braços dados pela ladeira pavimentada com pedras da Royal Mile quando faltavam quinze minutos para as cinco da tarde, irradiando uma incandescência engendrada por várias tigelas de ensopado de ostras apimentadas e uma garrafa de vinho, compartilhada aos poucos, durante nossa “conversa particular”.

A cidade resplandecia à nossa volta, como se compartilhasse da nossa felicidade. Edimburgo estendia-se sob uma névoa que logo se tornaria mais densa, transformando-se em chuva. Por enquanto, porém, a luz do pôr do sol pairava — dourada, rósea e vermelha — nas nuvens, brilhando na pátina molhada da rua pavimentada, de modo que as pedras cinza dos prédios suavizavam-se e refletiam a luz, fazendo eco ao fulgor que aquecia meu rosto e brilhava nos olhos de Jamie quando olhava para mim.

Flutuando pela rua abaixo nesse estado de êxtase, alheios ao que se passava ao redor, vários minutos transcorreram até eu notar algo estranho. Um homem, impaciente com nosso passo lento e despreocupado, ultrapassou-nos energicamente, depois parou de repente à minha frente, fazendo-me tropeçar nas pedras molhadas e soltar um sapato.

Ele lançou a cabeça para trás e espreitou o céu por um instante, depois

saiu apressado pela rua abaixo, não correndo, mas andando o mais rápido possível.

— O que há com ele? — eu disse, parando para recuperar meu sapato. De repente, notei que a toda a volta, as pessoas estavam parando, olhando para cima e depois começando a descer a ladeira apressadamente. — O que você acha...? — comecei a perguntar, mas quando me virei para Jamie, ele também olhava atentamente para cima. Ergui os olhos por minha vez e logo percebi que a claridade vermelha nas nuvens acima era bem mais forte do que a coloração geral do crepúsculo e parecia tremular de uma forma desconcertante, absolutamente estranha a um pôr do sol.

— Fogo — disse ele. — Meu Deus, acho que é na travessa Leith!

No mesmo instante, alguém mais abaixo na rua começou a gritar: “Fogo! Fogo!” Como se esse diagnóstico oficial tivesse finalmente lhes dado licença para debandar, as figuras apressadas desataram a correr e despencaram-se pela rua como um bando de lemingos, ansiosos para se atirar na fogueira.

Algumas almas mais sensatas correram ladeira acima, passando por nós e também gritando: “Fogo!”, mas presumivelmente com a intenção de alertar o que quer que tivesse as funções de corpo de bombeiros.

Jamie também se pusera em movimento, rebocando-me enquanto eu pulava desajeitadamente em um pé só. Em vez de parar, liberei-me do outro sapato e o segui, escorregando e batendo os dedos nas pedras frias e molhadas enquanto corria.

O incêndio não era na travessa Leith, mas ao lado, no beco Carfax. A entrada do beco estava obstruída por espectadores agitados, empurrando e esticando o pescoço no esforço para ver, gritando perguntas incoerentes uns para os outros. O cheiro de fumaça, quente e penetrante, atravessava o úmido ar da tarde, e ondas de calor escaldante açoitavam meu rosto quando abaixei a cabeça e entrei no beco.

Jamie não hesitou, mas mergulhou na multidão, abrindo caminho à força. Grudei-me à sua retaguarda antes que ondas humanas pudessem se fechar outra vez e avancei às cotoveladas, sem poder ver nada além das costas largas de Jamie à minha frente.

Então, emergimos na frente da multidão e eu pude ver perfeitamente a cena. Nuvens densas de fumaça escura saíam em rolos das duas janelas do

andar de baixo da gráfica e pude ouvir ruídos crepitantes e murmurantes que se elevavam acima do barulho dos espectadores como se as chamas conversassem entre si.

— Minha gráfica! — Com um grito de angústia, Jamie correu para os degraus da entrada e abriu a porta com um chute. Uma nuvem de fumaça saiu em rolos pelo vão da porta aberta e engoliu-o como uma fera faminta. Vislumbrei sua figura, cambaleando com o impacto da fumaça; em seguida, lançou-se de joelhos e arrastou-se para dentro do prédio.

Inspirados pelo seu exemplo, vários homens da multidão subiram os degraus da gráfica e, como ele, desapareceram no interior tomado pela fumaça. O calor era tão intenso que senti minhas saias voarem contra minhas pernas com o deslocamento de ar provocado e perguntei-me como os homens podiam suportar o calor lá dentro.

Uma nova explosão de gritos na multidão atrás de mim anunciou a chegada da guarda municipal, armada com baldes. Obviamente acostumados à tarefa, os homens arrancaram seus casacos cor de vinho do uniforme e começaram imediatamente a combater o fogo, quebrando as janelas e atirando baldes de água por elas com desapaixonada energia. Enquanto isso, a multidão crescia, o barulho que fazia aumentado por uma constante cascata de batidas de pés descendo as múltiplas escadas do beco — as famílias dos andares de cima dos prédios vizinhos apressadamente empurravam hordas de crianças em polvorosa pelas escadas abaixo, em direção à segurança.

Eu não acreditava que os esforços da brigada do balde, embora valiosos, fariam muito efeito no que obviamente era um manancial de produtos inflamáveis. Eu ia de um lado para o outro da calçada, tentando inutilmente ver algum movimento no interior, quando o primeiro homem na fileira do balde deu um grito de pavor e saltou para trás, bem a tempo de evitar ser coroadado com uma bandeja de tipos de chumbo que zuniu pelo vão da janela quebrada e aterrissou nas pedras do calçamento com um estrondo, espalhando lingotes em todas as direções.

Dois ou três moleques contorceram-se pela multidão e procuraram agarrar os lingotes, mas vizinhos indignados aplicaram-lhes uns tapas e os puseram para correr. Uma mulher gorda de touca e avental avançou como uma flecha, sem medo de correr o risco, e assumiu a custódia da bandeja de tipos,

arrastando-a para o meio-fio, onde se agachou protetoramente sobre ela, como uma galinha chocando os ovos.

Entretanto, antes que seus companheiros pudessem resgatar os tipos caídos, foram rechaçados por uma chuva de objetos lançados das duas janelas. Mais bandejas de tipos, almofadas de tinta, cilindros e frascos de tinta, que se quebraram no calçamento, deixando grandes manchas em forma de teias de aranha, que escorriam para as poças derramadas pelos bombeiros.

Encorajada pela corrente de ar expelida pelas janelas e porta abertas, a voz do fogo cresceu de um murmúrio a um rugido exultante e estrondante. Impedidos de lançar água pelas janelas por causa da chuva de objetos lançados por elas, o chefe da guarda municipal gritou para seus homens e, segurando um lenço molhado sobre o nariz, agachou-se e entrou correndo no prédio, seguido por meia dúzia de seus companheiros.

A fila se realinhou rapidamente, baldes cheios passando de mão em mão desde a bomba mais próxima, situada além da esquina, até o alto do pórtico. Rapazes agitados pegavam os baldes vazios que saltavam pelos degraus da entrada e corriam de volta com eles para a bomba, para serem enchidos novamente. Edimburgo é uma cidade de pedra, mas com tantos prédios imprensados uns contra os outros, todos equipados com várias lareiras e chaminés, os incêndios deviam ser frequentes.

Deviam ser mesmo, já que uma nova comoção atrás de mim anunciou a chegada atrasada do carro do corpo de bombeiros. As levadas de espectadores apartaram-se como as ondas do mar Vermelho para dar passagem ao carro. Este era puxado por um grupo de homens, em vez de cavalos, que não conseguiriam se esgueirar pelos bairros de vielas estreitas.

O carro era uma maravilha de latão, ele próprio brilhando como um carvão em brasa com o reflexo das chamas. O calor tornava-se cada vez mais intenso; eu podia sentir meus pulmões ressecarem e trabalharem com esforço a cada tragada de ar quente, e fiquei aterrorizada por Jamie. Por quanto tempo ele conseguiria respirar, naquele nevoeiro infernal de fumaça e calor, sem falar no perigo das próprias chamas?

— Jesus, Maria Santíssima! — Ian, abrindo caminho à força pela multidão apesar de sua perna artificial, surgiu repentinamente ao meu lado. Ele agarrou meu braço para manter o equilíbrio quando uma nova chuva de

objetos forçou as pessoas à nossa volta a recuar outra vez.

— Onde está Jamie? — gritou ele no meu ouvido.

— Lá dentro! — berrei em resposta, apontando.

Viu-se um súbito alvoroço e comoção na entrada da gráfica, com uma gritaria confusa que se elevou acima do barulho do incêndio. Surgiram vários pares de pernas, embaralhando e arrastando os pés de um lado para outro sob a nuvem emergente de fumaça que saía em vagalhões pela porta. Seis homens emergiram, Jamie entre eles, cambaleando sob o peso de uma enorme peça de maquinaria — a preciosa impressora de Jamie. Desceram com cuidado os degraus e a empurraram para o meio da multidão. Em seguida, voltaram para a gráfica.

Tarde demais para qualquer outra manobra de resgate; ouviu-se um estrondo lá dentro, uma nova explosão de calor que fez a multidão recuar aos tropeções, e subitamente as janelas do andar superior iluminaram-se com chamas saltitantes no interior. Um pequeno fluxo de homens jorrou do prédio, tossindo e asfixiados, alguns deles rastejando, enegrecidos de fuligem e molhados do suor de seus esforços. A equipe do carro de bombeiros bombeava água furiosamente, mas o pesado jato de água de sua mangueira não causava o menor impacto nas labaredas.

A mão de Ian fechou-se no meu braço como as garras de uma armadilha.

— Ian! — gritou ele, suficientemente alto para ser ouvido acima do barulho da multidão e do incêndio.

Ergui os olhos na direção do seu olhar e vi um vulto espectral na janela do segundo andar. Pareceu lutar rapidamente com a vidraça e depois cair para trás ou ser envolvido pela fumaça.

Meu coração deu um salto e veio parar na boca. Não havia como dizer se a figura era realmente o Jovem Ian, mas sem dúvida era uma forma humana. Ian não perdeu tempo pasmado, mas avançava em direção aos degraus de entrada da loja com toda a velocidade que sua perna permitia.

— Espere! — gritei, seguindo-o.

Jamie estava inclinado sobre a prensa, o peito arfando enquanto tentava recuperar o fôlego e agradecer a seus ajudantes ao mesmo tempo.

— Jamie! — Agarrei-o pela manga, arrancando-o bruscamente de perto de um barbeiro de rosto vermelho, que nervosamente limpava as mãos negras

de fuligem no avental, deixando manchas longas e escuras entre as outras, de espuma de sabão seca e nódoas de sangue. — Lá em cima! — gritei, apontando. — O Jovem Ian está lá em cima!

Jamie recuou um passo, passando a manga pelo rosto enegrecido, e olhou horrorizado para as janelas do andar superior. Não se podia ver nada além do clarão trepidante do fogo contra as vidraças.

Ian se debatia nas mãos de vários vizinhos que procuravam impedi-lo de entrar na loja.

— Não, você não pode entrar! — gritava o capitão da guarda, tentando agarrar as mãos agitadas de Ian. — A escada desabou e o teto está prestes a desmoronar!

Apesar da constituição esbelta e das restrições de sua perna, Ian era alto e vigoroso. As fracas tentativas de segurá-lo dos seus bem-intencionados captores da guarda municipal — a maioria aposentados dos regimentos das Terras Altas — não eram páreo para a força de um homem do campo, reforçada como estava pelo desespero paterno. Devagar, mas inexoravelmente, toda a massa confusa avançou centímetro a centímetro pelas escadas da entrada da gráfica, conforme Ian arrastava seus pretensos salva-vidas com ele em direção às chamas.

Senti Jamie inspirar fundo, tragando o máximo de ar possível com seus pulmões chamuscados e logo ele também estava nas escadas, agarrando Ian pela cintura e arrastando-o para baixo.

— Desça, companheiro! — gritou ele com voz rouca. — Você não vai conseguir, a escada desabou! — Olhou ao redor, me viu e atirou Ian para trás, desequilibrado e atordoado, direto em meus braços. — Segure-o — gritou, acima do rugido das chamas. — Vou buscar o garoto!

Com isso, virou-se e arremeteu-se pela escada acima do prédio contíguo, abrindo caminho entre os fregueses da loja de chocolate do térreo, que haviam saído para a calçada, a fim de observar a agitação, admirados e com ar idiota, os canecos de estanho ainda nas mãos.

Seguindo o exemplo de Jamie, agarrei Ian pela cintura com todas as minhas forças e não deixei que se soltasse. Ele fez uma tentativa malsucedida de seguir Jamie, mas parou e permaneceu em meus braços, o corpo retesado, o coração disparado bem embaixo do meu rosto.

— Não se preocupe — disse, inutilmente. — Ele vai conseguir, vai tirá-lo de lá. Sei que vai. Tenho certeza.

Ian não respondeu — talvez não tenha nem ouvido —, permaneceu imóvel e rígido, como uma estátua, em meus braços, a respiração alterada, parecendo um soluço. Quando afrouxei os braços em torno de sua cintura, ele não se mexeu nem se virou, mas quando fiquei ao seu lado, segurou abruptamente minha mão e apertou-a com força. Meus ossos teriam se esfarelado se eu também não estivesse apertando a dele com a mesma intensidade.

Não se passou mais de um minuto até a janela acima da loja de chocolate abrir-se e a cabeça e os ombros de Jamie surgirem, os cabelos ruivos brilhando como uma errante língua de fogo desgarrada do fogo principal. Ele subiu no parapeito da janela e cautelosamente virou-se, agachando-se, até ficar de frente para o prédio.

Erguendo-se em seus pés calçados apenas de meias, agarrou a calha do telhado acima de sua cabeça e puxou, erguendo-se lentamente pela força de seus braços, os dedos longos lutando para encontrar um apoio nas fendas entre as pedras da fachada. Com um grunhido audível até mesmo acima do barulho da multidão e do incêndio, ele contorceu-se pela borda do telhado e desapareceu por trás do frontão da fachada.

Um homem mais baixo não teria conseguido. Nem Ian, com sua perna de pau. Ouvi Ian murmurar alguma coisa, uma prece, pensei, mas quando olhei para ele, seus dentes estavam trincados, o rosto crispado de medo.

— O que ele vai fazer lá em cima? — pensei, sem perceber que estava pensando em voz alta até o barbeiro, a meu lado, protegendo os olhos, responder.

— Há um alçapão no telhado da gráfica, madame. Sem dúvida, o sr. Malcolm pretende obter acesso ao andar superior por ali. É o aprendiz dele que está lá em cima?

— Não! — retorquiu Ian, ao ouvir o barbeiro. — É meu filho!

O barbeiro encolheu-se diante do olhar desesperado de Ian, murmurando e benzendo-se:

— Ah, sim, senhor, sim!

Um grito da multidão transformou-se num rugido quando duas figuras

apareceram no telhado da casa de chocolate. Ian largou minha mão, lançando-se para a frente.

Jamie tinha o braço em volta de Ian, que estava caído e cambaleante da fumaça que havia inspirado. Pelas condições do Jovem Ian, era bastante óbvio que nenhum dos dois iria conseguir retornar pelo mesmo caminho que Jamie fizera.

Foi nesse momento que Jamie avistou Ian embaixo. Protegendo a boca com a mão, ele gritou:

— Corda!

Corda havia; a guarda municipal viera equipada. Ian agarrou o rolo de corda de um guarda que se aproximava, deixando-o pestanejando de indignação, e virou-se de frente para o prédio.

Avistei o brilho dos dentes de Jamie quando ele riu para seu cunhado e a expressão irônica de resposta no rosto de Ian. Quantas vezes haviam atirado uma corda um para o outro, para erguer fardos de feno para o palheiro do celeiro ou para amarrar uma carga à carroça de transporte?

A multidão recuou, abrindo espaço para o giro do braço de Ian e o pesado rolo de corda voou numa parábola perfeita, desenrolando-se no trajeto, até aterrissar no braço estendido de Jamie com a precisão de um abelhão pousando em uma flor. Jamie puxou a ponta solta e desapareceu momentaneamente para fixar a corda em volta da base da chaminé do prédio.

Após alguns momentos de trabalho precário, as duas figuras enegrecidas pela fumaça aterrissaram em segurança na calçada embaixo. O Jovem Ian, a corda amarrada sob os braços e em volta do peito, ficou em pé por um instante; depois, quando a tensão da corda afrouxou, seus joelhos dobraram e ele deslizou numa pilha frouxa sobre as pedras do pavimento.

— Você está bem? *A bhalaich*, fale comigo! — Ian caiu de joelhos ao lado do filho, tentando ansiosamente desatar a corda amarrada em volta do peito do Jovem Ian, enquanto simultaneamente tentava levantar a cabeça inerte do rapaz.

Jamie apoiava-se no corrimão da loja de chocolate, o rosto preto e estourando os pulmões de tanto tossir, mas fora isso, aparentemente intacto. Sentei-me do outro lado do menino e coloquei sua cabeça no colo. Eu não sabia se ria ou chorava ao vê-lo. Quando o vira de manhã, era um rapaz

extremamente atraente, ainda que não fosse belo, com algo da aparência simples e amistosa de seu pai. Agora, no fim da tarde, os cabelos espessos de um dos lados de sua testa estavam chamuscados, formando uma moita de pelos eriçados e avermelhados; as sobrancelhas e pestanas haviam desaparecido, inteiramente queimadas. A pele embaixo era do mesmo rosa brilhante e sujo de fuligem de um leitãozinho que acabara de ser tirado do espeto.

Procurei sentir seu pulso no pescoço fino e comprido e encontrei-o, forte o suficiente para me tranquilizar. Sua respiração era ruidosa e irregular, e não era para menos; eu esperava que a membrana de seus pulmões não tivesse se queimado. Ele tossiu, longa e penosamente, e o corpo magro debateu-se em meu colo.

— Ele está bem? — As mãos de Ian instintivamente agarraram o filho por baixo dos braços e o colocaram sentado. A cabeça oscilou para a frente e para trás, e ele lançou-se diretamente em meus braços.

— Creio que sim, não sei ao certo. — O rapaz ainda tossia, mas não recobrava a consciência plenamente; amparei-o contra o meu ombro como um enorme bebê, batendo de leve em suas costas enquanto ele sacudia-se com ânsias de vômito.

— Ele está bem? — Desta vez era Jamie, agachando-se, arquejante, a meu lado. Sua voz estava tão rouca que eu não a teria reconhecido, prejudicada que fora pela fumaça

— Creio que sim. E você? Está parecendo Malcolm X — disse, espreitando-o por cima do ombro trêmulo do Jovem Ian.

— Eu? — Colocou a mão no rosto, espantado, depois riu tranquilamente. — Não, não sei como está minha aparência, mas não sou nenhum ex-Malcolm. Só estou um pouco chamuscado.

— Pra trás! Pra trás! — O capitão da guarda estava ao meu lado, a barba grisalha ouriçada de ansiedade, puxando-me pela manga. — Saia daí, madame, o telhado vai desabar!

De fato, conforme nos movíamos atabalhoadamente para um local seguro, o teto da gráfica desmoronou e um som aterrorizado ergueu-se da multidão de curiosos quando um enorme jato de fagulhas girou em direção ao céu, brilhantes contra o firmamento já escuro.

Como se o céu se ressentisse desta intrusão, a coluna de cinzas fumegantes foi contestada com os primeiros pingos de chuva, tamborilando pesadamente nas pedras do calçamento à nossa volta. Os moradores de Edimburgo, que a essa altura sem dúvida já deveriam estar acostumados à chuva, fizeram protestos consternados e começaram a escapar rapidamente de volta aos prédios vizinhos como um enxame de baratas, deixando que a natureza terminasse o trabalho do corpo de bombeiros.

Pouco depois, Ian e eu ficamos sozinhos com o Jovem Ian. Jamie, depois de recompensar a guarda e outros ajudantes, e tendo providenciado para que sua prensa e seus apetrechos fossem guardados no depósito do barbeiro, veio se arrastando, exausto, em nossa direção.

— Como está o garoto? — perguntou ele, limpando o rosto com as costas da mão. A chuva começara a cair com mais intensidade e o efeito em seu rosto sujo de fuligem era extremamente pitoresco. Ian olhou para ele e, pela primeira vez, a raiva, a preocupação e o medo diminuíram um pouco em seu semblante. Dirigiu um sorriso enviesado a Jamie.

— Ele não parece muito melhor do que você, companheiro, mas acho que vai ficar bom. Dê uma ajuda aqui, sim?

Murmurando palavras afetuosas próprias para um bebê, em gaélico, Ian inclinou-se sobre seu filho, que neste momento sentava-se, atordoado, no meio-fio, oscilando de um lado para o outro como uma garça na ventania.

Quando finalmente chegamos ao estabelecimento de madame Jeanne, o Jovem Ian já podia andar, embora ainda sustentado de cada lado pelo pai e pelo tio. Bruno, que abriu a porta, pestanejou, incrédulo, diante da visão, depois abriu a porta de par em par, rindo tanto que mal conseguiu fechá-la às nossas costas.

Eu tinha que admitir que não éramos figuras bonitas de se ver, encharcados e escorrendo água da chuva. Jamie e eu estávamos descalços e as roupas de Jamie em farrapos, queimadas, rasgadas e todas manchadas de fuligem. Os cabelos escuros de Ian caíam em seus olhos, fazendo-o parecer um rato afogado com uma perna de pau.

O Jovem Ian, no entanto, foi o foco das atenções, quando várias cabeças pipocaram da sala de jantar em reação ao barulho que Bruno fazia. Com seus cabelos chamuscados, rosto vermelho e inchado, nariz adunco e olhos sem

pestanas, parecia-se muito a um filhote recém-emplumado de alguma espécie exótica de pássaro — um flamingo recém-saído do ovo, talvez. Seu rosto dificilmente poderia ficar ainda mais vermelho, mas sua nuca queimava de vermelhidão, conforme o som de risadinhas femininas nos seguia escada acima.

Finalmente em segurança na pequena sala de estar do andar superior, com a porta fechada, Ian voltou-se e encarou seu desafortunado rebento.

— Vai viver, não vai, seu patife? — perguntou ele.

— Sim, senhor — respondeu o Jovem Ian com um melancólico grasnido, parecendo desejar que a resposta fosse “Não”.

— Ótimo — disse seu pai soturnamente. — Quer se explicar ou devo simplesmente lhe dar uma surra agora para nenhum de nós dois perder mais tempo?

— Você não pode bater em alguém que acaba de ter as sobrancelhas queimadas, Ian — protestou Jamie com voz rouca, servindo um copo de cerveja escura da jarra sobre a mesa. — Não seria humanitário. — Riu para seu sobrinho e estendeu-lhe o copo, que o rapaz agarrou ansiosamente.

— Sim, bem. Talvez não — concordou Ian, examinando o filho. Um dos cantos de sua boca contorceu-se. O Jovem Ian era uma visão patética; e também extremamente engraçada. — Isso não significa que não ficará com o traseiro empolado mais tarde, veja bem — advertiu ao garoto —, e isso é independente do que sua mãe pretenda fazer com você quando vê-lo outra vez. Mas por enquanto, rapaz, pode descansar.

Sem parecer reconfortado pelo tom magnânimo dessa última declaração, o Jovem Ian não respondeu, mas buscou refúgio no fundo do seu copo de cerveja.

Peguei meu próprio copo com grande satisfação. Eu percebera com bastante atraso por que os cidadãos de Edimburgo reagem à chuva com tanta repugnância; uma vez encharcado, era um inferno conseguir ficar seco outra vez entre as paredes úmidas de uma casa de pedras, sem uma muda de roupas e nenhuma calefação, a não ser uma pequena lareira.

Soltei o espartilho molhado dos meus seios, percebi o olhar rápido e interessado do Jovem Ian e decidi com pesar que na verdade eu não poderia tirá-lo com o garoto na sala. Jamie parecia já ter corrompido o garoto o

suficiente. Em vez disso, então, engoli um grande gole de cerveja, sentindo a deliciosa bebida descer borbulhando e aquecendo minhas entranhas.

— Sente-se bastante bem para conversar um pouco, garoto? — Jamie sentou-se em frente ao sobrinho, ao lado de Ian na almofada de genuflexório.

— Sim... creio que sim — respondeu o Jovem Ian cautelosamente com voz rascante. Limpou a garganta como um sapo-boi e repetiu com mais firmeza: — Sim, estou bem.

— Ótimo. Muito bem, então. Primeiro, como você foi parar na gráfica e, depois, como ela pegou fogo?

O Jovem Ian meditou por um instante, em seguida tomou outro gole de sua cerveja para ganhar coragem, e disse:

— Fui eu que pus fogo na gráfica.

Diante dessa resposta, tanto Jamie quanto Ian empertigaram-se na almofada. Pude notar Jamie reconsiderando sua opinião quanto à conveniência de surrar pessoas sem sobrelhas, mas dominou seu ímpeto com evidente esforço e apenas perguntou:

— Por quê?

O garoto tomou um novo gole de cerveja, tossiu e bebeu mais um, aparentemente tentando decidir o que dizer.

— Bem... — começou ele, hesitante. — Havia um homem — parou subitamente.

— Um homem — disse Jamie pacientemente, tentando estimular seu sobrinho, que parecia ter ficado surdo e mudo. — Que homem?

O Jovem Ian agarrou o copo com as duas mãos, com um ar profundamente infeliz.

— Responda logo a seu tio, palerma — disse Ian asperamente. — Ou vou colocá-lo nos joelhos e castigá-lo aqui mesmo.

Com uma mistura de ameaças e estímulos semelhantes, os dois homens conseguiram extrair uma história mais ou menos coerente do garoto.

O Jovem Ian fora à taberna em Kerse de manhã, onde deveria encontrar-se com Wally, que viria do encontro com as carroças de conhaque, a fim de carregar os barris imprestáveis e o vinho estragado a serem usados como subterfúgio.

— Quem o mandou lá? — perguntou Ian incisivamente.

— Eu — disse Jamie, antes que o Jovem Ian pudesse falar. Abanou a mão para seu cunhado, instando-o a calar-se. — Sim, eu sabia que ele estava aqui. Falaremos sobre isso mais tarde, Ian, por favor. É importante sabermos o que aconteceu hoje.

Ian olhou furiosamente para Jamie e abriu a boca para protestar, em seguida fechou-a abruptamente. Fez um sinal para que seu filho continuasse.

— Eu estava com fome — disse o Jovem Ian.

— E quando é que não está? — seu pai e seu tio disseram em uníssono. Entreolharam-se, reprimiram uma risada e a atmosfera tensa da sala relaxou um pouco.

— Então você entrou na taberna para comer alguma coisa — disse Jamie. — Tudo bem, garoto, não tem nada de mais. E o que aconteceu enquanto você estava lá?

Fora lá, como ficamos sabendo, que ele encontrara o homem. Um sujeito pequeno, parecendo um rato, usando um rabo de cavalo de marinheiro, cego de um olho, conversando com o proprietário da taberna.

— Ele estava perguntando por você, tio Jamie — disse o Jovem Ian, soltando a língua mais facilmente com a ajuda da cerveja. — Pelo seu próprio nome.

Jamie sobressaltou-se, parecendo surpreso.

— Quer dizer, Jamie Fraser?

O Jovem Ian confirmou balançando a cabeça, enquanto tomava mais um gole de cerveja.

— Sim. Mas ele também sabia seu outro nome... quero dizer, Jamie Roy.

— Jamie Roy? — Ian dirigiu um olhar intrigado a seu cunhado, que deu de ombros com impaciência.

— É como sou conhecido nas docas. Santo Deus, Ian, você sabe o que eu faço!

— Sim, eu sei, só não sabia que o garoto ajudava você. — Os lábios finos de Ian comprimiram-se e ele voltou sua atenção ao filho outra vez. — Continue, rapaz. Não vou interrompê-lo outra vez.

O marinheiro perguntara ao dono da taberna como um velho lobo do mar, em maré de pouca sorte e desempregado, poderia encontrar um sujeito chamado Jamie Fraser, que era conhecido por sempre arranjar um trabalho

para um homem capaz. O proprietário alegou ignorar o nome, o marinheiro inclinou-se para mais perto e empurrou uma moeda sobre a mesa. Em voz baixa, perguntou se o nome “Jamie Roy” lhe era mais familiar.

Como o taberneiro permanecesse surdo como uma cobra, o marinheiro logo deixou o lugar, com o Jovem Ian nos seus calcanhares.

— Achei que seria bom descobrir quem era ele e o que pretendia — explicou o rapaz, piscando repetidamente.

— Você devia ter deixado um recado para Wally com o taberneiro — disse Jamie. — Bem, isso não vem ao caso agora. — Para onde ele foi?

Desceu a rua a passos rápidos, mas não tão rápidos que um rapaz saudável não pudesse seguir a uma distância cautelosa. Um bom andarilho, o marujo atravessou Edimburgo, a uma distância de aproximadamente oito quilômetros, em menos de uma hora. Finalmente, entrou na taberna Green Owl, seguido pelo Jovem Ian, quase desfalecendo de sede com a caminhada.

Sobressaltei-me ao ouvir o nome da taberna, mas não disse nada, para não interromper a história.

— Estava terrivelmente cheia — relatou o garoto. — Algo havia acontecido de manhã e só se falava nisso, mas calavam-se quando me viam. Bem, foi a mesma coisa lá. — Parou para tossir e limpar a garganta. — O marinheiro pediu um conhaque, depois perguntou ao taberneiro se ele conhecia um fornecedor de conhaque chamado Jamie Roy ou Jamie Fraser.

— É mesmo? — murmurou Jamie. Olhava atentamente para o sobrinho, mas eu podia ver os pensamentos em movimentação atrás de sua testa alta, formando uma pequena ruga entre as espessas sobrancelhas.

O sujeito foi metodicamente de taberna em taberna, seguido de sua inseparável sombra, e em cada estabelecimento pediu conhaque e repetiu a pergunta.

— Ele deve ter uma cabeça e tanto para tomar tanto conhaque — observou Ian.

O Jovem Ian meneou a cabeça.

— Ele não bebia. Só cheirava.

Seu pai estalou a língua diante de tão escandaloso desperdício de uma boa bebida, mas as sobrancelhas ruivas de Jamie ergueram-se ainda mais alto.

— E alguma vez ele provou a bebida? — perguntou ele incisivamente.

— Sim. Na Dog and Gun e novamente na Blue Boar. Mas nada além de uma provadinha e, depois, deixava o copo intocado. Não bebeu nada nos outros lugares e fomos a cinco deles antes de... — sua voz definhou e ele tomou outro gole de cerveja.

O rosto de Jamie sofreu uma surpreendente transformação. De uma expressão de perplexidade preocupada, seu rosto tornou-se absolutamente inexpressivo e, em seguida, transformou-se numa expressão de revelação.

— Então é isso — falou baixinho consigo mesmo. — De fato. — Sua atenção retornou ao sobrinho. — E o que aconteceu depois, garoto?

O Jovem Ian começava a parecer infeliz outra vez. Engoliu com força, o tremor visível ao longo de seu pescoço magricelo.

— Bem, foi um caminho terrivelmente longo de Kerse a Edimburgo — começou ele —, e muito seco também...

Seu pai e seu tio trocaram olhares desconfiados.

— Você bebeu demais — disse Jamie, resignado.

— Bem, eu não sabia que ele iria a tantas tabernas, não é? — exclamou o Jovem Ian em sua defesa, ficando vermelho nas orelhas.

— Não, claro que não, garoto — disse Jamie compreensivamente, abafando o começo das observações mais severas de Ian. — Até onde você aguentou?

Até a metade da ladeira da Royal Mile, como se verificou, quando o Jovem Ian, sobrepujado pelo acúmulo de ter acordado cedo, caminhado oito quilômetros e bebido algo em torno de dois litros de cerveja, cochilou numa esquina, acordando uma hora depois e descobrindo que sua presa já desaparecera havia muito tempo.

— Então eu vim pra cá — explicou ele. — Achei que tio Jamie devia ficar sabendo disso. Mas ele não estava aqui. — O garoto olhou de relance para mim e suas orelhas ficaram ainda mais vermelhas.

— E por que você achou que ele deveria estar aqui? — Ian dirigiu um olhar penetrante a seu rebento e em seguida girou-o para seu cunhado. A raiva fervente que Ian vinha reprimindo desde a manhã eclodiu repentinamente. — Jamie Fraser, seu desgraçado, trazendo meu filho para uma casa de prostituição!

— E grande coisa você é para falar, pai! — O Jovem Ian estava de pé,

cambaleando um pouco, mas com os punhos grandes e ossudos cerrados ao lado do corpo.

— Eu? E o que você quer dizer com isso, seu paspalhão? — gritou Ian, os olhos arregalando-se de indignação.

— Quero dizer que você é um hipócrita! — gritou seu filho com a voz rouca. — Fazendo sermão para mim e Michael sobre pureza e ter uma única mulher, enquanto o tempo todo você se esgueira pela cidade atrás de prostitutas!

— O quê? — O rosto de Ian ficou inteiramente roxo. Olhei assustada para Jamie, que parecia estar achando graça na situação.

— Você é um... um... maldito túmulo caído! — O Jovem Ian lançou triunfalmente essa disparatada comparação, depois parou como se tentasse pensar em outra do mesmo nível. Abriu a boca, mas nada emergiu além de um leve arroto.

— O garoto está meio bêbado — disse a Jamie.

Ele levantou a jarra de cerveja, examinou o conteúdo no interior e devolveu-a à mesa.

— Tem razão — disse ele. — Eu devia ter notado há mais tempo, mas não dá para saber, chamuscado como está.

O Ian mais velho não estava bêbado, mas a expressão de seu rosto parecia-se muito à de seu filho, o semblante afogueado, os olhos saltados e os tendões do pescoço tensionados.

— O que está querendo dizer com isso, pirralho? — gritou ele. Avançou ameaçadoramente em direção ao Jovem Ian, que sem pensar recuou um passo e sentou-se abruptamente, quando suas panturrilhas bateram na beira do sofá.

— Ela — disse ele, reduzido a monossílabos. Apontou para mim, para deixar bem claro a quem se referia. — Ela! Você está enganando minha mãe com essa prostituta imunda, é isso que eu quero dizer!

Ian desferiu um tapa no ouvido do filho que o derrubou, esparramado no sofá.

— Seu grande idiota! — disse ele, escandalizado. — Bela maneira de falar de sua tia Claire, e também de mim e de sua mãe!

— Tia? — O Jovem Ian fitou-me boquiaberto do meio das almofadas, parecendo-se tanto a um filhote de ave implorando comida que eu desatei a

rir a despeito de mim mesma.

— Você saiu antes que eu pudesse me apresentar hoje de manhã — disse.

— Mas você está morta — disse ele, estupidamente.

— Ainda não — assegurei-lhe. — A menos que tenha pegado pneumonia de ficar sentada aqui com roupas molhadas.

Seus olhos arregalados haviam se transformado em dois círculos perfeitos enquanto me olhava fixamente. Um brilho fugidio de empolgação iluminou-os.

— Algumas das mulheres mais velhas de Lallybroch dizem que você era uma mulher sábia, uma dama branca, ou talvez até mesmo uma fada. Quando tio Jamie voltou de Culloden sem você, disseram que talvez você tivesse voltado para as fadas, de onde provavelmente viera. É verdade? Você mora na colina das fadas?

Troquei um olhar com Jamie, que revirou os olhos para cima.

— Não — disse. — Eu hã... eu...

— Ela fugiu para a França depois de Culloden — interrompeu Ian repentinamente, com grande firmeza. — Pensou que seu tio Jamie tivesse morrido na batalha, então foi para a casa de seus parentes na França. Ela fora uma amiga particular do príncipe Tearlach, não podia voltar para a Escócia sem se colocar em grande perigo. Mas depois ela ouviu falar de seu tio e assim que soube que seu marido não estava morto, afinal de contas, pegou um navio na mesma hora e veio ao encontro dele.

O Jovem Ian ficou boquiaberto. Eu também.

— Hã, sim — disse, fechando a boca. — Foi isso que aconteceu.

O garoto moveu os olhos arregalados e brilhantes de mim para o tio.

— Então, você voltou para ele — disse ele, com ar de felicidade. — Nossa, isso é muito romântico!

A tensão do momento rompeu-se. Ian hesitou, mas seus olhos enterneceram-se ao olhar de Jamie para mim.

— Sim — disse ele, sorrindo com certa relutância. — Sim, acho que sim.

— Eu não esperava estar fazendo isso por ele ainda por uns bons dois ou três anos — observou Jaime, segurando a cabeça de seu sobrinho com mão hábil enquanto o Jovem Ian vomitava penosamente na escarradeira que eu

segurava.

— Sim, bem, ele sempre foi precoce — retrucou Ian resignadamente. — Aprendeu a andar antes de conseguir ficar de pé e estava sempre caindo na fogueira, na tina de lavar roupas, no chiqueiro ou no estábulo. — Bateu de leve nas costas magras, que subiam e desciam com as ânsias de vômito. — Vamos lá, rapaz, deixe sair.

Mais um pouco e o rapaz foi depositado como um montículo murcho em cima do sofá para se recuperar dos efeitos da fumaça, da emoção e do excesso de cerveja preta, sob os olhares severos do tio e do pai.

— Onde está o diabo do chá que eu pedi? — Jamie estendeu a mão impacientemente para a sineta, mas eu o detive. A rotina doméstica do bordel obviamente ainda estava desorganizada depois dos acontecimentos da manhã.

— Não se preocupe — disse. — Vou lá embaixo buscar. — Peguei a escarradeira e levei-a comigo com o braço estendido, ouvindo Ian dizendo atrás de mim, num tom de voz racional:

— Olhe, seu tolo...

Encontrei o caminho da cozinha sem nenhuma dificuldade e obtive os suprimentos necessários. Esperava que Jamie e Ian dessem alguns minutos de trégua ao rapaz; não só para seu próprio bem, mas para que eu não perdesse nada de sua história.

Evidentemente, eu havia perdido alguma coisa. Quando retornei à pequena sala de estar, um ar de constrangimento pairava no aposento como uma nuvem, e o Jovem Ian olhou para cima e depois rapidamente para o lado oposto a mim, a fim de evitar meu olhar. Jamie continuava com sua habitual expressão imperturbável, mas o Ian pai parecia quase tão ruborizado e constrangido quanto seu filho. Apressou-se a vir ao meu encontro para pegar a bandeja de minhas mãos, murmurando agradecimentos, mas evitando me olhar nos olhos.

Ergui uma das sobancelhas para Jamie, que esboçou um leve sorriso e encolheu os ombros. Dei de ombros também e peguei uma das tigelas da bandeja.

— Pão e leite — eu disse, entregando-os ao Jovem Ian, que imediatamente pareceu mais contente. — Chá quente — disse, entregando o bule a seu pai. — Uísque — disse, entregando a garrafa a Jamie — e chá frio

para as queimaduras. — Retirei a tampa da última vasilha, onde vários guardanapos estavam embebidos em chá frio.

— Chá frio? — As sobranceiras ruivas de Jamie arquearam-se. — A cozinheira não tinha manteiga?

— Não se coloca manteiga em queimaduras — disse-lhe. — Sumo de babosa, de tanchagem ou plantago, mas a cozinheira não tinha nada disso. Chá frio foi o melhor que pude conseguir.

Coloquei compressas nas mãos e braços empolados do Jovem Ian e delicadamente limpei seu rosto vermelho com os guardanapos embebidos em chá enquanto Jamie e Ian serviam chá e uísque. Depois, nos sentamos, um pouco reanimados, para ouvir o resto da história de Ian.

— Bem — começou ele —, andei pela cidade por algum tempo, tentando pensar o que era melhor fazer. Finalmente, minha cabeça clareou um pouco e pensei que o homem que eu segui de taberna em taberna estava descendo a High Street; se eu fosse pelo outro lado e começasse a subir a rua, talvez o encontrasse.

— Foi uma ideia inteligente — disse Jamie e Ian balançou a cabeça com aprovação, a carranca desanuviando um pouco. — Encontrou-o?

O Jovem Ian balançou a cabeça, fazendo barulho ao beber seu leite.

— Encontrei, sim.

Ele desceu a Royal Mile correndo até quase o palácio de Holyrood na base da subida e laboriosamente começou a subir a rua, parando em cada taberna para perguntar pelo homem zanolho e de rabo de cavalo. Ninguém vira sua presa em nenhum lugar abaixo do Canongate e ele já começava a se desesperar quando, de repente, ele mesmo viu o sujeito, sentado no bar da cervejaria Holyrood.

Presumivelmente, essa parada fora para descanso, em vez de investigação, porque o marujo estava confortavelmente sentado, bebendo cerveja. O Jovem Ian depressa se escondeu atrás de um grande barril no pátio e permaneceu ali, observando, até que por fim o sujeito levantou-se, pagou a conta e saiu devagar do estabelecimento.

— Ele não foi a mais nenhuma taberna — relatou o rapaz, limpando um pingote de leite do queixo. — Foi direto para o beco Carfax, para a gráfica.

Jamie murmurou uma imprecisão em gaélico.

— E o que aconteceu então?

— Bem, ele encontrou a loja fechada, é claro. Quando viu que a porta estava trancada, olhou cuidadosamente para as janelas, como se estivesse talvez pensando em arrombar. Então, eu o vi olhar ao redor, a todas as pessoas que iam e vinham... era uma hora movimentada do dia, com muita gente indo à loja de chocolate. Assim, ele ficou parado por um instante no pórtico da entrada, pensando, e começou a voltar pelo beco. Eu tive que entrar depressa na alfaiataria da esquina para não ser visto.

O sujeito parou na entrada do beco, tomando uma decisão, depois virou para a direita, desceu alguns passos e desapareceu numa viela.

— Eu sabia que a viela levava ao pátio nos fundos do beco — explicou o Jovem Ian. — Assim, percebi imediatamente o que ele pretendia fazer.

— Há um pequeno pátio nos fundos do beco — explicou Jamie, vendo meu olhar confuso. — É para o lixo, entregas e coisas do gênero. Há uma porta dos fundos da gráfica que dá para esse pátio.

O Jovem Ian balançou a cabeça e colocou sua tigela vazia sobre a mesa.

— Sim. Achei que ele pretendia entrar na gráfica. E pensei nos novos panfletos.

— Santo Deus! — exclamou Jamie, empalidecendo um pouco.

— Panfletos? — Ian ergueu as sobrancelhas para Jamie. — Que tipo de panfletos?

— A última encomenda do sr. Gage — explicou o Jovem Ian.

Ian ainda parecia tão perplexo quanto eu.

— Política — disse Jamie sem rodeios. — Uma contestação da recente Lei do Selo, exortando a revolta civil, pela violência, se necessário. Cinco mil exemplares, recém-impresos, estocados no quarto dos fundos. Gage viria amanhã de manhã para pegá-los.

— Meu Deus! — exclamou Ian. Ele ficou ainda mais pálido do que Jamie, para quem olhava com uma espécie de horror e espanto misturados. — Você enlouqueceu completamente? — perguntou ele. — Você, que não tem nem um centímetro das costas que não esteja coberto de cicatrizes? Cujas tintas do indulto por traição ainda nem secou? Você está metido com esse Tom Gage e seu grupo subversivo, e ainda por cima envolveu meu filho?

Sua voz fora se elevando à medida que falava e, por fim, levantou-se num

salto, os punhos cerrados.

— Como pôde fazer uma coisa dessas, Jamie, como? Já não sofremos o suficiente com seus atos, Jenny e eu? Durante toda a guerra e depois... Santo Deus, eu imaginava que você já tivesse esgotado sua cota de prisões, sangue e violência!

— Sim, já esgotei — retrucou Jamie laconicamente. — Não faço parte do grupo de Gage. Mas trabalho com impressão, não? Ele pagou pelos panfletos.

Ian atirou as mãos para o alto num gesto de grande irritação.

— Ah, claro! E isso vai significar muito quando os soldados da Coroa o prenderem e o levarem para Londres para ser enforcado! Se esse material fosse encontrado em seu estabelecimento... — Atingido por um pensamento repentino, ele parou e voltou-se para seu filho. — Ah, então foi isso? — perguntou ele. — Você sabia o que eram esses panfletos e foi por isso que os incendiou?

O Jovem Ian balançou a cabeça, solene como uma jovem coruja.

— Eu não poderia retirá-los a tempo — disse ele. — Não cinco mil. O sujeito, o marinheiro, havia quebrado a janela dos fundos e estava tentando alcançar o trinco da porta.

Ian girou nos calcanhares para encarar Jamie.

— Desgraçado! — disse ele violentamente. — Você é um idiota irresponsável e inconsequente, Jamie Fraser! Primeiro os jacobitas e agora isso!

Jamie ficara ruborizado imediatamente ao ouvir as palavras de Ian, e seu rosto ficou ainda mais sombrio depois disso.

— Sou culpado por Charles Stuart? — disse ele. Seus olhos faiscavam com raiva e ele depositou sua xícara sobre a mesa com um baque que derramou chá e uísque sobre o tampo lustroso. — Não fiz tudo que pude para impedir o idiota? Não abri mão de tudo nessa luta, de tudo, Ian, minhas terras, minha liberdade, minha mulher, para tentar salvar todos nós? — Lançou-me um rápido olhar enquanto falava e eu pude vislumbrar uma fração infinitesimal do quanto os últimos vinte anos haviam lhe custado.

Virou-se novamente de frente para Ian, as sobrancelhas abaixando-se enquanto continuava, a voz cada vez mais áspera.

— E quanto ao que eu custei à sua família, o que você lucrou, Ian?

Lallybroch pertence ao pequeno James agora, não é? A seu filho, não a mim!

Ian contraiu-se diante dessa explosão.

— Eu nunca pedi... — começou ele a falar.

— Não, não pediu. Não o estou acusando, pelo amor de Deus! Mas o fato permanece. Lallybroch não me pertence mais, não é? Meu pai a deixou para mim e cuidei dela o melhor que pude, tomei conta das terras e dos colonos. E você me ajudou, Ian. — Sua voz abrandou-se um pouco. — Eu não teria conseguido sem você e Jenny. Não lamento ter passado a propriedade para o Jovem Jamie, tinha que ser feito. Mas ainda assim... — Virou-se de costas por um instante, a cabeça baixa, os ombros largos contraídos sob o linho da camisa.

Tive medo de me mexer ou de falar, mas meus olhos encontraram os do Jovem Ian, cheios de infinita angústia. Coloquei a mão em seu ombro magro para consolo mútuo e senti sua forte pulsação na carne macia acima da clavícula. Ele colocou a mão ossuda e grande sobre a minha e apertou-a com força.

Jamie virou de novo para seu cunhado, esforçando-se para manter a voz e a raiva sob controle.

— Eu juro a você, Ian, não deixei o garoto ser colocado em perigo. Fiz o máximo que pude para mantê-lo sempre à distância, não deixava que os carregadores do cais o vissem, nem que saísse nos barcos com Fergus, por mais que ele me implorasse. — Olhou para o Jovem Ian e sua expressão mudou para uma estranha mistura de afeto e irritação. — Eu não pedi a ele para vir me procurar, Ian, e disse a ele que devia voltar para casa.

— Mas não o obrigou a voltar, não é? — A vermelhidão da raiva esvaía-se do rosto de Ian, mas seus meigos olhos castanhos ainda estavam estreitados e brilhantes. — E também não nos avisou. Pelo amor de Deus, Jamie, Jenny não dormiu uma noite sequer este mês!

Os lábios de Jamie pressionaram-se com força.

— Não — disse ele, soltando as palavras uma de cada vez. — Não. Não avisei. Eu... — Olhou para o garoto outra vez e encolheu os ombros desconfortavelmente, como se sua camisa tivesse ficado repentinamente apertada demais. — Não — repetiu. — Eu mesmo pretendia levá-lo para casa.

— Ele tem idade suficiente para viajar sozinho — disse Ian laconicamente. — Ele chegou aqui sozinho, não foi?

— Sim. Não foi por isso. — Jamie virou-se, pegou uma xícara e ficou revirando-a de um lado a outro nas mãos. — Não, eu pretendia levá-lo, para poder lhes pedir permissão, a sua e a de Jenny, para o garoto vir morar comigo por algum tempo.

Ian soltou uma risada curta e sarcástica.

— Ah, é mesmo? Dar nossa permissão para ele ser enforcado ou levado com você, é?

A raiva atravessou as feições de Jamie outra vez quando ergueu os olhos da xícara que girava nas mãos.

— Você sabe que eu não deixaria que nada de mau acontecesse a ele. Pelo amor de Deus, Ian, me importo com ele como se fosse meu próprio filho e você sabe muito bem disso!

A respiração de Ian exaltava-se; eu podia ouvi-la de onde estava atrás do sofá.

— Ah, eu sei muito bem disso — disse ele, encarando Jamie com raiva. — Mas ele não é seu filho, hein? É meu filho.

Jamie devolveu seu olhar por um longo instante, depois estendeu o braço e recolocou a xícara na mesa com todo o cuidado.

— Sim — disse baixinho. — É.

Ian ficou parado por um momento, respirando pesadamente, depois passou a mão pela testa, alisando os fartos cabelos escuros para trás.

— Bem, então — disse ele. Respirou fundo uma ou duas vezes e virou-se para seu filho. — Vamos, então — disse. — Tenho um quarto no Halliday's.

Os dedos esqueléticos do Jovem Ian apertaram os meus com força. Os músculos de sua garganta moveram-se, mas ele não fez menção de levantar-se.

— Não, papai — disse ele. Sua voz tremia e ele piscava incessantemente, para não chorar. — Eu não vou com você.

O rosto de Ian ficou terrivelmente pálido, com uma mancha vermelha nas maçãs do rosto angulosas, como se alguém tivesse lhe dado uma forte bofetada em cada face.

— Então, é assim? — disse ele.

O Jovem Ian balançou a cabeça, engolindo em seco.

— Eu... irei com você de manhã, papai. Irei para casa com você. Mas não agora.

Ian fitou seu filho por um longo tempo sem fazer nenhum comentário. Em seguida, seus ombros arriaram e toda a tensão se esvaiu de seu corpo.

— Compreendo — disse ele calmamente. — Muito bem, então. Muito bem.

Sem dizer mais nada, virou-se e saiu, fechando a porta com muito cuidado atrás de si. Pude ouvir as batidas desajeitadas de sua perna artificial em cada degrau, conforme ele descia as escadas. Ouviu-se um leve som arrastado quando ele chegou ao pé da escada, depois a voz de Bruno em despedida e o baque surdo da porta principal fechando-se. Então, não restou nenhum som na sala, exceto o assobio do fogo da lareira atrás de mim.

O ombro do rapaz tremia sob a minha mão e ele agarrava meus dedos com mais força ainda, chorando sem emitir um único som.

Jamie aproximou-se e sentou-se a seu lado, o rosto ansioso e transtornado.

— Ian, ah, pequeno Ian — disse ele. — Por Deus, garoto, você não deveria ter feito isso.

— Eu tinha que fazer isso — Ian arquejou e inspirou ruidosamente e só então eu vi que ele estivera prendendo a respiração. Virou o rosto chamuscado para o tio, as feições esfoladas contorcidas de angústia. — Eu não quis magoar papai — disse ele. — Não quis!

Jamie deu umas pancadinhas de leve em seu joelho, distraidamente.

— Eu sei, garoto, mas dizer tal coisa a ele...

— Mas eu não podia contar a ele, e precisava contar a você, tio Jamie!

Jamie ergueu os olhos, repentinamente alarmado pelo tom de voz do sobrinho.

— Contar-me? Contar-me o quê?

— O homem. O homem de rabo de cavalo.

— O que tem ele?

O Jovem Ian umedeceu os lábios, revestindo-se de coragem.

— Acho que eu o matei — sussurrou ele.

Assustado, Jamie olhou para mim, depois de novo para o Jovem Ian.

— Como? — perguntou ele.

— Bem... eu menti um pouco — começou Ian, a voz trêmula. As lágrimas ainda assomavam em seus olhos, mas ele afastou-as com a mão. — Quando eu entrei na gráfica, com a chave que você me deu, o homem já estava lá dentro.

O marujo estava no quarto dos fundos do estabelecimento, onde as pilhas das encomendas recém-impressas eram guardadas, juntamente com estoques de tinta de impressão, os mata-borrões usados para limpar a prensa e a pequena forja onde lingotes usados eram derretidos e remodelados em novos tipos.

— Ele estava pegando alguns dos panfletos da pilha e colocando-os dentro do casaco — disse Ian, engolindo em seco. — Quando eu o vi, gritei com ele para que os devolvesse e ele girou nos calcanhares, apontando uma pistola para mim.

A pistola disparara, deixando o Jovem Ian apavorado, mas o projétil errou o alvo. Sem se deixar intimidar, o marinheiro avançou para cima do garoto, erguendo a pistola para golpeá-lo.

— Não houve tempo para fugir nem para pensar — disse ele. Ele soltara minha mão e seus dedos contorciam-se sobre o joelho. — Peguei o primeiro objeto que estava à mão e atirei em cima dele.

O objeto mais à mão fora a concha de cobre de cabo comprido usada para tirar chumbo liquefeito do caldeirão onde era derretido e entorná-lo nos moldes de fundição. A forja ainda estava acesa, embora bem protegida, e, apesar de o caldeirão não conter mais do que uma pequena poça no fundo, as gotas de chumbo escaldante voaram da concha no rosto do marinheiro.

— Meu Deus, como ele berrou! — Um forte tremor percorreu o corpo magro do Jovem Ian e eu dei a volta no sofá para sentar-me ao lado dele e segurar suas mãos.

O marinheiro saiu cambaleando para trás, agarrando o rosto com as duas mãos, e virou a pequena fornalha, espalhando carvão em brasa por toda parte.

— Foi isso que provocou o incêndio — disse o garoto. — Tentei apagá-lo, mas o fogo atingiu os papéis e de repente algo veio zunindo direto no meu rosto e foi como se o quarto inteiro estivesse em chamas.

— Os tambores de tinta, imagino — disse Jamie, como se falasse consigo

mesmo. — O pó é dissolvido em álcool.

As pilhas de papel em chamas começaram a cair entre o Jovem Ian e a porta dos fundos, uma parede de labaredas que soltava rolos de fumaça preta ameaçava desmoronar-se sobre ele. O marinheiro, cego e gritando como uma banshee, estava de quatro entre o garoto e a porta que dava para a sala da gráfica, por onde ele poderia sair em segurança.

— Eu... eu não podia tocar nele, arrancá-lo do caminho — disse ele, estremeçando novamente.

Perdendo a cabeça completamente, ele subiu as escadas, mas se viu preso numa armadilha quando as chamas, espalhando-se avassaladoramente pelo quarto dos fundos e entrando pela escada como em uma chaminé, encheram logo o quarto de cima com uma fumaça cegante.

— Não pensou em sair pelo alçapão que dá no telhado? — perguntou Jamie.

O Jovem Ian sacudiu a cabeça melancolicamente.

— Eu não sabia que havia um alçapão lá.

— Por que havia esse alçapão? — perguntei, curiosa.

A sombra de um sorriso torceu rapidamente a boca de Jamie.

— Para uma necessidade. Só uma raposa ingênua tem uma única saída de sua toca. Embora, devo confessar, não era em incêndio que eu estava pensando quando mandei fazê-lo. — Sacudiu a cabeça para livrar-se da divagação. — Mas você acha que o sujeito não conseguiu escapar do incêndio? — perguntou ele.

— Não vejo como poderia — respondeu o Jovem Ian, começando a fungar outra vez. — E se ele está morto, então eu o matei. Eu não podia contar a papai que eu era um a-ssa-ssa... — Começou a chorar outra vez, sacudindo-se, sem conseguir falar.

— Você não é nenhum assassino, Ian — disse Jamie com firmeza. Bateu de leve no ombro trêmulo do sobrinho. — Agora, pare, está tudo bem. Você não agiu errado, rapaz. Não agiu errado, está me ouvindo?

O garoto engoliu em seco e balançou a cabeça, mas não conseguia parar de chorar ou tremer. Finalmente, envolvi-o nos braços, virei-o e puxei sua cabeça para o meu ombro, dando umas pancadinhas em suas costas e murmurando pequenas palavras de conforto, como se faz com criancinhas.

Era uma sensação estranha tê-lo nos braços; quase tão grande quanto um homem adulto, mas com ossos leves, delgados, e tão pouca carne sobre eles que parecia que eu abraçava um esqueleto. Ele murmurava nas profundezas do meu peito, a voz tão alterada pela emoção e abafada pelo tecido que era difícil compreender o que dizia.

— ... pecado mortal... — ele parecia dizer — ... condenado ao inferno... não podia contar ao papai... medo... nunca mais posso voltar para casa...

Jamie ergueu as sobrelanceias para mim, mas eu apenas dei de ombros, sentindo-me impotente, alisando os cabelos espessos e emaranhados na parte de trás da cabeça do rapaz. Finalmente, Jamie inclinou-se para a frente, segurou-o com firmeza pelos ombros e sentou-o direito.

— Olhe pra mim, Ian — disse ele. — Vamos, olhe pra mim!

Com supremo esforço, o rapaz endireitou o pescoço caído e fixou os olhos vermelhos e rasos d'água no rosto do tio.

— Muito bem. — Jamie tomou as mãos do sobrinho e apertou-as ligeiramente. — Primeiro, não é pecado algum matar um homem que está tentando matá-lo. A Igreja permite que você mate se necessário, em sua própria defesa, de sua família ou de seu país. Portanto, você não cometeu pecado mortal e não está excomungado.

— Não? — O Jovem Ian fungou ruidosamente e enxugou o rosto na manga da camisa.

— Não, não está. — Jamie deixou que seus olhos revelassem o esboço de um sorriso. — Nós vamos juntos visitar o padre Hayes pela manhã, você fará sua confissão e será absolvido, mas ele lhe dirá o mesmo que estou lhe dizendo.

— Ah. — A sílaba continha um profundo alívio e os ombros mirrados do Jovem Ian aprumaram-se perceptivelmente, como se tivessem se livrado de um fardo.

Jamie deu umas pancadinhas no joelho do sobrinho outra vez.

— Segundo, não precisa ter medo de dizer a seu pai.

— Não? — O Jovem Ian aceitara a palavra de Jamie sobre o estado de sua alma sem hesitação, mas souou profundamente cético sobre sua opinião secular.

— Bem, não digo que ele não vá ficar zangado — acrescentou Jamie

honestamente. — Na verdade, acho que isso vai deixar o resto de seus cabelos completamente brancos na hora. Mas ele vai compreender. Ele não vai expulsá-lo de casa ou deserdá-lo, se é isso o que você teme.

— Acha que ele vai compreender? — Nos olhos do Jovem Ian, a dúvida e a esperança travavam um combate. — Eu... eu achava que... meu pai já matou algum homem? — perguntou ele de repente.

Jamie pestanejou, desconcertado com a pergunta.

— Bem — disse ele devagar —, eu acho... quero dizer, ele já lutou como soldado, mas eu... para lhe dizer a verdade, Ian, eu não sei. — Olhou para o sobrinho com ar de desamparo. — Não é o tipo de coisa sobre a qual os homens falem muito, sabe? Exceto às vezes os soldados, depois de beber muito.

O Jovem Ian balançou a cabeça, absorvendo o que ouvira, e fungou outra vez, com um horrível barulho gorgolejante. Jamie, tateando às pressas em sua manga em busca de um lenço, ergueu os olhos subitamente, com um pensamento repentino.

— Foi por isso que você disse que deveria me contar, mas não a seu pai? Porque sabia que eu já havia matado outros homens antes?

Seu sobrinho balançou a cabeça, examinando o rosto de Jamie com olhos transtornados e confiantes.

— Sim. Eu pensei... eu achei que você saberia o que fazer.

— Ah. — Jamie respirou fundo e trocou um olhar comigo. — Bem... — Seus ombros empertigaram-se e avolumaram-se, e eu pude ver que ele aceitava o fardo de que o Jovem Ian se livrara. Ele suspirou. — O que você faz — disse ele — é primeiro perguntar a si mesmo se você teve escolha. Não teve, portanto, fique tranquilo. Depois, vai se confessar, se puder; se não, faça um bom ato de contrição, é o suficiente, quando não é um pecado mortal. Você não tem nenhuma culpa, veja bem, mas a contrição é porque você lamenta muito a necessidade que se abateu sobre você. Às vezes, isso acontece e não há como evitar. E depois reze uma prece pela alma daquele que você matou, para que ela descanse em paz e não o assombre. Conhece a oração pela paz da alma? Use-a, se tiver tempo de folga para se lembrar dela. Numa batalha, quando não há tempo, use esta outra: “Que esta alma descanse em Vossos braços, ó Senhor Jesus Cristo, no Reino dos Céus, Amém.”

— Que esta alma descanse em Vossos braços, ó Senhor Jesus Cristo, no Reino dos Céus, Amém — repetiu o Jovem Ian baixinho. — Sim, tudo bem. E depois?

Jamie estendeu a mão e tocou o rosto do sobrinho com grande ternura.

— Depois, você vai ter de aprender a conviver com isso, rapaz — disse ele brandamente. — Só isso.

O GUARDIÃO DA VIRTUDE

—Você acha que o homem que o Jovem Ian perseguiu tem alguma coisa a ver com o aviso de sir Percival? — Levantei uma tampa na bandeja do jantar que acabara de ser entregue e aspirei o aroma com satisfação; muito tempo parecia ter se passado desde o ensopado na Moubray's. Jamie balançou a cabeça, pegando uma espécie de pãozinho quente e recheado.

— Ficaria surpreso se não tivesse — disse ele secamente. — Embora seja provável que haja mais de um homem querendo me matar, não acho que haja gangues deles perambulando por Edimburgo. — Deu uma mordida no pãozinho e mastigou devagar, sacudindo a cabeça. — Não, está bastante claro, e não há muito com que se preocupar.

— Não? — Dei uma pequena mordida em meu próprio pãozinho, depois outra maior. — Isto é uma delícia. O que é?

Jamie abaixou o pão que estivera prestes a morder e estreitou os olhos, examinando-o.

— Pombo com trufas — disse ele, enfiando-o inteiro na boca. — Não — disse ele, fazendo uma pausa para engolir. — Não — disse outra vez, com mais clareza. — É apenas uma disputa por território de um contrabandista concorrente. Há duas quadrilhas que me dão trabalho de vez em quando. — Abanou a mão, espalhando farelos, e pegou outro pãozinho. — Pelo modo como o sujeito se comportou, cheirando o conhaque, mas raramente provando-o, ele pode ser um *dégustateur de vin*, alguém que pode dizer apenas pelo cheiro onde o vinho foi produzido e, por uma prova, o ano em que foi engarrafado. Um sujeito muito valioso — acrescentou ele pensativamente — e um excelente cão de caça para colocar no meu rastro.

A ceia viera acompanhada de vinho. Servi um copo e passei-o sob meu próprio nariz.

— Ele podia seguir a sua pista só pelo conhaque? — perguntei, curiosa.

— Mais ou menos. Lembra-se do meu primo Jared?

— Claro que me lembro. Quer dizer que ele ainda está vivo? — Após o

massacre de Culloden e os acontecimentos subsequentes, era encorajador saber que Jared, um rico imigrante escocês com um próspero negócio de vinhos em Paris, ainda pertencia ao mundo dos vivos.

— Acho que vão ter que enfiá-lo num barril e atirá-lo no Sena para se livrarem dele — disse Jamie, os dentes brancos e brilhantes no rosto sujo de fuligem. — Sim, e ele não só está vivo, mas divertindo-se. Onde você acha que eu consigo o conhaque francês que trago para a Escócia?

A resposta óbvia era “França”, mas em vez disso, eu respondi:

— Jared, não é?

Jamie balançou a cabeça, a boca cheia com outro pãozinho.

— Ei! — Inclinou-se para a frente e arrancou a travessa do alcance dos dedos esqueléticos do Jovem Ian. — Você não deve comer coisas pesadas como esta quando seu estômago está estragado — disse ele, franzindo a testa e mastigando. Engoliu e lambeu os lábios. — Vou pedir mais pão e leite para você.

— Mas, tio — disse o Jovem Ian, olhando avidamente para os saborosos pãezinhos —, estou com uma fome terrível. — Purgado pela confissão, o garoto recobrou consideravelmente seu estado de espírito e o apetite também.

Jamie olhou para o sobrinho e suspirou.

— Sim, está bem. Mas jura que não vai vomitar em cima de mim?

— Não, tio — disse o Jovem Ian docemente.

— Então, está bem. — Jamie empurrou a travessa na direção do garoto e retornou à sua explicação. — Jared envia para mim principalmente o vinho de segunda de seus próprios vinhedos em Moselle, guardando os de primeira para vender na França, onde sabem diferenciar a qualidade.

— Então, a bebida que você traz para a Escócia é identificável?

Ele deu de ombros, estendendo a mão para o vinho.

— Somente para um *nez*, um *dégustateur*, quero dizer. Mas o fato é que o pequeno Ian aqui viu o sujeito provar o vinho na Dog and Gun e na Blue Boar, e essas são duas tabernas na High Street que compram conhaque exclusivamente de mim. Várias outras compram de mim, mas de outros também. De qualquer modo, não fico tão preocupado quando alguém procura por Jamie Roy em uma taberna. — Ele ergueu seu copo de vinho e passou-o

sob o próprio nariz por reflexo, fez uma leve careta e bebeu. — Não — disse ele, abaixando o copo —, o que me preocupa é que o sujeito tenha chegado à gráfica. Porque eu tomo muito cuidado para me certificar de que as pessoas que veem Jamie Roy nas docas em Burntisland não sejam as mesmas que passam o dia na High Street com o sr. Alex Malcolm, o mestre-impressor.

Franzi as sobranceiras, tentando compreender.

— Mas sir Percival chamou-o de Malcolm e ele sabe que você é um contrabandista — protestei.

Jamie balançou a cabeça pacientemente.

— Metade dos homens nos portos próximos a Edimburgo são contrabandistas, Sassenach — disse ele. — Sim, sir Percival sabe muito bem que sou contrabandista, mas não sabe que eu sou Jamie Roy, muito menos James Fraser. Ele acha que eu trago peças não declaradas de seda e veludo da Holanda, porque é por esse tipo de mercadoria que eu lhe pago. — Sorriu ironicamente. — Eu troco conhaque por seda e veludo com o alfaiate da esquina. Sir Percival gosta de tecidos finos e sua mulher mais ainda. Mas ele não sabe que estou envolvido com bebida, muito menos em quantidade, ou ele iria querer muito mais do que alguns metros de renda e tecido, pode ter certeza.

— É possível que um dos taberneiros o tenha delatado ao marinheiro? Certamente, eles já o viram.

Ele despenteou os cabelos com a mão, como costumava fazer quando pensava, fazendo alguns tufo de cabelo mais curto no topo da cabeça levantarem-se numa espiral de cabelos espetados.

— Sim, já me viram, mas apenas como freguês. É Fergus quem faz as transações com as tabernas, e Fergus sempre toma cuidado de nunca se aproximar da gráfica. Ele sempre se encontra comigo aqui, em particular. — Dirigiu-me um sorriso enviesado. — Ninguém desconfia dos motivos de um homem visitar um bordel, não é?

Um pensamento ocorreu-me subitamente.

— Poderia ser isso? — perguntei. — Qualquer um pode entrar aqui sem ser indagado. Seria possível que o marinheiro que o Jovem Ian seguiu os tenha visto aqui, você e Fergus? Ou ouvido sua descrição de uma das garotas? Afinal, você não é um homem que possa passar despercebido. — De

fato, não era. Ainda que houvesse muitos homens ruivos em Edimburgo, poucos igualariam a altura de Jamie e menos ainda percorreriam as ruas com a arrogância inconsciente de um guerreiro desarmado.

— É uma ideia bem plausível, Sassenach — disse ele, fazendo um sinal com a cabeça para mim. — Será bem fácil descobrir se um marinheiro de rabo de cavalo, zarolho, esteve aqui recentemente. Vou pedir a Jeanne que pergunte às garotas.

Levantou-se e espreguiçou-se estirando todos os membros, as mãos quase tocando as vigas do teto.

— E então, Sassenach, talvez a gente possa ir para a cama, hein? — Abaixou os braços e piscou para mim com um sorriso. — Com uma coisa e outra, foi um dia infernal, não é?

— Sim, é verdade — disse, devolvendo o sorriso.

Jeanne, chamada para receber instruções, chegou juntamente com Fergus, que abriu a porta para a madame com a familiaridade de um irmão ou um primo. Não era de admirar que ele se sentisse em casa, imaginei; ele nascera em um bordel de Paris e passara os primeiros dez anos de sua vida lá, dormindo num armário embaixo das escadas, quando não estava ganhando a vida como batedor de carteiras nas ruas.

— O conhaque já foi despachado — informou a Jamie. — Eu o vendi a MacAlpine, com um certo sacrifício no preço, lamento dizer, milorde. Achei que uma venda rápida era o melhor.

— Foi melhor tirá-lo logo daqui — disse Jamie, balançando a cabeça. — O que fez com o corpo?

Fergus sorriu ligeiramente, o rosto magro e o topete escuro emprestando-lhe claramente um ar de pirata.

— Nosso intruso também foi para a taberna MacAlpine's, milorde... devidamente disfarçado.

— Disfarçado como? — perguntei.

O riso do pirata voltou-se para mim; Fergus se transformara num homem muito atraente, apesar da desfiguração de seu gancho.

— Como um barril de creme de menta, milady — disse ele.

— Acho que ninguém bebeu creme de menta em Edimburgo nem uma vez nos últimos cem anos — observou madame Jeanne. — Os bárbaros

escoceses não estão acostumados ao consumo de licores civilizados; nunca vi um cliente aqui tomar qualquer outra coisa que não uísque, cerveja ou conhaque.

— Exatamente, madame — disse Fergus, balançando a cabeça. — Não queremos ver os fregueses do sr. MacAlpine abrindo o barril, não é?

— Certamente alguém vai olhar o que há dentro desse barril mais cedo ou mais tarde — disse. — Não quero ser indelicada, mas...

— Exatamente, milady — disse Fergus, com uma respeitosa medida para mim. — Embora creme de menta possua um teor de álcool bastante alto, a adega da taberna é apenas um lugar de descanso temporário de nosso desconhecido amigo na jornada para seu repouso eterno. Ele vai para as docas amanhã e dali para algum destino bem distante. É que eu não queria que ele ficasse atravancando as dependências de madame Jeanne nesse meio-tempo.

Jeanne dirigiu uma observação em francês a santa Inês que eu não consegui captar, mas em seguida deu de ombros e virou-se para ir embora.

— Vou perguntar a *les filles* a respeito desse marujo amanhã, monsieur, quando estiverem de folga. Por enquanto...

— Por enquanto, por falar em folga — interrompeu Fergus —, mademoiselle Sophie estaria desocupada esta noite?

A madame dirigiu-lhe um olhar irônico e divertido.

— Desde que ela o viu entrar, *mon petit saucisse*, tenho certeza que se manteve disponível. — Ela lançou um olhar ao Jovem Ian, desengonçado entre as almofadas, como um espantalho do qual todo o enchimento de palha tivesse sido removido. — E devo encontrar um lugar para o jovem dormir?

— Ah, sim. — Jamie olhou pensativamente para o sobrinho. — Acho que pode mandar colocar um colchão no meu quarto.

— Ah, não! — protestou o Jovem Ian. — Você vai querer ficar a sós com sua esposa, não é, tio?

— O quê? — Jamie fitou-o sem compreender.

— Bem, quero dizer... — hesitou o Jovem Ian, olhando de soslaio para mim e repentinamente desviando o olhar. — Quero dizer, certamente vai querer... hã... mmmhummm? — Sendo natural das Terras Altas, ele conseguiu produzir aquele último som com uma surpreendente riqueza de

indelicadeza implícita.

Jamie esfregou os nós dos dedos da mão com força contra o lábio superior.

— Bem, é muito atencioso de sua parte, Ian — disse ele. Sua voz tremeu um pouco com o esforço para não desatar a rir. — E fico lisonjeado que você tenha em tão alta conta a minha virilidade a ponto de achar que sou capaz de qualquer outra coisa na cama que não dormir profundamente depois de um dia como o de hoje. Mas acho que talvez eu possa abdicar de meus desejos carnavais por uma noite, por mais que eu goste de sua tia — acrescentou, lançando-me um sorriso.

— Mas Bruno disse que a casa não está cheia esta noite — interpôs Fergus, olhando ao redor com certa perplexidade. — Por que o garoto não...

— Porque ele só tem catorze anos, pelo amor de Deus! — disse Jamie, escandalizado.

— Quase quinze! — corrigiu o Jovem Ian, sentando-se ereto e parecendo interessado.

— Bem, isso sem dúvida é suficiente — disse Fergus, lançando um olhar rápido para madame Jeanne em busca de confirmação. — Seus irmãos tinham a mesma idade quando eu os trouxe aqui pela primeira vez, e eles desempenharam sua função com honra.

— Você o quê? — Jamie arregalou os olhos para seu protegido.

— Bem, alguém tinha que fazer isso — disse Fergus, com ligeira impaciência. — Normalmente, o pai de um rapaz... mas, é claro, o monsieur não está... sem querer desrespeitar seu prezado pai, é claro — acrescentou ele, com um sinal da cabeça para o Jovem Ian, que respondeu com o mesmo gesto como um brinquedo mecânico —, mas é uma questão de decisão experiente, compreende? Bem — virou-se para madame Jeanne, com ar de um gourmand consultando o sommelier. —, Dorcas, o que acha? Ou Penélope?

— Não, não — disse ela, sacudindo a cabeça com firmeza. — Deve ser a segunda Mary, sem dúvida. A pequenina.

— Ah, a de cabelos louros? Sim, acho que tem razão — disse Fergus, com aprovação. — Vá buscá-la, então.

Jeanne saiu antes que Jamie conseguisse emitir não mais do que um

grasnado fraco em protesto.

— Mas... mas o garoto não pode — começou ele.

— Posso, sim — disse o Jovem Ian. — Ao menos, acho que posso. — Seu rosto não poderia ficar mais vermelho do que já estava, mas suas orelhas estavam escarlate de empolgação, os eventos traumáticos do dia sendo completamente esquecidos.

— Mas é que... não posso deixá-lo — Jamie interrompeu-se e fitou seu sobrinho por um longo instante. Finalmente, lançou as mãos para o alto, num exasperado sinal de derrota. — E o que eu vou dizer à sua mãe? — perguntou ele, quando a porta abriu-se atrás dele.

Emoldurada no vão da porta estava uma jovem bem baixa, rechonchuda e lisa como uma perdiz em sua camisola de seda azul, seu rosto meigo e redondo iluminado por um amplo sorriso sob uma nuvem solta de cabelos louros. Ao vê-la, o Jovem Ian ficou paralisado, mal conseguindo respirar.

Quando finalmente ou ele respirava ou morria, ele respirou e voltou-se para Jamie. Com um sorriso de inigualável doçura, disse:

— Bem, tio Jamie, se eu fosse você — sua voz ergueu-se repentinamente num preocupante soprano e ele parou, limpando a garganta antes de retomar um barítono respeitável —, não contaria a ela. Boa noite, tia — disse ele, saindo com passos resolutos.

— Não sei se devo matar Fergus ou agradecer a ele. — Jamie estava sentado na cama de nosso quarto no sótão, desabotoando a camisa lentamente.

Estendi o vestido úmido sobre o banco e ajoelhei-me diante dele para abrir as fivelas que atavam suas calças na altura dos joelhos.

— Acho que ele estava tentando fazer o melhor pelo Jovem Ian.

— Sim... à sua maldita maneira imoral francesa. — Jamie levou as mãos à nuca para desatar o laço que prendia seus cabelos. Ele não os trançara outra vez depois que deixamos a Moubray's e eles derramaram-se, macios e soltos, sobre seus ombros, emoldurando as proeminentes maçãs do rosto e o nariz longo e reto, de modo que ele ficou parecendo um dos mais ferozes anjos italianos da Renascença.

— Foi o arcanjo Miguel que conduziu Adão e Eva para fora do Jardim do Éden? — perguntei, retirando suas meias.

Ele deu uma risadinha.

— É o que pareço a você? O guardião da virtude? E Fergus seria a mal-intencionada serpente? — Ele colocou as mãos sob meus cotovelos quando se inclinou para erguer-me. — Levante-se, Sassenach; não devia estar de joelhos, me servindo.

— Você teve um dia infernal hoje — respondi, fazendo com que se levantasse comigo. — Mesmo que não tenha matado ninguém. — Havia grandes bolhas em suas mãos e embora ele tivesse retirado a maior parte da fuligem, ainda havia uma listra preta ao longo do seu maxilar.

— Hummm.

Minhas mãos rodearam sua cintura para ajudá-lo a tirar a cinta de suas calças, mas ele prendeu-as ali, descansando o rosto por um breve instante no topo de minha cabeça.

— Não fui completamente honesto com o garoto, sabe? — disse ele.

— Não? Achei que você lidou maravilhosamente com ele. Pelo menos, ele se sentiu melhor depois de conversar com você.

— Sim, espero que sim. E talvez as preces ajudem. Pelo menos, mal não podem fazer. Mas eu não lhe contei tudo.

— O que mais há para ser contado? — Ergui o rosto, tocando seus lábios de leve com os meus. Ele cheirava a fumaça e suor.

— O que um homem geralmente faz quando está angustiado por ter matado alguém é procurar uma mulher, Sassenach — disse ele brandamente. — A dele, se puder; outra, se necessário. Porque ela pode fazer o que ele não pode... e curá-lo.

Meus dedos encontraram os cadarços de sua braguilha; soltaram-se com um simples puxão.

— Foi por isso que o deixou ir com a segunda Mary?

Ele encolheu os ombros e, recuando um passo, tirou as calças.

— Não podia impedi-lo. E acho que talvez eu estivesse certo em permitir, embora seja tão jovem. — Sorriu obliquamente. — Ao menos, ele não vai passar a noite remoendo a morte do marinheiro.

— Imagino que não. E quanto a você? — Tirei minha combinação por cima da cabeça.

— Eu? — Fitou-me, com as sobrancelhas erguidas, a imunda camisa de

linho solta sobre os ombros.

Olhei para a cama atrás dele.

— Sim. Você não matou ninguém, mas quer... mmmhummm? — Fitei-o nos olhos, erguendo as sobrancelhas interrogativamente.

O sorriso ampliou-se em seu rosto e qualquer semelhança com o arcanjo Miguel, severo guardião da virtude, desapareceu. Ele ergueu um dos ombros, depois o outro, e deixou-os cair — a camisa deslizou de seus braços para o chão.

— Acho que sim — disse ele. — Mas seja delicada comigo, sim?

A ÚLTIMA VÍTIMA DE CULLODEN

Pela manhã, vi Jamie e Ian saírem para cuidar de seus deveres religiosos e, em seguida, eu mesma saí, e parei para comprar um grande cesto de vime de uma vendedora de rua. Já era hora de começar a me equipar outra vez, com o que quer que eu conseguisse encontrar de produtos medicinais. Após os eventos do dia anterior, eu começava a temer que logo teria necessidade deles.

A botica de Haugh não mudara em nada, resistiu à ocupação inglesa, à Revolução escocesa e à queda dos Stuart. Meu coração alegrou-se quando atravessei a porta e mergulhei naqueles aromas intensos e familiares de amônia, menta, óleo de amêndoas e anis.

O homem atrás do balcão era Haugh, mas um Haugh muito mais novo do que o homem de meia-idade com quem eu lidara havia vinte anos, quando ia à loja para tomar conhecimento de notícias e boatos de inteligência militar, assim como obter ervas e remédios.

O jovem Haugh não me conhecia, é claro, mas atenciosamente começou a reunir as ervas que eu queria, buscando-as nas jarras perfeitamente arrumadas em suas prateleiras. Muitas eram bastante comuns — alecrim, tanaceto, cravo-de-defunto — mas algumas em minha lista fizeram as sobrancelhas avermelhadas do jovem Haugh erguerem-se e ele franzir os lábios pensativamente, enquanto procurava entre as jarras.

Havia outro freguês na loja, pairando junto ao balcão, onde tônicos eram fornecidos e fórmulas eram aviadas. Andava de um lado para outro com passadas largas, as mãos apertadas às costas, obviamente impaciente. Após um instante, aproximou-se do balcão.

— Quanto tempo? — perguntou ele rispidamente para as costas do sr. Haugh.

— Não sei dizer, reverendo — a voz do boticário soou com um tom de desculpa. — Louisa disse que teria que ser fervido.

A única resposta a isso foi um muxoxo, e o homem, alto e de ombros

estreitos, de preto, retomou seus passos, olhando de vez em quando para a porta que dava para a sala dos fundos, onde a invisível Louisa provavelmente trabalhava. O reverendo me parecia vagamente familiar, mas eu não tinha tempo para pensar onde o vira antes.

O sr. Haugh examinava a lista que eu lhe dera com os olhos estreitados e ar de dúvida.

— Bem, acônito — murmurou ele. — Acônito. O que pode ser isso?

— Bem, é um veneno, para começar — disse. O sr. Haugh olhou-me boquiaberto por um instante. — É um remédio, também — assegurei-lhe. — Mas é preciso ter cuidado em sua utilização. Externamente, é bom para reumatismo, mas uma quantidade mínima, ingerida pela boca, reduzirá os batimentos cardíacos. Bom para alguns tipos de problemas do coração.

— Compreendo — disse o sr. Haugh, pestanejando. Voltou-se para suas prateleiras, parecendo um pouco desorientado. — Hã, saberia que cheiro tem, talvez?

Tomando isso como um convite, dei a volta para trás do balcão e comecei a procurar entre as jarras. Estavam cuidadosamente rotuladas, mas os rótulos de algumas eram obviamente muito velhos, a tinta desbotada e o papel soltando-se nas pontas.

— Receio que eu ainda não seja tão entendido em remédios quanto meu pai — dizia o jovem Haugh junto ao meu cotovelo. — Ele me ensinou muita coisa, mas morreu há um ano e há substâncias aqui que eu não sei para que servem.

— Bem, esta aqui é boa para tosse — disse, retirando da prateleira uma jarra de elecampana com um rápido olhar para o impaciente reverendo, que tirara um lenço e assoava o nariz asmaticamente dentro dele. — Particularmente, quando a tosse tem um som cavernoso.

Franzi o cenho diante das prateleiras abarrotadas. Tudo estava perfeitamente limpo e imaculado, mas evidentemente as substâncias não estavam nem em ordem alfabética, nem botânica. Teria o sr. Haugh um sistema próprio, ou ele simplesmente se lembrava do lugar de cada uma? Fechei os olhos e tentei me lembrar da última vez em que eu estivera na loja.

Para minha surpresa, a imagem retornou facilmente. Na ocasião, eu fora comprar dedaleira, para fazer as infusões para Alex Randall, o irmão mais

novo de Black Jack Randall — e seis vezes bisavô de Frank. Pobre rapaz, já estava morto havia vinte anos agora, embora tivesse vivido o suficiente para gerar um filho. Senti uma ponta de curiosidade à ideia de seu filho, e de sua mãe, que fora minha amiga, mas forcei a mente a se afastar deles, a voltar à imagem do sr. Haugh, na ponta dos pés para alcançar sua prateleira, lá para o lado direito...

— Lá. — De fato, minha mão pousou perto de uma jarra rotulada DEDALEIRA. De um lado, havia uma jarra etiquetada CAVALINHA e do outro RAIZ DE LÍRIO-DO-VALE. Hesitei, olhando para elas, pesquisando mentalmente os possíveis usos daquelas ervas. Cardíacas, todas elas. Portanto, se eu quisesse achar acônito, seria ali por perto.

Era. Achei-a facilmente, numa jarra rotulada com seu nome popular CAPUZ-DE-FRADE.

— Cuidado com isso. — Entreguei a jarra cuidadosamente ao sr. Haugh. — Mesmo uma pequena quantidade deixará sua pele dormente. Talvez seja melhor usar um frasco de vidro para ela. — A maior parte das ervas que eu comprara vinha embrulhada em quadrados de gaze ou enrolada em papéis torcidos, mas o jovem sr. Haugh assentiu e levou a jarra de acônito para a sala dos fundos, com os braços estendidos, como se esperasse que fosse explodir em seu rosto.

— Parece saber bem mais de remédios do que o rapaz — disse uma voz grave e rouca atrás de mim.

— Bem, provavelmente tenho mais experiência do que ele. — Virei-me e vi o pastor apoiado no balcão, observando-me por baixo de sobrelanceiras grossas com olhos azul-claros. Lembrei-me repentinamente de onde o vira antes; na Moubray's no dia anterior. Não deu nenhum sinal de me reconhecer; talvez porque meu manto cobrisse o vestido de Daphne. Eu notara que muitos homens praticamente nem reparavam no rosto de uma mulher em *décolletage*, embora parecesse um hábito lastimável em um sacerdote. Ele clareou a garganta.

— Mmmhummm. E sabe o que fazer para uma doença nervosa?

— Que tipo de doença nervosa?

Ele franziu os lábios e a testa, como se estivesse em dúvida se deveria confiar em mim. O lábio superior era ligeiramente pontudo, como o bico de

uma coruja, mas o inferior era grosso e pendente.

— Bem... é um caso complicado. Mas falando de um modo geral... — analisou-me atentamente —, o que indicaria para uma espécie de... acesso?

— Ataque epiléptico? Quando a pessoa cai no chão e fica se debatendo?

Ele meneou a cabeça, exibindo uma faixa avermelhada no pescoço, onde o alto lenço branco, usado como uma espécie de gravata, irritara a pele.

— Não, um tipo diferente de acesso. Berrando e olhando fixamente.

— Berrando e olhando fixamente?

— Não ao mesmo tempo — acrescentou ele apressadamente. — Primeiro um e depois o outro, ou melhor, em sequência. Primeiro, ela passa dias sem fazer mais nada senão olhar fixamente, sem falar, e depois, de repente, tem um acesso de gritos capaz de acordar os mortos.

— Parece muito penoso. — E era; se sua mulher fosse atormentada por tal distúrbio, as olheiras arroxeadas e as profundas rugas de tensão que contornavam sua boca e seus olhos podiam ser facilmente explicadas.

Tamborilei o dedo sobre o balcão, considerando a questão.

— Não sei. Eu teria que ver a paciente.

O ministro tocou o lábio inferior com a língua.

— Talvez... Estaria disposta a ir vê-la? Não é longe daqui — acrescentou ele, com certo formalismo. Não estava acostumado a pedir favores, mas a urgência de seu pedido ficou evidente, apesar da arrogância de sua figura.

— Não posso no momento. Tenho que ir ao encontro do meu marido. Mas talvez hoje à tarde...

— Duas horas — disse ele prontamente. — Henderson's, no beco Carrubber's. Meu nome é Campbell, reverendo Archibald Campbell.

Antes que eu pudesse dizer sim ou não, a cortina que separava a frente da loja da sala dos fundos abriu-se e o sr. Haugh surgiu com dois frascos, entregando-os a cada um de nós.

O reverendo examinou o dele com desconfiança, enquanto tateava no bolso à cata de uma moeda.

— Bem, tome seu dinheiro — disse ele grosseiramente, batendo a moeda em cima do balcão. — E espero que tenha me dado o remédio certo e não o veneno desta senhora.

A cortina farfalhou outra vez e uma mulher espreitou pelas costas a figura

do ministro que saía.

— Já vai tarde! — observou ela. — Meio penny por uma hora de trabalho e, ainda por cima, insultos! Deus devia escolher melhor, é só o que posso dizer!

— Você o conhece? — perguntei, curiosa em saber se Louisa teria alguma informação útil sobre a mulher doente.

— Não posso dizer que o conheça bem, não — disse Louisa, fitando-me com franca curiosidade. — É um dos ministros da Igreja Livre, aquela que está sempre arengando em altos brados na esquina de Market Cross, dizendo às pessoas que o comportamento delas é inconsequente e que tudo de que precisam para a salvação é “se agarrar com Jesus”, como se Nosso Senhor fizesse luta livre em dia de feira! — Ela torceu o nariz desdenhosamente para essa opinião herege, persignando-se contra contaminação. — Surpreende-me que pessoas como o reverendo Campbell venham à nossa loja, ouvindo o que ele pensa de papistas em geral. — Seus olhos aguçaram-se em minha direção. — Mas talvez a senhora pertença à Igreja Livre, madame, sem querer ofendê-la, se for o caso.

— Não, eu sou católica... Hã, e papista também — assegurei-lhe. — Só estava imaginando se saberia alguma coisa sobre a mulher do reverendo e sua saúde.

Louisa sacudiu a cabeça, virando-se para atender outro freguês.

— Não, nunca vi a mulher do reverendo. Mas seja qual for o problema dela — acrescentou ela, franzindo a testa na direção em que o reverendo desaparecera —, tenho certeza de que viver com ele não a ajuda em nada.

O tempo estava frio, mas claro, e apenas uma ligeira insinuação de fumaça demorava-se no jardim da paróquia como lembrete do fogo. Jamie e eu nos sentamos em um banco junto ao muro, absorvendo o pálido sol de inverno enquanto esperávamos o Jovem Ian terminar sua confissão.

— Foi você quem contou a Ian aquele monte de bobagem que ele disse para o Jovem Ian ontem? Sobre onde eu estive todo esse tempo?

— Ah, sim — disse ele. — Ian é muito esperto para acreditar nisso, mas é uma história bem plausível e ele é um amigo bom demais para insistir em saber a verdade.

— Creio que vai servir, para consumo geral — concordei. — Mas não deveria ter contado a mesma história para sir Percival, em vez de deixá-lo pensar que éramos recém-casados?

Ele sacudiu a cabeça com determinação.

— Ah, não. Para começar, sir Percival não faz a menor ideia do meu verdadeiro nome, embora eu possa apostar a minha renda de um ano que ele sabe que não é Malcolm. Eu não queria que ele me ligasse a Culloden, de maneira nenhuma. Depois, uma história como essa que eu contei a Ian iria causar muito mais comentários do que a notícia de que o dono da tipografia se casou.

— “Oh, que teia complicada tecemos” — entoei — “quando começamos a mentir.”

Ele dirigiu um rápido olhar azul para mim e o canto de sua boca ergueu-se ligeiramente.

— Vai ficando mais fácil com o tempo, Sassenach — disse ele. — Tente viver comigo por uns tempos e logo estará fiando seda pelo traseiro com a mesma facilidade que me... hã, com muita facilidade.

Soltei uma sonora risada.

— Quero ver você fazer isso — eu disse.

— Já viu. — Levantou-se e esticou o pescoço, tentando ver por cima do muro para o jardim da paróquia. — O Jovem Ian está levando um tempo enorme — observou ele, sentando-se outra vez. — Como um garoto que ainda não tem quinze anos pode ter tanto pecado para confessar?

— Depois do dia e da noite que ele teve ontem? Imagino que dependa do grau de detalhes que o padre Hayes queira ouvir — disse, com uma recordação vívida do meu café da manhã com as prostitutas. — Ele está lá dentro este tempo todo?

— Hã, não. — As pontas das orelhas de Jamie tornaram-se ligeiramente rosadas à luz da manhã. — Eu, hã, tive que ir primeiro. Para dar o exemplo, sabe.

— Não é de admirar que tenha levado muito tempo — disse, provocando-o. — Fazia quanto tempo que você não se confessava?

— Eu disse ao padre Hayes que foram seis meses.

— E é verdade?

— Não, mas acho que se ele ia me absolver de roubo, assalto e linguagem profana, podia muito bem me absolver de uma pequena mentira também.

— O que, nada de fornicção ou pensamentos impuros?

— Claro que não — disse ele, com ar sério. — Você pode pensar em muitas coisas horríveis sem pecado, se for com sua mulher. Se você pensar em outras mulheres, então é impuro.

— Não fazia a menor ideia de que eu estava voltando para salvar sua alma — disse, também com ar sério —, mas é bom ser útil.

Ele riu, inclinou-se e beijou-me longamente.

— Será que isso conta como indulgência? — perguntou ele, parando para respirar. — Deveria, não? É muito mais eficaz em manter um homem longe do fogo do inferno do que rezar um rosário inteiro. Por falar nisso — acrescentou, enfiando a mão no bolso e retirando um rosário de madeira que parecia ter sido mastigado —, lembre-me que tenho que rezar minha penitência em algum momento hoje. Eu já ia começar, quando você chegou.

— Quantas ave-marias vai ter que rezar? — perguntei, manuseando as contas do rosário. A aparência de mastigado não era uma ilusão; havia marcas precisas de dentes na maioria das contas.

— Conheci um judeu no ano passado — disse ele, ignorando a pergunta. — Um naturalista, que deu a volta ao mundo seis vezes. Ele disse que tanto na fé muçulmana quanto nos ensinamentos judaicos é considerado um ato de virtude um homem e sua mulher se deitarem. Será que isso tem alguma coisa a ver com o fato de tanto os muçulmanos quanto os judeus serem circuncidados? — acrescentou ele pensativamente. — Nunca pensei em lhe perguntar isso... embora talvez ele achasse indelicado dizer.

— Não creio que um prepúcio fosse prejudicar uma virtude — assegurei-lhe.

— Ah, ótimo — disse ele, beijando-me outra vez.

— O que aconteceu com seu rosário? — perguntei, pegando-o do chão onde havia caído. — Parece que os ratos andaram mastigando-o.

— Ratos, não — disse ele. — Crianças.

— Que crianças?

— Ah, qualquer uma que esteja por perto. — Deu de ombros, enfiando as contas de volta no bolso. — O Jovem Jamie já tem três, Maggie e Kitty dois

cada uma. O pequeno Michael acabou de se casar, mas sua mulher está grávida. — O sol estava por trás dele, sombreando seu rosto, de modo que seus dentes cintilaram de repente, um brilho branco, quando ele sorriu. — Você não sabia que era sete vezes tia-avó, hein?

— Tia-avó? — disse, chocada.

— Bem, eu sou tio-avô — disse ele alegremente — e não acho isso uma grande provação, exceto pelo fato de minhas contas serem mastigadas quando os dentes dos pimpolhos estão despontando. Isso e ter que responder um bocado a “Nunkie”.

Às vezes, vinte anos pareciam apenas um minuto, outras, pareciam um tempo realmente muito longo.

— Hã... espero que não haja um equivalente feminino de “Nunkie”, hein?

— Ah, não — garantiu ele. — Todos a chamarão de tia-avó Claire e a tratarão com o máximo de respeito.

— Muito obrigada — murmurei, com visões da ala geriátrica do hospital ainda frescas em minha mente.

Jamie riu e com a leveza de espírito sem dúvida engendrada pelo fato de ter acabado de se livrar de seus pecados, agarrou-me pela cintura e sentou-me em seu colo.

— Eu nunca vi uma tia-avó com um traseiro tão bonito e carnudo — disse ele com aprovação, balançando-me ligeiramente nos joelhos. Seu hálito fez cócegas na minha nuca quando ele se inclinou para a frente. Soltei um gritinho quando seus dentes fecharam-se de leve em minha orelha.

— Você está bem, tia? — soou a voz do Jovem Ian atrás de nós, repleta de preocupação.

Jamie começou a rir convulsivamente, quase me derrubando de seu colo, depois me segurou com mais força pela cintura.

— Ah, está, sim — disse ele. — É que sua tia viu uma aranha.

— Onde? — perguntou o Jovem Ian, espreitando com interesse por cima do banco.

— Lá em cima — Jamie levantou-se, colocando-me de pé, e apontou para a tília, onde de fato a teia de uma aranha estendia-se entre a forquilha de dois galhos, cintilando com gotículas de sereno. A responsável pela tecedura estava plantada bem no meio da teia, gorda como uma cereja, ostentando um

padrão berrante de verde e amarelo no dorso. — Eu contava à sua tia — disse Jamie, enquanto o Jovem Ian examinava a teia com olhos fascinados e sem pestanas — sobre um judeu que conheci, um naturalista. Parece que ele estudava as aranhas; na realidade, ele estava em Edimburgo para entregar um artigo científico à Royal Society, apesar de ser judeu.

— É mesmo? Ele lhe falou muito de aranhas? — perguntou o Jovem Ian ansiosamente.

— Muito mais do que eu estava interessado — informou Jamie a seu sobrinho. — Aranhas que colocam ovos em lagartas para que os filhotes ao saírem do ovo devorem a pobre lagarta ainda viva. Mas ele disse uma coisa que achei realmente interessante — acrescentou ele, estreitando os olhos para observar a teia. Soprou-a de leve e a aranha escondeu-se rapidamente. — Ele disse que as aranhas fiam dois tipos de seda e se você tiver uma lente de aumento... e puder manter a aranha quieta, imagino... pode ver os dois pontos de onde a seda é segregada; fiandeiras, ele as chamava. De qualquer modo, um tipo de seda é pegajoso e se um pequeno inseto a tocar, está perdido. Mas o outro tipo é de seda seca, do tipo que se usa para bordar, porém mais fina.

A aranha avançava cautelosamente em direção ao centro de sua teia outra vez.

— Está vendo onde ela anda? — Jamie apontou para a teia, ancorada numa série de raios, sustentando a intrincada rede em espiral. — Aqueles raios são de seda seca, para que a aranha possa andar sobre eles sem problemas. Mas o resto da teia é do tipo de seda pegajosa... ou a maior parte, pelo menos... e se você observar uma aranha por bastante tempo, verá que ela só anda nos fios secos, senão ela mesma ficará presa em sua própria teia.

— É mesmo? — Ian respirava reverentemente sobre a teia, observando intensamente enquanto a aranha se afastava pela estrada seca em direção à segurança.

— Acho que há uma moral por trás disso, para as tecedoras de teia — observou Jamie para mim. — Fique atenta aos seus fios pegajosos.

— Creio que seria melhor ainda se tivéssemos sorte o bastante para que uma aranha providencial cruzasse o nosso caminho quando necessário — disse secamente.

Ele riu e tomou meu braço.

— Isso não é sorte, Sassenach — disse-me ele. — É cautela. Ian, você vem?

— Ah, sim. — O Jovem Ian abandonou a teia com óbvia relutância e seguiu-nos em direção ao portão do pátio da igreja. — Ah, tio Jamie, eu queria lhe perguntar, pode me emprestar seu rosário? — disse ele, quando emergimos nas pedras do calçamento de Royal Mile. — O padre me disse para rezar cinco dezenas em penitência e isso é muito para manter a conta com os dedos.

— Claro. — Jamie parou e enfiou a mão no bolso para pegar o rosário. — Mas não se esqueça de devolver.

O Jovem Ian riu.

— Sim, acho que vai precisar dele, tio Jamie. O padre me disse que ele é muito mau — confidenciou-me o Jovem Ian, com uma piscadela sem cílios — e me disse para não ser igual a ele.

— Mmmhummm. — Jamie olhou para cima e para baixo da rua, avaliando a velocidade de um carrinho de mão que se aproximava, equilibrando-se pela íngreme ladeira abaixo. Tendo se barbeado naquela manhã, suas faces exibiam uma luminosidade rosada.

— Quantas dezenas do rosário você tem que rezar em penitência? — perguntei, curiosa.

— Oitenta e cinco — murmurou ele. O tom rosado de suas faces recém-barbeadas intensificou-se.

O Jovem Ian ficou boquiaberto.

— Há quanto tempo você não se confessava, tio? — perguntou ele.

— Há muito tempo — disse Jamie laconicamente. — Vamos!

Jamie marcara de se encontrar após o jantar com o sr. Harding, representante da Hand in Hand, a firma de seguros responsável pelas instalações da gráfica, que iria inspecionar os escombros com ele e verificar o prejuízo.

— Não vou precisar de você, rapaz — disse ele ao Jovem Ian, que não parecia nem um pouco entusiasmado com a ideia de revisitar a cena de suas aventuras. — Vá com sua tia visitar essa louca. — E acrescentou para mim, erguendo uma das sobrancelhas: — Não sei como você faz isso. — Está na cidade há menos de dois dias e todos os aflitos num raio de quilômetros já

estão na barra de sua saia.

— Não são todos — eu disse secamente. — É apenas uma única mulher, afinal, e eu nem a vi ainda.

— Sim, bem. Ao menos, loucura não é contagiosa, espero. — Beijou-me rapidamente, depois virou-se para ir embora, batendo amigavelmente no ombro do Jovem Ian. — Cuide de sua tia, Ian.

O Jovem Ian parou por um instante, olhando a figura alta de seu tio afastar-se.

— Você quer ir com ele, Ian? — perguntei. — Posso me virar sozinha, se você...

— Ah, não, tia! — Voltou-se de novo para mim, parecendo um tanto confuso. — Eu não queria ir mesmo. É que... eu estava pensando... bem, e se eles... encontrarem alguma coisa? Nas cinzas?

— Um corpo, você quer dizer — falei sem rodeios. Eu percebera, é claro, que a evidente possibilidade de Jamie e do sr. Harding encontrarem o corpo do marinheiro zarolho era a razão pela qual Jamie dissera a Ian que me acompanhasse.

O rapaz balançou a cabeça, parecendo pouco à vontade. O tom de sua pele desbotara para uma espécie de bronzeado rosado, mas ainda estava escuro demais para mostrar qualquer palidez devido à emoção.

— Não sei — disse. — Se o incêndio tiver sido muito forte, pode não ter restado muita coisa para ser encontrada. Mas não se preocupe com isso. — Toquei em seu braço para tranquilizá-lo. — Seu tio saberá o que fazer.

— Sim, é verdade. — Seu rosto iluminou-se, pleno de fé na capacidade do tio de lidar com qualquer tipo de situação. Sorri ao ver sua expressão, depois percebi, com um pequeno sobressalto de surpresa, que eu também possuía a mesma fé. Fosse um chinês bêbado, agentes alfandegários corruptos ou o sr. Harding da companhia de seguros Hand in Hand, eu não tinha a menor dúvida de que Jamie conseguiria lidar satisfatoriamente com a situação.

— Então vamos — eu disse, quando o sino da igreja de Canongate começou a soar. — São exatamente duas horas agora.

Apesar de sua visita ao padre Hayes, Ian mantivera um certo ar de sonhadora bem-aventurança, que retornava ao seu semblante agora.

Conversamos pouco conforme subíamos a ladeira da Royal Mile até a hospedaria Henderson's, no beco Carrubber's.

Era um hotel tranquilo, mas luxuoso para os padrões de Edimburgo, com um carpete ornamentado nas escadas e vitral colorido na janela que dava para a rua. Parecia um ambiente até sofisticado demais para um ministro da Igreja Livre, mas na verdade eu pouco sabia sobre os membros da Igreja Livre; talvez não fizessem nenhum voto de pobreza, como os sacerdotes católicos.

Conduzidos ao terceiro andar por um garoto, a porta foi imediatamente aberta por uma mulher corpulenta, usando um avental e com a expressão preocupada. Imaginei que ela deveria ter vinte e poucos anos, embora já tivesse perdido vários dentes da frente.

— É a senhora que o reverendo espera? — perguntou ela. Sua expressão iluminou-se um pouco quando balancei a cabeça e ela abriu a porta ainda mais. — O sr. Campbell teve que sair novamente — disse ela num carregado sotaque das Terras Baixas —, mas ele disse que ficaria muito agradecido de ter sua opinião com relação à sua irmã, madame.

Irmã, não esposa.

— Bem, farei o melhor possível — disse. — Posso ver a srta. Campbell?

Deixando Ian entregue às suas recordações na sala de estar, acompanhei a mulher, que se apresentara como Nellie Cowden, até o quarto dos fundos.

A srta. Campbell estava, como anunciado, olhando fixamente para a frente. Seus pálidos olhos azuis estavam arregalados, mas não pareciam focalizados em nada — certamente não em mim.

Ela estava sentada numa espécie de poltrona larga e baixa, própria para enfermos, de costas para a lareira. O aposento estava na penumbra e a luz vinda de trás tornava suas feições indistintas, exceto pelos olhos fixos, que não piscavam. Mesmo vendo-a mais de perto, suas feições continuavam indistintas; ela possuía um rosto liso e arredondado, sem uma estrutura óssea que se sobressaísse, cabelos castanhos, finos como os de um bebê, perfeitamente escovados. Seu nariz era pequeno e arrebitado, o queixo era duplo e a boca rosada permanecia pendente, tão flácida a ponto de obscurecer seus contornos naturais.

— Srta. Campbell? — eu disse, cautelosamente. Não houve resposta da figura rechonchuda na poltrona. Seus olhos, na verdade, piscavam, eu notei,

mas com bem menos frequência do que o normal.

— Ela não lhe responderá enquanto estiver neste estado — disse Nellie Cowden atrás de mim. Ela sacudiu a cabeça, limpando as mãos no avental. — Não, nem uma palavra.

— Há quanto tempo ela está assim? — Peguei uma de suas mãos, flácida e gorducha, e verifiquei o pulso. Estava lá, lento e bastante forte.

— Ah, até agora dois dias, desta vez. — Ficando interessada, a srta. Cowden inclinou-se para a frente, espreitando o rosto da mulher de quem cuidava. — Em geral, ela permanece assim por uma semana ou mais. Treze dias foi o máximo.

Movendo-me devagar — embora parecesse improvável que a srta. Campbell fosse se assustar —, comecei a examinar a figura inerte, enquanto fazia perguntas à sua acompanhante. A srta. Margaret Campbell tinha trinta e sete anos, informou-me a srta. Cowden, a única parenta do reverendo Archibald Campbell, com quem vivia nos últimos vinte anos, desde a morte de seus pais.

— O que a faz ficar assim? Você sabe?

A srta. Cowden meneou a cabeça.

— Não sei, não, senhora. Nada parece provocar isso. Em um instante ela está olhando ao redor, conversando e rindo, comendo seu jantar como a meiga pessoa que é, e no instante seguinte, pronto! — Ela estalou os dedos, para maior efeito. A seguir, inclinou-se para a frente e estalou os dedos de novo, deliberadamente, bem embaixo do nariz da srta. Campbell. — Viu só? — disse ela. — Seis homens tocando trombeta poderiam passar aqui pelo quarto e ela não daria a mínima atenção.

Eu estava quase certa de que o problema da srta. Campbell era mental, não físico, mas fiz um exame completo, de qualquer modo — ou tão completo quanto foi possível sem despir aquela figura inerte e volumosa.

— O pior, entretanto, é quando ela sai deste estado — assegurou-me a srta. Cowden, agachando-se ao meu lado enquanto eu estava ajoelhada no chão, analisando os reflexos plantares da srta. Campbell. Seus pés, livres dos sapatos e das meias, estavam úmidos e com cheiro de mofo.

Passei uma unha com firmeza ao longo da sola de cada pé, um de cada vez, em busca de um reflexo Babinski que indicasse a presença de lesão

cerebral. Mas nada aconteceu; seus dedos curvaram-se para dentro, numa reação normal.

— O que acontece depois? A gritaria que o reverendo mencionou? — Levantei-me. — Poderia me trazer uma vela acesa, por favor?

— Ah, sim, os gritos. — A srta. Cowden apressou-se a atender meu pedido, acendendo uma vela fina de cera na lareira. — Ela berra alguma coisa terrível, sem parar, até ficar exaurida. Depois adormece, dorme um dia inteiro, e acorda como se nada tivesse acontecido.

— E ela está perfeitamente bem quando acorda? — perguntei. Movi a chama da vela de um lado para outro, bem diante dos olhos da paciente. As pupilas contraíram-se numa reação automática à luz, mas as íris mantiveram-se fixas, sem seguir a chama. Minha mão ansiava pelo cabo sólido de um oftalmoscópio, para examinar as retinas, mas infelizmente não era possível.

— Bem, não completamente bem — disse a srta. Cowden devagar. Virei-me para olhá-la e ela encolheu os ombros volumosos, poderosos sob a blusa de linho. — Ela tem o miolo mole, pobre coitada — disse ela, de forma pragmática. — Está assim há quase vinte anos.

— Certamente, você não toma conta dela desde o início, não é?

— Ah, não! O sr. Campbell tinha uma mulher que cuidava dela onde eles moravam, em Burntisland, mas a mulher já não era nova e não quis deixar sua casa. Então, quando o reverendo decidiu aceitar a proposta da Associação de Missionários e levar a irmã com ele para as Índias Ocidentais... bem, ele colocou anúncio para uma mulher forte de bom caráter que pudesse viajar como uma criada para ela... e aqui estou eu. — A srta. Cowden dirigiu-me um sorriso desdentado em testemunho de suas próprias qualidades.

— Índias Ocidentais? Ele planeja levar a srta. Campbell de navio para as Índias Ocidentais? — Eu estava perplexa; sabia o suficiente sobre condições de navegação para achar que uma viagem como essa seria uma grande provação até para uma mulher em perfeita saúde. Esta mulher... mas então reconsiderarei. Considerando toda a situação, Margaret Campbell deveria aguentar uma viagem como essa melhor do que uma mulher normal; ao menos, se ela permanecesse em seu transe.

— Ele achou que a mudança de ares poderia lhe fazer bem — explicava a srta. Cowden. — Afastá-la da Escócia e de todas as suas terríveis lembranças.

Já devia ter feito isso há muito tempo, é o que eu digo.

— Que tipo de lembranças terríveis? — perguntei. Pude ver pelo brilho nos olhos da srta. Cowden que ela estava ansiosa para me contar. A essa altura, eu já terminara o exame e concluí que havia pouca coisa fisicamente errada com a srta. Campbell, exceto o sedentarismo e uma alimentação deficiente, mas havia a possibilidade de que alguma coisa em seu histórico sugerisse um tratamento.

— Bem — começou ela, aproximando-se hesitantemente da mesa onde se viam uma jarra e vários copos sobre uma bandeja —, é apenas o que Tilly Lawson me contou, tendo cuidado da srta. Campbell por tanto tempo, mas ela jurou que era verdade e ela é uma mulher devota. Aceitaria um cálice de cordial, senhora, em nome da hospitalidade do reverendo?

A poltrona em que a srta. Campbell estava sentada era a única no aposento, de modo que a srta. Cowden e eu nos posicionamos deselegantemente na beirada da cama, lado a lado, e observamos a figura silenciosa diante de nós enquanto apreciávamos nosso cordial de amoras, e ela me contou a história de Margaret Campbell

Margaret Campbell nascera em Burntisland, há menos de oito quilômetros de Edimburgo, do outro lado do estuário do Forth. Na época da Revolução de 1745, quando Charles Stuart entrou em Edimburgo para reclamar o trono do pai, ela era uma jovem de dezessete anos.

— O pai dela era partidário do rei, é claro, e seu irmão estava em um regimento do governo, marchando para o norte para debelar os rebeldes — disse a srta. Cowden, tomando um gole ínfimo do seu cordial para fazê-lo durar. — Mas não a srta. Margaret. Não, ela era simpatizante do príncipe Charles e dos homens das Terras Altas que o seguiam.

Em particular, de um deles, embora a srta. Cowden não soubesse seu nome. Mas devia ter sido um belo homem, pois a srta. Margaret saiu furtivamente de casa para se encontrar com ele e passou-lhe todas as informações que ela colheu das conversas de seu pai e dos amigos dele, bem como das cartas de seu irmão para a família.

Então, veio Falkirk; uma vitória, mas obtida a um preço muito alto, seguida de retirada. Rumores davam conta da fuga do exército do príncipe para o norte e ninguém duvidava que sua fuga levaria à destruição. A srta.

Margaret, desesperada com os boatos, deixou sua casa na calada da noite na fria primavera de março e foi ao encontro do homem que amava.

Agora, nesse ponto, o relato era duvidoso — se ela encontrara o sujeito e ele a rejeitara ou se ela não o encontrara a tempo e fora forçada a voltar da charneca de Culloden. De qualquer forma, ela voltou, e no dia seguinte à batalha ela havia caído nas mãos de um bando de soldados ingleses.

— Terrível, o que fizeram com ela — disse a srta. Cowden, abaixando a voz, como se a figura na poltrona pudesse ouvir. — Terrível! — Os soldados ingleses, cegos com a luxúria da caçada e da matança, perseguindo os fugitivos de Culloden, não pararam para perguntar seu nome ou as preferências de sua família. Souberam, pelo seu sotaque, que ela era escocesa e isso foi o suficiente.

Deixaram-na como morta numa vala rasa de água congelada e somente a presença casual de uma família de ciganos, escondida nos arbustos próximos por medo dos soldados, a salvou.

— Não posso deixar de pensar que foi uma lástima eles a terem salvo, embora seja um pensamento pouco cristão — murmurou a srta. Cowden. — Caso contrário, a pobre menina poderia se desligar de suas amarras terrenas e partir feliz ao encontro de Deus. Mas do jeito que foi... — Fez um gesto desajeitado na direção da figura silenciosa e sorveu as últimas gotas do seu cordial.

Margaret sobrevivera, mas nunca mais falou. Um pouco recuperada, mas silenciosa, ela viajou com os ciganos, indo para o sul com eles, para evitarem o saque das Terras Altas que se seguiu a Culloden. Então, certo dia, sentada no pátio de uma espelunca, segurando a lata para recolher as moedas enquanto os ciganos cantavam e dançavam, ela foi encontrada por seu irmão, que parara com seu regimento Campbell para descansar no caminho de volta a seu quartel em Edimburgo.

— Ela o reconheceu e ele também a reconheceu, e o choque do reencontro lhe devolveu a voz, mas não a mente, pobre coitada. Ele a levou para casa, é claro, mas ela parecia estar sempre no passado, algum tempo antes de conhecer o escocês das Terras Altas. Seu pai já estava morto, da epidemia de gripe, e Tilly Lawson disse que o choque de vê-la matou sua mãe também, mas pode ter sido a gripe também, que matou muita gente

naquele ano.

O caso deixara Archibald Campbell profundamente amargurado tanto com os escoceses das Terras Altas quanto com o exército inglês, e ele pediu demissão de seu posto. Com os pais mortos, ele viu-se razoavelmente rico, mas era o único sustento para sua irmã doente.

— Ele não pôde casar — explicou a srta. Cowden. — Que mulher iria querer se casar com ele, levando uma irmã doente de quebra? — Fez um sinal com a cabeça em direção à lareira.

Em seu infortúnio, ele voltou-se para Deus e tornou-se ministro. Incapaz de deixar sua irmã ou de suportar o confinamento da casa da família em Burntisland com ela, ele comprou uma carruagem, contratou uma mulher para tomar conta de Margaret e começou a fazer viagens curtas pelos arredores para pregar, muitas vezes levando-a com ele.

Ele foi muito bem-sucedido em seus sermões e este ano fora convidado pela Associação dos Missionários Presbiterianos a fazer sua mais longa viagem até então, para as Índias Ocidentais, para organizar igrejas e nomear presbíteros nas colônias de Barbados e Jamaica. Orações lhe deram sua resposta. Ele vendeu a propriedade da família em Burntisland e mudou-se com sua irmã para Edimburgo, enquanto faz os preparativos para a viagem.

Olhei novamente para a figura junto à lareira. O ar quente que vinha do fogo agitava a barra de suas saias, mas à exceção desse pequeno movimento, ela poderia ser uma estátua.

— Bem — eu disse com um suspiro —, receio que não haja muito que eu possa fazer por ela. Mas lhe darei algumas prescrições de medicamentos, receitas, quero dizer, para serem aviadas na botica antes de partirem.

Se não ajudassem, não fariam mal, refleti, enquanto anotava as curtas listas de ingredientes. Camomila, lúpulo, arruda, tanaceto e verbena, com uma boa pitada de menta, para um tônico calmante. Chá de frutos da roseira, para ajudar a corrigir a leve deficiência nutricional que eu observara — gengivas esponjosas e sangrando, e feições pálidas e inchadas.

— Quando chegarem às Índias — eu disse, entregando o papel à srta. Cowden —, cuide para que ela coma muitas frutas: laranjas e limões, principalmente. Você devia fazer o mesmo — acrescentei, provocando um olhar de profunda desconfiança no rosto largo da criada. Eu duvidava que ela

comesse qualquer alimento vegetal além de cebola ou batata ocasionalmente, fora o seu mingau de aveia diário.

O reverendo Campbell não retornara e não vi nenhuma razão para esperar por ele. Despedindo-me da srta. Campbell, abri a porta do quarto e deparei-me com o Jovem Ian do outro lado.

— Ah! — exclamou ele, com um sobressalto. — Eu vim procurá-la, tia. São quase três e meia e tio Jamie disse...

— Jamie? — A voz veio de trás de mim, da poltrona junto à lareira.

A srta. Cowden e eu giramos nos calcanhares e vimos a srta. Campbell sentada ereta na poltrona, os olhos ainda arregalados, mas agora focados. Estavam focalizados na porta e, quando o Jovem Ian deu um passo para dentro do aposento, a srta. Campbell começou a gritar.

Um pouco transtornados pelo encontro com a srta. Campbell, o Jovem Ian e eu voltamos aliviados para nosso refúgio no bordel, onde fomos recebidos sem entusiasmo por Bruno e levados à sala de visitas. Lá, encontramos Jamie e Fergus profundamente absortos numa conversa.

— Na verdade, não confiamos em sir Percival — dizia Fergus —, mas nesse caso, qual o objetivo dele de avisá-lo sobre uma emboscada, a não ser que tal emboscada de fato vá ocorrer?

— Não faço a menor ideia — disse Jamie com franqueza, recostando e espreguiçando-se em sua cadeira. — Assim sendo, nós concluímos, como você diz, que há uma emboscada planejada pelos coletores de impostos. Dois dias, ele disse. Seria na enseada Mullen's. — Em seguida, ao nos ver, ele se levantou parcialmente, fazendo sinal para que nos sentássemos.

— Será nas rochas abaixo de Balcarres, então? — perguntou Fergus.

Jamie franziu a testa, pensativo, os dois dedos rígidos de sua mão direita tamborilando de leve no tampo da mesa.

— Não — respondeu ele finalmente. — Deve ser em Arbroath, a pequena angra sob a abadia de lá. Só para ter certeza, hein?

— Está bem. — Fergus empurrou a travessa de bolinhos de aveia quase vazia que estivera comendo e levantou-se. — Vou espalhar a notícia, milorde. Arbroath, dentro de quatro dias. — Com um aceno da cabeça para mim, jogou o manto por cima dos ombros e saiu.

— É a respeito do contrabando, tio? — perguntou o Jovem Ian ansiosamente. — Está para chegar um barco francês? — Pegou um bolinho de aveia e mordeu-o, espalhando farelos em cima da mesa.

Os olhos de Jamie ainda estavam distraídos, pensativos, mas desanuviaram-se quando olhou incisivamente para o sobrinho.

— Sim, é. E você, Jovem Ian, não vai ter nada a ver com isso.

— Mas eu poderia ajudar! — protestou o garoto. — Vai precisar de alguém para segurar as mulas, pelo menos!

— Depois de tudo que seu pai disse a mim e a você ontem, Ian? — Jamie arqueou as sobrancelhas. — Santo Deus, você tem memória curta, rapaz!

Ian pareceu levemente envergonhado e pegou outro bolinho de aveia para disfarçar seu embaraço. Vendo-o momentaneamente em silêncio, aproveitei a oportunidade para fazer minhas próprias perguntas.

— Você vai a Arbroath ao encontro de um barco francês que está trazendo bebida contrabandeada? — perguntei. — Não acha perigoso, depois do aviso de sir Percival?

Jamie olhou-me com uma das sobrancelhas erguidas, mas respondeu pacientemente.

— Não; sir Percival estava me avisando que o local de encontro daqui a dois dias é conhecido. Seria na enseada Mullen's. Mas eu tenho um acordo com Jared e seus capitães. Se, por algum motivo, um encontro não puder ser realizado, o barco permanecerá em mar aberto e entrará de novo na noite seguinte, mas em um lugar diferente. E há ainda uma terceira alternativa, para o caso de o segundo encontro não se realizar.

— Mas, se sir Percival sabe do primeiro local de encontro, não saberá dos outros também? — insisti.

Jamie meneou a cabeça e serviu um copo de vinho. Levantou uma sobrancelha para mim perguntando se eu queria um pouco e, como eu sacudi a cabeça, ele mesmo tomou um pequeno gole.

— Não — respondeu ele. — Os locais de encontro são sempre combinados em conjuntos de três, entre mim e Jared, enviados por carta lacrada dentro de um pacote endereçado a Jeanne, aqui. Depois de ler a carta, eu a queimo. Todos os homens que ajudarão no encontro com o barco sabem o primeiro local, é claro, imagino que algum deles tenha deixado alguma

coisa vazar — acrescentou, franzindo a testa para seu copo. — Mas ninguém, nem mesmo Fergus, conhece as outras duas localizações, a menos que tenhamos que usar uma delas. E quando a usamos, todos os homens sabem muito bem manter a boca fechada.

— Mas então tem que ser seguro, tio! — disse o Jovem Ian inopinadamente. — Por favor, deixe-me ir! Ficarei bem longe do caminho — prometeu ele.

Jamie dirigiu um olhar ligeiramente mal-humorado a seu sobrinho.

— Sim, você irá — disse ele. — Virá comigo até Arbroath, mas você e sua tia ficarão na estalagem na estrada acima da abadia até terminarmos. Tenho que levar o garoto de volta para casa em Lallybroch, Claire — explicou, virando-se para mim. — E consertar a situação da melhor maneira que puder com os pais dele.

Ian pai deixara o Halliday's naquela manhã, antes de Jamie e o Jovem Ian chegarem, sem deixar recado, mas presumivelmente de volta para casa.

— Não vai se importar com a viagem? Eu não pediria, você tendo acabado de chegar da viagem de Inverness — seus olhos encontraram os meus com um ligeiro sorriso conspirador —, mas tenho que levá-lo de volta o mais rápido possível.

— Não me importo absolutamente — assegurei-lhe. — Vai ser bom ver Jenny e o resto da família outra vez.

— Mas, tio... — começou o Jovem Ian intempestivamente. — E se eu...

— Cale-se! — Jamie interrompeu-o rispidamente. — Não quero ouvir nem mais uma palavra sua, rapaz. Nem uma palavra, ouviu?

O Jovem Ian pareceu magoado, mas pegou outro bolinho e enfiou-o na boca ostensivamente, mostrando sua intenção de permanecer em completo silêncio.

Jamie relaxou e sorriu para mim.

— Bem, e como foi sua visita à louca?

— Muito interessante — disse. — Jamie, conhece alguém da família Campbell?

— Não mais do que trezentas ou quatrocentas pessoas — disse ele, um sorriso torcendo a boca larga. — Tem em mente algum Campbell em particular?

— Uns dois. — Contei-lhe a história de Archibald Campbell e sua irmã, Margaret, como me foi relatada por Nellie Cowden.

Ele sacudiu a cabeça diante da história e suspirou. Pela primeira vez, ele pareceu realmente mais velho, o rosto crispado e sulcado pelas lembranças.

— Não é a pior história que eu já ouvi, de tudo que aconteceu em Culloden — disse ele. — Mas não acho... espere. — Parou, olhou para mim, os olhos apertados enquanto refletia. — Margaret Campbell. Margaret. Seria uma garota magrinha, talvez do tamanho da segunda Mary? Com cabelos castanhos macios como as penas de uma cambaxirra e um rosto muito meigo?

— Provavelmente era, há vinte anos — eu disse, pensando naquela figura gorda, imóvel, sentada junto à lareira. — Por quê? Você a conhece, afinal?

— Sim, acho que sim. — Franziu a testa, pensativamente, olhando para a mesa, desenhando uma linha aleatória pelos farelos esparramados. — Sim, se estou certo, ela era a namorada de Ewan Cameron. Lembra-se de Ewan?

— Claro. — Ewan era um homem bonito, alto e brincalhão, que trabalhara com Jamie em Holyrood, reunindo informações de inteligência que se filtravam dos ingleses. — O que aconteceu com Ewan? Ou não devo perguntar? — disse, vendo o rosto de Jaime anuviar-se.

— Os ingleses o fuzilaram — disse ele à meia-voz. — Dois dias depois de Culloden. — Fechou os olhos por um instante, em seguida abriu-os outra vez e sorriu para mim com um ar cansado. — Bem, então, que Deus abençoe o reverendo Archie Campbell. Ouvei falar dele, uma ou duas vezes, durante a revolução. Era um soldado arrojado, dizem, e corajoso. Imagino que precise continuar sendo agora, coitado. — Permaneceu sentado por mais algum tempo, depois se levantou decididamente. — Sim, bem, há muita coisa a fazer antes de deixarmos Edimburgo. Ian, você encontrará a lista de fregueses da gráfica lá no quarto, em cima da mesa. Vá buscá-la para mim e eu marcarei para você os que tinham trabalhos em andamento. Você tem que ir procurá-los, um por um, e oferecer-lhes a devolução do dinheiro. A menos que prefiram esperar até eu me instalar outra vez em outro local. Mas isso pode levar até dois meses, diga a eles.

Deu uns tapas no casaco e ouviu-se um barulhinho tilintante.

— Felizmente, o dinheiro do seguro dará para devolver o que os

fregueses pagaram e ainda sobrar  um pouco. Por falar nisso — virou-se e sorriu para mim —, sua função, Sassenach,   encontrar uma costureira que faça um vestido decente para você em dois dias. Porque eu acho que Daphne vai querer que você devolva o vestido dela e eu não posso levá-la de volta para Lallybroch nua.

PONTO DE ENCONTRO

A principal distração da viagem para o norte, em direção a Arbroath, era observar o conflito de vontades entre Jamie e o Jovem Ian. Eu sabia de longa experiência que a teimosia era um dos principais componentes do caráter dos Fraser. Ian parecia igualmente afetado nesse aspecto, embora fosse apenas em parte um Fraser; ou os Murray não eram nada diferentes em relação à teimosia ou os genes dos Fraser eram muito fortes.

Tendo tido a oportunidade de observar Brianna de perto durante muitos anos, eu tinha a minha própria opinião sobre isso, mas me mantive calada, apenas me divertindo com o espetáculo de Jamie ter, ao menos uma vez, encontrado alguém à sua altura. Quando ultrapassamos Balfour, ele já exibía uma expressão atormentada.

Esse empate entre objeto irremovível e força irresistível continuou até o começo da noite do quarto dia, quando chegamos a Arbroath e descobrimos que a estalagem onde Jamie pretendia que eu e Ian ficássemos já não existia. Restava apenas uma parede desmoronada e uma ou duas vigas do teto carbonizadas assinalando o local; fora isso, a estrada continuava deserta por quilômetros em qualquer direção.

Jamie olhou para o monte de pedras em silêncio por algum tempo. Era evidente que ele não poderia simplesmente nos deixar no meio de uma estrada desolada e enlameada. Ian, bastante esperto para não abusar da sorte, permaneceu em silêncio, embora sua complexão magricela vibrasse perceptivelmente de ansiedade.

— Está bem, então — disse Jamie finalmente, resignado. — Vocês vêm comigo. Mas apenas até a beira do penhasco, Ian, você me ouviu? Você tomará conta de sua tia.

— Ouvi, tio Jamie — respondeu o Jovem Ian, com enganadora docilidade. Mas eu percebi o olhar de soslaio de Jamie e compreendi que se Ian devia tomar conta da tia, a tia também deveria tomar conta de Ian. Reprimi um sorriso, assentindo obedientemente.

O resto dos homens chegou pontualmente ao local de encontro no penhasco, logo após escurecer. Dois homens pareceram-me vagamente familiares, mas a maioria eram vultos obscuros, já haviam se passado dois dias da lua nova, mas a finíssima lasca que se erguia no horizonte tornava as condições no local pouco mais iluminadas do que as obtidas nas adegas do bordel. Nenhuma apresentação foi feita, os homens cumprimentando Jamie com resmungos e grunhidos ininteligíveis.

No entanto, havia uma figura inconfundível. Uma enorme carroça puxada por mulas surgiu, chocalhando ao longo da estrada, guiada por Fergus e uma minúscula sombra que só poderia ser o sr. Willoughby, a quem eu não via desde que ele atirara no homem misterioso nas escadas do bordel.

— Espero que ele não esteja carregando uma pistola esta noite — murmurei para Jamie.

— Quem? — disse ele, estreitando os olhos na escuridão. — Ah, o chinês? Não, nenhum deles. — Antes que eu pudesse perguntar por que não, ele se adiantara, para ajudar a carroça a fazer meia-volta, pronta para partir em disparada na direção de Edimburgo assim que o contrabando fosse carregado. O Jovem Ian abriu caminho para a frente e eu, ciente da minha função de guardião, o segui.

O sr. Willoughby ficou na ponta dos pés para alcançar a parte de trás da carroça, emergindo com uma lanterna estranha, dotada de uma tampa de metal perfurada e laterais deslizantes de metal.

— É uma lanterna furta-fogo? — perguntei, fascinada.

— É, sim — disse o Jovem Ian, sentindo-se importante. — Mantemos as laterais fechadas até vermos o sinal no mar. — Ele pegou a lanterna. — Dê-me a lanterna; fico com ela, eu sei o sinal.

O sr. Willoughby simplesmente meneou a cabeça, tirando a lanterna da mão do Jovem Ian.

— Alto demais, jovem demais — disse ele. — Tsei-mi disse que não — acrescentou, como se isso encerrasse definitivamente o assunto.

— O quê? — O Jovem Ian estava indignado. — O que quer dizer com alto demais e jovem demais, seu...

— Ele quer dizer — disse uma voz perfeitamente controlada atrás de nós — que quem segura a lanterna é um ótimo alvo, caso tenhamos visitas. O sr.

Willoughby gentilmente corre o risco, porque ele é o menor de todos nós. Você é suficientemente alto para ser visto de longe, pequeno Ian, e jovem demais para ter bom senso. Fique fora do caminho, ouviu?

Jamie deu um leve tapa no ouvido do sobrinho e seguiu em frente, para ajoelhar-se ao lado do sr. Willoughby nas rochas. Disse algo em voz baixa em chinês e viu-se a sombra de uma risada no rosto do homenzinho. O sr. Willoughby abriu a lateral da lanterna, segurando-a adequadamente para as mãos em concha de Jamie. Um rápido estalido, repetido duas vezes, e eu vi o brilho das faíscas arrancadas da pederneira.

Era uma parte erma da costa — não era de surpreender, a maior parte do litoral da Escócia era rochoso e deserto —, e eu me perguntei onde e quando o barco francês ancoraria. Não havia enseada, apenas uma curva na linha costeira, atrás de um penhasco proeminente que protegia aquele ponto da visão da estrada.

Apesar da escuridão, eu podia ver as linhas brancas da arrebentação movimentando-se ritmadamente na pequena meia-lua da praia. Não era uma plácida praia de turistas — pequenos bolsões de areia espalhavam-se desordenadamente, enchendo-se e esvaziando-se com a espuma agitada, entre montículos de algas, cascalhos e ressaltos de pedras salientes e cortantes. Um lugar difícil de ser percorrido por homens carregando barris, mas conveniente pelas fissuras no rochedo à volta, onde a mercadoria podia ser escondida.

Outro vulto negro assomou de repente a meu lado.

— Todos estão em seus postos, senhor — disse o vulto em voz baixa. — Nas rochas.

— Ótimo, Joey. — Um clarão repentino iluminou o perfil de Jamie, atento ao pavio que acabara de acender. Ele prendeu a respiração conforme a chama crescia e se firmava, absorvendo o óleo do reservatório da lanterna, em seguida soltou-a com um suspiro, enquanto fechava cuidadosamente o dispositivo lateral. — Ótimo — repetiu ele, levantando-se. Ergueu os olhos para o penhasco ao sul, observando as estrelas acima, e disse: — Quase nove horas. Logo entrarão na enseada. Veja bem, Joey, ninguém deve se mexer até eu chamar, entendeu?

— Sim, senhor. — O tom descontraído da resposta deixou claro que esta era uma troca de palavras costumeira e Joey ficou bastante surpreso quando

Jamie agarrou seu braço.

— Certifique-se disso — disse Jamie. — Diga a todos eles outra vez: ninguém se mexe até eu dar a ordem.

— Sim, senhor — disse Joey novamente, mas desta vez com mais respeito. Ele desapareceu na noite, sem fazer nenhum ruído nas rochas.

— Alguma coisa errada? — perguntei, erguendo a voz apenas o suficiente para ser ouvida acima das ondas. Embora a praia e os rochedos estivessem evidentemente desertos, o cenário escuro e a conduta furtiva de meus companheiros suscitavam cautela.

Jamie sacudiu ligeiramente a cabeça; ele estava certo em relação ao Jovem Ian, pensei — sua própria silhueta escura estava nítida contra o céu ligeiramente mais claro atrás dele.

— Não sei. — Hesitou por um instante, depois disse: — Diga-me, Sassenach, sente algum cheiro?

Surpresa, inspirei fundo, prendi o ar por um instante e soltei-o. Senti vários odores, inclusive de algas apodrecidas, o cheiro denso de óleo queimado da lanterna e o penetrante odor corporal do Jovem Ian, de pé ao meu lado, suando com um misto de empolgação e medo.

— Nada estranho, acho que não — eu disse. — E você?

Os ombros em silhueta ergueram-se e baixaram-se num gesto de incerteza.

— Agora não. Mas um instante atrás, eu poderia jurar que senti cheiro de pólvora.

— Não senti cheiro de nada — disse o Jovem Ian. Sua voz falhou com a ansiedade e ele apressadamente limpou a garganta, constrangido. — Willie MacLeod e Alec Hayes deram uma busca nas rochas. Não viram nenhum sinal de guardas da alfândega.

— Sim, bem. — A voz de Jamie soou inquieta. Virou-se para o Jovem Ian, segurando-o pelo ombro. — Ian, agora você tem que tomar conta de sua tia. Vocês dois escondam-se naquelas moitas lá. Fiquem bem longe da carroça. Se alguma coisa acontecer...

O começo de um protesto de Ian foi interrompido, aparentemente por um aperto mais forte da mão de Jamie em seu ombro, pois o rapaz deu um salto para trás com um pequeno grunhido, esfregando o ombro.

— Se alguma coisa acontecer — continuou Jamie, enfaticamente —, você deve levar sua tia diretamente para Lallybroch. O mais rápido possível.

— Mas... — comecei a dizer.

— Tio! — disse o Jovem Ian.

— Faça isso — disse Jamie, a voz cortante como aço, e virou-se, encerrando a discussão.

O Jovem Ian exibia um ar raivoso e sombrio na subida pela trilha do penhasco, mas cumpriu suas ordens, obedientemente escoltando-me até uma certa distância depois das moitas e encontrando um pequeno promontório de onde tínhamos alguma visão da água.

— Podemos ver daqui — sussurrou ele desnecessariamente.

De fato, podíamos. As pedras derramavam-se pela encosta até uma tigela rasa embaixo de nós, uma xícara despedaçada cheia de escuridão, a luz da água derramando-se da borda quebrada onde o mar entrava com um assobio. Uma única vez percebi um minúsculo movimento, como se uma fivela de metal tivesse refletido a luz fraca, mas de um modo geral, os dez homens lá embaixo estavam completamente invisíveis.

Estreitei os olhos, tentando descobrir o lugar onde o sr. Willoughby estava com sua lanterna, mas não vi nenhum sinal de luz e concluí que ele devia estar de pé atrás da lanterna, protegendo-a da visão do penhasco.

O Jovem Ian enrijeceu-se repentinamente ao meu lado.

— Vem vindo alguém! — sussurrou ele. — Depressa, atrás de mim! — Posicionando-se corajosamente à minha frente, enfiou a mão dentro da camisa, na faixa do cós de suas calças, e retirou uma pistola; apesar de escuro, pude ver a leve claridade das estrelas ao longo do cano da arma.

Ele preparou-se, espreitando a escuridão, ligeiramente arqueado sobre a arma, que segurava firmemente com as duas mãos.

— Não atire, pelo amor de Deus! — sussurrei em seu ouvido. Não ousei agarrar seu braço por medo de fazer a arma disparar, mas estava apavorada com a possibilidade de ele fazer qualquer barulho que pudesse atrair atenção para os homens lá embaixo.

— Eu agradeceria se você obedecesse à sua tia, Ian — ouviu-se o tom suave e irônico de Jamie da escuridão abaixo da beira do penhasco. — Também gostaria que não explodisse o topo de minha cabeça, sim?

Ian abaixou a pistola, os ombros desmoronando com o que poderia ser tanto um suspiro de alívio quanto de decepção. As moitas sacudiram-se e em seguida Jamie estava diante de nós, tirando os carrapichos da manga de seu casaco.

— Ninguém lhe disse para não vir armado? — A voz de Jamie era branda, apenas com um leve tom de interesse acadêmico. — É um crime que pode levar à força apontar uma arma para um guarda da alfândega do rei — explicou, virando-se para mim. — Nenhum dos homens está armado, nem mesmo com uma faca de pescador, no caso de serem presos.

— Bem, sim, Fergus disse que não me enforcariam porque ainda nem tenho barba — disse Ian, envergonhado. — Eu seria apenas extraditado, ele disse.

Ouviram-se um som sibilante quando Jamie inspirou com força pelo meio dos dentes, em sinal de exasperação.

— Ah, sim, e tenho certeza de que sua mãe ficará muito satisfeita em saber que você foi despachado para as colônias, mesmo que Fergus tenha razão! — Estendeu a mão. — Dê-me isso, idiota. — E onde foi que você conseguiu uma pistola? — perguntou ele, revirando a arma na mão. — Já preparada, também. Eu sabia que havia sentido cheiro de pólvora. Teve sorte de não arrancar seu pau, carregando-a dentro das calças.

Antes que Ian pudesse responder, eu interrompi, apontando para o mar.

— Olhe!

O barco francês era pouco mais do que uma mancha na superfície da água, mas suas velas resplandeciam palidamente sob a claridade das estrelas. O brigue de duas velas deslizou lentamente pela frente do penhasco e parou ao largo, silencioso como uma das nuvens espalhadas no horizonte.

Jamie não estava observando o barco, mas olhando para baixo, para um ponto onde a face da rocha despedaçava-se em um desmoronamento de grandes pedras arredondadas, logo acima da areia. Olhando na mesma direção, pude distinguir apenas uma minúscula emulação de luz. O sr. Willoughby com a lanterna.

Viu-se um rápido clarão de luz que reluziu pelas rochas molhadas e desapareceu. A mão do Jovem Ian segurava meu braço, tensa. Aguardamos, a respiração suspensa, a contagem até trinta. A mão de Ian apertou meu braço,

quando outro clarão iluminou a espuma na areia.

— O que era aquilo? — perguntei.

— O quê? — Jamie não estava olhando para mim, mas para o barco à distância.

— Na praia. Quando a luz piscou, acho que vi alguma coisa meio enterrada na areia. Parecia...

Veio o terceiro clarão e, um instante depois, uma luz de resposta brilhou do navio — uma lanterna azul, um ponto fantasmagórico pendurado no mastro, duplicando-se no reflexo nas águas escuras abaixo.

Esqueci a rápida visão do que parecera ser uma trouxa de roupas, descuidadamente enterrada na areia, no entusiasmo de observar o barco. Algum movimento era evidente agora e um leve som de objeto jogado na água chegou aos nossos ouvidos quando alguma coisa foi atirada pela borda da embarcação.

— A maré está subindo — murmurou Jamie no meu ouvido. — Os barris flutuam, a corrente os trará à praia em alguns minutos.

Isso resolvia o problema da ancoragem do barco — não era necessária. Mas, então, como era feito o pagamento? Eu estava prestes a perguntar quando se ouviu um grito repentino e tudo virou um pandemônio lá embaixo.

Jamie lançou-se imediatamente pelo meio das moitas, seguido de perto por mim e o Jovem Ian. Pouco podia ser visto com distinção, mas um tumulto considerável ocorria na praia arenosa. Vultos escuros tropeçavam e rolavam na areia, acompanhados por uma grande gritaria. Captei as palavras: “Parem, em nome do rei!”, e meu sangue gelou.

— Guardas alfandegários! — O Jovem Ian também ouvira.

Jamie disse algo grosseiro em gaélico, depois lançou a cabeça para trás e ele mesmo gritou, a voz facilmente levada pela praia abaixo.

— *Éirich ’illean!* — berrou a plenos pulmões. — *Suas am bearrach is teich!*

A seguir, voltou-se para mim e Ian.

— Vão! — disse ele.

O alvoroço aumentou subitamente quando o barulho de pedras caindo uniu-se à gritaria. De repente, uma figura escura saltou do meio das moitas junto a meus pés e partiu pela escuridão a toda velocidade. Outra seguiu-se, a

alguns passos de distância.

Um grito estridente veio da escuridão embaixo, suficientemente alto para ser ouvido acima dos outros barulhos.

— Foi Willoughby! — exclamou o Jovem Ian. — Eles o pegaram!

Ignorando a ordem de Jamie para que fugíssemos, nos agarramos um ao outro e avançamos, para espreitar pela cortina da vegetação. A lanterna furta-fogo caíra, inclinada, e a proteção lateral abriu-se, enviando um raio de luz como um projetor sobre a praia, onde as sepulturas rasas em que os homens da alfândega haviam se escondido escancaravam-se na areia. Vultos escuros oscilavam e lutavam e gritavam em meio aos montículos de algas encharcadas. Um clarão turvo em volta da lanterna era suficiente para mostrar duas figuras engalfinhadas, a menor esperneando freneticamente enquanto era levantada do chão.

— Vou pegá-lo! — O Jovem Ian deu um salto para a frente, apenas para ser puxado para cima com um safanão quando Jamie pegou-o pela gola.

— Faça o que mandei e leve minha mulher daqui em segurança!

Tentando recuperar o fôlego, o Jovem Ian virou-se para mim, mas eu não pretendia ir a lugar algum e finquei os pés no chão, resistindo à força com que puxava meu braço.

Ignorando ambos, Jamie virou-se e saiu correndo pelo alto do penhasco, parando a alguns metros de distância. Pude ver claramente sua silhueta contra o céu, quando se agachou sobre um dos joelhos e preparou a pistola, apoiando-a no antebraço para mirar para baixo.

O barulho do tiro não passou de um pequeno estalido, perdido no meio do tumulto. O resultado, entretanto, foi espetacular. A lanterna explodiu numa chuva de óleo fervente, repentinamente escurecendo a praia e silenciando a gritaria.

O silêncio foi quebrado em poucos segundos por um uivo, misto de dor e indignação. Meus olhos, momentaneamente cegos pelo clarão da lanterna, adaptaram-se rapidamente e eu vi outra claridade — a luz de várias chamas pequenas, que pareciam mover-se erraticamente para cima e para baixo. Quando minha visão noturna clareou, vi que as chamas erguiam-se da manga do casaco de um homem, que sapateava para cima e para baixo enquanto uivava, batendo inutilmente no fogo iniciado pelo óleo fervente que

respingara nele.

A vegetação em volta estremeceu violentamente quando Jamie lançou-se pela beira do penhasco e perdeu-se de vista no paredão do rochedo abaixo.

— Jamie!

Despertado pelo meu grito, o Jovem Ian puxou-me com mais força, quase me derrubando e arrastando-me violentamente para fora do penhasco.

— Vamos, tia! Eles vão chegar aqui em cima agora mesmo!

Isso era verdade; eu podia ouvir os gritos na praia aproximando-se à medida que os homens subiam em bando pelas pedras. Juntei minhas saias e corri, seguindo o garoto o mais rápido que podia através do mato áspero do topo do penhasco.

Eu não sabia para onde estávamos indo, mas o Jovem Ian parecia saber. Ele tirara o casaco e sua camisa branca era facilmente visível à minha frente, flutuando como um fantasma através dos arbustos cerrados de amieiros e videiros que cresciam mais para dentro da região.

— Onde estamos? — perguntei, ofegante, alcançando-o quando ele diminuiu a carreira à margem de um minúsculo córrego.

— A estrada para Arbroath fica logo adiante — disse ele. Respirava com dificuldade e via-se uma mancha escura de lama ao longo da lateral de sua camisa. — Ficaré mais fácil daqui a pouco. Você está bem, tia? Quer que eu a carregue para a outra margem?

Educadamente recusei a galante oferta, observando comigo mesma que ele certamente pesava tanto quanto eu. Tirei meus sapatos e meias e fui vadeando o riacho até o outro lado, com água na altura dos joelhos, sentindo a lama gelada do leito em meus dedos.

Eu tremia violentamente quando emergi na outra margem e aceitei a oferta que Ian fez de seu casaco — agitado como estava, e aquecido pelo exercício, ele obviamente não precisava de agasalho. Eu estava enregelada não só por causa da água e do frio do vento de novembro, mas de medo do que poderia estar acontecendo às nossas costas.

Alcançamos a estrada ofegantes, o vento soprando frio em nossos rostos. Meu nariz e lábios logo ficaram dormentes e meus cabelos esvoaçavam soltos atrás de mim, pesados em meu pescoço. Mas era um vento maligno que não soprava nada de bom; ele trouxe o som de vozes até nós, momentos antes de

nos depararmos com dois homens.

— Algum sinal do penhasco? — perguntou uma voz masculina grave. Ian parou tão bruscamente que eu me choquei contra ele.

— Ainda não — veio a resposta. — Achei ter ouvido gritos daquele lado, mas depois o vento mudou de direção.

— Bem, suba nessa árvore outra vez, molenga — disse a primeira voz impacientemente. — Se algum dos filhos da mãe passar pela praia, nós o pegaremos aqui. Será melhor se nós ficarmos com o dinheiro da recompensa do que aqueles sujeitos na praia.

— Está frio — resmungou a segunda voz. — Aqui ao relento onde o vento penetra nos ossos. Quisera ter ficado de guarda na abadia, ao menos lá estaria quente.

A mão do Jovem Ian agarrava a parte de cima do meu braço com força suficiente para deixar marcas. Puxei o braço, tentando afrouxar o aperto de sua mão, mas ele não prestou nenhuma atenção.

— Sim, porém menos provável de pegar o peixe grande — disse a primeira voz. — Ah, o que eu poderia fazer com cinquenta libras!

— Está bem — disse a segunda voz, resignada. — Embora não faça a menor ideia de como vamos conseguir ver cabelos vermelhos no escuro.

— Apenas pegue-os pelos calcanhares, Oakie. Olharemos para as cabeças depois.

O Jovem Ian finalmente despertou de seu transe com meus puxões na manga de sua camisa e veio tropeçando atrás de mim para fora da estrada e para o meio da vegetação.

— O que eles queriam dizer com a guarda da abadia? — perguntei, assim que achei que já não podíamos ser ouvidos pelas sentinelas na estrada. — Você sabe?

A cabeleira escura do Jovem Ian balançou para cima e para baixo.

— Acho que sim, tia. Deve ser a abadia de Arbroath. É o ponto de encontro.

— Ponto de encontro?

— Se algo der errado — explicou ele. — Então é cada um por si, devendo todos se reencontrar na abadia assim que puderem.

— Bem, não poderia dar mais errado — observei. — O que foi que seu

tio gritou quando os guardas da alfândega surgiram?

O Jovem Ian virara-se parcialmente para ouvir se vinha alguém da estrada, perseguindo-os; em seguida, o oval pálido de seu rosto voltou-se novamente para mim.

— Ah, ele disse: “Subam, rapazes! Para cima do penhasco e corram!”.

— Bom conselho — eu disse secamente. — Portanto, se o seguiram, a maioria dos homens pode ter escapado.

— Exceto tio Jamie e o sr. Willoughby. — O Jovem Ian passava a mão nervosamente pelos cabelos; lembrava-me de Jamie e eu gostaria que ele parasse.

— Sim. — Respirei fundo. — Bem, não há nada que você e eu possamos fazer por eles no momento. Mas quanto aos outros homens... se estão indo para a abadia...

— Sim — interrompeu ele —, isso é o que eu estava tentando decidir; se devo fazer o que tio Jamie disse e levá-la a Lallybroch ou se deveria tentar chegar à abadia depressa e avisar os outros conforme chegassem.

— Vá à abadia o mais rápido que puder.

— Sim, mas eu não gostaria de deixá-la aqui sozinha, tia, e o tio Jamie disse...

— Há o momento de seguir ordens, Jovem Ian, e o momento de pensar por si mesmo — disse com firmeza, diplomaticamente ignorando o fato de que eu na verdade estava pensando por ele. — Esta estrada leva à abadia?

— Sim. Não mais do que dois quilômetros. — Ele já arrastava os pés, inquieto, ansioso para partir.

— Ótimo. Você pegue um desvio da estrada e dirija-se à abadia. Eu seguirei diretamente pela estrada e verei se posso distrair os guardas até você passar. Eu o encontrarei na abadia. Ah, espere, é melhor levar o seu casaco.

Entreguei o casaco com relutância: além de detestar me separar de seu calor, parecia que eu estava abrindo mão do meu último vínculo com a presença de um ser humano amigável. Depois que o Jovem Ian partisse, eu estaria completamente sozinha na escuridão fria da noite escocesa.

— Ian? — Eu segurava seu braço, para mantê-lo ali por mais um instante.

— Sim?

— Tenha cuidado, sim? — Movida por um impulso, fiquei na ponta dos

pés e beijei seu rosto frio. Eu estava suficientemente perto para ver suas sobrancelhas arquearem-se de surpresa. Ele sorriu e, em seguida, desapareceu, um galho de amieiro voltando ao seu lugar depois que ele passou.

Fazia muito frio. Os únicos sons eram o zumbido do vento através dos arbustos e o murmúrio distante das ondas quebrando-se na praia. Enrolei o xale de lã com mais força em volta dos ombros, tremendo, e voltei na direção da estrada.

Deveria fazer algum barulho?, perguntei-me. Caso contrário, eu poderia ser atacada de surpresa, já que os homens de tocaia poderiam ouvir meus passos, mas não poderiam ver que eu não era um contrabandista em fuga. Por outro lado, se eu passasse caminhando tranquilamente, cantarolando uma canção alegre para indicar que era uma mulher inofensiva, eles poderiam simplesmente permanecer escondidos em silêncio, sem querer revelar sua presença — e revelar sua presença era exatamente o que eu tinha em mente. Agachei-me e peguei uma pedra na margem da estrada. Em seguida, sentindo ainda mais frio do que antes, saí na estrada e caminhei diretamente em frente, em completo silêncio.

LUA DE CONTRABANDISTAS

O vento soprava com força suficiente para manter as árvores e arbustos em constante movimento, encobrindo o som dos meus passos na estrada e o de qualquer outra pessoa que pudesse estar me seguindo. Passados menos de quinze dias do Halloween, esta era o tipo de noite escabrosa, que fazia uma pessoa acreditar facilmente que os espíritos e o mal pudessem estar à solta.

Não foi um espírito que me agarrou repentinamente por trás, a mão cobrindo minha boca com força. Se eu não estivesse preparada para tal eventualidade, teria ficado paralisada de espanto. No entanto, meu coração deu um salto e eu debati-me convulsivamente nas garras do meu captor.

Ele me agarrara pela esquerda, prendendo meu braço esquerdo com força contra o lado do meu corpo, sua mão direita sobre minha boca. Entretanto, o meu braço direito estava livre. Lancei o salto do meu sapato contra seu joelho, entortando sua perna, e em seguida, aproveitando seu desequilíbrio momentâneo, inclinei-me para a frente e lancei o braço para trás, batendo em sua cabeça com a pedra que eu segurava na mão.

Por força das circunstâncias, foi um golpe de raspão, mas forte o suficiente para fazer meu agressor grunhir de espanto e soltar-me. Chutei e me contorci, e quando sua mão deslizou sobre minha boca, enfiei os dentes em um dedo e mordi com todas as forças.

“Os músculos do maxilar vão da crista sagital no alto do crânio até uma inserção na mandíbula”, pensei, lembrando-me vagamente da descrição de um manual de anatomia. “Isso confere ao maxilar e aos dentes uma considerável mordedeira, de fato, o maxilar humano é capaz de exercer em média uma pressão de 150 quilos.”

Não sei se eu estava superestimando a média, mas inegavelmente estava obtendo um efeito. Meu atacante atirava-se freneticamente de um lado para outro na tentativa inútil de soltar o dedo da minha mordida mortal.

Na luta, ele soltara meu braço e foi forçado a me colocar no chão. Assim que meus pés tocaram o solo outra vez, soltei sua mão, girei nos calcanhares

e dei um golpe em seus testículos com meu joelho, o mais forte que pude, considerando as minhas saias.

Chutar os homens nos testículos é uma forma de defesa superestimada. Quer dizer, realmente funciona — e espetacularmente bem —, mas é uma manobra mais difícil de executar do que se imagina, especialmente quando o atacante está usando saias pesadas e volumosas. Os homens são extremamente cuidadosos com essa parte de sua anatomia e estão sempre atentos a qualquer tentativa de ataque a seus apêndices.

Neste caso, entretanto, meu adversário estava desprevenido, as pernas bem abertas para manter o equilíbrio, e eu o atingi em cheio. Ele emitiu um terrível gemido, como o de um coelho estrangulado, e caiu no meio da estrada, dobrado ao meio.

— É você, Sassenach? — As palavras foram sibiladas do meio da escuridão à minha esquerda. Dei um salto como uma gazela assustada e soltei um grito involuntário.

Pela segunda vez em apenas dois minutos, a mão de alguém espalmou-se sobre minha boca.

— Pelo amor de Deus, Sassenach! — murmurou Jamie no meu ouvido. — Sou eu.

Não o mordi, embora me sentisse bastante tentada.

— Eu sei — disse, entre dentes, quando ele me soltou. — Mas quem é o outro sujeito que me agarrou?

— Fergus, eu creio. — A figura escura e amorfa afastou-se alguns passos e pareceu cutucar outra forma deitada na estrada, gemendo debilmente. — É você, Fergus? — sussurrou ele. Recebendo uma espécie de ruído estrangulado em resposta, ele inclinou-se e ajudou o segundo vulto a ficar de pé.

— Não falem! — avisei-os, num sussurro. — Há guardas ali em frente!

— É mesmo? — disse Jamie, em voz normal. — Não parecem muito curiosos com o barulho que estamos fazendo, não é?

Parou, como se esperasse por uma resposta, mas não se ouviu nenhum som, além do lamento baixo do vento nos arbustos. Colocou a mão no meu braço e gritou na noite.

— MacLeod! Raeburn!

— Sim, Roy — disse uma voz levemente irritada nos arbustos. — Estamos aqui. Innes, também, e Meldrum, não é?

— Sim, sou eu.

Pisando com cautela e falando baixo, outras figuras emergiram do meio dos arbustos e árvores.

— ... quatro, cinco, seis — contou Jamie. — Onde estão Hays e os Gordon?

— Vi Hayes entrar na água — respondeu uma das figuras. — Deve ter dado a volta na ponta. É provável que os Gordon e Kennedy também tenham feito isso. Não ouvi nada que indicasse que foram presos.

— Muito bem — disse Jamie. — Agora, Sassenach, que história é essa de guardas?

Considerando o não aparecimento de Oakie e seu companheiro, eu comecei a me sentir meio idiota, mas relatei o que Ian e eu ouvíamos.

— É? — Jamie pareceu interessado. — Pode ficar de pé, Fergus? Pode? Ótimo, rapaz. Bem, talvez seja melhor dar uma olhada. Meldrum, tem uma pederneira aí com você?

Alguns instantes depois, com uma pequena tocha que lutava para permanecer acesa na mão, ele avançou a passos largos pela estrada e dobrou a curva. Os contrabandistas e eu esperamos em silêncio, prontos para correr ou para ir em seu auxílio, mas não se ouviu nenhum barulho de emboscada. Depois do que pareceu uma eternidade, a voz de Jamie flutuou de volta ao longo da estrada.

— Podem vir — disse ele, parecendo calmo e controlado.

Ele estava parado no meio da estrada, perto de um grande amieiro. A luz da tocha caía à sua volta num círculo bruxuleante e, no começo, não vi nada além de Jamie. Então, ouvi uma respiração pesada do homem a meu lado e um som estrangulado de horror de outro.

Outro rosto surgiu, fracamente iluminado, suspenso no ar logo atrás do ombro esquerdo de Jamie. Um rosto horrível, congestionado, escuro à luz da tocha que roubava todo vestígio de cor, os olhos esbugalhados e a língua para fora. Os cabelos, louros como palha seca, erguiam-se e agitavam-se ao vento. Senti um novo grito formar-se em minha garganta e o sufoquei.

— Você tinha razão, Sassenach — disse Jamie. — Havia realmente um

guarda. — Ele atirou algo no chão, onde aterrissou com um barulho seco. — Uma ordem de prisão — disse ele, indicando o objeto com um sinal da cabeça. — Seu nome era Thomas Oakie. Algum de vocês o conhecia?

— Não como está agora — murmurou uma voz atrás de mim. — Santo Deus, nem sua mãe o reconheceria! — Ouviu-se um murmúrio geral de negativas, com uma movimentação nervosa de pés. Obviamente, todos estavam tão ansiosos para sair do local quanto eu.

— Muito bem, então. — Jamie parou a retirada com um brusco movimento da cabeça. — A carga está perdida, portanto não haverá divisão, certo? Alguém precisa de dinheiro agora? — Enfiou a mão no bolso. — Posso oferecer um pouco para se aguentarem por enquanto, porque duvido que trabalharemos na costa por um bom tempo.

Um ou dois dos homens relutantemente adiantaram-se no campo de visão da forma escura pendurada na árvore para receber seu dinheiro, mas o resto dos contrabandistas dissolveu-se rapidamente na noite. Em poucos minutos, restavam apenas Fergus — ainda lívido, mas de pé sem ajuda —, eu e Jamie.

— Jesus! — murmurou Fergus, erguendo os olhos para o homem enforcado. — Quem teria feito isso?

— Eu fiz... ou assim espero que a história seja contada, certo? — Jamie olhou para cima, o rosto severo à luz bruxuleante da tocha. — Não vamos nos demorar por aqui, está bem?

— E Ian? — perguntei, lembrando-me repentinamente do garoto. — Ele foi para a abadia, para avisá-lo!

— Ele foi? — A voz de Jamie endureceu-se. — Eu vim daquela direção e não o encontrei. Para que lado ele foi, Sassenach?

— Para lá — eu disse, apontando.

Fergus emitiu um som que poderia ser uma risada.

— A abadia fica para o outro lado — disse Jamie, achando graça. — Vamos, então. Nós o alcançaremos quando ele perceber seu erro e voltar.

— Esperem — disse Fergus, erguendo a mão. Ouviu-se um farfalhar cauteloso nos arbustos, seguido da voz do Jovem Ian.

— Tio Jamie?

— Sim, Ian — respondeu seu tio sarcasticamente. — Sou eu.

O garoto emergiu dos arbustos, folhas presas na cabeleira emaranhada, os

olhos arregalados de agitação.

— Eu vi a luz e achei que devia voltar para ver se tia Claire estava bem — explicou ele. — Tio Jamie, não deve ficar por aí com uma tocha, há guardas por perto!

Jamie passou o braço pelos ombros do sobrinho e virou-o, antes que ele visse a figura pendurada na árvore.

— Não se preocupe, Ian — disse ele serenamente. — Já foram embora.

Agitando a tocha pelo mato molhado, ele extinguiu-a com um chiado.

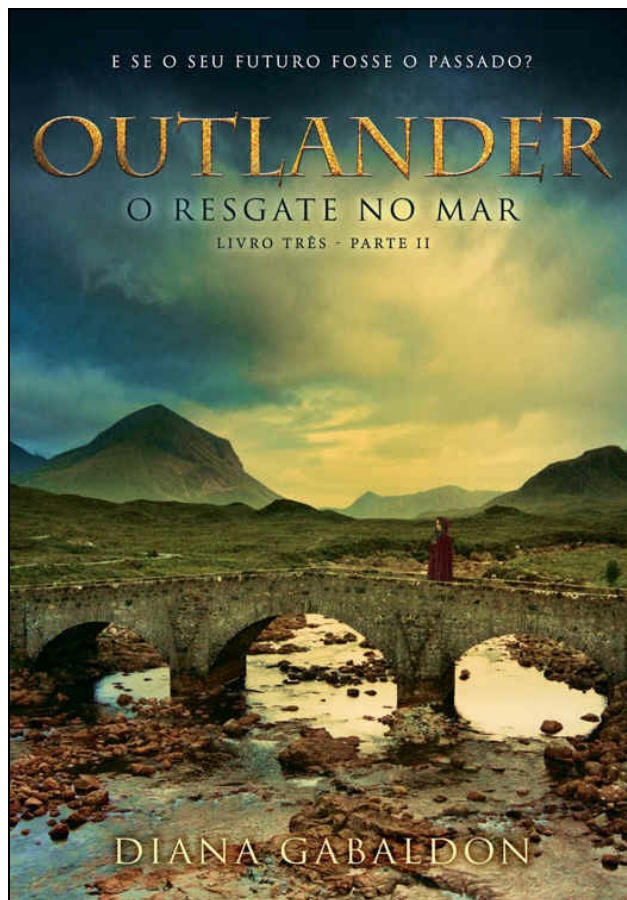
— Vamos — disse ele, a voz calma na escuridão. — O sr. Willoughby está lá embaixo da estrada com os cavalos, estaremos nas Terras Altas ao romper do dia.

TRECHO DE

OUTLANDER

o resgate no mar

LIVRO TRÊS – PARTE DOIS



*Dois personagens inesquecíveis – Claire Randall
e Jamie Fraser – estão de volta com uma história
de aventura e amor que atravessa séculos...*

PARTE VII

De volta para casa



A VOLTA DO FILHO PRÓDIGO

Foi uma viagem de quatro dias a cavalo de Arbroath a Lallybroch, e houve pouca conversa durante o trajeto. Tanto o Jovem Ian quanto Jamie estavam preocupados, provavelmente por razões diferentes. Quanto a mim, estava ocupada pensando, não só sobre o passado recente, mas sobre o futuro imediato.

Ian devia ter contado à irmã de Jamie, Jenny, a meu respeito. Como ela receberia o meu reaparecimento?

Jenny Murray fora o mais próximo que eu tivera de uma irmã e sem dúvida a melhor amiga da minha vida. Devido às circunstâncias, a maioria dos meus amigos mais próximos nos últimos quinze anos era formada de homens; não havia outras mulheres médicas, e o abismo natural entre o pessoal da enfermagem e os médicos impedia mais do que um conhecimento superficial com as outras mulheres que trabalhavam no hospital. Quanto às mulheres do círculo de Frank, as secretárias dos departamentos e as esposas dos professores...

Acima de tudo, entretanto, havia a certeza de que, de todas as pessoas do mundo, Jenny era a que devia amar Jamie tanto quanto eu — se não mais. Eu estava ansiosa para rever Jenny, mas não podia deixar de imaginar como ela aceitaria a história da minha suposta fuga para a França, e meu aparente abandono de seu irmão.

Os cavalos tinham que seguir em fila indiana pela estreita trilha de descida. Minha própria égua baía reduziu o passo obedientemente quando o alazão de Jamie parou, depois virou segundo seu comando em direção a uma clareira, semioculta por uma abóbada de galhos de amieiros.

Um rochedo cinzento erguia-se à margem da clareira, suas fendas, protuberâncias e prateleiras tão recobertas de musgo e líquens que parecia o rosto de um velho parcialmente coberto de pelos e salpicado de verrugas. O Jovem Ian desceu de seu pônei com um suspiro de alívio; estávamos cavalgando desde o alvorecer.

— Ufa! — exclamou ele, esfregando as costas com força. — Estou todo dormente.

— Eu também — eu disse, fazendo o mesmo. — Mas imagino que seja melhor do que ficar com o traseiro esfolado da sela. — Desacostumados de montar por longas horas a fio, tanto Ian quanto eu sofremos muito nos dois primeiros dias da viagem; na realidade, estava tão dolorida na primeira noite que não consegui nem desmontar sozinha; — tive que ser erguida de meu cavalo de forma humilhante e carregada para dentro da estalagem nos braços de Jamie, para seu grande divertimento.

— Como o tio Jamie consegue? — perguntou-me Ian. — O traseiro dele deve ser de couro.

— Não dá para ver — retruquei distraidamente. — Mas para onde ele foi? — O alazão, já amarrado, mordiscava o capim sob um carvalho a um dos lados da clareira, mas não havia nenhum sinal de Jamie.

Eu e o Jovem Ian nos entreolhamos; dei de ombros e dirigi-me para o paredão do rochedo, onde um fio de água escorria pela superfície da rocha. Coloquei as mãos em concha sob a água e bebi, satisfeita com o líquido frio que descia pela minha garganta seca, apesar do ar de outono que avermelhava minhas faces e deixava meu nariz dormente.

Aquela minúscula clareira num vale estreito, invisível da estrada, era uma característica da maior parte da paisagem das Terras Altas, pensei. Enganadoramente áridos e inóspitos, os penhascos e charnecas eram cheios de segredos. Se você não conhecesse a região, poderia caminhar a poucos centímetros de um veado, uma tetraz ou um homem escondido, e nem perceber. Não era de admirar que a maioria dos que fugiram para os urzais após a Batalha de Culloden tivessem conseguido escapar, o conhecimento desses esconderijos tornando-os invisíveis aos olhos cegos e aos pés desajeitados dos perseguidores ingleses.

A sede saciada, virei-me do paredão da rocha e quase me choquei contra Jamie, que surgira como se tivesse brotado da terra por um passe de mágica. Ele colocava sua caixa de pederneira de volta no bolso do casaco, que exalava um leve cheiro de fumaça. Deixou um graveto queimado cair na grama e esmagou-o na terra com o pé.

— De onde você surgiu? — perguntei, piscando diante de sua aparição.

— E por onde andou?

— Há uma pequena caverna ali adiante — explicou ele, sacudindo o polegar para trás. — Eu só queria ver se alguém esteve lá.

— E esteve? — Olhando mais atentamente, pude ver a borda do afloramento de rocha que ocultava a entrada da caverna. Disfarçada entre as outras fendas profundas na superfície da rocha, não seria visível, a menos que você a estivesse procurando deliberadamente.

— Sim — disse ele. Sua testa estava ligeiramente franzida, não de preocupação, mas como se estivesse pensando. — Há carvão misturado à terra; alguém fez uma fogueira lá.

— Quem você acha que foi? — perguntei. Estiquei o pescoço na quina do afloramento, mas não vi nada além de uma estreita faixa escura, uma pequena fissura na superfície da montanha. Parecia bastante inóspita.

Imaginei se alguém de suas conexões com o contrabando teria seguido seu rastro desde o litoral até Lallybroch. Ele estaria preocupado com uma perseguição ou com uma emboscada? Olhei por cima do ombro, mas não vi nada além de amieiros, folhas secas farfalhando na brisa de outono.

— Não sei — disse ele absortamente. — Um caçador, imagino. Há ossos de tetraz espalhados por lá também.

Jamie não parecia perturbado com a possível identidade do desconhecido e eu relaxei, a sensação de segurança engendrada pelo invólucro das Terras Altas envolvendo-me outra vez. Tanto Edimburgo quanto a enseada dos contrabandistas pareciam muito distantes.

O Jovem Ian, fascinado com a revelação da caverna invisível, desaparecera pela fenda. Reapareceu agora, limpando uma teia de aranha dos cabelos.

— É como a caverna de Cluny, tio? — perguntou ele, os olhos brilhantes.

— Não tão grande, Ian — respondeu Jamie com um sorriso. — O pobre Cluny não conseguiria passar pela entrada desta. Era um sujeito corpulento, sua cintura era quase o dobro da minha. — Tocou o peito com melancolia, no ponto onde um botão fora arrancado quando ele se espremera para passar pela entrada estreita.

— O que é a caverna de Cluny? — perguntei, sacudindo as últimas gotas de água gelada das minhas mãos e enfiando-as sob as axilas para descongelá-

las.

— Ah, é Cluny MacPherson — respondeu Jamie. Abaixou a cabeça e jogou a água fria no rosto. Levantando-a, piscou várias vezes para retirar as gotículas cintilantes de suas pestanas e sorriu para mim. — Um homem muito engenhoso, o Cluny. Os ingleses incendiaram sua casa e demoliram as fundações, mas Cluny escapou. Ele construiu para si mesmo um lugar quente e confortável numa caverna próxima e fechou a entrada com galhos de salgueiro entrelaçados e vedados com barro. As pessoas diziam que se podia ficar a um metro de distância e não perceber que havia uma caverna ali, a não ser pelo cheiro do cachimbo de Cluny.

— O príncipe Charles também ficou lá, durante certo tempo, quando estava sendo caçado pelos ingleses — informou o Jovem Ian. — Cluny escondeu-o por vários dias. Os malditos ingleses procuraram-no por toda parte, mas nunca encontraram Sua Alteza, ou o próprio Cluny! — concluiu ele, com satisfação.

— Venha aqui lavar-se, Ian — disse Jamie, com um tom áspero que fez o Jovem Ian piscar. — Não pode encarar seus pais imundo desse jeito.

Ian suspirou, mas obedientemente inclinou a cabeça sobre o fio de água, cuspendo e arfando enquanto jogava água no rosto, o qual, estritamente falando, não estava imundo, mas inegavelmente apresentava uma ou duas manchas da viagem.

Virei-me para Jamie, que observava as abluções do sobrinho com um ar de abstração. Eu me perguntei se ele antecipava o que prometia ser um encontro desagradável em Lallybroch, ou rememorava Edimburgo, com as ruínas fumegantes de sua gráfica e o homem morto no porão do bordel? Ou mais distante ainda, Charles Edward Stuart e a época da revolução?

— O que você diz a seus sobrinhos e sobrinhas a respeito dele? — perguntei baixinho, sob o barulho de Ian resfolegando. — De Charles?

O olhar de Jamie aguçou-se e focalizou-se em mim; eu estava certa, então. Seus olhos enterneceram-se ligeiramente e o esboço de um sorriso reconheceu o sucesso da leitura que eu fizera de sua mente, mas logo tanto a ternura quanto o sorriso desapareceram.

— Nunca falo dele — disse ele, também baixinho. Em seguida, virou-se e foi pegar os cavalos.

Três horas mais tarde, atravessamos o último desfiladeiro varrido pelo vento e saímos na descida final que levava a Lallybroch. Jamie, na liderança, freou o cavalo e esperou até que o Jovem Ian e eu o alcançássemos.

— Lá está — disse ele. Olhou para mim, sorrindo, uma das sobrancelhas erguida. — Mudou muito?

Sacudi a cabeça, arrebatada. À distância, a casa parecia absolutamente igual. Construída com pedras caiadas de branco, seus três andares reluziam imaculadamente entre o aglomerado de construções anexas simples e a extensão de campos marrons cercados por um muro de pedras. Na pequena elevação atrás da casa erguiam-se as ruínas da torre antiga, uma construção circular, de pedras, que dava nome ao lugar.

Ao examinar mais atentamente, pude ver que as construções externas haviam mudado um pouco; Jamie dissera-me que os soldados ingleses haviam incendiado o pombal e a capela no ano seguinte a Culloden, e eu podia ver as lacunas onde antes eles ficavam. No espaço onde o muro da horta desmoronara havia agora uma pedra de cor diferente e um novo barracão construído com pedras e sobras de madeira estava evidentemente servindo de pombal, a julgar pela fileira de aves gordas e emplumadas alinhada na viga da cumeeira, aproveitando o sol tardio do outono.

A roseira silvestre plantada pela mãe de Jamie, Ellen, transformara-se num exuberante emaranhado, espalhado pela treliça presa à parede lateral da casa, somente agora perdendo as últimas folhas.

Uma nuvem de fumaça erguia-se da chaminé a oeste, sendo levada na direção sul por um vento vindo do mar. Tive uma repentina visão do fogo na lareira da sala de estar, sua luz rosada no rosto bem delineado de Jenny, na noite em que ela estava em sua poltrona, lendo em voz alta um romance ou livro de poesia, enquanto Jamie e Ian estavam absorvidos em um jogo de xadrez, ouvindo apenas parcialmente. Quantas noites passamos assim, as crianças nas suas camas nos quartos em cima e eu sentada à escrivaninha de jacarandá, escrevendo fórmulas de remédios ou fazendo alguns dos intermináveis consertos de roupas?

— Nós vamos viver aqui outra vez, você acha? — perguntei a Jamie, com o cuidado de não deixar transparecer nenhum saudosismo na voz. Mais do que qualquer outro lugar, a casa de Lallybroch fora um lar para mim, mas

isso acontecera havia muito tempo, e uma infinidade de coisas mudara desde então.

Ele fez uma longa pausa, pensando. Por fim, sacudiu a cabeça, recolhendo as rédeas na mão.

— Não sei, Sassenach — disse ele. — Seria bom, mas... não sei como vão ser as coisas. — Franziu ligeiramente a testa, olhando para a casa lá embaixo.

— Tudo bem. Se vivermos em Edimburgo, ou mesmo na França, está tudo bem, Jamie. — Ergui os olhos para seu rosto e toquei sua mão para tranquilizá-lo. — O que importa é que estejamos juntos.

O leve ar de preocupação desfez-se por um instante, tornando suas feições mais leves. Ele tomou minha mão, levou-a aos lábios e beijou-a delicadamente.

— Eu também não me importo, Sassenach, desde que você esteja ao meu lado.

Permanecemos ali, fitando um ao outro nos olhos, até que um pigarro alto, intencional, vindo de trás, nos alertou da presença do Jovem Ian. Cuidadoso com nossa privacidade, mostrara-se circunspecto na viagem de Edimburgo, embrenhando-se a uma grande distância nos urzais quando acampávamos e esforçando-se para não nos surpreender inadvertidamente em um abraço indiscreto.

Jamie riu e apertou a minha mão antes de soltá-la e virar-se para o sobrinho.

— Estamos quase chegando, Ian — disse ele, quando o garoto trouxe o pônei para junto de nós. — Se não chover, chegaremos bem antes do jantar — acrescentou, estreitando os olhos sob a proteção da mão para avaliar as possibilidades das nuvens que flutuavam sobre as montanhas Monadhliath.

— Mmmhummm. — O Jovem Ian não parecia entusiasmado com a perspectiva e eu olhei para ele com simpatia.

— “Lar é o lugar onde, quando precisamos ir para lá, eles têm que nos acolher” — citei.

O Jovem Ian lançou-me um olhar enviesado.

— Sim, é isso que eu temo, tia.

Jamie, ouvindo a conversa, olhou para trás, para o Jovem Ian, e deu uma

piscadela encorajadora.

— Não fique desanimado, Ian. Lembre-se da história do Filho Pródigo, hein? Sua mãe vai ficar feliz de vê-lo de volta são e salvo.

O Jovem Ian lançou-lhe um olhar de profunda descrença.

— Se você pensa que é o bezerro engordado que vai ser morto, tio Jamie, não conhece minha mãe tão bem.

O garoto ficou parado, mordendo o lábio inferior por um instante, depois se endireitou na sela com um profundo suspiro.

— É melhor acabar logo com isso, não é?

— Seus pais vão ser realmente duros com ele? — perguntei, observando o Jovem Ian prosseguir com todo o cuidado pela descida pedregosa.

Jamie deu de ombros.

— Bem, eles o perdoarão, é claro, mas é provável que receba uma grande descompostura e uma surra no lombo antes disso. Terei sorte se escapar com o mesmo — acrescentou ele ironicamente. — Receio que Jenny e Ian não vão ficar muito satisfeitos comigo também. — Ele atijou sua montaria e começou a descer a encosta. — Vamos, Sassenach. É melhor acabar logo com isso, não é?

Eu não sabia ao certo o que esperar da nossa recepção em Lallybroch, mas, na verdade, foi reconfortante. Como em todas as chegadas anteriores, nossa presença foi anunciada por um bando variado de cachorros, que saíram em disparada pela cerca viva, pelo campo e pela horta, primeiro latindo para intimidar, depois latindo de alegria.

O Jovem Ian largou as rédeas e apeou no meio do mar peludo de boas-vindas, agachando-se para saudar os cachorros que pulavam sobre ele e lambiam seu rosto. Levantou-se sorrindo, com um filhote nos braços, que trouxe para me mostrar.

— Este é Jocky — disse ele, erguendo o inquieto cãozinho branco e marrom. — É meu; papai o deu pra mim.

— Lindo cachorrinho — disse a Jocky, acariciando suas orelhas pendentes. O cãozinho latiu e contorceu-se de satisfação, tentando lambe-la a mim e a Ian simultaneamente.

— Está ficando coberto de pelos de cachorro, Ian — disse uma voz

límpida, aguda, em tom de acentuada desaprovação. Erguendo os olhos do cachorro, vi uma jovem alta e esbelta de mais ou menos dezessete anos, levantando-se do seu banco ao lado da estrada.

— Bem, e você está coberta de rabo-de-raposa, pronto! — retorquiu o Jovem Ian, virando para se dirigir à pessoa que lhe falava.

A jovem jogou para trás a cabeleira de cachos castanho-escuros e inclinou-se para limpar a saia, que de fato ostentava inúmeros resquícios da planta grudados no tecido rústico.

— Papai disse que você não merece ter um cachorro — observou ela. — Fugindo e abandonando-o como fez.

O rosto de Ian crispou-se defensivamente.

— Eu realmente pensei em levá-lo — disse ele, a voz ligeiramente entrecortada. — Mas achei que não estaria a salvo na cidade. — Abraçou o cachorro com mais força, o queixo descansando entre as orelhas peludas. — Ele cresceu um pouco; ele está comendo bem?

— Veio nos cumprimentar, não é, pequena Janet? Muita gentileza sua. — A voz de Jamie soou agradavelmente atrás de mim, mas com um tom cínico que fez a jovem erguer o olhar de repente e corar ao vê-lo.

— Tio Jamie! Oh, e... — Seu olhar voltou-se para mim e ela abaixou a cabeça, ficando ainda mais vermelha.

— Sim, esta é sua tia Claire. — A mão de Jamie segurava meu cotovelo com firmeza ao balançar a cabeça, cumprimentando a jovem. — A pequena Janet ainda não havia nascido da última vez que você esteve aqui, Sassenach. Sua mãe está em casa, não é? — disse ele, dirigindo-se a Janet.

A jovem balançou a cabeça afirmativamente, os olhos arregalados, sem tirar o olhar fascinado do meu rosto. Inclinei-me sobre o meu cavalo e estendi-lhe a mão, sorrindo.

— Prazer em conhecê-la — eu disse.

Ela me fitou por um longo instante, depois se lembrou repentinamente de seus modos e dobrou os joelhos num rápido cumprimento. Levantou-se e apertou minha mão cautelosamente, como se receasse que ela fosse soltar-se dentro da sua. Apertei sua mão e ela pareceu um pouco mais calma, ao ver que eu era de carne e osso.

— Muito... prazer, senhora — murmurou ela.

— Mamãe e papai estão muito zangados, Jen? — O Jovem Ian colocou o cachorrinho no chão delicadamente, junto a seus pés, quebrando o transe. Ela olhou para seu irmão mais novo, a expressão de impaciência mesclada a certa compaixão.

— Bem, e por que não estariam, seu cabeça de vento? — disse ela. — Mamãe achava que você talvez tivesse se deparado com um urso na floresta ou tivesse sido levado pelos ciganos. Ela mal dormiu enquanto não descobriram onde você estava — acrescentou, olhando para o irmão com uma expressão ameaçadora.

Ian cerrou os lábios com força, abaixando os olhos para o chão, mas não retrucou.

Ela se aproximou e, com ar de desaprovação, começou a retirar as folhas amareladas e úmidas grudadas nas mangas de seu casaco. Apesar de ser alta, ele a ultrapassava em mais de quinze centímetros, esquelético e desengonçado ao lado da figura esbelta da jovem. A semelhança entre eles limitava-se à cor escura e luxuriante de seus cabelos e a alguns traços fisionômicos.

— Você está com uma aparência ridícula, Ian. Andou dormindo de roupa?

— Bem, claro que sim — disse ele, impacientemente. — O que acha, que eu fugi com um camisolão e o trocava toda noite na charneca?

Ela deu uma risada diante da imagem, e sua expressão aborrecida desanuviou-se um pouco.

— Ora, vamos, então, tolinho — disse ela, com pena dele. — Venha até a copa comigo e eu o ajudarei a se pentear e escovar a roupa antes que mamãe e papai o vejam.

Ele a olhou furiosamente, em seguida se voltou para mim, com uma expressão mista de aborrecimento e perplexidade.

— Por que, em nome de Deus — perguntou ele, a voz entrecortada de tensão —, todo mundo acha que estar limpo vai ajudar?

Jamie riu para ele e, desmontando, bateu de leve em seu ombro, levantando uma pequena nuvem de poeira.

— Não pode fazer mal algum, Ian. Vá com ela. Talvez seja melhor que seus pais não tenham que lidar com tantas coisas ao mesmo tempo; além

disso, vão querer ver sua tia antes de mais nada.

— Mmmhummm. — Com um impertinente sinal de assentimento, o Jovem Ian afastou-se em direção aos fundos da casa, arrastado por sua determinada irmã.

— O que andou comendo? — ouvi-a perguntar, examinando-o através de olhos estreitados enquanto se afastavam. — Tem uma grande mancha de sujeira em volta da boca.

— Não é sujeira, são pelos de barba! — sibilou ele furiosamente, com um rápido olhar para trás para ver se Jamie e eu teríamos ouvido a conversa. A irmã parou subitamente, olhando-o atentamente.

— Barba? — exclamou ela em voz alta, incrédula. — Você?

— Vamos! — Agarrando-a pelo cotovelo, apressou-a a atravessar o portão da horta, os ombros arqueados de acanhamento.

Jamie deitou a cabeça na minha coxa, o rosto enterrado nas minhas saias. Para um observador distraído, ele parecia ocupado em afrouxar os alforjes, não teria visto seus ombros sacudindo-se ou sentido a vibração de sua risada silenciosa.

— Tudo bem, já se foram — disse, momentos depois, tentando recuperar o fôlego depois do esforço para conter o riso.

Jamie levantou o rosto, vermelho e sem ar, das minhas saias e usou uma dobra do tecido para enxugar os olhos.

— Barba? Você? — disse ele com voz esganiçada, imitando a sobrinha, nos fazendo gargalhar outra vez. Ele sacudiu a cabeça, engasgado. — Nossa, ela é igual à mãe! Foi exatamente o que Jenny me disse, no mesmo tom de voz, quando me pegou fazendo a barba pela primeira vez. Quase cortei a garganta! — Limpou os olhos outra vez com as costas da mão e passou a palma delicadamente pela barba curta, macia e espessa, que recobria seu próprio maxilar e garganta com uma penugem castanho-avermelhada.

— Você quer ir barbear-se primeiro, antes de encontrar-se com Jenny e Ian? — perguntei, mas ele meneou a cabeça.

— Não — disse ele, alisando para trás os cabelos que haviam escapado do laço. — O Jovem Ian tem razão. Ficar limpo não vai ajudar.

Eles devem ter ouvido os cachorros lá fora; tanto Ian quanto Jenny estavam

na sala de estar quando entramos, ela no sofá tricotando meias de lã, enquanto ele esquentava a parte de trás das pernas, de pé diante da lareira, de casaco e calças de tecido marrom liso. Uma bandeja de bolinhos com uma garrafa de cerveja caseira estava arranjada, obviamente aguardando a nossa chegada.

Era uma cena muito aconchegante e acolhedora, e eu senti o cansaço da viagem esvair-se quando entramos no aposento. Ian virou-se assim que nos viu, ainda contrafeito, mas sorrindo — no entanto, era Jenny quem eu procurava.

Ela também me procurava. Permaneceu imóvel no sofá, os olhos arregalados, voltados para a porta. Minha primeira impressão foi a de que ela estava muito diferente; a segunda, a de que ela não mudara absolutamente nada. Os cachos negros continuavam lá, espessos e viçosos, mas grisalhos e com mechas de pura prata. A estrutura óssea também era a mesma — as maçãs do rosto altas, largas, o maxilar forte, o nariz longo como o de Jamie. Foi a luz bruxuleante do fogo na lareira e as sombras do final de tarde que davam a estranha impressão de mudança, às vezes, aprofundando as linhas ao redor da boca e dos olhos até ela parecer uma mulher idosa e encarquilhada; outras vezes, apagando-as com o brilho avermelhado da juventude, como uma imagem em terceira dimensão.

Em nosso primeiro encontro no bordel, Ian agira como se eu fosse um fantasma. Jenny reagia quase da mesma forma agora, piscando levemente, a boca meio aberta, mas sem alterar a expressão enquanto eu atravessava a sala em sua direção.

Jamie vinha logo atrás de mim, a mão no meu cotovelo. Apertou-o levemente quando chegamos ao sofá e soltou-o. Senti-me um pouco como se estivesse sendo apresentada na Corte e tive que resistir ao impulso de fazer uma reverência.

— Estamos em casa, Jenny — disse ele. Sua mão repousava em minhas costas, incutindo-me confiança.

Ela dirigiu um olhar rápido ao irmão, depois voltou a fitar-me.

— É você mesmo, então, Claire? — disse ela com voz baixa e hesitante, familiar, mas não a voz forte da mulher que eu me lembrava.

— Sim, sou eu — respondi. Sorri e estendi as mãos para ela. — É muito

bom revê-la, Jenny.

Ela tomou minhas mãos nas suas, mas com grande leveza. Em seguida, apertou-as com um pouco mais de força e se levantou.

— Meu Deus, é realmente você! — disse ela, um pouco ofegante, e subitamente a mulher que eu conhecera estava de volta, os olhos azul-escuros vivos e inquietos, examinando meu rosto com curiosidade.

— Bem, claro que é — disse Jamie bruscamente. — Sem dúvida, Ian lhe contou; achou que ele estivesse mentindo?

— Você não mudou quase nada — disse ela, ignorando o irmão enquanto tocava meu rosto, admirada. — Seus cabelos estão um pouco mais claros, mas por Deus, você continua a mesma! — Seus dedos estavam frios; suas mãos cheiravam a ervas e geleia de groselhas, e a um leve vestígio de amônia e lanolina da lã colorida que ela tricotava.

O cheiro da lã, há muito esquecido, trouxe tudo de volta instantaneamente — tantas recordações do lugar e a felicidade da época em que vivera ali — e meus olhos encheram-se de lágrimas.

Ela notou e abraçou-me com força, os cabelos macios contra meu rosto. Ela era bem mais baixa do que eu, de compleição pequena e aparência geral delicada, mas ainda assim eu tinha a sensação de estar sendo envolvida, aconchegantemente embalada e presa com braços fortes, por alguém maior do que eu.

Ela soltou-me após alguns instantes e recuou um pouco, quase rindo.

— Nossa, você tem até o mesmo cheiro! — exclamou ela, e eu também desatei a rir.

Ian aproximara-se; inclinou-se e abraçou-me delicadamente, roçando os lábios no meu rosto. Ele cheirava vagamente a feno seco e folhas de repolho, com um resquício de cheiro de fumaça de turfa sobrepondo-se ao seu próprio cheiro, almiscarado e penetrante.

— É bom vê-la de volta, Claire — disse ele. Seus meigos olhos castanhos sorriram para mim e a sensação de volta ao lar aprofundou-se. Ele recuou um passo, um pouco sem jeito, sorrindo. — Gostariam de comer alguma coisa, talvez? — Indicou a travessa sobre a mesa.

Hesitei por um instante, mas Jamie aceitou prontamente, dirigindo-se à mesa com vivacidade.

— Um gole não cairia mal, Ian, muito obrigado — disse ele. — Aceita um pouco, Claire?

Os copos foram abastecidos, o prato de biscoitos passado de mão em mão e pequenas amabilidades murmuradas com a boca cheia, enquanto sentávamos ao redor do fogo. Apesar da aparente cordialidade, eu tinha plena consciência de uma tensão subjacente, nem toda ela devida ao meu súbito reaparecimento.

Jamie, sentado ao meu lado no banco de carvalho, de braços e espaldar alto, tomou apenas um pequeno gole de sua cerveja, deixando o bolinho de aveia intacto sobre o joelho. Eu sabia que ele não aceitara o lanche por fome, mas para disfarçar o fato de que nem sua irmã nem seu cunhado haviam lhe dado um abraço de boas-vindas.

Percebi Ian e Jenny trocarem um rápido olhar; e um olhar fixo, mais demorado, inescrutável, entre Jenny e Jamie. Uma estranha ali em mais de um aspecto, mantive meus próprios olhos abaixados, observando sob o abrigo das minhas pestanas. Jamie estava sentado à minha esquerda; pude sentir um pequeno movimento entre nós quando os dois dedos rígidos da mão direita tamborilaram em sua coxa.

A conversa, a pouca que havia, definhou e extinguiu-se, e o aposento mergulhou num silêncio desconfortável. Através do fraco assobio da turfa queimando na lareira, eu podia ouvir alguns baques distantes na direção da cozinha, mas nada semelhante aos sons que eu costumava ouvir nesta casa, de atividade e alvoroço constantes, pés sempre ressoando na escada, os gritos das crianças e o berreiro dos bebês cortando o ar no seu quarto no andar de cima.

— Como vão todos os seus filhos? — perguntei a Jenny, para quebrar o silêncio. Ela sobressaltou-se e eu percebi que, inadvertidamente, eu fizera a pergunta errada.

— Ah, vão bem — respondeu ela, hesitante. — Todos muito saudáveis. E os netos também — acrescentou, exibindo um sorriso repentino ao mencioná-los.

— A maioria foi para a casa do Jovem Jamie — complementou Ian, respondendo à minha verdadeira pergunta. — A mulher dele teve um bebê na semana passada, de modo que as três meninas foram ajudar um pouco. E

Michael está em Inverness no momento, para buscar algumas coisas que chegaram da França.

Outro olhar atravessou rapidamente a sala, desta vez entre Ian e Jamie. Senti a pequena inclinação da cabeça de Jamie e vi um sinal quase imperceptível de Ian em resposta. E o que, afinal, seria aquilo? — perguntei-me. Havia tantas contracorrentes de emoção na sala que senti o súbito impulso de levantar-me e impor ordem à reunião, apenas para quebrar a tensão.

Aparentemente, Jamie sentia o mesmo. Ele clareou a garganta, olhando direto para Ian, e levantou o principal ponto da agenda, dizendo:

— Nós trouxemos o garoto para casa.

Ian respirou fundo, seu rosto comprido e simples endurecendo ligeiramente.

— Ah, trouxeram, então?

A fina camada de amabilidade visível até então logo desapareceu, como o orvalho da manhã.

Eu podia sentir a presença de Jamie ao meu lado, ficando mais tenso ao se preparar para defender o sobrinho da melhor maneira possível.

— Ele é um bom garoto, Ian — disse ele.

— É mesmo? — Foi Jenny quem respondeu, as bem torneadas sobrancelhas negras unidas no semblante carregado. — Não parece, do jeito que ele age em casa. Mas talvez ele seja diferente com você, Jamie. — Havia um forte tom de acusação em suas palavras, e senti Jamie ficar ainda mais tenso ao meu lado.

— É bondade sua tentar defender o garoto, Jamie — disse Ian, com um frio aceno da cabeça para seu cunhado. — Mas acho melhor ouvirmos do próprio Jovem Ian, se não se importa. Ele está lá em cima?

Um músculo junto à boca de Jamie contorceu-se e ele respondeu de forma não comprometedora.

— Na copa, eu acho. Ele quis arrumar-se um pouco antes de vê-los. — Sua mão direita deslizou e apertou minha perna, alertando-me. Ele não mencionara o encontro com Janet e eu compreendi; ela fora afastada da casa juntamente com seus irmãos, para que Jenny e Ian pudessem lidar com a questão do meu reaparecimento e de seu filho pródigo com alguma

privacidade, mas retornara às escondidas, sem que seus pais percebessem, ou para dar uma olhada em sua famosa tia Claire ou para oferecer ajuda a seu irmão.

Abaixei as pálpebras, indicando que eu havia compreendido. Não havia motivo para mencionar a presença da jovem numa situação já tão carregada de tensão.

O ruído de passos e da batida regular da perna de pau de Ian soaram no corredor sem tapete. Ian deixava a sala e dirigia-se à copa. Retornou em seguida, conduzindo o Jovem Ian à sua frente com um ar colérico.

O filho pródigo estava tão apresentável quanto sabão, água e uma lâmina de barbear podiam deixá-lo. Seus maxilares ossudos estavam avermelhados do atrito da lâmina e os cabelos na nuca estavam molhados e espetados, a maior parte da poeira fora escovada de seu casaco e a gola redonda de sua camisa perfeitamente abotoada até a clavícula. Pouco podia ser feito em relação à parte chamuscada de sua cabeça, mas a outra metade estava perfeitamente penteada. Não usava nenhum lenço ao pescoço e havia um grande rasgo na perna de sua calça, mas no cômputo geral ele parecia tão bem quanto qualquer pessoa que espera ser fuzilada a qualquer momento.

— Mamãe — disse ele, abaixando a cabeça, sem jeito, na direção de sua mãe.

— Ian — disse ela brandamente, e ele levantou os olhos para ela, obviamente surpreso com a doçura em seu tom de voz. Um leve sorriso curvou seus lábios ao ver o rosto do filho. — Estou feliz que você esteja em casa, são e salvo, *mo chridhe* — disse ela.

O rosto do rapaz desanuviou-se instantaneamente, como se tivesse acabado de ouvir o adiamento da pena de morte ser lido para o pelotão de fuzilamento. Entretanto, viu de relance a expressão no rosto de seu pai e retesou-se. Engoliu em seco e abaixou a cabeça outra vez, olhando fixamente para as tábuas do assoalho.

— Mmmhummm — disse Ian. Soou como um escocês severo; muito mais parecido com o reverendo Campbell do que com o homem calmo e relaxado que eu conhecera um dia. — Muito bem, gostaria de ouvir o que tem a dizer em sua própria defesa, rapaz.

— Ah. Bem... eu... — A voz do Jovem Ian definhou lamentavelmente,

depois ele limpou a garganta e tentou outra vez. — Bem... nada, na verdade, papai — murmurou ele.

— Olhe para mim! — disse Ian rispidamente. Seu filho ergueu a cabeça com relutância e olhou para seu pai, mas seu olhar se desviava, como se receasse fitar demoradamente o semblante carrancudo à sua frente.

— Você sabe o que fez à sua mãe? — perguntou Ian. — Desapareceu, deixando-a com medo de que estivesse morto ou ferido. Partiu sem dizer uma palavra, e nem sombra de você por três dias, até Joe Fraser trazer a carta que você deixou, Pode sequer imaginar o que esses três dias representaram para ela?

Ou a expressão do rosto de Ian ou suas palavras pareceram produzir um forte efeito em seu filho errante; o Jovem Ian abaixou a cabeça outra vez, os olhos fixos no chão.

— Sim, bem, pensei que Joe traria a carta mais cedo — murmurou ele.

— Sim, e que carta! — O rosto de Ian ficava cada vez mais congestionado à medida que falava. — “Fui para Edimburgo”, dizia, desgraçadamente fria. — Bateu a mão espalmada sobre a mesa, com uma força que fez todo mundo estremecer. — Fui para Edimburgo! Nem um “com sua permissão”, nem “mandarei notícias”, nem nada como “Querida mãe, fui para Edimburgo. Ian”!

A cabeça de Ian levantou-se abruptamente, os olhos flamejando de raiva.

— Isso não é verdade! Eu disse: “Não se preocupe comigo”, e disse: “Com amor, Ian”! Disse, sim! Não disse, mamãe? — Pela primeira vez, ele olhou para Jenny, suplicante.

Ela mantivera-se imóvel como uma estátua de pedra desde que o marido começara a falar, o rosto composto e indecifrável. Neste momento, seus olhos se enterneceram e o esboço de um sorriso aflorou à boca larga e cheia outra vez.

— Disse, sim, Ian — respondeu ela suavemente. — Foi gentil ter dito... mas eu me preocupei, não é?

Seus olhos abaixaram-se e pude ver o enorme pomo de adão subir e descer em sua garganta esquelética quando ele engoliu em seco.

— Perdão, mamãe — disse ele, tão baixo que mal pude ouvi-lo. — Eu... eu não queria... — Suas palavras desapareceram gradualmente, terminando

numa pequena contração dos ombros.

Jenny fez um movimento impulsivo, como se fosse estender a mão para ele, mas Ian fitou-a incisivamente e ela deixou a mão cair no colo.

— A questão é — disse Ian, falando devagar e com clareza — que não é a primeira vez, hein, Ian?

O garoto não respondeu, mas contorceu-se ligeiramente num movimento que poderia ser considerado de assentimento. Ian deu mais um passo em direção a seu filho. Apesar de serem quase da mesma altura, as diferenças entre eles eram evidentes. Ian era alto e esbelto, mas de músculos rijos, um homem vigoroso, com ou sem perna artificial. Em comparação, seu filho parecia quase frágil, um pássaro recém-emplumado e desajeitado.

— Não, não é que você não soubesse o que estava fazendo; que não o tivéssemos avisado de todos os perigos, que não o tivéssemos proibido de ir além de Broch Mordha, que não soubesse que nós iríamos ficar preocupados, hein? Você sabia de tudo isso, e mesmo assim fugiu.

Essa análise implacável de seu comportamento fez com que uma espécie de tremor indefinido, como uma contorção interna, percorresse o corpo de Ian, mas ele manteve um silêncio obstinado.

— Olhe para mim, rapaz, quando eu estiver falando com você!

A cabeça do garoto levantou-se devagar. Parecia tristonho agora, mas resignado; evidentemente ele já passara por cenas iguais àquela e sabia para onde elas caminhavam.

— Nem vou perguntar ao seu tio o que você andou fazendo — disse Ian. — Só posso esperar que não tenha sido tão tolo em Edimburgo quanto foi aqui. Mas você me desobedeceu e partiu o coração de sua mãe, além do que mais tenha feito.

Jenny moveu-se outra vez, como se fosse falar, mas um movimento brusco da mão de Ian interrompeu-a.

— E o que foi que eu lhe disse da última vez, Ian? O que disse quando lhe dei uma surra? Diga-me, Ian!

Os ossos do rosto do Jovem Ian pareceram ainda mais proeminentes, mas ele manteve a boca fechada, selada numa linha de teimosia.

— Diga-me! — rugiu Ian, batendo a mão na mesa outra vez.

O Jovem Ian piscou em reflexo e suas omoplatas juntaram-se, depois se

afastaram, como se ele estivesse tentando alterar seu tamanho, mas estivesse indeciso entre ficar maior ou tentar ficar menor. Engoliu com dificuldade e piscou outra vez.

— O senhor disse... disse que ia arrancar meu couro. Na próxima vez. — Sua voz soou esganiçada e ele fechou a boca com força.

Ian sacudiu a cabeça com profunda desaprovação.

— Sim. E eu que achava que você teria bastante bom senso para ver que não haveria próxima vez, mas eu estava errado, não é? — Inspirou fundo e expirou com um ronco de desdém. — Estou muito decepcionado com você, Ian, essa é a verdade. — Fez um gesto com a cabeça indicando a porta. — Vá lá para fora. Eu o encontro no portão daqui a pouco.

Fez-se silêncio na sala de estar, enquanto o som dos passos arrastados do vilão desaparecia pelo corredor. Eu mantinha meus próprios olhos cautelosamente fixos nas mãos, entrelaçadas no colo. Ao meu lado, Jamie respirou fundo e devagar, e sentou-se ainda mais ereto, retesando-se.

— Ian — Jamie falou suavemente a seu cunhado. — Gostaria que não fizesse isso.

— O quê? — A testa de Ian ainda estava franzida de raiva quando ele se voltou para Jamie. — Dar uma surra no garoto? E o que é que você tem a dizer a esse respeito, hein?

— Não tenho nada a dizer a respeito, Ian, ele é seu filho. Faça o que achar melhor. Mas talvez me deixe falar sobre a maneira como ele agiu.

— Como ele agiu? — gritou Jenny, ganhando vida repentinamente. Ela podia deixar a tarefa de lidar com seu filho para Ian, mas quando se tratava do irmão, não deixaria ninguém falar por ela. — Saindo furtivamente à noite como um ladrão, é o que quer dizer? Ou talvez queira dizer associando-se a criminosos e arriscando o pescoço por causa de um barril de conhaque!

Ian silenciou-a com um gesto rápido. Ele hesitou, ainda com o cenho franzido, mas depois balançou a cabeça bruscamente em direção a Jamie, dando permissão.

— Associando-se a criminosos como eu? — perguntou Jamie à irmã, num tom perceptivelmente ríspido. Fitaram-se diretamente nos olhos, fendas azuis do mesmo calibre. — Você sabe de onde vem o dinheiro, Jenny, que mantém você e seus filhos e todos aqui alimentados, e impede o teto de cair

em sua cabeça? Não é da impressão de exemplares dos Salmos em Edimburgo!

— E por acaso eu achava que era? — retrucou ela. — Eu lhe perguntei o que você fazia?

— Não, não perguntou — retorquiu ele. — Acho que você preferia não saber. Mas você sabe, não é?

— E vai me culpar pelo que faz? É culpa minha ter filhos e que eles precisem comer? — Ela não ficava vermelha como Jamie; quando Jenny se descontrolava, ficava mortalmente pálida de raiva.

Eu podia vê-lo lutando para manter a calma.

— Culpá-la? Não, claro que não a culpo, mas está certo você me culpar por Ian e eu não conseguirmos manter todos vocês apenas trabalhando a terra?

Jenny também se esforçava para dominar a raiva crescente.

— Não — disse ela. — Você faz o que tem que fazer, Jamie. Sabe muito bem que eu não me referia a você quando falei em criminosos, mas...

— Estava se referindo aos homens que trabalham comigo? Eu faço as mesmas coisas, Jenny. Se eles são criminosos, o que eu sou, então? — Fitou-a com raiva, os olhos flamejando de ressentimento.

— Você é meu irmão, por menos que isso me agrada de vez em quando. Droga, Jamie Fraser! Sabe muito bem que eu não pretendo questionar o que quer que ache melhor fazer! Se assalta pessoas na estrada ou mantém um bordel em Edimburgo é porque não há outro jeito. Isso não significa que eu queira que leve meu filho para fazer parte disso!

Os olhos de Jamie estreitaram-se ligeiramente nos cantos à menção do bordel em Edimburgo e ele lançou um rápido olhar de acusação a Ian, que sacudiu a cabeça. Ele parecia ligeiramente perplexo com a ferocidade de sua mulher.

— Eu não disse uma palavra — justificou-se ele. — Você conhece sua irmã.

Jamie respirou fundo e voltou-se para Jenny outra vez, obviamente resolvido a ser sensato.

— Sei, compreendo. Mas não pode pensar que eu colocaria o Jovem Ian em perigo. Pelo amor de Deus, Jenny, eu gosto dele como se fosse meu

próprio filho!

— É mesmo? — exclamou ela com notório ceticismo. — Então foi por isso que o encorajou a fugir de casa e o manteve com você, sem nenhuma palavra para nos tranquilizar sobre o seu paradeiro?

Dessa vez, Jamie teve a dignidade de se sentir envergonhado.

— Sim, bem, desculpe-me por isso — murmurou ele. — Eu pretendia... — Parou com um gesto de impaciência. — Bem, não importa o que eu pretendia, devia ter mandado avisá-los e não o fiz. Mas quanto a encorajá-lo a fugir...

— Não, não acho que você tenha feito isso — interrompeu Ian. — Não de uma forma direta, de qualquer modo. — A raiva desaparecera de seu rosto comprido. Parecia cansado e um pouco triste. Os ossos do rosto estavam mais pronunciados, deixando as faces encovadas na mortífera luz do final de tarde. — É apenas que o garoto o adora, Jamie — disse ele serenamente. — Eu o vejo prestando atenção a tudo que você diz quando vem nos visitar e sempre fala sobre o que você faz; eu posso ver no rosto dele. Ele acha que tudo é animação e aventura, sua maneira de viver, é muito diferente de trabalhar com a pá, juntando bosta de cabra para a horta da mãe. — Esboçou um sorriso, a contragosto.

Jamie devolveu ao cunhado um breve sorriso e um ligeiro movimento do ombro.

— Bem, mas é comum um garoto da idade dele querer um pouco de aventura, não? Você e eu também éramos assim.

— Quer ele queira ou não, não deve participar do tipo de aventuras que vai ter com você — interrompeu Jenny ríspidamente. Ela sacudiu a cabeça, a ruga entre as sobrancelhas aprofundando-se enquanto olhava para seu irmão com ar de desaprovação. — Deus sabe que há um feitiço em sua vida, Jamie, ou você já teria morrido uma dúzia de vezes.

— Sim, bem. Suponho que Ele tinha alguma coisa em mente ao me preservar. — Jamie olhou para mim com um breve sorriso e sua mão procurou a minha. Jenny também me lançou um olhar, o rosto inescrutável, depois retornou ao assunto em pauta.

— Bem, pode ser — disse ela. — Mas não posso dizer que o mesmo seja verdade para o Jovem Ian. — Sua expressão abrandou-se um pouco ao olhar

para Jamie. — Não sei tudo a respeito da maneira como você vive, Jamie, mas eu o conheço muito bem para saber que provavelmente não é a maneira de um garoto viver.

— Mmmhummm. — Jamie esfregou a mão em seu queixo áspero com a barba crescida e tentou outra vez. — Sim, bem, era isso o que eu queria dizer sobre o Jovem Ian. Ele se comportou como um homem na semana passada. Não acho certo você surrá-lo como se fosse um garotinho, Ian.

As sobrancelhas de Jenny ergueram-se, graciosas asas de escárnio.

— Então agora ele é um homem, hein? Ora, ele não passa de uma criança, Jamie, ele tem apenas catorze anos!

Apesar de sua contrariedade, um dos lados da boca de Jamie curvou-se ligeiramente.

— Eu era um homem aos catorze, Jenny — disse ele suavemente.

Ela fez um muxoxo, mas seus olhos marejaram.

— Você achava que era. — Levantou-se e virou-se bruscamente, pestanejando. — Sim, eu me lembro de você naquela época — disse ela, o rosto virado para a estante de livros. Estendeu a mão como se precisasse se apoiar, agarrando a borda do móvel. — Você era um belo rapaz, Jamie, partindo a cavalo com Dougal para o seu primeiro assalto, a adaga brilhando sobre a perna. Eu tinha dezesseis anos e pensei que nunca vira uma cena tão bela quanto você em seu pônei, tão empertigado e alto. E lembro-me de você voltando também, todo coberto de lama e com um arranhão no rosto por ter caído no meio do matagal, e Dougal gabando-se da sua bravura para o papai, que você arrebanhara seis vacas sozinho e levava um golpe na cabeça com a prancha de um espadão sem dar sequer um gemido por isso. — O rosto novamente controlado, ela voltou-se de sua contemplação dos livros para encarar seu irmão. — Isso é ser homem, é?

Uma ponta de humor infiltrou-se de novo no semblante de Jamie quando encontrou o olhar da irmã.

— Sim, bem, talvez haja mais alguma coisa além disso — disse ele.

— Há mesmo? — disse ela, ainda mais secamente. — E o que será? Ser capaz de deitar-se com uma garota? Ou matar um homem?

Eu sempre achara que Janet Fraser era um pouco vidente, particularmente no que dizia respeito a seu irmão. Evidentemente, o talento estendia-se a seu

filho também. O rubor nas maçãs do rosto de Jamie intensificou-se, mas sua expressão não se alterou.

Ela sacudiu a cabeça devagar, olhando fixamente para o irmão.

— Não, o Jovem Ian ainda não é um homem, mas você é, Jamie. E sabe muito bem a diferença.

Ian, que estivera observando o tiroteio entre os dois Fraser com o mesmo fascínio que eu, tossiu discretamente.

— Seja como for — disse ele secamente —, o Jovem Ian está esperando seu castigo há mais de quinze minutos. Seja ou não adequado surrá-lo, fazê-lo esperar mais tempo é um pouco cruel, não?

— Tem mesmo que fazer isso, Ian? — Jamie fez uma última tentativa, voltando-se para apelar a seu cunhado.

— Bem — disse Ian devagar —, como eu disse ao rapaz que ele iria levar uma surra e ele sabe muito bem que merece o castigo, não posso simplesmente voltar atrás. Mas quanto a ser eu quem vai fazer isso... não, acho que não. — Um toque de humor surgiu nos olhos castanhos. Abriu uma das gavetas do aparador, tirou uma grossa correia de couro e enfiou-a na mão de Jamie. — Faça você.

continua

SOBRE A AUTORA



DIANA GABALDON cresceu no Arizona, EUA, e é de ascendência mexicano-americana e inglesa. Tem formação em Zoologia, Biologia Marinha e Ecologia. Foi professora universitária durante mais de doze anos antes de se dedicar à escrita em tempo integral. Sua série *Outlander* se transformou em um enorme sucesso mundial e foi adaptada para a TV em 2014. Atualmente Diana mora em Scottsdale, no Arizona.



Saiba tudo sobre a editora e os nossos livros em:



www.sdebrasil.com.br



Facebook: [/editora.sde.brasil](https://www.facebook.com/editora.sde.brasil)



Twitter: [@SdE_Brasil](https://twitter.com/SdE_Brasil)



Instagram: [/SdE_Brasil](https://www.instagram.com/SdE_Brasil)

Sumário

[Créditos](#)

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[PARTE I](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[PARTE II](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[PARTE III](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[PARTE IV](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[PARTE V](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[PARTE VI](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[Trecho de Outlander – o resgate no mar – livro três – parte dois](#)

[PARTE VII](#)

[32](#)

[Sobre a autora](#)

[Saiba tudo sobre a editora e os nossos livros](#)